

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico PERNAMBUCANO



COMISSÃO DE REDACÇÃO

*Drs. Mario Melo, Henrique Capitolino Pereira de Mello
e Sebastião Galvão.*

Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prosopopéa—Bento Teixeira Pinto



PERNAMBUCO—BRAZIL
IMPRESA INDUSTRIAL
49-51—Rua Visconde de Itaparica—49-51.
RECIFE.—1915

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Directoria do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

~~~~~ ANNO 1915—1916 ~~~~~

## PRESIDENTE DE HONRA

Dr. João Baptista Regueira Costa (*Fallecido*).

## PRESIDENTE

D. Luis Raymundo da Silva Brito.

## VICE-PRESIDENTES

- 1.º—Dezembargador Francisco Luis Correia de Andrade.
- 2.º—Dezembargador Primitivo de Miranda Souza Gomes.
- 3.º—Dr. José de Moraes Guedes Alcoforado (*Fallecido*).

## SECRETARIOS

- 1.º—Dr. Mario Carneiro do Rego Melo.
- 2.º—Commendador Augusto Viriato da C. Porto (*Fallecido*).

## SUPPLENTES

Dr. Eduardo Correia da Silva.  
Manoel José de Sant'Anna Araujo.

## ORADORES

Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcante.  
Dr. Augusto Coelho Leite (*Fallecido*) substituido pelo Dr. Antonio Carneiro Leão.

## THESOUREIRO

Antonio da Cruz Ribeiro.

## COMISSÃO DA REDACÇÃO DA REVISTA

Drs. Mario Melo.—Henrique Capitolino.—Sebastião Galvão.

## COMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTOS

Commendador Antonio J. Barboza Vianna.—Dr. Zeferino G. Agra.—Manoel E. da Rocha Samico.

## COMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

General Apolinario F. de A. Maranhão.—Manoel Pinto B. da Carvalheira.—Manoel José Sant'Anna Arrujo.

## COMISSÃO DE MANUSCRIPTOS

Drs. José Vicente Meira de Vasconcellos.—Antonio Carneiro Leão.—Padre Leonardo Mascello.

## COMISSÃO DE HISTORIA

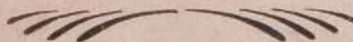
Drs. Manoel Netto Campello.—Arthur Muniz.—Enéas de Lucena.



## Summario dos N.<sup>os</sup> 87 a 90

|                                                                                                                                                              | Págs |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| <i>Redacção</i> —Sebastião Galvão.....                                                                                                                       | 3    |
| <i>Sebastião Galvão</i> —Expulsão dos Holandezes de Pernambuco .....                                                                                         | 6    |
| <i>Mario Mêlo</i> —As academias secretas de Pernambuco.....                                                                                                  | 71   |
| <i>Humberto de Campos</i> —Mauricio de Nassau.....                                                                                                           | 76   |
| <i>Mario Melo</i> —Relatorio sobre o movimento do instituto, no periodo de 27 de Janeiro de 1913 a igual data de 1914, sendo 1. <sup>o</sup> secretario..... | 77   |
| <i>Fedacção</i> —Henry Koster.....                                                                                                                           | 80   |
| Actas das sessões.....                                                                                                                                       | 89   |
| <i>Alfredo de Carvalho</i> —Industria e Commercio Assucareiro do Brazil Neerlandez.....                                                                      | 101  |
| <i>Antonio Ferreira Serpa</i> —Antonio Martins Palha natural da ilha Graciosa (Acôres) na expulsão dos Holandezes do Brazil 1639-1684.....                   | 118  |
| <i>Vicente Ferrer</i> —Quaes dos tres homens que mais gosaram popularidade em Pernambuco .....                                                               | 122  |
| <i>J. C. Gomes Ribeiro</i> —A prioridade do nome Brazil nos mappas do XVI seculo.....                                                                        | 126  |
| <i>Henry Koster</i> —Viagens ao Brazil.....                                                                                                                  | 136  |
| <i>Redacção</i> —A commemoração Civica dos Restauradores Pernambucanos em 1915.....                                                                          | 159  |
| <i>Souto Mayor</i> —Hespanha, Archivos de Madrid... ..                                                                                                       | 176  |
| Actas das sessões.....                                                                                                                                       | 201  |
| <i>Redacção</i> —Dr. Vicente Ferrer.....                                                                                                                     | 213  |
| <i>Alfredo de Carvalho</i> —A companhia das indias occidentaes por J. M. Asher (tradução) .....                                                              | 224  |

|                                                                                                                                         | Pag. |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| <i>Pinto da Rocha</i> —A tradição da Poesia através da Historia (discurso por ocasião de sua recepção no Instituto H. G. Brasileiro)... | 236  |
| <i>Alfredo de Carvalho</i> —Impressões d'um missionario methodista em Pernambuco (tradução).....                                        | 258  |
| <i>Redacção</i> —A commemoração dos heroes de 1817                                                                                      | 285  |
| <i>Redacção</i> —Confederação do Equador.....                                                                                           | 294  |
| Actas das sessões .....                                                                                                                 | 305  |
| <i>Redacção</i> —Dr. Coelho Leite .....                                                                                                 | 321  |
| <i>Redacção</i> —Homenagem funebre a dois socios benemeritos .....                                                                      | 329  |
| <i>Redacção</i> —Terremotos no Brazil .....                                                                                             | 341  |
| <i>Mario Mélo</i> —Um patriota de 1817.....                                                                                             | 343  |
| <i>Alfredo de Carvalho</i> —Antiguidade do Homem no Brazil.....                                                                         | 346  |
| <i>Agênor de Roure</i> —Dominio Hollandez no Brazil (impressões de leitura).....                                                        | 350  |
| <i>Mario Mélo</i> —Diccionario Chorographico do Estado da Parahyba .....                                                                | 358  |
| <i>Eugenio Egas</i> —Francisco Antonio Varnhagem (Visconde de Porto Seguro).....                                                        | 363  |
| <i>Henry Koster</i> —Viagens ao Brazil .....                                                                                            | 372  |
| <i>Dr. Souto Mayor</i> —Fastos Pernambucanos.....                                                                                       | 399  |
| Actas das sessões.....                                                                                                                  | 467  |
| Lista dos socios do Instituto em 1915.....                                                                                              | 487  |
| Registro funebre.....                                                                                                                   | 498  |







*Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão*



# REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XVII

Janeiro a Março de 1915

N.º 87

## Dr. Sebastião Galvão

Sebastião de Vasconcellos Galvão, filho do antigo deputado á Assembléa provincial, coronel Francisco Olegario de Vasconcellos Galvão e sua mulher D. Maria Leopoldina de Castro Galvão, nasceu na florescente cidade de Limoeiro, no dia 28 de Junho de 1865.

Ainda muito joven, dedicou-se á cultura das lettras patrias, collaborando em diversos jornaes litterarios, desta capital, tendo publicado grande numero de poesias no «Almanach Luzo-Brazileiro», onde occupou logar de destaque. Em 10 de Março de 1888, quando estudante do 4.º anno juridico e social, contrahiu nupcias com a exma. sra. D. Francisca Villarim de Vasconcellos Galvão, de cujo consorcio tem 10 fi-



lhos, que formam sua grande prole de pae carinhoso.

Formado em Novembro de 1889, o Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, occupou diversos cargos publicos, chegando á se aposentar em 1907, com 30 annos de bons serviços, no lugar de *Director geral da instrucção publica municipal* onde deu grande prova de seu alto valor intellectual.

Apezar dos contratempos da vida, empreendeu, ainda no 5.º anno, a publicação do seu *Diccionario Chorographico, Historico e Estatistico de Pernambuco*, de cuja obra composta de 3 grandes volumes apenas estão publicados 2, por se ter o ultimo queimado no incendio da Imprensa Nacional.

E' um estudo completo sobre a historia e a chorographia de Pernambuco, admirado por todo o paiz e recebido festivamente pela critica imparcial, embora o rancor de um ou outro que encontra em ligeiras falhas, imperfeições proprias de um trabalho de vulto e merito como o de Sebastião Galvão, motivo para procurar diminuil-o.

Além do referido *Diccionario*, tem o Dr. Sebastião Galvão publicado outros trabalhos de valor historico e litterario, que lhe dão o renome que bem merece entre os intellectuaes pernambucanos.

\*  
\* \*

O dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão é membro fundador da extincta *Academia Pernam-*

*bucana de Lettras*, socio do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, dos *Institutos Historico e Geographico da Bahia*, do Rio Grande do Norte e de outros congeneres.

Socio effectivo do *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, occupou por diversas vezes a cadeira de 1.º secretario, tendo sido pelos seus grandes serviços elevado a cathgoria de benemerito.

Esta Revista, de cuja redacção faz parte o distincto historiographo, presta-lhe sem seu conhecimento, merecida homenagem, pelos serviços do pernambucano illustre ás lettras patrias.



# Expulsão dos Holandezes de Pernambuco

---

THESE do Almirante Antonio Coutinho Gomes Pe-  
reira Apresentada na 7.<sup>a</sup> Secção. — HISTORIA  
MILITAR—do Primeiro Congresso de Historia  
Nacional.

## CAUSAS

A retirada do principe de Orange, o Conde João Mauricio de Nassau, do governo geral do Brazil hollandez, foi o elemento mais poderoso que determinou o facto da expulsão do batavo invasor.

Si elle continuasse, pensamos, seu governo bastante liberal, de tolerancia, de respeito ás creanças religiosas de cada um, e ao direito de propriedade, sua administração de prosperidades e esperanças para os habitantes de Pernambuco impediria a restauração. Vencidos e vencedores já se tinham definitivamente congressado.

De facto, brasileiros e os proprios portuguezes se achavam satisfeitos.

Em rapida synthese vejamos quanto Mauricio fize-  
ra para ter jus a tantas sympathias.

Depois do combate de Porto Calvo, regressando elle ao Recife, tratou especialmente de dedicar-se á parte administrativa e, ainda com o maior interesse, de estudar e prover quanto o engrandecimento do paiz exigia.



Antes de tudo implantou a mais severa ordem entre seus compatriotas, reprimindo crimes e perversidades que anteriormente praticavam.

Depois dividiu os diversos povos das localidades em companhias ou districtos, tendo cada departamento uma autoridade dirigente. Creou escolas para os indios sob a direcção de sacerdotes hollandezes. Mandou reedificar Olinda que jazia ainda nas ruinas do incendio de 1631, afim de satisfazer os desejos dos nacionaes. Conjuntamente encetou varias obras e melhoramentos.

Chamou a todos os emigrados, garantindo-lhes a liberdade de consciencia e promettendo tambem mandar reparar seus templos.

Em cada semana reservava dous dias para ouvir em audiencia aos moradores da terra.

Convocou uma assembléa geral denominada Camara de Escabinos, composta de 55 representantes eleitos pelos respectivos districtos.

Ahi os conquistadores tinham tambem o mesmo direito de representação.

Essa assemblea reuniu-se no Palacio das Torres da cidade Mauricia,—hoje freguezia de Santo Antonio do Recife,—desde 27 de Agosto a 4 de Setembro de 1640. Foi a primeira assembléa legislativa da America do Sul.

As camaras e os districtos representados foram os seguintes:

CAMARA DA CIDADE MAURICIA, 3 escabinos.

|                      |   |           |
|----------------------|---|-----------|
| Districto da Varzea, | 3 | moradores |
| " do Cabo,           | 3 | moradores |
| " de Ipojuca,        | 4 | "         |
| " de Paratibe,       | 4 | "         |
| " S. Lourenço,       | 3 | "         |
| " de Muribeca,       | 4 | "         |
| " de Jaboatão,       | 4 | "         |

CAMARA DA PARAHYBA, 4, 2 escabinos e respectivos districto.

" DE ITAMARACÁ, 2 escabinos e respectivos districto,—4 moradores.

" DE PORTO CALVO, 2 escabinos e respectivo districto, 4 moradores.

Gaspar Dias Ferreira representou essa Assembléa como escabino da cidade Maurícia; João Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanti como representantes da Varzea.

Figuraram entre os deputados os nomes de Arnau de Hollanda, Duarte Gomes da Silveira, Pedro e Vasco Marinho Falcão, Amador de Araujo, Bartholomeu Lins de Almeida, e outros principaes moradores.

Com sua politica fidalga e magnanima conseguiu Mauricio attrahir todas sympathias dos habitantes da região. Seus antecessores não os tratara desse modo.

Si por ventura alguém soffria injustiça de autoridade hollandeza e á sua pessoa recorria, providencias eram dadas. Procurava sempre fazer justiça.

Era accessivel a todos e até, entre os portuguezes três nomes conhecidos figuram nos frequentadores de seu palacio. Foram elles Gaspar Ferreira, o chronista Frei Manuel do Salvador e João Fernandes Vieira.

E, quando tudo isso fazia, em meio de uma prosperidade positiva e de tanta prova promissora de grandeza e desenvolvimento do Brazil-hollandez, começaram surgir divergencias entre o Conde de Nassau e a directoria da Companhia das Indias Occidentaes. Esta sentia que sua acção no governo de Mauricio era amesquinhada e um tanto annullada. Começou a encontrar na direcção equitativa do principe embaraços a seus interesses, e até attribuir-lhe no procedimento intuitos e ferigo de pretender fazer a independência da colonia, proclamando-se monarca.

Dahi por diante, intrigas de toda a especie não tardaram a apparecer no campo hollandez. Tudo se fez para affastar Nassau, que era taxado por elles de excessivo gastador e dissipador dos interesses da Companhia.

E com taes vilanias os inimigos não tardaram vencer-o com o aborrecimento. A propria companhia, como mais um meio de desgotal-o, reduziu-lhe as vantagens e cerceou-lhe regalias.

Mauricio, indignado com o procedimento daquelles insaciaveis mercadores, pediu demissão. De bom grado lhe foi concedida.

Elle então exprobou a grande injustiça de que era victima nas expressões transcriptas em seguida:

“O procedimento da Companhia para commigo é realmente escandaloso. Os serviços que prestei ao Estado durante 23 annos na metropole e neste paiz davam-me indiscutível direito a ser tratado com mais consideração e cortezia.

“Não se deveria esquecer que me mandaram a mais de 2.000 leguas por mar a um paiz dilacerado pela guerra, onde não havia ainda nem religião nem justiça, nem commercio e onde no prazo de seis annos, com o auxilio de Deus, posto que não tivesse a minha disposição senão fracos meios, cónsegui formar e estabelecer um Estado regular e poderoso; que não somente ahí me mantive e resisti a uma esquadra de 86 velas, com 10.000 homens á bordo, e ainda mais conquistei o reino de Angola, a ilha de São Thomé e a capitania do Maranhão; emfim, perdi a occasião de obter outros cargos e governos, a que não teria menos direito do que os que foram com elle nullificados.”

Logo que foi sabida a noticia de sua proxima retirada uma immensa tristeza se derramou por todos os habitantes da colonia. Fizeram-lhe as maiores demonstrações de amisade e dedicação rogando-lhe que não partisse.

E para que elle ficasse no Brazil, alem de muitas supplicas, vantagens e offerecimentos pelos naturaes, até os judeus tambem lhe garantiram 3.000 florins. Ainda os proprios moradores portuguezes promptificavam-se com uma contribuição de meia pataca por caixa de assucar vendido.

O Conde de Nassau absolutamente tudo recusou, mas na clarividencia de seu espirito superior percebeu, desde logo, que sua retirada do Brazil traria a perda d'este para a Hollanda. Então como uma tentativa para evitar similhante desastre, ao deixar a administração, foi seu testamento politico a seus substitutos, recomendar com o maximo empenho:

“Tolerancia e moderação do governo a respeito de crenças religiosas; prudencia na cobrança do que fosse



devido pelos senhores de engenho á Companhia das Indias Occidentaes; construir um reducto em frente á ponte da Boa Vista; cuidar zelosamente das fortificações destinadas á protecção da cidade Mauricia; fazer sempre observar a mais estrieta disciplina militar, nada faltando ás tropas, não esquecendo conjuntamente, o exacto pagamento dos soldos respectivos; severidade no cumprimento das leis contra o sacrilegio, á immoralidade e respeito do domingo; fazer quanto possivel para ter a adhesão e sympathia dos principaes negociantes portuguezes; ouvir previnidamente, com muito criterio, e bas tante cuidado as queixas contra os portuguezes; somente empregar o castigo de tortura nos casos extremos; e finalmente impedir cuidadosamente qualquer correspondencia ou communicacão entre o clero catholico das Companhias Conquistadas e a de São Salvador da Bahia." (*Revista do Inst. Hist. Geogr. Braz.* —1895—1.<sup>a</sup> parte.) —

Tão sensatos conselhos foram entretanto desprezados pelo governo dos Directores da Companhia das Indias Occidentaes.

Procederam como dantes, embora tarde se arrependessem.

A 11 de Maio elle deixou o Recife, ficando o coronel Houss que era o commandante da guarda investido do commando em chefe das forças armadas.

O dr. Ludwig, um dos biographos do principe descreve assim sua partida tão lamentada:

"Ao percorrer a cavallo as ruas da cidade Mauricia e do Recife onde a milicia dos burguezes formou em extensa linha, toda a população affluir para vel-o ainda uma vez e fazer-lhe suas despedidas.

"Velhos derramaram lagrimas e os naturaes do paiz beijavam-lhe as vestes.

"Ao troar do canhão e ao som do antigo hymno hollandez seguiu cavalgando pelo estreito isthmo que se liga á Olinda. Frequentemente parava, refere uma testemunha de vista, para contemplar, mais uma vez, sua magnifica obra que abandonava para sempre."

Uma comitiva immensa o acompanhou a cavallo, até

a Parahyba, donde embarcou a 22 de Maio para a Hollanda.

O Dr. Pedro da Cunha Souto Maior, em seu precioso estudo sob o titulo *Fastos de Pernambuco*, escripto em grande parte em face de documentos que consultou nos archivos da Hollanda, alem de descrever circumstanciadamente a partida do benemerito Conde de Nassau, tambem affirma que Jandovy, Cacique dos Tapuyas, ainda mandou-lhe uma commissão de indios, afim de demovel-o de embarcar.

Acompanharam Mauricio muitos commerciantes, outros habitantes e onze indios de varias tribus.

Aquelles tanta admiração tinham pelo principe que, muito convictamente, diziam, a Hollanda com a ausencia delle ficaria sem o Brazil.

Poder-se-ia acrescentar á essa predicção— que a permanencia de tão grande individualidade, á frente dos destinos de nossa patria, tel-a-ia certamente feito avançar dous seculos em nossa independencia, assim em tudo mais no caminho do progresso.

### Insurreição Pernambucana

Chegamos ao anno de 1645. Os animos em Pernambuco estão dispostos a uma revolução. O conjuncto de varios elementos conjuram-se para uma imminente explosão.

Toda a ordem de oppressões e abusos, logo após a sahida de Mauricio, começou a ser praticada pelas autoridades hollandezas contra os pernambucanos, e outros moradores que não eram seus compatriotas.

Escoltetas, fisceaes, faziam estorsões de dinheiro e prendiam a seu bél-prazer.

As maiores perseguições á religião catholica tambem se praticava, desde a profanação dos templos ao maltracto de seus padres; o direito de propriedade nada valia. Até o lar era violado.

Essas cousas fizeram referver no coração das victimas implacavel odio; veio o desespero de quem soffre sem poder libertar-se da afflicção, e já a repugnancia, e grande horror de um tal contacto; e dominou-os em-

fim a necessidade absoluta e imperiosa de se desprenderem, fosse como fosse, dos vis aventureiros, alem de tudo mais, incompetentes governantes e tyrannos que assim substituiam indignamente a quem fôra tão habil e generoso quanto cheio de attributos admiraveis que não pareciam de seu seculo.

Entretanto os escriptores hollandezes dão outra causa a insurreição. E a razão dada quando muito pode ser apreciada como circumstancia que aproveitaria, unicamente aos comprehendidos no caso. Elles asseveram que os naturaes, grandemente individoados para com seus patricios, sonhavam numa revolução se verem livres de seus credôres, pois tinham como certo triumphar na mesma.

Não é verosimil, porem, que a causa de interesse individual do pequeno numero lançasse um povo numa revolução. A verdade accetavel certamente foi outra: um motivo bastante poderoso que tivesse força de impeller, de produzir coragem, de arrastar a extremos de sacrificio e consequencias terriveis e irremediaveis. Sim, somente podia advir de outra origem.

Um povo fraco e sem elementos de guerra, como aquelle, não se aventura numa lucta titanica, na quasi certeza de succumbir ás mãos de outro povo aguerrido, bem armado e com exercitos commandados por generaes valentes e afamados. Somente mesmo o explica a situação desesperadora em que se encontraram, razão desviada no soffrimento, tudo esquecido porque para tudo se appella então como uma taboa de salvação.

Dahi e assim nasceu a coragem indomita que fez heróes admiraveis. Secundou-a a fé e crença religiosa, tão intensamente os inflammando e animando como lhes dando extraordinarias forças. O conhecimento completo da situação topographica do paiz foi outro recurso poderoso que concorreu bastante no exito.

Apezar de tudo, repetimos nosso conceito já emitido sobre a causa efficiente da expulsão dos hollandezes, a que produziu os effeitos decorrentes. A permanencia de Mauricio no Brazil impedia se gerarem todas as circumstancias que tanto actuaram para essa memora-



vel guerra de nove annos, embora uma epopéa gloriosa de nossa historia militar.

.....  
Combinado o levantamento, em que André Vidal de Negreiros foi a alma da reacção, aos pernambucanos tambem animava a promessa de auxilios, do governo da Bahia e del-rei D. João IV.

Mas esse rei no momento não os poude ajudar, porque havia feito um armisticio de 10 annos com a Hollanda a respeito do Brazil. Por outro lado, elle mesmo se achava em seria difficuldade em face da guerra que sustentava contra a Hespanha.

Assim, sem auxilio da metropole, entraram os pernambucanos nessa guerra tremenda da expulsão hollandeza.

Depois de tudo combinado para a insurreição, em 15 de Maio de 1645, João Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanti, em nome da *liberdade divina e para vingar agravos e tyrannias* assignaram as nomeações de capitães de diversos pontos da capitania, concedendo-lhes muitos poderes inherentes aos fins intentados.

Oito dias passados, isto é, a 23, os referidos chefes, juntos a dezeseis conjurados, dos mais importantes habitantes de Pernambuco, firmaram o compromisso para uma revolução contra o dominio hollandez. Seus nomes são: João Fernandes Vieira, Antonio Bezerra, Antonio Cavalcanti, Bernardino de Carvalho, Francisco Berranger de Andrade, Antonio da Silva, Pantaleão Cirne da Silva, Luiz da Costa Sepulveda, Manuel Pereira Corte Real; Antonio Borges Uehôa, Amaro Lopes Madeira, Sebastião de Carvalho, Manuel Alves Deus-dará, Antonio Carneiro Falcão, Antonio Carneiro de Mariz, Francisco Bezerra Monteiro, Alvaro Teixeira de Mesquita e o padre Diogo Rodrigues da Silva, todas pessoas consideradas na Colonia.

João Fernandes Vieira propõe que a revolução rebenhasse a 24 de Junho. Allegava não só ser preciso tempo para a combinação do plano de guerra, em que o movimento surgisse simultaneamente em todos os pontos, como tambem porque sendo aquelle dia o da festa popular de S. João, elle convidaria os chefes hollande-

zes para uns festejos em seu engenho. Elles assim reunidos seriam surprehendidos e todos presos de uma só vez.

A 30 recebe o Supremo Conselho uma carta anonyma revelando a conspiração tramada contra o dominio batavo. Soube-se depois, por confissão dos proprios, que fora dada por Sebastião de Carvalho, Fernando do Valle e Antonio de Oliveira, ao serem presos por suspeitos.

Despertados por esta denuncia os do Conselho deliberaram, embora sem aacreditarem inteiramente na sublevação, enviar avisos de alerta a todos os seus.

Não lhes ficou, entretanto, nenhuma duvida mais, quando em 11 de junho o chefe politico de Alagôas, Moucheron, lhes communicou a passagem por alli das tropas de Henrique Dias e de D. Antonio Felippe Camarão.

Então immediatamente ordenam a prisão dos principaes conjurados. Estes informados abandonaram seus lares e durante a noite se occultaram nas mattas.

No dia 13, dia de Santo Antonio, acclamaram João Fernandes Vieira, chefe da revolução contra o dominio hollandez e procuram constituir o exercito libertador.

Logo então, a 15, partem João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, levando comsigo 500 homens e duas pequenas peças de artilheria, do Arraial Novo do Bom Jesus, logar á margem do Capibaribe e presentemente terras da Usina Santo Ignacio, freguezia da Varzea, mun. do Recife, com o fim de atacarem e tomarem a ilha de Itamaracá.

Mas os hollandezes que d'ali recebiam varios alimentos receiando a tentativa já haviam posto trez navios de vigilancia em todo o braço de mar extremediante da ilha e do continente.

Os nossos, protegidos pelos mangues, no ainda hoje conhecido *Sítio dos Marcos*, levantaram, fronteira á fortaleza *Orange*, uma bateria onde collocaram duas peças. Em seguida arranjaram duas canôas e mais duas jangadas, e pela noite alta tripolando as primeiras doze homens cada uma (pois mais não permittiam), e as segundas dous homens, ambas partiam em direcção ao navio inimigo de vigia.

Ao approximarem do navio hollandez a tripolação despertou ao brado de armas da sentinella. São os nossos então recebidos com disparos sobre suas embarcações.

Um dos tiros alcançou a canôa do alferes Affonso de Albuquerque. Afundou-a mas salvou-se o pessoal nas jangadas. A outra entretanto conseguiu atracar ao navio. Subiu para este cinco soldados e o commandante daquella, Francisco Martins Cachadas. Apoderaram-se do castello de prôa e nelle se fortificaram. Somente um dos assaltantes cahiu ao mar em consequencia de um ferimento na cabeça. Aos sete companheiros, porem, do outro barco faltou tempo para a subida, porque a corrente das aguas os desviara para distante do navio.

Então, em angustiadas circumstancias, aquelles cinco homens, quaes terriveis leões, investiram contra a tripolação. Esta apavorada nem sequer verificando o numero de aggressores, fugiu para a ré. Eram trinta os do navio sendo sete mortos, oito fugiram para terra e quinze cobardemente se renderam.

Emquanto a lueta alli se dava, os nossos, da bateria postada no *Sítio dos Marcos*, atiravam sobre a fortaleza Orange, para embaraçar soccorros aos hollandezes. E tudo aconteceu conforme pensavam. Esse feito certamente merece menção.

—No dia 16, com o exiguo contingente de 160 homens somente, e mesmo assim mal armados, os chefes da patriotica revolução sahem de seu esconderijo nas mattas, em demanda do engenho Camaragibe, hoje marginal da linha ferrea do Limoeiro e 12 kilms da sede do municipio, a villa de S. Lourenço da Matta; e acampam alli. Daquelle local avisam aos demais insurrectos para se organisarem em companhias e virem se reunir a suas forças.

João Fernandes Vieira a 17 tem conhecimento de que o indio D. Antonio Philippe Camarão e o preto Henrique Dias tinham atravessado o rio São Francisco commandando seus respectivos terços. Vinham se lhe reunir e as forças dos que tinham levantado o lábaro da revolta. Disso mandou aviso ao vigario da Varzea, o padre Francisco Falcão, um dos principaes adeptos, recommendando que communicasse a nova aos moradores



e os convidasse a se pronunciarem. A resposta que não se fez esperar, foi unanime de que estavam todos dispostos a sacrificar a vida e bens pela libertação do paiz.

—Partiu, em data de 18, do Recife para a Parahyba, o membro do Supremo Conselho hollandez, Paulo de Lynge, com ordem de prender os moradores suspeitos, incluindo a denuncia de conspiração contra o dominio delles. Tendo se hospedado no convento de São Francisco obrigou os habitantes a renovarem o juramento de obediencia. Prendeu quatro dos principaes, fazendo enforcar um, e mandando arrastar, á cauda de um cavallo pelas ruas da cidade, a outro que fallecera na prisão. Aos dous restantes concedeu liberdade mediante um elevado resgate.

Taes prisões e supplicio não aterraram os animos, mas a indignação fez um decidido pronunciamento. Paulo de Lynge vende o effeito negativo de seu rigor, mudou de rumo annistiando a outros que detivera e passou a usar de meios suasorios. Tudo em vão.

Emquanto esses factos se davam ao norte da região, no dia 19, no districto de Ipojuca, sul do Recife, surgem outras hostilidades á voz do capitão-mór Amadeu de Araujo auxiliado por centenaes de moradores. O capitão Domingos Fagundes Barboza, valente e honrado pardo, trez vezes ferido em quatorze annos de campanha, fôra quem se encarregara de por-se á frente dos mesmos.

Pela noite de 24 parte do Recife para esse logar o coronel hollandez Henrique Hous, á frente de tropas regulares, afim de suffocar a rebellião. Tomou o maior cuidado em chegar sem ser presentido. Realmente Domingos Fagundes com 200 soldados de emboscada, á matta do engenho Tabatinga, só tardiamente se apercebeu da approximação do inimigo. Sahiu-lhe ao encontro, mas depois de pequena escaramuça retira-se para a acampamento de seu commandante Amadeu de Araujo.

O coronel hollandez vendo-se desdoberto traou de marchar apressadamente para a povoação de Ipojuca, esperando surprehender nossa gente. Antes, porem, de proseguir, mandou matar o capellão do engenho, porque este na occasião tocara o sino da capella para a missa, e elle suppoz ser um signal de alarma.

A povoação de Ipojuca se encontrava completamente deserta.

Amador de Araujo marchava a unir-se aos de Fernandes Vieira. O coronel hollandez soube e partiu rapidamente para cortar-lhe a passagem. Alcançou-o no engenho Penderama, onde o venceu pela superioridade numerica e pelas armas. Amador para escapar com sua gente entranhou-se pelo dédalo da matta e conseguiu chegar ao acampamento de Vieira, que se achava no engenho *Cóvas*, actualmente territorio da freguezia da Luz, no municipio de São Lourenço da Matta.

—A 27 o Conselho Supremo hollandez communica aos Estados Geraes a insurreição levantada pelos habitantes de Pernambuco, e bem assim as medidas que precisou tomar para assegurar a tranquillidade publica. Pediu-lhe com a maior urgencia lhe enviasse reforços de tropas, munições e viveres. No caso contrario graves cousas poderiam resultar.

Em data de 24 de Julho, João Fernandes Vieira, por meio de um edital convida o povo a pegar em armas, afim de expellir os hollandezes do Brazil.

### Batalha de Tabocas

—A' legua e meia á leste da actual cidade da Victoria, outr'ora Santão Antão, em terras do engenho Marapiruma que se limita com os de nome Conceição e Caricé, existe o historico monte Tabocas. Dizem os chronistas entre os quaes Fr. Raphael de Jesus, que alli era crescida a quantidade de tabocas ou taquaras. O riacho Tapacurá, affluente do rio Capibaribe, atravessa o sitio. Entre o riacho e o monte ha uma campina ao sul, medindo uma extensão provavel de uns 500 metros, e d'ahi começava o tabocal que rodeiava o monte. Neste abrem-se cavernas, grutas e formam-se trincheiras naturaes até o alto, tendo tido elle afinal, nos lados e por toda parte, cerrado tabocal. No ponto mais elevado ainda se apresentava uma selva de grossas e apinhadas arvores, formando como uma impenetravel muralha, que o taquaral mais denso tornava. Tudo isso profundamente alterado hoje pelo machado e fogo dos devastadores de mattas.



O caminho que existiu na fralda oriental do monte e que era de transito e condução de pau brazil tambem desapareceu.

—João Fernandes Vieira, alojado na povoação de S. Lourenço da Matta, recebeu alli aviso de seus amigos das instrucções e ordens com que Henrique Houss e João Blaar tinham partido do Recife. Deixou, pois, aquelle lugar, atravessou o rio Capibaribe e com os seus estacionou trez dias no engenho São João, de Arnau de Hollanda Barreto. Depois proseguindo, seguido do mesmo Arnau e seu filho, que se incorporaram aos revoltosos, se encaminhou na direcção do sitio de Belchior Rodrigues Covas, fez alto, ahí Amador de Araujo com elle se ligou, e esperaram esforços que contavam de varias procedencias.

No dia 1 de Agosto partiram para o monte *Tabocas* onde o exercito pernambucano acampando se entrincheirou.

No seguinte dia fere-se uma terrivel batalha na qual são destrocadas as forças inimigas, sob as ordens do coronel Houss.

Durou seis longas horas e apezar do rude encontro da duas forças inimigas as perdas dos nossos foi apenas 28 mortos e 27 feridos.

“Como a noite cahia tempestuosa, os vencidos se aproveitaram dessa circumstancia para se retirar. Fizeram com tão bôa vontade que só pararam para tomar alento quando chegaram em São Lourenço da Matta, 5 leguas distante.”

Assim descreve esse combate Matheus van der Broek, em seu *Diario*:

“Tendo avançado trez ou quatro leguas, acercamos de um posto avançado inimigo, que atirou contra os da nossa vanguarda e se retirou para os seus que eram de outra banda do rio. Os nossos tambem vadearam o rio cujas aguas davam-lhe pela cintura, e sahiram em uma pequena Campina ao sopé de um monte coberto de tabocas ou cannas cortantes, onde não se podia ver o inimigo que alli estava em numero grosso.”

“Não obstante os nossos tambem numerosos o foram

buscar com bastante coragem, seguindo-se então muitas mortes e ferimentos tanto de officiaes como de soldados.”

“Os indigenas se portaram optimamente, brigando com valor. Durou este combate desde as 2 horas da tarde até que a noite veio fazer repousar os combatentes. Como nossa polvora estava quasi de todo consumida o chefe Houss, retirou-se durante a noite para Tapaurá, (é o nome de um engenho, hoje do municipio de S. Lourenço), levando grande numero de feridos. Perdemos uns 200 homens entre mortos e feridos, alguns officiaes como foi o capitão Andress Tallo, atravessado por uma bala, vindo depois a morrer no Recife. O capitão Sicquma, ferido em trez partes, o tenente Haychestoat, morto, o tenente Jacob Hamel, morto, o tenente Schott, ferido mortalmente succumbiu depois, e outros.”

Este feito de armas foi um dos mais notaveis do segundo periodo da memoravel lucta que tivemos de sustentar contra os hollandezes.

—Em 1859, o imperador D. Pedro II, tão amigo dos estudos das cousas patrias, em visita a Pernambuco, foi ao sitio da batalha das *Tabocas*, para conhecer de perto o campo d'aquelle heroico combate. Em 27 de Janeiro de 1903 alli foi assentada uma pedra para um monumento commemorativo do acontecimento, com a assistencia do Arcebispo de Olinda D. Luiz Raymundo da Silva Britto a quem é devida a patriótica lembrança e construcção posterior do referido monumento. Depois de prompto o monumento, porem, foi deliberado ser erigido antes, na cidade da Victoria, na praça Ambrozio Machado, do que no sitio agreste, afastado de tudo, nem sequer mesmo á beira de uma estrada,—não só porque vél-o-hia apenas os raros apaixonados que com difficuldade alli se quizessem transportar, como tambem, sem conservação, depressa o monumento se damnificaria. Alli unicamente foi então collocada, no alto do monte, uma columna de marmore, assignalando o feito. E na cidade da Victoria, a 27 de Janeiro de 1905, anniversario da expulsão hollandeza no Brasil para perpetuar a lembrança da mesma batalha, inaugurou-se uma columna emcima da mesma praça por uma estatua de bronze representando o *Anjo da Victoria*. A columna da base ao pedestal mede 5,80 e

e a estatua 2,80 c. A columna tem na parte média, a seguinte inscripção gravada:

FIDEI ET PATRIA AMORE SUCCENT  
DIA 3DE AGOSTO 1645  
ÆRIA PECTORES ALIENAS HOSTES  
NOBILES ET INDOMIT PERNAMBUCENSES  
HIC TERRUERE

AD MEMORIAM RECOLLENDAM  
VICTORIENSES CIVES ÆRE CONFLATERNIS  
MONUMENTUM HOC ERIGENDUM  
CURAVERE  
DIA 27 DE JANEIRO 1905  
DISCANT POSTERI  
MAJORUM GLORIUM  
IMITARE

Na parte inferior ha esta outra inscripção:

*Monumento construido pelo povo victoriense por iniciativa do preclaro bispo de Olinda D. Luiz R. da Silva Britto, no governo do exmo. desembargador Sigismundo A. Gonçalves, relembrando a grande victoria alcançada no monte das Tabocas.*

A antiga villa de Santo Antão como reminiscencia do similhante acontecimento tomou em 1844 sob proposta do então deputado provincial, signatario do respectivo projecto de lei, Dr. Felipe Lopes Netto, o nome de Victoria.

Em data de 11 o exercito pernambucano então abandonou o acampamento do monte Tabocas. Após o combate tinha-se occupado em enterrar os mortos e socorrer aos feridos. Tendo o inimigo deixado muitas armas dellas se aproveitou. Esse tempo tambem aproveitou em exercitar a gente bisonha que não era pouca.

### Combate da Casa Forte

O exercito hollandez, commandado pelo Coronel Henrique Houss, e o dos pernambucanos, ambos, vindos do monte Tabocas, estavam acampados a 16 de Agosto, e



primeiro em Tigipió, (hoje povoação do mun. de Jaboatão), e o segundo no engenho de D. Anna Paes, hoje denominado *Casa Forte*. Este ultimo lugar é actualmente uma grande povoação da freguezia de Nossa Senhora das Necessidades, Poço da Panella, e municipio do Recife.

O sargento mór hollandez, João Blaar, d'alli com algumas companhias, mandou á povoação da Varzea prender, como refens, as esposas dos seus mais salientes habitantes, dos que sabia pertencerem ao exercito libertador. Foram presas D. Izabel de Góes, mulher de Antonio Bezerra, D. Luiza de Oliveira, mulher de Amaro Lopes e D. Anna Bezerra, mulher de Francisco Beranger de Andrade e sogra de João Fernandes Vieira. A esposa deste, D. Maria Cezar, sobre quem havia maior desejo de presa, não poudo ser apanhada, porque ella receiando que chegasse a ser alvo dos odios dos inimigos de seu marido, com antecedencia tinha ido se refugiar no interior de uma matta acompanhada de uma escrava de sua confiança.

Sem demora foi levada a João Fernandes Vieira e a André Vidal de Negreiros, no acampamento de Tigipió, a noticia desagradavel.

Era noite, e mesmo assim, immediatamente foi levantado o acampamento. Todo o exercito se poz em marcha para o engenho de D. Anna Paes. Vieira ia na vanguarda e Negreiros na rearguarda.

A extensão do caminho a percorrer, não obstante não ser grande, porque apenas constava de duas leguas pequenas, tornou penossissima a viagem. Abundantes chuvas tinham cahido, prejudicaram as estradas e encheram os riachos e o rio Capibaribe que tinham de transpor.

Ao amanhecer de 17 o exercito pernambucano no lugar hoje, chamado Cordeiro, e então passagem de Ambrosio Machado, estava á margem do Capibaribe, transbordando cheio, de margem á margem. E não podia passar porque no local não havia canôa, jangada ou qualquer meio de transporte.

O que fazer então? Mas não havia tempo a perder no socorro devido ás matronas prisioneiras.

Fernandes Vieira resolve a collisão, dando o exem-



plo, mettendo a cavallo rio a dentro, até o arção da sella. Todos os soldados o imitaram, pondo as armas e as munições á cabeça afim de não as molharem. Entram *no rio segurando-se uns aos outros para melhor resistirem á correnteza*. Todos, deste modo, attingiram á margem opposta. D'ahi approximam-se do engenho de D. Anna Paes.

Vão surprehender o inimigo. Camarão recebe a incumbencia de com seus indios tomar as estradas que conduzem ao Recife. Os nossos se approximam subtilmente da casa de vivenda do engenho e terrivel combate se fére de lado a lado. Elles jantavam no momento. Em meio da pugna, os hollandezes, perversamente mandam pôr ás janellas da casa as matronas aprisionadas, para serem alvo de nossas balas. Vieira, porem, tinha entendido ser uma proposta de capitulação e manda um parlamentar arvorando uma bandeira branca, acompanhado de um tambôr, afim de intimal-os a se renderem.

Houss ouvindo silencioso o parlamentar que era um alferes, avaliou tal embaixada fraquesa de nossa parte. Então, seguidamente, meia duzia de soldados batavos trazem á janella tambem o enviado e alli lhe dão a morte com uma descarga de fuzilaria.

Similhante acção levou nossa gente a extremo desesperado. Só pensando em anniquilar o inimigo e vingarse sem piedade chegou a esquecer por instantes as prisioneiras. Os nossos se servindo de toda a lenha alli existente e do bagaço secco da canna põem fogo ao edificio. Em poucos instantes immensas labaredas o devoravam. Isto viu Houss e comprehendeu o fim pavoroso que os aguardava em breve instante. Alvorou uma bandeira branca e, apparecendo em uma das janellas onde o fogo ainda não attingira, em uma das mãos tendo o chapéo e na outra apresentando uma pistola com o cano voltado para o chão, deu signal de render-se. Mas os de nosso lado se oppunham a que se lhes desse quartél.

André Vidal de Negreiros, porem, mais militar e mais humano do que vingativo, não consentiu absolutamente que se consumasse uma tal atrocidade.

Ficou assentado que Henrique Houss, João Blaar e outros officiaes sahiriam com suas armas e insignias

militares até a presença dos generaes do exercito pernambucano. Os demais hollandezes seriam desarmados ao sahir da casa, ficando todos prisioneiros de guerra.

Esse combate que ficou denominado da *Casa Forte*, por terem-se os hollandezes fortificado na casa da vivenda do engenho, dahi por diante mudou o nome de *Anna Paes* para *Casa Forte*, estendendo-se á localidade adjacente que ainda o conserva. Fica a 8 kilometros da cidade do Recife, entre os logares Sant'Anna, Caldeireiro e Poço da Panella. E' tambem uma crescida povoação, bem edificada e de bôa salubridade.

A velha capella do engenho *Casa Forte*, situada no logar hoje chamado *Campina*, em ruinas, em 1911 o velho e veneravel Arcebispo de Olinda D. Luiz de Britto, hoje tambem o presidente do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, a reedificou, ampliando-a muito. Para ella fez passar a séde da freguezia do Poço, que era na povoação do Monteiro, afim de dar-lhe mais importancia e melhor perpetuar a tradicção. Foi nessa capella, que tem a invocação de Nossa Senhora das Necessidades que se abrigaram as forças pernambucanas que se bateram contra os hollandezes entrincheirados na casa de vivenda do engenho.

Naquella lueta os hollandezes, tiveram 37 mortos, ficando prisioneiros 322, inclusive o tenente coronel Houss, o sargento mór Lystry Blaer, alem de grande porção de armamento, abundancia de viveres e crescida copia de excellentes cavalloos. Os nossos tiveram 16 mortos e 35 feridos, entrando nesse numero o bravo Henrique Dias e Domingos Fagundes.

### Rendição de Nazareth e outros factos

Quasi vinte milhas ao sul da cidade do Recife ha uma velha e decadente povoação de pescadores denominada Nazareth, por sua capellinha dedicada a N. S. de Nazareth. E porque fica situada junto ao cabeço do cabo de S. Agostinho chamam-lhe *Nasareth do Cabo*, para differenciar de outra, *Nasareth da Matta*, hoje cidade. Ahi existe, em ruinas, uma fortaleza que fora construida no principio da guerra da invasão, por Mathias



de Albuquerque. E 1645 era commandada pelo major hollandez Hoogstraten que, em data de 8 de Setembro, vendendo-se aos nossos por 18:000 florins e pelo commando de um regimento, entregou-a, allegando que não tinha mais viveres nem munições para sustentar o assedio que soffria desde alguns dias. Deu ainda outras razões, na apparencia plausiveis, "entre as quaes ser catholico e abominar os herejes embora seus compatriotas."

Essas derrotas iam causando alarmante impressão no governo do Recife, pois que a este custava crer que os pernambucanos podessem apresentar resistencia ás disciplinadas tropas hollandezas.

—Antes desse facto deu-se a 15 de Julho, e é digno de ser mencionado, o monstruoso caso de Cunhahus, no Rio Grande do Norte. O commandante hollandez dos indios aliados Jacob Lretry alli chegara trazendo grande numero destes bem como compatriotas seus. Com esta chegada toda a população se amotina. Elle a tranquillisa asseverando intuitos de paz. Affixa na porta da igreja um edital onde, em forma de bando, convida os moradores a se alli no seguinte dia, um domingo, afim de ouvirem propostas que muito lhes convinha.

Attendendo tal convite os habitantes da povoação se reuñem. A missa ia em meio e o templo invadido pelos hollandezes e selvagens que o acompanhavam, abruptamente e indefesos todos são apanhados.

Passam a fio de espada toda essa gente inclusive o celebrante, um sacerdote venerando e nonagenario. Dessa innominavel carnificina somente escaparam trez homens e algumas mulheres.

—Em data de 1 de Setembro tinha chegado a Tiberiy, 3 leguas ao sul da Parahyba, o socorro que Fernandes Vieira e André Vidal mandaram aquelles districto, com o fim de ser promovida alli a restauração da capitania do dominio hollandez. O auxilio era dado por uma expedição composta dos capitães Antonio Rodrigues Vidal, Simão Soares, Cosme da Rocha e outros officiaes subalternos, destinados a tomarem a direcção das companhias que se organisarem. Acompanhavam-os tambem o Capitão Diogo Pinheiro Camarão, do corpo de indios de Felippe Camarão, para commandar os alistados



de sua raça, e o preto capitão Henrique de Mendonça, para tomar o commando do batalhão de pretos que se organisasse.

Os expedicionarios trouxeram patentes de governadores da Parahyba para Lopo Curado Garro, Jeronymo de Cadena e Francisco Gomes Muniz. Sem demora mandaram convidar aos mesmos para uma reunião e no dia seguinte decidiram proclamar a restauração da capitania do poder dos hollandezes. Tomaram parte activa neste movimento todos os parahybanos de importancia, menos Curado Garro, que ficara na Parahyba fortificando-a. Aquelles fizeram-se acompanhar armados, como melhor poderam, de seus famulos e escravos.

Organisou-se o exercito libertador e os governadores dos districtos decretaram uma contribuição geral para os gastos de guerra. Foram afixados editaes em todos os pontos da Cidade. Nelles se concedia aos estrangeiros de posse e livre uso de suas fazendas, como até então as gozavam, e aos que quizessem assentar praça no exercito selhes daria bom soldo nos postos. Deu esta promessa bom exito, pois muitos se alistaram.

Como Tibiry não se prestava para acampamento escolheram o engenho Santo André, de Jorge Homem, e o fortificaram convenientemente.

A 9 do mesmo mez a frota do capitão mór de mar Jeronymo Serrão de Paiva, era mandada pelo governador geral da Bahia com o fim simulado de obrigar os sublevados de Pernambuco a deporem as armas, quando fundeava na bahia de Tamandaré, foi atacada pela esquadilha hollandeza, ás ordens do almirante Lichthardt, quasi a destruindo de todo. Da mesma salvou-se apenas um navio que poude volver á Bahia. A capitania de Paiva foi abordada simultaneamente por trez lados. Elle defendeu-se com extremo denôdo, ainda mesmo já vendo o inimigo senhor da coberta do navio, á porta de sua Camara, e com a espada em punho. Derribou a muitos, sem que o podessem fazer prisioneiro, senão quando cahiu exausto pela fadiga e pelo sangue jorrado das muitas feridas.

Nessa acção perdemos 700 homens, e a victoria foi

dos holandezes. Serrão de Paiva, depois de curado no Recife, foi enviado para a Hollanda.

—Fere-se a 11 o combate do engenho Inhobim, na Parahyba, entre as tropas holandezas dirigidas por Paulo de Linge e os insurgentes d'aquelle districto, commandados por Francisco Muniz.

Os holandezes, pela manhã, sahiram da fortaleza do Cabedello em numero de 600. Eram auxiliados por 300 indios enquanto um grande numero de lanchas artilhadas subiam o rio. Os nossos estacionados no engenho Santo André suppuzeram que o ataque era dirigido á cidade. Partiram n'aquella direcção com o governador Jeronymo Cadena deixando no engenho, Francisco Muniz com pouca gente. Então o inimigo que tudo percebêra marchou contra o acampamento. Muniz, porem, apesar de reconhecer a desigualdade de sua força em relação ao hollandez, não recúa e temerariamente vai-lhe ao encontro. Nas campinas do engenho Inhobim trava-se o combate. Certa seria sua derrota se um incidente não vem favorecel-os. Immenso aguaceiro cahe logo depois da primeira descarga dos inimigos, e tira-lhes a vantagem de superioridade numerica e de armas de fogo. Os nossos aproveitam a circumstancia e investem contra elles com tanto valor e impeto que os põe em debandada, matando-lhes 77.

—Em Penedo (hoje, Estado de Alagôas) no dia 13, o capitão Nicolau Aranha intima ao commandante hollandez da fortaleza PRINCIPE MAURICIO, á qual já faltava munições de boca, para que se renda. Elle, a principio dando uma resposta evasiva e equívoca, pediu trez dias de treguas para deliberar. Seis dias após capitúla, deixando a praça com 266 homens que foram desarmados na forma militar. Nessa occasião dentro das muralhas da fortaleza foram sepultados 73 cadaveres de holandezes, que succumbiram no assedio, aos tiros dos sitiantes.

A tomada dessa praça foi de grande valor para os revolucionarios de Pernambuco, enquanto era um immenso desastre para a causa contraria. Ella era a chave da fronteira sul, e a porta principal de communicação com a Bahia, no lado opposto do rio. D'ahi, pôrto

abundantissimo de gados, nos viria muitos recursos mas o inimigo nada teria.

—Emquanto se passavam taes factos naquella parte, a 14. André Vidal, João Fernandes Vieira e outros chefes dos insurgentes, tendo 800 homens amanheciam com seu exercito, na povoação de Iguarassu', se dirigindo á ilha de Itamaracá que d'alli se vê. Os hollandezes tinham postado no lado norte da mesma um navio de guerra afim de impedir qualquer desembarque. Esse tropeço era necessario remover, e para isso os chefes pernambucanos destacam 100 homens em diversas embarcações, sob o commando do capitão Simão Mendes. Elles encontraram tão forte opposição que foram obrigados a recuar. Mais tarde porem, fizeram nova investida, e após um combate desesperado, de uma meia hora, conseguiram quasi exterminar a tripolação da nau inimiga. Os 16 homens restantes ficaram prisioneiros. Em seguida a essa façanha o exercito fez a passagem.

Tornava-se indispensavel desalojar o inimigo de Itamaracá, porque este logar era, por assim dizer, o maior celleiro do Recife, e delle os hollandezes recebiam a maior provisão. Desalojal-os era certamente apertar o assedio do Recife, e, como cruel recurso de guerra impelil-os para á fome. Por outro lado isso tambem serviria para embaraçar de algum modo as communicações com a Parahyba sublevada.

Realisada a passagem do braço de mar entre a ilha e o continente, as nossas forças foram distribuidas em quatro divisões, uma sob o commando do transfuga Hooqstraten, outra sob o de Antonio Dias Cardoso, e a terceira e a quarta por João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros. Depois de extensa caminhada, ao amanhecer, Cardoso achava-se diante da fortificação inimiga. Estende uma linha de atiradores em frente das trincheiras contrarias. Investe-as e penetrando na cidadela empenha-se um combate. As descargas dos combatentes avisam ao commandante do forte *Orange*, e ao mesmo tempo fazem Vidal e Vieira accelerarem a marcha de seus corpos. Estes entrando logo depois, pelo outro lado da praça, se apoderam dos armazens de munições e



mantimentos do inimigo. Taes depositos tinham sido descuidados no momento de acudir o ponto atacado.

E immediatamente na povoação trava-se de lado a lado a mais cruenta peleja na Indecisa até a chegada de Hoogstraten porque elle se atrazara um pouco enfureceu-o tanto a contrariedade desse facto e o desejo de nos provar sua dedicação atirou-se sobre os contrarios de modo a obrigar os a uma retirada.

Dias Cardoso praticara por sua vez actos de maior bravura e temerarios mesmo, como o de avançar a peito descoberto contra a artilheria do forte onde a força inimiga se tinha concentrado. Viu-se comtudo obrigado a recuar por falta de elementos, pois nas outras divisões, sobretudo, os soldados de Hoogstraten se entregaram exclusivamente ao saque da localidade.

O capitão Ruyter, commandante do forte hollandez, em face de ver recuar o valoroso Dias Cardoso, pôe-se novamente em campo, acutilando os invasores dispersos e em pilhagem, e os faz conter.

Nessa emergencia ainda Cardoso faz frente a uma parte dos hollandezes. Deu isso ensejo de se reorganisa-fem algumas companhias, e a retirada se effectuou sem maior prejuizo.

Nesse desastroso ataque tivemos 70 mortos e consideravel numero de feridos. Dos que succumbiram 34 eram do terço de Hoogstraten.

Nessa occasião o indio D. Antonio Philippe Camarão, embora sem gravidade, recebeu o primeiro ferimento.

Pela noite os nossos resolveram voltar para Igua-rassú. Desse logar, após a demora de alguns dias em se reorganisarem e a cuidar dos feridos, volvem ao acampamento da Varzea.

—A fortaleza de Porto Calvo, cercada numa parte, desde 42 dias pela pequena força de Christovam Lins, senhor do engenho Buenos Ayres, e na outra pela do seu tio Vasco Marinho Falcão, capitula a 17. Era commandada pelo capitão hollandez Klass Florins.

A falta de viveres, a perspicacia hollandeza illudida, pensando elles ser numerosa nossa força alli, e tambem o denodo mesmo, demonstrado em mais de um encontro parcial, os forçaram a pedir a capitulação. Lourenço

Carneiro d'Araujo enviado por Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros, foi quem tratou das condições da entrega da praça.

O capitão Klaas *sahiria com a sua guarnição, de morrão acceso, bala na boca, bandeira despregadas, caixas batendo e com bagagem*, até um sitio convencionado onde toda a força seria desarmada, a excepção dos officiaes de linha. Os vencidos tinham o direito a transporte para a Bahia.

O inimigo ao entregar a praça deixou como despojos, 4 peças de calibre 24, duas de 16 e duas de 8.

—Os moradores do Rio Grande do Norte, em 1 de Outubro, entrincheirados nas margens do rio Potengy, a 4 leguas da foz, rendem-se á força hollandeza e indigena commandada por Jacob Listry. Este venceu-os pela fome depois de um cerco de quasi trez mezes.

Havendo sido dizimados em 15 de Julho, em Cunhaú pelos selvagens seduzidos pelo mesmo Listry fizeram naquelle sitio uma trincheira de madeira em forma circular.

Nella abrigaram-se com suas familias, escravos e moveis, por aquelle espaço de tempo. Exauridos, porém, os viveres e munições em tal situação angustiosa rendem-se á discripção do sitiante. Foi-lhes imposta a condição de pagarem uma crecida importancia. E como refens aprisionaram cinco dos principaes, enquanto outros, com salvos conductos, partiram á residencia buscar a somma do resgate.

Seguidamente estes sobem o rio, em um barco hollandez, na confiança do ajuste. Trez leguas distante porém, são desembarcados e assassinados por selvagens. E pareciam esperar as pobres victimas, porque esses indios auxiliados por soldados hollandezes vão ao sitio em que ficaram os *refens* os matando egualmente.

O auctor do *Castricto Luzitano* narra esse facto cruel e attribue toda a culpa aos hollandezes. Esse auctor transereve a *brava, verdadeira e authentica relação* pelo governador da Parahyba Lopo Curado Garro remetida a Fernandes Vieira e a André Vidal. José de Vasconcellos em sua *Datas Celebres* tambem a menciona.

—A 9 de Novembro dá-se um combate no lugar Gi-



quiá, hoje freguezia de Afogados, municipio do Recife. Fica situado á margem da estrada que conduz á povoação Tigipió e desta á cidade de Jaboatão. Apesar da traição de Hoogstraten, que vendeu-se aos hollandezes e a quem o chefe dos nossos tinha entregue o commando de um corpo de 280 estrangeiros, como elle mercenarios, ao serviço da restauração,—são derrotados os inimigos. Retiraram-se com a perda de 102 homens entre mortos e feridos. O acto da traição não surtiu o desejado effeito, porque o sargento mór Antonio Dias Cardoso que dirigia toda a força, desconfiara das intenções dos contrarios, e manobrou de modo que não lhes deu opportunidade de pôrem em pratica seu intento.

No dia seguinte os capitães João Lopes Villa Branca e Pedro Cavalcanti os acommetteram ainda alli, unindo-se-lhes o capitão Paulo da Cunha, e Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros e mais Henrique Dias. Nessa lucta pereceram 102 hollandezes e 6 dos nossos.

Trez dias mais, Henrique Dias com sua gente, emboscando-se entre a cidade Mauricia (actuaes bairros de S. Antonio e S. José) e a fortaleza dos Afogados, no momento em que os batavos rendiam a guarnição, investiu contra elles e foram mortos então 10 soldados, e aprisionados 3.

Para terem mais um pouco de apoio em suas operações, fizeram os independentes um acampamento fortificado a que chamaram *Arraial Novo* do Bom Jesus. Ahí o clero, a nobreza e o povo com a tropa acclamaram a João Fernandes Vieira como seu chefe. Essa fortaleza salvou pela primeira vez em 1 de Janeiro de 1846 e foi artilhada com 8 peças tomadas ao inimigo no forte de Porto Calvo.

Foram a Narazeth do Cabo, em data de 13, André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, com o fim de receberem alli munições, gente esperada, e o carregamento de fazendas vindas da Bahia para vestir os soldados hollandezes. O que souberam de tal ausencia porrem, julgaram que o Arraial estava desperecebido e sem vigilancia. Tentaram uma surpresa. As sentinellas avancadas da estancia de Henrique Dias deram então o signal de approximação do inimigo. Logo esse chefe sa-



hiu a campo e depois de uma renhida escaramuça, fez os atacantes retroceder á cidade sem nada terem conseguido. Um reforço mandado por Soares Moreno tambem tomara parte auxiliando a defeza. Essa noticia chegou a Vieira e André Vidal e fez depressa ambos voltarem ao Arraial.

—Por conveniencia dos ataques e defezas, o campo da acção foi dividido em estancias diversas, e tiveram a seguinte distribuição:

—A' D. Antonio Philippe Camarão, com seus indios, se entregou a de Sebastião de Carvalho, hoje estrada dos Remedios, nome devido a capellinha desta invocação); era fronteira á fortaleza *Príncipe Guilherme*, ou dos Afodos, e um dos pontos mais perigosos. A Henrique Dias coube a das casas de Gil van Ufel, situadas em terrenos de João Velho Barreto, hoje essa região se denomina *Estancia*. Alli havia uma especie de torre ou mirante elevado no loial, precisamente o occupado pelo edificio do actual collegio salesiano, rua do Mondego, agora Visconde de Goyanna; de lá se observava todas as particularidades dos arredores. A' Manuel de Aguiar, o local do antigo engenho Magdalena que ainda conserva o ultimo nome. E á Nuno de Mello o terreno continuado d'aquelle, entre os logares Cordeiro e Torre (outr'ora Ambrosio Machado e Marcos André, marginados pelo rio Capibaribe.

Partiu depois d'isso Filippe Camarão para o Rio Grande do Norte onde vingou a carnificina soffrida pelos habitantes, derrotando os hollandezes. E tendo primeiro obrigado os mesmos a se recolherem aos fortes seguiu para a Parahyba.

Por essa epoca torna-se memoravel o procedimento nobre de André Vidal de Negreiros, desobedecendo ao governo geral que lhe ordenara o incendio dos cannaviaes, com o intuito de privar de recursos ao inimigo. Mas, para afugentar qualquer suspeita de interesse proprio, mandou incendiar um grande cannavial de seu pae.

Esse bello exemplo foi imitado por Fernandes Vieira.

—A 24 de Fevereiro André Vidal partiu do Arraial Novo para a Parahyba afim de unir-se a Filippe

Camarão e aos capitães Antonio Gonçalves Tição, Francisco Lopes, Nicolau Aranha Pacheco e Paulo da Cunha Souto Maior.

—E' assaltado, a 11 de Março de 1646, pelos capitães Antonio Abelha, Nicolau Guterrez, sargento-mór Paulo Dias San-Felice e alferes Euzebio Paes com suas companhias, um reduto que os hollandezes tinham distante da cidade Mauricia, sendo mortos 25 hollandezes e dos nossos 8.

—Cercados, como se achavam, pelos insurgentes aos hollandezes começavam a escessear-lhes os recursos. Já estavam mesmo reduzidos á extrema penuria.

Para remediar esse estado de cousas os sitiados fizeram um celleiro commum de provisões, do qual se repartia egualmente, cada semana, uma libra de pão entre soldados e moradores. Chegou-se mesmo supprimir para estes a miseravel ração para ser dobrada á guarnição acossada pela fome. Elles já começavam a se inclinar a propectas de rendição. Famintos já tinham consumido quanto gato, cão, rato e cavallo havia na cidade. Muito mais que os dos senhores era o soffrimento dos escravos. Chegaram a tal extremo de falta de alimentação que eram uns verdadeiros esqueletos ambulantes. Desenterravam, dizem os chronistas, ossos de cavallos para roerem. Muitos outros não resistiram e morreram á fome.

O desespero subira de ponto que era já uma resolução tomada em conselho tentar uma sortida rompendo o cerco, embora succumbissem na experiencia. Na frente seguiriam soldados, as mulheres, crianças e os invalidos iriam no centro, e os membros do governo com os moradores na rectaguarda. Tão tristissimas circumstancias foi constatada pelo historiador Nieuhoff um dos intimos do governo hollandez.

A ração não dava para mais de dous dias, quando a 23 de Junho, com a maior alegria, chagaram ao Recife dous pequenos barcos *Izabel* e *Falcão*, vindos da Hollanda e trazendo abundante soccôrro, e mais a noticia de que alli se aprestavam novos elementos para a eruenta lucta. Esse facto da chegada das embarcações causou á população, que, no dizer do mesmo Nieuhoff, mal se

podia suster em pé, uma tão intraduzível satisfação, a ponto de tal gente chorar de prazer contemplando os portadores de sua salvação.

Em quanto aquellas angustias torturavam os adversarios, no acampamento dos nossos festejavam com fogueira a São João Baptista, patrono religioso que o calendario contemplava no dia seguinte, mas na vespera ruidosamente se solemnizava.

—O capitão Francisco Lopes Estrella, commandante da estancia da *Barrêta* armou a 28, uma emboscada a duas lanchas hollandezas. Iam entrar nessa pequena barra onde se dá a junção dos rios Capibaribe e Tigipió (um braço de mar entre a ilha do Pina e o pontal da Cabanga), para levarem socorro á fortaleza dos Afogados ou *Príncipe Guilherme*. Logo á chegada das mesmas, elle atirou-se ao rio com 30 homens, apossando-se de uma e matando os 8 homens que a dirigiam.

A outra que vinha um pouco mais atrazada, em face do que viu, retrocedeu aguas abaixo até á cidade Mauricia. Deste modo não foi possivel dar qualquer socorro ao referido forte por via maritima, porque mesmo se achava sob a vigilancia da gente de Henrique Dias.

“Diz o General Abreu e Lima que a 10 de Julho tentaram assassinar João Fernandes Vieira.

“Os inimigos de Vieira ciosos de sua fama tramam uma conspiração contra seus dias. Os assassinos, emboscados perto do campo, fazem fogo quando elle passava á cavallo, ferem-no e fogem. Facil era conhecer os traidores, e elle mesmo sabia donde lhe vinha o golpe; mas antes quiz dissimular que castigar, como se fosse só contra elle a traição, que tambem se dirigia contra a patria.”

—Pela noite de 20 os hollandezes do forte Orange, na ilha de Itamaracá, atravessam o braço de mar e atacam a estancia que nossa gente em Junho havia erguido no *Sítio dos Marcos*. A guarnição avisada pelas sentinellas dispõz-se para a defeza, recebendo os assaltantes com duas cargas de mosquetaria. Em vista disso foram forçados a voltar a sua fortaleza.

—Chega ao Recife em 1 de Agosto a frota hollande-



za que vinha em soccôrro dessa praça sitiada pela nossa gente.

Como general vinha ao Brazil novamente Segismundo van Schkoppe. Veio igualmente o coronel Henderson. Com estes chegaram mais cinco novos membros para o Supremo Conselho do Recife, tomando posse immediatamente.

No dia 5 de Setembro os novos membros do Supremo Conselho havia dirigido uma proclamação aos povos do Brazil hollandez, concitam á deposição das armas e lhes promette perdão e concessões diversas. João Fernandes Vieira, o aclamado chefe dos insurgentes, respondeu o 18 dias depois.

Era concebida em termos ameaçadores, chamava aos invasores de turcos e barbaros, declarando elles não os temiam, porque a causa da defeza tinha a protecção Divina, como bem se patenteava das continuadas victórias que já tinham alcançado:

“Esta proclamação, diz o V. de Porto Seguro, teve mais exito, segundo assevera um escriptor contemporâneo, do que a flamenga.”

—Estava em Penedo onde succumbe repentinamente, em 29 de Novembro, após ter bebido suado um copo d'agua fria o almirante hollandez Lichthart.

Seu cadaver foi transportado para o Recife e dado á sepultura na primitiva igreja do Corpo Santo, hoje completamente desapparecida com as profundas alterações ultimamente feitas nesse bairro, para a construcção do porto.

—No anno seguinte, de 1647, a 2 de Janeiro, André Vidal de Negreiros tentou atacar os hollandezes no fortim da *Barreta*. Estes, porem, foram soccorridos com recursos da cidade Mauricia, obrigando, Negreiros apelar dos esforços para vencel-os, a retirar-se.

Em Fevereiro immediato o general hollandez Segismundo vom Schoppe deliberou ir com sua esquadra e a mais escolhida de sua gente do Recife até á barra do rio S. Francisco.

Alli, reunindo algumas embarcações, previamente por elle determinado estarem a seu dispôr, navega em demanda da Bahia. Nesta, vendo impossibilidade de um

ataque, fundêa e desembarca na ilha proxima de Itaparica. Em seguida construiu um forte flanquada por quatro bastiões.

Ao saber do audacioso facto o governador geral Antonio Telles da Silva deu ordem ao mestre de campo Francisco Rebello de immediatamente, com 1.200 homens a desalojar o inimigo. Esses recursos, porem, eram demasiadamente escassos, assim mesmo Rebello marcha ao cumprimento de seu dever. Mais de 600 victimas na investida tombaram, inclusive Rebello, atravessado por uma bala. O forte e as embarcações despejando metralhas, além dos mortos e feridos, pôz o resto em debandada e fez-os voltar immediatamente.

Mas Segismundo, não obstante uma tal victoria, não poudes proseguir em seu objectivo, porque de Pernambuco o chamaram com urgencia. Então depois de haver destruido a fortificação, abandonou a ilha partindo sem demora para Pernambuco, onde chegou no mez de Dezembro.

Emquanto Schopp estivera ausente muito fizeram os patriotas pernambucanos em prol dos interesses da campanha. Era preciso augmentar de pessoal, e prevenir-se de gado e viveres.

O sargento mór Antonio Dias Cardoso, com esse fim, seguia em Maio para a Parahyba. André Vidal em Agosto foi até o Ceará, passando pela Capitania do Rio Grande do Norte. Quando ambos voltaram, Cardoso trouxe 200 rezes e muitos escravos e Negreiros 700 rezes, ao mesmo tempo que o Capitão João Barboza Pinto, emissario delles, trazia gados e outros recursos.

Nesse regresso os dous chefes Vieira e Negreiros, sem mais perda de tempo, resolveram apertar o mais possivel o assedio do Recife. Em principios de Outubro iniciaram ahi a construcção de uma fortaleza na margem opposta do rio Capibaribe. No dia 6 de Novembro ella rompeu o fogo de suas baterias causando ao inimigo immenso prejuizo.

Foi nessa occasião que os hollandezes, em condições criticas, chamaram com urgencia a Segismundo, na Bahia.

De volta este general não atacou, como se esperava, a



nossa fortificação, mas consecutivamente fez construir outra, no lado fronteiro, mandando collocar na mesma alguns obuzes.

Entra o anno de 1648 e durante a noite de 5 de Janeiro, o famoso mestre de Campo Henrique Dias, na Capitania do Rio Grande do Norte, para onde tinha sido mandado com seu terço e algumas companhias do Camarão, ataca aos hollandezes em Cunhahú e em sua *casa forte* da ilha denominada *Guarahiras*, situada no centro de uma grande lagôa.

Depois de uma lucta eruenta que se prolongou até a aurora do dia seguinte, os inimigos debandam em seus postos, fugindo os que puderam escapar ao ferro de nossos intrepidos soldados.

Passado isso elle regressa ao arraial carregado com despojos e com muitos prisioneiros.

Por esse tempo D. João IV resolve enviar ao Brazil o general Francisco Barreto de Menezes, afim de tomar a direcção do exercito pernambucano. Acompanhava-o 300 homens. Antes porem, de chegar ao porto do seu destino foi feito prisioneiro, na altura da Parahyba, e conduzido ao Recife. Dessa localidade poude evadir-se e por ultimo apresentar-se ao Exereito. Tomou posse nos derradeiros dias do mez de Janeiro.

Durante o mez de Fevereiro aportou ao Recife uma armada hollandeza. Sua frota comprehendia 60 navios de alto bordo com 6.000 homens de terra e 3.000 de mar. Com similhante reforço, que fazia Segismundo ter superioridade numerica nenhuma hesitação o deteve para experimentar o exito de um combate decisivo. No mez de Abril fez a revista de todo o pessoal do acampamento e constatou 3.200 de peleja. Pertenciam 1.800 ao terço de João Fernandes Vieira; 750 ao terço de André Vidal de Negreiros, 350 ao terço de D. Antonio Philippe Camarão, e 300 ao terço de Henrique Dias, incluindo neste computo o pessoal dos presidios.

O inimigo, a 17 de Abril, resolve deixar a cidade Mauricia, levando 7.400 combatentes e seis peças de artilhreaia. Os nossos tambem partem do *Arraial Novo do Bom Jesus* com uma pequena guarnição e seguem em nu-



mero de 2.500 na direcção sul para os montes Guararapes. Ahi se fortificam na immediata noite.

Segismundo com seu exercito, a 19, ahi tambem estaciona, mas no sopé dos montes. A lucta em breve ia se travar encarnçada.

### Primeira Batalha dos Guararapes

Os montes Guararapes estão situados a 15 kilometros ao sul da cidade do Recife, no meio de duas planicies, prolongando-se de este para oeste. Elles são tres, separados por grutas e restos de mattas, hoje mesmo verdadeiras capoeiras. Tem separadamente cada um, nomes distinctos. O do lado do norte chama-se monte *Telegrapho*, porque em 1817, o governador e general Luiz do Rego Barreto mandara alli collocar signaes para transmissão de noticias entre o Recife e a villa do Cabo; o do lado occidental Oitizeiros, em virtude da abundancia das arvores desses fructos que no mesmo existiam, e elle dá suas encostas para as varzeas do engenho Guararapes; e o do lado oriental conhece-se pelo nome dos *Prazeres* porque em cima ergue-se a egreja de N. S. dos Prazeres. Em conjuncto os tres denominam-se *Guararapes*, vocabulo indigena significa *som*, *rumor*, produzido por queda ou pancada.

Assim se pode explicar, talvez, o bramir, das torrentes, cahindo nos concavos e cavernas daquelles montes. Eis como José de Vasconcellos em suas *Datas Cebres* descreve a batalha desse dia:

“Os exercitos de Schkoppe e Barreto encontram-se nos montes Guararapes e travam batalha; uma das mais importantes naquellas eras no Brazil e que muito influiu nos destinos de Pernambuco, pois Portugal já estava quasi resolvido a entregar a Capitania á Hollanda, á vista dos Conselhos de Gaspar Dias Ferreira e Padre Antonio Vieira.

“Nas duas primeiras horas de combate, os hollandezes, não só porque combatiam dous contra um, como por estarem mais bem armados, tiveram vantagem. Conheceu Barreto que devia atacar o inimigo com maior impetuosidade, e assim o fez entregando o commando

de uma divisão a D. Philippe Camarão, o de outra a Henrique Dias e o de outra a Fernandes Vieira, as quaes levaram a desordem ao centro das fileiras bátavas. Com tal impeto, porem, atacaram que as suas proprias tropas tambem desordenaram-se e tiveram de recuar, o que aproveitando o inimigo, avança, ficando, porem, mettido nos pantanos. Então Barreto organisa uma outra divisão, cujo commando entrega a Vidal de Negreiros que, em menos de duas horas, destroçou-as. Perderam os hollandezes:—515 homens mortos, 523 feridos, incluindo nesse numero Schkoppe, 1 peça, 33 bandeiras e muita munição.

“Todos os officiaes superiores, exceptuando o Coronel Van der Brande, foram feridos ou mortos, achando-se em o numero destes o Coronel Hendrich Houz. Nossa perda foi de 80 mortos e 400 feridos.”

Eis como o Visconde de Porto Seguro narra essa primeira batalha em sua *Historia Geral do Brazil*:

“A's 8 horas da manhã, era domingo de Paschoela, as forças hollandezas, que no dia antecedente haviam sahido do Recife para o sul, encontram, no ponto que fica entre os montes Guararapes e os alagados do mar, a guarda avançada de nossas forças: alli tinha fixado o general Francisco Barreto de Menezes o seu acampamento. Os nossos foram recuando á maneira que o inimigo avançava. Tinham as nossas forças por commandante o bravo Antonio Dias Cardoso, e a gente contraria era commandada pelo não menos intrepido general Segismundo von Schkopp. Barreto confiara a ala direita do seu pequeno exercito, de 2.400 homens, a André Vidal de Negreiros, tendo as suas ordens o denodado Camarão, e a esquerda a João Fernandes Vieira tendo Henrique Dias por segunda, e reservara para si,, o centro, ficando Cardoso por seu immediato. A pequena cavallaria, que havia, fora confiada ao capitão Antonio da Silva. Os hollandezes eram em numero de 4.500, quasi o dobro dos nossos.

“O combate começou pelo centro. O inimigo cahiu sobre os nossos com vigor. A nossa gente, porem, esperou-o sem dar um tiro; até que estivesse mais proximo; desfecha então sobre elle á queima roupa, com tal

violencia que o inimigo, de atordoado não poudo mais organisar-se, e começa a debandar na maior confusão, accommettido ao mesmo tempo pelos flancos por Vidal e Vieira. A acção se decidiu em muito pouco tempo, sahindo della ferido o general hollandez e 523 dos seus, deixando mortos no campo 470, entre elles os melhores de seus officiaes, em numero de 45. De nossa parte morreram 84 soldados e ficaram feridós cerca de 400. A vida de Vieira correu grande risco nessa batalha, morrendo o cavallo em que montava."

"E' tambem de grande interesse, sobretudo porque tem mais detalhes e é fonte mais directa, transcrever aqui a parte official do general Barreto de Menezes:

"Depois de estar no Recife, por espaço de nove mezes, fugi dos grandes apertos em que o inimigo me tinha posto, e entrei nessa campanha de Pernambuco, em 23 de Janeiro do anno presente. E posto que eu nella não governava acudi, com as advertencias necessarias a que os governadores dispuzesem com prevenção, em todas as cousas que necessitavam dellas. Começando, por este respeito, a effectuarem-se melhor todos os particulares, assim da guerra como do mais governo desta campanha; prevenindo-se em tudo o que mais preciso parecia, não só para a conservação da guerra defensiva, mas tambem para se mover toda a offensiva que fosse possivel.

"Chegou a armada do inimigo a 14 de Março, e desembarcou no Recife, o previniu toda sua infantaria até 18 de Abril, dia em que sahiu a campanha com seu Exercito, o qual constava de 4.500 infantes, 500 homens de mar, e 300 indios tapuyas; traziam em todos os seus batalhões 60 bandeiras, demais um estandarte grande, com as armas das Provincias Unidas e Estados Geraes, cinco peças de artilharia de bronze, muitos viveres, munições e dinheiro. Governava este exercito Segismundo Schkoppe, com seis coroneis, a saber: Haus van Elts, Hautyn, Pedro Hurweez, Van der Brande, e Brinck. Marchou para a parte da Barrêta; e, no mesmo dia 18 de Abril, me degolaram 40 homens, de 100 que estavam para defenza do mesmo posto da Barrêta, e trouxeram-me aviso de como se aquartellavam no dito posto. Ha-



vendo somente dous dias que da Bahia me tinha chegado ordem do Conde General para que governasse essas Capitánias, a qual por serviço de S. M. não quiz deixar de acceitar, não obstante o miseravel estado da terra, o grande poder do inimigo e o limitado como me achava para lhe fazer opposição, chamei logo a conselho aos mestres de campo André Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira e ao Tenente General e Capitão de infantaria, e propondo-lhes o estado das cousas, se resolveo em conselho que sahissemos a encontrar o inimigo; sem embargo de que o nosso poder não constava de mais de 2.200 homens, em que entrava o terço dos pretos do Governador Henrique Dias, e o dos índios do Capitão-mór Camarão; porquanto ficaram as estancias providas com 300 homens.

“Com esse limitado poder, marchei para os oiteiros dos Guararapes, e depois de os passar, fiz alto na baixa delles formando a Infanteria, pela melhor forma e modo a que o terreno me deu lugar:

“Naquelle sitio passei a noite. Ao outro dia, que era domingo de Paschoela, 19 de Abril, levantou o inimigo seu Exercito. Vindo marchando para os nossos começaram os batedores a peleja, e tanto que o inimigo se descobriu pelo alto dos montes dos Guararapes, mandei tocar a investir, tendo posto na vanguarda ao mestre de campo Fernandes Vieira, e para dar nos lados do inimigo o Capitão mór Camarão de uma parte, e da outra o governador Henrique Dias.

“Dada a primeira carga de ambas as partes investimos á espada, rompendo ao inimigo todos os batalhões. E porque dous de sua reserva, que ainda tinha em ser, se desviaram dos que iam rotos, e carregavam para a parte de Henrique Dias, o ajudassem a romper, com os dous batalhões que o iam accometter; mas os nossos Capitães, que, em dous terços, governavam os ditos 500 homens, não considerando os damnos que lhes podia vir de não observarem a ordem que levavam, investiram por outra parte, onde, pôr caminho mais abreviado lhes pareceu que havia occasião de maior destroço no inimigo; mas resultou deste engano não destruímos totalmente os contrarios; que, por não poder Henrique Dias sustentar

o pezo delles, se veio retirando sobre os nossos, os quaes por serem poucos e cansados, fizeram tambem o mesmo.

“Acudi logo a ter mão em todos, para que o inimigo não tornasse a cobrar sua artilharia, munições e dinheiro; mas não o pude conseguir; porque com a rôta que havíamos feito ao inimigo, estavam os nossos mais desordenados que os mesmos inimigos a quem romperam; porém, a poucos passos, me puz em um regato que havia na campanha; onde animando a uns e ferindo a outros da nossa Infantaria, o obriguei a fazer alto; e comecei a formar, mandando fazer o mesmo ao terço do mestre de Campo João Fernandes Vieira; e pondo na vanguarda ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, tornou, com pouca gente da sua, mas com grande esforço, a investir, com as mangas que o inimigo trazia diante de seus batalhões; e, escaramuçando com elles os tornou de novo a romper; matando alguns de seus capitães e muitos dos soldados. E começando-se novamente a pendencia, formando-se de uma e outra parte os campos durou a batalha por espaço de quattros horas, no fim das quaes, depois de se obrarem da nossa parte maravilhosos actos de valentia, assignalando-se nelles, geralmente, com o mestre de campo, todos os mais officiaes, o inimigo se retirou a occupar suas eminencias á nossa vista; retirando para detraz dellas os feridos que mais perto lhe ficavam. Considerando, eu, neste tempo, o quanto estavam cansados nossos soldados, havendo mais de vinte e quatro horas que não comiamos, e muitos d’elles occupados em retirar os mortos e feridos que tivemos, me deixei ficar formado na mesma frente do inimigo, mandando recolher as bandeiras que havíamos ganhado, que chegaram a trinta e trez, a saber o estandarte grande com as armas das Provincias Unidas, como já referi; e a qual tenho nesta Praça, dezenove bandeiras que remetti logo a Bahia ao Conde General, e treze que os nossos soldados pretos e indios não fazendo estimação dellas dizem que as tinham desfeitas para bandas e outras galas.

“Estando um campo á vista do outro por todo o dia, tanto que anoiteceu, mandei algumas tropas inquietar o inimigo, afim de que tambem na volta me trouxessem aviso de seus intentos; e posto que não seguissem todas

as ordens quanto convinha, não deixaram contudo de picar o inimigo, o qual no decurso da noite se retirou, sem que eu disso alcançasse noticia.

“Amanhecendo segunda-feira, dia de Nossa Senhora dos Prazeres, mandei descobrir o campo, achando, nas demonstrações delle, ter-se retirado o inimigo com grande pressa e destroço; pois deixou na campanha novecentos homens; entre elles alguns feridos, uma peça de artilharia de bronze, muitas munições e armas; as trinta e trez bandeiras que tinha referido, varias insignias; além de outros despojos de roupa e dinheiro, de que os nossos soldados se aproveitaram. Dos mortos dos inimigos foram muitas pessoas de conta, e as principaes dellas foram o Coronel Haus e o coronel Van Elts; e o coronel Hautyn morreu depois de chegar ao Recife; e, de alguns que aprisionamos, foi um coronel Pedro Heerwer; de sorte que, de seis coroneis que trazia o exercito, só dous escaparam de nossas mãos, Van der Brande e Erinek.

“Tambem tenho noticia certa, dos prisioneiros que tomamos, que os feridos que o inimigo retirou desta batalha foram mais de quinhentos; e entre elles o seu general Segismundo, com uma perna passada; e que os mortos que a nós, como acima digo, nos pareceram novecentos, passaram de mil: de nossa parte morreram, nesta occasião oitenta homens, contando tambem nestes os quarenta que já disse nos degolaram na estancia da Barrêta; os feridos perto de quatrocentos; mas, por mercê do Céu, todos sem perigo.

“Na mesma segunda feira marchei a occupar as nossas estancias fronteiras ao Recife; por ver que o inimigo se tinha recolhido as suas praças; e achei que um capitão, que deixei de guarda, no forte de uma bateria que tinha nos postos do Recife, o havia largado, por não haver já nelle artilharia alguma, o qual, vendo o inimigo desmantellado de tudo, o mandou occupar; e o mesmo fez á villa de Olinda, a qual tinhamos largado com cinco peças de ferro pequenas; que á pressa, com que foi preciso sahir ao encontro do inimigo, apenas deu lugar a mais que ajuntar a nossa pouca infantaria com que o investimos. Logo tornei a occupar os postos des



te arraial do Bom Jesus, e mandei marchar para a dita villa de Olinda ao governador Henrique Dias, com seu terço de pretos, algumas companhias de mulatos e uma de soldados brancos, com ordem que entrassem e investissem a dita villa, por muitas partes; o que os nossos fizeram com tanto valor que puzeram em fugida seicentos flamengos que nella estavam; recolhendo-se as suas forças ao Recife, que ficava em distancia de uma legua; matando-lhe neste conflicto cento cincoenta e tantos que ficaram no campo; em que entraram alguns officiaes, além de outros que deviam de morrer nas aguas a que se lançaram.

“Aprisionamos-lhes um francez, e recuperamos as nossas 5 peças de ferro que tínhamos deixado; as quaes mandei comboiar a este arraial. por ser bom accordo largarmos outra vez a villa; assim por não defensivel, e requerer para sua guarnição muita Infanteria, que a nós nos falta, como tambem por termos de assaltar outras vezes ao inimigo naquella paragem, aonde elle, até e presente não tornou mais.

“Nesta pendencia não houve da nossa parte que seis feridos, em que entrou um capitão, mas todos sem risco de vista.”

“Destes bons successos com que Deus favorece as armas de S. M., em tempo que a superioridade bem conhecida ao inimigo nos promettia total ruina, sem esperança alguma de victoria, que alcançamos, posso eu animar-me para outras maiores com o que o mesmo Senhor ha de livrar a christandade deste, com que os tyrannos francezes o ameaçam.”

## Recuperação de Olinda

—Depois da derrota soffrida pelos hollandezes nos montes Guararapes, os mesmos procuraram occupar a villa de Olinda e della fizeram expellir uma pequena guarnição que os chefes do movimento restaurador alli conservavam. Mas nossa gente tinha decidido retomar essa posição. Então recebe uma tal incumbencia o capitão Braz de Barros. Para esse fim partiu do Arraial

Novo do Bom Jesus, no dia 22, e foi pernoitar a meia legua distante de Olinda.

Pela madrugada elle manda dous soldados conhecedores do sitio fazer a exploração local. Elles, ao penetrarem na rua de São Pedro, logo frente a frente, dão com as sentinellas adversas que disparam as armas e gritam rebate. Braz de Barros, do local onde tinha ido aguardar o resultado ouviu e, tão rapidamente, chega que poude se abrigar sob as muralhas da fortificação desse ponto, antes que d'alli descarregassem as respectivas peças. Acto continuo da-lhe um assalto e com tanta intrepidez e felicidade que fica de posse da mesma. Os soldados que a guarneeciam se renderam, fugindo outros que no momento se achavam fora.

Dessa maneira novamente os pernambucanos ficaram senhores de Olinda.

Fallece a 9 de Agosto, no Arraial Novo do Bom Jesus, o celebre indio o heróe D. Antonio Filippe Camarão. Foi sepultado na igreja do Rosario, matriz da Varzea, a pequena distancia do mesmo Arraial.

D. Antonio Filippe Camarão, nascera em 1601 na aldeia do Siri, margens do rio desse nome, hoje territorio da freguezia de N. S. do O', municipio de Goyanna Fora educado na religião catholica e baptisado em 1612 com o nome de Antonio, addicionando-lhe depois o de Filippe, como lembrança das honras recebidas desse rei de Hespanha e Portugal, e juntando por fim a esses dous o de *Camarão*, de seu primitivo nome *Poty* traduzido em portuguez. Camarão, muito cedo fez-se de um grande valor entre os seus e assim foi o chefe de sua aldeia, e ainda de outra visinha, cujo territorio é actualmente um engenho de assucar na freguezia e municipio de Pau d'Alho. O local conserva desde 1660 a denominação *Aldeia*, dada por seu fundador Bartholomeu de Hollanda Cavaleanti, neto de Arnau de Hollanda, como reminiscencia daquella *Aldeia de Camarão*.

Aos reclamos da patria, em 1630, por occasião da invasão rollandeza, elle apresenta-se ao general Mathias

de Albuquerque com seu exercito de crecido numero de indios e incorporado ao outro da resistencia pernambucana intrepido esperou o inimigo.

Dessa epoca se inicia a serie ininterrupta de seus feitos extraordinarios.

No campo do Bom Jesus, Camarão, dirigindo a sua milicia foi insubstituivel nas investidas terriveis contra os hollandezes. Bateu em inesperado choque as tropas do general Henrique Lonck quando seguiam pelo isthmo para Olinda. Nas emboscadas de Agua Fria na occasião em que os inimigos seguiam para o Arraial Velho ou de Mathias de Albuquerque, tambem muito se distinguiu com sua força, lhe valendo isso que el-Rei, pela carta de 14 de Agosto de 1633, lhe conferisse o habito de Christo, brazão de armas, quarenta mil reis de sôldo e a patente de capitão-mór dos indios.

Quando Segismundo Schkoppe tentou apoderar-se, do Campo Real em 18 de Agosto do mesmo anno de 1634, na victoria obtida muito se lhe deve. Os hollandezes na verdade o temam. E' digno de menção o que disse o general Arcizenki quando batido por Camarão no ataque de Goyanna: "Ha mais de quarenta annos que milito na Polonia, Allemanha e Flandres, occupando sem interrupção postos honrosos, só o indio brasileiro Camarão veio abater-me o orgulho."

Para melhor se aquilatar de seu merito e valor não é pouco dizer-se que o rei Philippe IV concedeu-lhe o fôro de fidalgo da casa real, o titulo de Dom e a cruz do habito de Christo.

No ataque da Matta Redonda, em 1635, tudo se perderia si Camarão não obstasse as consequencias de uma completa derrota por meio de acertadas manobras, protegendo uma retirada perigosa. Este era o genio da guerra.

Percorreu com seus soldados grande extensão de Pernambuco, em differentes direcções, entrando em muitas guerrilhas. Sua espada por onde passava varria tudo que pertencia ao inimigo.

Em 1639 esteve no Rio Grande do Norte e d'ahi seguiu por terra e pelo interior para a Bahia, incorporado á divisão de Luiz Barbalho Bezerra.



Depois da retirada impensada do príncipe Maurício de Nassau para a Hollanda, ao grito de revolta dos patricios opprimidos, voltou da Bahia em 1645 para eollaborar na obra da liberdade em que reclamaram seus serviços.

O glorioso feito dos montes das Tabocas, a batalha de Casa Firte, a defeza dos habitantes da Parahyba e Rio Grande do Norte, a victoria do ataque do Arraial Novo, e a batalha de 19 de Abril—dos Guararapes,—ultimos episodio da vida do guerreiro, em toda parte deixou assignalado fulgentemente o signal de sua trajectoria de bravura.

Rememorando o nome do famoso indio, o Conego Dr. Fernando Pinheiro se expressa do seguinte modo, em certo trecho de seu escripto: Diga-o Cunhahu' onde capitaneando 350 indios e 250 portuguezes, pôz em completa debandada os inimigos, arrazando as trincheiras que comtanto afan haivam construido e juncado o campo de mortos e feridos: digam-nos, finalmente, os montes Guararapes, essas Thermopylas Pernambucanas, que a 19 de Abril de 1648, contemplaram o denodo com que, pelejando na ala direita do exercito libertador, fez fugir diante de seus *Carijós*, os aguerridos soldados de Segismundo, tecendo com suas heroicas mãos, a grinalda da victoria nesse dia depositada no altar da patria. . .”

Ficando sua aldeia em região comprehendida por cathequese dos padres jesuitas, estes descobrindo em Camarão uma “intelligencia facil desejosa de aprender e de penetração aguda”, ensinaram-lhe não somente a ler, escrever, mas ainda alguma cousa do latim. Tambem fallava e escrevia o hollandez.

D. Antonio Filippe Camarão era casado religiosamente com D. Clara Camarão, um dos nomes consagrados nas paginas das *Brazileiras Celebres* do Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva. Essa heroína seguia a sorte de seu esposo acompanhando-o aos combates, expedições e por toda a parte. Ella se associava as suas victorias, com um ardor digno do de seu esposo.

Pouco tempo depois do combate de Guararapes, ac-

commettido de uma febre perniciosa, succumbiu o grande Camarão aos 47 annos de idade.

O Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa em um interessante trabalho publicado em avulso, e tambem inserido nos ultimos numeros da *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* estuda minuciosamente a vida de D. Antonio Philippe Camarão, resolvendo certos pontos até então obscuros. Vale a pena lêr-se essa biographia do extraordinario indio.

Em todo o resto desse anno de 1649 o facto digno de menção foi a sahida da esquadra hollandeza do porto do Recife indo effectuar um desembarque no Reconcavo da Bahia.

D'alli, depois de devastar e depredar aquella côsta e seus habitantes, voltou carregada de despojos e viveres que escasseavam na praça.

Durante esse intervallo os patriotas aproveitaram o tempo cuidando de tudo que mais os interessava no ideal e esperança da libertação dos oppressores.

## Segunda Batalha dos Cuararapes

Os do Conselho Supremo, fatigados pelo longo e rigoroso sitio cujos males causados eram immensos, deliberaram levantar o assedio, e seguir na direcção do sul com o fim de tentar uma nova batalha. O Coronel Brinck foi incumbido do commando. Sahiu do Recife a 17 de Fevereiro, á noite, foi acampar-se naquelles mesmos Guararapes que já uma vez tinham sido tão fatal ás armas hollandezas. Longe de causar temores aos nossos aquellas disposições dos contrarios, elles decidiram no dia 18 sem demora irem-lhes ao encontro, afim mesmo de provocar o combate. Deixando no Arraial uma pequena guarnição, seguiram com 2.600 homens até ao sopé dos montes. Alli tomaram posição durante á noite, até que pela manhã do dia seguinte (19 de Fevereiro), renhida lucta travou-se com furia igual de ambos os la-



dos. Eis como o Visconde de Porto Seguro descreve essa batalha:

“Na noite de 17 de Fevereiro (1649), uma força de trez mil quinhentos e dez praças, incluindo algumas não combatentes, se punha em marcha, alem dos Afogados, com os embornaes providos para oito dias, como na sahida effectuada dez mezes antes. Commandava esta força o coronel Brink, em virtude de achar-se ainda em cura da ferida recebida no artelho, o tenente general Segismundo van Schoppe. Passado na vasante o rio dos Afogados, firam todos amanhecer na Barrêta, e d’ahi seguiram em ordem de marcha até a abegoaria de Antonio Cavalcante; e depois de um pequeno descanso, para se proverem d’agua, que é a melhor do caminho, foram tomar posição nos Guararapes, occupando as alturas, e o passo ou desfiladeiros que os outros haviam primeiro occupado na acção precedente.

“Informado Barreto desta marcha, levantou campo e com uns dois mil e seiscentos homens, se dirigiu logo, provavelmente pelo caminho da Ibura e Zumby, para os mesmos Guararapes, onde, pela volta das quatro da tarde, avistou os contrarios ao chegar a uma altura, que chamavam do Oityseiro, talvez em virtude de alguma arvore mais corpulenta das que produzem os oitys, e que ahi abunda.

“Nessa tarde nada occorreu de notavel; mostrando-se apenas, de longe, pequenas escoltas de a pé e a cavallo, contra as quaes disparou o inimigo alguns tiros, com as suas peças de campanha.

“Uma tal apparição dos nossos por esse lado, e em rebate falso que de noite ahi deram, levou o mesmo inimigo a estabelecer dessa banda guardas e vedetas, e a levantar trincheiras, passando quasi toda a noite alerta; sendo que logo Barreto se aproveitou da escuridão da mesma noite para seguir ao engenho chamado dos Guararapes, fazendo as suas tropas bivacuar na varzea de cannaviaes e mattas, ao sul dos montes do mesmo nome, apoiando-se nos alagados, e continuando já quasi o inimigo pela banda do Sul.

“Somente ao amanhecer foi que Brink poude reconhecer o que lhe passara; e tratou logo de mudar sua



primitiva linha de batalha, collocando-se com a frente para a varzea, sobre o alto do valle ou boqueirão, em cima do qual se vê hoje alvejar a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres.

“Em todo o caso, as suas tropas tinham levado toda em vela, ao passo que as nossas haviam dormido muito tranquillias, do lado opposto aquelles onde os lontrarios as faziam.

“Meros espectadores um do outro, se conservaram os dous pequenos exercitos até o meio dia. Os hollandezes confiados nas suas posições, se limitaram a intentar una provocação, mandando avançar um pelotão, que se retirou com um ferido, porem sem ser perseguido; levando, porem, a certeza de que parte das armás contrarias eram arcabuzes, e de maior alcance que as suas. Contra alguns dos nossos que se mostraram, dispararam ao mesmo tempo alguns tiros, que pouco mal causaram.

“Afinal Brink, cansado de esperar ao sol, e numa paragem falta d’agua, ao passo que os nossos permaneciam abrigados á sombra e protegidos pelos pantanos e o matto, e sem dar signaes de impaciência, resolveu convocar a conselho os officiaes superiores; para decidir o partido que se deveria tomar. Todos foram de voto que não se deveria ficar alli por mais tempo do modo que estavam; preferindo antes marchar nessa noite, quer para o Cabo de Santo Agostinho, quer para a Varzea, cortando aos nossos a retirada. Nenhum desses dous arbitrios foi, porem, adoptado por Brink, nem pelo conselheiro adjuncto Van Goch; que resolveram ordenar a retirada outra vez para a Barrêta, e esperar ahi novas ordens; em não effectuar essa retirada de noite, o que poderia mostrar medo, mas immediatamente e em presença do exercito contrario. O commissario Van Goch se incumbiu de ir ao Recife dar, a respeito dessa resolução, as explicações convenientes a seus companheiros e pedir novas ordens.

“Por volta das tres horas da tarde começaram os que occupavam as alturas a desamparal-as em retirada, descendo ao boqueirão, para irem fraldejando os serros, buscar a entrada no passo ou desfiladeiro entre elles e a costa. Marchou primeiro um regimento, e depois a artilheria flanquada por duas companhias. Seguiram-

se dous outros regimentos mandados um pelo Coronel Hautyn, e o outro pelo transfuga Claes (já com a patente de tenente coronel), quando Barreto, vendo que o inimigo havia abandonado as fortes posições que occupava, e por ventura imaginando que elle projectava, sem combater, invadir para as bandas do sul, se resolveu atacar o, mandando avançar.

“Apresentaram-lhe primeiro resistencia cinco companhias do inimigo, que formavam a sua rectaguarda, ao mando do Capitão Tenbergen, em quanto se organisavam, para entrar em combate, duas columnas, ao mando dos dous mencionados chefes Hautyn e Claes; logo avançou aquelle, carregando pela direita, mas foi repellido pela cavallaria da nossa parte, que feriu ao mesmo Hautyn, obrigando-o a retirar-se. Apezar de ferido, reunir o mesmo Hautyn os seus, e juntando-se á força que commandou Claes, atacaram ambos aos nossos, já senhores da estrada; mas viram-se obrigados a retirar-se para a banda dos serros, e por causa da grande força dos contrarios, que atacaram então com tanto impeto que as tropas hollandezas começaram a fugir, sendo em breve tal a confusão que, nem por palavras nem por força, poderam ser contidos os que fugiam e esta confusão foi consideravelmente augmentada pelos corpos dos coroneis Van den Brand e Van Elts, que baixando dos montes para acudir, lançaram-se de envolta com os regimentos mencionados... e introduziram a mais completa desordem (Palavras dos officios de Migueel Van Goeh, ao presidente do Conselho do Recife, em 22 de Fevereiro de 1649.)

“O inimigo ficou de todo destroçado: e a victoria foi para os nossos ainda mais completa que a do anno antecedente. Alem do chefe Brinck, perderam os contrarios cento e setenta e trez officiaes inferiores, a saber: quatro tenentes coroneis, quatro majores, 35 capitães, 32 tenentes, 26 alferes e 49 sargentos; e mais 855 mortos e 90 prisioneiros; a que tudo fez um total de 1045 homens. Ficaram, alem disso, cinco peças de campanha e cinco bandeiras.

“O inimigo reconheceu sua derrota e a confessou officialmente, attribuindo-a á cobardia dos proprios soldados.



“A perda dos nossos foi avaliada em quarenta e cinco mortos e duzentos feridos, entrando nesse numero o bravo Henrique Dias que, pela ultima vez, derramou nesta campanha o seu sangue pela patria.”

Recolhido ao Recife o enfraquecido exercito holandez, Segismundo fez pedir ao general Barreto de Menezes a suspensão de armas por alguns dias afim de serem sepultados os mortos. Foi concedida.

Em acção de graças por ambas as victorias alcançadas, o mesmo general Francisco Barreto de Menezes, logo depois de acabada a guerra, no proprio theatro do acontecimento e á sua propria custa, fez erguer uma Capella dedicada á invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, a qual elle confiou aos beneditinos de Pernambuco. Tinha sido exactamente, e por uma coincidência, no dia consagrado pela religião catholica ao culto daquelle patrocínio que se ferira a primeira batalha. Mais tarde, em 1782, os mesmos beneditinos converteram a primitiva capella na vistosa igreja de duas torres que ainda alli se alteia magestosa no cimo de um dos montes.

Quem viaja na linha ferrea de São Francisco, muito distante ainda da estação dos Prazeres,—a que convém ao visitante em busca d'aquellas paragens,—a divisa sollemnemente sobresahindo no meio da verdura que corôa aos montes Guárarapes.

Penetrando no templo o viajante pode ler em uma grande louza de 2m 42 de comprimento e 0,m 38 de largura, linha por linha e letra por letra a seguinte inscripção:

## 1 6 9 4

*O mestre de campo general dos Estados do Brazil, Francisco Barreto, mandou em acção de graças, edificar asva custa esta Capela a Virgem Senhora nossa dos Prazeres com ceo favor alcançov neste lugar as duas memoraveis victorias contra o inimigo holandez, a primeira em 18 de Abril de 1648, em domingo da Paschoella vespera da ditta Senhora a segunda em 18 do Fevereiro de 1649 em hva sexta-feira oltimamente em 27 de Janeiro de 1654 ganhov o reciffe e todas as mais prassas, que o inimigo pesuhio 24 annos.*



Em 1781 mandou o governador José Cezar de Menezes pintar a batalha de Guararapes no forro do côo da igreja da Conceição dos Militares do Recife. — Diz o historiador o mosenhor Muniz Tavares. “O pincel não é de Raphael de Urbino nem de Corregio, foi, porem, de um artista pernambucano patriotamente inspirado; elle pintou com fidelidade o que em seu peito e cerebro encerrava,—deixou-nos uma memoria, para que jamais esquecessemos o dia em que o batavo destroçado desappareceu dentre nós.”

Ainda na igreja dos Prazeres, que a piedade christã de nossos antepassados ergueu sobre as memoraveis colinas dos Guararapes, se notam dous grandes quadros a oleo sobre madeira. Representam os dous heroicos feitos de armas, cujo scenario foi o mesmo sitio onde a magestade do templo imprime á recordação de que elle é um symbolo, alguma cousa de solemne e grave, que torna contemplativo o observador.

No primeiro painel collocado ao lado esquerdo ao entrar da igreja se vê esta legenda:

“Pequena representação da ventura, que hoje lo-gram no Brazil seus naturaes, por especial favor da Virgem Maria Mãe de Deus, cheia de prazer com que seu divino empenho moveu aos animos dos antepassados nos- sos, que, segundo a disciplina do Governador General Francisco Barreto de Menezes á astuciosa intelligencia do Mestre de Campo, João Fernandes Vieira, e ao valôr do Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, se viram nestes montes dos Guararapes, copiosos rios de sangue, com que o batavo hollandez, pretendia destruir o pequeno numero que havia, porem, se viram em poucas horas com 3.000 homens mortos, e da nossa parte com 40, e assim foram destruidos e nós triumphantes aos prazeres de Maria, tudo lhe devemos, e a vós, ó Virgem Santissima, nos restaurastes, e cheios de jubilo vos damos mil louvores. Os heróes portuguezes foram 1.º o general Francisco Barreto de Menezes; 2.º o Mestre de Campo João Fernandes Vieira; 3.º André Vidal de Negreiros; 4.º Governador dos Indios, D. Antonio Filippe Camarão; 5.º Governador dos Prêtos, Henrique Dias. E dos Hollandezes: 6.º o General Segismundo; 7.º Coronel Brinck;

8.º o Coronel Vaneles; 9.º Coronel Hevert; 10.º Coronel I  
Guilherme Austin; 11.º Henrique Hus.”

“Feitos no anno de 1801, sendo o Sr. D. Abbade, o  
Muito Reverendo Padre Mestre ex-Provincial Frei Luiz  
da Assumpção e Administrador desta Capella, o Muito  
Reverendo Padre Mestre ex-Definidor e terceiro provin-  
cial.”

O segundo painel, collocado no lado opposto, tem  
esta inscripção:

“Aos 18 de fevereiro de 1649 se viram estes montes  
matizados de uma risonha primavera com que se adorna-  
ram seus espaçosos valles, pois na pompa com que o tra-  
jou o hollandez este dia, prodigios foram de sua ruina e  
annuncio de sua desditosa sorte.”

“Quando esperavam vencer cheios de alegria se  
achavam num tumulto de maior sentimento: os grandes  
favôres da Mãe de Deus com que sua protecção nos mos-  
trou que marchando o barbaro hollandez com o numero  
de 12.500 homens, a da nossa parte entre brancos, indios  
e pretos enchiam o numero de 2.600. Fortuna que só  
maginava os nossos corações, a nossa santissima fé e com  
ella dirigindo os louvores a nossa Mãe Santissima; sahi-  
mos triumfantes e não vencidos: numero 1.º General  
Francisco Barreto de Menezes; 2.º Mestre de Campo  
João Fernandes Vieira; 3.º Mestre de Campo André Vi-  
dal de Negreiros; 4.º Governador dos Indios D. Antonio  
Filippe Camarão; 5.º Governador dos Pretos Henrique  
Dias; 6.º Governador hollandez Segismundo; 7.º Coro-  
nel Van delbrand; e 8.º Coronel Olaz.”

“Estes são os heróes que a fama nos apresenta,  
aquelles libertadores da Patria, estes perseguidores dos  
Templos. A quem senão, vos, ó Divina Maria, devemos  
esta Victoria.”

Quem escreve estas linhas, em Janeiro de 1899, teve  
ocasião de visitar em companhia do historiographo Pa-  
dre Raphael Galanti, aquelles historicos montes e constatar  
todas esses inscripções a que se refere aqui. Tam-  
bem verificou que a perfeita exactidão das que vem na  
obra do Visconde de Porto Seguro—*Historia das luctas  
com os hollanlezes no Brazil*.



Passaram alguns mezes havendo suspensão de armas de lado a lado. Ambos se occuparam em reparar os prejuizos soffridos, disciplinar seus soldados e aprestar-se para nova lucta.

Em 25 de Agosto o general Segismundo resolveu quebrar esse estado de quietação, ou melhor de paralisação de armas. Mandou um grosso de infantaria, pela estância do *Mendonça* (hoje se chama Magdalena, freguezia do Rosario da Torre, e municipio do Recife), afim de verificar o estado de nossa vigilancia nos postos avançados. Havendo a exploração seguido pela fortaleza dos Afogados, como caminho mais curto, e mesmo onde se presumia haver descuido, as sentinellas despertadas bradaram armas. Então o capitão Borges Uchôa com a gente do presidio atirou-se ao inimigo, tão inopinadamente que o mesmo logo recuou, mas deixando sete mortos e sahindo outros bastantes feridos.

—Nova investida dos holandezes a 7 de Outubro. Nessa data uma columna de suas tropas sahe do Recife e vai atacar á estância do Aguiar, assim chamada porque tinha á frente de sua defeza o Capitão Manuel de Aguiar. Este com seus soldados rebateram os assaltantes que são forçados a fugir com grande perda.

Outra tentativa ainda é feita pelos holandezes, a 15 de Dezembro, sobre a estância das *Salinas*. Primeiramente se emboscaram entre os mangues, mas os nossos diso tiveram conhecimento e valorosamente os investiram. Da-se um tiroteio nesse encontro, o inimigo deixa o mosquete pela espada desembanhada, e por fim sentindo-se fraco céde fugindo. Em tal fuga a perda de soldados foi maior que na resistencia.

—Entra o anno de 1650 e os holandezes continuam sem vantagens nessas surpresas e sortidas. Concentram-se nos recintos de suas fortificações e alli já confiam mais no escasseamento de nossos recursos do que nos elementos de resistencia de suas armas. Precisam, entretanto, nos occultar essa situação critica a que iam chegando. E para isso, com o pretexto de atacar os moradores do rio São Francisco, Segismundo organisa uma



frota com direcção áquelle logar. Ella partiu de facto para alli, mas sobretudo com o fim de trazer-lhes mantimentos para sua exausta praça.

Emquanto taes factos se davam, no mez de Fevereiro desse anno, passava, á vista do Recife, uma esquadra conduzindo em seu bórdo o Conde de Castello Melhor, Governador Geral que ia tomar posse na Bahia.

E voltou a mesma nesse anno ainda, commandada pelo almirante Pedro Jacques Magalhães. Nem siquer veio prestar o minimo auxilio aos patriotas de Pernambuco.

O general Barreto tendo sciencia da expedição ao São Francisco, a 5 de Janeiro de 1651, afim de prevenir aos moradores daquella região e ajudar a bater o inimigo, fez partir o sargento-mór Antonio Dias Cardoso com um reforço de 500 homens. Na praça Mauricia foi sabido, e ainda com tempo, poderam avisar á fróta flamenega. Então esta volta sem conseguir os intentos que, dizia, alli conduzir-a. Cardoso, porem, já não a encontrou e regressa para o Arrayal Novo do Bom Jesus, inutilizando antes o que servisse ao inimigo e trazendo quanto julgou de utilidade para o exercito libertador.

—Uma lancha inimiga vagava a 6 de Março e como se encaminhando para á Barrêta. O capitão Jacome Bezerra isso notando sahio a seu encalço.

Na mesma ia a esposa do Commandante da fortaleza que junto com o barco foi aprisionada.

—Continuaram os nossos na maior vigilancia. Successivamente armavam eiladas aos flamengos. Estes, que não sahiam de suas muralhas, na manhã de 7 de Abril, deliberou outra vez atacar com 300 homens a estancia do Mendonça. Foram repellidos e deixaram no campo 15 mortos

—Por esse tempo o mestre de campo general foi informado de que os hollandezes, audazes, tentavam dominar ainda no Rio Grande do Norte. Fez, desde logo, encaminhar para aquelle logar o capitão João Barboza Pinto com 300 homens. Os contrarios com muitos indios, e afim de bem se defenderem, acastellaram-se em uma fortificação do sitio *Guarahyras*, por elles reputada bem resistente. Entretanto nella depressa encontraram

a derrota, pois tiveram 83 prisioneiros inclusive indios e negros. Pinto, após ter feito a maior destruição em tudo que não era portatil, tornou ao Recife com bastante gado e sobejos recursos.

—Na estancia do Aguiar, em que os hollandezes renovaram outra tentativa para tomal-a, foram perseguidos tenazmente com os nossos golpes. Abandonam então precipitadamente a arena de combate, deixando crescido numero de mortos e vão procurar o refugio de sua artilheria.

—Seis mezes descansou o hollandez suas armas. Mas o general das nossas forças, para destas não deixar arrefecer o calor da lucta, determinou ao sargento-mór Dias Cardoso de ir com 400 soldados fazer uma emboscada entre as fortalezas de Afogados e Barrêta. Ahi o inimigo foi provocado por um grupo de soldados. Da Barreta como vissem o exiguo numero que tinham a combater, certos da vantagem sobre os mesmos pelo numero, investiram contra os atacantes. Dos Afogados concurentemente lhes vem tambem logo em soccorro. Então os nossos surgem das emboscadas, unem-se num esquadrao e fazem frente ao inimigo simultaneo. Terrivel é a peleja de hora e meia. E' vencido o flamengo pelo numero e vigor dos nossos, e foge em desordem. Uns se atiram ao rio onde encontram a morte, outros se amparam nas fortaleza. No campo de acção ficaram 15 mortos e muitos feridos. Victoriosos os nossos se encaminharam para o acampamento.

Do mesmo modo que D. João IV persistia nada fazendo pelos insurgentes de Pernambuco, da Hollanda os Estados Geraes já não enviavam tambem mais soccorros ao Brazil, por julgarem inuteis seus esforços. Nas proprias forças e na pertinacia de seu animo e resistencia é que unicamente se sustentavam os belligerantes.

No correr do anno de 1652 chegou ao general Barreto a noticia de que os hollandezes do Rio Grande do Norte tinham abundancia de pau-brazil e de viveres, que deviam em breve ser recebido em sua praça do Recife. O sargento mór Antonio Dias Cardoso, mais uma vez, foi o incumbido da missão de ir recolher todo o carregamento d'aquella madeira, e bem assim de destruir tudo que era



o objecto da producção dos mantimentos para o inimigo. Assim, do Arraial partindo a 20 de Maio, levando 500 homens, em breve regressava com o desempenho completo da expedição.

Foi extremamente sensível ao inimigo esse golpe. Feria-o duplamente em a nutrição do corpo, que era a propria existencia, e nos interesses de outra ordem.

Por espaço maior de seis mezes nenhuma tentativa elle ousou contra os patriotas.

Mas esse estado não podia continuar e, muito menos, ser duradoura. Desesperados os hollandezes para se sahirem dessas terriveis difficuldades, porque tudo falhava, a 11 de Março de 1653, tentaram o meio de melhorar a sorte, fazendo por surpresa uma sortida á fortaleza do Arraial.

Segismundo conhecia a difficuldade da empreza e viu mesmo que a transição para o *desideratum* era vencer a estancia do Aguiar. Era commandante desta, Affonso de Albuquerque, e, ao descobrir o inimigo, recebeu o com toda a guarnição de sua praça de guerra.

Fere-se combate porfiado e cheio de valor, onde os hollandezes foram obrigados a largar o campo com grande mortandade e feridos...

Mas, não passado muito tempo, elles voltam a carga, com maior reforço, pretendendo até roçar o matto que encobria a estancia *Aguiar*, para que melhor a artilheria pudesse alvejar-a, e despejar suas cargas. Tinham tambem se embosecado e esperavam a sahida de nossa gente, para apanhal-a de improviso, cahindo-lhes ás mãos e seguidamente se apoderar da estancia. Tudo sahiu errado, mais uma vez se illudiram, crendo haver descuidos e facilidades no campo adverso.

O Mestre de Campo General, desde a primeira sortida, por prevenção, reforçara o presidio e o Arraial Novo. Quando os batavos vieram segunda vez o capitão Paulo Teixeira, com muito bôa gente, rompeu as embosecadas, investiu o esquadrão inimigo e fel-o recuar assombrado ante o numero crescido e inesperado.

Pelas trez horas da tarde, eil-o ainda com dobrado exercito, furioso e arrogante. No mesmo posto de resistencia encontrou os restauradores. Avançou o exerci-



to batavo, trava-se a lucta, o tiroteio dura algum tempo. Em meio, os nossos vão á ferro frio, e o inimigo deixa o campo, com grande desordem e perda...

—Em quanto essas cousas se vão dando, no Recife cresce a falta de viveres. Da Hollanda, donde tudo esperam, nada chega. Então o general Segismundo forçado pela necessidade, apresta algumas embarcações armadas em guerra, e fal-as seguir com destino ao São Francisco, afim de trazer-lhe gados e mantimentos. O capitão Francisco Barreiros, commandante daquelle ponto, com a sua companhia, na paragem Santa Isabel, teve com o inimigo um encontro porfiado, onde delle morreram 57 soldados. Nesse embate perdem tambem esse intrepido capitão Barreiros, e trez soldados, sendo feridos doze. A infausta nova echoou no Arraial com a maior tristeza, porque elle bem merecia o sentimento que causou.

Não resignados os hollandezes com os constantes reveses, mais uma vez intentam pela parte de Afogados e com trezentos homens, roçar o matto que se interpunha até áquella estancia *Aguiar*.

Guarnecida a mesma na occasião, pelo destemido capitão Francisco Pereira Guimarães, este com sessenta soldados intrincheirados poude impedil-o. A 12 de Novembro, nova investida com 500 soldados; e, depois de um grande tiroteio, lado a lado, em que tambem o capitão Manuel de Aguiar vem reforçado ao encontro do inimigo, este é desbaratado.

—No mez de Dezembro desse anno de 1653 começavam os patriotas a sentir o cansaço da solução dessa guerra tão longa. Desejavam vel-a terminar logo, fosse como fosse. Entre si se queixavam, e a João Fernandes Vieira, que lhes tinha sido companheiro e accitava a direcção da insurreição, foram transmittir seus sentimentos. Elle os achando justos foi a Barreto de Menezes communicar-os, e indicar-lhe uma lembrança para concluir a guerra.

O alvitre era que, estando prosimo a chegar a esquadra portugueza, commandada pelo general Pedro Jacques de Magalhães, e o almirante Francisco de Britto Freire, a mesma em serviço da Companhia Geral de

Commercio, elle, nosso general, se dirigisse a seu commandante em chefe, scientificando-o de tudo e pedisse contra os hollandezes seu auxilio no mar, pois em terra elles fariam o resto. Barreto approvou a opinião, mas, como medida prudente, resolvi reunir em conselho os mestres de campo e ouvir-lhes o parecer.

Assim reunidos, o primeiro a manifestar-se foi o mestre de Campo Francisco Figueirôa. Este sustentou a impossibilidade do exito, porque não tinham artilheria para bater tantas praças, celleiros para sustentar o assedio, e thesouro para pagar os necessarios batalhões. Seguindo-se-lhe André Vidal, teve parecer contrario e julgou a empreza possivel, de mais receios que perigos, concluindo ter fé na Protecção Divina para triumphar das difficuldades, e com João Fernandes Vieira concordou ser caso de esperanza recordando as muitas brilhantes victorias já alcançadas. Fernandes Vieira acrescentou que a occasião era a mais propicia, pois que ao inimigo faltava gente e soccorro, enquanto a elles a frota portugueza uma e outra cousa podia dar. Terminou essa reunião Barreto de Menezes promettendo solicitar apoio e assistencia da esquadra.

—A 20 de Dezembro ella aporta a Pernambuco. Francisco Barreto mandou visitar o general, chefe da frota, e dar-lhe em seu nome os parabens de bôa viagem e at mesmo tempo pedir-lhe licença para pessoalmente satisfazer essa obrigação. Agradecido por essa fineza o commandante da frota logo pagou a visita vindo á terra.

Naquella occasião Barreto de Menezes narrou-lhe as circumstancias em que se achavam, e pediu-lhe a protecção e soccorro em nome do *Serviço de Deus*, da *utilidade do Reino*, dos *interesses da Companhia que representavam e como unico remedio dos pernambucanos*.

O general da armada, escusando-se a attender, disse “que o dever lhe *atava as mãos* á piedade, não trazia ordem de seu Rei para a minima hostilidade, nem da Companhia geral para o menor desvio daquella frota, obrigado por juramento a conservação e breve despacho della; que fazer o contrario poderia exasperar o inimigo e alterar as pazes com o reino, e pagar elle com a cabeça a desobediencia e o damno, porque se não havia de julgar



por leve culpa, o que commettesse em offensa de nação tão bellicosa.”

Insistiram tanto os mestres de campo Barreto, Viciira e Vidal, tão fortes razões allegaram que o general e o almirante cruzando os braços se renderam ao instante pedido.

Desta maneira assentou-se a 25 de Dezembro, dia de Natal, em conselho de officiaes reunidos no acampamento pernambucano, que a esquadra bloquearia o porto do Recife, em quanto o exercito atacaria as fortificações exteriores do inimigo.

Assentada a conquista das praças, resolveu-se começar o ataque pelo continente, no *forte das Salinas*, chamado de Francisco do Rego, porque era o de menor resistencia, e de melhor resultado. Dalli facilmente se fazia a passagem do rio (hoje chamam *Bacia de Santo Amaro*) e se tinha em descortino as fortalezas *Perrexil*, *Brum e Buraco do Santiago*, e ao mesmo tempo se podia varejar o *Recife* (refere as freguezias de S. Antonio e S. José, dessa cidade) e a *Barra*.

### A restauração. Fim do dominio Hollandez

Approximava-se a hora final da expulsão hollandeza.

Entrou o anno de 1654. A 5 de Janeiro a esquadra de Jacques Magalhães que tinha ido fundear na enseada de Nazareth do Cabo, 20 milhas ao sul do Recife, volta d'alli e nesse dia começa a desembarcar a infantaria e munições que trazia.

Depois postou-se de modo que interceptou todo o auxilio que podesse vir do lado do mar, á praça do Recife, a esse tempo tambem sitiada *dos nossos por terra*.

Em a noite de 15 de Janeiro, data em que a egreja commemora Santo Amaro, começou o ataque pelo forte das Salinas que rendeu-se com 8 officiaes e 70 soldados. A 19, á tarde, entrega-se o forte *Altemar* á margem direita do rio Beberibe, tenazmente atacado desde o dia 17. Tinha uma guarnição de 180 praças que foi embarcada na esquadra de Pedro Jacques. No seguinte



dia a nossa gente occupa as fortalezas dos *Afogados* (Principe Guilherme, do *Brum e Buraco*, abandonadas pelos hollandezes, durante a noite para se concentrarem no Recife e melhor poderem defender a praça. Na tarde desse mesmo dia nossas forças dirigidas por Vidal de Negreiros avançaram para bater a fortaleza das *Cinco Pontas*. O reducto *Amelia*, porem, situado no local hoje denominado *Pontal da Cabana*, em frente á ilha do Pina, somente foi tomado pelo mesmo chefe á 21. Elle teve de esperar a vasante da maré pois nessa epoca as aguas enchiam o espaço intermedio. Desse reducto nenhum vetigio se encontra mais.

Inteiramente sitiados e batidos no Recife os hollandezes, a 23, deliberam capitular. Pediram suspensão de armas, afim de mandarem ao nosso campo um parlamentar tratar do assumpto, e no dia seguinte começam as conferencias na *Campina do Taborda*, entre commissarios. De nossa parte representaram: o ouvidor auditor Francisco Alvares Moreira, o capitão secretario do exercito Manuel Gonçalves Correia, e o capitão reformado Afonso de Albuquerque; e por parte dos hollandezes: o conselheiro Gilberto de With, presidente dos escabinos e director das barcas *pichelingues* do porto, Hunbrecht Brest e o Capitão Wault van Loo. Reuniram-se a esses para tratarem de assumpto da milicia—pelo lado dos pernambucanos—André Vidal, e pelo lado hollandez—tenente Cironel Willelm van de Wall. Juntas as duas commissões, os hollandezes propuzeram que a capitulação fosse decidida pelos respectivos governos na Europa. Não tolerando os nossos, similhante proposta, mas exigindo immediatamente a solução, é afinal a capitulação assignada e raeficada, em a noite de 26, contendo 26 artigos. Nessas longas conferencias de trez dias, Vidal de Negreiros, não se contentou somente com a entrega de Pernambuco, e conjunctamente exigiu a entrega da Parahyba, Ceará, Rio Grande do Norte e das ilhas de Itamaracá e Fernando de Noronha.

A *Campina do Taborda* onde a capitulação hollandeza foi assignada é presentemente, na freguezia de S. José da cidade do Recife,—a região occupada pelas ruas Capitão Villarim, extremo sul, das do Padre Floriano e

Domingos Theotonio, e toda a area da praça da fortaleza Cinco Pontas. O nome de *Campina do Taborda* deriva-se do facto de que, em 1631, alli era uma campina onde morava em sua cabana o pescador Manuel Taborda, dando nome ao local. Os hollandezes naquelle tempo o expelliram e levantaram a fortaleza *Principe Henrique* que os portuguezes chamavam-na *Cinco Pontas* porque tinha cinco baluartes.

Eis os artigos da capitulação em sua integra:

1.º Que o Senhor mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes dá por esquecidas todas as hostilidades executadas por parte dos vassallos dos Senhores Estados Geraes das Provincias Unidas e da Companhia Occidental, ou fossem por mar ou por terra, e contra a nação portugueza, as quaes se hão de reputar como se nunca fossem commettidas; e que neste accordo se comprehendam todas as nações de qualquer Estado e religião que sejam, ainda que fossem rebeldes á corôa de Portugal, ou contra ella commettessem traição; e que o mesmo entendam dos judeus que estão no Arrecife, e na cidade Mauricia, emquanto podem.

2.º Concede a todos os vassallos dos Senhores Estados Geraes, e mais pessoas que estão á sua obediencia, todos os bens moveis que actualmente estiverem possuindo.

3.º Concede de todas as embarcações que estão dentro da barra do Arrecife aquellas que estiverem sufficientes para passar á linha com aquella artilheria que ao Senhor mestre de Campo General parecer bastante para sua defeza, comtanto que não seja de bronze excepto a que permite ao senhor general Segismundo.

4.º A todos os vassallos dos ditos Senhores Estados Geraes que forem casados com mulheres portuguezas ou pernambucanas, concede as possão levar consigo querendo ellas, e que as faes sejam tratadas como se foram casadas com portuguezes.

5.º Concede a todos os que quizerem ficar na terra, obedientes ás armas e dominio portuguez, que no tocante á religião vivão pelo estylo que vivem todos os estrangeiros em Portugal, no presente tempo.

6.º Que os fortes situados na circumferencia do Ar

recife e Cidade Mauricia, a saber: o das Cinco Pontas, da Bôa Vista, do Mosteiro de Santo Antonio, castello da cidade, forte das Trez Pontas, do Brum, e seu reducto, Castello de S. Jorge e do Mar, e todas as mais casas fortes e baterias, se entregarão ás ordens do senhor mestre de campo general Franciseo Barreto de Menezes, tanto que por uma e outra parte se firmarem estes capitulos com toda a artilharia e munições que nella estão; e da mesma sorte as praças do Arrecife e cidade Mauricia.

7.º Concede que os vassallos dos Senhores Estados Geraes, moradores no Arrecife e cidade Mauricia, poderão ficar nas ditas praças por tempo de trez mezes, com tanto que entregarão as armas; e quando se quizerem embarcar (ainda que seja antes dos trez mezes), lh'as mandará entregar para se aproveitarem dellas na occasião; e se concede aos ditos possão comprar aos portuguezes, nas ditas praças, todos os mantimentos que lhes forem necessarios para seu sustento e para a viagem.

8.º Enquanto ás alheiações, commutações, negociações e vendas, que os ditos vassallos dos Senhores Estados fizeram dentro dos trez mezes, declara o senhor mestre de campo general Francisco Barreto, que serão feitas na forma que aponta em o artigo 11.

9.º Que o senhor mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes poderá assistir com seu exercito aonde lhe parecer, melhor, com tal condição que os vassallos dos Senhores Estados Geraes não serão vexados, nem maleitados de nenhuma sorte de Portuguezes algum de qualquer estado, posto, e qualidade que seja.

10.º Concede o senhor mestre de Campo general a todos os vassallos dos Senhores Estados Geraes e a todos os que militão debaixo de suas bandeiras, que possão levar consigo os papeis que tiverem, e lhes pertencerem por qualquer via que seja, o que lhes concede na forma em que lhes serão entregues seus bens moveis.

11.º Que poderão deixar os bens moveis e de raiz, que por justo titulo lhe pertencerem, e de que estiverem de posse actualmente (se os não poderem vender em tempo consignado), a seus procuradores, que poderão con-



stituir, de qualquer nação que sejão, dos quaes serão correspondidos na forma do estylo.

12.º Item lhes concede todos os mantimentos secos e molhados que de presente estão recolhidos em seus armazens para se servirem delles na terra e na viagem, largando aos soldados os de que necessitarem para seu sustento quotidiano e para a navegação que fizerem. Mas não lhes outhorga o dito Sendor mestre de campo o massame para os aprestes dos navios de sua viagem, porquanto se obriga a dar-lh'os aparelhados, ao tempo de sua partida para a Hollanda.

13.º Que no tocante ás dividas pretensões da fazenda que os vassallos dos Senhores Estados Geraes querem repetir aos moradores portuguezes, lhes concede o direito de os obrigarem para diante de sua Majestade o Senhor Rei Dom João, em cujos tribunaes se poderão decidir.

14.º Mais concede, que todas as embarcações pertencentes aos ditos vassallos, que chegarem a este porto do Arrecife, no termo dos primeiros quatro mezes depois destas Capitulações (tempo em que não poderão ter noticia d'ellas), se poderão voltar, sem que padeçam retenção nem aggravo algum.

15.º Item concede o senhor mestre de campo general aos ditos vassallos dos Senhores Estados Geraes, que possam mandar chamar seus navios que trazem pela costa para que neste porto do Arrecife possam embarcar e levar nelles suas pessoas e os bens acima outhorgados. Emquanto ao que os sobreditos vassallos, pedem sobre não prejudicar esse contracto as conveniências, que estiverem ajustadas entre o Senhor Rei de Portugal e os Senhores Estados de Hollanda, antes de chegarem á sua noticia estas Capitulações não concede o Mestre de Campo General, porque não se intromete nos taes accórdos, e tem exercito e poder para conseguir por armas a restauração das praças que se lhe entregarão a partida.

## ARTIGOS MILITARES

1. Promette o senhor mestre de campo general esquecimento de todas as offensas que os Portuguezes e

Pernambucanos hajão recebido das armas hollandezas em qualquer parte, ou por qualquer modo que fosse.

2. Concede o mesmo senhor a todos os soldados assistentes no Arrecife, cidade Mauricia e fortalezas adjacentes, que possão sair d'ellas com todas as honras militares, que se costumão conceder aos rendidos, como são, mecha accesa, bala em boea, bandeiras tendidas, etc, com a limitação, que ao passar pelo exercito portuguez apagarão logo as mechas, e tirarão as pedras á espinguardas e clavinhas, e entregues as armas, se recolherão em almazem particular, qual o senhor mestre de campo ordenar, tomando por conta de seu cuidado o mandar-lh'as entregar, quando se embarcarem; e só ficarão com suas armas todos os officiaes da milicia de sargento para cima. E que embarcados uns e outros seguirão sua direita viagem aos portos de Nantes, Arrochella, ou a qualquer dos Estados da Hollanda, sem tomarem porto algum do reino de Portugal: para firmeza do que deixarão, elles vassallos dos senhores Estados Geraes, em refens, tres pessoas, a saber, um official maior da milicia, um dos governadores do supremo, e um dos maiores homens do negocio.

3. Que toda a gente de guerra, cabos, officiaes e soldados se embarcarão juntamente com o Senhor general Segismundo farão viagem em sua companhia com tal condição que primeiro deixarão entregues ás ordens do senhor mestre de campo general as praças do Rio Grande, Parahyba, Itamaracá, Ceará e ilha de Fernão de Noronha, com toda a artilharia, munições e petreços de guerra, que tinhão em si ao tempo que chegara áquella costa a armada de Portugal, que está no pôrto e no cerco; e que para fiança de tudo acima dito entregarão os refens acima apontados.

4.º Concede o senhor mestre de campo general ao senhor general Segismundo van Schkoppe, que depois de entregues todas as praças e forças acima ditas com toda a artilharia, que tinham ao tempo referido, 20 peças della e de bronze de quatro até dezoito libras de balas, alem das peças de ferro que forem necessarias para a defesa dos navios que levarem em sua companhia as quaes se lhe darão com as carrêtas e munições necessarias. As de-



mais com todas as armas e munições que nellas se acharem se entregarão as ordens do senhor mestre de campo general como fica dito.

5.º Que o dito senhor lhe concede as embarcações necessarias, na conformidade referida.

6.º Concede tambem o senhor mestre de campo general, para toda gente da milicia os mantimentos necessarios na forma que estão concedidas a todos os vassallos dos Senhores Estalos Geraes em o artigo 12; e declara que não sendo bastante, promete dar-lhes os sufficientes.

7.º Concede mais ao Senhor general Segismundo van Schkoppe, que possa ter, alienar, embarcar, ou vender quaesquer bens moveis ou de raiz que seus forem; e assim mais todos os escravos, que possui com justo titulo. E que do mesmo favor gozarão todos os officiaes vivos da milicia; e que elles, e o senhor general Segismundo possam morar nas casas em que vivem, até á hora de sua partida.

8. Item concede a todos os soldados enfermos e feridos se possuem curar no hospital, em que de presente estão, até que tenham saude para se poderem embarcar.

9.º Que em quanto os soldados do senhor general Segismundo estiverem em terra não serão molestados, nem offendidos por pessoa, nem por via alguma, de gente portugueza, nem da terra; e em caso que algum o seja dará parte ao senhor mestre de campo general, para mandar castigar os aggressores.

10.º No tocante a se embarcarem juntos com os soldados que de presente estão no Arrecife, cidade Mauricéa, e mais praças e forças rendidas, aos que se renderão antes d'estas capitulações não concede o senhor mestre de campo, porque tem já dado comprimento ao que com elles capitulou sobre a sua entrega.

11.º Que o senhor mestre de campo general conceda perdão a todos os Indios rebelados, assistentes no Arrecife e praças adjacentes, especialmente a Antonio Mendes; e da mesma sorte aos mulatos, negros e mame-lucos; mas não lhes concede a honra militar de sairem com armas.

12.º Que tanto que forem assignadas estas capitu-



lações, se entregarão ás ordens do senhor mestre de campo general ás praças do Arrecife, cidade Mauricea, e mais fortalezas e redutos d'esta capitania com toda sua artilharia, munições e petrechos, e o dito senhor se obriga a dar guarda ao senhor general Segismundo para segurança de sua pessoa, e dos mais cabos e ministros do governo, em qualquer alojamento que escolherem, todo o tempo concedido nesta capitulações.

13.º E sobre todos estes capitulos e condições acima referidas se obrigão os senhores do Conselho Supremo, residentes no Arrecife, a entregar tambem ás ordens do senhor mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes as praças da ilha de Itamaracá, da ilha de Fernando de Noronha, Ceará, Rio Grande e Paraíba, com sua fortalezas e artilharia na fórma dita; mas que o dito senhor mestre de campo general será obrigado a mandar ao Ceará uma não sufficiente para nella se embarcarem os soldados e moradores, vassallos dos ditos senhores Estados Geraes, com os bens permittidos no segundo artigo d'estas capitulações. Mas declara o dito senhor mestre de campo general, que não será obrigado a dar mantimentos para a viagem das ditas pessoas, que se embarcarem do Ceará para Pernambuco.

14.º Concede o dito senhor aos vassallos dos senhores Estados Geraes todos os navios e embarcações que tiverem pelos portos do Rio Grande, Paraíba e ilha de Itamaracá, para sua viagem e conducção de seus bens, sendo capazes de passar a linha, mas declara que não levarão artilharia de bronze e de ferro, só a que precisamente for necessaria para sua defesa. Feita esta concordata na Campina do Taborda, segunda feira, pelas onze da noite, 26 de Janeiro de 1654 annos.

*Francisco Barreto de Menezes*, mestre de campo general.

*André Vidal de Negreiros*, mestre de campo.

*Affonso de Albuquerque*, capitão.

*Manoel Correia*, capitão secretario.

*Francisco Alvares Moreira*, ouvidor e auditor general.

*Segismundo van Schoppe*, general.

*Gysbert de With*.

*Vander Vant*, tenente general.

*Vavter Vaulé*, capitão e commendador.

Chegou o dia 27, uma terça feira. Nelle termina o dominio batavo no Brazil. Foi um dia de indefinivel prazer para a nossa gente. A fortaleza das *Cinco Pontas* foi logo occupada por duas companhias do regimento de Vieira e uma do de Henrique Dias. Em seguida Fernandes Vieira toma posse do Recife enquanto os mestres de campo Vidal de Negreiros e Figueirôa tambem occupam as fortalezas Ernesto ou Santo Antonio, São Jorge, do Brum, do Buraco e do Mar. Os vencidos sem violencia alguma foram desarmados.

Pela manhã de 28 foi a entrada solemne do general Francisco Barreto de Menezes, commandante em chefe de exercito pernambucano. Acompanhava-o numeroso estado maior e uma guarda de 70 cavalleiros.

Todos montados se dirigem ás portas da cidade Mauricia, que era na área occupada hoje pelo extremo sul da actual rua Padre Floriano e encontro com a Domingos Theotonio, outr'ora chamada das *Calçadas*.

Alli o general Segismundo van Schoppe, á pé e com seus ajudantes de ordens aguardava Barreto de Menezes. Este, desde que o viu, apeiou-se e deu-se a cerimonia da entrega das chaves ao troar dos canhões e da fuzilaria. Tiram em numero de 73 e já tinham sido recebidas na vespera por Vieira. "Tal quadro,—diz o Visconde de Porto Seguro,—era por certo digno de immortalisar, posteriormente, o pincel de algum artista brasileiro, de igual modo que o da rendição de Breda á Spindola, immortalizou a Vellasquez."

Depois, a pé, e seguido de toda a comitiva proseguiu para o bairro penunsular do Recife, hoje freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves.

Elle deu ao general vencido a sua direita tratando-o com a magnanimidade e deferencia digna dos valentes.

Em meio á ponte, denominada hoje Sete de Setembro, foi recebido pelos membros do Conselho Supremo, pelos magistrados e empregados civis que o aguardavam.

O mesmo general Barreto, ainda crescendo em generosidade, levou cada um desses vencidos á porta da re-



spectiva residencia, menos o presidente do Conselho Politico. Este ao contrario, acompanhou-o até ao palacio em que se installou e, anteriormente havia sido a séde do governo hollandez.

Entre os effeitos e munições entregues pelos hollandezes comprehenderam-se 464 moradas de casas, cerca de 300 canhões, 38.000 balas, mais de 5.000 espingardas, quasi 2.000 arrobas de polvora, etc.

De todas as obras que ao tempo da occupação báta-va foram construidas em Pernambuco, hoje somente restam as fortalezas do Brum, do Buraco (muito damnificada), das Cinco Pontas, de Itamaracá, de Tamandaré; de Nasareth do Cabo e a dos Remedios na ilha de Fernando de Noronha.

\*  
\*\*

Terminamos aqui o desenvolvimento que pretendemos dar a thèse,—*Expulsão dos hollandezes de Pernambuco*,— por nós acceita, do 1.º Congresso de Historia Nacional.

Si é certo que a natureza especial e limitada destas paginas não poderam comprehender um trabalho com o desenvolvimento que comporta a historia de todos os factos da gigantesca lucta hollandeza, verdade é tambem que o esbôço que fizemos synthetisa inteiramente todo aquelle periodo heroico e de relevo extraordinario da historia do Brazil. Apesar de tudo, nada ahi foi sacrificado de quanto narraram os chronistas e historiadores.

Ao lado, porem, do que condensámos neste nosso estudo, a descripção está feita sempre ante o scenario onde o drama se desenrolou. Anteriormente haviamos visitado cada um desses sitios memoraveis.

Foi o veneravel e fallecido major José Domingues Codeceira, um cultor apaixonado de historia patria e sobretudo dessa phase do dominio hollandez quem nos conduziu áquellas paragens, onde na téla da imaginação, como num quadro cinematographico vimos vivos e animados os factos que se foram e as figuras legendarias. Investigador paciente, esse estudioso foi em Pernambuco quem assignalou com precisão em face de vestigios e





indicações encontradas, aqui e alli, todos os logares historicos e duvidosos. Ainda estudando, comparando e meditando antigas escripturas e outros documentos importantes e annosos, achou-lhes muita luz, recebeu feliz orientação e levantou o véo da verdade. A elle se deve saber onde foi o Arraial de Mathias de Albuquerque, o Arraial Novo do Bom Jesus, onde se deu o combate da Casa Forte, onde existiu o engenho de Ambrosio Machado, onde se chamava o Passo do Fidalgo e quem elle era, onde a Campina do Taborda, as diversas estancias como as de Henrique Dias, Nuno de Mello, a do Aguiar, os fortes Amelia, de São Jorge, do Altenar, e de Francisco do Rego ou Salinas, e todos esses logares a respeito dos quaes Fernandes Gama nas *Memorias Historicas*, ora flagrantemente se enganou ora deixa obscuridade para ser comprehendido.

E concluimos, lamentando que aquelle 26 de Janeiro, no qual foi assignada a Capitulação hollandeza na Campina do Taborda: que aquella data, symbolo do patriotismo, da fé, da coragem e recordação de episodios incompreensiveis pelo extraordinario que contém, reminiscencia de figuras legendarias gravitando no vasto campo da historia, não fosse a data de nossa independencia, pois que propicio nos parece era o instante para fazel-a.

Si os nossos fizeram bem libertando-se dos oppresores que nada respeitavam, tudo violaram, desde a sanctidade do lar, o conforto da creença religiosa até ao direito de propriedade; muito mal, muito mesmo, fizeram voltar para outro jugo,—o portuguez. Depressa foi reconhecido o erro mas então Portugal já se encontrava em condição de luctar como demonstrou pouco adiante, na revolução nativista de 1710, em que Pernambuco teve ideias de independencia mas succumbiu.

Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1914.

SEBASTIÃO DE VASCONCELLOS GALVÃO.

Delegado do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano no 1.º Congresso de Historia Nacional.

## As academias secretas de Pernambuco

E' sabido que a revolução republicana de 1817 nasceu das sociedades secretas a que chamavam tambem "escolas democraticas". Com a dissolução do Areopago de Hambé, em 1801, devido ao fracasso da revolução tornando Pernambuco republica sob o protectorado de Bonaparte, foi resolvida a creação de uma "academia" pelos membros da sociedade dissolvida, no mesmo genero desta.

Academia, no sentido genérico, é uma assembléa para estudos literarios ou scientificos. Como está hoje mais geralmente empregada, é "nome, em especial consagrado a sociedades literarias ou scientificas que, quando selectas e importantes, dão autoridade ás suas opiniões (João Ribeiro. Dic. Gram.)

A nova academia deveria portanto ser para estudos literarios ou scientificos, como a Academia Real de Sciencias, a Academia brazileira de lettras, mesmo porque em época mais ou menos contemporanea existiam em Portugal e no Brazil, em Pernambuco até, outras de igual fim, sendo notavel a em que se celebrisaram os poetas da inconfidencia mineira.

Na falta de documentos historicos dando com precisão a data em que foi ella installada, podemos affirmar deductivamente que isso succedeu em 1802, no mesmo anno em que se fundavam as primeiras lojas maçonicas na Bahia. (1).

Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, apenas se vio livre da justiça de Lisboa, como conspirador, devido a "molas secretas", na linguagem do padre Dias Martins, retirou se para o seu engenho "Suassuna onde, por deducção nossa, no anno de 1802, fundou a *Academia de Suassuna*, em cujo gremio *os adeptos e aprendizes, não só nacionaes como ainda estrangeiros achavam luz, agasalho e subsidios*". (2)

A esta associação pertenceram os homens mais notaveis da época em todos os ramos da sciencia e da actividade humana.

Poderá parecer que o titulo de academia occultasse os fins da sociedade disfarçando-a em litteraria (3) tanto mais quanto as maiores illustrações do tempo frequentavam esse gremio; mas o facto é que a Academia de Suassuna era uma loja maçonica de politicos fins, como a maçonaria de então até 1831. Tanto isto é verdade que, para maior segurança do que tramavam, Do-

(1) Sabemos que o periodo aureo das lojas maçonicas de Pernambuco foi o que precedeu o dia 6 de março de 1817, quando no auge das festas e dos enthusiasmos, Caetano Pinto Montenegro disse: «Os mações se divertem...» O padre Joaquim Dias Martins, autor dos «Martyres Pernambucanos», coevo dos revolucionarios, escreve, referindo-se ao padre Miguelinho, fuzilado a 12 de julho de 1817: «Foi logo no principio associado á Academia de Suassuna, a qual deveo per sua prudencia ter durado 15 annos sem explosão...» Ora, as academias se dissolveram com o malogrado levante de 1817. Para que a de Suassuna tivesse durando 15 annos, necessario seria que sua fundação datasse de 1802.

(2) *Padre Martins*—«Martyres Pernambucanos».

(3) Pura verdade. Traçando a biographia de Francisco Paes Barreto, diz Pereira da Costa: «Num dos salões do hospital do Paraiso, fundado por seus antepassados, de cuja instituição era elle administrador por direito de successão, fundou sob o nome apparente de «Academia do Paraiso» um club conspirador, onde se discutia e traçava o plano de independencia da patria».



mingos José Martins partio para Londres, Domingos Theotónio Jorge para o Rio e Bahia e Francisco de Paula para o norte, afim de concertarem o plano com os outros companheiros, tendo fracassado em tempo a coadjuvação dos *irmãos bahianos*. (4).

Talvez por não estar situada a Academia de Suassuna em Recife — centro de todo o movimento—resolveram seus membros a fundação de outra com o mesmo fim.

Parece que esta idéa nasceu do cerebro do padre Miguel Joaquim de Almeida Castro e do dr. José Luiz de Mendonça. O facto é que do desejo á execução não houve grande demora.

Estimadissimo pelo bispo d. José Joaquim de Azevedo Coutinho, notavel homem de lettras, João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro, outrora filiado ao Areopago e educado pelo celebre naturalista Manoel de Arruda Camara (5) conseguiu a cadeira de professor de desenho do seminario de Olinda, a unica superior escola ao norte do Brazil e onde, ao mesmo tempo em que leccionava, estudava para sacerdote. Tendo João Ribeiro regressado da Europa com as ordens sacras, após a chegada de Domingos José Martins a Pernambuco, Francisco Paes Barretto executou o plano concertado na Academia de Suassuna fundando o hospital do Paraiso, no Recife. (6).

(4) *Padre Marliús*—Idem. (pags. 12 e 13).

A expressão «irmãos», é do proprio autor que, á pag. 315, diz que em sua viagem á Europa (1807) a pretexto de ordenar-se sacerdote, o padre João Ribeiro Pessoa «apertou os laços suassunaes», quando o que elle fez foi iniciar-se ou regularizar-se na maçonaria em Lisboa, juntamente com o padre Miguelinho e o vigario Luis José Cavalcante Lins.

(5) Numa carta testamental de Arruda Camara, dias antes de morrer, ao padre João Ribeiro, naturalmente referindo-se ao Areopago, diz o grande naturalista: «A minha «obra secreta» manda com brevidade para a America ingleza, ao nosso amigo N. por nella conter cousas importantes, que não convem ao feroz despotismo ter delle o menor conhecimento e por terem então, muito o que perder os de tua familia do ramo do general André Vidal de Negreiros...»

(6) Era o hospital do Paraiso, sob o titulo apparente de Academia, o ponto de reunião dos conspiradores po.iti-

“Os associados da Academia puzeram em movimento as mais possantes molas para se transferir de Olinda para o Recife a cadeira de desenho com o seu professor, e tudo se conseguiu, dando-se-lhe a administração do hospital do Paraizo para novo e mais apropriado lyceu dos amigos da patria e incumbindo-se-lhe a doutrina occulta com os fascinantes titulos de “aula de desenho — bibliotheca publica”. Esta aula ficou sendo a grande matriz, ou Academia do Paraizo” (7).

As duas academias foram o centro de irradiação de onde partiram outras escolas secretas, entre as quaes podemos citar a “Officina de Iguarassu”, sob os auspicios e na casa do capitão-mór Francisco de Moraes Cavaleanti, (8); a “Universidade”, em casa do dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, (9); as lojas *Pernambuco do Oriente e Pernambuco do Occidente*, aquella em casa de Antonio Gonçalves da Cruz Cabugá (10), e esta na de Domingos José Martins, (11); *Restauração, Patriotismo*, (12); e tradicionalmente a *Guatimozim*

cos de 1817 e alli recebeu Muniz Tavares a sua iniciação (*Pereira da Costa*)— «Dic. biog.». Não nos foi possível, das investigações a que procedemos, saber a data certa da fundação da Academia do Paraizo, o que se tornaria mais facil se conhecessemos o anno em que aqui aportou para se estabelecer o espirito-santense Domingos José Martins, Aliás, o facto só se poderia ter realizado depois de 1807 quando regressou da Europa o padre João Ribeiro, Talvez dos arsentamentos do Seminario de Olinda conste o anno em que dalli foi transferida a cadeira de desenho.

Infelizmente não recebemos de seu reitor, por causas que ignoramos, resposta de um officio de que lhe dirigimos em 1915, como primeiro secretario do Instituto Archeologico solicitando alguma referencia sobre o assumpto.

(7) *P. Martins*—Pags. 80, 315, 316.

(8) *Idem*. Pag. 158.

(9) O mestre unico dos adeptos da doutrina democratica, associado ás duas academias do Cabo e Paraizo, a sua mesma casa foi uma universidade, (*Martins*. Pag. 52).

(10) Cabugá fez parte das academias do Cabo e Paraizo e por fim, a sua propria casa situada na rua que tem por nome o seu apellido foi convertida em um outro centro de reuniões... (*P. Costa*). «Ob. cit».

(11) Officio ao conde dos Arcos, (*Martins*, pa. 259).

(12) Manifesto da Loja Constituição, Rio, 1835. Cremos que é da lavra de Abreu e Lima.



(13), talvez sendo este o nome da *escola secreta*, mantida por Vicente Ferreira de Guimarães Peixoto, conhecido então por *alliciador publico de proselytos*, tendo sido elle o fundador ou antes re-installador da loja *Seis de Março de 1817*, no anno de 1821, alem de muitas officinas que, segundo frei Caneca, (membro das duas academias), monsenhor Muniz Tavares, (secretario da Academia do Paraizo), e Pereira da Costa, existiam no interior da provincia, vindo os capitães-móres beber luzes nas escolas democraticas da capital, para fundar filiaes nas cidades de seus domicilios.

Propugnando pelo mesmo idéal, doutrinando os pensamentos adiantados do seculo que tornou independentes as colonias americanas, havia nas escolas secretas um elo de solidariedade prendendo-as a um governo superior, por sua vez subordinado ao Grande Oriente do Brazil, com sede na Bahia.

E tanto isto é verdade que, alem da affirmativa do monsenhor Muniz Tavares dando a existencia em Pernambuco de uma grande loja provincial, subordinada á Bahia, o autor dos *Martyres Pernambucanos* affirma que Domingos José Martins, filiado a lojas brazileiras e estrangeiras, estabelecido em Londres e Lisbôa, "repartida a missão, partiu com Domingos Theotónio Jorge, (membro das duas academias) para Bahia, onde acreditou o collega na grande sociedade philantropica". (14).

Com o desaparecimento ephemero do governo de 1817, morticínio e prisão de seus chefes e adeptos, eclipsaram-se as sociedades secretas para surgirem mais tarde doutrinando a revolução de 1824 sendo certo que as academias passaram totalmente para o dominio da historia, achando-se como se acham, intimamente ligadas á causa da liberdade e da republica no Brazil.

Mario Melo.



(13) J. Galhardo. Discurso.

(14) P. Martins. Pag. 258.





## Mauricio de Nassau

Teu grande sonho de conquistas era,  
Nesta paragem despertada apenas,  
O mais nobre dos sonhos de Mecenas  
Sonhado por Luiz da Baviera.

Palacios, sabios, marmores, amenas  
Horas de Gôso e de Saber... Em fera  
Região, emfim, a Capital severa  
Corpo de Roma, cérebro de Athenas.

Fidalgo e sabio, o Bem e o Bello amando,  
Se leio a Historia da tua Obra, ao fundo  
Deparo o vulto de Platão sonhando...

E essa aventura neste chão tristonho!...  
Tua conquista comportava o mundo...  
Mas nem o mundo comportou teu sonho!...

*(Humberto de Campos.)*

**Relatorio sobre o movimento do Instituto Archeologico  
e Geographico Pernambucano no periodo de 27  
de Janeiro de 913 a igual data de 1914, lido  
pelo 1.º Secretario Dr. Mario Melo.**

Os estatutos de nossa velha associação ordenam que na solemnidade de hoje seja apresentado um relatorio sobre o movimento social do Instituto, no periodo de um anno a outro. Os meus antecessores dão brilho a essa resenha, revestindo-a de frases elegantes e imaginosas. A modestia de minha cultura intellectual apenas permite que os factos sejam annotados sem o menor colorido. E é o que vamos fazer em poucos traços.

Infelizmente ainda não temos séde propria. Depois que o camartello da demolição, com a mesma ferocidade com que Emiliano destruiu Carthago, arrazou o nosso edificio, para em seus escombros levantar o jardim da praça major Codiceira, fomos abrigados, por empréstimo nesta sala, sem hygiene, sem esthetica e sem conforto. Mantemos porem a esperança de que, o exmo. governador do Estado, testemunha ocular de nossas necessidades, dará cumprimento á lei sobre a materia e, antes do termino de seu quadriênio, doará séde propria ao Instituto. Ahi está o exemplo do Instituto Historico da Bahia; reduzido a cinzas por um incendio, contou logo com a iniciativa do governo do Estado para a construeção de novo

edificio. Os Institutos historicos não são associações meramente particulares, mas grêmios de utilidade nacional, porque são os archivos e os museus onde se guardam as reliquias dos feitos de nossos antepassados.

Precisamos registrar um acontecimento que nos enche de honra e de prazer. A direcção suprema de nosso gremio está entregue ao mais alto representante da igreja catholica em Pernambuco, ao revmo. Arcebispo de Olinda, o que quer dizer que temos um guia seguro, pelo seu saber, pela ponderação em todos os actos, pelo espirito de harmonia e pelo respeito que a todos infunde. Dir-se-á que a historia pernambucana está confraternizada á religião de nossos avós. E a victoria de nossa restauração do dominio hollandez, no dia de hoje, não foi feita somente em nome da patria, em nome de nossa nacionalidade, mas em nome do catholicismo que era um dos lemmas dos que pegaram em armas contra a dominação flamenga.

No periodo que hoje encerramos, o Instituto reuniu dezoito vezes seus associados. Effectuou uma sessão magna, uma de assembléa geral; uma extraordinaria, para a posse de nosso presidente; duas solemnes; uma funebre e doze ordinarias. Elegeu presidente de honra o dr. João Baptista Regueira Costa, que é uma de nossas reliquias vivas e ao qual devemos serviços tão grandes que a propria distincção, justamente conferida, fica muito aquém de seus meritos. Concedeu o diploma de bemfeitor, por força dos Estatutos, ao humilde associado que lê o presente relatorio. Distinguiu com o titulo de socios correspondentes os cidadãos dr. Simões da Silva, dr. Antonio Carlos Moreira Telles; dr. Affonso Escragnole Taurnay; Fran Pacheco; dr. Luiz Gastão Escragnole Doria, dr. Alberto Rangel, dr. Pedro da Cunha Souto Maior, e dr. José Vieira Fazenda. Acolheu como effectivos os srs. capitão Eudoro Correa, dr. Antonio Ignacio de Barros Ribeiro, dr. Franklin Seve, dr. Luis Correa de Brito, dr. Arthur Moura, Coronel Augusto Viriato da Cunha Porto, dr. Assis Chateaubriand Bandeira de Mello e commendador José Ferreira Baltar. E empossou os srs. dr. João Feliciano da Motta e Albuquerque Junior, capitão Gastão Pinto da Silveira, padre Heliode-



ro Pires e dr. Esmaragdo de Freitas. Desgraçadamente de nossa lista a morte arrancou os nomes dos seguintes companheiros: Prof. Francisco Alexandrino de Paula Rocha, Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, dr. Pedro Vicente de Azevedo, dr. José Maria da Rocha Carvalho, dr. José Maria Carneiro Villela, dr. João Feliciano da Motta e Albuquerque, dr. João Coimbra, desembargador Luiz de Albuquerque Martins Pereira, dr. João Joaquim de Freitas Henriques, barão de Lucena e desembargador Alcebiades Dracon de Albuquerque Lima, sobre os quaes um de nossos oradores discursará, interpretando a saudade que deixaram em nosso meio.

Procuramos, no periodo de nossa administração, cumprir o nosso dever quer zelando a gloriosa herança dos fundadores do Instituto, quer mantendo os seus creditos, quer memorando os factos patrioticos de nossos antepassados, quer finalmente dando aos nossos concidadãos o exemplo da religião do culto ao espirito dos que morreram pela nossa liberdade politica, em nome da democracia, em holocausto á patria.

Trabalhamos pela historia de Pernambuco, esforçamo-nos pela grandeza do Brazil. Somos poucos, mas temos coragem, temos fé, temos bravura, temos patriotismo e estamos firmemente irmanados á sombra de nossa bandeira, prestigiando-nos mutuamente. Não desfaleceremos; temos resistido muitas borrascas e teremos nos nossos filhos e nos descendentes de nossos filhos continuadores da obra patriotica de nossos ancestraes. Em qualquer momento de perigo, soarão aos nossos ouvidos—a exemplo da frase de Barrozo em Riachuelo—as palavras de monsenhor Brito ao tomar o leme deste gremio:

“O Instituto Archeologico é uma não desmoronada, cujo capitão succumbiria se não fossem a fé e a bravura dos seus marinheiros que, não obstante o furor da tempestade, jamais perderam a esperança de atingir ao longinquo, porem ambicionado porto seguro”.



# Henrique da Costa

( Henry Koster )

Em 1816, saio á luz em Londres uma relação de *Viagens no Brasil* que, pelos seus predicados intrinsecos de descrições veridicas e de juizos desapaixonados, será, permanentemente, uma das mais copiosas e mais puras fontes de informação sobre as condições economico-sociaes da antiga capitania geral de Pernambuco, no crepusculo da éra colonial.

Henry Koster, seu autor, nascêra em Portugal, de paes ingleses, em fins do seculo XVIII, e residia na Inglaterra quando, em 1809, a conselho medico, teve de procurar o restabelecimento da saude alterada um clima mais benigno. Fechados então, aos subditos britannicos, os portos da Hespanha e de Portugal, ou, pelo menos, estando aquelles paizes em agitação impropria á residencia de um enfermo, resolveu-se Koster pelo Brasil e escolheu Pernambuco, não só porque para aqui regressava *um velho amigo de sua família, como* devido ás informações favoraveis que, da terra e das gentes, obteve de varias pessoas.

Chegado ao Recife, a 7 de Dezembro de 1809, dedicou-se, ao que parece, a transacções mercantis, indo residir num sitio, na Cruz das Almas, e occupando os seus frequentes lazeres em excursões aos arrabaldes.

A 19 de Outubro de 1810, partio com destino á Parahyba, voltando, pouco depois, a Goyanna, de onde, a 3 de Novembro, empreendeu uma viagem, por terra, ao Ceará, passando por dois Rios, Espirito-Santo, Mamanguape, Cunhau', Papary, S. José, Natal, Ceará-Merim, Assú, Sta. Luzia e Aracaty, e chegando, a 4 de Dezembro, a Fortaleza, de onde voltou ao Recife, a 11 de Fevereiro de 1811.

A 25 do mesmo mez, partio, por mar, para S. Luiz do Maranhão, e d'alli regressou, a 8 de Abril, á Inglaterra.

A 27 de Dezembro do mesmo anno estava, porém, de volta ao Recife, quando consagrou as primeiras semanas a visitas a pessoas de sua amizade, com algumas das quaes passou temporadas nos pittorescos arredores da cidade.

Por este tempo travou relações com o capitão-mór de Bom-Jardim, a quem acompanhou numa excursão a esta localidade, tendo assim ensejo de conhecer a vida dos sertanejos.

De volta de Bom-Jardim, "escreveu Koster", levei muito tempo sem sair do Recife, até que me associei a um amigo numa empreza agricola. Por motivos de mera preferencia, desejava muito mudar-me da cidade para o campo. Em principios de Abril de 1812, arrendamos o engenho *Jaguaribe*, distante quatro leguas do Recife e uma legua da costa. O engenho estava provido de escravos, gado, machinismos e utensilios, de modo a ser, immediatamente occupado".

Em meados de Maio, Koster installou-se em *Jaguaribe* e alli viveu entregue aos labores da agricultura, tendo sobejas ensanchas para notar todos os caracteristicos da existencia faustosa e barbara dos opulentos proprietarios ruraes.

Nesta occupação se deteve até começos de Novembro de 1813, quando, movido por contrariedades repetidas, deliberou em abrir mão do arrendamento do *Jaguaribe* e concluiu em ir plantar canna em terras do engenho *Amparo*, em Itamaracá, de meiação com o respectivo dono.

Foi então morar na villa da Conceição; mas, logo depois, em Abril de 1814, alugou uma caza com sitio, de



nome *Toque*, situada na encosta dum outeiro, perto da villa e defronte do povoado de Cambôa.

“Na minha nova habitação”, conta elle, “passei uma existencia tranquilla e que, para quem não conhecesse outros paizes e não sentisse que a residencia no Brazil importava numa especie de desterro, seria uma vida de grande felicidade. Tendo partido da Europa ainda bastante moço, eu não tinha muitos destes sentimentos desagradaveis a combater.”

Nesta epocha, Koster conviveu assiduamente com o Vigario Tenorio, o Padre João Ribeiro e o Dr. Arruda Camara, pessoas a quem se refere com fartos elogios. Aliás, o meio, alli em Itamaracá, condizia tão bem com a seu temperamento e o clima com a sua saude, que o viajante assentou em fixar-se para o resto da existencia na paz bucolica daquelle aprazivel sitio. Mas, em principios de 1815, negocios particulares exigiram a sua presença na Inglaterra e não foi sem reluctancia e pezar que abandonou o projecto de residir definitivamente no Brasil, de onde presumia então se ausentar para sempre.

De volta á Europa, Koster elaborou e deu á luz, em 1816, a preciosa relação de suas viagens, na qual se revelou observador sympathico da terra em que veio buscar saude, critico tolerante das gentes entre as quaes viveu e narrador consciencioso de tudo quanto presenciou.

“Durante a minha residencia no Brazil, “escreveu elle no prefacio,” jamais tive a intenção de publicar qualquer relação do que vi e ouvi naquelle paiz.

Algum tempo depois do meu regresso á Inglaterra, fui, porém, animado a colligir as informações de que podia dispôr. O leitor será indulgente para com os defeitos que achar, sabendo que não colhi informações do paiz de modo systematico, com a idéa de offerecê-las ao publico; que parti joven, e que a indole duma lingua estrangeira, talvez, me seja mais familiar do que a propria. Mas, entre leitores judiciosos o estylo, em obras desta natureza, deve ser considerado de pouca importancia. Gozei das vantagens dos conselhos do Sr. Southey e da consulta de sua vasta bibliotheca. Ao Dr. Trail agradeço o auxilio que me prestou na preparação do appendice; mas, não o chegasse a vêr completo, a mim, e não a elle, devem ser

attribuidos os erros que, porventura, contenha. Os desenhos das estampas foram executadas por um parente proximo, segundo esbôços meus assás tôscos e com o concurso de descripções. O contorno do mappa é tirado da grande charta da America do Sul, de Arrowsmith, sendo os nomes e as posições de alguns logares corregidos e outros accrescentados por sciencia propria. A planta do porto de Pernambuco me foi fornecida por um negociante inglez, residente no Recife e infatigavel na pesquisa de tudo o que pôde contribuir para o progresso dos conhecimentos.”

Dedicado ao laureado poeta e applaudido historiadador Robert Southey, o livro de Koster obteve logo do publico um acolhimento condigno de seu merito. A critica contemporanea dispensou-lhe unanimes louvores: Southey dedicou-lhe um longo artigo encomiastico na celebre *Quartely Review*, exemplo seguido pelo grande “ensaista” John Foster que, na *Ecletic Review*, disse ser uma “obra de merito consideravel, tanto pelas informações que encerra, quanto pelos principios de justiça e de humanidade que ajuda a confirmar.” Numa extensa apreciação, publicada na *Augustan Review*, de Dezembro de 1816, a sua narrativa foi considerada “tão aprazivel, quão util.” “As scenas da vida, e tambem da natureza, que revela, “declarou o critico,” proporcionarão um agradavel passatempo aos que procuram um deleite na leitura: o botânico receberá algumas boas lecções; o commerciante e o industrial obterão advertencias proveitosas; e o sr. Koster parece um agricultor tão idoneo, que ninguem o pôde têr sem se persuadir que elle conhece o sufficiente para fazer uma fortuna cultivando algodão, ou plantando canna. Accrescentaremos á nossa analyse a seguinte expressão dos sentimentos do autor, que são tão naturaes que todos têm de sympatizar com o escriptor, e são descriptos com tamanha simplicidade e bom senso que nos induzem a lhe attribuir um animo tão engenhoso quão virtuoso”. —“Este viajante esclarecido”, lê-se no *European Magazine*, de Janeiro de 1817, não é nem um *touriste* inconstante, nem um simples observador scientifico: naturalizou-se no paiz de que pretendeu fornecer noticias, e recorda, com facilidade e franqueza, as varias impressões de pezar e de

prazer que, na sua primeira visita, ou em dilatada residencia, lhe foi dado experimentar. Como era de esperar, a sua obra trouxe um farto subsidio ao conhecimento do Brasil e da sua gente; e, o que é raro achar reunido num mesmo autor, os seus pormenores não são menos precisos e distinctos de que vividas e attrahentes as suas descrições—Cincoenta e tres annos depois, o famoso polygrapho e *globe trotter* Richard Burton chamava ao autor *the accurate Koster* (1), e diversas edições, reimpressões e traducções attestam o justo apreço que a sua obra alcançou.

Na realidade, ella constitue um repositorio inestimavel, porque é quasi unico, de informações sobre a vida pernambucana, nas cidades e nos campos, em uma epocha em que Pernambuco consubstanciava de facto todo o Brazil Oriental, e as franquias commerciaes outorgadas pelo Principe Regente, começavam a transformar, fundamentalmente a velha sociedade colonial.

Nos seis capitulos finaes (pp. 336—474), o autor discutio, com pleno conhecimento de cauza, as possibilidades da cultura da canna e do algodão; esboçou judiciosamente as condições da população livre e as dos escravos; condemnou, com razões ponderosas o trafico dos mesmos, e analyzou, com perspicacia, o famoso tratado, de 19 de Fevereiro de 1810, entre a Grã Bretanha e Portugal.

O appendice (pp. 475—501) compreende a traducção de extracto das duas monographias, publicadas no Rio de Janeiro, em 1810, pelo Dr. Arruda Camara, sob os titulos de *Dissertação sobre as plantas do Brazil, que podem dar linhas, e Discursos sobre a utilidade da instituição de jardins nas principaes provincias do Brazil*.

E enganou-se Koster quando, ao terminar o seu livro, suppôz nunca mais ter de voltar ao Brazil; já em 1816, recrudescendo a molestia fatal que o affligia, a tuberculose pulmonar, regressou a Pernambuco, para assistir ás peripecias da revolução republicana do anno seguinte, na qual chegou a figurar, segundo o Padre Dias Mar-

(1) *The Highlands of the Brazil*, London, 1869, I, p. 3.



tins (2), como um dos parlamentares enviados, a 18 de Maio de 1817, pelos patriotas para tratar com o commandante do bloqueio a capitulação do Recife.

Muito estimado e considerado, geralmente conhecido pelo nome aporuguezado de Henrique da Costa, finou-se elle aqui, em principios de 1820.

Os dados para a sua biographia são, infelizmente, por demais escassos e infieis, tendo sido baldadas as nossas pesquisas no archivo do consulado inglez de Pernambuco.

O Visconde de Taunay (3) diz que elle "nasceu, no anno de 1793, em Portugal, e não em Liverpool, como por vezes tem sido affirmado, e falleceu em Pernambuco, no anno de 1827, tendo apenas 34 annos de idade."

O ter nascido em Portugal, o proprio Koster o confessou (*my native soil is Portugal*, p. 334); mas, ambas as datas, de nascimento e de obito, são inadmissiveis: acceita a primeira, o viajante teria chegado a Pernambuco aos 16 annos de idade e publicado a sua ponderada e criteriosa obra aos 23, tendo, neste intervallo, se devotado com proveito a importantes empreendimentos mercantis e agricolas: a segunda é invalidada pelo testemunho de James Henderson que, visitando, em fins de Dezembro de 1819, a Koster, escreveu, em 1821, "acabava elle de chegar ao Recife, vindo de Goyanna de onde, por motivo do seu precario estado de saude, se transportára numa rêde suspensa de dois cavalloes, modo de viajar que dizia ser menos desagradavel devido ao passo esquipado dos animaes. Koster havia transferido a sua residencia para Goyanna, na esperanza de que o clima alli fôsse mais adequado á sua saude e compleição; mas, o seu aspecto assás combalido indicava um fim proximo e, lamento dizer, pouco tempo sobreviveu". (4).

A relação das viagens de Koster tem tido as edições, reimpressões e traducções enumeradas na seguinte.

---

(2) *Os Martyres Pernambucanos*. Pernambuco, 1853, p. 60. O facto é confirmado por Tollenare: *Notas Dominicanas*. Recife, 1904, p. 215.

(3) *Estrangeiros illustres, etc.*, em *Rev. do Inst. Hist. Braz.*, Tomo LVIII, Parte 2.<sup>a</sup>, p. 234.

(4) *The History of Brazil*. London, 1821, p. 392.

## Bibliographia

1) KOSTER, HENRY: Travels in Brazil. By .....  
*London. Printed for Lougman, Hurot, Rees, Orne, and  
 Brown, Paternoster-Row, (Printed by A. Strahan, New-  
 Street-Square), 1816, in-4.º, IX pp., 1 fl. n. num., 501  
 pp., 8 estps, colors., 1 planta, 1 mappa.*

Primeira edição ingleza.

2) —————\*: Travels in Brazil. By.....  
 Second edition. In two volumes. *London: Printed for  
 Lougman, Hurot, Rees, Orne, and Brown, Paternoster-  
 Row (Printed by A. Strahan, Printers-Street), 1817,  
 in-8.º, 2 vols.; 1.º X pp., 1 fl. n. num., 406 pp., 6 estps.,  
 1 mappa, 1 planta; 2.º—IV— 380 pp., 2 estps.*

Segunda edição ingleza, com as estampas reduzidas e  
 sem colorido.

3) —————: Reisen in Brasilien. Von  
 Heinrich .....—Aus dem Englischen. Mit zwei  
 Charten. *Weimar, im Verlage des Gr. H. S. pr. Landes-  
 Industrie-Comptoirs, 1817, in-8.º, X—624 pp., 1 mappa,  
 1 planta.*

Tradução allemã, sem as estampas do original; mas,  
 com o mappa e a planta. Faz parte da volumosa collec-  
 ção, intitulada —*Neue Bibliothek der Wichtigsten Rei-  
 sebeschreibungen zur Erweiterung der Erd- und Volker-  
 kunde*, publicada pelo Dr. F. Y. Bertuch.

4) —————: Travels in Brazil. By.....  
 In the years rom 1809, to 1815. In two volumes. —  
*Philadelphia: Printed and published by M. Carey &  
 Son, N. 126, Chesnut Street, July 16, 1817, in-8.º, 2  
 vols.; 1.º 340 pp.; 2.º —323 pp.*

Reimpressão norte americana da segunda edição in-  
 gleza, sem as estampas, o mappa e a planta.

5) —————: Voyages dans la partie sep-  
 tentrionale du Brésil, depuis 1809 jusqu'en 1815, com-

prenant les provinces de Pernambuco (Fernambouc), Seará, Paraíba, Maragnan, etc. Por Henri..... Traduits de l'anglais por M. A. Jay. Ornés de huit planches coloriées et de deux cartes. *A Paris, chez Delaunay, Libraire, Palais-Royal, Galerie de Bois, N. 243 (Se trouve aussi chez Gide Fils, Libraire, Rue Saint-Marc-Feydau, (De l'imprimerie de Fain, Place de l'Odéon), 1818, in-8.º, 2 vols.; 1.º XLIX pp., 1 fl. n. num., 376 pp., 6 estps. colors., 1 mappa, 1 planta; 2.º—512 pp., 2 estps. colors.*

Tradução franceza, por A. Jay, que a fez preceder de longas considerações geraes e lhe juntou, em dimensões reduzidas, as estampas, o mappa, a planta da primeira edição ingleza.

6) —————: Des Englanders Heinrich Koster's Reise im nordlichen Brasilien.—Em “Die wichtigsten nenerm Land-und Seereisen. Für die Jugend und andere Leser bearbeitet von Dr. Wilhelm Harnisah. Funfzehnter Theit. Mit einer Korte und rivei Kuplern. *Leipzig, Verlag von Gerhard Fleischer. In Commission bei Adolf Frohberger, 1831, in-8.º, XIV 560 pp., 1 mappa, 2 estps.*

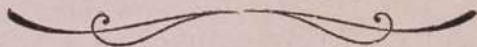
Tradução allemã, abreviada e didactica, pelo Dr. Wilhelm Harnisch, occupando as pp. 3-113, do vol. XV, da collecção d'“As mais importantes viagens recentes, por terra e por mar”, compilada pelo mesmo traductor.

7) —————: Voyages Pittoresques, Scientifiques et Historiques en Amerique. Brésil. Provinces de Pernambuco (Fernambouc), Seara (*sic*). Parahiba, Maragnan, etc.; moeurs, contumes et costumes des habitants de ce pays. Por ..... Traduits por M. A. Jay. Ornés de Gravures et de Cartes.—*Paris, a la Librairie Universelle, Rue de la Harpe, 30, et chez tous les libraires, (Imprimerie de Pommeret et Guénot, Rue Mgnon, 2), 1846, in-8.º 2 vols.; 1.º XLIX—376 pp. 6. estps., 1 mappa, 1 planta; 2.º 512 pp., 2 estps.*

Segunda edição da tradução franceza; as estampas não têm colorido.



8) —————: Viagens no Brazil. Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba, Maranhão, etc. Usos e costumes dos habitantes desse paiz. Por . . . . . Traduzidas para o francez por M. A. Jay e do francez para o portuguez por Antonio C. de A. Simental. *Em* "Rev. do Inst. Archeo. e Geogr. Pern., Ns. 51, pp. 41—113; 55, pp. 233—269; 56, pp. 147—160; 59, pp. 551—565; 60, pp. 201—216; 64, pp. 783—800; 68, pp. 335—355; 79, pp.



# Actas das sessões

*Sessão ordinaria de 19 de Outubro de 1905*

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presente os Senrs. Drs. Regueira Costa, Alcedo Marrocos, substituindo o 1.º Secretario, que não compareceu, Carneiro Vilella, Alcebiades Velloso, Arthur Muniz, Alfredo Freire, Pereira da Costa, Sebastião Galvão, professor Rocha Pereira e Augusto Cezar occupando a cadeira do 2.º Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Senr. Dr. 1.º Secretario mencionou uma carta do consocio Dr. Ferrer communicando que o consocio padre José Monteiro de Aguiar se dignara de enviar para o Instituto um precioso livro escripto em folha de palmeira e que na India serve conjuntamente de amuleto e ritual dos favirs, livro muito procurado pelos Inglezes e que elle obteve de um moribundo chama-se *Grandham*. O exemplar remettido remonta-se, segundo diz o Dr. Ferrer, ao seculo 17 ou 18.

Eis a nota feita pelo consocio padre J. M. de Aguiar:

Nota sobre o *Grandham*.

*Grandam* significa livro escripto em folhas de palmeira, porem a significação primitiva desta palavra transcripta, é—poema, verso, poesia.

*Grandham* foi nome somente dado aos poemas sagrados dos gentios. Hoje da-se a qualquer livro escripto em folhas della.

As folhas uzadas na confecção dos *grandhans*, são as das palmeiras de côco ou as da brabtree. Estas são preferiveis á aquellas.

Escrevem-se as follas com um estylete de aço, fazendo dos dêdos indicador e maximo, da mão esquerda a meza; o annular e o minimo apertam a ella para não ceder ao movimento do estylete, e com a mão direita escreve-se na olla, pegando no estylete como quem pega n'um punhal, passando todavia a haste do estylete por cima do dedo minimo da mão direita.

Pelos caracteres esse *grandham* deve ser do seculo XVI e XVII (meado). E' originario do Malabar e escripto em caracteres *malcalam*, que é a lingua que uso aqui.

Tem o *grandham* duas partes: a primeira *Louvor de Deus*; a segunda intitula-se —*Bôa Historia*.

Puz tambem os nomes em *malcalam* por curiosidade.

Deixo ir a divisão tal qual aqui se faz.

A 1.<sup>a</sup> parte, ás direitas, a 2.<sup>a</sup> as avessas.

Lembro que será esse o unico exemplar no museu archeologico. J. M. A.—H. I. A. G. P.

Offertas:

Pela Bibliotheca Publica pelotense um volume de seus *Annaes*.

Pelo Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, um boletim mensal.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa, 2 numeros de seu Boletim.

Pela respectiva directoria um volume —*Jubileu do Hospital Portuguez de Beneficencia*.

Pela Bibliotheca Rio Grandense um exemplar—Relatorio apresentado a assemblea geral, pela directoria



Pelas redacções dous numeros das Revistas Militar e Ad Lucem.

Pelo Exmo. Dezor. Governador do Estado um livro manuscripto—Officios para El-Rei, Principe regente, Ministros de Estado e tambem ás côrtes.

Pelo consocio Cel. Manoel Herachito 22 pequenos volumes do almanak de Laemmert, de differentes annos.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Findo o expediente o Senr. Dr. Sebastião Galvão propoz que se desse solução ás trez propostas de socios effectivos, apresentadas na sessão antepassada e cujo parecer devendo ser discutido no que se seguiu até hoje ainda não o foi.

O Senr. presidente tomando na devida consideração a proposta do illustre consocio, pediu ao Senr. Augusto Cezar, unico membro presente da Commissão de admissão de socios, que se entendesse com os seus companheiros afim de ser dado o parecer e serem votadas as propostas na proxima sessão.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa.*—Presidente, *F. Alcedo da Silva Marrocos*, Servindo de 1.º Secretario.—*Sebastião de V. Galvão.*—Servindo de 2.º Secretario.

---

*Sessão ordinaria de 9 de Novembro de 1905*

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A una hora da tarde presente os Senrs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia, 1.º Secretario, Alcedo Marrocos 2.º, Pereira da Costa, Carneiro Vilella, Alfredo Freire, Sebastião Galvão e professor Rocha Pereira, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Convites das Sociedades “Bernardo Vieira de Mello”, do Monte Pio Popular Pernambucano e da Escola livre de Engenharia, para o Instituto se fazer representar nas suas festas de 10, 12 e 4 de Novembro.

Deu-se conhecimento dos convites á todos os Senrs. socios que compareceram na séde do Instituto.

#### Offertas:

Pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo o vol. IX de sua Revista.

Pelas Redacções—*O Archivo*, revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto Grosso, Revista Militar, Revista do Ministério das Colonias da Bolivia, Almanak Popular Brasileiro para o anno de 1906; e um catalogo de livros.

Pelo Club de Engenharia de minas do Perú um volume de seu Boletim.

Pelo Dr. Chateaubriand de Mello um volume de seu trabalho intitulado *O Leão da Floresta* e um numero do periodico *A Reacção*.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Senr. Presidente nomeou uma commissão para em nome do Instituto, felicitar o Exmo. Socio honorario, D. Joaquim Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro, por sua elevação ao Cardenalato, por occasião de sua passagem por esta Capital.

Em seguida lido e approvedo um parecer da commissão de admissão de socios, correu o escrutinio secreto e foi eleito socio effectivo o Dr. Antonio Pires Galvão.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa*, Presidente—*Alfredo Marrocos*, servindo de 1.º Secretario—*Augusto Cezar da Cunha*, supplente do 2.º Secretario.

*Sessão ordinaria de 7 de dezembro de 1905*

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presente os Senrs. Drs. Regueira Costa, Alcedo Marrocós, substituindo o 1.º Secretario, Carneiro Vilella, Pereira da Costa, Pedro Celso e major Augusto Cesar occupando a cadeira do 2.º Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um convite da Sociedade dos Artistas Mecanicos e Liberaes para o Instituto se fazer representar na festa anniversaria de sua fundação que se realiza em 26 de Novembro.

O Senr. Presidente declarou que logo que recebeu o convite nomeara uma commissão composta dos Drs. Coelho Leite, Arthur Muniz e Sebastião Galvão, para representar o Instituto naquella solemnidade.

Um dito do club da Guarda Nacional de Goyanna para o Instituto se fazer representar na solemnidade da collocação de uma placa na eaza em que nasceu, naquella cidade, o distincto patriota desembargador Joaquim Nunes Machado, solemnidade que devia realizar-se em 15 de Novembro.

Deixou de ser correspondido o convite por ter sido entregue no Instituto depois do dia 15.

Uma carta do 1.º Secretario da Officina Litteraria *Martins Junior* remettendo a relação de sua directoria do anno de 1905 a 1906 e agradecendo o concurso moral que lhe prestou o Instituto durante o anno findo e com o qual continua a contar. Inteirado.

Offertas:

Pela Conferencia Assucareira do Recife um volume dos seus trabalhos.

Pela Academia do Ceará um exemplar de sua Revista.

Pelo Senr. Alexandre Rosa um volume Numismatica—Los Paizes Bajos e Francia e America.



Pelas Redacções um numero da Revista de Sciencias Lettras e Artes de Campinas, outro da Revista Militar e outro da Nova Cruzada.

Pelo director da Bibliotheca do Rio de Janeiro uma medalha commemorativa do lançamento da pedra fundamental do novo edificio da mesma Bibliotheca.

Pelo Senr. R. Coelho de Mendoza, dous volumes—Viage del General Cypriano Castro, presidente de la Republica de Venezuela.

Pelo consocio Dr. Braz F. H. de Souza, um quadro com os retratos de todos os papas, até Pio IX.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Em seguida sendo lido e approvedo um parecer da commissão de admissão de socio, correu o escrutinio secreto e foi eleito socio correspondente o Dr. Francisco de Moraes Correia.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa*, Presidente—*Aprigio Garcia*, 1.º Secretario—*Dr. F. Alcedo da Silva Marrocos*—2.º Secretario.

---

*Sessão extraordinaria de 27 de Dezembro de 1905*

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presente os Senrs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia, Alcedo Marrocos, 1.º e 2.º Secretarios, Carneiro Vilella, Pereira da Costa, Pedro Celso, Arthur Muniz, Phaelante da Camara, Rocha Carvalho, Gervasio Fioravanti, Bianor de Medeiros e os Senrs. Barbosa Vianna, e Augusto Cezar, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approveda.

O Senr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente.

Uma carta do Senr. Paul Crechesler gerente da li-

thographia do Senr. F. A. Carls, offertando um exemplar da nova planta do Recife.

Offertas:

Pelo Senr. R. Tello de Mendoza um volume—Documentos del General Cypriano Castro.

Pelo Dr. Vicente Ferrer um summario Crime, tirado na antiga villa do Cabo contra Chrispim Antonio Nunes. Cópia do officio de Frei Placido de Messina, prefeito da Penha, ao Barão de Boa Vista, em 26 de Novembro de 1842. Cópia de uma sentença do Conselheiro Anselmo Francisco Perette, na questão contra José Rodrigues de Moraes e uma collecção de cartas geographicas e de retratos.

Pelo consocio Dr. Braz de Souza um volume do periodico —*A Esperança*.

Pelo consocio Dr. Pereira da Costa, grande numero de livros encadernados e brochuras sobre varios assumptos.

Pelo consocio padre Raphael Galante um volume de sua obra —*Historia do Brazil*.

Pela redacção um numero da Revista—*Ad Lucem* e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas:

Findo o expediente o Senr. Presidente declarou que a presente sessão fora extraordinariamente convocada para receber o socio correspondente Dr. Euclides da Cunha, ora nesta capital, de passagem para o sul, e que para condignamente fazel-o, propunham, elle e os seus companheiros da meza, na forma dos Estatutos, que fosse o mesmo Dr. Euclides elevado a socio honorario.

Apresentado o parecer da commissão de admissão de socios e correndo o escrutinio secreto foi approvedo.

Em seguida annunciada a presença do distincto homem de lettras, foi recebido por uma commissão previamente nomeada e introduzido no salão onde tomou assento.

O Senr. Presidente saudando em nome do Instituto ao novo socio honorario, deu a palavra ao orador Dr. Arthur Muniz, que proferio uma allocução congratulan-



do-se com aquelle Doutor, e concluiu por entregar-lhe o respectivo diploma.

O Dr. Euclides da Cunha em palavras elevadas, agradeceu a distincção de que era objecto por parte do Instituto.

Por sua vez o Dr. Gervasio Fioravanti, em nome da Academia de Lettras, de que é presidente, complimentou em palavras eloquentes ao distincto autor dos *Scrtões*, que é tambem membro honorario da mesma Academia.

Terminado o objecto para que fora extraordinariamente convocada, o Senr. Presidente levantou a sessão, a qual compareceram diversos outros amigos e admiradores do Dr. Euclides da Cunha.

*João B. Regueira Costa*, Presidente—*Aprigio Garcia*, 1.º Secretario—*Dr. F. Alcedo da Silva Marrocos*—2.º Secretario.

---

*Sessão ordinaria de 11 de Janeiro de 1906*

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presente os Senrs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia e Alcedo Marrocos, 1.º e 2.º secretarios, Pedro Celso, Arthur Muniz, Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho, Carneiro Vilella, Guedes Alcoforado e os Senrs. Soares Brandão e professor Rocha Pereira,, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Senr. Dr. 1.º Secretario, mencionou o seguinte expediente.

Um officio do 1.º Secretario da Sociedade patriótica *Sete de Fevereiro*, remettendo ao Instituto, afim de dar este o seu parecer a respeito, um trabalho do Dr. Carlos Xavier Paes Barreto, intitulado—Resumo Geographico e Historico do Municipio de Rio Formoso.

Remetteu-se á commissão de redacção para dar parecer.

Um cartão do director e funcionarios da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro felicitando o Instituto.



Offertas:

Pela directoria geral de policia administrativa, archivo e estatistica do Rio de Janeiro, o boletim da Intendencia Municipal, de Julho a Setembro de 1905.

Pela sociedade de Geographia de Lisboa, dous numeros do seu boletim.

Pela bibliotheca do Centro academico *Onze de Agosto*, de S. Paulo um folheto —Conferencias sobre o Jury.

Pelo autor, o Senr. Baraona Vega, um folheto—Algo sobre a educação nacional.

Pelo Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, um boletim mensal do Observatorio do Rio de Janeiro

Pela Sociedade de Geographia de Lima, dous numeros do seu boletim.

Pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, tres volumes da obra—As Minas do Brasil,—sua legislação, por Calogeras.

Pelas redacções um numero da Revista Militar, outro da *Folha do Sul*, de Novo Redondo.

Pelo consocio 1.º Tenente Frederico Villar, por intermedio do Senr. Ernesto Pereira Carneiro, um projectil retirado das muralhas de Villegaignon, contra as quaes foi atirado por uma das fortalezas da barra do Rio de Janeiro durante a revolta de Setembro.

Pelo consocio Dr. Arthur Muniz, depois de ler uma carta do Dr. Genaro Guimarães, uma medalha commemorativa da fundação e installação do departamento do Alto Juruá, no extremo norte da Republica, medalha offertada ao Instituto pelo Prefeito do alludido departamento Coronel Dr. G. Thaumaturgo de Azevedo.

Pelo mesmo Dr. Arthur Muniz foi lida outra carta do Senr. Antonio de Andrade Coura, na qual pede permissão para offerecer ao Instituto um velho documento historico relativo á revolução de 1817.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Lido um parecer da commissão de admissão de so-

cios correu o escrutinio secreto e foram eleitos socios correspondentes os seguintes senhores:

Dr. Joaquim Mancel Cardoso de Oliveira, 1.º Secretario da Legação Brazileira em Londres, Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, director da Instrucção Publica Municipal de Belem do Pará, Coronel Charles Eal. Church, Engenheiro Civil, Reverd. George Edmundson, autor de notaveis estudos sobre o dominio hollandez no Brasil e professor Hans W. Singer, de Dresden, que tão bons serviços tem prestado ao Instituto promovendo a copia de documentos valiosos para a nossa historia e ethnographia, Dr. Nelson de Senna, litterato Mineiro e Alberto de Faria, eminente escriptor Paulista.

Devendo realizar-se á 1 hora da tarde do dia 27 do corrente a festa anniversaria do Instituto, o Senr. Presidente nomeou para a commissão de convites ás autoridades superiores do Estado, aos Drs. Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e professor Rocha Pereira.

O Senr. Dr. Alfredo de Carvalho propoz e o Instituto approvou que se mandasse uma commissão ao Exmo. Senr. Dr. Governador do Estado solicitando a sua intervenção junto ao Exmo. Senr. Dr. Ministro da Fazenda afim de serem retirados da Alfandega independentemente do pagamento do respectivo despacho, que é muito oneroso, grande quantidade de clichés para a Revista do Instituto e quinhentos diplomas de socios, vindos da Europa.

Para essa commissão foram nomeados o proponente e os Drs. Pereira da Costa e Aprigio Garcia.

Por ultimo o Senr. Presidente communica o fallecimento do socio effectivo, Monsenhor Augusto Franklin Moreira da Silva, e o Instituto, a requerimento dos Drs. Arthur Muniz e Alcedo Marrocos, mandou que fosse lançado na acta um voto de pesar por esse infausto acontecimento.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Declaro em tempo que a proposta relativa ás estampas vindas da Europa foi feita pelo consocio Dr. Carneiro Vilella, e que o mesmo e o Dr. Aprigio Garcia não

fizeram parte da respectiva commissão e sim os Drs. Pereira da Costa e Alfredo de Carvalho.

*João B. Regueira Costa*, Presidente—*F. Alcedo da Silva Marrocos*, Servindo de 1.º Secretario —*J. M. Carneiro Vilella*, Servindo de 2.º Secretario.

---

*Sessão ordinaria de 25 de Janeiro de 1906*

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presente os Senrs. Drs. Regueira Costa, Alcedo Marrocos, substituindo o 1.º Secretario, que não compareceu, Carneiro Vilella, occupando a cadeira do 2.º Secretario, Arthur Muniz, Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e os Senrs. Soares Brandão e professor Rocha Pereira, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Senr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente.

Um officio do Coronel Manoel Pinto da Fonseca, Inspector da Alfandega, offertando a placa retirada do edificio d'aquella Repartição, onde fora collocada em 1840, na presidencia do Dr. Francisco do Rego Barros.

Offertas:

Pelo Secretario de Fomento, Colonisacion e Industria do Mexico, um boletim do Instituto Geologico.

Pela Sociedade de Geographia Romaica um volume de seu boletim.

Pelo Instituto do Rio Grande do Norte um volume de sua Revista.

Pelo Senr. R. Tello de Mendoza um volume da obra *Intimidades*.

Pelo Senr. M. Deloye um catalogo especial abrangendo as ultimas novidades photographicas e opticas.

Pelo consocio Dr. Pereira da Costa um prato de galletas de louça antiga que pertenceu á Companhia de Je-



sus e cujas armas traz estampadas no centro do mesmo prato.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados e pela Sociedade dos Artistas Mecanicos e Liberaes a relação de sua directoria no periodo de 1906.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Findo o expediente e lidos dous pareceres da commissão de admissão de socios, correu o escrutinio secreto e foram approvadas, para socio effectivo o commendador Eduardo Martins de Barros, prefeito do municipio do Recife e para socio correspondente o Senr. Barão W. F. van Rienrskyk, director do Muzeu Real de Amsterdam.

Em seguida o Senr. Presidente communica que a directoria do Instituto, em virtude do luto nacional decretado, em consequencia do desastre do *Aquidaban*, resolvera não realizar a festa anniversaria de 27 de Janeiro, para a qual ja havia expedido convites, resolução que foi approvada.

Propoz tambem o Senr. Presidente, sendo approvado que por telegramma o Instituto mandasse dar pezaes ao Exmo. Senr. Ministro da Marinha, e nomeou os Drs. Pereira da Costa, Arthur Muniz e Alfredo de Carvalho, para em commissão por parte do mesmo Instituto, represental-o nas exequias que deverão ser celebradas, nesta Capital, no dia 29 do corrente.

Por ultimo foi convocada para o dia 1.º de Fevereiro p. vindouro, a sessão de assemblea geral para a eleição da directoria do Instituto no anno social de 1906 a 1907.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa*, Presidente—*Aprigio Garcia*, 1.º Secretario—*Alcedo Marrocos*, 2.º Secretario.

(Continua).

# REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XVIII

Abril a Junho de 1915

N.º 88

## Industria e Commercio Assucareiro

Do Brazil Neerlandez (\*)

O Brasil, descoberto por Cabral cerca de 1500, foi regularmente occupado pelos portuguezes, que alli erigiram, em 1549, a sua primeira fortificação, em S. Salvador.

Já pelo anno de 1532 a canna de assucar fôra levada da ilha da Madeira para o Brasil e progressivamente a sua cultura tomou alli grande incremento, desenvolvendo-se principalmente na Bahia, onde em 1590 o numero dos engenhos moentes era de 36, e em Pernambuco, onde subia a 66. Em 1600, o seu numero em todo Brazil elevára-se a 120 e a produção annual orçava por 60000 caixas. (1).

Semelhante riqueza não deixara de despertar a co-

(\*) Capitulo IX (pp. 187-202) do livro —*De Suikerhandel van Amsterdam van het begin der 17de eeuw tot 1813*, por J. J. REESSE impresso em Haarlem, 1908, traduzido do hollandez por Alfredo de Carvalho.

(1) DR. EDMUND O. VON LIPPMANN: *Geschichte des zuihers, ein Beitrag zur Kulturgeschichte*. 1890, pp. 260, 261.



biça dos industriosos e commerciantes hollandezes, e ainda antes do começo da tregua de doze annos, a muitos occorrêra a idéa de tentar uma expedição ao Brasil. Com isto, não só ganhariam os interesses mercantis, como far-se-ia grande damno ao rei de Hespanha, ao qual, desde a annexação de Portugal em 1580, pertencia o Brasil (2). A celebração da tregua determinou que semelhante plano permanecêsse, por muito tempo, sem ser executado; mas, ao recommencarem as hostillidades, em 1621, voltou á tona da discussão, para o que muito contribuiu o privilegio concedido á Companhia das Indias Occidentaes, fundada na mesma data.

Os planos e os motivos da empreza foram claramente expostos na proposta apresentada, em Abril de 1623, ao principe de Orange por alguns delegados dos Estados Geraes, dos quaes foi intermediario Jan Andries Moerbeek (3.) Salientavam nella as seguintes considerações sobre a exequibilidade e as vantagens da empreza:

“1.º Os moradores brasileiros e portuguezes, não estão em condições de se defenderem contra a Companhia das Indias Occidentaes.

“2.º Os portuguezes são inimigos jurados dos hespanhóes e submeter-se-hão tão bem á soberania do principe de Orange como a de Hespanha, sobretudo si forem tratados com discernimento.

“3.º Não obstante o paiz ser muito grande, impõe-se a conquista de toda Bahia e Pernambuco, para garantia do dominio da região inteira.

---

(2) W. USSELINX, cujas opiniões em assumpto das Indias Occidentaes eram muito acatadas, escrevia, já em 1608: “Hia longos annos foi tambem proposto um meio de derivar a guerra para as Indias Occidentaes; eu tambem fiz um discurso sobre a diversão da guerra, etc, ..... de modo que os thezouros vindos das Indias Orientaes e Occidentaes, com os quaes os hespanhóes flagellam a Europa inteira, tivéssem outro caminho e, em vez de entrarem para o seu bolso, caíssem no nosso.” (USSELINX: *Naderder bedenkingen over de zeevaerd, coophandel ende neeringhe van de staet der vereenigde landen*, pag. 31.)

(3) MOERBEEK: *Redenen waeromme de W. I. C. dient te trachten het landat van Brezilia den coninck van Spangien te ontmachtigen*.



“4.º Estes logares não são de difficil expugnação.

“5.º Ambas as cidades estão situadas á beira-mar, pelo que a sua conquista não exige grandes exercitos, sobretudo si houver sigillo na execução da empresa.”

Muitas outras razões mais foram adduzidas, entre as quaes é característica a de ser o empreendimento um acto de equidade, porquanto o rei de Hespanha tomára injustamente Portugal (e com elle o Brasil) ao seu rei, “sobejo motivo para que a justiça divina assistisse á empresa.” Mais adiante é ponderado que “a invocação da benção de Deus e as preces da communitade não eram de pequena importância, mas, de grande consideração, porque para tê-la e conseguí-la havia mistér de amparar a cauza com as orações dos crentes, de modo a produzir damno a Hespanha e vantagem a Neerlandia.”

Veamos agora o plano para o qual devia ser invocada a protecção divina: o paiz tinha de ser saqueado; confiscadas as mercadorias, navios, munições de guerra e productos agricolas, o povo—que contava muitas pessoas notaveis—seria sujeito a um imposto de capitação; os soldados e marinheiros obteriam boas prezas, tanto em dinheiro de contado, joias, prataria, roupa de preço e fazendas, como em outras couzas; “com a cessão voluntaria destes despojos a Companhia das Indias Occidentaes ganharia tamanha reputação que, em todo tempo, poderia obter toda a gente de que occasionalmente houvesse necessidade.”

Exposta assim a possibilidade da empresa, passava Moerbeek a enumerar as suas vantagens. Além dos prejuizos cauzados ao rei de Hespanha, consistiam estas no lucro das mercadorias aprezadas e, mais tarde, do commercio regular, figurando em primeiro plano o assucar, cuja producção era assim approximadamente orçada:

|                                                                                                                                                      |                    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|
| “Do Brasil podem ser annualmente exportadas 60000 caixas de assucar de 500 libras, sendo 1/3 brancos, a 12 sôldos a libra, preço de compra . . . . . | 2000000 de florins |
| 1/3 mascavado, a 4 sôldos a libra, preço de compra . . . . .                                                                                         | 100000 ” ”         |

|                                                                  |                    |
|------------------------------------------------------------------|--------------------|
| 1/3 panellas, a 2 sôldos a libra<br>preço de compra .....        | 500000 de florins  |
| Preço de compra de 60000 caixas                                  | 3500000 " "        |
| Frete e despezas do Brasil a Amsterdam a 12 florins a caixa .... | 720000 " "         |
| Preço posto em Amsterdam..                                       | 4220000 " "        |
| O preço de venda em Amsterdam:                                   |                    |
| Branços..... 18 sôldos a libra                                   | 4500000 de florins |
| mascavados. 12 " " "                                             | 3000000 " "        |
| panellas... .., 8 " " "                                          | 2000000 " "        |
| Importancia total .....                                          | 9000000 " "        |
| Custo de compra .....                                            | 4220000 " "        |
| Lucro .....                                                      | 5280000 " "        |

somma esta que aproveitava ao commercio hollandez e, respectivamente, á Companhia das Indias Occidentaes, accrescendo ainda que, sendo Lisboa o principal entreposto do genero, este pagava alli direitos de entrada e de saida ao rei de Hespanha.

Além disto, os 3500000 florins, preço de compra de 60000 caixas de assucar, seriam principalmente pagos pela Companhia, em mercadorias com um lucro de, pelo menos 30 %, ou fôsse um milhão de florins.

Urgia ainda considerar as vantagens que resultariam á industria nacional.

Com a purificação do assucar bruto, os refinadores hollandezes ganhariam annualmente de 500 a 600000 florins, havendo um decreto que prohibia a exportação do assucar bruto das Provincias Unidas.

A exportação do assucar refinado para estrangeiro, nomeadamente, para Allemanha, França, Inglaterra, paizes do Baltico e Polonia, deixaria um lucro de cerca dum milhão de florins. Cumpria mais attender aos salarios que caberiam aos operarios, artifices, capitães e arráes e a muitas outras conveniencias, pelas quaes a nova industria promoveria a prosperidade da nação.

Estas considerações podem ser ou não exaggeradas;

mas, em todo eazo, testemunham de grande espirito de iniciativa, engenhando sobriamente os planos os mais audazes para o incremento das transacções commerciaes.

Até que ponto estas considerações influíram sobre as deliberações da Companhia das Indias Occidentaes não é sabido; é certo, porem, que, em Dezembro de 1623, fez-se de vela uma frota de 26 navios e hyates, aprestados pela Companhia, e, após rapida viagem, chegou á altura de S. Vicente, uma das ilhas do Cabo Verde, seguindo depois até 6º de latitude Sul. Alli, o almirante Willekens, de accôrdo com as ordens recebidas, abriu as instrucções secretas dos directores da Companhia, que continham a injunção de atacar a cidade de S. Salvador e empregar todos os meios para se apoderar daquella praça. (4.)

O resultado da expedição é conhecido. S. Salvador abandonada de quasi todos os habitantes, foi facilmente conquistada; da cidade e dos navios retiraram os vencedores ricos despojos, como fossem 1400 caixas de assucar já embarcados e 2500 nos armazens.

A cidade foi occupada em nome dos Estados e da Companhia; mas, no anno seguinte, os hespanhões a recuperaram.

Recordemos aqui perfunctoriamente a historia posterior dos hollandezes no Brasil: uma frota, enviada da Hollanda para retomar a cidade, não conseguiu o desejado intento, comquanto cauzasse graves damnos aos hespanhões e portuguezes. Em 1629, foi tentada uma nova expedição contra o Brasil, que teve melhor exito: Olinda, na capitania de Pernambuco, foi conquistada, e, desta data até 1636, pôde a Companhia, apoderar-se de grande parte do Brasil. Estas conquistas foram acompanhadas dum sequito de pilhagens, roubos, assassinatos e incendios, entre os quaes a inconsiderada destruição e queima de 52 engenhos e armazens de assucar, segundo consta da resenha feita por Laet dos prejuizos cauzados pelos nossos ao rei de Hespanha no Brasil. (5.)

(4) DE LAET: *Histoire ofte jaerlijch verhael*, 1644, pag. 11.

(5) LAET era director da Companhia e, como tal, teve accesso ás fontes officiaes.



Com grande gaudio faz elle menção disto e demora-se, com evidente prazer em salientar o valor dos *bellos engenhos* destruidos. A importancia total, em assucar, engenhos e armazens destruidos, deixa-se computar pela referida lista em 4000000 de florins, quantia que o proprio autor considera inferior á realidade. Além disto foram retiradas das embarcações apreçadas e transportadas para a Hollanda 39355 caixas de assucar que, segundo Laet, produziram aqui 7871000 florins.

Não obstante a industria assucareira no Brasil ter soffrido consideravelmente em consequencia das depredações dos hollandezes nestes annos de guerra, de Laet lançando um golpe de vista retrospectivo sobre os resultados obtidos por estas e outras façanhas, manifesta a sua completa satisfação e termina piamente "pelo que unicamente ao bom Deus devemos agradecer e louvar." (6)

Em 1637 a Companhia das Indias Occidentaes entregou o governo do Brasil a João Mauricio de Nassau, que o exerceu até 1644, procurando estabelecer um estado de couzas mais regular, promover o commercio e restaurar a industria. No começo de sua administração, fez ainda varias conquistas aos portuguezes, entre outras a de Sergipe, onde havia grande numero de engenhos, abandonados pelos seus proprietarios, que foram vendidos em proveito da Companhia, produzindo a somma de quasi 2000000 de florins. (7)

Uma nova tentativa contra S. Salvador foi infructifera, de sorte que a Bahia nunca mais caio em mão da Companhia.

Entremettes, no anno de 1634, fôra declarado livre aos particulares o commercio com as possessões da Companhia das Indias Occidentaes, devendo, entretanto, pagar-lhe direitos de entrada e de saída.

Esta medida foi cauza, em nosso paiz, de muitas discussões e as proprias camaras da Companhia se manifestaram divergentes a respeito.

(6) O seu livro, convem notar, foi publicado em 1644, isto é, um anno antes de expirar o privilegio da Companhia das Indias Occidentaes.

(7) ELIAS LUZAC: *Hollands rijkdom*, 1780 Vol. I, pag. 325,

Em geral os direitos eram considerados excessivamente elevados e por demais peizados para os particulares. O principal motivo de desgosto foi, porém, a clausula que impunha a estes a prohibição de transportarem suas mercadorias e productos em navios proprios e os obrigava a carrega-los nos da Companhia, mediante altos fretes que, onerando o commercio, não davam lucro á Companhia, a qual, segundo se affirmava, não cuidava em equipar os seus navios com economia.

Comtudo, a abertura do commercio com o Brasil, em 1634, determinou muitos negociantes a enviarem para lá as suas mercadorias, o que influio beneficemente sobre a industria assueareira.

Mas, inesperadamente, os Estados Geraes baixaram, em 1636, um decreto fechando de novo o commercio.

A noticia de semelhante acto produziu grande consternação: os predios e todos os bens immoveis perderam num dia, no Recife, metade de seu valor; os moradores tiveram com isto grandes prejuisos; mas, a propria Companhia foi attingida, pois, devido á suspensão da entrada de viveres e de roupas, teve de dispender sommas avultadas para prover ás necessidades da sua irrequieta milicia e de seus funcionarios.

Um terço do seu capital foi assim consumido em dezeseis mezes. Succedêra outrosim que o decreto prohibitivo fôra promovido pelos directores das outras camaras, sem conhecimento da de Amsterdam e por inveja desta cidade (8), motivo pelo qual foi cassado dois annos depois, sendo decretada, com ponderosas razões justificativas, a reabertura do commercio.

Que estado de couzas! De 1633 a 1638, num periodo de cinco annos, foram por quatro vezes, tomadas medidas radicaes quanto á situação da Companhia e ao commercio particular!

Em consequencia, não era de esperar um são desenvolvimento, dos negocios, porquanto, devido a rivalidades e invejas reciprocas entre as provincias, as disposições legislativas destinadas a regular as transacções com-

---

(8) *Muniment-register van de Vroedschap van Amsterdam*, A. fol. 45 et passim.

merceiaes foram modificadas dum dia para outro, sendo assim privadas as operações mercantis da base firme sobre a qual unicamente pôde assentar uma empresa solida.

O debate sobre a franquia do commercio do Brasil aos particulares foi movido com grande vigor e vehemencia por ambos os partidos e deu logar ao apparecimento de numerosos pamphletos, muitos dos quaes são conservados na collecção da Bibliotheca Real de Haya.

De preferencia a nos determos na consideração dos qualificativos pouco lisonjeiros e pouco amaveis, que os partidos se lançavam mutuamente em rosto (9), procuraremos consignar aqui, com o auxilio dos dados contidos nos mesmos pamphlêtos, alguns calculos apropriados a esclarecer as questões ligadas ao commercio do Brasil. Segundo elles os lueros que a Companhia auferia, com o commercio livre, cifravam-se assim. (10).

Arrematação dos dizimos, viveres,  
barreiras e balanças (11) que,  
baseada em rendimentos anteriores, podiã ser orçada em..... 400000 florins  
Nos ultimos tempos o Brasil havia exportado, annualmente, ..

(9) Assim o autor da "Exposição contra as consequências infundadas e perniciosas do commercio livre, 1637" (*Vestooogh tegen het ongefondeerde en schadelijck sluiten van den vrijen handel*), foi qualificado de "um apaixonadissimo negociante brasileiro", cujo trabalho não continha "senão paixões sem estylo, sem ordem, sem fundamento, sem aprofundada compreensão, cheio de exclamações, repleto de alvertencias ociosas, inçado de palavras violentas e de ameaças"; em resumo, o escripto foi denominado "uma producção abortada". (*Examen over het Vestooogh tegen het ongefondeerde, etc.*, por um investigador da verdade.

(10) Estes dados são extrahidos do *Consideratien over de ttegenwoordige ghelegenheydt van Brasil. 1644.*"

(11) Os dizimos eram uma classe de tributo devido á Companhia, importando na decima parte de todos os fructos da terra. Além disto, os viveres (*consumptien*) tinham que pagar no Brasil pesados direitos de entrada; nossos impostos, sob os nomes de "balanças e barreiras", oneravam igualmente o commercio e a navegação. Estes dizimos e impostos eram arrendados e o producto media de sua arrematação é o inscripto sob este titulo,



|                                                                                                                                                                                                                                          |                |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| 18000 caixas de assucar, que pagavam de "recoguição" á Companhia 20 %, isto é 3000 caixas (sendo 20 % sobre ... 18000—3000 = 15000 caixas, a 225 florins por caixa ..... 675000, menos 15 fls. de frete por caixa, ou 45000 florins .... | 630000 florins |
| Alem destas 2000 caixas, a Companhia cobrava mais de "recoguição" um sôlido por cada libra de assucar dos restantes.. 15000, o que, á razão de 600 libras a caixa, importava em....                                                      | 225000 florins |
| De frete cobrava-se 110 florins por 54 arrobas, ou por caixa de 22 arrobas 45 florins, ao passo que o custo real do frete era de 15 florins por caixa, lucrando assim a Companhia 30 florins em cada caixa, ou fôsse, em 15000 .....     | 450000 florins |
| Outrosim arrecadava a Companhia o imposto de comboio e a "recoguição" dos generos exportados para o Brasil, que nos annos anteriores produziram...                                                                                       | 250000 florins |
| <hr/>                                                                                                                                                                                                                                    |                |
| Total ...1.955000 florins                                                                                                                                                                                                                |                |

Conforme estes calculos, a Companhia podia, com o commercio livre e admittido que todo o assucar produzido pelo Brasil fôsse negociado por particulares, ter uma renda annual de quasi dois milhões de florins.

Si os seus lucros, nesta epocha (1644) não attingirem a importancia correspondente a estes e a outros calculos semelhantes, a cauza derivava da fraude na cobrança das "recoguições" e na irregularidade do pagamento dos dizimos.

Além disto a Companhia, não raro, descurava a remessa, para o Brasil, dos generos de sua necessidade, sendo assim forçada a os comprar aos particulares.

A estes os funcionarios, segundo constava, compravam as mercadorias pelo quadrupulo do seu valor, no que um systema de peitas, de que ainda falaremos, entrava consideravelmente em jôgo. Com isto teremos assinalado a principal cauza da falta de proveitos da Companhia: a má administração da colonia.

Tendo-se em vista este facto, poucas vantagens haveria a esperar do alvitre lembrado por alguns, e aliás digno de todo o applauso nas circumstancias reinantes, no sentido da Companhia fazer explorar por conta propria a cultura e a industria, na esperança de melhores resultados.

De accôrdo com este systema, a Companhia deveria confiar a direcção das fabricas a "mestres de engenho", gratificando-os com 8 florins por cada caixa de assucar.

Para este fim os "mestres de engenho" teriam, da Companhia, o uzo livre das terras e dos escravos, dos engenhos e dos pertences, e dos feitores e dos artifices, etc. Urgia, porém, estabelecer medidas severas afim de obstar que os "mestres de engenho", em vez de entregar o assucar á Companhia, o vendessem a particulares.

Para demonstrar a utilidade de semelhante processo foi estabelecido o seguinte calculo. (12).

Admittido um engenho produzindo annualmente 300 caixas de assucar, a sua renda bruta seria:

|                                       |               |
|---------------------------------------|---------------|
| 200 caixas de assucar branco=4400 ar- |               |
| robas, a 18 S (13) .....              | 23760 florins |
| 100 caixas de assucar mascavado=2200  |               |
| arrobas, a 13 S .....                 | 8580 florins  |
|                                       | <hr/>         |
| Renda bruta                           | 82340 florins |

Em contraposição, as despezas com a exploração do mesmo engenho montavam em:

|                                     |              |
|-------------------------------------|--------------|
| Gratificação ao "mestre de engenho" |              |
| por 300 caixas a 8 florins .....    | 2400 florins |

(12) Este calculo, excepto algumas correções exigidas por agramismos errados, é extraído do *Welwaert van de West-Indische-Compagnie*, 1646.

(13) S=schilling flamengo=6 sôldos.

|                                                                                                                                      |       |   |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|---|
| Custo de 300 caixas para a expedição do assucar, a 8 florins .....                                                                   | 2400  | " |
| Quinze empregados, entre feitores e artifices, com o ordenado medio annual de 600 florins .....                                      | 9000  | " |
| Conservação das machinas e pertences                                                                                                 | 2000  | " |
| Despeza de transporte até ao Recife, sem contar os carros, animaes, escravos e barcos do proprio engenho a 5 florins por caixa ..... | 1500  | " |
| Dezeseis escravos que morriam annualmente (14) a 100 florins .....                                                                   | 1600  | " |
| Subsidio ao capellão .....                                                                                                           | 1000  | " |
| Juros do custo de 160 escravos, a 100 florins (16000 florins) a 10 % annuaes .....                                                   | 1600  | " |
| Juros do custo de 60 cabeças de gado, a 300 florins (18000 florins), a ... 10 % ao anno .....                                        | 1800  | " |
| <hr/>                                                                                                                                |       |   |
| Total das despezas                                                                                                                   | 23300 | " |

Haveria, pois, um saldo de 9040 florins, sujeito ainda á deducção do dizimo e de 1 1/2 % de pensões (?), ou 11 1/2 %, que aliás dava a mesma Companhia um proveito de 5320 florins, sobre 32340 florins, além do lucro liquido de 5320 florins.

Multiplicado por 100 engenhos, este lucro arcaria em 532000 florins.

Ao demais deste proveito pecuniario, a exploração dos engenhos por conta propria promettia á Companhia as vantagens de poder exercer benefica influencia sobre a marcha dos negocios em geral e, com especialidade, sobre o progresso da agricultura, porquanto nada havia a esperar da iniciativa dos particulares. O empenho destes cifrava-se em obter o maior preço possivel para os generos importados, determinando a penuria de viveres, a despopulação, a falta de braços, e a decadencia dos trabalhos agricolas.

---

(14) Note-se que assim a mortalidade dos escravos subia a 10 % annualmente.



Mas, infelizmente, á propria Companhia falleciam, para agir neste sentido de modo proficuo, a bôa organização e o prestigio moral, conforme se verifica de numerosos pamphlêtos contemporaneos que, directa ou disfarcadamente, accuzavam os seus directores, e attribuiam a cauza da ruina á corrupção dos administradores no Brasil. Levantavam-se queixas vehementes contra os demandos dos membros do respectivo Conselho Supremo, denunciados como ociosos e indignos-sybaritas, vivendo na opulencia e no luxo com o dinheiro da Companhia sem ligarem o menor apreço aos seus interesses; e os pamphletarios clamavam que tudo se perderia si, com urgencia, não fôsem enviados ao Brasil tropas, navios, dinheiro e munições, mas, sobretudo, administradores diligentes e probos.

O mesmo escripto (15) consigna um computo dos prejuizos cauzados á Companhia pela prevaricação dos taes conselheiros que, mediante presentes, se comprometiam a não mandar executar os devedores da mesma.

Occorrem tambem alli dados relativos á exportação de assucar (16), pau-brasil, marfim, cobre, anil, etc., durante os annos de 1637-1644, demonstrando que neste praso, a Companhia devia ter recebido do Brasil productos dum valor equivalente a 17.886.737 florins, cifra esta que o folliculario atirava á cabeça dos directores, imprecando com razão: "Todo este bello capital foi de facto importado; mas, pouco ou nenhum proveito d'elle tiveram os accionistas, como succederá tambem na liquidação final. Em verdade cauza escandalo ver tantas riquezas assim malbaratadas por incuria."

Não só neste como em outros pamphlêtos (17) era proclamada a precaria situação do Brasil, e tambem os não pagamento das dividas dos moradores portuguezes á Portuguezes queixaram-se ao seu rei do modo por que alli eram tratados (18).

Tambem elles delatavam a monstruosa prevaricação

(15) *De Brasilische Geltsack.*

(16) Vide o Anexo.

(17) Vide *De Brazilische Breede-lujil.*

(18) *Remonstrantie van sijn konincklijke majesteit van Portugal.*

Companhia, cujos contractos, “a juizo de todos, tinham sido a ruina da mesma, si bem que muito lucrativas para os seus empregados. Si na testa de cada um delles estivesse inscripta a somma dos presentes recebidos, ver-se-ia que importava certamente em um terço das remessas que deviam ter sido feita do Brasil á Companhia.”

O epilogo da historia dos Hollandezes no Brasil é assás conhecido e aqui será apenas lembrado em poucas palavras. Os Portuguezes, aproveitando-se da impotencia da Companhia e, sobretudo, auxiliados pelo clero, não cessavam de tecer conSPIrações e de armar traições aos Hollandezes, até que, inesperadamente, appareceu uma grossa armada portugueza, que lançou ferro diante do Recife de Pernambuco. Ajudados de traidôres, os de terra apoderaram-se do cabo de Santo Agostinho e da melhor porção do Brasil, que pertencêra á Companhia. E' certo que, em 1647, foi para lá enviada uma armada dos Estados, que pouco conseguiu, de modo que, ao tempo da paz de Munster, á Companhia restavam apenas as tres praças fortes do Recife, da Parahyba e do Rio Grande, Em 1654 tambem estas ultimas praças foram perdidas; uma guerra declarada, tres annos após, pelos Estados-Geraes a Portugal, nada recuperou, e, na paz de Haya, em 1667, a Neerlandia disistio de suas pretensões a todas as possessões que tivêra no Brasil, em beneficio de Portugal, contra uma indemnisação de 8000000 de florins, que este reino lhe devia pagar.

Devido á oscillante politica commercial e á má organização interna, quer a Companhia das Indias Occidentaes, quer o commercio hollandez, não tiraram do Brasil, nem mesmo remotamente, que a principio d'elle eram esperados. A exportação do assuear, o nucleo de todas as operações mercantis com aquelle paiz, ficou muito aquem do que preconizára Jan Andries Moerbeek. Nassau podem ter, temporariamente, exercido um influ-

Os sete annos do governo de Joan Mauritius van xo bemfazejo sobre a marcha dos successos; mas, não foram capazes de implantar os germens dum systema de sã administração. (19).

(19) Cumpre não deixar em silencio que os accionistas não se mostraram inteiramente satisfeitos com o go-



Por fim passou-se a lamentar que se tivésse deixado as couzas correr á revelia; o “Brasil perdido por incuria” (*verzuimd Brasil*) permaneceu como objecto de pezar para os accionistas da Companhia das Indias Occidentaes, que se consolavam esperando a epocha:

*Quando a Hollanda outra vez seu cutelo subtil Fizer ferir a gorja ao perfido Brasil. (20)*

Esta epocha não devia chegar; mas, o periodo brasileiro não deixou de exercer influencia duradoura sobre o nosso commercio assucareiro posterior: em 1655, os 20000 Holandezes, que ainda tinham ficado no Brasil, foram dalli deportados pelo governo portuguez, sendo confiscados os seus bens. A consequencia disto foi que grande numero delles se dirigiram para as Antilhas e lá se dedicaram á cultura do assucar, creando assim ao Brasil um formidavel concurrente que, no decorrer dos tempos, lhe veio a fazer sombra.

-----

verno deste principe, não obstante as suas qualidades de general e de administrador, e o accusaram de prodigo. Levára consigo o conhecido architecto Pieter Post, (irmão do pintor Frans Post, que tambem o acompanhou, e a quem devemos muitos quadros e gravuras de assumptos brasileiros, entre outras as do livro de Barlaens) sob cuja direcção fundou, na ilha de Antonio Vaz, uma nova cidade, Mauritsstaad, fez levantar construcções em outros logares, e edificou sumptuosamente, com grandes despezas, o seu proprio palacio de Vrijburg. O Brasil teve tambem de prestar o seu contingente á Mauritshuis, em Haya, palacio que o principe fizera construir durante a seu estada no Brasil, em cujo madeiramento foram empregados os mais preciosos lenhos brasileiros, ao passo que, para occorrer aos gastos da construcção, Nassau envia á Patria grandes partidas de assucar, pelo que o citado edificio foi tambem, ironicamente deenominado o palacio de assucar” (*suiker-paleiso*. Veegens (Mr. J. D.): *Historische Studien*, I, 1884, pp. 123-125.—Die Haghe. *Bijdragen en Mededeelingen*, 1908, pp. 143 e 144.

(20) *Wanneer de Maatschappij nog ceus laer scherpe bijl Den nek liet treffen van het wrevelde Brazijl*. Antonides v. Goes, I. Jstrom, 1671.



# ANEXO A

Exportação do Brasil para a Patria e preços do assucar nos annos de 1637—1644.

| Annos   |           | COMPANHIA            |                           |                              |                      |                           |                              |                      |                           |                              |                      | PARTICULARES |  |                           |                              |         |                      |          |
|---------|-----------|----------------------|---------------------------|------------------------------|----------------------|---------------------------|------------------------------|----------------------|---------------------------|------------------------------|----------------------|--------------|--|---------------------------|------------------------------|---------|----------------------|----------|
|         |           | BRANCOS              |                           |                              |                      |                           | MASCACAVADOS                 |                      |                           |                              |                      |              |  | PANELLAS                  |                              |         | QUANTIDADE EM LIBRAS |          |
|         |           | Quantidade em libras | Preço da libra em sólidos | Importancia total em florins | Quantidade em libras | Preço da libra em sólidos | Importancia total em florins | Quantidade em libras | Preço da libra em sólidos | Importancia total em florins | Quantidade em libras |              |  | Preço da libra em sólidos | Importancia total em florins | Branços | Mascavados           | Panellys |
| 1637-39 | 4.630.731 | 14                   | 3.241.512                 | 1.707.360                    | 9                    | 768.212                   | 846.720                      | 5                    | 211.680                   | 10.411.770                   | 4.658.100            | 1.270.470    |  |                           |                              |         |                      |          |
| 1640    | 1.161.400 | 9                    | 522.630                   | 226.800                      | 7                    | 79.030                    | 18.600                       | 5                    | 4.650                     | 2.683.800                    | 1.060.200            | 73.800       |  |                           |                              |         |                      |          |
| 1641    | 1.258.200 | 10                   | 629.100                   | 342.600                      | 6                    | 102.780                   | 46.800                       | 5                    | 11.700                    | 5.761.600                    | 2.301.600            | 634.800      |  |                           |                              |         |                      |          |
| 1642    | 1.839.585 | 9                    | 827.810                   | 428.820                      | 6                    | 128.648                   | 78.315                       | 4 1/2                | 17.620                    | 4.014.800                    | 1.277.800            | 134.000      |  |                           |                              |         |                      |          |
| 1643    | 669.402   | 8                    | 267.761                   | 277.425                      | 6                    | 93.227                    | 364.357                      | 4 1/2                | 81.980                    | 5.682.000                    | 1.942.200            | 5.400        |  |                           |                              |         |                      |          |
| 1644    | 278.677   | 9                    | 95.404                    | 118.755                      | 6                    | 35.626                    | 63.225                       | 4 1/2                | 14.225                    | 3.180.600                    | 1.203.600            | 13.800       |  |                           |                              |         |                      |          |

N. B. — Estes dados são extraídos do *Brasilische Geldsack*, reduzidas as caixas e as arrobas a libras, calculadas as caixas em 600 libras e as arrobas em 30 libras (como no original, em lugar de 28 libras). Os preços e a importancia total em florins referem-se ao producto da venda na Neerlandia.

## Exposição

que, no commercio do Brasil, os particulares

| Annos           | Direitos                                                                                                                                                                            |                                                                                                   |
|-----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                 | De saída do Brasil para a Hollanda                                                                                                                                                  | De saída da Hollanda para o Brasil                                                                |
| 1621            | Commercio inteiramente prohibido                                                                                                                                                    |                                                                                                   |
| Janeiro<br>1634 | 2 florins : 12:8 por caixa de assucar era a importancia habitual do imposto de comboio.                                                                                             | O imposto habitual de comboio e mais 8 % <i>ad valorem</i> , a pagar em mercadorias.              |
| Janeiro<br>1635 | O mesmo e mais 20 % das mercadorias.                                                                                                                                                | O mesmo.                                                                                          |
| 1636            | Commercio novamente prohibido                                                                                                                                                       |                                                                                                   |
| Abril<br>1638   | 20 % das mercadorias, ou o valor correspondente em dinheiro e mais 1 sôllo por libra de assucar de qualquer qualidade.                                                              | O imposto habitual de comboio e mais 10 % das mercadorias, ou o valor correspondente em dinheiro. |
| Agosto<br>1648  | 25 % do assucar e mais 16 florins por cada caixa de 24 arrobas, além de 2 florins : 12:8 de imposto de comboio por caixa, e ainda 1 sôllo por libra de assucar branco ou mascavado. | O mesmo.                                                                                          |

# XO B

## dos direitos

pagavam á Companhia das Indias Occidentaes

| Fretes                                                           |                                  | Nota                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|------------------------------------------------------------------|----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Do Brasil para a Hollanda                                        | Da Hollanda para o Brasil        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| aos particulares,                                                |                                  | <p>Ambas as Companhias, tanto as das Indias Orientaes como a das Occidentaes, estavam isentas do pagamento do imposto de comboio.</p> <p>Quanto ao commercio dos particulares com o Brazil, explicava-se que elles devessem pagar o imposto de comboio á Companhia e não ao Estado. A importancia do mesmo era de 15 sôldos por 100 libras de assucar bruto, sendo a caixa de assucar do Brasil calculada, para o pagamento do imposto de comboio, em 350 libras, com quanto, na realidade, pezasse muito mais.</p> <p>Isto corresponde exactamente á importancia indicada de 2 : 12 : 8 florins por caixa.</p> |
| 60 florins por 54 arrobas de assucar.                            | Conforme ajuste com a Companhia. |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| O mesmo.                                                         | O mesmo                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| aos particulares.                                                |                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 110 florins por 54 arrobas.                                      | Conforme ajuste com a Companhia. |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Não era pago á Companhia e si m ajustado com o capitão do navio. | O mesmo.                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |



**António Martins Pálha natural da Ilha Gra-  
ciósa (Açores), na expulsão dos hollan-  
dêzes no Brazil (1639--1684).**

No arquivo do extinto Conselho Ultramarino, que se guarda na Bibliothéca Publica de Lisbôa, está um requerimento de Joaquim Tavâres Couceiro, natural da freguesia de S. Pêdro Mártir, de Olinda, Tenente do Regimento de Milicias do Recife, denominado dos *Nobres*, filho legitimo do Sargento-mór Vicente de Sousa Couceiro, natural do Recife e de sua mulher Dôna Clara Tavâres, natural de Olinda;—neto patérno do Tenente Coronel José de Sousa Couceiro, Governadôr da Fortalêsa de S. João Batista do Brum, natural de Olivença, e de sua mulher Dôna Josefa de Sousa, natural do Recife;—e néto matérno do Ajudante António Tavâres da Costa Magalhães, natural de Olinda e de sua mulher Dôna Luisa Terêsa de Jesus, natural de Olinda, do qual consta que Dôna Joséfa de Sousa éra filha do Tenente Coronel de Infantaria, pago,—António de Sousa Marinho, da vila do Recife, e de sua mulher Dôna Antónia Correia, natural de Lisbôa,—nêta patérna do *Capitão* António Martins Pálha, natural da ilha Graciósa, freguesia de Nossa Senhora do Guadalupe, e de sua mulher, Domingas dos Santos, da freguesia de Apojúca, Pernambuco; se se transcreveu o seguinte *Alvará de*

*Lembrança*, onde se consignam os relevantes serviços do referido *Antônio Martins Pálha*:—“*Eu El Rei* faço saber aos que este meu *Alvará* virem que tendo respeito aos serviços que *Antônio Martins Pálha*, filho de Domingos Martins, e natural da ilha Graciósa, me fêz na Praça da Baía, e Capitania de Pernambuco por espaço de trinta e nôve anos, sete mêses e ôito dias enterpoladamente, desde outúbro de *seiscentos e trinta e nôve* até trinta de junho de *seiscentos e oitenta e quatro* em praça de soldado, cabo de esquadra, sarjento, alfêres vivo e reformado, embarcando-se a principio no socôrro que fôï dêste Reino á Baía, e chegando áquela Praça ir para Pernambuco na Armada Rial, procedendo com satisfação nas quatro batalhas naváís que houve com os Holandêzes entre as Capitánias do Parahiba e Itamaracá, onde ficáram com as naus destroçadas, e outras a pique, e môrto o seu general do mar, derrotando a Armada nos baixos de S. Roque, saltar em terra no pôrto do Touro, marchar pela campanha do inimigo em companhia do Mestre de Campo Luis Barbalho, e socorrêr a Baía, tendo no decúrso da jornada muitos encontros de peleja, principalmente na Capitania do Rio Grande; na investida de cem soldados e Tapuyas que estávão de embuscada, dos quáís ficáram môrtos trinta, e os máís pôstos em fugída; no assalto do enjenho de Goyana, onde ficáram degolados máís de quinhentos, recolhendo-se os mais a uma casa fórte, pelejando máís de tres horas com grande risco de vida por andar metido entre os Holandêses; no enjenho *Salgado*, e duas investidas em Campos de Unhau e peleja que ali houve por espaço de tôdo aquele dia, procedêr, com valôr padecendo na jornada que se fêz de máís de quatrocentas léguas por terra, grandes fômes e sêdes, chegando á Baía—marchar no Rio Vermelho onde assistiu na reedificação de um reducto, e depôis no Rio Rial assistindo cinco mêses ao trabalho das trincheiras e fortificações que se fiséram.

No ano de 1645 se embarcou na armada que fôï socegar as alterações dos moradôres de Pernambuco, chegando ao pôrto de *Tamandaré* e marchar á vila Formósa de *Serinhaem* em que se rendeu um reducto, e uma casa forte em que o inimigo estava fortificado, achando-se

no rendimento do Governador Henrique Hus (Huss); no sitio e rendimento da Fortalêsa do *Pontal da Nazaré*, nas embuscadas junto do Buraco de Santiago; na do pôrto das Salinas, em jue se pelejou várias vêses:—no de seicentos quarenta e seis na jornada do Rio Grande; na queima de uma aldeia de Indios, em que se desbaratou ao inimigo; no sitio *Cunhahu*—(Cunhaú) tomando-se máis de seicentas cabêças de gado, e algúns nêgros; nas embóscadas junto a N. S.<sup>a</sup> da Guia; e nas duas pelejas junto á estancia das Salinas; na sébe (?) de *Cheira Dinheiro*; na tôma de uma embarcação de rêmo; na peleja da estancia do Aguiar; no ano de seiscentos cincoenta e quatro se achou no sitio e rendimento da Fortalêsa do Rêgo, impedindo ao inimigo o socôrro que mandava do Recife; na bateria da Casa da Assêca, que se rendeu depôis de três dias de peleja, desanimando o inimigo de sôrte que largou os Fórtes da Barrêta, Buraco de Santiago, Afogados, e três casas Fórtes; no desalojá-lo de um reducto em que estava fortificado, investindo á esca-la, e rompendo-lhe as pórtes, onde recebeu uma pelourada em um pé, procedendo de maneira em tôdas as occasiõe referidas que se lhe deu um *escudo de vantagem*; e depôis indo-se tomar posse da Capitania do Ceará, passou néla grandes misérias, e trabalhos vindo para Pernambuco—marcha duzentas legoas despovoados, e falto de mantimento.

Em satisfação de tudo e do mais que por parte do mesmo António Martíns *Pálha* se me representou: Hei por bem de lhe fasêr mercê (alem de outras que pelos mêsmos respeitos lhe fis) dêste *Alvará de Lembrança*, de trinta até quarenta mil reis, para casamento de sua filha *Clara dos Santos*, que se cumprirá inteiramente como elle se contém, sem dúvida alguma,—o qual lhe mandei passar para minha *lembrança*, e valerá como carta, sem embargo da Ordenação do Livro segundo, Título 40, em contrário; e se passou por duas vias, uma só haverá effeito. E pagou de nôvo direito 30 reis que se carregam ao Thesoureiro Manuel Ferreira Botêlho, e fôlhas cento e quatorze.

Manúel Felipe da Silva a fês em Lisbôa, a vinte de Março de seiscentos e oitenta e seis.



O secretario André Lopes de Lavre a fêz escrevêr—Rey—Conde de Val de Reys. Presidente—Por Portaria do Secretario Pêdro Sanches Farinha, de sete de Março de seiscentos oitenta e seis—Pagou tresentos reis Manuel João de Roixas e Azevedo.—Fica assentado e pagou cem reis—Jerónimo Soares. Pagou trinta reis, e aos officiais, duzentos e dés reis. Lisbôa, vinte e nove de agôsto de seiscentos oitenta e seis—Dom Sebastião Maldonado. — Registado na Chancelaria Mór do Reino, no L.º de officios e mercês a fls. 273. Lisbôa, 30 de agosto de 686—Innocência Correia de Moura—Registado no L.º de officios da Secretaríá do Conselho Ultramarino, a fls. 188, verso, em Lisbôa. 2 de setembro de 1686. André Lopes de Lavre.

TÉRMO DE BATISMO *de Joaquim Tavâres Couceiro, a fls. 147 do resp.º L.º da freg.ª de S. Pêdro Mártir, de Olinda:*

*Joaquim*—filho do sarjento Vicente de Sousa Couceiro. natural do Recife, e de sua mulhêr Dôna Clara Tavâres. natural de Olinda, néto. pela parte patérna, do Tenente Coronel José de Sousa Couceiro. natural de Olivença, e de sua mulhêr Dôna Josefa de Sousa; e pela parte materna do Ajudante Antonio Tavâres da Costa Magalhães, natural de Olinda, *naceo* em déseseis de dezembro de mil setecentos e setenta e dôis anos; fôï de licença minha batizado nésta Matriz de Sam Pêdro de Olinda. aos trinta do mesmo mê e ano. de tarde. pelo Reverendo Doutôr António de Sousa Couceiro, moradôr, no Recife. e lhe pus os Santos Olios—fôram padrinhos o Alferes André da Costa Magalhães, e Dôna Francisca Xavier, ambos, solteiros, moradôres nésta freguesíá—de que fis êste asento em que me assignei.—O vigário Francisco Bezerra de Vasconcélos.” Assinava. Joaquim Tavâres *Cousseiro.*”

Antonio Martins Pálha e sua mulhêr Domingas dos Santos tambem tivêram um filho por nome —*Antônio de Souza Marinho.* já citado.

... *Ext. da Bibliotheca Publica de Lisboa—por Antonio Ferreira de Serpa.*

(Socio correspondente do Inst. Arch. Geog. Pernambucano).

## Quaes os tres homens que mais gosaram de popularidade, em Pernambuco ?

Pelo que pude apurar foram. *data venia*:

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca;

Dezembargador Joaquim Nunes Machado e

Dr. José Marianno Carneiro da Cunha.

Não é possível, pelos seus escriptos, justificar a influencia que tiveram sobre as *massas*.

A popularidade lhes adveio da palavra e da coragem... e de alguma cousa que se não pode immobilisar no papel.

Do primeiro, tive informações seguras por um amigo e contemporaneo Francisco Verissimo de Albuquerque Padilha, antigo contador e partidador no fôro da cidade do Cabo, pelo conego coronel Manuel da Vera Cruz, e pela propria irmã do frade, mãe do fallecido professor Marinho.

Com uma palavra, um gesto, empolgava as multidões, na praça publica, ou no pulpito.

Era, além disso, um conversador *espirituoso*, fazendo versos, que agradavam o bello sexo.

Padilha, cincoenta e dois annos depois, recordando a morte de Caneca, tinha explosões de colera contra Pedro 1.º, contra Lima e Silva e contra Seára a quem jamais perdoou o modo barbaro e grosseiro como se houve na *hora da execução do martyr*.

O conego Vera-Cruz, apesar de plebeu, era um *corcunda* e condemnava a attitude patriotica do frade:

—*que se não mettesse, em politica! Estivesse no seu convento a resar o breviario e a estudar...*

Referia o incidente entre frei Carlos de S. José Bastos (depois bispo do Maranhão), amigo, chefe e confessor de Frei Caneca, e o pae deste, quando, depois do fuzilamento, foi ao convento do Carmo.

Frei Carlos sentimentou ao pobre velho, que, premidido pela enorme desgraça, respondeu, colerico e exaltado:

*O culpado de tudo é o senhor, porque não prendeu aqui meu filho e o deixou metter-se em politica... ..*

Frei Carlos, comprehendendo a situação do pae, nada respondeu.

Da irmã, ouvi que o pae, até a hora tremenda da execução, esperou o perdão para o filho, conservando aberto o oratorio povoado de imagens; mas, quando lhe chegou a noticia do fuzilamento, tudo se transformou... e lançou, na rua, imagens e oratorio...

Na sua adoravel simplicidade, a minha saudosa avó d. Maria do Carmo de Barros Lins Wanderley, dizia que o apparecimento do *gorgulho* nos feijões coincidira com a execução de frei Caneca.

Todos os velhos do tempo do padre lhe admiravam o talento, a illustração e o patriotismo.

Natividade Saldanha chamou-o erudito e eloquente.

Nunes Machado consubstanciou a alma pernambucana; foi idolo dos recifenses.

Uma sua palavra bastava para aplacar a mais intensa agitação, e o heroico procedimento, que teve na revolução praeira, em que entrou a contragosto, morrendo



gloriosamente, nesse dia 2 de Fevereiro (*victima de dois traidores e um assassino*), fel-o inesquecivel.

Em quasi todas as casas de Pernambuco encontrava-se o seu retrato, apposto, como uma homenagem de gratidão e veneração dos patricios e admiradores.

Assisti a primeira representação do drama-Nunes Machado, de Aprigio Guimarães.

O papel de *Nunes Machado* coube a Xisto Bahia e o de *general das massas* a Thomaz Espiuca. Este foi um assombro de perfeição. Manuella Lucci, a inimitavel artista, recitou a primôr os versos finaes.

Foi uma noite memoravel no velho theatro de S. Antonio, na antiga rua da Florentina.

Cantaram-lhe a vida e morte, entre outros, Vilella Tavares (*Jeronymo*), Torres Bandeira, Jovinião Monteiro e Pedro Luiz.

➤ José Marianno foi o terceiro pernambucano, que teve integral predominio sobre a alma popular.

Prêzo, nesse periodo da revolta da armada, ferozmente perseguido, foi o primeiro eleito do povo pernambucano.

Lembra-me, até, de um episodio dessa celebre eleição.

Na noite em que foi conhecido o resultado da apuração, o marechal Leite de Castro, entrou no palacio da praça da Republica, e com aquelles modos intrinsecamente grosseiros, disse ao dr. Barbosa Lima:

—Como é que se elegem tantos revoltosos?! Isto é inqualificavel!

—*Isto* prova que houve liberdade de votos para todos... prova em favor do governo.

Mas o marechal não se conformou e exclamou:

—Que bello exemplo o da Parahyba! Todos os eleitos são governistas!

Então o conselheiro Rosa e Silva disse-lhe:

—Na Parahyba não houve eleição! Si tivesse havido, Epitacio estaria eleito.

As festas consagradas a José Marianno, principalmente quando voltou da prisão, e nas quaes não houve collaboração de elementos officiaes, ficaram memoraveis.

Todos ahi podem dizer da verdade do meu asserto.

Fui seu discipulo de latim, no collegio do dr. Jesuino Lopes de Miranda e testemunhei-lhe a vida publica, desde Maio de 1873.

Lisboa, Abril, 1915.

Dr. *Vicente Ferrer*



## A prioridade do nome "Brazil" nos mappas do XVI seculo

E' conhecida a controversia antiga entre os historiadores e geographos, sobre a prioridade do uso do nome "America" como designação do nosso continente.

Até o principio do seculo actual, os primeiros monumentos cartographicos, contendo a denominação *America*, eram o globo de J. Schoner, de 1515, reeditado em 1520, e o mappa de T. Apiano, editado em Vienna, tambem nesse anno. (1).

Só em 1901, é que o padre J. Fischer, jesuita, descobriu, no archivo do principe Waldburg-Wolfegg, os dois mappas de M. Waldscemuller, de 1507 e de 1516, contendo o nome *America*, e de cujo autor, apenas se conhecia a reedição da obra "Cosmographicæ Introductio", contendo a descripção das quatro viagens de Americo Vespuccio, e a proposta original de dar-se ao novo continente o nome de "America".

Está, pois, hoje definitivamente firmado que o primeiro mappa, apresentando o nome regional "America", é o citado de Waldscemuller, de 1507 (2).

(1) P. Hafkemeyer *As primeiras representações cartographicas da costa brasileira*. Opusculo 1909.

(2) P. Hafkemeyer, cit. pag. 8.



A importancia historica da data referida foi consagrada, ha poucos annos, pela collocação de uma placa commemorativa na cidade de Saint-Dié (França), na casa onde, á 25 de abril de 1507, foi publicada aquella celebre obra, e pela fundação em Nova York, de uma Societade de Saint-Dié, parecendo que os norte-americanos vão considerar esta cidade como uma outra Méca, e instituir a festa do "America day", como diz uma folha.

Entretanto, nós brazileiros, temos sido até agora indifferentes ao estudo da origem historica do nome do nosso paiz e da prioridade do seu uso em cartas geographicas e em autores do XVI seculo, não se procurando mesmo identificar todos os pontos primitivos da costa, para seguir-se a rota dos descobridores, com segurança!

Assim é que, até ha pouco, não se sabia, nem se cogitava de saber, qual o primeiro mappa que trouxe a denominação regional de "Brasil", em fórmula correcta, e nem qual o rio actual, a que corresponde o denominado, por mais de um seculo, "Rio do Brasil" (ou de Brasil), ao sul de Porto Seguro, e constante da grande maioria dos mappas da época do descobrimento, como já o demonstrámos, em artigo anterior.

Mas, tratemos do nome regional.

Deixando de parte, por insolúveis, a questão da localisação da terra ou ilha constante do mappa de André Bianco, de 1440, e a da ilha lendaria, indicada, desde 1371, com varios nomes, como *Brasi*, *Bracir*, *Brasil*, aliás constante do mappa de J. de la Casa (1500), e finalmente, a da origem etymologica do vocabulo "Brasil" como celtica, como sanscritica ou Zend-Ariana— (*Berazait*, isto é — monte) ou grega — (*Brazcin*, isto é *ferver* ou *fervura*), ou ainda, a da sua procedencia do vocabulo —brazá, allusiva á côr vermelha da madeira, conhecida desde 1128 (3), verificámos, pelos documentos historicos que o nosso paiz, tendo recebido de Cabral a denominação de *Ilha de Vera Cruz*, chamou-se logo em seguida "Ilha da Cruz" e "Terra dos Papagaios",

(3) J. Caetano da Silva. Rev. do Inst. His. Braz. vol. 29.º 2ª parte, pag. 5, e conego Penna Forte *Brazil prehistorico*, pag. 161.

passando finalmente a denominar-se “Terra de Santa Cruz”, em actos officiaes e autores, até 1504, data approximada, em que se firmou, pelo que sabemos, em actos e documentos de origem directa ou indirectamente portugueza, o nome definitivo de “Terra do Brasil”. (4).

Assim é que ainda da carta de doação da ilha de S. João (depois F. de Noronha), feita por D. Manoel ao dito Fernão de Noronha, em 24 de junho de 1504, se vê a denominação — “Terra de Santa Cruz”. (5) *Terminus ab quo*.

Entretanto, da *Viagem ás Indias Occidentacs*, de João de Empoli, publicada ainda em 1504, já lê-se: “La terra della Vera Croce over del *Bresil*, *cosi nominato*, altrevolte di scoperta p. Amerigo Vespucci, n’ella qual fa buona soma di cassia e di verzino.” (6).

Wieser diz ter verificado que o nome “Brasil” foi applicado á Santa Cruz de Cabral, sempre depois de 1504, e cita, em abono de tal affirmativa, a “Descripção de uma viagem de Lisboa a Calicut”, nesse referido anno, em a qual se emprega a denominação — “Terra Nova de Prisilli”. (7).

O erudito professor Capistrano de Abreu, em uma memoria sobre o descobrimento, no livro do Centenario, diz, porém, que a designação “Terra do Brasil” já appareceu em 1593, e logo generalizou-se; Sophus Ruge affirma, entretanto, que o nome “Brasil” só appareceu, pela primeira vez, em 1511. (8).

Com a devida venia á autoridade desses dois escriptores, pensamos poder-se affirmar, em face dos documentos citados, que a data approximada da prioridade do uso vulgar do nome é a de 1504, coincidindo com a ultima viagem de Americo Vespuccio.

Quanto á prioridade do emprego do nome, em map-

(4) V. de Porto Seguro—Historia do Brasil, 3.<sup>a</sup> ed. pag. 121.

(5) V. de Porto Seguro—*Notas ao diario de Pero Lopes*. Nota 11.

(6) V. de Porto Seguro, obr. cit. doc. V. nota 3.

(7) Apud. J. Winsor *History of America*, vol. VIII, nota 5.<sup>a</sup> pag. 375.

(8) Pag 27 e J. C. Rodrigues. Catalogo, nota 3 *Copia r Newcu Zeifung ans Brésilig Laudt*, pag. 181.

pa ou carta geographica, a questão é de mais difficil solução.

O primeiro mappa, por nós conhecido, trazendo o nome regional "Brazil", mas, sob a fôrma adulterada de "*Prisilia, sive Terra Papagalli*", é o chamado de Lorenz Friess, datado de 1504, data essa que, por uma coincidência singular, é identica á da viagem de J. Empoli, já referida (9).

Nenhum dos mappas anteriores ou posteriores a essa data até 1512, que conhecemos, nem o de J. de la Cosa, de 1500, nem o de Cantino, de 1502, nem o de Canerio, do mesmo anno, nem os dois de Kunstman, 1502-1504, nem o de Waldscemuller, de 1507, ou o de Ruysch, de 1508, ou o de B. Silvano, de 1511, traz o nome regional "Brasil", mesmo alterado, embora tragam alguns delles o nome "Rio Brasil". (10).

A publicação recente, feita pelo Ministerio das Relações Exteriores, em *fac-similes*, de um *mappa-mundi*, datado de 1512, feito (ou desenhado) por Jeronymo Marini (ou Marin), em Veneza, e trazendo o nome "Brasil", em fôrma correcta e isolada, como designação de parte do continente, veiu disputar a todos os outros mappas o direito de prioridade graphica, e só por isso representa um successo historico-geographico, que não pôde passar despercebido.

Esse mappa foi adquirido em Roma, em 1912, por intermedio do nosso ministro, o Dr. Alberto Fialho, em leilão, de objectos raros, que fazia o livreiro Luziette, por 18.000 libras, após diligencias prêvias, sobre a sua authenticidade, authenticidade essa attestada pelo professor J. L. Bertolini, do Instituto Technico, de Roma; pelo Dr. Vicente Grossi, da Universidade ainda de Roma, que o reproduziu, reduzido, no *Jornal do Commercio*, de 2 de dezembro de 1912, e pelo padre J. Fischer, o notavel cartographo allemão e descobridor dos mappas de Waldscemuller (1507 e 1516), que primeiro trouxeram o nome de "America", como já referimos.

(9) Apud. Winson, cit. vol. VIII, paginas 377 e 378.

(10) Rio Branco. Atlas; Orville Derby. *Os mais antigos mappas do Brasil* apud. Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo, vol. VII, pag. 227.



A data prefixada para o leilão não permittiu, nem, aliás, era preciso, mais alta indagação sobre tal authenticidade.

Trata-se de um planispherio manuscripto invertido, de projecção *homolographica*, isto é, com espaços regulares e as parallelas rectilineas (Malte-Brun).

Assignala só as tres partes do mundo, Europa, Asia e Africa, com letras maiusculas gothicas, e as demais designações geographicas com minusculas, inclusive a parte septentrional da America, que é indicada do seguinte modo *india nova*, ainda em caracteres gothicos; em um canto do mappa, vê-se a parte meridional da America, e no centro desta, a palavra: BRAZIL, isolada e ainda em caracteres gothicos. Não traz a escala de latitudes e longitudes.

Acima, no circulo correspondente ao polo antarctico, vê-se um escudo heraldico, ladeado pelas lègendas seguintes:

“ORBIS TIPUS UNIVERSALIS  
TABULA”  
“HILRONIMI MARI  
FECIT VENETIA MDXII.”

No centro no lugar correspondente á Palestina, vê-se um medalhão colorido, representando o presepe de Christo, tendo abaixo o distico:

*Hic verbus caro factum est*

Todo o mappa é colorido de azul sepia, vermelho e ouro, em diversos pontos, e circulado de illuminuras e de cabeças de anjos (*bambinos*), e bello e valioso trabalho artistico, attestando a sua origem contemporanea do progresso das artes graphicas, no seculo da Renascença, na Italia. (11).

A authenticidade desse mappa, no seu conjunto, impõe-se ao observador á simples inspecção visual, in-

(11) V. de Santarém. Opusculos ineditos, pag. 577. Vicente Grossi. Carta da Italia, *Jornal do Commercio* de 2 de dezembro do 1912.

dependente de qualquer indagação scientifica ou artistica, já pela inversão da posição dos continentes, tão commum nos mappas medievaes, como o prova o visconde de Santarem, já pela situação da Terra Santa, no centro delle, como quasi *umbilicus regionis et totius terra*, na phrase de Raban Maur, já pela denominação de "India nova" dada á America Septentrional, segundo a orientação de C. Colombo, accorde com a de *Indias Occidentales*, por tanto tempo usada, visto não ter Americo Vespucio explorado aquella parte do continente.

Esse mappa, ou o nome do seu autor, não constam de documento ou publicação cartographica ou geographia alguma, e nem de catalogos ou relações de mappas da America, quer antigos, quer modernos.

Nem Humboldt, nem Harrisse, Sophus Ruge, Santarem, Wieser, Fischer, ou qualquer outro autor competente, citam tal mappa ou o nome — Jeronymo Marini.

Esse factio, todavia, não é de estranhar-se, sabendo-se que os mais celebres e antigos mappas da America, como o de La Cosa, Cantino, Waldseemuller e outros, conservaram-se, por seculos, extraviados ou desconhecidos, e só por acaso e de surpresa foram encontrados.

E' accetavel a hypothese de ter sido Jeronymo Marini, não um cartographo conhecido mas um simples copista ou desenhista do mappa em questão, que deveria ter tido um prototypo, o qual ainda não foi achado.

Como verificou-se no Instituto Heraldico de Roma, a familia Marini (ou *Marin*, segundo o dialecto veneziano), era nobre, e o escudo de suas armas foi reconhecido por aquelle instituto, encimado o mappa alludido, entre as duas legendas citadas.

Aliás, é conhecido o impulso que tiveram em Veneza, no fim do XV e começo de XVI seculo, as expedições maritimas e os trabalhos cartographicos, desde Zeno e Marco Pollo até Gastaldi. (12)

---

(12) V. Grossi. Carta cit. Carlo Herrera. *L'epoca delle grande scoperte geografiche* 1902, pags. 165 e seguintes.

Para melhor elucidação do assumpto, damos em seguida e por ordem chronologica, a relação dos mappas do XVI seculo, contendo o nome regional *Brasil*, correcto ou não,

O valor artistico, diplomatico, historico e scientifico desse mappa é, portanto, fôra de contestação e inestimavel.

Para nós, brazileiros, porém, elle apresenta uma circumstancia especial que o torna merecedor de um apreço sem par, de uma quasi veneração fetichista:—é o primeiro mappa geographico que traz em fórmula correctea e simples, e em idioma portuguez, o nome de nossa patria, já em 1512!

e a lista de autores citados, por V. Grossi, em sua carta ao nosso ministro:

- 1—Mappa de Lorenz Friess, 1504—*Prisilia* sive Terra Papagalli.
- 2—Globo chamado de Lenox, 1506—1507. Terra do Brasil.
- 3—Marini—1512—*Brazil*.
- 4—Carta nautica portugueza (1513). Nome *Brazil*, applicado a todo o continente. Claudio Ptolomeu (Winsor) 1513. *Brazil*.
- 5—Reisch—Carta de 1515, que indica o mesmo continente com o nome Paria seu *Prisilia* (?)
- 6—Da Vinci (1515-1516) Winsor *Brazil*.
- 7—Schoner (Globo) 1515. *Brazilia*, Pegio.
- 8—Waldscemüller. 1516. *Brazilia* sive. Terra Papagalli.
- 9—Reinel, 1516—Terra *Brasilise*.
- 10—Visconde Maiolo, 11, 1519. Terra Santa crucis de lo *Brasile*.
- 11—Globo Dourado, 1528. Apud. Schrader, *Brazilia*.
- 12—Diogo Ribeiro, 1529—Tierra do *Brazil*.
- 13—Finoeus, 1531—*Brazilille*, Regio (Winsor).
- 14—Mappa-mundi—Sebastião Munster *Brasilia*, 1532.
- 15—Schoner (globo), 1533. *Brazilia*.
- 16—Mappa francez. 1540. Terre du *Brazil*.
- 17—Carta marinha (Ptolomeu), 1548. *E. Brasil*.
- 18—P. Decelliers, 1550. Amerique ou *Bresil*.
- 19—Bellerio, 1554—*Bresilia*.
- 21—Diogo Homem (11), 1558, *Brasilis*.
- 22—Bartholomeu Velho, 1561, *Brazil* (?)
- 29—Diogo Gutierrez, 1562—Regio de *Brasil*.
- 30—Lazaro Lima (11), R. de lo *Brazil*, 1563.
- 31—A. Ortelius (1). 1570. *Brazil*.
- 32—Forlani, 1570. (?) Terra del *Brazil*.
- 33—A. Ortelius (11). *Bresilia* anno, idem.
- 34—Fernão Vaz Dourado (1) 1568.—*O Brazil*.
- 35—Fernão Vaz Dourado, 1571. Costa do *Brazil*.
- 36—A. Thevet. 1575. *Bresil*.
- 37—F. de Belleforest. 1575—*Brazil*.
- 38—Martines, 1578. The land of *Brasil* (Winsor)



E' tal a estranheza do facto que á primeira vista (nós o confessamos), duvidamos da authenticidade de tal denominação, como sendo da autoria de Jeronymo Marini ou tendo data contemporanea do mappa.

Estudando melhor o caso, nas fontes da cartographia americana e em frente dos documentos obtidos em Roma, pelo nosso digno ministro perante o Quirinal, convencemo-nos da veracidade diplomatica da denominação.

De facto, demonstrado que seja o emprego conhecido da denominação *Brasil*, dada ao nosso paiz ou a um ponto d'elle, por expedicionarios portuguezes ou outros quaesquer, e constante de documentos cartographicos ou historicos, antes de 1512, está *ipso facto*, justificada a authenticidade da denominação do mappa.

- 39—Rumoldus Mercator, 1587. *Brazil*.  
 40—G. Baptista Mazza, 1584. *Bresilia*.  
 41—Jan van Doct., 1585. *Brasil*.  
 42—T. de Bry, 1592. *Bresilia*.  
 43—Petrus Plancus, 1592. *Brasililia*.  
 44—Cornelio de Jode (1), 1503' Terra de *Brazil*.  
 45—Cornelio de Jode (11), 1593. *Brasililia*.  
 46—M. Mercator, 1595. *Bresilia*.  
 47—T. de Bry, 1596. *Brasilii*.  
 48—A. F. Van Langerens, 1596. *Brasililia*.  
 49—J. Hordius, Bra .. (illegivel).  
 50—Wolfé's English edition of Lischoten, *Brasililia*, 1598.  
 51—M. Quadem, 1598. *Bresilia*.  
 52—B. Langerem, 1598. *Brasililia*.  
 53—L. Hulsius, 1599. *Brasi*.  
 54—J. B. Vrient, 1599. *Brasililia*.  
 55—Hacluyt, 1599. *Brasililia*.

Autores citados por V. Grossi, em sua carta, para melhor elucidación do caso.

*Harris*—«Bibliotheca Americana Vetustissima».

*Bellio*—Collecção de docs. e estudo publicado pela real Commissão Colombiana.

*Uzielli*—«Estudos bibliographicos, sobre a historia da geographia na Italia».

*Amat. de San Filippo*—«Biographia dos viajantes italianos».

*Ruge*—«Die Entiviekellung der Kartografie von Amerika, 1570».

*Kretschmer*—«Die Ent. deckung Amerika's in iher Bedeutung für die Geschicht: des Weltbildez Nordenskiold».

Fac-simile—Atlas to the early history of Kartography, etc. etc.



Ora, já vimos que em 1594, João de Empoli (*italiano*, note-se) empregou na sua narrativa da “Viagem ás Indias Occidentaes”, a phrase:—“La terradella Vora Croce over del *Bresil*, *cosi nominata*”; Wieser por sua vez, cita a descripção de uma viagem de Lisboa a Casão:—“Terra Nova de *Prisilli*; o mappa de L. Friess, de igual anno, traz a denominação:—“*Presilia sive Terra Papagalli*”.

Aliás, como já vimos, a denominação “Rio do Brasil” era conhecida na Italia, desde 1502, pelo mappa de Cantino.

Era, pois, usado antes de 1512 e por italianos, o nome *Brasil*, correcto ou não, applicado ao nosso paiz.

O fundamento, porém, a nosso ver, mais convincente, é o que nos dá o chamado “Globo de Lenox”, referido por V. Grossi.

Existe em Nova York, na livraria Lenox, um globo metallico, de pequenas dimensões, achado em Paris em 1869, por R. Hunt e cedido ao livreiro Lenox, o qual traz, em caracteres perfeitamente legiveis e claros o nome:—“*Terra do Brasil*”, assignalando o nosso territorio; sua data foi fixada pelo “Coast Survey Bureau”, de Washington, entre 1506 e 1507, porém outros, segundo J. Winsor, dão-lhe a data de 1510-1512.

Esse globo é considerado o mais antigo que existe, contendo todas as partes componentes do Novo Mundo; seu autor é desconhecido mas é quasi certo que era francez.

Sua reprodução consta da “Encyclopedia Britannica” 9.<sup>a</sup> Ed. vol. 10. *verbo-Globe* e da “History of America”, de J. Winsor, vol. III, pag. 212 e nota 3.

Provado como se acha que o nome regional “Brasil” era applicado ao nosso paiz, em documentos geographicos e historicos, muito antes de 1512, e sabendo-se que, entre os pilotos, expedicionarios e cartographos do tempo na Italia, Hespanha, França e Portugal, eram frequentes e faceis as communicações, fica, a nosso ver, perfeitamente demonstrada a veracidade da graphia regional do mappa em questão.

A fraude aliás seria inverosimil e impossivel mesmo, de praticar-se, dada a publicidade do leilão, sua

Larga propaganda ou reclame, em um centro culto, como Roma.

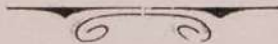
A singularidade do caso, pois, ao envez de gerar suspeita desfavoravel, vem enaltecer, ainda mais, com o cunho precioso da raridade unica, o valor historico do mappa.

De ora em diante, pois a carta de Vaz de Caminha, dando ao Brazil o nome de "Vera Cruz" e reputada como a seu *certidão de baptismo*, deve passar a ser considerada, quando muito, como uma simples certidão de registro civil, attenta a qualidade official do seu autor, cabendo ao mappa de Marini, e só a elle, os fóros inatacaveis de uma verdadeira *certidão de baptismo*, a cujo acto não faltaram nem as aguas lustraes de um novo Jordão, nem a consagração de um nome definitivamente aceito e perpetuado até hoje.

Rio, 15 de Janeiro de 1915.

*J. C. Gomes Ribeiro.*

(Do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.)





# Viagens no Brazil

Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba, Maranhão, etc.

Uso e costumes dos habitantes desse paiz

por Henry Hoster

Publicado em Pariz em 1849—1.º volume

Traduzidas para o francez por M. A. Jay e do francez  
para o portuguez por Antonio C. de A. Pimentel,  
amanuense do Instituto Archeologico e Geographico  
Pernambucano.

## XII

*Viagem á Uninha.—Continuação de minha residencia  
em Jaguaribe.—Irmandade Negra de Olinda.  
—Abenção dos Engenhos—Mandigueiros e Valentões.*

No meiado de Janeiro de 1813, precisando fazer aquisição de cavallos, fui passar alguns dias na casinha de um meu conhecido, que morava na varzea de Barbalho, localidade proxima do Monteiro, mas do lado opposto do rio.

Barbalho é uma varzea um tanto extensa em que apascentam gado.

O terreno é de argila aspera, de côr parda, e a herva que produz é de inferior qualidade e secca de todo no verão, e quando nesse estado tocam-lhe fogo afim de que a nova vegetação possa fornecer alimento aos animaes que para lá são enviados.

O fogo propaga-se rapido quando impellido pelo vento.

As vezes contrahe-se, outras estende-se para todos os lados apresentando ao espectador uma muralha abra-

sada. Esse espectaculo é imponente e nunca deixa de infundir terror aos estranhos. Os moradores das estremas d'aquella varzea, temendo que algum transeunte descuidado, depois de acender o cachimbo em caza delles, atire o tissão de que se servio, têm todo o cuidado de não consentirem vegetação nenhuma n'um circulo traçado em redor de suas casas.

A pessoa a quem eu fôra visitar convidou-me a acompanhá-la ao engenho Uninha, que fica a seis leguas ao sul de Barbalho; dizendo-me ser bellissima aquella região dispuz-me a segui-lo. Foi a unica occasião que tive de ver o paiz n'aquella direcção e muito lamento não ter feito outras tentativas para visitar os districtos meridionaes de Pernambuco. Attravessamos a a Varzea passando junto á igreja matriz. Uma vasta extensão d'aquella parte é conhecida pelo nome de —Varzea.

Ali é que se encontram os melhores terrenos da provincia para a canna, e como os proprietarios conhecem o valor das terras, ás plantações estão florescentes.

A Varzea é famosa na historia de Pernambuco, por ter sido theatro de numerosos combates. Camaragibe, que lhe fica proximo, ou antes, que faz parte da Varzea, e de que falla o historiador do Brazil, é hoje um prospero engenho (1).

Vimos o engenho Camassari, de propriedade dos frades carmelitas, e está em boas condições, isto é, a fabrica de escravos e o gado; sendo alegre o seu aspecto; mas produz menos do que produziria se fosse melhor administrado. Olhando para o engenho, que moe com agua, vi bonitas mulatinhas, mettendo canna na moenda. Trajavam saias de algodão de côr, camisas de musseína grossa, tendo ao pescoço e nas orelhas enfeites e brincos de ouro; cantavam em chôro soffrivelmente.

---

(1) Não conheço bem a situação do *Monte das Tabo-  
cas*, onde se verificou uma das mais sanguinolentas bata-  
lhas entre Portuguezes e Hollandezes, em 1615. (Historia  
do Brasil, vol. II, pag. 108). Existe agora ahi um enge-  
nho chamado *Tabocas*, que pertence a um dos chefes da  
familia Cavalcante, mas como o conheci, assim tambem a  
muitos outros membros da mesma familia, creio que se o  
local fosse o mesmo, eu teria ouvido fallar.

Ha notavel differença, entre os engenhos pertencentes aos conventos e os dos particulares que nelles residem e têm interesse directo em qualquer augmento ou diminuição de beneficios. Os dos frades são trabalhados exclusivamente por escravos nascidos nelles. Tudo o que se empreehde é feito tranquilla e calmamente. Se trabalham muito, o que administra não se regosija mais por isso; porem tambem se pouco se consegue, os negocios da communitade não vão peores.

Proseguimos o nosso caminho e a alguma distancia descemos de uma collina á um estreito valle, completamente rodeado de ladeiras e por tal forma encerrado que chegava a parecer que os moradores d'alli queriam estar separados do resto do mundo.

A herva das ladeiras tinha seccado; no valle porem tudo era vida.

Por fim chegamos ao engenho Uninha, situado em vasto campo de terreno desigual e regado por varios mananciaes.

O engenho moe com animaes, recente aperfeçoamento, sendo os cavallo ordinariamente empregados onde a agua é difficil de ser encontrado. Jantamos em casa do senhor do engenho, que a tarde voltou comnosco a Barbalho. Fiquei satisfeito da minha viagem pois que vira a mais bella região do paiz, considerada em seu todo. As ladeiras ali não são muito altas, nem as planicies muito extensas, sendo porem bem desenhadas, o traço principal é a cultura, os terrenos de cannas são abundantes e os engenhos numerosos.

Na minha volta de Uninha, resolvi demorar-me ainda alguns dias em Barbalho, e ficou assentado que o dono da casa em que eu estava hospedado, partiria para Jaguaribe onde aguardaria a minha chegada. Fiquei com Manoel e Simão.

Uma manhã em que Manoel fora cortar um feixe de capim, encontram-se na volta com um negro crêolo, seu antigo conhecido; brigaram no caminho e ao aproximarem-se da casa onde eu estava, o negocio tornou-se serio estando ambos armados de grossos cacêtes, trocaram eacetadas. Simão vendo o que se passava pegou n'um sabre em que estava em cima de uma cadeira e correu em



soccorro do camarada. Sahi para apasigual-os, mas cheguei tarde, porque Simão já fizera um enorme ferimento na cabeça do crêolo, sendo o ferido conduzido á cabana onde lhe fizeram os curativos; chegando nessa occasião um amigo meu, encarregou-se de leval-o ao senhor.

Aquelle negro antes da briga que teve com Manoel, cortara capim para os cavallo do governador, que então estava residindo no Monteiro e por isso que estava em serviço do governador, teriam immediatamente tomado conhecimento do negocio, se S. Exca. não tivesse sabido que os culpados (como eu considerava os meus), pertenciam a um Inglez. Depois desta circumstancia, ficou tudo no esquecimento e como se verificasse que o senhor nenhuma parte tomara na questão, tambem o poder militar absteve-se de tomar conhecimento della.

Dependia do senhor do escravo ferido obrigar-me a despezas e a muito trabalho, accusando os meus de terem atacado o seu; mas a lei por si só quasi nada faz, e até nos casos de assassinatos, fica á escolha de quem accusa, perseguir ou desprezar o negocio. Se se consegue fazel-o desistir nada mais ha a receiar. Assim se altera o espirito da lei. O fim não é punir o culpado para bem da sociedade; mas perseguir por vingança o crime praticado contra um individuo.

Pouco depois de minha volta a Jaguaribe fui uma tarde surpreendido com a chegada de um Brasileiro, trajand ouniforme azul e encarnado, acompanhado de numerosos cavallo de carga e de individuos vestidos de côros como os sertanejos. Entregou-me uma carta, que vi não ser para mim, mas para um Inglez com quem eu estava sempre; todavia ordenei que hospedasse aquella comitiva.

Era um capitão do interior, que vinha de fazendas longinquas da Parahyba, ao pé da Serra do Teixeira, cuja distancia é de cento e trinta leguas. Trouxera em jangadas para a Parahyba consideravel quantidade de algodão e tomava o caminho do Recife onde o devia vender e comprar para a familia á que parecia muito dedicado, objectos necessarios e de luxo. Logo nos tornamos intimos, e quando alguns dias depois seguiu para o Recife, deixou alguns homens e cavallo em Jaguaribe.

E' entre os moradores das regiões longinquoas, como a de onde elle vinha, que os laços de familia e de amizade são maiores; trazia consigo dez pessoas das quaes a maior parte eram seus compadres; por ser o commandante padrinho de um dos filhos de cada um.

Esta ligação, no Brasil, era considerada sagrada e penso que tambem em todos os paizes catholicos. E' um laço de fraternidade que permite ao pobre fallar ao seu superior com affectuosa familiaridade e que os une por deveres reciprocos, cuja violação seria considerada sacrilegio.

O commandante em quanto esteve no Recife, um mez, visitou-me varias vezes. No fim desse tempo voltou á sua fazenda.

Era homem de provada coragem e o seu nome respeitado em toda a região que habitava, respeito proveniente de sua riqueza e da firmeza de seu character, que não tolerava insultos.

Todavia tinha natural bondade, que claramente se manifestava todas as vezes que me mostrava cartas dos filhos, dos quaes, até os menores lhe escreviam. Algum tempo antes perdera a mulher de quem fallava com o maior carinho, e disse-me que pensava em ordenar-se como sacerdote secular.

Pouco depois que o commandante partio, sobreveio proximo á minha casa, um negocio tal, que frequentemente succede, mas que bem caracteriza o estado do paiz. Entretanto o de que vou fallar, bem poderia ter sido evitado se os que nelle tomaram parte fossem mais idosos e menos impetuosos.

Um rapaz morador na visinhança, acabava de ser nomeado para um posto militar no districto, o que o tornara bastante orgulhoso, dando-lhe ares de grande importancia. Possuia um cavallo mui fogoso, o qual soltava algumas vezes embora, não tivesse cercado onde o contivesse. O animal descobrio logo uma planta de cannas novas de um engenho proximo e fez nella grandes estragos. Depois passando a porteira o que lhe foi facil á vista do modo porque são feitas, nos engenhos e atacou diversos cavallos de carga, mui cansados, voltando á car-

ga differentes vezes, embora sendo entregue ao dono de cada vez com recommendação de não deixal-o solto.

Entretanto continuou e por fim ferio por tal modo um dos cavallos de serviço que o inutilisou por muito tempo. O dono, zangado com semelhante cousa, ordenou a um escravo que levava uma incumbencia distante de casa que fosse montado no cavallo do rapaz e o escravo assim o fez. Tendo o dono sido informado d'aquella ordem, foi esperar o negro no caminho e tomou-lhe o cavallo. O agricultor soube pela manhã do dia seguinte, que o tal rapaz dissera a diversas pessoas que só queria ter o gosto de encontral-o. Fingindo não ligar importancia, no outro dia montou a cavallo e foi visitar o seu serviço. No caminho vio n'um estreito caminho o tal rapaz conversando com um mulato. Então encaminhou-se para elle e com voz imperiosa ordenou-lhe que se afastasse e lhe deixasse a passagem livre acrescentando que sabia ter elle dito que desejava encontral-o. O rapaz esporeando o cavallo, o impellio para o adversario tentando ao mesmo tempo puchar pela espada, o que não poudo conseguir porque o cinturão embarçou-a. O outro puchando pela sua, mettida n'uma bengalla, aproximou-se e encostando-lhe a ponta ao peito, mostrou com isso a vantagem que aquelle imprevisto accidente lhe dava e com que facilidade teria podido matal-o.

Durante esse tempo o mulato voltando a si da surpresa precipitou-se entre os cavallos e entrou a açoutar um e outro afim de afastal-os.

Os dous ainda ficaram algum tempo trocando injurias; mas o rapaz; como depois se soube, pensava que o adversario estivesse desarmado, e por tanto logo que vio brilhar o ferro depressa esfriou o seu ardor bellicoso.

Os indios que estavam ao meu serviço, pediam-me as vezes licença para dansarem defronte da minha porta e eu ordinariamente consentia, porque isso muito me distrahia. Acendiam grande fogueira para que se podesse ver melhor o que se passava, e tendo em vista tornar o divertimento mais agradável, eu convidava quasi sempre alguns vizinhos. A dança era aberta por dous homens que giravam n'um circulo de alguns passos de diametro. Um cantava, ou antes recitava, em vóz baixa alguma can-



ção na propria lingua; outro, tocava gaita e de tempos em tempos saltava sobre um ou sobre os dous pés, alguns minutos depois uma mulher juntava-se a elles e seguia-os marcando; em seguida, outro dansador fazia a sua entrada e assim sempre até que o circulo ficasse fechado, e então o compasso tornava-se mais vivo. E' uso nessas occasiões, preparar algumas bebidas, e a proporção que algum deseja beber, sae do circulo e volta logo depois de satisfeito. Continuam a dansar em quanto lhes dão aguardente, bebida de que as mulheres gostam tanto como os homens, e com ella parecem inspiradas; porque, de cada vez que se augmenta a quantidade, cantam novas canções, tornando-se os tons mais fortes e mais rapidos os movimentos.

A gente livre de cor tambem as vezes dansavam, mas apenas me pediam licença, fazendo seus divertimentos defronte de suas proprias casas. Suas dansas são parecidas com as dos pretos africanos. Formado o circulo o tocador de guitarra senta-se a um canto e toca uma aria simples acompanhadas de algumas canções populares, cujo estribilho é repetido varias vezes. Muitas vezes as coplas são improvisadas e contém indecentes allusões. Um homem colloca-se no meio do circulo e durante alguns minutos dansa tomando attitudes lascivas, até esaoher uma mulher que juntando-se a elle giram fazendo indecentes movimentos, e assim se divertem, muitas vezes até o romper d'aurora.

Os escravos tambem pediam permissão para dansarem, sendo mui grosseiros os seus instrumentos musicaes; um consiste n'uma especie de tambor feito de pelle de carneiro estendida por cima de um tronco ouco, outro n'um grande arco, cuja corda tem a metade presa a uma casea de côco ou a uma cabaça. Collocam-no de encontro ao estomago e fere-se a corda com o dêdo ou com um pausinho. Quando se realizavam duas festas ao mesmo tempo, os escravos só ao amanhecer terminavam o seu monotono ruido.

Vou passar agora a um negocio que alem de me dar grande trabalho muito me inquietou.

Os terrenos de propriedade da Irmandade negra de Olinda, muito caminham a Jaguaribe, e o outro engenho

cujo dono pardo, velho tinha em torno de si numerosa prole de parentes e subordinados. Combinamos, eu e elle, arrendarmos aquelles terrenos, metade cada um, mas que, para evitar concurrencia, se um de nós apparecesse, devendo a partilha ser feita depois do arrendamento e o proprietario de quem fallo incumbio-se de concluir o negocio.

Entretanto soube logo, com grande surpresa, que a minha confiança podia ser illudida, e em consequencia dispuz-me a trabalhar para conseguir o terreno. Entretanto apesar de ainda ser duvidosa a conclusão do negocio, uma pessoa mandada pelo meu rival, mandou varios escravos trabalharem em terras que limitavam com Jaguaribe. Mandei dizer ao senhor dos escravos que aquelles terrenos estavam arrendados a pessoa de meu conhecimento, que annualmente pagava á Irmandade e que lhe pedia fizesse retirar a sua gente. Recusando-se elle, reuni muitos trabalhadores livres e pondo-se a frente delles, montei a cavallo e seguimos para o local indicado. O negocio tornava-se serio, mas como elle visse que se houvesse luta perderia mais do que eu, porquanto a sua gente constava de escravos e a minha de homens livres, desistio e eu voltei á caça.

Por intermedio de pessoas intimamente ligadas aos principaes membros da Irmandade consegui afinal arrendar os taes terrenos. Assisti á sessão convocada pelos directores e ouvi a discussão pró e contra o systema de deixar nas mãos de um só individuo todas as terras da propriedade. Entretanto o negocio ficou decidido logo que um delles, levantando-se lembrou que a Irmandade estava individuada e que o novo arrendatario promptificava-se a pagar adeantadamente a importancia de um anno do preço da renda. Este argumento resolvêo todas as duvidas e os documentos foram assignados sem mais observações. Aquelles senhores de rostos pretos foram a Jaguaribe dar-me posse dos terrenos, para o que convidei diversos amigos, e assim, pretos e brancos, sentaram-se todos á mesma mesa. Primeiramente brindaram á N. Senhora do Rosario, em seguida ao juiz da Irmandade e depois ao novo rendeiro. Aquella gente muito nos divertio; a cortesia que apparentavam uns pá-



ra com os outros e a polidez com que se dirigiam aos brancos, pareciam dar-lhes a mais alta ideia de sua importancia. O chefe ou juiz era um sapateiro de Olin-da, os outros pertenciam quasi todos á mesma classe.

Uma vez na posse dos terrenos julgava-me livre de qualquer incommodo, quando uma noite, já bastante tarde, um pardo, morador de Jaguaribe, batendo á minha porta, disse-me que vindo de uma choupana visinha, onde fôra visitar um camarada, no caminho encontrara tres homens, que o mandaram parar, mas verificando que ia só, retiraram-se. Tinham me avisado do que eu devia esperar do meu competidor e advinhei logo por quem aquelles individuos tinham sido mandados e á quem era o golpe dirigido. Chamei dous Indios e o meu fiel escravo Manoel, e, accompanhado por elles e pelo mulato que me fôra avisar, segui para o lugar designado; os inimigos, porém, já lá não estavam. Fomos em perseguição delles, até que ouvindo, perto do engenho visinho, fechar as pesadas porteiras do cercado, julgamos inutil ir mais longe, visto que aquelles á quem seguíamos, quaesquer que fossem, já se tinham posto a bom recato. Diversas familias com quem eu maiores relações entretinha, moravam á beira d'aquella estrada e sabiam que costumava recolher-me ás veses muito tarde. O lugar em que fôra residir nada tinha de muito socegado; alguns proprietarios de engenhos proximos viviam em constantes questões e eu me vira forçado a tomar attitule ameaçadora, e se assim não procedera, bastantes veixações teria soffrido. Os escravos de Paulista e de Timbó andavam em continua luta e os donos de Timbó e de Genipapeiro quasi sempre em processos, pelo que os moradores de ambos não tinham um instante de descanso. Ha districtos mais tranquilllos, porem nem sempre isentos de perturbações e não creio que em parte alguma da Provincia, onde houver engenhos, se possa viver sem questões, sobretudo por motivos de limites. (2)

---

(2) A' quasi vinte leguas do Recife, no engenho *Agua Azul*, vivia antigamente um padre, o qual obteve a concessão de uma legua quadrada das terras circumvisinhas, indo estabelecer a residencia no cume de uma montanha,



Muitos dos meus conhecidos lembravam-me constantemente que cada engenho devia ter um capellão e acrescentavam que, de certo todos os que ouvissem missa, haviam de contribuir para o pagamento do padre; fallei pois a um joven sacerdote, que obrigou-se a ir todos os domingos e dias santificados; mas quando na epoca em que eu fazia os meus preparativos para deixar Jaguaribé, teve de ser dispensado, todas as despezas recahiram sobre mim só. No dia do pagamento cada um deu-se por quebrado, ninguem pôde contribuir com cousa alguma; eu já esperava isso mesmo, porem julguei conveniente que se celebrasse missa regularmente por causa dos escravos.

No mez de Abril obtive do rendeiro dos terrenos de Maranguape, situados á leste do Jaguaribe, licença para o meu gado pastar nelles. Foi um grande serviço que me prestou aquelle homem, porque o cercado do engenho era bastante grande para alimentar a quantidade dos animaes precisos no correr do anno para o serviço da safra. O terreno em que tencionava pôr o gado, mede quasi uma legua de comprimento sobre meia de largura, uma parte delle, na estação pluviosa, fica debaixo d'agua; outras partes são cobertas de mattas, mas de facil accesso, mesmo á cavallo, porque o gado á força de transitar, tem

---

onde só se podia ir por um tortuoso caminho, que elle abrira com immenso trabalho. O engenho ficava parallello do alto da montanha e era rodeado de largo e fundo vallado guarnecido de forte cerca. Aquella propriedade era isolada e a região adjacente absolutamente inculta. As mattas extensissimas e quasi impenetraveis. As inclinações naturaes do padre eram tão selvagens como o local que escolhera para habitar. Todos os desertores dos batlhões de linha e individuos criminosos, quer por haverem vingado a honra ultrajada de suas familias, quer por questões motivadas por provocações, que momentaneamente excitam a violencia das paixões, eram acolhidas em *Agua Azul*; enretanto o padre Pedro não protegia ladrões Aquelles aos quaes dava asylo, moravam na matta que rodeava o cercado e alguns haviam construido as suas habitações nos flancos da montanha e formado assim uma linha de communicações, de maneira que á um assobio ou ao toque de um buzio acodiam trinta ou quarenta homens promptos a obedecel-o, fosse no que fosse; bem sabiam elles que se o padre lhes retirasse a protecção, ver-se-

aberto veredas. Foi para mim cousa pasmosa ver como os proprios animaes mais habituados ao serviço se tornaram selvagens durante o tempo em que estiveram entregues á si mesmos.

Eu tinha por costume ir á cavallo, de tempos á tempos, com outra pessoa, reunir aquelles animaes e verificar se faltava algum, e muitas vezes elles nos forçaram a fatigarme-nos correndo atrás dando-nos com frequencia o maior trabalho para reunil-os; um dos bois habituara-se a esconder-se n'um paúl sempre que nos aperebia, e depois de avançar até certa distancia, voltava-se para contemplar-nos indolentemente como se estivesse certo de achar-se fora do nosso alcance. Esta circumstancia faz-me lembrar outra relativa a um dos meus cavallos de cangalha: esse animal escapara-se de Jaguaribe e por longo tempo foi considerado perdido. Uma occasião fallando nelle a um preto velho, esse me disse que o via todos os dias; parece-me que fugira para um lugar onde o capim era excellente; agua porem só havia n'um pôço ou cisterna de abertura muito estreita e de bordas bastante altas. Disse o preto que um dia achou o cavallo junto ao pôço, mas sem poder chegar-se a agua; que elle tirando-a n'uma

---

hiam expostos aos rigores da lei e por isso a menor tentativa contra elle ou contra cousa sua, era seguida da destruição do aggregr. Tinha elle por costume presentear as pessoas investidas das funcções dos altos cargos, afim de forçal-as com isso a fechar os olhos ao seu procedimento; pois admittindo mesmo que o governo não podesse destruir-lhe a importancia feodal, com tudo poderia aballar-lhe o poder. Sendo uma vez chamado por um dos governadores da provincia, o padre obedeceo, mas fez-se acompanhar de numerosos satellites, todos homens dispostos; apeando-se, subio as escadas de palacio, ordenando primeiro a sua gente que não deixasse entrar ninguem depois d'elle. O governador exprohou-o por acoitar desertores publicamente. Respondeu que julgava que S. Exa. conhecia a inutilidade de fallar-lhe de semelhante assumpto. E proferindo estas palavras, sahio bruscamente do gabinete, montou a cavallo e com toda a tranquillidade voltou para casa.

Outra anedocta desse homem singular me foi referida, por pessoa que presenciou o facto. Dous meirinhos ou officiaes de justiça, chegaram a *Agua Azul* e apresentaram-



euia que levára para banhar-se, na falta de melhor meio, deu-lhe de beber. No dia seguinte lá o achou, e d'ahi por diante todos os dias, já durando isso varias semanas; que tentára por differentes vezes pôr-lhe a mão no pescoço e segural-o pela crina, mas nunca o conseguira. Afinal foi pegado por dous homens que mandei montados em bons cavallos.

Pouco depois de ter mandado o meu gado para Maranguape, contractei um Indio para ir morar lá e vigial-o. Aquelle homem era meu devedor por fazendas e por uma cadeia de ouro, que me comprara para a mulher. Dias depois de se haver mudado, foi procurar-me e pedio-me licença para voltar com a familia á povoação em que antes residia. Vi logo onde elle queria chegar; não voltaria mais. Pelo que respondi que podia retirar-se assim o desejava; mas deixando-me algum penhor pela sua divida. Prometteu. Tinha eu ainda ao meu serviço o Julio, que commigo fizera a viagem do Ceará, e n'aquella occasião fiquei com elle muito mal satisfeito; por quanto, seduzido pelo camarada, quiz tambem deixar-me. Anteriormente haviam-no accusado de furtos, factos que elle negou, e hoje creio que, com effeito, estava innocente; até então porem, eu assim não pensava.

---

lhe uma citação por divida. O padre recebeu-o com o maior sangue-frio, mas deu logo ordem a dous dos seus homens que os pegassem e os amarrassem a almanjarra do engenho (que então estava moendo) para pucharem com os cavallos (que de ordinario são atrelados em numero de oito); mandou depois prosequir a moagem incumbindo um moleque de obrgiar aquelles desgraçados a moer, e nesse tormento estiveram algum tempo. Por fim, quando já se achavam meio mortos de medo e cansaço, mandou-os por em liberdade e recommendou-lhes que fossem contar ao seu credor a maneira porque haviam sido tratados e como elle proprio o seria se um dia viesse a cahir nas mãos delle padre. Possuia este grande quantidade de cães proprios para caçar homens que viviam soltos em casa da qual, por esse motivo, era perigoso approximar-se alguem. Aquelles animaes estavam tão adestrados, que ao menor gesto do senhor esbarravam e deixavam chegar-se qualquer estranho. Ha apenas poucos annos que morreo esse personagem; mas conforme já eu disse em outra parte, o tempo de semelhantes anarchias passa depressa.



Essa circumstancia, junta ao desejo por elle manifestado de abandonar-me, afim de seguir um individuo tido geralmente por máo, pois á seu respeito tivera eu informações de todos os lados, a ideia sobretudo de terem escolhido para fallar-me, uma hora em que pouca gente havia perto de mim, na intenção, provavelmente, de me forçarem a ceder ás suas exigencias, tudo isso muito me desagradou. Voltaram para Maranguape, conservando eu a esperança de que cumpririam os seus tratos; mas á tarde, meia hora pouco mais ou menos, antes de anoitecer chegou o administrador e avisou-me de que Francisco José (o indio meu devedor) acompanhado da mulher, de Julio e de outros Indios, acabava de atravessar o campo. Assim, pois, resolvera elle partir, sem attender ao direito que eu tinha aos seus serviços ou pagar-me o que me devia e em contravenção com a promessa, que pouco havia me fizera. Muitos outros trabalhadores eram igualmente meus devedores e se eu consentisse que aquelle homem procedesse como quizesse, sem oppor-lhe resistencia, não sei até que ponto o exemplo seria seguido.

Trouxeram-me o cavallo; fiz signal a Manoel, o meu habitual companheiro e chamando outros homens fôrros, que tendo voltado do trabalho, conversavam juntos, perguntei-lhes: Quem quer me seguir? Um carpinteiro preto, um pedreiro branco, um carreiro mulato e um trabalhador da mesma côr, bem como outro escravo, adeantaram-se. Assim, acompanhado por seis homens robustos, inclusive o Manoel, parti á cavallo, á bom passo, sabendo que apenas galgasse a collina, elles tomariam a deanteira. Chegando em cima, passei adeante e de pé da grande ladeira que domina o engenho Inhaman avistei tres homens e ouvi o agudo son da flauta indiana. Voltando-me verifiquei que apenas o pedreiro e o carpinteiro, tinham podido caminhar tão depressa como eu, e levantando a vóz disse-lhes: "Alli vão alguns dos fugitivos".

No mesmo instante Monte, o pedreiro salta lesta-mente á baixo da ingreme ladeira e passa adeante do meu cavallo, seguimos directamente para os tres homens, mas ficamos deveras desapontados, porquanto ve-

rificamos que, embora Indios, não eram os que buscavamos. Esperamos pelos outros companheiros que chegaram com pouco, e, por outro caminho, voltamos tranquillamente para casa, onde chegando, fui informado de que a tropa dos fugitivos acampára ali perto, junto á cabana de um Indio e para lá nos dirigimos logo. O proprio Francisco José apressou-se a vir ao meu encontro para fallar-me e immediatamente muitos outros se lhe reuniram, durante a conferencia conservei-me á cavallo e a minha gente ficou do lado opposto ao em que eu estava, até que Antonio, o carreiro mulato (o mesmo que algum tempo antes fôra atacado na estrada) fez uma volta e veio encostar-se ao pescoço do meu cavallo, interpondo-se assim entre mim e o Indio. Soube depois que elle percebeu que Francisco José estava armado de faca e suppoz que tencionava servir-se della contra mim ou contra o cavallo, convencido que depois de ferir-me poderia facilmente escapular-se. Nessa occasião, tendo-se reunido á nós muitos outros moradores do engenho, tudo acabou. O Indio deixou-se prender sem resistencia e metter-se em ferros; um bando de mulatos ou de negros erêolos não se teria submettido tão facilmente. Bastante tarde da noite pagou o que me devia, pelo que foi logo solto e por muito tempo deixei de vê-lo.

Occupei-me depois em despedir todos os trabalhadores á quem nada adeantára, deixando ficar pouca gente de cujos serviços ainda necessitava e com a prohibidade da qual podia contar. Só raramente ia ao Recife e quando era obrigado a ir viajava de preferencia á noite, com o clarão da lua e nessas occasiões fazia-me acompanhar por Manoel. A matta da Merureira, que costumavamos atravessar, é celebre pelas historias populares de phantasmas que se vêem errar e de assassinatos nella praticados. Uma noite, não estando a lua ainda em sufficiente altura para se poder distinguir bem os objectos, passava eu por dentro d'aquella matta quando vi, na minha frente e no meio do caminho, uma figura, que parecia um homem de pé. Diminuindo logo o passo do cavallo gritei: Quem vem la? Antes porem de haver tempo para ouvir a resposta Manoel passou adiante dizendo: vou ver quem é. Disse-lhe que se



aquietasse e, como eu, estivesse prevenido. Approximando-nos mais verificamos que o motivo d'aquelle "alerta" era simplesmente o velho tronco de uma arvore. Noutra occasião mandei aquelle mesmo escravo, por alta madrugada, do Recife a Jaguaribe e disse-lhe que tencionava segui-lo as oito horas da noite; devia eu ser acompanhado por Zacarias, outro escravo de duvidosa coragem. Chegando Manoel a Jaguaribe sellou immediatamente um quartão e disse ao administrador que ia encontrar-me visto que eu estava só, porque, acrescentou, *Zacarias não é ninguém*. O administrador para fazel-o desistir do seu projecto, promptificou-se a ir elle proprio, pois sabia que o pobre negro se achava cançadissimo da viagem. Refiro estes pormenores para mostrar que especie de homem era o que me acompanhava em todas as viagens.

Vários mezes decorreram bem socegradamente. No hinverno tive segundo ataque de febre, porem mais fraco, do que o do anno anterior, e succedeu-me tambem um accidente que podia ter-me sido funesto; levei uma patada de cavallo bastante forte, elle empinando-se bateu-me com uma das patas deanteiras; mas isso foi antes por brincadeira do que com intenção de me fazer mal.

Tive vontade de deixar Jaguaribe, por que a visinhança era muito barulhenta e eu dava-me mal, alem disso por causa de algumas contestações que tive com o meu proprietario. Entretanto como uma deslocação me teria sido por demais incommoda, apesar desses e de outros dissabores, resolvi-me a ficar.

Dispôz-se tudo para a *botada* do engenho no mez de Agosto. Em toda a região, as cannas de assucar, n'aquelle anno, não attingiram o crescimento ordinario, e as minhas com especialidade eram bem pequenas porque eu começava a plantal-as no fim do outomno. Achando-se tudo preparado no fim do mez, mandei buscar um padre para benzer o engenho. Antes de effectuar essa cerimonia, nenhum homem, fôrro ou captivo, se afoita a começar a tarefa que lhe é destinada, porque se acontecesse qualquer desgraça seria attribuida a castigo do céo. Veio pois o padre prehencher aquella religiosa e indispensavel formalidade. Cele-



brada a missa, almoçou-se e depois fomos todos para o engenho. O administrador, muitos homens livres e os escravos, rodeavam as moendas, estando ali prompto um feiche de cannas para serem metidas nellas, e em seu respectivos postos achavam-se ja os quatro pretos especialmente incumbidos daquella primeira operação. Dous brandões accezos tinham sido collocados junto ás moendas, na mesa destinada a receber cannas e entre os brandões uma imagem do nosso Salvador na cruz. O padre, pegando no ritual, leu differentes orações, que interrompia em certos e determinados momentos para, com um ramo que fôra posto n'um vaso com agua benta, espargir o engenho e os assistentes. Alguns negros precipitavam-se para a frente d'elle afim de receberem maior porção d'aquella agua santa; depois o mestre de caldeiras guiou-nos á parte do engenho cuja direcção estava aos seus cuidados e lá houve nova aspensão. Quando voltamos ao lugar das moendas o padre pegou n'uma canna, eu n'outra, e, dado o signal, abriu-se a comporta e a roda começou logo a girar; segundo a regra, as cannas que eu e o padre seguravamos foram as primeiras moidas. Muito ouvira eu fallar d'aquella cerimonia, por gente do paiz, e não posso deixar de confessar que, embora haja quem veja nella alguma cousa de ridiculo, considera-o digna de elogios e de respeito. Os sentimentos de piedade que se excitam no coração dos escravos, sobretudo os que nascem da religião catholica romana, são por força de grande utilidade; se homens devem viver no captiveiro, esta religião é certamente a que mais lhes convém. Todavia a escravidão e a superstição são dous males, que, combinados, bastam para fazer uma nação infeliz.

Os carros, os bois e os carreiros, não tinham recebido a abenção do padre, chegaram depois conduzindo cannas estando os carros enfeitados com as maiores que foi possivel encontrarem-se e que serviam á guisa de pavilhões sobre os quaes flutuavam lenços e fitas. Cada carro esbarrou por sua vez defronte da porta da casa e o sacerdote satisfez os desejos dos carreiros.

Havia entre elles um pardo, alto, secco, de cinquenta annos de idade, de nome Vicente, que morava

perto de Jaguaribe, o qual toda vez que me encontrava nos arredores entrava em conversação comigo, e eu gostava de lhe ouvir as historias. Um dia disse-me que o paiz começava a socegar; que os barulhos agora eram menos e que já não havia nem *valentões* nem *contas verdes*, explicando-me de modo claro a significação destes dous termos (31). Os *valentões* eram individuos de todas as castas, tendo por unica occupação procurar occasiões para brigar. Mostram-se em todas as festas e em todas as feiras; o seu objectivo consistia em se celebrarem pela coragem, querendo que a sua presença só bastasse para infundir respeito á todos os que por ventura tencionassem promover desordens, considerando-se tambem autorizadas a vingar as offensas feitas á si proprios e aos seus amigos. Não admittiam disputas em que elles mesmos não fossem interessados. Duas estradas cruzam-se á quasi uma legua de Jaguaribe; disse-me Vicente que alguns dos taes valentões frequentavam com assiduidade o local do cruzamento e forçavam os transeuntes á batterem-se com elles; ou antes a tirar os chapéos, apearem-se dos cavallo e a puchal-os pelas redeas até deixarem de ser vistos.

Esses *bravos* traziam ao pescoco collares de contas verdes importados d'África. Os *mandingueiros* são leiticeiros africanos conduzidos para o Brasil, como escravos e que secretamente continuam nos seus sortile-

---

(3) Labat, fallando dos Indios da Guiana diz: *as suas maiores riquezas consistem em collares de pedras verdes que lhe vem do rio Amazonas. É um sedimento que pescam no fundo de alguns lugares d'aquelle grande rio.* Continua sua descripção e acaba dizendo: *Essas pedras são especificos para a cura da epilepsia ou da gôta coral; pelo menos evita-lhes os accidentes durante todo o tempo que estiverem em contacto com a pelle de quem as trouxer com si.* (Viagem do cavalleiro des Marchais na Guiné, ilhas visinhas e em Caienna, tomo IV, pags. 65 e 66.

Disseram-me que as *contas verdes* vinham da Africa; algumas entretanto podem ter vindo da Orellana e ido parar ás mãos dos *mandingueiros*.

Envio o leitor á obra intitulada *History of Brasil*, vol I, pag. 307, para maiores detalhes sobre as *contas verdes* do rio Amazonas.

gios, cujo effeito é dar aos collares áquella preciosa virtude. Os *valentões*, faziam-se acompanhar por cães de tamanho e força extraordinaria e mostrando coragem igual á dos senhores. Ensinavam-nos a beber aguardente o que faziam á mandado dos donos fazendo por isso pensar aos que os viam que eram dotados de qualidades sobrenaturaes. Vicente conheceu muitos *valentões* e estava firmemente convencido da virtude das *contas verdes*; acreditava igualmente que os cães recebiam dos senhores certos dotes que se tornavam superiores ao resto dos da sua especie.

A physionomia d'aquelle bom mulato mudava totalmente quando principiava a contar uma dessas historias. Tinha elle de ordinario uma apparencia severa, mas então tomava certo ar de ferocidade bastante desagradavel. Quando eu lhe exprimia as minhas duvidas sobre a efficacia das *contas verdes* contra uma bala de espingarda bem dirigida, zangava-se, mas á zanga misturava-se um sentimento de compaixão para com um homem que não chegára a ver os tempos fecundos em em maravilhas, por terem passado os quaes parecia elle contente;—todavia nutria sempre um certo respeito pelos homens cuja vida tinha deslizado por entre acções perigosas.

Apesar do poder dos feitiços, os *valentões* quasi sempre morriam de morte violenta, mas Vicente attribuia esses accidentes a qualquer infeliz acaso, que tinha feito com que as *contas verdes* não estivessem na occasião no corpo d'aquelle cuja hora fatal soára. Não era Vicente o unico que me contava historias de *valentões*. (4)

---

(4) Um rico proprietario, irritado com os excessos praticallos por um dos taes *valentões*, homem branco, disse que se o encontrasse dava-lhe uma surra. A ameaça foi communicada ao *bravo* e pouco depois aquelles dous homens casualmente se encontraram n'um estreito caminho. O *valentão* estava armado de espingarda, espada e punhal, e convidou o proprietario a demorar-se pretextando ter alguma cousa a dizer-lhe. Primeiramente pediu-lhe uma pitada de tabaco offerecendo-lhe tambem outra de sua propria caixa. Então repetio-lhe as palavras injuriosas que lhe tinham contado... O infeliz proprietario, conhecendo o



Havia tambem entre os moradores das circumvisi-nhanças de Jaguaribe um preto velho, creôlo, que por gosto explorava as matas dos arredores, na extenção de algumas milhas, em busca de caça; preferia isso á de-ver a subsistencia ao trabalho jornalheiro, para elle mais fatigante. Conhecia as melhores mattas e podia, em certos casos, designar com precisão o local em que se achava a arvore de que se precisasse para qualquer mis-tér. Esse preto ia com frequencia a Jaguaribe e nessas occasiões eu o mandava chamar para ouvir-lhe as risto-rias em quanto fumava na minha rêde. Muito gostava elle dos contos de almas e de *mandigueiros*.

Entre outras cousas assombrosas que contam des-tes ultimos, dizem que são afamados pela vantagem que possuem de poder pegar com as mãos sem perigo nas cobras mais venenosas e podem igualmente, segundo o testemunho do meu negro e de outros crentes, por meio de gritos ou de cantigas particulares, fazer sahir esses reptis de suas tocas e reunil-os em redor de si. Os fei-ticeiros tem a pretensão de curar as mordiduras de co-bras, com tanto que os que forem mordidos se sujeitem aos seus encantos e ceremonias magicas. Um dos meios empregados é fazer com que uma cobra presa abrace com as rôscas a cabeça, o rosto e os hombros do que tiver de ser *curado de cobras*, como elles dizem. O do-no da cobra, no curso da operação, pronuncia certas pa-lavras, cuja significação (se é que a tem) só dos ini-ciados é conhecida. Dizem que a cascável é a cobra que mais attende ao canto dos *mandigueiros*. Eu não relataria tudo isso por informações de um só ou de dous individuos; ouvi-o repetir por muita gente, e até pessoas

---

perigo que corria, deu de esporas ao cavallo, mas não havendo curva em certa distancia do caminho, o *valentão* ajoelhando-se, apontou, disparou e o tiro produziu o de-sejado effeito. Continuando socegadoamente o seu cami-nho, deu parte do crime que acabava de commetter no primeiro povoado que encontrou. Aquelle homem foi afi-nal preso, julgado e enforcado na Bahia, por perseguição de um irmão da victima.

Não poude ser executado em Pernambuco por que era branco. Esse facto deu-se perto de Jaguaribe ha quasi quinze annos,

de educação, como se já tivessem a incredulidade abalada, me fallavam da virtude attribuida ás cobras apañadas pelos mandigueiros. A reputação das *contas verdes* está solidamente firmada no espirito da classe popular, que dellas tem ouvido fallar. De resto, os *mandigueiros* com a maior destreza, executam actos de extraordinaria habilidade.

Eu não fui tão encommoado pelas cobras como pensáva. Vi muitas de differentes especies nas matas, particularmente na que existe entre Jaguaribe e Paulista. O caminho é pouco frequentado e por conseguinte as cobras são ali menos timidas; atravessavam a estrada ou mettiam-se na orla da matta quando eu passava. Uma tarde recebi uma visita sem a qual teria passado perfeitamente.

Descansava eu na minha rêde quando, levantando os olhos, apereebe um desses reptis tranquillamente deitado em cima da parêde, n'uma das aberturas por onde passam as madeiras que sustentam o telhado. Pegando n'uma lança preguei-o de encontro a trave e ao mesmo tempo chamei alguem para ajudar-me a matal-o; elle porem agitou-se com tanta força que conseguiu desprender-se e cahio do lado de fora onde ja havia quem estivesse prompto a recebê-lo. As pessoas presentes não poderam saber ao certo se era da especie *caninana* ou da *papa ôvo*, porque ambas se confundem. As cobras da primeira especie são venenosas, mas em geral acreditam que as da segunda não o são. Todos esses animaes tem o dorso escuro e o ventre amarello. A cobra que nessa occasião matamos tinha quasi quatro pés de comprimento.

A *caninana* é tambem conhecida por *voadôra*, porque dá saltos prodigiosos. Enrolla-se em torno d'um galho de matto e d'ali atira-se sobre os animaes e sobre as pessoas de quem receia approximar-se.

A *cobra d'agua* é frequente no riacho que corre perto da casa de Jaguaribe. Esta cobra tem muitas vezes de oito a dez pés de comprida e a grossura de um braço; o dorso é preto relusente e o ventre amarello claro. O povo a tem por venenosa, mas ouvi sustentar o contrario. A *jararaca* mede de seis á nove pés de compri-



mento, o dorso é amarello sujo e o ventre branco, tendo a extremidade da cauda preta, a goéla encarnada e duas faxas pretas e brancas por baixo do pescoço. A *surucucu* é quasi do mesmo tamanho da *jararaca*; preta e amarella. Esta cobra é attrahida pelo fogo e tal inclinação torna-a-hia mais perigosa para os viajantes se ella não se occupasse de preferencia com o fogo o que lhes dá tempo e meios para matal-a. Houve muito quem me affiançasse tel-a visto saltar do chão sobre pessoas que conduziam fachos. A *surucucu* e a *jararaca* são consideradas venenosas.

A *aypó*, assim chamada pela sua semelhança com o arbusto que lhe dá o nome, é igualmente tida por venenosa.

Suppõe-se que certos encantos destroem o effeito do veneno das cobras e curam a quem tiver sido mordido por algum desses reptis. As vezes é empregado o azeite como remedio, fazendo-se tomar maior ou menor porção, conforme a qualidade d'elle; dão tambem aguardente até produzir a embriaguez. Vi uma pequena planta, conhecida por *hera cobreira*, a qual em toda parte onde a cultivam é cuidadosamente conservada em jarros o que denota não ser ella originaria do Brasil e lá acreditam que foi importada da Africa.

Nunca vi em flor; as folhas são miudas, com forma de coração; a haste, de quatro a cinco pollegadas de comprida, é de um encarnado escuro que se torna esverdeado na extremidade dos galhos e estes são compridos, tortuosos e estendem-se horisontalmente. Pisam as folhas e os olhos dessa planta e applicam sobre a ferida dando para beber o succo que della se extrae misturado com aguardente ou com agua. Não pretendo garantir a efficacia do remedio, mas penso que o nome da planta vem da reputação que lhe attribuem de curar as picadas da cobra. (5)

(5) Labat falla de uma arvore cujo fructo é excellente contra a mordidura das cobras as mais venenosas. Diz que aquella arvore é oriunda do isthmo de Darien; que os contrabandistas aprenderam-lhe a virtude com os Indios que os acompanhavam em suas expedições além d'aquelle isthmo; não dá o nome da arvore, mas diz: *Sem embar-*



O engenho moia ainda em Setembro quando o proprietario foi me pedir que sahisse porque os seus interesses exigiam que deixasse outra propriedade que possuia e voltasse para Jaguaribe por estar perto do Recife. Acquieci, mas estimaria que fosse isso quando ja eu estivesse prompto para mudar-me. Entretanto n'uma bella manhã um moço parente empregado delle, apresentou-se-me e disse que viera acompanhado de um bando de escravos para empossar-se da casinha de cima da ladeira. Mostrei-me admirado de semelhante procedimento e disse-lhe muita cousa á esse respeito. Respondeu-me naturalmente, que só procedia de accordo com as ordens que recebera. Os principaes motivos que me faziam receiar a tão repentina mudança do meu proprietario, era o character turbulento dos seus escravos e as questões frequentes que não deixariam de se levantar entre os servidores de duas habitações tão juntas uma da outra como iam ser as nossas.

Varias scenas desagradaveis se deram com effeito, antes de eu poder effectuar a minha mudança, mas como tiveram por causa principal a singularidade da

---

*çar-nos com o nome da arvore contentamo-nos com chamar-lhe o fructo nóz de cobra.* No seu tempo existiam na Martinica tres dessas arvores, que eram do tamanho dos damasqueiros que se veem na França. Dis que foi testemunha dos bons resultados d'aquelle fructo. A descripção da planta e os detalhes de suas virtudes são por demais extensas para serem aqui transcritas.

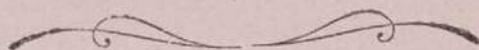
Constam da —*Nova viagem ás ilhas da America.* Tom III pags. 234 á 238.

Acho na mesma obra outro systema de curar a mordidura das cobras, mas esse não hade ser muito adoptado. Os que tem sufficiente coragem ou bastante caridade para expor-se a fazer esse curativo, gargarejam bem a bocca com aguardente e depois de escarificar a ferida chupam-na com toda a força e cospem de vez em quando, lavando-a de momento a momento, tendo o cuidado de apertar fortemente com as duas mãos a circumferencia da parte mordida. Tem-se colhidos os melhores resultados com esse methodo, mas elle é perigosissimo para quem o emprega porque se tiver na bocca qualquer arranhão ou engolir, por menos que seja, o que nella tiver, pode contar com a morte em poucos instantes. Não ha medicina que o salve. Tom I pag. 167.

rossa posição, não me lembro de nenhum minucioso detalhe d'aquelles acontecimentos que possa offerecer algum interesse. Taes anedoctas seriam estranhas ao quadro que me propuz traçar do estado dos costumes na região. Limito-me a dizer, que visitando o proprietario do engenho Amparo, na ilha de Itamaracá, resolvi plantar cannas como lavrador, partilhando com elle a safra, conforme o uso do paiz.

No principio de Novembro de 1813, fiz seguir para a ilha o meu administrador afim de arranjar-me casa na villa da Conceição e para lá parti no correr do mez seguinte.

*(Continua).*



# A Commemoração Civica

DOS

Restauradores pernambucanos

**em 1915**

Para commemorar o 53.º anniversario de sua fundação e a grande data historica do termino da guerra hollandeza, realisou o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, ás 19 horas do dia 27 de Janeiro de 1915 uma sessão magna em sua séde. O vasto salão da notavel sociedade historica estava enbandeirado e ornamentado a capricho.

Entre pessôas gradas compareceram o exmo. snr. general Dantas Barreto, governador do Estado, em companhia de seus officiaes de gabinete drs. Paulo Silva e Souto Filho, capitão Eudoro Correia, prefeito do Recife, dr. Luiz Sabino de Mello, delegado fiscal, Francisco Pinto e commendador Cunha Porto, consules de Portugal e da Argentina, dr. Candido Duarte, director do Instituto Pernambucano e commissão de alumnos, padre Henrique Xavier, director do Gymnasio do Recife e commissão do corpo discente; tenente Olympio Silva, pelo corpo de bombeiros; srs. Floriano Parahyba, Gilberto Ribeiro de Carvalho, Julio Aleino de Oliveira, Lo-



donio Lustosa Paranaguá, academico Braz Florentino de Andrade, Ismael Cavalcante Ribeiro, Augusto Figueira e familia, Christiano Martins Pereira, pela sociedade dos artistas mechanicos e liberaes; Manoel Pinto Falcão, Antonio Paes Lopes, Lydio Lamego, Luiz de França, dr. Hermogenes Vianna, academico Pires Raposo, Luiz Abrantes Pinheiro, familia Heliodoro Pires, etc.

A sessão foi presidida pelo desembargador Primitivo de Miranda, tendo á sua direita o general Dantas Barreto e á esquerda o capitão Eudoro Correia, e secretariado pelo dr. Mario Melo e padre Heliodoro Pires, 1.º e 2.º secretarios.

Em breves palavras, o presidente disse que o Instituto Archeologico ia commemorar o anniversario de sua installação e solemnisar a passagem de uma das maiores datas de nossa historia.

O Instituto completava 53 annos de existencia, todos consagrados ao estudo da historia, geographia e ethnographia pernambucana. Era um facto que devia alegrar a todos que se interessam pelo bem estar de nosso Estado.

Declarava aberta a sessão.

Nesse momento as musicas tocaram o hymno nacional, ouvido de pé.

Achando-se presentes dois novos socios que se vinham empossar — capitão Eudoro Correia e conego Pereira Alves — o presidente convidou o dr. Pedro Celso, orador, para lhes dar as boas vindas em nome de todos os companheiros.

O illustre director do Gymnasio Pernambucano saudou os recémvindos em eloquentes palavras, salientando a acção de cada um em nosso meio social e esperando de seus esclarecidos espiritos luzes para o fim a que se destina a associação que tinha a honra de os receber.

Em seu nome e no de seu companheiro, dr. Eudoro Correia, falou o conego Pereira Alves, lendo o seguinte discurso:

*“Senhores.*

A summa honra que me é dada, de poder sentar-me no meio de vós, considero-a uma elevação. Parece-nos

ser maior do que era, dignificado pela alta generosidade que me foi buscar no segredo onde vivia para trabalhar ao vosso lado.

A um candidato á Academia do Silencio, os socios de mysteriosa arcadia, dignificando-lhe a recusa do seu nome, apresentaram um copo cheio d'agua. O pretendente sem se desconcertar tirou uma petala de rosa que pompeava na lapella, e depositou-a sobre a agua oscilante.

Senhores, a vossa taça tambem está cheia. Os meritos grandes que esmaltam a nossa collaboração pessoal, dispensam a exiguidade do concurso que vos poderia offerecer.

Assim, porém, não o quiz essa confiança nos homens, que é um dos mais bellos aspectos de vossa feição moral. E eis porque, amparado pelo excelso merecimento de meus pares, eu aqui hoje fluctuo como a humilde e fragil petala.

Espero mais em vós do que em mim corresponder a essa confiança.

Senhores, tomando posse nesse colendissimo Instituto, eu penso ter penetrado pela primeira vez no alcaçar mysterioso onde reside a alma historica de minha terra. Assim como para o neophito ha mysterios no crepusculo mystico do templo, na sua meia luz tremula e indecisa, especie de vago clarão da eternidade, eu sinto igualmente uma sensação extranha de visões longinquas que se redouram, de lumes esmaecidos que se accendem, de sombras heroicas que se erguem da tumba secular, dum passado todo que se recompõe e se reconstitue verdadeiramente posto que caprichosamente resuscitado pela varinha magica da phantasia creadora.

E se fica numa attitudo de asceta contemplativo ante a maravilhosa appareição.

E' que eu tenho penetrado em um dos mais gloriosos santuarios da vasta cathedral da Historia.

Aqui se cultua a religião do passado contra os sacerlegios dos futuristas, os iconoclastas que arrebetam os numes da patria como os herejes do VIII seculo despedaçavam as imagens dos santos.

Aqui se comprehende que um povo sem historia é

um povo anonymo, é como o individuo que perdeu as lembranças da sua vida: é um despersonalizado. No homem o factor central de sua identidade é a alma que aproxima, agrupa, solidarisa os estados passados e presentes do eu. Assim nos povos a identidade moral é garantida e se autentifica pela sua alma historica que abraça passado e o presente e caminha, preparando-o para o futuro.

Sois os guardas, senhores, do fogo sagrado, da pyra antiga em que flammejou o heroismo dos nossos avoengos, sois os apóstolos dessa fé patriótica e ainda religiosa que sacudiu as energias pernambucanas e inaugurou a radiosa éra de nossas liberdades. E não somente sois os sacerdotes desse culto historico, os serenos veladores dessa veneravel area de tradições, dessa urna preciosa de reliquias augustas.

Sois tambem operarios da reconstrucção heroica de nosso passado. Descobri muitas vezes ao subsolo para descobrides a verdade soterrada como um fossil, com essa infinita paciencia que faz o sabio e fecunda o genio.

Tendes direito á aureola da benemerencia.

E por isso que, acima dos meus meritos, me honra a vossa companhia illustre.

Vou sentar-me no meio de vós, confundido, mas confortado pela convicção de estar entre homens que não fazem da duvida a substancia de sua vida intellectual mas apenas o ponto de partida de seus trabalhos, de homens consagrados a uma causa commum, impessoal, que acolhem no seio de sua nobilissima corporação todos aquelles que de boa vontade desejam carrear a sua pedra para a obra magnifica, esplendida, altissima do monumento historico de Pernambuco.

Representante dum principio religioso ao qual a sociedade contemporanea deve a sua personalidade moral, eu sinto-me feliz em reconhecer que não quereis desprezar esse grande factor da historia dos povos: a Religião.

A gloriosa data á qual hoje prestais esta imponente homenagem, suspendendo-se mesmo o juizo sobre tudo quanto disseram os chimicos sobre intervenção sobrenatural, recebe os seus fulgores não somente do heroismo civico mas ainda da fortaleza christã dos valorosos da reacção pernambucana.



Senhores do Instituto, eu vos agradeço a honra im-merita e, num momento tão solemne como este, sacerdote, peço a Deus, o supremo Director das acções dos povos, brilhantes destinos para a nossa digna e gloriosa obra.”

O reverendo sacerdote, ao terminar, foi saudado com estrepitosa salva de palmas.

Depois, o presidente concedeu a palavra ao dr. Mario Melo, para na qualidade de 1.º secretario, lêr o seguinte relatorio dos trabalhos do anno:

### Relatorio do Primeiro Secretario

“Em cumprimento ao paragrapho 2.º do artigo 28 de nosso Estatutos, passo a relatar-vos succintamente o movimento social do Instituto Archeologico, no periodo de 27 de janeiro de 1914 até hoje.

Dezesseis sessões realizou a nossa sociedade, que hoje completa 53 annos de existencia.

Uma, taxativamente magna, pelos Estatutos, para commemorar a sua fundação, a 27 de janeiro; outra magna-extraordinaria, para receber em seu seio com as credenciaes de benemerito, a 30 de janeiro, o grande Oliveira Lima, quicá o maior dos pernambucanos vivos, legitimo embaixador da intellectualidade brasileira nos centros do velho e do novo mundo; tres solemnes para commemorar a revolução de 1817, em 6 de março, a Confederação do Equador, em 24 de julho, a tentativa republicana de Olinda em 1710, a 10 de novembro; uma de assembléa geral ordinaria, a 12 de fevereiro, para eleição e posse da directoria, outra extraordinaria, a 30 de abril para julgamento de um socio que-infelizmente se desviou do verdadeiro caminho de cidadão probo e nove ordinarias.

Durante o periodo de meu relatorio, após syndican-  
cias, por escrutinio secreto, foram acceitos socios effecti-  
vos o capitão João Buarque Barbosa Lima, dr. Gonçalves

Maia, conego Pereira Alves, d. Pedro Roeser, dr. Joaquim Pessoa Guerra, dr. Laudelino Camara, Annibal Fernandes, Mario Sette, d. Edwiges de Sá Pereira e dr. João Lemos. E correspondentes dr. Miguel Leonissa, d. Augusto Alvaro da Silva, commandante Hypacio Fredico Brian, Alfredo Augusto da Matta, Joaquim Prado Sampaio Leite, Guilherme da Conceição Foepel, Bernardino José de Souza, dr. Alfredo Brandão, dr. Augusto Tavares de Lyra e dr. João de Lyra Tavares.

Além dos correspondentes que são considerados socios desde que recebem o diploma, foram empossados solemne-mente os effectivos sr. commandador Cunha Porto, capitão Barbosa Lima, commendador José Ferreira Baltar, d. Pedro Roeser e Annibal Fernandes.

Empossámos tambem como benemerito o sr. Manoel de Oliveira Lima com tanta magnificencia que o "Diario de Pernambuco" na sua autoridade de noventa annos de circulação, escreveu noticiando a solemnidade, "não haver memoria em Pernambuco, de uma festa intellectual de tanta imponencia".

Tivemos, o que de veras lamentamos, a perda de quatro socios: um por eliminação, a bem dos credits do Instituto Archeologico e tres por fallecimento.

O predio em que funcionamos ainda é a acanhada sala do Gymnasio Pernambucano, para onde nos transportamos depois que o governo municipal demolio nossa sede, justamente no sitio em que está sendo erguida a estatua de Joaquim Nabuco.

Temos esperanças de recuperação de sede propria e entre outros, devemos a iniciativa desse beneficio ao nosso preclaro presidente effectivo, d. Luiz de Brito.

Na sessão magna de 10 de novembro de 1913 a que compareceu pela primeira vez nosso consocio general Dantas Barreto, governador do Estado, mostrou a s. ex. d. Luiz de Brito o local em que estavam guardadas as reliquias de nossa historia. Mais do que suas eloquentes palavras, os factos mostraram ao governador a necessidade do Estado pagar-nos a divida que contrahio com a demolição de nossa sede, por utilidade publica.

Na sessão de 30 de janeiro, recebendo Oliveira Lima,

ainda o nosso arcebispo appellou, em presença do general Dantas Barreto, para o seu patriotismo, ouvindo palavras confortadoras.

Aberto o Congresso a 6 de março, quando seus trabalhos já iam em caminho, na sessão de 16 de abril de 1914, o Instituto delegou-me poderes para tratar do assumpto junto aos congressistas.

Não encontrei o menor embaraço. O nosso digno consocio deputado Arthur Muniz redigio um projecto que chegou ao plenario com dois terços de assignaturas e foi approvedo por unanimidade nas duas casas, recebendo a sanção governamental no dia seguinte e tornando-se lei a 6 de junho de 1914, com o n. 1.233, autorisando o governador a "installar o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano em predio adquirido ou construido para este fim, despendendo a quantia que se fizer necessaria".

Não estamos longe, portanto, de ver consummada a nossa maior aspiração de hoje.

Que no dia em que se tornar realidade, seja o nosso primeiro acto traduzir indelevelmente em facto nossa gratidão aos obreiros dessa cruzada—santa para nós do Instituto e para os que teem verdadeiro amor a Pernambuco, de cujas tradições historicas esta sociedade é o eserinio.

Recife, 27 de janeiro de 1915.

*Mario Mélo* 1.º secretario.

Foi então concedida a palavra ao orador official, dr. Pedro Celso, para o discurso commemorativo.

O projecto polyglotta subiu á tribuna e leu o trabalho abaixo:



Snr. presidente!  
Exmo. snr. governador do Estado!  
Meus senhores!  
Minhas s.nhoras!

Duplamente valiosa para o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano é a data de hoje que marca o 53.º anniversario de sua fundação e lembra o termino da dominação hollandeza neste tracto de terra brasileira.

A escolha de uma data tão nacional, e particularmente tão cara a Pernambuco, por ser a crystallisação mais limpida e pura da grandeza do seu valor civico, parece deixar bem patente o escopo patriotico de alliar, senão de sobrepôr, ao estudo da archeologia e da geographia, o cultivo carinhoso da historia do Brazil, e em especial, da historia pernambucana.

E esta tem sido a orientação uniforme e seguidamente adoptada por este Instituto, que sem descurar dos estudos geographicos ou excluir preoccupações archeologicas, tem convergido os seus melhores esforços para a investigação dos detalhes da historia patria, bem como para o justo cultuamento das grandes datas civicas.

E' certo, pois, meus senhores, que não nos achamos presentemente, num silencioso museu de antiguidades, onde cercado de raros objectos de arte primitiva, o sabio se isola e se ensimesma no extase de uma contemplção scientifica, surdo ao borborinho da sociedade politica, alheio a todo o movimento social, como o numismata da suggestiva poesia de Halary, cuja traducção ousamos perpetrar, para apresentar-vos vestido de melhor roupagem o typo desse antiquario classico que talvez idealizasseis encontrar aqui.

A scena se passa em 1793 quando a turba desvaiada percorre as ruas de Paris, e o canhão trôa mortifero.

Enclausurado e só, num Museu raro e antigo,  
A vida revivendo extincta, das Medalhas,  
Sob o pallio de luz e de silencio amigo,  
Musas e heroes evoca, e Deuses e Batalhas.

Da cidade sublime e tresloucada, a espaços.  
 Sobe em vago rumor da população e grita,  
 E, da vidraça á borda, empresta voz e passos  
 A's eras espectraes que o seu senhor suscita.

Attento e carinhoso, entre aptos dedos toma  
 Um após outro, o ásse, a drachma, a frusta, a incusa  
 O estátes d'oiro Grego, o dinheiro de Roma,  
 E o aureo medalhão cunhado em Syracusa.

O arco d'Apollo passa em estranha alternativa  
 Com o élmó de Minerva e o Carro dos Dioscuros.  
 Elio ou Solon? Quem fez na pedra a entalha viva?  
 Pode alguém decifrar dizeres tão obscuros?

Os confrades, ancioso, em derredor proenra:  
 Nenhum sequer votado ao trabalho querido!  
 E ao canhão que ribomba atirando uma jura  
 Dum camafeu prosegue o exame interrompido.

Morticinios! Horror! Clamores de victoria!  
 Emquanto "elle" contempla alheio á furia insana  
 Num velho medalhão, a legendaria historia  
 D'Eueratides, glorioso heroe da Bactriana.

Eis, senhores, o idéal do archeologo que o nome deste Instituto poria talvez diante dos olhos do vosso espirito, se a data de 27 de Janeiro, não viesse dizer mais que esse nome, com o indicar do Instituto a collaboração na obra social do ensinamento civico, por celebrar as victorias da patria e cultuar a memoria de seus heroes.

A injunção estatuarica de festejar a data de hoje, claramente define o papel desta associação no meio social em que se agita.

Ao lado das pesquisas e indagações de caracter puramente scientifico, cumpre-lhe instilar o interesse pelos estudos da historia patria, interesse que no dizer de eminente historiographo "é um dos elementos mais indispensaveis para o problema da educação moderna, que hoje, sem distincção preoccupa todos os espiritos superiores.

Foi no ardor dessa missão politica evangelisadora, que o Instituto constituiu-se o guarda devotado de nossos tropheus, e um como pantheon das glorias pernambucanas.

De feito, se lançardes o olhar em derredor, contemplareis em vasta e numerosa galeria as effigies venerandas dos nossos vultos historicos de maior relevo.

E' apontando para elles, e rememorando os seus feitos, que concitamos as novas gerações ao grandioso empenho de continuar a obra de liberdade e progresso em que todos trabalharam e por amor da qual muitos sacrificaram a fortuna e a propria vida.

Não é, pois, o Instituto Archeologico, bem vêdes, meus senhores, uma congregação de puros ascetas, immobilizados na contemplação do passado, ou bonzos mudos e impassiveis na anquilosada postura de reverencia aos ancestraes.

Não! para os que aqui trabalham, o estudo da historia das eras extinctas é apenas um meio, e fim precípua collimado, é o avanço para o apogeu do progresso e da civilisação; se nos voltamos para os tempos d'antanho é precisamente para que o olvido não empane o brilho de nossas glorias passadas interceptando dest'arte a luminosa projecção que ellas lançam sobre a rota do porvir.

E entre essas datas gloriosas culmina a da Restauração de Pernambuco, do dominio hollandez, facto tão extraordinario que, no parecer do padre Antonio Vieira "só por milagre" se poderia ter realisado.

Quizeramos em largos traços geraes reproduzir aqui as scenas mais eloquentes e emocionantes dessa epopeia de heroicidades, em que o valor pernambucano quasi obscureceu afama dos heroes da Grecia mythologica.

Não nos julgamos, porem, na altura do empreendimento, maximé ante a excêpionalidade da presente sessão, porventura a mais solemne de quantas temos celebrado neste recinto.

Simple e breves considerações sobre os principaes successos que a data presente evoca, sem pretensão de critica histórica, eis quanto tencionamos vos offerecer a custo e a medo.



Meus senhores! Eram as victorias navaes que decidiam os destinos do mundo.

O periodo aureo do poder maritimo de Portugal havia passado; a Hespanha era senhora dos mares; a Hollanda preparava-se para arrebatat-lhe essa supremacia, afim de cedel-a em breve á Inglaterra, que ainda a conserva até hoje.

Mais com o fito da exploração commercial do que com intuitos de expansão imperialista, foi que a Hollanda lançou as suas vistas para o Brazil, e julgando-se bastante forte tentou a conquista da Bahia, que foi de ephemera duração, e cinco annos depois levou a effeito a invasão de Pernambuco.

Que a exploração das riquezas desta região da America, ainda quasi virgem na opulencia de seus inexgotaveis thezouros, foi a mira absorvente dessa gananciosa Companhia das Indias Occidentaes, com o seu inflexivel Conselho dos 19, prova-o o descaso da obra de colonização, unico meio proficuo de assegurar a permanencia da conquista.

Muito ao envez de que fizeram as "Chartared Companies", em beneficio da expansão politica da Inglaterra, essa poderosa aggremação commercial apenas tratou de occupar os nossos dominios com a turba inconstante dos mercenarios de suas frotas, ou com o elemento judeu expatriado de Portugal, dividido entre a usura das onzenas e a intolerancia das Synagogas.

Depois de vinte e quatro annos de occupação, raros foram os vestigios que restaram desse dominio.

Linguistica e ethnographicamente, bem se pode dizer que nullos, inteiramente nullos, foram os seus effeitos, e se não fossem os melhoramentos materiaes executados sob o governo do famoso principe Mauricio de Nassau, de balde procuraríamos na terra conquistada a lembrança da longa residencia do conquistador.

Foi Nassau, entre todos os governantes da colonia, o unico que se apercebeu dos verdadeiros interesses que lhe cumpria zelar, e aquelle em cujo espirito experimentado e arguto fulgurou por ventura a ideia da fundação de um novo reino.

Compulsando os documentos dos archivos hollandezes, e em partiueular a correspondencia de Mauricio e Arthoffock, em confronto aom a acanhada politica dos altos poderes da Companhia, logo se observa a disparidade de vistas, e se divisa os desastrosos effeitos que haviam de conduzir a conquista á irremissivel perda.

Se não fôra o justo receio de prolongar em demasia o presente trabalho, trasladariamos para aqui a traducção que tentamos de uma correspondencia do polaco Arthoffek, a serviço da Hollanda, onde se desenvolvem planos de um futuroso estado, tendo por capital a ilha de Itamaracá, sobreposta em situação estrategica, e salubridade de clima ao Recife e Olinda.

Julgamos de melhor parecer, destinar a interessante memoria ás paginas de nossa Revista.

Com a retirada de Mauricio de Nassau entrou o poder hollandez em Pernambuco, em franco declino, e a aura de sympathia que elle attrahira para o governo da metropole, em consequencia de suas medidas liberaes e férvido empenho no melhoramento da colonia, cedo se dissipou, voltando os que se iam adaptando á dominação estrangeira a engrossar as fileiras dos Independentes.

E assim foi que a obra da conquista, iniciada sob os mais promittentes auspicios, e grandemente facilitada pela negligencia da Hespanha e de Portugal, se não poude manter ante a tenacidade e resistencia irreductivel do punhado de defensores do solo patrio, que na luta mais desigual affrontou o formidavel poder batavo, e conseguiu por fim desaffrontar os brios nacionaes pelo mesmo conculcados.

E foi assim que após largo periodo de dominação, definitivamente ficou exterminado o jugo hollandez, sobrevivendo d'elle apenas a memoria gloriosa do valor pernambucano, nas refregas e combates em que se affirmou com proporções de assombro.

Não nos abalancaremos á tarefa epica de narrar-vos os feitos inenarraveis desses cruzados da libertação pernambucana, que á semelhança dos cavalleiros das lendas Arthurianas, tinham para si que a gloria do titulo de benemerencia que disputavam, estava mais no adquiril-o, que no desfructal-o.



Basta lembrar vos a importancia, para nós capital, da grandiosa empreza por elles levada a effeito, de integrar Pernambuco na nacionalidade brazileira, como um corpo homogeneo de lingua, tradições e costumes.

Festejando a data de hoje, o Instituto mostra o seu zelo pelas tradições do nativismo brazileiro, tal como se constituiu em suas origens, e affirma a sua solidariedade latina, ufanando-se das grandes virtudes da raça, caldeada com os demais elementos concurrentes de nossa formação.

Na lucta nesta occasião commemorada, esses elementos têm a sua representação maxima nos heróes de sangue portuguez João Fernandes Vieira, Mathias de Albuquerque e André Vidal de Negreiros, no negro Henrique Dias, e no indio Felipe Camarão.

São esses os "maiores" para quem hoje reverentes nos voltamos, e em cujas glorias jubilosos nos revemos.

Aquelles que com os seus desmarcados elogios á administração de Nassau, pretendem fazer crer que não temos tido, desde os tempos da monarchia, administradores tão esclarecidos e bem inspirados, com desconhecem os meritos de um marquez de Olinda, de um conde da Boa Vista, barão de Lucena, e general Dantas Barreto; para citarmos somente os grandes paladinos da hegemonia pernambucana, ou não são sinceros em suas manifestações pessimistas, ou sentem a mesma obliteração de sentimentos patrioticos do brazileiro indigno que ousasse invocar a dominação estrangeira como remedio aos nossos males.

Somos dos que querem a collaboração alienigena na obra do engrandecimento do Brazil, mas com a condição *sine qua, de ser* prestada sob a egide de nossas leis, e sem o menor risco para os interesses sagrados da nossa soberania.

E é por partilhar destes sentimentos de amôr patrio, que esta corporação a que temos a subida honra de pertencer, sente os olhos turvarem-se de magua ante o espectáculo que se lhe desenha no espirito do Exodo da Familia Pernambucana, sob a guia de Mathias de Albuquerque, exodo, mais magestoso em sua tristeza de tragedia grega, que o decantado Anabas e de Xenophonte e em que aquelle heroe assume quasi a grandeza biblica de Moysés.



E' pela mesma razão, que, ao Instituto, o coração se lhe inunda de alegria e palpita de orgulho, ante a simples menção dos Arraiaes de Bom Jesus, glorioso reducto de nossas liberdades,—e das estupendas batalhas de Tabocas, Casa Forte e Guararapes, que tiveram por merecido epilogo a Capitulação da Campina de Taborda.

Esses nomes valem por santelmos de esperança; nas tempestades que acaso se levantarem em nossa rota de povo autonomo e livre, elles nos mostrarão o rumo do dever, e accenderão em nossos peitos a chamma vivace do patriotismo, altivo e abnegado, que prefere a morte ao captivo, de tal modo que se possa dizer de nós, o que com justa homenagem se disse do glorioso adversario. Batavo, o almirante Pater: perdeu antes a vida que a victoria.

E' tempo, meus senhores, de para servir-nos de uma metaphora classica, — colher as velas do discurso.

Nesta sessão anniversaria ha um outro dever a cumprir, piedoso dever de estima e de saudade.

O Instituto rememora neste dia os nomes dos socios extinctos no decurso do anno social, rendendo o devido preito aos seus merecimentos.

Não é esta bem a occasião de analyzar detalhadamente o papel historico social que cada um desempenhou no meio em que evoluiu, estudando-lhe a personalidade á luz da critica historica.

Não cabe nos preceitos deste trabalho outra cousa senão breves e destacadas notas que valham por uma sincera manifestação de magua pelas dolorosas perdas registadas, ou um sentido preito de saudade.

Até 31 de dezembro de 1914 soffrera o Instituto a perda do socio professor Pedro da Rocha Pereira.

Já avançado em annos e recolhido á inactividade de uma jubilação dignamente alcançada como premio de valiosos serviços á causa da instrucção, esse venerando consocio falleceu em 1 de março do referido anno. E' grato rememorar, a seu respeito, que sempre frequentou as sessões deste Instituto emquanto poudé, e comnosco collaborou assiduamente.

Era dado ás Musas, sendo de sua lyra mais vibrante a corda patriotica.

Fatidico tem sido para o Instituto o mez de janeiro corrente: ainda não chegou a seu termo, e já tres socios nos arrebatou.

O primeiro, o dr. Antonio Francisco Pereira de Carvalho, fallecido a treze.

Antigo e conceituado advogado dedicava á profissão que abraçava, a melhor parte da sua actividade e aptidões, conseguindo accumular vultuosa fortuna que legou, em sua quasi totalidade, á Santa Casa de Misericordia do Recife, de que era um dos mais antigos e zelosos mordomos.

O exemplo de uma vida illibada e votada á pratica do bem, —assim como a applicação que fez de seus haveres ao amparo dos infelizes protegidos por aquella pia instituição, grangearam-lhe imperecivel titulo de benemerencia.

O segundo socio fallecido em janeiro (15), foi o magoso poeta pernambucano, Antonio Mendes Martins, cuja figura sympathica e modos attrahentes tanto o encaeciam á estima geral.

Poeta fecundo, fluente, e imaginoso, architectava com esmero e amôr os seus versos cantantes, repassados de um dulcoroso lyrismo.

Ainda em pleno viço de mocidade, como tem sido o destino de tantos poetas notaveis do Brazil, foi colhido pela morte em plena fructescencia intellectual.

A nota dolente que, de continuo, geme em seus formosos alexandrinos, tinha por ventura algo de prophetico: rara é a pagina do seu poema "Calvario" onde a palavra "morte" não figure.

O legado litterario de Mendes Martins mereceria uma analyse e apreciação superior aos ambitos deste discurso e da nossa competencia.

O juizo critico virá a seu tempo, mas qualquer que seja o julgamento das bellezas e jaças de seus versos, a espontaneidade de seu estro e suavidade de suas rimas hão de manter-lhe o culto de um vasto circulo de admiradores.

Emfim, senhores, ainda o dia de ante-hontem nos

reservava pesado golpe, com o passamento de um dos mais conspicuos membros deste Instituto, pela posição de destaque que occupava em nosso meio social,—o illustre senador por Pernambuco, desembargador Sigismundo Antonio Gonçalves.

As demonstrações geraes de pezar que o lutuoso acontecimento despertou na imprensa do paiz, e particularmente neste Estado em que, havia mais de quarenta annos, residia, dão a devida notação da estima e respeito que lhe circumdava o vulto venerando.

Poucos, bem poucos pernambucanos natos, poderiam allegar maior somma de serviços a Pernambuco, do que esse filho adoptivo que tão digna e justamente o representava no Senado da Republica.

Administrador de Pernambuco por varias vezes, se mais não fez em beneficio de seu desenvolvimento politico e economico, não foi sem duvida porque lhe fallecessem o desejo e a capacidade para conduzir este Estado a mais altanados destinos, senão, talvez, pelos entraves que se lhe antepuzeram de uma politica de acanhados horizontes e contra a qual vezes teve assomos de revolta.

Olinda sagrou-o cidadão benemerito, pelos assignalados beneficios que d'elle recebeu, e guarda-lhe a memoria com o mais carinhoso affecto.

Não acompanharemos a sua trajectoria na vida publica desde modesto promotor de Alcantara, no Maranhão, até governador do Estado de Pernambuco e senador federal, nem tão pouco faremos o inventario prematuro de seus actos nas multiplas espheras de actividade publica, em que gyrou; a hora é apenas de vestir de crepe o estandar-te deste Instituto, que elle tanto honrou com o prestigio de seu valor.

Tanto basta, para deixar aqui consignado o fundo pezar, que marêa neste dia, os nossos olhos, mas que igual ao aculeo que faz sangrar, como esporão em azas de ave, —nos incita á imitação dos exemplos por todos esses mortos deixados, para augmento do patrimonio de um inestimavel thesouro.

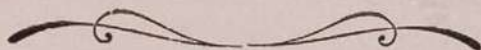
“Tantan bien que mal”, eis cumprida a minha missão.”



Desceu da tribuna sob uma salva de palmas .

Não havendo mais oradores, o desembargador Primitivo agradeceu o comparecimento honroso dos que alli estavam e encerrou a sessão.

—O livro de presença foi assignado pelos seguintes socios: dr. Primitivo de Miranda, 2.º vice-presidente Manoel Carvalheira, dr. Candido Duarte, dr. Mario Mello, 1.º secretario, Manoel J. Sant'Anna Araujo, dr. José de Barros Lima, general Dantas Barreto, Antonio da Cruz Ribeiro, thesoureiro, commendador Barbosa Vianna, commendador Cunha Porto, professor Gaspar Regueira, conego Pereira Alves e capitão Eudoro Correia.



# Hespanha

## **Archivo de Madrid**

### IMPRESSÕES

Conferencia realizada no Instituto Historico do Rio de Janeiro a 28 de Junho de 1915, pelo Dr. Pedro Souto Maior, socio correspondente do Instituto Archeologico do Rio de Janeiro.

#### **A independencia da America**

O exemplo dos Estados Unidos e a Revolução Franceza muito contribuíram para fazer fermentar nos latino-americanos a idéa de se libertarem das longinquas metropoles.

Mas, não resta duvida de que a invasão franceza da Peninsula Iberica, não sómente lhes forneceu e ensejo propicio, cemo tambem os forçou, se assim se póde dizer, a se governarem sem a tutella europêa.

Napoleão deve ser considerado, e com muita justiça, como o principal factor da independencia dos paizes latino-americanos.

Ficando acephalo o Governo hespanhol pela prisão dos reis pelos Francezes, varios colonias americanas, seguindo o exemplo da metropole, organizaram Juntas Governativas, habituando-se dessa forma a se regerem.

Durante a invasão, a Hespanha quasi não se communicava com as suas possessões, nem lhes podia mandar recursos.

Expulsos os Francezes da Peninsula, os hispano-americanos, habituados a viver independentes e consciuos da sua força, achando-se a metropole exausta pelos esforços empregados afim de se libertar do jugo napoleonico, não mais lhe quizeram prestar obediencia.

A invasão de Portugal influio de modo muito diverso nos destinos do Brazil.

Teve como consequencia mudar-re a Corte de Lisboa para o Rio de Janeiro, passando Portugal a receber ordens da sua antiga colonia, podendo datar-se a nossa independencia desde esse acontecimento.

D. João VI fundou, como á sua chegada promettera, um novo Imperio.

Varios Governos europeus e os Estados Unidos tiveram seus representantes na Corte de Portugal no Rio de Janeiro.

Ao estalar a revolta das colonias hispano americanas, os Ministros da Hespanha no Rio de Janeiro e em Philadelphia muita actividade tiveram de desenvolver em defesa dos interesses do seu paiz.

Os do Rio de Janeiro encontravam-se em vantajosa e especial situação pela circumstancia de ser a Rainha D. Carlota Joaquina, Infanta Hespanhola.

Intrigavam com ella na Corte e della se informavam sobre os planos e a politica de D. João VI e de seus Ministros.

Entretinham tambem agentes nos paizes rebellados, que lhes communicavam todos os successos occorridos nos mesmos, sendo, portanto, o Rio de Janeiro a base de operações do Governo da Hespanha para a sua campanha contra os insurgentes da America do Sul.

Nessas condições, a leitura da correspondencia diplomatica dos representantes do Governo hespanhol no Rio de Janeiro para ss seus Ministros de Estado, não pôde deixar de despertar grande interesse, pela des-



cripção dos factos, sem omissão dos pormenores por quem os presenciou, conheceu os antecedentes e previu com acerto as consequencias.

Os interesses das duas nações, visinhos na Peninsula Iberica e nas suas possessões sul-americanas, chocaram-se sempre, sendo a margem esquerda do Rio da Prata o pomo de discordia entre os dous Governos amigos.

D. João VI foi feliz na escolha de seus Ministros, que se mostraram eminentes estadistas.

Os condes de Linhares, da Barca e de Aguiar, Bezerra e Silvestre Pinheiro provocaram pelo seu talento e patriotismo grandes odios nos adversarios.

A paixão, originada do despeito, fez com que Villalba, não respeitando a agonia e morte do Conde da Barca, dissesse cousas atrozes, ao communicar ao seu Ministro de Estado — *la lisongera noticia de su muerte*.

A malquerença de Villalba para com o Conde de Barca fez que tomasse o partido do Ministro Russo Bolef contra o Conde e procurasse pintar o Russo como victima. Anos mais tarde confessou ser o tal Ministro Russo um atrabilario e improprio para um largo diplomatico.

Bolef era um devedor não desejavel; queria que se prendesse os seus credores.

Ao Governo hespanhol convinha o regresso de D. João VI a Europa e por esse motivo, havendo o Marquez de Irujo communicado ao Governo de Madrid existir descontentamento da Regencia de Lisboa, por estar Portugal como colonia do Brazil, a resposta do Governo hespanhol foi—que elle devia fomentar essa desavença, sem se comprometter.

Varias cartas mostram que houve tempo em que Artigas e Otorques foram tentados a se passar para o partido de Hespanha ou para o de D. João VI, e receberam nessa occasião presentes; os missivistas demonstrem não confiar na firmeza do caracter desses caudilhos.

Os Ministros queixavam-se frequentemente dos apuros da legação pela falta de pagamento dos ordenados, algumas vezes atrasados por mais de anno.

Foi tal a penuria, em que Villalba se achou certa

vez, que, ao saber que um capitão de navio hespanhol tinha em mãos a quantia de 50 mil pesos para applicar na compra de assucar em Pernambuco, lhe foi pedir emprestado alguns milhares de pesos e, como lhe fosse recusada o pedido, mandou sustar a sahida do navio.

O barco foi detido, mas não querendo o Ministro declarar o motivo da requisição, deu-se livre pratica ao navio.

Confessaram alguns missivistas que mais de uma vez recorreram a D. João, que generosamente lhes adiantava as quantias de que precisavam.

Tambem succedia que navios hespanhoes chegassem avariados e eram concertados gratuitamente no Arsenal do Rio de Janeiro, e providos de todo o necessario.

#### D. Carlota Joaquina

Villalba considerava muito D. João e tempo houve em que cahio no desagrado de D. Carlota, que o não queria receber e o fez passar por maiores humilhações.

Foi tal a antipathia que a Princeza então lhe votava, que em algumas cartas a Fernando VII pedio insistentemente a remoção do seu representante.

O Rei respondeu á irmã que brevemente trataria de satisfazel-a no pedido, apesar de nada ter que dizer quanto aos bons serviços e lealdade do Ministro, e juntamente enviou-lhe uma declaração em que lhe delegava plenos poderes para dirigir a politica hespanhola na America do Sul.

Em uma conferencia com D. João VI, extranhando este que o navio «Abascal» já não houvesse partido para Calláo com uns milhares de fuzis e outras provisões em soccorro do Vice-Rei do Perú, Villalba declarou que a isso se oppunha D. Carlota, tendo outro destino a dar ao navio.

Esse facto muito desagradou a D. João por ver a intromissão da esposa nos negocios da Hespanha.

Entretanto, decorrido algum tempo, o Ministro couquistou as boas graças da Princeza, recebendo as maiores provas de cansideração e vendo a sua gestão politica na legação approvada pela mesma.



Grande numero de cartas fallam do descontentamento de D. Carlota por ter de se demorar no Rio de Janeiro, pretextando ser-lhe prejudicial o clima.

Mas, excluindo-se algum incommodo do figado, ou palustre, de que talvez fosse atacada, males esses proprios dos climas quentes, a molestia que mais a atormentou foi a hystero-epilepsia que herdara e propagou a toda a sua geração.

O seu espirito trafego fazia-lhe mudar frequentemente de habitação.

Residio, além dos palacios de S. Christovão, Paço de Santa Cruz, em Mataporcos, Botafogo, caminho de Laranjeiras, Inhaúma, S. Domingos, etc.

O interessante é que, ao regressar a Portugal não pôde supportar aquelles ares, por se achar aclimada do Rio de Janeiro.

O hysticismo herdara-o naturalmente da progenitora, cujo procedimento escandaloso com Godoy, realizando ella, o marido e o amante, o verdadeiro «ménage a trois», não desejando outra cousa na prisão senão a companhia do favorito, deve ser attribuido áquelle estado morbido.

A força da lei de hereditariedade manifesta-se na descendencia: as filhas de D. Carlota eram histericas; D. Pedro I foi um epileptico.

Durante a prisão de Fernando VII, os Hespanhoes organizaram uma Junta Governativa do Reino, e nas colonias augmentou a agitação para a sua independencia.

Nesse tempó foi declarada a lei salica na Hespanha.

D. Carlota, assim tomada herdeira presumptiva da Corôa, pois era infanta hespanhola e irmã de Fernando VII, desenvolveu grande actividade epistolar, offerecendo-se como regente a Hespanha e a todas as suas possessões na America.

D. João VI e o Conde de Linhares auxiliaram-n'a nesse afan, conveniente á sua politica.

Numa occasião a Princeza declarou ao Ministro hespanhol que Linhares quizera que ella desistisse dos seus direitos em favor de D. João, recusando se, porém, ella, terminantemente.



Tambem se affirmou que D. João não desejava partisse a Princeza para a Hespanha, com receio de que lá promovesse intrigas em Portugal.

Em 1810, D. Carlota offereceu as suas joias, no valor de 40.000\$, para auxiliar a defesa de Montevidéo.

O Marquez de Casa Irujo (mais tarde Duque de Sotomayor), teceu-lhe os seguintes elogios:

«La conducta de S. A. en la oferta de sus diamantes, aunque el objecto es obvio quadra cun la elevacion de sua espiritu, que es grande sin duda, y no puede negarse, es una Princeza dotada de prendas muy destingnidas».

Na mesma occasião o Marquez referio que, sendo preciso em Montevidéo um prelo para contrabalançar os effeitos da imprensa daquella cidade, e não havendo no Rio de Janeiro outro, á não ser um de sobresalente na Imprensa Régia, D. Carlota, *não costumando fazer pedidos ao esposo, fez excepção nesse caso, com toda a energia de seu character.*

Realmente, não se lhe pôde negar ardente patriotismo e zelo pelas suas regalias de infanta Hespanhola.

Uma vez obrigou Casa Flores a beijar, não sómente a sua mão, mas a de todos os principes e princezas, seus filhos, considerando deverem elles ter esse direito por serem seus descendentes.

Casa Flores pediu instrucções a esse respeito ao Ministro de Estado, e este respondeu que só deveria beijar a mão de D. Carlota, como Infanta Hespanhola.

Após o tratado do reconhecimento da independencia do Brazil por Portugal, D. Carlota, baseando-se no artigo que conferio a D. João VI o titulo de Imperador, tão ambicionado por elle, assignava-se Imperatriz Rainha.

Tinha ella grande aversão por Lord Strangford, porque abstava a pacificação dos rebeldes da America do Sul e favorecia os seus planos de independencia.

Casa Flores queixou-se a Princeza por Lord Strangford contrariar-lhe os planos; ella condemnou o procedimento do Lord e contou-lhe, como prova dos abusos e prepotencias commettidos por elle na Corte do Rio de Janeiro, o seguinte caso:

Era de costume que os diplomatas, ao encontra-

rem na rua um dos principes ou princezas, se iam montados ou de carro, pararem e tirarem o chapéo (os filhos do paiz e qualquer outro estrangeiro eram forçados a apear-se).

Lord Strangford passava a cavallo e, avistando uma das princezas na rua, seguiu seu caminho, sem lhe prestar a minima attenção.

Um palanfreheiro do sequito da Princeza o foi admoestar pela falta de devida cartezia, mas o Lord perguntou-lhe se sabia com quem falava, bateu-o com o rebenque e proseguio no passeio.

Não contente com isso, foi ao Chefe de Policia e exigio a prisão do palanfreheiro.

Repetindo-se o mesmo caso com os Ministros holandez e americano, foi abolido mais tarde tal costume.

D. Carlota tinha a sua côrte seus conselheiros e agentes, na maioria Hespanhoes. Entre os intimos cont'avam-se Presas, Contucci, Vigodet e Frei Cyrillo.

Conta Landaburu que a Princeza obteve uma vez expontanea manifestação feita no saguão do palacio da cidade pela tropa hespanhol, vinda no navio «Maria Josefa».

A força compunha-se de 100 homens e se achava alli por ordem de D. José Primo de Rivera.

D. Carlota sahio a passeio e ao passar por elles, um dos officiaes exclamou:

—Viva la Augusta Hermana de Nuestro Rey el Sr. D. Fernando VII!

Os soldados acompanharam os vivas.

Ao Principe não agradou a manifestação.

Os palacianos, partidarios de D. João, não a cortejavam.

Quando foram reconhecidos na Hespanha os seus direitos á successão na corôa, ninguem a foi cumprir.

Após um Carnaval ella adoeceu gravemente na Quinta da Bôa Vista, não tendo em sua companhia nenhum dos Principes; toda a familia se achava em Santa Cruz.

Era notorio a desavença do casal real, chegando a ponto de não cohabitarem, de sorte que produzio



grande estranheza ao publico ver D. João e D. Carlota juntos e a trocarem amabilidades em uma noite de espectáculo, no camarote real do Theatro S. João.

Soube-se tambem que nessa noite D. João acompanhou e conversou com a Rainha nos seus aposentos.

Isso se deu logo após a vinda da Archiduquiza Leopoldina, esposa do Príncipe D. Pedro, e muitos attribuiram o facto á presença da Archiduqueza e nutriram esperanças na futura harmonia dos dous esposos, mas o armistício só durou aquelle dia.

### O Imperio do Brasil

Muito se tem dito sobre a individualidade de D. João IV de Portugal e fundador do Imperio do Brasil.

Geralmente se occupam dos seus defeitos physicos. baixa estatura, desenvolvimento adiposo, etc., e omittem as boas qualidades, que realmente possuia.

A pusilanimidade que se lhe attribue é contrabalançada pela constancia na execução da idéa concebida e amadurecida, do que deu provas especialmente no zelo e carinho da preocupação desde a sua chegada ao Brasil—do engrandecimento do paiz.

O acto de se refugiar no Brasil foi o da melhor politica, o meio mais efficaz que se lhe antolhou (é verdade que não havia outro) de escapar ás garras de Napoleão.

O grande corso confessou ter sido elle o unico que o enganou.

Se não tinha disposição para o uso da violencia no desenvolvimento de seus planos, em compensação empregava a astucia e vencia diplomaticamente.\*

Era generoso, compassivo e tolerante.

Foi exemplar nò seu amor filial, manifestando o maior affecto e respeito, a D. Maria I, só assumindo a regencia do Reino, quando a isso se vio forçado pelo progresso do estado morbido do espirito da Rainha; e ficando inconsolavel por seu fallecimento.

Tinha por habito fazer diariamente duas visitas áquella real senhora no seu apartamento.



Quando a encontrava passeando na rua, logo se apeava do coche para beijar-lhe a mão.

Nutria grande affeição e predilecção pelos primeiros filhos, fallando com orgulho de D. Maria Isabel esposa de Fernando VII, por achal-a parecida comsigo.

Amava a Princeza da Beira, por ser a primogenita e a D. Pedro, seu herdeiro, pelo espirito resolutivo de que era dotado.

Em Lisboa, referinde-se aos actos de rebeldia dos filhos, disse, em conversa a um Ministro hespanhol, estar admirado delles se mostrarem ambiciosos, quando elle não o era.

Algumas vezes sahia da sua calma e sabia ser energico, pois contou a um Ministro da Hespanha, após o levantamento absolutista em que entrou D. Miguel, haver esbofeteado por um motivo grave aquelle Principe e dahi talvez a vingança deste entrando na conspiração contra a sua pessoa.

Grato á Inglaterra que se mostrava boa, alliada, auxiliando-o o expulsar do Reino as hordas francezas de Junot, revoltava-se contra ella por abusar de sua vantajosa situação, propondo um tratado de commercio prejudicial aos interesses do Brasil, pois um dos artigos prohibia o trafico de escravos, quando o paiz precisava delles para a lavoura.

Entretanto o que mais irritava contra a alliada era querer impor-lhe a sua vontade quando á politica interna e externa do seu Governo, muito especialmente nos seus planos de expansão na America.

D. João e seus Ministros, assim como a Hespanha, não se illudiam com a Inglaterra, sabiam que era movida pelo egoismo, favorecendo a independencia das colonias, afim de enfraquecer as metropoles e obter destas e das ex-colonias os maiores proveitos politicos e principalmente commerciaes.

A' Inglaterra convinha o regresso de D. João á Lisboa; os dous Beresford foram ao Rio para induzil-o a dar esse passo e Lord Strangford sempre se esforçou pelo mesmo fim.

A idéa não lhe era de fórma alguma agradavel visto haver declarado varias vezes não querer deixar, o

paiz hospitaleiro, onde passara os unicos annos felizes de sua vida.

Não mais podendo supportar a presença de Strangford, pediu e obteve a sua remoção; arrependeu-se, entretanto, por temer que fosse mais perigoso intrigando em Londres do que no Rio.

Fallando com o conde de Casa Flores, acerca da chegada da Archiduqueza Leopoldina, esposa do Principe D. Pedro, disse-lhe:

— «Sabe que o Ministro inglez em Vienna teve a ousadia de solicitar ao Imperador e o Méternich que não o deixassem vir para cá, mas sim á Lisboa?»

Recebeu, porem, uma boa resposta. Tanto S. M. Imperial como Mefernich disseram-lhe que a Archiduqueza já era minha filha, que dependia de mim, e por conseguinte que iria para onde eu dispuzesse».

Os Ministros hespanhões no Rio de Janeiro consideravam-o bastante intelligente, sagaz e diplomatico, sabendo calar e fallar nos momentos proprios, e, quando não lhe convinha, mudar de assumpto, especialmente ao se queixarem dos actos politicos dos seus Ministros com os quaes estava sempre de pleno accôrdo.

Quando joven entregava-se ao exercicio de equitação, sendo classificado de destro cavalleiro por Herrera, Hespanhol, que acompanhou D. Carlota á Lisboa, quando foi contrahir matrimonio com o Principe.

Elle apreciava muito os prazeres cynegeticos, indo frequentemente a Santa Cruz afim de entregar-se áquelles exercicios

Em uma dessas occasiões foi mordido por um carrapo, e, inflammando-lhe a ferida, sobreveio-lhe a erysipela e a ferida transformou-se em ulcera, que o atormentou por muito tempo,

Após o regresso a Portugal ainda caçou.

Ora, parece que esses dous sports não devem ser apetecidos por individuos apathicos e dispostos á indolencia

Sua educação intellectual foi dirigida pelo sabio Veneziana Franzini, celebre mathematico physico, naturalista e distincto litterato, e della muito aproveitou.

Eis o parecer do erudito 2.º Visconde de Santarem, Ministro de Exrangeiros de Dom Miguel.

«Nous qui l'avons approché et qui avons entendu plusieurs hommes d'état qui falsaint partie de son conseil, nous pouvons assurer que son opinion était toujours la plus sage, qu'il était doué d'une profonde connaissance des hommes et des affaires, et qu'il étonnait souvent par la facilité avec laquelle il saisisait les questions les plus difficiles».

O mes no Visconde cita a seguinte apreciação insuspeita do auto: dos «Annales biographiques» :

«Les personnes qui ont eu des occasions fréquentes d'étudier le prince-regent ont été frappées de ses progrès dans les sciences, et elles lui ont reconnu un esprit loin d'être aussi borné qu'on l'avait supposé très gratuitement.

Le fait est qu'il avait acquis beaucoup de connaissances *positives* sur l'état de l'Europe, et sur les principaux personnages qui dirigeaient les cabinets.

Il était parfaitement au courant de toutes les intrigues de ses courtisans, et savait jusqu'au moindre détail de leur vie privée. Dans mille circonstances, il montra une grande justesse de raisonnement et une pénétration peu commune».

O Príncipe já conhecido como grande amigo das artes e letras, também o era das sciencias.

Muito auxiliou o viajante Mauve nas suas excursões no interior do Continente sul-americano, Tomou grande interesse pelos trabalhos de Maximiano de Wied, Nenuwied, dos naturalistas Feloni e Freyreiss, e do mathematico Stockler.

Refere o 2.º Visconde de Santarem que D. João VI era mais accessivel e dava uma audiéncia por semana, á qual era admittido quem quer que fosse.

Frequentemente fornecia soccorros e attendia a queixas mesmo contra os seus ministros.

Creou numerosos amigos na diplomacia, entre os quaes nomearemos o Marechal Lannes, sendo bem conhecida a resposta deste a Napoleáo, quando o quiz mandar outra vez a Lisboa, em 1805, afim de derribar a Monarchia :

«Je ne veux trahir, dit ce loyal militaire, ni les intérêts de la France. ni ceux de mon royal ami».

O que lhe duvia abater o espirito e quebrar-lhe



a energia eram os desgostos do lar, e por ninguem é ignorado a sua infelicidade conjugal.

Em compensação, á alta de carinho da consorte, teve pelo menos um idyllo, referido por Alberto Pimentel, na sua obra «A ultima Côrte do Absolutismo em Portugal».

Apaixonou-se elle por D. Eugenia José de Menezes, filha do Conde de Cavalleiros, neta do Marquez de Marialva e dama de honor de D. Carlota.

Foi retribuida a sua afeição, e não podendo ella occultar por mais tempo a prova de sua falta o Principe ideou uma farça.

Combinou com o Dr. João Francisco de Oliveira, medico do Paço, que este raptasse aquella senhora e a levasse para a Hespanha.

O medico era casado, mas a esposa estava bem a par da trama e não offereceu difficuldades.

O falso amante e a raptada embarcaram em Caixias para Cadix.

D. Eugenia recolheu-se ao mosteiro de Tavira e o Dr. Oliveira seguiu para Londres.

A culpada foi éxautorada, desherdada e degradada, por alvará de 2 de Junho de 1803.

O medico foi por um accórdão condemnado a forca, com baraço e préção.

Em 1814, mãe e filha (fructo daquelles amores) se transferiram para o convento de S. Bernardo de Porta alegre.

D. Eugenia morreu no convento daquella cidade alemtejana, em 21 de Janeiro de 1818.

O Dr. Oliveira em 1819, veio ter com D. João VI no Rio de Janeiro e o Rei mostrou-se agradecido.

Nem todas as nações tiveram por fundadores homens como George Washington e Guilherme de Orange, considerado pais da patria.

Mas, nem esses heroes escaparam a critica.

Póde-se, pelo menos dizer que D. João foi o paladino de uma idéa justa, qual a do engrandecimento da raça lusitana na America, da hegemonia a que tinha direito o paiz luso-americano pelos seus vastos territorios, pela riqueza de productos e pela ordem nelle reinante.

Emquanto os vizinhos se debatiam para obter a independencia, o Brazil já a alcançara com a remoção da Córte de Portugal para o Rio de Janeiro.

Para a sua transformação de colonia em reino, havia tudo a fazer e ahi se patenteou o Principe grande organisador.

A maior prova da convicção da durabilidade da sua estada na America e dos brilhantes destinos do paiz, foi o de tel-o appárelhado de todos os estabelecimentos de instrucção e justiça, de marinha e de guerra,—escolas superiores, imprensa, bibliotheca, museu, secretarias, tribunaes e arsenaes, necessarios ao funcionamento do novo Reino.

Foi esse o periodo mais brilhante de nossa nacionalidade, mal sahindo do berço e já considerada potencia respeitada não só na America como na Europa.

Grande emoção de orgulho patriotico invade o leitor brasileiro, ao manusear a correspondencia diplomatica daquella época, no Archivo Nacional de Madrid, pelas phrases lisonjeiras nella encontradas quanto ao valor dos estadistas, á influencia do paiz na politica internacional da Europa e da America, aos planos gigantescos do seu Governo, etc.

Leiamos o que disse um dos precusores da aproximação da nosso paiz com a America do Norte.

Em conversa com o Ministro americano o Conde da Barca disse haver necessidade de proporcionar meios ao Brasil de se tornar um grande Imperio, que pudesse fazer frente ás pretensões da Europa, demonstrando-lhe que esse engrandecimento convinha muito aos Estados Unidos, com os quaes as suas relações tinham de ser as mais estreitas, devendo elles tirar dahi tantas vantagens: «que era ja bien claro que el Rey de España no podia conservar tanta extension de territorio en esta America, y que era absolutamente necessaria al Brasil la agregacion de varios terrenos espanioles á estos».

Nas Córtes do Rio de Janeiro e Londres dominavam idéas imperialistas, despertadas pela cobiça das possessões hespanholas na America, especialmente do Rio da Prata.



A Inglaterra fez duas tentativas para se alojar em Montevidéo e Buenos Aires.

Lê-se na importante obra de Oliveira Lima «D. João VI,» pag. 85 :

«Falando com Maler sobre a expedição ao Rio da Prata para a occupação da Banda Oriental, D. João observou com o seu sorriso entre malicioso e bonacheirão :

«Os Francezes fallaram e escrevinharam muito em tempô sobre fronteiras ou limites naturaes : tratava-se sempre de um lado do Rheno, e do outro, dos Alpes : ora o que é o Rheno comparado com o Rio da Prata».

A politica imperialistâ de D. João não era exagerada, nem uma utopia : consistia em zelar as fronteiras do norte e do sul.

Convinha-lhe tomar a Goyana aos Francezes, ou pelo menos afastal-os da foz do Amazonas.

Ao sul buscava como limite natural o Rio da Prata.

Infelizmente encontrou sempre á sua frente á Inglaterra, que o obrigou a restituir a Goyana e difficultou, quanto pôde, a annexação da Banda Oriental.

A Providencia quiz de outra fórma : o Uruguay é um Estado independente, feliz e prospero e não tem melhor amigo que o Brasil. Não, se pôde dizer, porém, que a separação da Provincia Cisplatina fosse devida á differença de raça, pois residiam e residem naquella bella Republica grande numero de Brasileiros, accrescendo que as duas raças se mantinham em boa harmonia.

Refere Villalba, em carta de 12 de Junho de 1817 :

O Cobildo de Montevidéo mandou illuminar e fazer dia de festa nos anniversarios de D. João e D. Carlota, Nosso Senhor e Nossa Senhora.

Os Hespanhoes conforme as circumstancias, solicitavam a D. João que invadissem com as suas tropas a Banda Oriental : outras vezes pediam a retirada das mesmas.

Havia alternativas na politica internacional do Brasil e da Argentina.

Eis o que diz Villalba, em carta de 12 de Outubro de 1816 :



«Já quasi nada se diz nos jornaes de Buenos Aires sobre a entrada das tropas portuguezas na Banda Oriental, e não perdem occasião para dar realce ao poder deste soberano, afim de que os povos se persuadam de ser esta uma grande nação».

D. João dava mais importancia á politica sul-americana que á da Pênisula, e varias vezes manteve relações com os Argentinos, recebendo os agentes desses em missão diplomatica e firmando com elles tratados

Esse proceder do Principe muito irritava os ministros hespanhoes.

Villalba diz haverem-lhe referido o extracto de umas memorias apresentadas ao Rei D. João, em que se desenvolvem os seguintes planos gigantescos:

Que Portugal, por sua posição, ou devia ficar na dependencia da Inglaterra, ou da Hespanha, não havendo mais de dous meios afim de impedir que se choque contra um desses escolhos, e de evitar que o seu estado seja sempre o mais precario:

1.º—Estabelecer S. M. decididamente sua residencia no Brasil;

2.º—Tomar posse absoluta de toda a Banda Oriental do Rio da Prata, isto é até o Uruguay.

Essas memorias foram apresentadas ao Rei por tres diferentes pessoas: uma, o Conde da Barca, Ministro de Estado da Marinha, e o que hoje em dia o governa todo, e despacha o que pertence ao Marquez de Aguiar, que apenas põe a firma no que deve ir pelo seu departamento; a outra é de um tal Mosquera, um de seus amigos e conselheiro privado do Rei: e a outra de um tal Mello.

O Conde de Casa Flores, em cartas de 15 de Novembro de 1817, fallando sobre a politica de D. João VI, e dos seus ministros assim se exprime:

«La idea del gran poder de este Imperio Portugues en el Brasil está arraigada en la mente de S. M. Ema., eu la del Principe erdero en la de todos Fidalgos, siendo esta la causa por que llevan estos tan a bien la resolucion de su Soberano de permanecer aqui.

En una palabra, estando em Lisboa se consideran

baxo la dependencia de la Inglaterra y con un vecino mucho mas poderoso que el Portugal, como lo és la España, y aqui se consideran libres y en estado de no temer à nable.

Es pues para ellos el Portugal una parte secundaria de la Monarquia, por cuya razou en un caso extremo abaddonaran aquel por conservar al Brasil».

D. João realizou o seu ideal, o feito mais glorioso de sua existencia: fundou um Império, enriquecendo-o ao sul com uma bella provincia e de uma fronteira natural.

Soara, porém, a hora em que foi forçoso partir, separar-se da pittoresca bahia de Guanabara, dos sitios risonhos em que passou dias felizes: o Paço, a Quinta da Boa Vista, a Fazenda de Santa Cruz, a Praia Grande, as Ilhas do Governador e do Paquetá

Ella declarou em conversa a Villalba que só uma extraordinaria novidade o obrigaria a deixara America.

A temerosa eventualidade apresentou-se-lhe inadiavel em 1820 com a revolução de Portugal.

Quiz ainda defender-se, evitar o scenario europeu, que tão desagradaveis recordações lhe despertava: os horrores da vida conjugal; a conspiração afim de declarar-o demente e substituiu-o na regencia; os máos dias passados entre as instantes solicitações e ameaças da França e da Inglaterra, afim de que se pronunciasse por uma dellas, declarando a guerra á outra; enfim a invasão de Portugal por Junot e as afflicções da partida para a America.

Vacillou. Aventou-se o alvitre de mandar D. Pedro a Lisboa em seu lugar, mas sendo este posto de parte, entregou-se ao destino, partindo para Lisboa.

Foi commovente a scena de despedida do paiz que tanto amava e do filho predilecto.

Quanto a phrase que lhe attribuiu o Principe, em uma carta— «Pedro, se o Brasil se ha de separar, antes seja para ti, que me has de respeitar, do que para algum aventureiro», D. João negou havel-a proferido, talvez porque teve de apresental-a ás Côrtes.

E' verdade que lhe não devia ser agradavel a idéa de desunir os dous Reinos.

A sua vida, ao regressar a Europa, foi um verdadeiro martyrio.

Querendo adaptar-se ás novas idéas, ao que acreditava ser a vontade da maioria da nação, apresentava-se como ardente adepto do constitucionalismo.

O ministro hespanhol em Lisboa, extranhando tal volubilidade, desconfiou da sinceridade da brusca mudança no espirito do Rei.

Como era possível que D. João, que sempre se mostrara afeiçoado ás prerogativas da realeza, repentinamente adoptasse as idéas democraticas?

D. Carlota, ainda nessa occasião, mostrou-se em completo desaccôrdo com o marido.

A lei impunha que todos os membros da Familia Real prestassem juramento á Constituição.

A Rainha D. Carlota foi a unica da Familia a recusar tal juramento.

A penalidade era bem expressa: perda dos subsidios e de todos os direitos reaes e deportação.

Não houve meios de fazel a desistir do erro.

Além dos rogos do Cardeal e de pessoas de sua amizade, foi uma commissão das Côrtes, que se contentava a que se fizesse representar no juramento pelo Principe D. Miguel, ou outra pessoa qualquer.

Nada a demovera, allegava ter feito uma promessa de não jurar.

Adiou-se a imposição da pena de deportação por ella ter adoecido, ou pretextado molestia. Mas as outras já lhe haviam sido applicadas.

O Rei muito se affligio com todo esse escandalo.

Os negocios do Brasil tambem lhe preoccuparam o espirito.

Os acontecimentos precipitaram-se: As Côrtes de Lisboa queriam fazer o Brasil voltar á condição de colonia; os patriotas brasileiros induziram o Principe a collocar-se á sua frente e fizeram a independencia do paiz.

Logo depois veio o levante absolutista, em que D. Miguel tomou parte saliente, conspirando e revoltando-se contra o pai.

E assim acabou os seus dias, cheio de amarguras, de facto, o primeiro *Imperador* do Brasil.



## D. Pedro I

O Brasil gozava desde a transplantação da Monarchia portugueza para o Rio de Janeiro, da mais perfeita autonomia, reiterada na sua elevação a Reino unido ao de Portugal.

Essa união poderia haver sido mais duravel se não fôra a politica desarrazoada das Côrtes portuguezas. O plano de recolonização do paiz acelerou a independencia.

Tal politica era absurda e extranhavel no Governo constitucionalista portuguez, por pretender tirar ao Brasil o que o seu antecessor absolutista lhe ortorgara.

Não era preciso mais nada para que o paiz americano cortasse todos os laços que o prendiam ao velho Reino.

A independencia ter-se-hia feito com a Republica, como se dera com as outras colonias americanas.

Mas o caso do Brasil era peculiarissimo, por haver agasalhado durante 13 annos a casa reinante de Portugal; por ser um Reino, cuja regencia assumira o Principe Herdeiro em substituição do Rei.

Os dirigentes brasileiros dividiam-se quanto á fórmula de Governo a adoptar na sua patria; entretanto, pesou na balança a consideração de se conseguir a independencia com relativa facilidade pelo concurso do Principe.

Este era ambicioso, amava naturalmente o paiz, onde crescera, cujos costumes adoptara, a patria de seus filhos; convencido além disso, pelo talento de José Bonifacio, pôz-se á frente do movimento e fez-se a independencia.

Sobre os successos ligados á nossa independencia se encontra maior copia de documentos, na correspondencia diplomatica de Lisboa para Madrid.

As noticias daquella epoca, procedentes do Rio de Janeiro, para Madrid, são conhecidas do leitor brasileiro, por serem os factos ainda recentes, pelo desenvolvimento do jornalismo naquella epoca, e mais escassos, porque a Hespanha só tinha no Rio naquella occasião, um consul.

Os Ministros Hespanhoes em Portugal acompanha-

vam os trabalhos das Côrtes de Lisbôa, eram bem acolhidas pelo Rei, que com elles muitas vezes se expandia, ouviam o que se dizia pela cidade e de tudo informavam ao seu Ministro de Estado.

Estão incluídas na sua correspondencia as cartas de D. Pedro I e D. João VI, remetidas ás Côrtes.

Manuseei toda a correspondencia de 1821 a 1825.

Nella se vê o papel brilhante dos nossos representantes ás Côrtes, pelo talento, patriotismo e valor, sempre se apresentando em defesa da patria.

Quando se declarou a independencia do Brasil, refere o Ministro Hespanhol, que, em conversa com D. Carlota, esta criticou a D. Pedro, por não se mostrar bom filho o que era influido por mãos companheiros, com os quaes estava muito de accordo, entre elles um capitão francez e um Hollandez, chamado Hogendorp, que fôra Secretario de Napoleão.

Mas, pareceu ao Ministro que no intimo ella estava satisfeita com o acontecimento, porque caberia o throno de Portugal a D. Miguel.

A' Hespanha não convinha o reconhecimento do Brasil e por isso os seus ministros em Lisboa recebiam indicações para que influissem no animo de D. João VI, afim de não se realizar tal reconhecimento.

O motivo era obvio; não animar pelo precedente as suas ex-colonias, que ainda esperava reconquistar.

Por isso tambem só muito tarde, entrou em relações com D. Pedro I, nomeando consul no Rio de Janeiro e acceitando os do Brasil na Hespanha.

Ao communicar a nomeação de um embaixador ao Congresso americano de Panamá, por D. Pedro I, chama-o de pretensio Imperador do Brasil.

A questão da aceitação de um consul do Brasil vem tratada em muitas cartas e memorias.

Fallando de Luiz do Rego, ao chegar em Lisbôa, um ministro hespanhol classifica-o de tyranno e os Pernambucanos, atirados aos carcereiros daquella cidade, de martyres.

A revolução de Pernambuco de 1817 muito impressionou a D. João VI. O Ministro hespanhol, no Rio de Janeiro, aproveitou-se della para indispor aquelle Monarcha contra os insurgentes do Rio da Prata.



Por ser muito interessante e ligar-se a essa revolução, transcrevo o trecho da carta n. 33, do Conde de Casa Flores a D. José Garcia Pizarro.—«Rio, 15 de Novembro de 1817.—Aprisionaram na costa de Pernambuco a um individuo, que se tornara suspeito, e nada se podendo tirar de suas respostas, mandaram-no para cá.

O Ministro Bezerra, encerrando-se com elle a sós, e promettendo-lhe, sob palavra de honra, que nenhum mal lhe seria feito, elle fez as seguintes declarações:

Disse ser coronel francez; que devia toda a sua existencia a Napoleão, que fazia com prazer o sacrificio da vida para o tirar da prisão.

Que viera a Pernambuco afim de se pôr, se fosse possivel, á frente da insurreição e organizar alli a expedição contra a ilha de Santa Helena:

Que vinham barcos dos Estados Unidos, trazendo lanchas a vapor para surprender a guarnição;

Que escolheram a Pernambuco por ser o ponto mais proximo de Santa Helena e mais apropriado por causa da insurreição; mas que elle chegou quando ella fôra suffocada.

Bezerra foi quem me contou o que acima fica dito.

Perguntei-lhe que pensava fazer com o tal individuo.

Respondeu-me que nada mais se poderia fazer do que embarcal-o e recambial-o aos Estados Unidos, visto a sua declaração não ser prejudicial e haver sido feita sob palavra de honra como ficou dito.

Repliquei-lhe que pelo menos era preciso que se communicasse isso ás potencias, afim de saberem do occorrido, e afim de que a Inglaterra ficasse de sobre aviso.

Disse-me que assim se faria por meio dos Ministros portuguezes. E' pois, regular que o dahi communique-o officialmente a V. Ex.

Em carta de 14 de Novembro de 1818 Casa Flores communica haver-se estabelecido o serviço postal para S. Christovão e Santa Cruz e determinado a sahida de um paquete para Lisboa todos os 40 dias.

Voltemos á correspondencia do Rio de Janeiro



Muitos papeis, especialmente os do anno de 1825, fazem referencias á Marqueza de Santos.

No navio em que foi D. Pedro a Bahia, ia D. Domitilia de Castro como aia da Imperatriz.

Depois seguem-se outras noticias sobre aquella senhora. Falla sobre ella quando foi agraciada com o titulo de Marqueza de Santos.

Trata dos seus amores com D. Pedro e dos fructos desses amores: as Duquezas de Goyaz e Ceará e a Condessa de Iguarassú.

A Duqueza de Goyaz foi mandada á França afim de lá ser educada.

Refere a ida da Marqueza ao Palacio de S. Christovão, por occasião da molestia que victimou a Imperatriz.

Os Ministros não a deixaram penetrar nos aposentos da Imperatriz.

D. Leopoldina era muito estimada por toda a cidade do Rio de Janeiro e a sua morte foi extraordinariamente pranteada.

A casa da Marqueza, nas cercanias da Quinta da Boa Vista, esteve nessa occasião guardada por tropas, porque o povo a queria assaltar.

O Imperador partira para o Sul do Imperio, afim de dirigir a campanha contra os Argentinos, que apoiavam a revolução da Cisplatina.

A Marqueza escreveu a D. Pedro, queixando-se dos Ministros, e elle, que já se achava no Rio Grande do Sul, immediatamente regressou ao Rio de Janeiro.

O imperador da Austria, ao saber desses amores, tratou de arranjar-lhe noiva, mas impoz-lhe o afastamento da Marqueza para fóra do Paiz.

Ella se recusou terminantemente a abandonar o Brasil, dizendo que não commettera crime algum para ser deportada.

A muito custo foi para a Provincia de S. Paulo, donde era filha.

Durante sua ausencia, o Imperador tentou esquecê-la, procurando novos amores; teve varias amantes, mas não se prendeu a nenhuma.

Ella ainda voltou ao Rio.

Não foi facil arranjar noiva ao Principe; mas afi-

nal ajustou-se o casamento com D. Amelia de Souchenberg.

A chegada da Princeza, juntamente com D. Maria da Gloria, foi muito festejada no Rio de Janeiro.

O Imperador foi recebê-la a bordo de um vapor á entrada da barra.

A Marqueza de Santos estabelecêra definitivamente residencia em S. Paulo, pouco tempo antes da vinda da Imperatriz.

D. Amelia era uma Princeza muito prendada e tomou logo grande ascendente. Um dos seus primeiros cuidados foi o de mudar a criadagem do palacio e de fazer economias.

O Principe D. Pedro, um dos collaboradores da independencia do nosso paiz, possuia alguma intelligencia, mas nenhuma cultura.

Era bom cavalheiro e destro cocheiro, habilidades essas em que mais applicava o seu tempo.

Grosseiro no trato, não amava etiquetas.

Nunca a lei de hereditariedade se patenteou tão francamente como na sua individualidade.

De tal mãe, tal filho: era sensual e epileptico. (Vide a carta de Andrea Villalba a Pedro de Cavallos, datada da Praia de S. Domingos, de 16 de Maio de 1816—Legajo 5.844—N. 321).

Mostrava-se frequentemente impulsivo, commettendo actos ou proferindo palavras, de que se arrependia e pedia desculpas.

O seu desregramento no culto a Venus foi extraordinario, sacrificando até altos interesses do Estado.

A um simples chamado da amante, desistio do acertado intento de assistir á campanha contra os Argentinos.

Não é que a sorte das armas depende-se da sua tactica, visto não possuir taes conhecimentos, mas é innegavel que a presença do Monarcha daria novo animo ás tropas e faria mudar a face das cousas.

Assim, contribuiu elle para que se desfizesse á obra do pai, com a perda da Cisplatina.

Quão differente foi o uso da influencia da amoroza consorte, a Imperatriz Leopoldina, tão dedicada ao Brasil.



A intelligente Princeza muito contribuiu com o seu espirito culto para que D. Pedro se decidisse a abraçar a causa dos patriotas brasileiros.

Realmente o Principe se encontrava naquelle momento em posição bem embaraçosa.

De um lado, os Brasileiros queriam que trahisse á sua patria, privando-a da antiga colonia ou, pelo menos, da força que lhe advinha da união com o reino americano.

Do outro lado, queriam o impossivel—fazer voltar o Brasil á condição de colonia.

Essa politica das Côrtes de Lisboa era secundada no Rio de Janeiro pelos Portuguezes residentes e pelas tropas vindas da Metropole.

Nas cartas da Imperatriz Leopoldina ao Sr. Schäffer, amigo particular e devotado da Familia Imperial, no tomo LXXV, parte 2.<sup>a</sup>, da Revista do Instituto Historico verifica-se o interesse e a acção benefica da Princeza para chamal-o ao partido dos Patriotas.

Veja-se este trecho da carta de 8 de Janeiro de 1822 :

«O Principe está decidido, mas não tanto quanto eu desejaria. Os ministros vão ser substituidos por filhos do paiz, que sejam capazes. O Governo será administrado de um modo analogo aos Estados Unidos da America do Norte.

Muito me tem custado alcançar isto tudo - só desejaria insuflar uma decisão mais firme.»

Os tempos mudaram e na carta datada de S. Christovão, 8 de Outubro de 1826, ella deixa transpirar o desgosto intimo que a consumia pelo abandono em que a deixava o marido.

«Aqui anda tudo transtornando infelizmente, pois, sinceramente fallando, mulheres infames como se fossem *Pompadour* e *Maintenon*, e ainda peor, visto que não têm educação alguma, e ministros da Europa toda e da Santa Ignorancia governâm tudo torpemente.

E os outros devem ficar calados e procurar apenas o maior isolamento, ficando cada vez mais almejando a independencia e a tranquillidade.»

Ao dar-se noticia de um feito d'armas, o chefe do exercito é quem recebe as honras da victoria, ainda



que essa, muitas vezes, seja devida ao esforço de um ou mais de seus commandados.

Naquella campanha politica o Principe estava naturalmente indicado para o posto eminente que occupou, mas a verdade é que a independencia era uma questão já vencida no espirito de todos os Brasileiros de sorte que os patriotas dirigentes assim como os Governos Provinciaes e Municipaes e as corporações politicas não faziam mais do que promovel-a por todos os meios possiveis.

Assim é que além de José Bonifacio de Andrada, honrado com o titulo de Patriarcha da Independencia, outros como—Joaquim Gonçalves Ledo, Azeredo Coutinho, José Clemente Pereira, José Joaquim da Rocha e o franciscano Frei Sampaio devem partilhar dos louros dessa victoria.

Sobre os successos que conduziram a abdicação de Pedro I, a correspondencia diplomatica hespanhola procedente do Rio de Janeiro, é bem interessante.

Os liberaes não lhe perdoavam os actos de molde anti-democraticos, especialmente a dissolução da Constituinte e a Constituição outorgada.

Os patriotas receiavam a possibilidade da volta á união portugueza pela sua ingerencia e pretenção á corôa de Portugal, não querendo elles nem mesmo auxiliá-lo no intento de collocar a filha naquelle throno.

Ainda mais desconfiavam que elle se apoiasse na colonia portugueza no Brasil para realizar taes projectos.

Essas rivalidades, receios e lutas consequentes deram como resultado o 7 de Abril.

A correspondencia por mim examinada alcança até o anno de 1833.

De 1831 em diante se occupam da luta dos partidos.

Tratam dos homens politicos da epoca: os Andradas Evaristo da Veiga, etc.

Fallam com admiração do Feijó, a quem chamavam de Cardeal Ximenes brasileiro.

Aqui termino, senhores, a exposição dos trabalhos por mim executados na Hespanha.

As apreciações feitas pelos diversos diplomatas citados estão de perfeito accôrdo com o que se lê na obra de Oliveira Lima (*D. João VI*) e nas cartas de João Loureiro publicadas recentemente no tomo 76, parte 2.<sup>a</sup>, da «Revista do Instituto Historico».

Todos os factos por mim historiados no decorrer desta conferencia baseiam-se na documentação da correspondencia diplomatica dos Ministros hespanhoes na Côrte do Rio de Janeiro de 1808 a 1833.



# Actas das sessões

*Sessão de assemblea geral de eleição em 5 de Fevereiro*  
1906

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Regueira Costa, Aprgio Garcia e Alcedo Marrocos, 1.º e 2.º Secretarios, Pereira da Costa, Rocha Carvalho, Sebastião Galvão, Carneiro Vilella, Arthur Muniz, Guedes Alcoforado, Alfredo de Carvalho, Gervasio Fioravanti e major Augusto Cezar, abriu-se a sessão e a acta da antecedente foi lida e approvada.

O Senr. Dr. 1.º Secretario, mencionou o seguinte expediente:

Um officio da Commissão incumbida de promover uma subscrição em favor das familias das victimas da catastrophe do *Aquidaban* pedindo para isso auxilio do Instituto.

Um telegramma do Exmo. Senr. Ministro da Marinha agradecendo as condolencias do Instituto pelo desastre do *Aquidaban*.

Offertas:

Pelo Instituto do Ceará um volume de sua Revista.

Pelo Ministerio de Fomento do Peru' um boletim do Club de Engenharia de minas.



Pelo consocio Dr. Pereira da Costa uma pequena apolice da divida publica do Estado de Pernambuco de n.º 88543.

Pelas Redacções um numero da Revista Militar, outro do Achivo revista destinados a vulgarisação de documentos geographicos e estatisticos do Estado.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Pasando-se a proceder a eleição da meza administrativa e das commissões para o anno sócial de 1906 a 1907 deu o seguinte resultado:

Presidente, Dr. João Baptista Regueira Costa, 1.º Vice-presidente, Dezor. Antonio Pedro da Silva Marques, 2.º dito, Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa e 3.º Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

1.º Secretario Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia e 2.º Dr. Francisco Alcedo da Silva Marrocos.

Supplentes dos Secretarios, Augusto Cezar da Cunha e Dr. Vitalino Cordeiro Lins.

Oradores, Drs. Manoel Arthur Muniz e Augusto Coelho Leite.

Thesoureiro, João Walfredo de Medeiros.

Commissão de Redacção da Revista, Drs. Francisco A. Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e Manoel Arthur Muniz.

Commissão de Fundos e Orçamentos: Drs. Bianor de Medeiros e José de Moraes Guedes Alcoforado.

Commissões nomeadas pelo Presidente:

De admissão de socios.—Drs. Aprigio Garcia, Carneiro Vilella e Augusto Cesar.

De Revisão de manuscritos:—Coronel Soares Brandão, Drs. Vicente Ferrer e Coelho Leite.

De Trabalhos historicos.—Drs. Pedro Celso, Rocha Carvalho e Alcedo Marrocos.

De Historia e geographia do Brazil.—Dr. Sebastião Galvão, professor Rocha Pereira e Dr. Alfredo Freire.

Findo o expediente e na forma dos Estatutos foram os eleitos empossados e levantada a sessão.

Em tempo, tambem faz parte da commissão de Fundos e Orçamentos o Dr. Carneiro Vilella,

*João B. Regueira Costa*, Presidente—*Aprigio Garcia*, 1.º Secretario—*Alcedo Marrocos*, 2.º Secretario.

*Sessão ordinaria de 22 de Fevereiro de 1906*

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia e Alcedo Marrocos, 1.º e 2.º Secretarios, Braz de Souza, Pereira da Costa, Carneiro Vilella e Alfredo de Carvalho, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte:

Uma carta do Secretario da officina Litteraria *Martins Junior* concebida nos seguintes termos:

“Illmos. Senrs. A Officina Litteraria *Martins Junior* associação que vos deve a porção maior do exito dos seus trabalhos, reiterando seus protestos de imperecível reconhecimento pelos favores e gentilezas que lhe haveis dispensado, espera confiadamente para que possa imprimir o mesmo brilho de sempre ás ceremonias que pretende realizar durante o vigente anno que lhe não negareis a fidalga solidariedade com que a tendes envanecido e dado forças para que ella triumphe, brilhe e se imponha executando o programma superior que traçou em nome da patria.

Nucleo civilista, carecendo trabalhar na propaganda dos seus principios, que fortalecem a alma dos novos, indispensavel se lhe torna o concurso dos que, como vós, tambem guardar reliquias do velho patriotismo, ainda e sempre exemplo a invocar pela hegemonia do character nacional.

Por isto, porque sozinha teme ser vencida, a Officina confia em vós e vos assegura os protestos de estima e distincta consideração, com que em seu nome, me subscrevo de Vss. attento venerador e creado. —*Caetano de Andrade*.

Submettida a carta supra, á requerimento do Dr. 1.º Secretario, á deliberação do Instituto, resolveu este, contra o voto do consocio Dr. Carneiro Vilella, conceder

que a referida Officina continuasse como dantes á funcionar provisoriamente no salão do mesmo Instituto.

Um officio do Commendador Eduardo Martins de Barros, de 9 do corrente, agradecendo a sua eleição para socio effectivo do Instituto. Inteirado.

Um convite da Commissão da Colonia Portugueza pedindo o comparecimento do Instituto nas exequias, que mandará celebrar no dia 21 do corrente pelo descanso eterno das victimas do desastre do *Aquidaban*.

Tiveram conhecimento do convite os socios que compareceram na séde do Instituto.

Offertas:

Pelo Instituto Geologico do Mexico um volume intitulado *Paragones*.

Pelas respectivas redacções um exemplar da revista *O Commentario* e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lida e approvada a seguinte proposta:

“Propomos que seja creada uma commissão de Ethnographia de accordo com os fins do Instituto. Sala das sessões 22 de Fevereiro de 1906.—Alfredo de Carvalho, Aprigio Garcia, Pereira da Costa.

Para comporem a mesma commissão foram nomeados os Drs. Alfredo de Carvalho, Alcedo Marrocos e Pereira da Costa.

Em seguida lidos os pareceres da Commissão de admissoão de socios e correndo o escrutinio secreto foram eleitos, socios honorarios os Senrs. Visconde de Ouro Preto, Conde de Affonso Celso e Drs. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo e Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, effectivo o Coronel Manoel Pinto da Fonseca e correspondente o Senr. Georg. Frederici, notavel ethnologo allemão e autor de varios trabalhos valiosos sobre ethnographia brasileira.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa*, Presidente—*Aprigio Garcia*, 1.º Secretario—*Augusto Cezar da Cunha*, Servindo de 2.º Secretario,



*Sessão ordinaria de 15 de Março de 1906*

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia, 1.º Secretario, Braz de Sousa, Gervasio Fioravanti, Pereira da Costa, Carneiro Vilella, Alfredo de Carvalho e Augusto Cezar, substituindo o 2.º Secretario abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Senr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente.

Um officio do Dr. José Manoel Pereira Pacheco, membro do Instituto Historico e Geographico Parahybano, de 12 do corrente, communicandô ter aquelle Instituto resolvido promover a trasladação dos ossos do heroico parahybano André Vidal de Negreiros, sepultado na matriz de Goyanna, para o seu Estado e pedindo á este Instituto informações a respeito.

Para fornecer as informações pedidas o Senr. presidente designou o consocio Dr. Pereira da Costa.

Um dito da Sociedade Litteraria *Bernardo Vieira de Mello* remettendo a relação dos membros de sua directoria do corrente anno social. Mandou-se agradecer.

Um dito da Sociedade dos Artistas Mecanicos e Liberaes, agradecendo a relação dos membros da directoria do Instituto no corrente anno. Inteirado.

Offertas:

Pelo Observatorio do Rio de Janeiro um volume do seu Anuario.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa dous numeros do seu Boletim.

Pelo socio benemerito Dr. Alfredo de Carvalho um exemplar da medalha, que mandou eunhar commemoativa da fundação da Academia Pernambucana de Letras.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Em seguida lidos os pareceres da commissão de admissão de socios correu o escrutinio secreto e foram ap-

provados para socios effectivos do Instituto os Senrs. Arthur Lewing e Drs. Rodolpho Carlos de Amorim Garcia, Antonio Vicente Pereira de Andrade e General Francisco da Rocha Calado.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa*, Presidente—*Alfredo de Carvalho*, servindo de 1.º Secretario—*Carneiro Vilella*, Servindo de 2.º Secretario.

*Sessão ordinária de 29 de Março de 1906*

*Presidência do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Regueira Costa, Dezor. Silva Marques, Alfredo de Carvalho, substituindo o 1.º Secretario, que não compareceu, Carneiro Vilella, occupando a cadeira do 2.º Coelho Leite, Antonio Vicente, Arthur Muniz, e os Senrs. padre Severino Vieira e Arthur Lewing.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Senr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do 1.º Secretario da Camara dos deputados do Estado offerutando um exemplar dos Annaes e outro da Synopsi relativos aos trabalhos da mesma Camara, da sessão ordinaria do anno p. passado.

Offertas:

Pelo Senr. Rael W. Hiersemann um catalogo de livros e pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Senr. presidente communica ao Instituto que mandou pagar ao Dr. Alfredo de Carvalho a quantia de trezentos mil reis por conta da encomenda do mesmo Instituto constante de estampas para a Revista e diplomas para socios, restando pagar-lhe ainda duzentos e oitenta e sete mil reis e á Typographia do *Jornal do Recife* pagou tambem a quantia de um conto de reis por conta da impressão da Revista n.º 61.

Lido um parecer da commissão de admissão de so-

cios, correu o escrutinio secreto e foram eleitos socios effectivos os Senrs. Dr. Alfredo de Albuquerque Gama e Antonio Mendes Martins.

O Senr. presidente declara que estando o Instituto convidado para fazer se representar na sessão solemne que a Academia Pernambucana de Lettras promove para o dia 4 de abril p. vindouro, afim de empossar o seu novo membro Arthur Muniz, nomeava para corresponder ao convite uma comissão composta dos Drs. Coelho Leite, Antonio Vicente e Arthur Lewing.

O Senr. Dezembargador Silva Marques, pedindo a palavra, diz que estando de viagem para o Rio de Janeiro, afim de tomar parte nos trabalhos da Camara dos Deputados, para que foi eleito pelo Estado de Sergipe e suppondo que ficará definitivamente residindo na Capital Federal, vem despedir-se do Instituto e da cada consocio em particular, á cada um dos quaes offerece os seus serviços naquella Capital.

O Senr. presidente respondendo lamenta a ausencia do digno consocio ao qual agradece a muita dedicacão e bons serviços prestados ao Instituto, de que é elle muito digno 1.º vice-presidente e para acompanhar S. Exca. ao seu embarque nomeia uma comissão composta dos Drs. Coelho Leite, Arthur Muniz e Antonio Vicente.

Por ultimo o Senr. presidente saudou os novos consocios Dr. Antonio Vicente e Arthur Lewing pela sua admissão no gremio do Instituto e encerrou a sessão.

*João B. Regueira Costa*, Presidente—*Augusto Cezar da Cunha*, Servindo de 1.º Secretario—*Arthur Muniz*, substituindo o 2.º Secretario.

*Sessão ordinaria de 19 de Abril de 1906*

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Antonio Vicente, Rocha Carvalho, Arthur Muniz, Carneiro Vilella, Alfredo de Carvalho e os Senrs. Barbosa Vianna e Augusto Cezar substituindo o 1.º Secretario, que não compareceu, abriu-se a sessão.



O Dr. Arthur Muniz occupando a cadeira do 2.º Secretario leu a acta da antecedente que foi approvada.

O Senr. 1.º Secretario mencionou as seguintes offertas:

Pelo Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas um Boletim Mensal.

Pela Intendencia Municipal do Rio de Janeiro um Boletim.

Pelo Instituto G. e Historico da Bahia, um volume sua Revista n.º XI, pelo consocio Julio Meilli o volume II de sua obra—O Meio Circulante no Brasil.

Pelas redacções um exemplar d'O Commentario, outro da revista Ad Lucem e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Em seguida um parecer da Commissão de admissão de socios correu o escrutinio secreto e foi eleito socio effectivo o Revm.º. Ulrico Sanntag, prior do Convento de S. Bento e socio do Instituto H. e Geographico da Parahyba.

Para examinar o estado em que se acha a columna do Arrayal Novo do Bom Jesus, mandada construir pelo Instituto, foi nomeada uma commissão composta dos Drs. Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e Carneiro Vilella.

Em tempo: Foi tambem eleito o socio effectivo o Dr. José Eustachio Pereira.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa*, Presidente—*Alfredo de Carvalho*, Servindo de 1.º Secretario, —*Bianor de Medeiros*, substituindo o 2.º Secretario.

*Sessão ordinaria de 17 de Maio de 1906*

*Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia, 1.º Secretario Pereira da Costa Coelho Leite, Alfredo de Carvalho, Antonio Vicente, Carneiro Vilella, Braz de Souza, Sebastião Galvão,

Bianor de Medeiros e os Senrs. Rodolpho Garcia, Barbosa Vianna, Mendes Martins e Augusto Cezar, substituindo o 2.º Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente.

Uma circular do Club Litterario Progressista de Boquim do Estado de Sergipe, pedindo o auxilio do Instituto para uma bibliotheca que pretende fundar.

Mandou-se remetter as publicações que houvessem. Offertas:

Pelo autor, o Dr. Nelson de Senna, um volume do Annuario de Minas Geraes.

Pelo Revmo. Prefeito do Convento da Penha um volume—Notas Historicas da Igreja de N. Senhora da Penha e das Missões dos Capuchinhos da prefeitura de Pernambuco.

Pelo Senr. Romario Martins um folheto —Curitiba —Historia de sua fundação.

Pelo Senr. Augusto Porto Alegre um volume—A Fundação de Porto Alegre.

Pelo Senr. Alvaro da Costa, um folheto—La pais et l'union universelles.

Pelo consocio Dr. Arthur Muniz um folheto—Martins Junior. —Elogio lido na sessão solemne da Academia Pernambucana de Lettras.

Pelo Senr. R. Tello de Mendoza um volume—Complemento, e outro—Annales de las Caroelles de Caracas de 1799 a 1905.

Pela Redacção um exemplar da Revista de Sciencias, Lettras e Artes de Campinas.

Pelo Instituto Geologico do Mexico um volume do seu Boletim.

Pelo Instituto Smithsonian um volume de seu Relatorio Annual.

Pela Exma. Senra. D. Maria Emilia Pereira de Souza um prato antigo de louça, um pedaço de pedra de christal, uma pequena concha e um caixinha contendo mica, sendo estes tres ultimos objectos encontrados no municipio de Floresta.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Lido um officio do Senr. Inspector da Alfandega solicitando do Instituto a restituição da placa que lhe offertara em Janeiro deste anno, o Senr. presidente declara que deixou de resolver por si a entrega da referida placa por força do § 2.º do art. 21 dos Estatutos em vigor, que só permite ao presidente resolver no intervallo das sessões sobre qualquer negocio urgente caso este em que não se achava o pedido do Senr. Coronel Pinto da Fonseca; pelo que o submettia á resolução do Instituto.

Discussão convenientemente o assumpto pelos Senrs. Coelho Leite, Arthur Muniz, Aprigio Garcia e Alfredo de Carvalho deliberou-se unanimemente que se officiasse ao Senr. Inspector da Alfandega pondo á sua disposição a referida placa.

Em seguida o Dr. Alfredo de Carvalho propoz e o Instituto approvou por unanimidade de votos que se consignasse na acta um voto de louvor ao Senr. presidente Dr. Regueira Costa, pela attitudo digna e correcta com que procedeu a respeito zelando os creditos da associação.

O Dr. Aprigio Garcia propoz igualmente um voto de confiança á respectiva directoria o que foi igualmente approvado.

Ao tratar-se do assumpto acima referido o Senr. Dr. Regueira Costa deixou a cadeira, que foi occupada pelo seu substituto legal Dr. Pereira da Costa.

Voltando logo depois á sua cadeira o Senr. Dr. Regueira Costa agradeceu ao Instituto a prova de confiança e apreço que lhe acabava de dar e que elle considerava mais um incentivo para continuar a cumprir os seus deveres.

Lido um parecer da commissão de admissão de socios e correndo o escrutinio secreto, foram approvados para socios effectivos o Dr. Rodolpho de Araujo e Major Luiz Pereira de Oliveira Faria e para socio honorario o Exmo. Senr. Conselheiro Affonso Penna.

O Senr. Presidente declarou que devendo passar por esta capital o Exmo. Conselheiro Dr. Affonso Penna vice-presidente da Republica nomeia os Senrs. Drs. Coelho



Leite, Arthur Muniz e Alfredo de Carvalho para em comissão cumprimentar S. Exca. por parte do Instituto e dar-lhe as boas vindas e entregar-lhe o diploma de socio honorario.

O mesmo Senr. Presidente saudou aos Senrs. Rodolpho Garcia e Mendes Martins, pela sua admissão no gremio da associação.

Finalmente o Senr. Dr. Sebastião Galvão justificou a ausencia dos consocios Drs. Zeferino Agra, Carlos Porto Carreiro e Netto Campello e o Dr. Coelho Leite a do Dr. Vitalino Cordeiro.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*J. B. Regueira Costa*, Presidente—*Alfredo de Carvalho*, —Servindo de 1.º Secretario—*Mendes Martins*, Servindo de 2.º Secretario.







**Dr. Vicente Ferrer**





# REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XIX

Julho a Setembro de 1915

N.º 89



## Dr. Vicente Ferrer

Faleceu em Lisbôa, a 16 de Maio de 1915, quando triumphava a revolução dos democraticos chefiada pelo dr. Affonso Costa, o nosso illustre coestadano dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley de Araujo, um dos mais prestigiosos socios do Instituto Archeologico que o elevara a benemerito e lhe prestara honroso preito a que fez jus, collocando-lhe o retrato em sua galeria de honra.

De alguns annos residente em Lisbôa, alli exerceu as funcções de chanceller do consulado brasileiro, durante o tempo em que o barão do Rio Branco geriu a pasta do exterior.

Foi depois promovido a vice-consul do Brazil em Madeira.

“Bastante conhecido e acatado no meio juridico brasileiro, —disse delle um dia Carlos Porto Carreiro —não é preciso grande esforço de bôa vontade para o destacar da sombra”.

Filho legitimo de Manoel José de Sant’ Anna Araujo e d. Regina de Barros Wanderley de Araujo, o dr. Vicente Ferrer nasceu a 13 de Junho de 1857, na cidade do Cabo.

Estudou humanidades no Collegio das Artes, o velho casarão da rua do Hospicio, ultimamente demolido — e alli foi um dos alumnos mais distinctos.

Após um curso brilhante em nossa Faculdade de Direito, obtendo distincção em todas as materias do 5.º anno, elle se bacharelou a 6 de Novembro de 1877.

No anno seguinte, a 23 de Fevereiro de . . 1878, casava-se com d. Ephygenia Villares de Araujo e seguia para a então provincia de S. Paulo, como promotor e depois juiz municipal de São João de Campos.

Na Faculdade de Direito de São Paulo, defendeu these, obtendo o grau de doutor em 13 de Novembro de 1879.

No anno seguinte abandonou a carreira da magistratura, voltando para o Recife, onde abriu banca de advogado. Desde logo, começaram seus triumphos na vida do fôro.

Em 1881 prestou concurso para lente da Faculdade de Direito do Recife, tendo como competidores os drs. Alfredo Vaz de Oliveira, Albino Meira, Barros Guimarães, Francisco Gomes Parente e Vasconcellos Drummond.

Bem poucos terão alcançado tanto renome



no fôro do Recife. Ferrer foi aqui um dos advogados de mais fama e á sua banca appareciam os mais interessantes pleitos juridicos que se teem agitado em nosso meio. Uma que lhe deixou grande nomeada foi a defeza do tenente coronel Raymundo Magno, accusado como autor da morte do inolvidavel democрата e jornalista dr. José Maria de Albuquerque Mello, e outras as *razões* em favor dos Franciscanos do Recife, trabalho de grande valor.

Advogado civil e ecclesiastico desde 1880. Secretario e redactor do catalogo da Exposição Estadual de 1880, socio benemerito do Gabinete Portuguez de Leitura do Recife.

Dos trabalhos publicados se podem salientar: *Notas ao Codigo Penal Brasileiro; Religião e Literatura dos criminosos*, que receberam referencias elogiosas de Lombroso na ultima edição de *L'uomo delinquente; A execução de Silvino de Macedo; Seitas protestantes em Pernambuco; Pimenta Bueno; Prologo e annotações* a ultima edição; *Paula Baptista — Prologo e annotações* á ultima edição; *Succesão de estrangeiros no Brasil; Sodalicios religiosos e poderes dos bispos; Cemiterios do Recife — notas legislativas etc., etc.*

A sua maior obra é a collaboração em revistas e jornaes brasileiros e estrangeiros sobre direito, litteratura e historia, e nos tresentos e mais folhetos sobre assumptos forenses, algumas das quaes trataram as questões com a maior amplitude, merecendo francos applausos.

Desses trabalhos se podem destacar: *Indemnisação por damno pessoal; Negativa de*

*paternidade, Questão de compra e venda mercantil, Organização judiciaria do estado de Pernambuco* (projecto)

Professor de Litteratura Nacional e Historia do Brasil na Escola Propagadora de Instrução publica, membro da commissão que organisou o regulamento judiciario de Pernambuco, socio do Instituto Historico do Brasil, de S. Paulo, da Bahia e do Rio Grande do Norte, da Associação dos advogados de Lisboa, do Instituto da Ordem dos advogados brasileiros, e da Sociedade de Geographia de Lisbôa, socio effectivo benemerito, ou honorario de varias outras associações litterarias e scientificas a que tem prestado serviços inestimaveis e a muitas das quaes tem feito offertas valiosas de centenares de livros de sua vasta bibliotheca juridica e scientifica, como fez á Bibliotheca publica do estado e ao Gabinete Portuguez de Leitura (só na Administração de 1805 a 1806, 982 obras em 815 volumes) e em cujo salão nobre fulge seu retrato, o dr. Ferrer honra o nome pernambucano.

Muito profundo em estudos historicos, alem de innumerous trabalhos que figuram da *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, publicou *A execução de Silvino de Macedo* com duas edições esgotadas e *A guerra dos Mascates*, trabalho approved pelo ultimo congresso de Historia Nacional.

Tinha no prelo em conclusão o *Abcedario Juridico* de Teixeira de Freitas, cujo prologo foi publicado pelo *Diario de Pernambuco* e a terceira edição de *Silvino de Macedo*.

Poucos dias depois de sua morte chegavam a Pernambuco os primeiros exemplares da segunda edição, revista e augmentada, da *Guerra dos Mascates*.

Era membro proeminente da Maçonaria Brasileira, que elle representou no Congresso Maçonico Universal de Bruxellas, obtendo por isso honras especiaes da ordem do Brazil e outros paizes estrangeiros.

---

—Vindo embalsamado de Lisboa, seu corpo teve sepultura no Cemiterio de Santo Amaro desta Capital, a 11 de Julho de 1915, perante numerosa assistencia.

---

Julgamos prestar uma homenagem condigna da sua memoria publicando nesta pagina o justo e substancioso artigo que ha treze annos consagrou ao Dr. Vicente Ferrer uma revista de Lisboa o grande advogado daquella cidade, Dr. Eduardo Alves de Sá, que era considerado o primeiro ornamento do fôro portuguez.

Tal consagração firmada por tal nome basta para indicar aos que menos o conhecessem, o valor de advogado de jurisperito e de publicista, que realçava a individualidade do Dr. Vicente Ferrer, o qual em Portugal accumulava por assim dizer, as funcções de vice-consul de seu paiz com as de advogado do Brasil, porque não raras vezes elle veiu á estacada na imprensa de Lisboa, em defesa do nome, dos di-



reitos e dos interesses brasileiros. Por isso a memoria do mallogrado extinto é digna de todo o acatamento e de todas as homenagens.

---

Corriam inflammadas as questões juridicas da Condessa de Geraz do Lima contra seu padrasto o Dr. Alberto Carlos de Cerqueira de Faria, quando, um dia, abrindo a correspondencia, encontrei eu uma carta do Dr. Vicente Ferrer, datada do Recife, pedindo-me os impressos que houvesse publicado nesses pleitos, onde eu era defensor do homem notabilissimo, e puro e raro, que foi o Dr. Alberto Carlos, a quem esses processos roubaram a vida.

Claro, quem assim, de longe se interessava pelas causas forenses portuguezas, não era, por certo, um espirito vulgar.

Todavia nós não nos conheciamos pessoalmente. Não me recordava de ter ouvido fallar delle. A esse tempo, tambem, elle estava no começo de sua vida profissional. Mas esse franco appello a um *collega*, sem duvida no acolhimento que o receberia, era tão attrahente, fazia tão bem, que não mais lhe esqueci o nome.

Não preciso dizer que logo lhe mandei, numa effusão de affecto, tudo quanto conhecia publicado da cruel demanda. A profissão absorvente, porém, retomou-me: arrastou-me ao vertice e continuei levado no turbilhão de todos os dias. Foi velocissimo esse instante que me detivera a regalar a vista em cousas assim tão sinceras e desprezenciosas e confiadas. Tempo depois, sendo eu advogado num pleito contra alguns subditos brasileiros, que possuiam bens no Algarve, e que residiam então no Brasil, começaram a vir-me ás mãos jornaes de Pernambuco, em que eu era aggreddido ferozmente. A injustiça era sangrenta e tanto mais me chocava quanto eu, desde a infancia, tinha do Brasil uma visão particularissima de sympathia. Na Universidade, eu pugnava pelo direito de emancipação das colonias e tinha diante de meu espirito a antiga colonia portugueza. A indepen-

dencia do Brasil era pra mim um facto de um relevo enorme e de uma significação inequivoca nas deducções scientificas a que dava logar. Essa independência, eu, generalisava-a; quasi a adorava, tão irresistivel argumento em reforço de verdades phisiologicas eu entendia comprehender-se nella! Açores, Africa, India, tudo me parecia então numa miragem multicolor juvenil, constituindo nucleos, agrupamentos, que um dia viriam a concorrer emancipados á nova organização social, que o futuro guarda e que talvez não esteja tão longe, como se cuida; pois que com os grandes phenomenos sociaes parece dar-se o mesmo que com as grandes montanhas. Quanto mais nos approximamos dos massigos do centro e do came, quanto menos se lhe avista a colossal grandeza. Eu tinha então uma grande fé no futuro (e ainda a tenho). Por esses tempos andava enhusiasmado com as fulgurações do talento do grande Rudolph Ibering, que via no *Direito* a luta perpetua e sempre ascendente contra a *injustiça*. Ao calor destas idéas a noção liberdade pessoal ampliava-se-me; estendia-se aos povos, collectivamente, e dava-me para as colonias esta visão, que me parecia tão natural, como séria, como inevitavel, e eu, concluindo os estudos universitarios, propunha-me sustentar, entre outras theses, que tambem foram afinal, anathematisadas, pelo conselho escolar, a *do direito de emancipação das colonias*, e saltava-me impaciente o coração de me vêr, diante da grande massa da mocidade academica, contra o grave cenaculo dos Doutores, a advogar a admiravel causa da emancipação das conquistas d'além-mar. O lapis orthodoxo, porém, do decano da Faculdade riscava-m'a por ser *attentatoria da ordem publica*, e a mim só me restava a consolar-me o *pure se muove* e a confiança illimitada nas leis naturaes, unicas reaes e vivas.

\* Nem isto, meus amigos, é digressão que me tenha afastado do meu querido collega Vicente Ferrer. Não. Aquella emancipação do Brasil fôra tão logicamente imposta na evolução social da colonia, ella fôra tão inevitavel, tão cheia de promessas, que o futuro bem o tem provado, e agora, neste mesmo momento, e neste mesmo Ferrer, legitimo representante dos emancipados, ahí tendes,

Lo seu personagem profissional, scientifico, litterario e patriotico a melhor contraprova, viva, palpitante, da maior idade a que chegara esse grande povo.

Por isso a injustiça da aggressão que de lá me era feita, desconhecendo-se o estado do meu animo para com o Brasil, me pungira tão dolorosamente.

Transportado em imaginação ao grande continente sul-americano, foi-me excitada a memoria de que tinha alli mesmo, no proprio Brasil, uma alma grande que pulsava vivida. Era de mais a mais um advogado, e isto quer dizer, uma victima, por enquanto sempre em luta contra o egoismo, e nunca arrependida dos impulsos nobres do altruismo. Recorri a elle. Enviei-lhe os folhetos impressos da causa. Expliquei-lhe o que havia.

Se não fosse a um homem desta grande profissão que me dirigiste, ou talvez tivesse desanimado do resultado da minha pretensão. Assim, nem um momento só duvidei.

Vicente Ferrer sahiu a campo em minha defesa, a alma vibrando vigorosamente, a consciencia inflammada. Os adversarios emudeceram diante d'elle.

A's primeiras impressões já contadas, que recebera deste homem, juntaram-se então á amisade e o reconhecimento, a admiração por um espirito que assim sentia a Justiça e que assim comprehendia e praticava a solidariedade universal da profissão, lá, tão longe, e atravez do Oceano.

Conheci então a robustez intellectual e a aptidão professional do Dr. Ferrer.

Não mais cessou entre nós este indizível prazer do convívio intellectual, e a communicação do que pensavamos, do que escreviamos, do que nos succedia, tem sido ininterrupta desde então.

Ha pouco um bilhete postal, escripto á pressa, annunciava-me a partida do Dr. Ferrer na companhia das queridissimas filhas, e, dias depois, annunciavam-me no escriptorio o grande advogado, que, sem ter visto mais ninguem ainda, sem mesmo ter repousado instantes no hotel, onde deixara a familia, vinha abraçar-me, cheio daquella vivacidade que tão proeminente é nelle, transbordando de *fraternidade*, que é o signal certissimo da



alta elevação de cultura social, quando sobretudo ella assim se derrama entre homens, que são por officio, quotidianamente *adversarios*; mas que todos só collaboram na conquista da Justiça e do Direito.

Nesta apparentemente minima, circumstancia, eu attentei logo. Sentir assim e poder assim vibrar, nos seus indefiniveis matizes, o affecto, é o que faz para mim o encanto da nossa especie e que nos dá o alento, que tão precioso é para viver, de acreditar que á medida que avançamos no tempo a selecção vae-se fazendo, imperceptivelmente por ora, e que esta aspiração vaga ainda, mas intensa de perfeição moral não só uma visão sempre fugitiva e inaprehensivel.

Que advogado, calculem agora não ha de ser quem é assim sensivel desde o mais fino estremecer do sentimento ao mais energico, pulsar do coração diante da fraqueza perseguida, da injustiça cruel querendo triumphar da pobreza inerme!

Eu peço á redacção do *Brasil-Portugal* (se é que pôde haver perdão para isto) me perdõe de eu não lhe ter feito a biographia classica do Dr. Ferrer, desde o *locus ubi* do nascimento, a provincia, o concelho, e a freguezia: peço me perdõe não lhe dizer a data do baptismo, os nomes dos paes e dos avós, o dia da matricula escolar do futuro causidico, a data do doutoramento com os viridentes inseparaveis louros academicos e todas as mais cousas decorativas do protocollo, ou das pragmaticas officiaes.

Eu já não espero curar-me. Sou, estou a vel-o incoereivel: mas tudo isso, para retratar um homem, sempre me pareceu que valia tanto como a valente bengala de castão rico, que, ha poucos annos, ainda eu vi reproduzida num retrato de um homem já celebre da politica portugueza, numa das expôsições, onde os nossos artistas têm de *soffrer a concorrencia* e o *contraste* das numerosas produções picturaes das meninas amadoras expositoras.

Olhem aquelle retrato adoravel de Antonio Candido feito pelo Salgado. Que lhe poz elle? a luz jorrando alto, illumina-lhe a fronte, onde as idéas se engrinaldam, para jorrar de fóra em buriladas phrases. E mais nada. Olhem as obras incomparaveis do Columbano. Olhem

como elle vê o modelo e como lhe sahem os retratos inequalaveis, que elle só faz, dos homens de letras, dos talentos rutilantes da nossa terra. Está a gente tão longe da certidão do assento de baptismo, quando se acha em frente de taes trabalhos!

Quem me dera poder aqui com a pena traçar do Vicente Ferrer um retrato assim!

E' a apresentação de um advogado estrangeiro, que os meus amigos, me pediram. Este advogado era um amigo meu. Dizendo o que tenho dito, e que copio das reminiscencias da minha pobre vida, não posso dizer mais; porque não sei dizer mais. Outro fará a biographia classica do Dr. Vicente Ferrer. Eu não. Que aventura em que me iria metter! A classicismos já não resistem nem o encantador Baudry do foyer da opera de Paris, nem o velho, o bom Cabanel, que sonhava em Paris, na escola, filhas de Pharaó tristissimas e penteadas a primor. O Ferrer acha-se em Lisboa, onde veiu pela primeira vez, tão bem que quasi lhe custou a sahir da cidade, onde não viu de certo (nem eu lh'o perguntei nunca) o *marmore* classico do nosso bom Hereulano. O Ferrer é um homem palpitantemente moderno. A criminologia lombrosiana empolgou-o. Elle ahi anda, em Lisboa, (á beira do Tejo!) a passar horas na penitenciaria, já archaica, de Campolide, no horrendo Limoeiro, ou na *casa de correção*, d'onde sahiu dizendo, que devia ser arrazada. Depois de Portugal, o Dr. Ferrer vae á Italia. Só pensa em ir, como discipulo, ouvir o verbo sereno e imponente do Lombroso, e a palavra chamejante do Ferri.

O Ferrer conhece a litteratura juridica portugueza como qualquer de nós — e não só a que veiu circundando até aos Borges Carneiro as Ordenações do Reino: conhece o mundo juridico contemporaneo de Portugal egualmente bem.

Está a fallar-se com elle, e não sente um estrangeiro. A mim dá-me a impressão de um antigo condiscipulo do fôro, que nunca sahisse daqui.

Nos seus antepassados encontra-se o sangue portuguez. E' em Pernambuco o advogado de toda a colonia portugueza e honra-se disso. Homem de sciencia verdadei-

ramente do seu tempo, não tem caturricas aborrecidas, não tem *cabelleira* ao seculo XVII. No meio da viveza com que o vejo communicar connosco, inflammado, dedicado, sem premeditações cavilosas de dar boa idéa de si, não sei o que é que me diz o Dr. Ferrer, deve vir a ser um romem infeliz, porque o mundo ainda não está para espiritos assim.

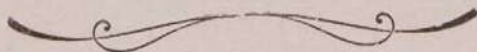
Para se ver, meus Exmos. amigos, como eu não sei nada (nem saberei nunca) de convencionalismos classicos, para poder-lhes satisfazer ao que me pediram, apresentando, na sua Revista, um dos mais notaveis advogados brasileiros; basta dizer-lhes que não encontro chave d'ouro para fechar cstes apontamentos. O Dr. Ferrer, (faltava-me este traço, que é importantissimo no busto de um legista do seculo XX), o Dr. Ferrer, fallando-me, ha dias, sobre a moderna escola de criminalogia, dizia-me: "Eu não preciso dizer-lhe, Eduardo, que não ereio no livre arbitrio, até nos *contractos* eu encontro do mesmo modo e vejo o *determinismo*".

*Determinismo e responsabilidade* de Hamon, o celebre professor da Universidade Livre de Bruxellas, têm nelle um convicto discipulo e enthusiasmado e intuitivo, como é o Max Nordau com o Cesare Lombroso.

Os inglezes dizem: *Few things are more calculated to destroy the spontaneity of human enthusiasm than long practice in the Courts.*

O Ferrer desmente este aspecto sombrio. (Sua vivacidade, seu enthusiasmo devem ser inexgotaveis.

Lisboa, 23 de Maio de 1902—Dr. Eduardo Alves de Sá.





# A Companhia das Indias Occidentaes

Estudo Historico por G. M. Asher (\*)

A Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes deveu a sua origem a uma época e a um movimento que imprimiram cunho bem visivel em toda a vida nacional dos Hollandezes.

Nos ultimos annos do seculo XVI e primeiros do seculo XVII, a Republica Hollandeza elevou-se subitamente dos mais exiguos primordios á categoria duma grande potencia e ao mesmo tempo e com igual presteza occorreu a ruina do antigo commercio e opulencia da Belgica. Esta grandeza e esta decadencia são, na realidade, apenas as duas faces dum mesmo acontecimento: as provincias septentrionaes prosperaram porque para ellas fôra transferida a força das do Sul, transferencia que é um facto por demais palpavel e real.

As perseguições hespanholas expelliram mais de .. 100000 familias protestantes—a verdadeira flor da nação—da Belgica para o Norte, principalmente para a Hollanda e a Zelandia. Parte consideravel da grandeza da Republica Hollandeza e especialmente a origem do seu imperio colonial podem ser traçados ao ar-

---

(\*) Traduzido do inglez por Alfredo de Carvalho.

dente impulso dado por estes novos elementos; a mais genuina corporisação, porém, do espirito que animava os exilados belgas encontra-se nos planos da Companhia das Indias Occidentaes.

Quando os Belgas chegaram ás Provincias do Norte não pensavam residir alli permanentemente. Todos os seus esforços tendiam ao regresso á Belgica e, portanto, á libertação da Belgica do jugo hespanhol. Para attingir este objectivo conceberam um projecto de singular genialidade e grandeza.

Havendo fruido por muito tempo do privilegio das transacções commerciaes entre os varios paizes europeus sujeitos ao dominio castelhano, os solertes mercadores de Flandres e de Brabante tinham descoberto todos os pontos fracos do imperio hespanhol. Sabiam que estas vastas possessões, "onde o sol não tinha occaso", devido mesmo á sua illimitada extensão e á sua completa dependencia da Hespanha, estavam por toda parte expostas aos ataques dum inimigo resolutivo. E sobre esta noção assentaram o plano de formar uma companhia de aventureiros particulares que deviam conquistar ou arruinar as colonias hespanholas, apresar os seus comboios e diffcultar e interromper o intercurso da Hespanha com as suas dependencias transatlanticas. Destruindo assim os recursos dos Hespanhóes, haviam de os compellir a acceitar as suas condições de paz e a evacuação da Belgica.

Em 1592, quando este projecto gigantesco foi engenhado por Guilherme Usselinex—negociante exilado de Antuerpia—a sombra do poderio hespanhol projectava-se por todo o orbe e os Hollandezes ainda eram desdenhados pelos seus adversarios como sendo um punhado de rebeldes desesperados e de piratas sem existencia nacional legitimada.

Os esforços que Usselinex teve de despender para a realisação de suas idéas, não foram menos notaveis do que estas mesmas idéas. Ao contrario dos homens de genio dos nossos dias, não padecia de covardia, vaidade estulta ou preconceitos rotineiros. Porque desingnio algum podia ultrapassar a comprehensão e a coragem de João Oldenbarnevelt, o grande estadista que

então governava a Republica Hollandeza. Mas, a politica de Oldenbarnevelt estava em inteira opposição ás vistas dos Belgas. Estes deviam tornar-se os seus mais rancorosos inimigos e, após muitos annos de ardente antagonismo, "tiveram de passar por cima de seu cadaver" afim de executar os seus planos.

Por mais que os magnificos projectos dos Belgas possam provocar a nossa admiração, um estadista pratico e prosaico, como Oldenbarnevelt só podia considera-los como fantasias inspirados pela amargura do exilo; e, de facto, até certo ponto, mereciam semelhante censura. Por cauza destes planos não era de esperar que elle arriscasse as vastas e solidas vantagens que o paiz havia alcançado por esforços quasi sobrehumanos. Era, aliás, demasiado exigir de mortaes que, por amor de outros, corrêsem riscos enormes afim de destruir o seu proprio poder e prosperidade. E semelhante suicidio teria certamente sido commettido pelos Hollandezes si, com o seu auxilio, os planos dos Belgas se tivêsem realisado. Com o regresso victorioso dos Belgas á sua terra natal, o commercio, as industrias e o predominio politico teriam se transportado para o Sul, deixando a Hollanda na posição pouco invejavel duma provincia obscura e isolada.

Comquanto a opposição de Oldenbarnevelt aos Belgas fôsse tão justa quão natural, estes encontraram nas provincias septentrionaes e na propria Hollanda, um numero de energicos alliados, que, por fim, os ajudaram a levar Oldenbarnevelt ao patibulo. Estes alliados eram: as classes baixas nas cidades da Hollanda, muitos homens influentes nas outras provincias e — *last thought not least*—a casa de Orange; as classes baixas porque Oldenbarnevelt era o chefe dos aristocratas urbanos, os representantes das outras provincias porque elle reclamava para a Hollanda uma influencia preponderante, e a casa de Orange porque esta grande familia aspirava a dominios mais vastos e a uma autoridade menos restricta do que então possuia.

Os dois grandes partidos assim constituídos duraram até á Revolução Franceza e ainda nos presentes dias subsistem delles tantos restos como de *wiggismo* e



*torismo* na Inglaterra. Ao tempo de seu advento, e ainda gerações após, divergiam a proposito de quasi todas as questões de interesse publico: os do partido belga eram calvinistas extremados, democreatas, monarchistas e centralisadores e exigiam particularmente que a guerra com a Hespanha fôsse continuada até á libertação da Belgica. Os do partido de Oldenbarnevelt eram arminianos, aristocratas, republicanos e adeptos da autonomia provincial e satisfaziã-m-se com deixar a Belgica em mãos dos Hespanhóes.

Devido a esta singular seisão partidaria a fundação da Companhia das Indias Occidentaes foi evitada durante quasi trinta annos, de 1592 a 1621.

Em dois dos encontros mais decisivos, a fundação de semelhante companhia não foi o unico—nem sequer o principal—problema a resolver: toda uma hoste de outras questões partidarias foram ao mesmo tempo decididas. Na primeira das duas contendias, que durou de 1607 a 1609, a principal questão foi a de guerra, tregua ou paz com a Hespanha; na segunda, de 1617 a 1619, que terminou com a execução de Oldenbarnevelt, o pomo da discordia foi a divergencia theologica entre os calvinistas extremados e os arminianos.

Até ao anno de 1606 pouco sabemos—pelo menos dos documentos impressos—de Usselinx e do seu grande plano: alguns factos da vida particular de Usselinx, ao tempo que concebeu o seu projecto, é tudo quanto podemos respigar. A sua carreira publica começa realmente em 1606. De fim de julho daquelle anno até dois annos mais tarde, o plano da Companhia das Indias Occidentaes foi discutido pelos Estados da Hollanda e pelos Estados Geraes. A primeira destas assembléas nomeou a alguns de seus membros mais distinctos afim de agirem como commissarios, e entre elles e varias cidades da Hollanda, estabeleceram-se prolongadas negociações, ora activamente conduzidas, ora arrastadas como pouco zelo. Mas, Ordenbarnevelt, o director da assembléa, nunca pensou seriamente em estabelecer a Companhia das Indias Occidentaes, e as discussões serviram apenas como uma ameaça para intimidar os Hespanhóes. Foi principalmente devido a

esta ameaça que a Hespanha cedeu, em 1609, em concluir uma tregua de doze annos e em reconhecer a existencia legitima da Republica Hollandeza.

Usselinx—de cujos planos o astuto estadista soubera tirar tão opportuna vantagem—opoz-se, como era obvio, vehementemente ao tratado de 1609, que sacrificava todas as mais intimas e caras aspirações suas e de seus amigos. O referido tratado continha a estipulação de ser fechado o rio Escalda, clausula que importava na ruina de Antuerpia; a Belgica permanecia em poder dos Hespanhóes, e a fundação da Companhia das Indias Occidentaes tornava-se impossivel durante o prazo da tregua, pela prohibição de quaesquer ataques ás possessões hespanholas.

Quando se divulgaram os pormenores desta negociação, Usselinx escreveu uma serie de pamphletos que pertencem ao numero dos mais notaveis productos deste genero literario. O seu estylo é simples e vigoroso, pullulam de factos importantes e são dos principaes documentos para a historia da economia politica.

A sensação cauzada por estes pamphletos foi immensa, e attrahio por tal fórma a attenção dos historiadores contemporaneos que, o mais distincto delles, Emmanuel van Meteren, reimprimio por extenso um dos pamphletos de Usselinx.

Nos Estados Geraes tivéram sorte singular. Enquanto predominou o partido da paz, Usselinx recebeu uma gratificação de mil florins. Depois da victoria do partido da guerra os seus pamphletos foram prohibidos. O effeito dos pamphletos foi em essencia, o mesmo do plano da companhia: serviram apenas para accelerar a conclusão da tregua.

Dez annos depois Oldenbarnevelt pagou com a vida esta assignalada victoria .

Morreu no cadafalso e os seus principaes adherentes, entre os quaes Hugo Grotius, foram presos ou exilados. O partido inteiro parecia dispersado e destruido. Os objectivos da nova luta eram materialmente os mesmos da anterior. A composição dos partidos era a mesma e as mesmas questões estavam pendentes, por quanto, entre os principaes effeitos da victoria, conta-



va-se a renovação da guerra com a Hespanha, terminada a tregua em 1621, e a immediata reassumpção do plano de Usselinx. Todavia, desta vez, o aspecto exterior da contenda foi o duma batalha theologica entre o Arminianismo e o Calvinismo.

O projecto de Usselinx voltou á balha em setembro de 1618. No mesmo sentido tinha havido alguma agitação, aliás sem resultado, em 1614. Desta vez, porém, o plano devia ser considerado seriamente. Si bem que a fundação da Companhia tivésse de ser protelada até findar a tregua, empregaram-se desde logo os maiores esforços para vencer as principaes difficuldades, e, em 1621, immediatamente após o inicio das hostilidades, começou a carreira da Companhia.

Si nos detivemos tão longamente com a gestação da Companhia das Indias Occidentaes foi porque esta complicada questão mostrou-se igualmente difficil aos historiadores hollandezes e americanos que a têm abordado. Os Americanos não podiam penetrar feilmente nos meandros do dedalo politico hollandez, e aos Hollandezes fallecia a imparcialidade dum estrangeiro para considerar Oldenbarnevelt, os seus adeptos e os seus adversarios.

Em junho de 1621 foi, finalmente, incorporada a Companhia das Indias Occidentaes. Os seus privilegios foram calcados sobre os da Companhia das Indias Orientaes, que possuia o direito de ser a unica a enviar navios á Asia, com exclusão de todos os mais habitantes das provincias hollandezas. Da mesma sorte o trafico com as costas africanas e americanas do Atlantico foi reservado á Companhia das Indias Occidentaes. A nova associação adoptou tambem, a exemplo da outra, a curiosa divisão em "camaras". Havia cinco "camaras": de Amsterdam, Zelandia, Mosella, Hollanda Septentrional e Frisia, cada uma das quaes era uma sociedade á parte, com accionistas, directores e navios proprios. Estas "camaras" eram constituídas muito á semelhança das actuaes "sociedades em commandita". Em volta dum pequeno nucleo de membros responsaveis, com um capital de 4000 a 6000 florins, havia grande numero de accionistas anonymos.



O capital de toda a Companhia era de 6 milhões de florins. Esta somma não foi igualmente dividida entre as cinco "camaras", e sim coube a Amsterdam 4|9 della, á Zelandia 2|9 e 1|9 á cada uma das outras tres. Eram representadas em proporções quasi identicas pelos directores que administravam os negocios communs a toda a Companhia.

Si bem que em todos estes particulares a Companhia das Indias Orientaes houvéssse servido de modelo, as tendencias das duas associações revelavam a mesma discrepancia existente entre o partido de Oldenbarnevelt e o dos Belgas. Durante algum tempo o grupo dominante da Companhia das Indias Occidentaes representou fielmente as aspirações e os interesses dos exilados, pertencendo, com poucas excepções, os directores da Companhia das Indias Orientaes á classe dos nobres urbanos cujo chefe tinha sido Oldenbarnevelt.

Estes directores exerciam, no ambito da respectiva companhia, uma influencia de accôrdo com as tendencias politicas do seu partido. Eram quasi que absolutos, mal permittiam qualquer ingerencia aos accionistas, e assim auferiam para si os mais exorbitantes proveitos. A nova Companhia, ao contrario, adoptou os principios democraticos do partido belga, concedendo aos accionistas ampla fiscalisação e submettendo á sua approvação as contas e os negocios.

Entre os intuitos das duas Companhias o contraste era ainda mais flagrante.

A Companhia das Indias Orientaes era uma associação mercantil e até mesmo as suas conquistas e colonias não obedeciam a outro proposito que não fôsse o de proteger o commercio.

A Companhia das Indias Occidentaes nunca alcançou um trafico extenso. Mas, em obediencia ás idéas de seu fundador empenhava-se em prejudicar aos Hespanhóes, em conquistar os seus dominios, em capturar os seus navios e em interromper o intercurso entre a Hespanha e as suas minas de ouro e de prata da America.

Os contrastes e as discrepancias entre as duas associações impediram-nas de se fundirem e até de se auxiliarem mutuamente, e exerceram por isso nefasta influ-

encia nos negocios da Companhia das Indias Occidentaes.

Um germen, ainda mais pernicioso de ruina residia, porém, nas proprias tendencias fundamentaes da Companhia. Tomando a hombros um dos mais pesados encargos publicos, a guerra naval contra um inimigo de estu- pendos recursos, ella agio antes como um estado independente do que como uma sociedade de particulares, e assim collocou-se numa posição inteiramente falsa e muitissimo perigosa. E' que a guerra é sempre tão manifestamente improficua, que empreendê-la sem o auxilio do Governo seria desmarcada loucura; e, com effeito, houve promessa, de sua parte, de consideraveis subsidios. Mas, acceitando esta promessa e nella confiando, a Companhia tornou-se dependente, não dispondo de meios para obrigar ao cumprimento de semelhante contracto.

Sendô estes os principios e as tendencias da Companhia das Indias Occidentaes, facil seria de prever a sua historia. Podia e, provavelmente, devia obter alguns resultados brilhantes. Mas, era incapaz de fundar um commercio prospero e colonias florescentes. Inapta para governar adequadamente as possessões que viésse a obter ou a conquistar, teria fatalmente que as perder. O compromisso assumido para com o governo havia de constituir, necessariamente, fonte de interminaveis disputas, tanto mais quanto o partido de Oldenbarnevelt, já em 1621, recobrára certa força e estava destinado a ter nos irmãos de Wits chefes ainda mais poderosos do que fôra Oldenbarnevelt. A ruina era, pois, a sorte inevitavel da Companhia.—Vejamos agora como se realisaram os seus destinos.

Os negocios da Companhia auspiciaram, a principio, os mais brilhantes resultados. Grandes frotas fizeram-se ao mar chegando a Companhia, algumas vezes, a possuir 70 navios armados. Capturaram-se prezas de valor tamanho que, durante alguns annos, os accionistas receberam dividendos de 25 a 75 %, e, ao passo que o primitivo capital de 6 milhões fôra difficilmente levantado, mais tarde foi facil augmenta-lo de mais 12 milhões.

Tres successos de verdadeira importancia historica



assignalaram os primeiros dez annos da existencia da Companhia: A tomada da Bahia em 1624, a captura da "frota da prata" em 1628, e a conquista de Pernambuco em 1630. Destes tres acontecimentos, as conquistas brasileiras apparecem como os mais importantes ao historiador dos nossos dias. No animo dos contemporaneos, porém, a captura da "frota da prata" produziu muito maior impressão, e ainda hoje é gratamente lembrada na Hollanda.

As "frotas da prata" hespanholas eram grandes esquadras de naus de guerra e de transportes que levavam á Hespanha o producto, de varios annos, das minas de ouro e de prata da America. Uma destas frotas foi em parte capturada e em parte mettida a pique, em 1628, por Pieter Heyn, almirante da Companhia das Indias Occidentaes. Além dos metaes, havia muitas outras mercadorias preciosas entre os despojos, cuja totalidade excedeu a 14 milhões de florins, mais 75 % de juros sobre os 18 milhões que em 1628 constituiam o capital da Companhia.

A primeira expedição ao Brasil foi realizada em 1624. Em maio a cidade de S. Salvador, a Bahia de Todos os Santos e a região circumvizinha foram conquistadas. Mas, a administração militar estabelecida pela Companhia foi tão deficiente e os Portuguezes e Hespanhões, na Europa, fizeram tamanhos esforços para recuperar as terras perdidas que, já um anno após a conquista, as tropas da Companhia tiveram que as evacuar.

A segunda expedição, no anno de 1630, teve exito mais duradouro. Em março de 1630, Olinda de Pernambuco rendeu-se ás armas da Companhia, que, dilatando as suas conquistas, apoderou-se de todas as possessões portuguezas ao Norte de Olinda.

De 1630 a 1642 estas conquistas brasileiras proseguiram em augmento, com excepção dum unico revez. A historia do Brasil Hollandez teve mesmo, de 1636 a 1642, um periodo verdadeiramente brilhante, sob a administração do Conde João Mauricio de Nassau, um dos homens mais eminentes do seculo XVII. Elle estendeu e consolidou as possessões brasileiras da Companhia, in-



troduzio principios liberaes de commercio, de governo e de tolerancia religiosa, e chegou até a realizar, com as tropas e os navios de sua jurisdicção, conquistas na Africa. Alguns outros successos, como a tomada de Curaçáo, illustraram igualmente esta segunda phase da historia da Companhia, e a Nova-Neerlandia, a sua colonia norte-americana tornou-se cada vez mais prospera.

Entretanto, apesar destas vantagens, os negocios da Companhia, a partir de 1630, revelam continuo declinio. Desacompanhados de extenso commercio, os triumphos militares e navaes custavam muito mais do que produziam. Nem mesmo os brilhantes talentos do Conde João Mauricio lograram proveitos pecuniarios. Compellido por ordens estrietas e reiteradas dos directores da Companhia teve de viver em luta incessante com os Portuguezes ao sul de Pernambuco. Grande parte de sua receita consistia em despojos de guerra, e as suas tropas destruiam muito mais do que pilhavam, provocando ás possessões hollandezas actos semelhantes de retribuição da parte do inimigo exasperado. Em meio destes horrores de correrias de fronteira não foi possível fazer prosperar a agricultura e o commercio, apesar dos esforços de João Mauricio. Da Nova-Neerlandia tambem partiam queixas e não occorria uma segunda captura de "frota da prata" para cobrir as despesas continuamente crescentes.

Por isso não é de surpreender que, a partir de 1630, as condições financeiras da Companhia delatassem uma terrivel e constante tendencia para baixo. Em 1629 ella pagára 75 % de dividendos aos seus accionistas e emprestára 600000 florins ao Governo. Mas, já em 1630 começou a pedir auxilios, de accôrdo com o compromisso travado com o mesmo. Mas, ao passo que as necessidades proseguiam crescendo, o Governo mostrava-se negligente das obrigações contraídas, e os subsidios atrasados accumulavam-se sem cessar. Esta má vontade era, em grande parte, devida á feição politica da Companhia, porquanto nos annos de 1630 a 1640, o partido dos aristocratas urbanos readquirira todo o seu poder, e, segundo a constituição hollandeza, as questões financeiras dependiam tanto do arbitrio dos concelhos mu-

nicipaes, quanto, na Inglaterra actual estão á mercê da camara dos communs.

Ainda muito mais lamentosa é a ultima epocha da historia da Companhia. As suas principaes possessões eram, como as da Companhia das Indias Orientaes, conquistas feitas aos Portuguezes e não aos Hespanhóes. Em 1640 os Portuguezes sacudiram o jugo hespanhol em cuja revolução foram ajudados da Hollanda. Desde este momento era de prevêr que a Companhia perdêsse o Brasil. Livres das algemas que lhes impuzêra a Hespanha, os Portuguezes, delirantes do enthusiasmo duma nação resuscitada, eram adversarios com que a Companhia não podia mais arcar. E, além das armas de legitima belligerancia, os Portuguezes empregaram contra ella outros expedientes ainda mais efficazes. Tinhan, em Haya, um embaixador habilissimo, perfeitamente informado dos movimentos partidarios dos Hollandezes e bastante desabuzado para se aproveitar deste conhecimento com grande sagacidade e sem muito escrupulo na escolha dos meios. Os amigos da Companhia das Indias Occidentaes temiam-no tanto que a sua vida esteve ameaçada pelo populacho de Haya. No Brasil, os Portuguezes acharam auxiliares prestativos entre os proprios funcionarios da Companhia. Lõnga serie de attritos com os seus directores determinaram o Conde João Mauricio a deixar o Brasil, em 1644, ralado de desgostos. Os administradores que lhe succederam foram, na maioria, ineptos ou venaes, e, após a sua retirada, os Portuguezes ganharam continuamente terreno. Em .. 1654 as tropas da Companhia evacuarão o Brasil.

Não nos deteremos aqui a pormenorizar a extrema agonia da Companhia, as suas tentativas baldadas por se fundir com a Companhia das Indias Orientaes, os seus penosos esforços por obter do Governo, ou assistencia armada, ou o pagamento dos estipendios vencidos. De anno a anno, os symptomas de fallencia mais se pronunciaram, e, por fim, os credores começaram a se apossar dos bens da Companhia.

O golpe de morte lhe foi desfechado em 1664, quando a Nova-Neerlandia, ultima de suas possessões valiosas, foi conquistada pelos Inglezes.

Pouco depois impõz-se a liquidação dos negocios; o que ainda restava de possessões, privilegios e bens foi transferido a uma nova Companhia, que não teve melhor sorte que a antiga.

Antes, porem, de deixarmos a desventurada associação, lancemos ainda um derradeiro olhar sobre o seu fundador.

Guilherme Usselinex jamais considerou a Companhia das Indias Occidentaes, da fórma por que foi constituída, como a perfeita expressão de suas idéas. Comtudo, o Governo a elle recorreu, frequentemente, como arbitro em negocios da Companhia, e, em recompensa de seus serviços devia-lhe caber uma quota dos lucros da mesma.

Aborrecido de tantos contratemplos, Usselinex dirigio-se á Suecia e persuadio Gustavo Adolpho a fundar uma Companhia do Sul, similar da Companhia das Indias Occidentaes. Regressando, em 1636, á Hollanda, como ministro sueco, Usselinex procurou induzir os respectivos Estados a entrar para aquella associação.

Em Janeiro de 1647, Urselinex elaborou, para os Estados da Hollanda, um relatorio sobre os negocios da Companhia das Indias Occidentaes. Esta é a ultima noticia que d'elle existe. O lugar e a epocha de sua morte são ignorados.





# A tradição da poesia atraves dos povos

Damos abaixo o bellissimo discurso do dr. Pinto da Rocha, proferido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, na noite de sua recepção, em 31 de Julho de 1915.

«Egregio Presidente—Illustres confrades:

Voltaire, a summa potestade do seu tempo, cantando a propria vida, escreveu:

*«Appollon presidait au jour qui m'a vunaitre;  
au sortir du berceau j'ai bégayé des vers.»*

Perdoai que, lembrando agora a vaidade justificada do genio soberano ao hombraer com a majestade de Frederico, se não a excedeu, a pequenez do meu espirito vá de rastros até beijar a sandalia divina do poeta.

Talqualmente se orgulhara o historiador do seculo de Luiz XIV pelo haver Apollo presidido ao dia do seu apparecimento no mundo, á distancia de centuaria e meia, eu me envaideço de entrar neste cenaculo de varões assignalados e

de espiritos insignes, presidindo vós, Sr. Conde Affonso Celso á hora da minha investidura.

Se ao sahir do berço o grande genio que devia ser depois o epico da Harriqueida, um dos sabios da Encyclopedia e precursor maximo da revolução—*béghyat des vers*,—não será de espantar, nem, muito menos, para censurar que prestes a sahir da vida a quasi extincta energia do meu espirito claudique e a ronqueira actividade da minha palavra tartamudeie, no iustante de vos dizer, senhores meus e meus illustres confrades, que, só por mui generosa bemquerença, haveis consentido em trazer ao vosso gremio a quem não sendo eloquente ou fecundo, nem disertor, não é tambem sabedor nem erudito.

Oxalá vos não sintais futuramente reezos de haverdes confiado em demasia nos impulsos do vosso coração, que, á minha parte, vos affirmo eu, tudo empenharei: alma, vida, entendimento e braço, por amor de bem servir a causa da sciencia que, ha 77 annos, no seio deste venerando sodalicio, por onde passou e fulgio o vulto austero e saudoso do sabio, honrado e magnanimo amigo da Liberdade e da Patria que foi o Imperador Pedro II, tem sido carinhosamente defendida juntamente com as tradições e com as glorias brasileiras, por «tantas mentes ás musas dadas e muitos braços ás armas feitos.»

Nem só do pão vive o homem; que se o trigo alimenta o corpo, a sciencia alimenta o espirito e a ambos, trigo e sciencia, são filhos da mesma origem; da terra, mai commum, da natureza, conjuncto ainda niysterioso de todas as grandezas.

E ao entender do immenso tribuno da Iberia,

*«la naturaleza seria como un templo sin sacerdotes, ó como un geroglifico sin decifradores e interpretes, i nola comprendiera el pensamiento y nola illuminála la poesia.»*

Nesta atmospherã serena e austerissima, em cujo ambiente se cultua a historia como num templo cheio de sacerdotes, a natureza tem concomitantemente, decifradores e interpretes para os seus hieroglyphos, porque teve sempre o pensamento que a comprehendesse e a poesia que a illuminasse.

Nem a historia poderia viver sem o pensamento, quando ella desce ás camadas geologicas ou penetra os meandros do cerebro, para subir depois á vastidão etherea onde os mundos se cruzam no labyrintho maravilhoso da Polynesia Sideral: nessas peregrinações, como a lampada eterna da legenda oriental, vai acompanhada sempre pelo espirito humano, ou elle baixe com Cuvier e os seus precusores as profundidades do Planeta a sorprehender nos despojos siluricos dos fosseis a vida dos foraminiferos e nos agglomerados coralianos do jurassico os movimentos rudimentares dos espongiarios; ou elle se levante as regiões onde paira a fonte da vida universal, com o engenho de Copernico, a luneta de Gallileu e o genio do Padre Sechi.

E no seio da historia, como em um precioso relicario, igualmente aquecidas pelo mesmo affecto, guardadas pelo mesmo carinho, o pensamento encontra a majestade viva e eloquente do Direito e a majestade morta, mas evocativa das ruinas, illuminadas ambas pelo fulgor da poesia, companheira inseparavel da Justiça que nasce do



Direito, como a côr emerge da luz e como o sussurro doce e mesto dos despojos da vida que murmura nas ruínas, á semelhança do marulho eterno das vagas, na concavidade dos buzios.

Repetem as almas frias, incessiveis aos encantos da arte, que a austeridade da sciencia e a precisão das suas leis repellem, por perigoso, o contacto da poesia, em virtude da subtileza leve e vaga das suas imagens e pela volubilidade do seu rythmo: para essas almas, uma é a realidade severa e forte, a outra é a fantasia alada, garbada e flebil...

Entretanto, o genio de Vico, o verdadeiro fundador da Historia, o creador dessa «sciencia nova, relativa á natureza commum das nações, por meio da qual se descobrem novos principios de direito natural das gentes». Vico levanta o seu espirito ao estudo da sabedoria poetica e á descoberta do verdadeiro Homero.

Foi na leitura de Platão, escabichando imagens poeticas, foi na leitura de Tacito, estudando o estylo purissimo do historiador romano, que o sabio Vico bebeu inspiração o encontrou os fundamentos da sua audaciosa theoria.

Foi estudando os despojos das velhas civilizações, as ruínas dos imperios mortos, donde se evola, ininterrupta, como a espira azulada do incenso, o fumo da tradição e das lendas mythicas, que o precursor da Philosophia da Historia pôde negar, um seculo antes de Wolf, a existencia de Homero poeta, para affirmar apenas a belleza legendaria da poesia grega, para affirmar que o genio do cego cantor da Illiada e da Odyssea não é mais que o genio da raça hellenica, cantando-se a si mesma nas lyras dos seus rhapsodistas.

dos e celebrando a pequenez exigua do seu berço mas a grandeza prodigiosa da sua civilização.

Com a poesia se confunde a historia na existencia primeva dos povos: é cantando que a alma humana grava no tempo e na memoria das gerações as façanhas dos seus heroes e a marcha da sua evolução inconsciente.

É ás vezes, nem sempre inseperavelmente ligado a ambos, soffrendo as mes nas vicissitudes, erguendo-se nos mesmos arroubos, tombando nas mesmas quedas, salvando-se nos mesmos cataclysmos, o Direito sobrevive com ellas, atravessando os seculos, ao anniquilamento dos imperios e prende-se a ambas como a hera ás ruinas.

Das dynastias dos Iesos, dos Lazidos e dos Pharaões ficou sobre o solo do Egipto a maravilhosa grandeza dos destroços de palacios, de templos e de sepulchros; do Direito, nenhum monumento se salvou mas nas ruinas dos obeliscos, nos hieroglyphos dos templos, nos papyros dos sepulcros, nos sarcophagos das mumias, os egyptologos modernos e os velhos historiadores, como Herodoto o Deodoro, assigalam a existencia dos oito livros de Thot, que representaram, na vida daquellas monarchias barbaras do Nilo, o papel que as leis das XII taboas desempenharam entre os Romanos.

Mas, se com as gigantescas proporções da arte egypc'a, que Theophilo Gauthier tão severamente descreve na sua encantadora «Noite de Cleopatra» e que a longa jornada dos seculos, atravessando todos os temporaes e o desabamento das civilizações, não conseguiu destruir, o Direito sossobrou, a poesia perdura, canta nas aragens

do deserto, quando passam pelas pyramides, pelas esphynges, pelos sepulchros; a poesia vibra no mysticismo da religião e da philosophia; a poesia rola e soluça nas aguas do Nilo, geme e reza na cidade dos mortos, «no valle dos tumulos reaes, onde uma natureza exuberante proseguio a sua obra de creação no meio da luta selvagem dos elementos; onde, parece, na verdade, que se abrem as portas do mundo subterraneo», e onde Champolion foi sorprehender, na frieza dos papyros e na immobilidade eterna das mumias, os segredos dos hieroglyphos, as abreviaturas symbolicas da escriptura hieratica e os caracteres do alphabeto demotico.

Da Grecia antiga, que a humanidade civilizada nunca deixará de admirar e que, na phrase suggestiva de Letourneau, é o fermento da civilização oriental, a historia surge com a poesia aos primeiros albores da alma hellenica, aos primeiros vagidos da raça, aos primeiros passos do povo, e antes que Herodoto, Thucydides e Xenophonte houvessem fixado no marmore da prosa estylizada a gloria das Musas e as façanhas dos Libicos, as victorias do Peloponeso e a Anabasis, já o espirito hellenico vibrava na garganta e na lyra dos aédos e dos rhapsodos, já o mytho ou a realidade de Homero havia cantado na «Illiada» e na «Odysseá», já a «Illiada» apparecera como o pacto de alliança da nacionalidade hellenica, a maior obra da imaginação dos homens, a synthese magnifica de uma civilização o modelo por excellencia da epopéa; já a «Odysseá», se bem que menos gigantesca, menos heroica, mais profunda, porém, se havia feito o modelo da belleza simples e, unidas, sob a invocação do



mesmo espirito creador, encerravam, como um escriptorio opulento do Oriente, todas as joias de rara belleza artistica.

Ia bem alto, no zenith, a gloria lyrica de Therpandro, quando o Archonte Dracon surgiu com o codigo das suas leis, em cujo contexto a pena capital dominava soberanamente como expressão da sua natureza feroz. E quando Solon, amenizando a crueldade draconiana com a moderação do seu Direito novo, deu a Pisistrato a honra immortal de restituir a Athenas o dominio da ordem e da justiça, havia mais de meio seculo que o genio de Alcêo fulgia no colorido das suas formosas imagens: Sapho augmentara para dez o numero das suas musas com a melodia dos seus versos e a perfeição absoluta das suas estrophes; Erynnæ, morta entretanto aos dezoito annos, havia cantado trezentos versos do seu poema com tal genio, que provocava a admiração de Antipater e o enthusiasmo de Asclepiades; e Tyrtheu, com o estro flamejante da sua inspiração heroica, talvez caldeada no sangue de Achilles, havia erguido a alma da Lacedemonia para lançal-a em impetos indomaveis contra a ferocidade dos messenios.

Quarenta annos fazia que durava a peregrinação do povo de Israel através do deserto da Arabia, quando Moyses lhe deu a legislação que recebera no Sinai: mas a esse tempo já a alma semitica, sonhadora e mystica, embalada pelo seu monotheismo simples e forte, confiante no Creador do céo e da terra, no Deus sublime que castiga o mal e dá premios ao bem, havia cantado com os patriarchas a belleza dos seus costumes ingenuos e pacificos, realçando a figura nobre de

José na firmeza resignada e serena, aureolada por uma desventura tenaz e sempre envolta na legenda encantadora que lhe attribue a virtude de advinhar os sonhos; já se fixara na tradição poetica a historia dos amores de Abrahão e de Agar; já se constituirá na lenda rude e bella da retirada de Ismael para o deserto, dando origem ao povo arabe; já andava de boca em boca a rivalidade entre Esaú e Jacob, e aquella formosa novella de amor, em cuja tecitura delicada se enredam as almas deces de Rachel e de Lia, figuras feitas de luar e seda, tão distantes de nós e ainda tão puras no seculo XVI, que inspiravam o genio de Camões, o qual não soubera até então comprehender como bastara:

Para tão grande amor tão curta vida

—; já havia cahido sobre a cabeça dos israelitas a escravidão que lhes impuzera o Pharaó; já a alma das mães estremecera de pavor ouvindo a narrativa da asphyxia das creanças nas aguas do Nilo e a lenda emocionante da salvação de um berço que fluctuava entre os juncaes da margem, levando no seio, como gota de orvalho na corolla de um nenuphar, o futuro guiador do povo e legislador da raça, tão grande que ainda tres mil annos depois immortalizou o cinzel de Buonarotti.

Mas a historia, a poesia, o direito e a propria vida dos israelitas se confundiam com a sua religião: nas paginas da sua historia vibra a alma hebréa, de um lyrismo delicioso, fulgem a rigidez da sua legislação e a austeridade da sua moral, flue a simplicidade patriarchal dos seus

costumes, tudo isso envolto num véo de mysticismo que se casa admiravelmente á paizagem longinqua da sua Mesopotamia pastoril.

As fórmãs altas, grandiosas e tragicas da poesia, a epopéa e o drama que se inspiram directamente na magestade da historia accidentada e forte, nas campanhas da conquista, nos arrebatamentos das paixões desencadeadas, nas furias guerreiras que geram o odio dos inimigos, nunca o povo hebreu as realizou.

Por isso mesmo a historia da gente de Israel é diluida na fórmula poetica mais simples e mais doce; ora psalmodica, soluçando com a harpa de David, ora didactica e philosophica, sob as legendas de Job, com que se louva e cultua a gloria da Justiça de Deus, ora idyllica e humana, como no «Cantico dos Canticos», ora gnomica e proverbial, como nas sentenças de Salomão; e por isso mesmo o direito e a legislação hebraicos atravessaram os seculos e ainda hoje ensinam a civilização moderna.

Os psalmos de David são verdadeiros primores; seriam gemmas preciosas de qualquer litteratura actual se não fossem a expressão flagrante, original, caracteristica e sublime da alma hebréa.

Nunca o espirito humano, em qualquer momento da vida do planeta, subio tão alto na sua aspiração para Deus, nunca a fantasia do homem creou imagens de tamanho fulgor, nunca as orações da crença tiveram tanto fervor e tanta unção, nunca as lamentações da consciencia vibraram com tal sentimento, nunca os soluços da queixa arrancaram de tão fundo para voarem tão alto, e, a não ser a magestade olympica da



«Divina Comedia», nada ha em toda a vastidão da terra que se compare a essa obra do genio semitico, sonhada, gemida, soluçada, cantada pela alma hebraica.

Weber, o historiador allemão, estudando as origens dos povos orientaes, trata rudemente a China; a esse povo millenario a penna do escriptor germanico distingue com este juizo de uma crueldade innominavel: «Covarde o impotente, servil e humilde, sem vigor, sem dignidade, sem elevação intellectual, penetrado, entretanto de uma cega infatuação e dô mais soberbo desprezo pelos outros povos.»

Todavia, ao ter de apreciar os livros de Confucio, nos quaes se acham redüzidas e coordenadas as antigas doutrinas, historias e tradições, Weber assevera que o terceiro livro, sob o titulo de «Schi-King», «encerra a collecção dos antigos cantigos nacionaes, cheios de graça, de dignidade, de belleza.

Sem attender á contradicção flagrante em que incorre o sabio historiographo germanico, a respeito da psychologia do povo chinez, verifica-se, no emtanto, que muito antes de apparecer a historia que fixou e firmou a tradição oral, vaga e fluctuante, a alma chinesa, havia cantado na poesia cheia de graça, de dignidade e de belleza dos seus hymnos, as façanhas das suas idades primitivas, os encantos da sua paizagem illuminada e exuberante, a simplicidade da sua vida agricola e a maravilhosa transparencia do seu firmamento e das suas aguas.

Ora, o livro dos versos de Confucio, como, aliás, todos os Thing, remonta ao setimo seculo antes de Christo e a primeira parte desse livro

era simplesmente uma colectanea das canções populares que a tradição e a musica haviam conservado de tempos immemoriaes.

Assim, pois, como observam Letourneau, d'Hervey, St. Denis e Bouilet, já á época da fundação de Roma, os Chinezes haviam descoberto o "folk-lore", fazendo por elle o estudo da sua propria psychologia social: e as mais antigas das canções recolhidas remontam ao seculo XVIII antes de Christo, ao reinado quasi lendario nebuloso, do Imperador Chun, apagado na bruma da distancia.

Durante trinta seculos a alma mongolica vibrou e gemeu, cantou e sentio, soluçou e sorrio, blasphemou e pedio no lyrismo inconfundivel da sua poesia; durante trinta seculos a China teve poetas, inclusive entre os seus imperadores, como Wouti, soberano da dynastia dos Han, a cujo éstro se deve a formosa "Canção dos remos" salva pelo proprio Confucio do incendio que outro imperador, 212 annos antes de Christo, mandou atear aos livros com o fim de extinguir a tradição ancestral; tres mil annos antes de surgir a primeira codificação das leis do IV livro de Confucio, a historia dos primeiros Chinezes, ao despontar a sua existencia nacional, palpitava na inspiração dos poetas e perpetuava-se nas canções populares.

O lyrismo desses poemetos é caracteristicamente impessoal, apesar da sua antiguidade quasi fabulosa, e esse facto demonstra que já na éra em que foram produzidos pelo genio dos poetas, a sociedade chinesa devia contar uma existencia de seculos: com esses tempos que se perderam, perderam-se tambem a legislação e a

chronica, mas salvou-se a poesia, a qual deu a Confucio a materia prima para reconstituir o Direito e fixar a historia do unico imperio antigo que assistio á acção corrosiva dos seculos, á influencia demolidora dos cataclysmas e vive, ainda hoje, no isolamento das suas muralhas e na quasi immobilidade ascetica da sua religião; na China foi a poesia popular o fio tenuissimo que conservou a unidade nacional e conseguiu salvá-la do esquecimento.

O sabio Letourneau, estudando a evolução litteraria humana, dedica um brilhante e eloquente capitulo ao desenvolvimento do Mexico e do Perú, especialmente as primeiras idades: são ás origens recuadissimas de duas civilizações extinctas que interessam a intelligencia do erudito escriptor e philosopho.

Essas civilizações elle as compara nestas linhas, que formam uma synthese do seu estudo.

“As duas civilizações são, entretanto, comparaveis os dous imperios eram monarchias absolutas, obedeciam a senhores adorados como deuses: apenas o Perú nos apresenta o mais bello typo de socialismo monarchico e autoritario que ha existido; o Mexico ao contrario era uma monarchia absoluta feudal, mas os dous Estados eram aristocraticos e theocraticos. Sob o ponto de vista da esthetica litteraria, o Mexico e o Perú são analogos.”

È referindo-se ao idioma fallado no Perú, Letourneau affirma que foi primitivamente o “quichoua” e que “les poesies de l’ancien Perou ont done été toutes composés en “quichoua”: e quando estuda a representação graphica do idioma dos Aztecas, assevera que fôra ella uma es-



criptura figurativa, simples aperfeiçoamento de um primitivo processo de expressão da pictographia usada pelos Pelles-Vermelhas.

E' tudo quanto o espirito humano conhece de mais remoto na tradição dessas regiões do continente americano.

Pois bem! Graças a essa escriptura rudimentar, podemos hoje conhecer que já nesses tempos recuadissimos da vida dos Incas e dos Aztecas, quando a lingua fallada era o "quichoua", antes da formação das suas monarchias theocratica e socialista, muitos seculos antes da conquista hespanhola, já a alma barbara dessas paragens tinha as suas legendas de rara belleza e a sua poesia original e encantadora, em cuja letra se conservou e pôde chegar até o nosso seculo a historia desses povos perdidos na profundidade da noite das idades.

«E' impossivel a esperanza de encontrar no Perú uma litteratura livre e em espontaneo desabrochar. A immensa massa do povo explorada, dominada e conduzida como um rebanho humano, vivia fora da litteratura official dessas duas vetustas organizações barbaras. Tudo alli era convencional: sómente o Inca, a sua vida, a sua pessoa sagrada podiam ser assumptos dos hymnos, das chronicas, das orações. Poetas, trovadores e «havanecas» tomavam para themes dos seus trabalhos, das suas canções e balladas, os acontecimentos mais brilhantes da existencia dos monarchas, de modo que dessa litteratura administrativa resalta, e certo, um corpo de poesia tradicional, mas cortezã.

Da mesma fórmula, no Mexico, as tradições

guerreiras são ensinadas sob a fôrma de cantos e hymnos».

E' o proprio Letourneau quem o affirma:

«A inspiração litteraria só é fecunda com a condição de ser livre».

Não obstante a organização theocratica, absoluta das duas monarchias:

«á peine sorties de la sauvagerie nous sommes plus heureux pour les textes, et diverses poesies ou fragments de poésie lyrique, oeuvre des anciens bardes mexicains ou péruviens, sont parvenus jusqu'a nous. Il en existe même de differents genres et je puis citer ici des chants de guerre, des propheties poétiques, une ode composée par um souverain et enfin des chansons d'amour. Les bardes de l'Amérique centrale, â a fois poètes et musiciens, composaient les verus et les airs de leurs chants et chansons».

Mas official ou não, espontanea ou administrativa, a poesia na origem primeva dos dous imperios foi a fôrma pela qual se manifestaram as almas *inca* e *azteca*, foi na sua expressão lyrica, bem como no seu rythmo delicado que se salvaram a historia daquelles dous povos americanos e toda a infinita belleza das lendas dos selvicolas da nossa terra, synthetizadas pela fantasia romantica de Alencar nas paginas do Guarany, tal qual se salvaram da formidavel inundação a branca formosura de Ceçy e a rudeza cobreada de Pery, rolando na corrente vertiginosa, sobre o tronco derrubado da palmeira.

Ninguem ignora que entre os Arabes primitivos e nomades, embora cantada, numa toadilha monotona, de tristeza amarissima, de me-

lancolia extrema, monotonia, tristeza e melancolia que parecem hauricas na extensão esteril do deserto, a poesia foi a expressão primeira da sua alma errante e essa influencia tal e tão profunda que apesar do tempo transcorrido, das modificações immanças que o povo experimentou através das suas periprinasões aventureiras, ainda hoje na península iberica, sobretudo no sul de Portugal, na provincia do Algarve e especialmente no Alem-Tejo, onde os caracteres phistologicos e a expressão psychica se conservaram no povo lusitano, ainda hoje são entoadas, nas festas populares do Natal e de S. João, as velhas canções mosarabes, quasi lithanias de uma funda e magoada morbidez de uma saudade doentia, inextinguivel, emergindo do fundo de uma tradição millionaria, que tem raizes, talvez no poema de Antar.

A poesia arabe constituia um thesouro moral e intellectual preciosissimo da tribu, era na sua fórmula sempre delicada e suggestiva que se perpetuavam a distincção das familias, a memoria das grandes acções das nobres façanhas, a propria pureza da lingua e até mesmo os direitos das tribus e dos clams.

E os *versos de ouro*, essas joias que davam gloria as tribus, que a voz das mulheres cantavam nos grandes festins em honra dos poetas, vieram até nós, ora trazendo a historia, ora transportando a lenda, ora perpetuando a crença, e o culto, e a lingua, como as custodias, tambem de ouro, que os genios de Cellini e de Gil Vicente cingelaram para depositos pulchros das sagradas particulas.

Na India, o proprio Rig, o sacrario da his-



toria, da religião e do direito primitivo, é composto na fórmula de hymnario: é a poesia que perpetua todas essas manifestações da alma vedica: ha nesse monumento o trabalho de muitas centenas de poetas: tambem na construção das pyramides de Gizeh collaboraram milhares de operarios e o Rig é bem a pyramide das tradições vedicas.

A invasão arabe destruiu todos os livros que topou na Persia: salvou-se o Zend'Avesta. Entretanto, os antigos soldados de Alexandre ouviram dos Persas poesias amorosas de um grande e suavissimo encanto; tudo isso se perdeu, mas o que nos foi transmittido pelo Zend'Avesta, embora não seja sublime, é sufficiente para demonstrar que tambem a alma persa gravou na poesia toda a expressão do seu sentimento nativo, triumphando contra a asphyxia da conquista, o que nos dá a idéa de uma raça viril e sã, muito embora se haja eclipsado totalmente a velha poesia persa anterior á conquista arabe, ao estabelecimento da monarchia absoluta e da religião mazdeana.

E que doce suavidade a desse lyrismo primitivo! São do *Livro dos Reis*, relativamente recente, estas imagens que muitos poetas de agora assignariam contentes e felizes:

—«O sol ergueu-se como a alegria de uma mulher que arrebatava corações.

—Rosas frescas e lindas como as faces das mulheres, que dissipam tristezas.

—Repentinamente, espalhou-se a luz sobre as montanhas, como se o sol houvesse derramado rubis pelo azul do céu».

E, se alguma coisa chegou ao nosso conheci-

mento, a respeito da evolução do direito, tanto na recuada origem dos Incas e dos Aztecas, como na profunda noite da remota antiguidade persa, foi pela poesia que se salvou, pouquíssima em documentos escriptos que os temporaes da vida extinguiram, muita pelo prestigio mudo das ruinas sepultadas na crosta do planeta ou perdidas nas solidões dos desertos, quasi tudo pela tradiçã que a poesia conservou e reproduzio ao perpassar das gerações, guardada avaramente pela alma e pelo sangue das raças, como a voz daquella deusa mysteriosa da propria lenda persa, que não querendo fazer a ninguém a confidencia dos seus amores, depositou-a incautamente no seio de um buzio, a beira do oceano; depois, quando este sorprehendeu o segredo, não houve onda que o não soubesse, nem sereia que o não cantasse.

Foi assim tambem na Hellade. A Grecia é senhora de uma historia que encerra o mais opulento thesouro de legendas e documentos. Mas além desses documentos que constituem verdadeiramente a historia, ha no berço oriental da civilização, como em todos os povos, uma fonte abundante e inextinguivel, a tradiçã popular que precedeu a historia, que foi oral antes de ser escripta.

Essa tradiçã que a historia depois incorporou ao seu dominio, nunca se desgarrou da aima da raça; a conquista turca foi impotente para estancar a fonte, porque, se esmagou as instituições, não conseguiu absorver o espirito que a liberdade nativa das montanhas conservou, que a nostalgia da primitiva felicidade guardou na memoria e na saudade e que veio a refflorir mais tarde, quando



as condições sociaes tornaram possível o resurgimento politico do povo.

Mas o cofre em que toda essa riqueza se conservou durante seculos, na temperatura macia de um amor que não se esvahió, foi a poesia dos *aedos*, dos *rhapsodos*; foi nesse ambiente de lar carinhoso que a alma da Hellade cantou a sua proto-historia, como demonstram as crianças de Samos indo de casa em casa, garganteando côros em honra de Apollo, cujos versos de uma antiguidade immensa, ficaram entre as belezas que constituem o espolio de Homero; além das *Anthemas*, as perfumosas canções das flores, além dos poemas de Harmodio e de Aristogiton, além de toda poesia de Hesiodo e, sobretudo aquellas barcarolas somnolentas e mornas que os marujos da Grecia ainda hoje cantam, ao rythmo cadenciado dos remos, nas praias da Eubéa, de Corintho e de Egina, e que vivem na litteratura da Hellade como fructos da inspiração de Aristophanes, mas que remontam á era mythologica da legenda de Prometheu, da revolta dos Titans e da phantasia de Pandora.

E se na poesia de Hesiodo vibra a alma de um poeta e na de Homero canta a alma de um povo, em ambas fervilha o sangue da raça: a de Hesiodo vendo a natureza atravéz de um temperamento individual, a de Homero caldeada nos sentimentos collectivos é, por isso mesmo, genial, triumphante contra os embates do tempo e das transformações:—uma é o forma que varia, a outra é a essencia que não muda, a relatividade da materia e a eternidade da substancia; aquella é a mythologia que se foi, esta é a Grecia que ficou; por isso Homero ainda hoje



é cantado pelas crianças e pelos marujos e Hesíodo entrou no musêo das antiguidades raras.

O seculo XIX, foi sem duvida, um seculo profundamente egoista e mercantil; parece que o espirito humano, vencido pelas necessidades da vida, ergueu, como lemma da sua acção vertiginosa, o velho brocardo latino: *primo vivere, deinde philosophare*, deixando-se dominar pelo utilitarismo de Hobbes.

E, como expressões eloquentes dessa febre devoradora, além do progresso da economia politica e da Estatistica, surgem a organização de quasi todos os Codigos Commerciaes do mundo civilizado, o desenvolvimento assombroso das sociedades anonymas, o pleno dominio do luxo e do epicurismo, a luta portentosa da produção industrial, a conquista armada dos grandes centros de consumo, a larga expansão das exposições internacionaes e nacionaes, e, sobretudo o incremento incomparavel da navegação maritima mercante, devassando todos os recantos occultos nas costas dos cinco continentes, cruzando em todos os roteiros, por todos os mares do planeta, constantemente a carrear productos no intercambio commercial, sempre a seguir o conselho de Yago:

«putting money in the purse».

No entanto, em meio de toda essa materialidade utilitarista, não houve seculo, na historia humana tão fertil em aventuras heroicas inspiradas e impulsionadas pela poesia.

A França não podia ver com bons olhos, como nação, a libertação e a unidade da Italia: seria a concorrência forte de uma nova entidade politica partilhando o dominio do Mediterraneo

e a projectar futuramente a sua influencia historica sobre a costa fronteira, no continente africano, mas

«s alzaban sombras tan augustas de sus campos y voces tan sublimes de sus sepulchros: se vian, derramadas, per sus aires cadencias tales en los Misereres de Palestina y en lais plegarais de Rossini; se veian en sus cielos de árreboles tantas figuras hermosas surgidas de inagotable palleta, y en sus piedras de marmoles tantos relièves trazados por creador cincel que cada corazon sentia uma emocion artistica a su recuerdo; y todas estas emociones se juntaron a suscitar la cruzada que abrió el sepulchro donde yacia enterrada la madre de todas nuestras naciones».

Tambem á Inglaterra, como Estado, não convinha a independencia da Grecia: os seus interesses no Oriente lhe aconselhavam que abandonasse a sua sorte escrava o berço da civilização européa, e, no emtanto, levou-lhe o seu poderoso auxilio,

«por attender al coro de poetas que la pedia en sus versos, sacrificando asi, a una idéa esthetica mas que politica, la razon de Estado».

E como era a alma dos poetas que soluçava, com era a tradição hellenica dos rhapsodos e aédos que palpitava na voz dos poetas, a Inglaterra não se limitou a auxiliar com a sua esquadra o berço da civilização, libertando-o da escravidão turca, por entre a fumarada de Navarino, revivendo a gloria de Salamina: a Inglaterra mandou-lhe, na inspiração de Lord

Bryon, a alma sonhadora da sua raça e, com a lyra do poeta de Child-Harold e de Mazzeppa, evocando a inspiração primitiva de Athelstan e de Coedmon saudou em Missolongil a gloria millenaria de Homero.

Mas foi tambem esse o seculo em que a sagração da poesia colminou no apogeu de todas as apotheoses, porque, se é verdade se funde em Virgilio; se toda a sublimidade que, em synthese, toda a magestade de Roma da Italia se concretiza em Dante; se toda a gloria da Inglaterra se crystaliza em Shakespeare; se toda a heroicidade luzitana está reunida em Camões; se todo o triumpho germanico se junta em Goethe; se toda a galhardia iberica hespanhola se concentra em Cervantes; se toda a vida luminosa da França irradia dos olhos de Victor Hugo; se todo o martyrio da Polonia vibra em Sienkevicz; se toda a alma forte da Hungria pragueja em Kossuth; se todo o soffrimento da Russia soluça em Tolstoi se todo o mysterio legendario da Scandinavia se esbate na alma de Ibsen; não é menos exacto que, unida pela espada de Garibaldi no throno de Saboya, a Italia, pela terceira vez na historia, personifica em Carducci a grandeza do seu genio; pela terceira vez a Inglaterra unida em torno do throno dos Oranges, synthetiza em Rudyan Kipling a superioridade da sua força; pela terceira vez em Portugal nas lutas da sua evolução politica, symboliza em Junqueiro a nobreza vetusta do seu genio; pela terceira vez a Hespanha, unida no throno dos Bourbons, espiritualiza a delicadeza da sua graça e a impetuosidade do seu sangue nas rendas de Campoamor e nos bronzes de Rueda; pela terceira vez a Ger-



mania, unida no throno dos Hohenzollern, personifica a nebulosidade das suas origens na intellectualidade de Sodermann; pela terceira vez a França, unida pela Marselheza, culmina com Rostand e Anatole a ascensão alpinista da raça na cordilheira magestosa da sua historia.



# Impressões dum Missionario

## Methodista em Pernambuco <sup>(1)</sup>

(Continuação do N.º 75)

### V

*Viagem numa jangada.—Modo de navegar.—A costa.—Tambaiú.—Conversa com um menino d'escola.—Passeio á Parahyba.—Festa da Santa Padroeira.—Fogos de vista.—A cidade.—Estado da sociedade nos sertões.—Distribuição de escripturas.—Convento de S. Francisco.—Milagre.—Um frade.—Monasticismo.—Um epicurista clerical.—Utilidade da guerra.—Provincia da Parahyba*

Uma viagem maritima em *jangada* não é um incidente trivial, pelo menos para um Norte-Americano. Nem é facil dar, por palavras, uma idéa perfeita, da estrutura simples e singular de que os selvagens do Brasil uzavam ha seculos para atravessar as aguas de suas costas. Comquanto de emprego constante desde a epocha do descobrimento, a *jangada* tem conservado a sua fórma aborigine e o seu estylo de construcção, e mesmo na presente éra de melhoramentos não é provavel que venha a soffrer alguma modificação para me-

---

(\*) Traduzido do inglez por Alfredo de Carvalho.

lhor. Propriamente dito é apenas uma balsa, composta de troncos rusticos d'uma especie de madeira peculiarmente leve, chamada *pau de jangada*. Para fazê-la escolhem barrotes deste lenho, de seis pollegadas de diametro o quanto possivel, rectos e uniformes; despem-nos da casca, aguçam-nos nas extremidades para cortar a agua e ligam-nos uns aos outros por tres ordens de travessas.

O numero de paus uzado é geralmente de seis, si bem que eu tenha visto *jangadas* de tres, quatro, sete e mesmo de vinte barrotes. Estas ultimas servem de alijos para a descarga dos navios e são de fórma quasi quadrada, ao passo que a *jangada* veleira é rectangular, tendo em geral cinco pés de largura por dezeseis a vinte de comprimento.

Quando deliberei partir de Itamaracá tive necessidade de procurar uma bôa *jangada* com o mesmo cuidado com que se escolhe um bom camarote para a travessia de Nova York a Liverpool. Recommendaram-me o *Paquete do Norte* como uma das melhores embarcações existentes na ilha. Quando tratei de freta-la, estava encalhada na praia diante da casa do seu dono, prompta a ser examinada.

Era de bom tamanho e parecia ter pouco uzo. Mostrava-se despida de todo e qualquer apparelho, como fossem mastros, velas, ou vergas. Nos troncos esbranqueçados notava-se apenas o encaixe do mastro e o banco do timoneiro; dous paus erectos, de cinco pés de altura, fincados nos troncos externos ao alcance do timoneiro, serviam para suspender a cabaça d'agua e o sacco das provisões.

Concluindo o ajuste do aluguel, o dono da *jangada* tratou de prepara-la para o conforto do passageiro, adicionando-lhe um *girau*. Este termo *girau* é estrictamente tecnico, servindo para designar o que, em inglez teriamos difficuldade de denominar, a não ser que fôsse chamado "um camarote de suspensão."

Era armado do seguinte modo: amarravam duas fortes varas aos dois espeques ou pontalêtes acima mencionados, na altura de dezoito pollegadas, e apoiavam as outras extremidades sobre os troncos junto ao



mastro; sobre as varas atavam travessas formando um estrado, abrigado por uma cobertura tecida de varas e revestida duma esteira, offerecendo um aspecto semelhante á duma carrêta de viagem; o espaço assim disponivel para o passageiro não excedia a tres pés de altura por quatro de largura; sobre o estrado estendiam uma esteira espêssa para servir de leito.

Sobrevindo um aguaceira a cobertura era garantida por um panno breado. Assim aparelhado, o meu *paquete* estava prompto para fazer-se ao mar. Os unicos accrescimos para fins da navegação eram: primeiro, uma vara para afastar a *jangada* da praia; segundo, um mastro delgado e uma vela triangular para apanhar o vento, e terceiro um longo e largo remo, para servir de leme. A tripolação consistia de dois homens: o *patrão* e o *proeiro*, isto é o timoneiro e o gageiro.

Conforme previo arranjo, fui despertado entre tres e quatro horas da madrugada, afim de seguir viagem. Não obstante o meu pedido para que a familia do meu hospede não se incommodasse, quasi todos os seus membros e até mesmo alguns dos vizinhos levantaram-se para me dar as despedidas. Fizemo-nos de vela com o luar, impellidos por uma brisa regular, que soprava de terra. Penetrando no meu improvisado camarote, estendi o capote sobre a esteira, arranjei a bolsa como almofada, enchi o meu travesseiro de ar e dispuz-me a continuar a dormir. Mas, tal era o fragrante frescôr da madrugada e o brilho encantador do luar sobre as vagas, que me levantei para contemplar o scenario matutino. A nossa rota não nos obrigava a transpôr a linha dos recifes, e por isso o mar era calmo e pouco profundo. Cêdo a ilha perdeu-se ao longe e passamos successivamente em frente a Barra, Ponta das Pedras, Barra de Goyanna, Guagirú, Pitimbú, etc.

Chegamos a Guagirú justamente quando o sol nascia e deliciamo-nos com o seu aspecto alegre e asseiado. Todos os povoados ao longo da costa são adornados de coqueiraes. Estas arvores utilissimas não crescem expontaneamente; exigem ser plantadas e aguadas com cuidado por bastante tempo. Por isso

sempre que á vista do viajante, quer na costa quer no interior, surge um grupo de coqueiros, é indicio da proximidade de habitações humanas. Aprazia-me observar estes grupos a frequentes intervallos ao longo da costa, em cujas areias prosperam mais do que no sólo o mais rico. O povoado acima alludido podia conter uns duzentos habitantes. Tinha bom numero de casas cobertas de telhas e uma capella respeitavel. Na sua frente via-se varias jangadas occupadas na pesca. Frequentemente passavamos tão proximo que observavamos distinctamente tudo o que havia em terra. Toda a extensão da costa que percorremos durante o dia, parecia dividida, a intervallos iguaes, entre praias arenosas que subiam suavemente para o interior e barrancas perpendiculares de argilla vermelha, cobertas de arbustos até á sua orla. A altura destas barrancas acima d'agua variava entre vinte e sessenta pés, e as fraldas apresentavam camadas lindamente dispostas de terras de diversos coloridos. Junto a esta costa occorreram varias batalhas navaes no tempo das guerras com os Hollandezes.

Os meus tripolantes nesta viagem mostraram-se cortezes e pacificos. Ambos eram homens livres e moradores em Itamaracá. Parecia entenderem do seu officio e exercê-lo de bom grado. Por vezes acheio-os por demais temerarios, como quando aproavam a sua *jangada* directamente sobre as estacas ponteagudas dos *curraes de peixe*, que não raro surgiam ameaçadôras do remanso das vagas. Mas os meus jangadeiros eram tão praticos que sempre logravam transpô-las no dorso da onda. A possibilidade de encalhar sobre estas estacas é um dos maiores perigos da navegação costeira, sobretudo á noite. Frequentemente existem muito ao largo da praia e não são percebidas senão quando empalam a *jangada*, ou a fazem em pedaços. Graças á protecção duma benevola Providencia nada tivemos a soffrer dellas, ou de outras cauzas. Durante esta travessia reflecti a miude que estavamos ao abrigo de numerosos accidentes tão formidaveis ás embarcações de maiores dimensões. A nossa balsa não podia facilmente virar ou ir a pique, e quanto a abrir agua havia a



mesma facilidade d'agua sair como de entrar. O perigo, porem, de cair no mar ou de ser cuspido nelle não era pequeno. E como podiamos olhar directamente atravez do casco do nosso ligeiro barco para as profundezas do abysmo liquido, nem ao menos podiamos dizer que uma tabua nos separava da morte. Durante a maior parte do dia permaneci dentro do *girau*, que sendo aberto nas duas extremidades, me permittia observar o scenario tão bem como se estivesse no *convez*. O tempo, que sempre é objecto de primeira importancia no mar, estava magnifico, e as horas correram agradavelmente.

Pelas quatro horas da tarde dobramos o Cabo Branco e avistamos Tambaiú, ponto de nosso destino, a uma legua de distancia. Desembarcando naquelle lugar, distante apenas seis milhas da Parahyba, poupavamos trinta a quarenta milhas de difficil navegação em volta da Ponta de Cabedello e depois as muitas voltas do tortuoso Rio Parahyba. Saltamos logo em terra e o meu primeiro cuidado foi procurar um cavallo, sendo informado de que poderia com facilidade obter até vinte cavallos. Pareceu entretanto, que no lugar apenas havia um e que nem elle nem o seu dono estavam presentes. A vista disto não tardei em modificar os meus planos e, enquanto mandava procurar alguem para carregar as minhas trouxas e bolsa, sentei-me sobre um tronco caído para ingerir o meu jantar, que felizmente fôra preparado de vespera e trazido na *janga-da*. Um rapazote, duns quatorze ou dezeseis annos de idade, movido de benevolencia ou de curiosidade, veio sentar-se ao meu lado e travamos conversa, mais ou menos nos seguintes termos:

—“Ha alguma escola aqui na vizinhança?”

—“Sim, ha uma.”

—“Onde é?”

—“No palacio.”

—“Tem muitos alumnos?”

—“Não sei; mas, enchem bem tres bancos.”

—“V. a frequenta?”

—“Não senhor, acabei os estudos o anno passado.”

—“Sabe V. eserever?”



- “Não, senhor; nem tambem lêr.”  
—“Que aprendeu então V. na escola?”  
—“Nada, não senhor.”

Não tive motivos para duvidar desta sua ultima affirmativa; mas, penalizou-me presenciar tão estúpida indiferença para com os meios de educação que o governo, por uma politica liberal si bem que um tanto erronea tem proporcionado aos individuos de todas as classes. O genial rapazote informou-me ainda que, ao deixar a escola, se dedicára á pesca. Era o mais novo de muitos irmãos, todos ao mesmo nivel de instrução. Na sua familia ninguém sabia lêr, comquanto a julgar pela casa em que moravam junto á praia, deviam estar em condições tão boas quanto as dos seus vizinhos.

Dei-lhe finalmente, um ou dous folhêtos, na esperança de que o podêssem induzir a inquerir dos mysterios da escripta, ou que, pelo menos, alguns dos seus amigos delles tirassem proveito.

Havendo os meus *companheiros de viagem* resolvido seguir, em minha companhia, até a cidade, propuzeram-me transportar a minha bagagem, dividindo entre elles a paga offerecida., Aproveu-me o alvitre e partimos. Eu conservára a bórdo da *jangada* as minhas altas botas *Paulistas*, na previsão d'alguma vaga occasional, e então em terras ellas manifestaram todo o seu prestimo, pois, comquanto perlustrassemos uma “estrada real”, tivemos repetidamente de vadear riachos.

Ao deixar a região arenosa da praia, o caminho tornou-se mais aprazivel, comquanto fôsse uma méra verêda serpeando atravéz da matta quasi continua. Após o dia passado na estreiteza do *girau*, a marcha era um exercicio agradavel. As seis milhas em breve foram vencidas e começamos a penetrar nos suburbios da cidade da Parahyba, antes mesmo que o percebêssemos. Indagando dum cavalheiro inglez, para o qual levava uma carta, guiaram-me ao seu *sítio*, proximo á entrada da cidade, e encontrando-o em casa fui logo agasalhado com a hospitalidade, folgo em o dizer, dum compatriota, pois como taes nos parecem e se nos revelam os Inglezes no estrangeiro. O *sítio* de Mr. R....., que na Bahia seria chamado uma *roça* e no Rio de Ja-



neiro uma *chacara*, occupa a mais bella situação da Parahyba. Está situado no cume dum outeiro, nos limites da cidade alta, dominando ao norte a vista do Oceano, a ponta e o forte do Cabedello, a foz e curso do rio até ao desembarcadouro junto á cidade baixa, incluindo assim uma paizagem tão vasta quão pittoresca. Mr. R..... consagrava especial carinho á cultura de sua propriedade e plantára muitos caféeiros, arbustos que, não obstante alli prosperarem e produzirem abundantemente, só raramente são encontrados nas provincias do Norte. E' facto singular que, em Pernambuco, o café é retalhado por preço superior ao dos Estados Unidos. As laranjeiras eram muito expostas ás depredações das formigas que, não raro, as despiam de toda a folhagem numa só noite. Nenhuma arvore sobrevive a tres destes ataques successivos. O meu amigo possuia igualmente muitas destas preciosas fructeiras, além duma vasta horta, fontes d'agua viva, um estabulo e outras valiosas conveniencias da vida rural, de sorte que bem podia dizer que gozava de *rus in urbe*. A casa era espaçosa e arejada, com pisos de tijolo, janelas de gelosias e sem fôrro, excepto na sala de visitas.

Foi alli que me dispuz ao tranquillo repouzo dum sabbado. No domingo seguinte fui convidado para um passeio a cavallo; mas, preferi o retiro e a leitura mais apropriados ao dia. Jantou comnôseo um cavalheiro que, bem como Mr. R..... dei certa quantidade de Biblias. Parte das dadas remetidas para Pernambuco, tinham sido destribuidas alli na Parahyba. O primeiro havia conversado com varias pessoas que as possuiam. Disse que não parecia terem idéa do character sagrado do livro, talvez porque não tivésse ligação evidente com a religião que lhe fôra ensinada. Elogiavam-lhe a belleza de algumas de suas passagens; mas, detinham-se na critica de outras. Estas ultimas pertenciam geralmente ao Antigo Testamento.

Informaram-me tambem que estava proxima a epocha da maior festividade religiosa que se celebra na Parahyba, em todo anno, sendo o 5 de Agosto o dia de *Nossa Senhora das Neves*, padroeira da cidade. Indaguei quem era *Nossa Senhora das Neves*, mas ninguem

me pôde dizer mais do que era Nossa Senhora a mesma que Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosario e vinte outros nomes dados á Virgem Maria! Duvido que a mythologia da Grecia ou de Roma tivesse jamais attingido a tão absurda confusão.

Este anniversario, como todos os outros grandes dias de festa, era precedido duma *novena*, cerimonia de nove missas celebradas em outros tantos dias successivos. Cada uma destas nove noites tinha o seu divertimento peculiar, sendo confiada a determinado grupo de moradores ou de negociantes, cada um dos quaes, naturalmente, esforçava-se por exceder aos seus rivaes na pompa e esplendor dos respectivos festejos. Persuadiram-me a sair uma noite para presenciar o que julgavam ser profundamente interessante. A igreja Matriz, na qual se realizava a festa ficava perto. A fachada estava illuminada por velas mettidas em lanternas quebradas suspensas em volta da porta, e arden-do em frente a uma imagem num nicho junto á cupula. Em varias partes do pateo flammejavam grandes fogueiras, em redor das quaes grupos de negros occupavam-se em soltar gyrandolas de foguêtes, em occasiões apropriadas á cerimonia que se celebrava dentro da igreja. Terminada a novena, a multidão juntava-se no campo para assistir ao fogo de vista. Este começava ás nove horas e durava, segundo me disséram, até depois da meia-noite. O que vi delle era muito mal arranjado e funcionava sem regularidade; ainda assim deslumbrava de admiração aos espectadores, que applaudiam ruidosamente.

Si tudo isto fôsse apenas uma scena da pretensa diversão para um bando de rudes e ignorantes Africanos, scria mais toleravel. Mas, considera-la parte duma cerimonia religiosa (em honra de Nossa Senhora Padroeira), celebrada no dia consagrado a Deus, e concorrida com enthusiasmo por padres, frades e gente do povo, foi couza que, confesso, offendeu em extremo aos meus sentimentos, e preferiria ter estado em qualquer outra parte a assistir a semelhante profanação.

Uma das mais penosas impressões que recebi desta scena foi ver familias inteiras, inclusive mães e as suas



filhas, expostas ao ar humido da noite afim de contemplar espectaculos não só eivados da mais baixa e vulgar especie de ridiculo, como tendo decidida tendencia immoral—e tudo isto sob o nome de religião! Foi com satisfação que me retirei d'alli, logo que os meus companheiros nisto consentiram, e resolvi nunca mais assistir voluntariamente a taes profanações.

No dia seguinte tive o prazer dum passeio a cavallo, em companhia do meu hospede, Mr. R..... Passamos pelas ruas principaes da cidade alta, na qual estão situados os conventos, a prisão, a misericordia, o thezouro, o palacio do governo e diversas igrejas. D'alli ganhamos a estrada que conduz a Pernambuco e a seguimos por espaço de tres milhas até a um grande *cruzeiro*, chamado *Cruz das Almas*. Dobramos então á direita e descemos aos terrenos baixos á margem do rio, que costeamos de regresso á cidade baixa. O rio é muito tortuoso e não se presta á navegação acima do ancoradouro actual. Entretanto as canoas o sobem até grande distancia, apezar de que na estação estival o leito do rio fique secco muita leguas mais acima. O seu curso é geralmente de noróeste e a cidade assenta na sua margem meridional. Um dos melhores edificios que contem é o trapiche novo, ou armazem do governo. Em frente ao mesmo estavam fundeados tres navios inglezes, carregando algodão e pau-brasil. Eram os unicos navios no porto.

Partindo do rio ha duas ruas, contendo os principaes edificios e estabelecimentos commerciaes da cidade baixa. Esta parte da cidade parece prosperar. Havia diversos edificios em via de construcção, os alugueis eram elevados e o preço dos terrenos subira recentemente. O numero de habitantes era, porém, inferior ao da cidade alta. A altitude desta póde ser de duzentos pés, sendo assás abrupto o declive que a separa da cidade baixa. Um dos pontos mais pittorescos do lugar é occupado pelo Arsenal de Guerra, vasto edificio amarello em meio dum terreno plano entre as duas partes da cidade e defrontando a rua principal que as liga. Os edificios publicos da cidade alta, atraz enumerados, não differem materialmente do estylo usual nas cida-

des brasileiras, a não ser o thesouro que apparenta consideravel esforço ornamental na escadaria que lhe dá accesso. Na prisão havia uma data indicando que fôra construida ha mais dum seculo. As ruas são largas e calçadas duma especie de schisto argillôso. As pedras estavam bastante gastas. Na Parahyba vê-se ainda algumas das antigas varandas de madeira sustentadas por grossas cornijas de pedra lavrada, e o aspecto geral da cidade é antiquado.

Encontrei um cavalheiro que acabava de regressar duma viagem de dez ou doze dias ao interior. Descreveu-me elle o estado da moralidade e da civilisação dos sertões da provincia e da do Rio Grande do Norte como extremamente escandaloso. Ainda assim, a seu ver, peiorava diariamente. Nestas regiões selvagens e pouco povoadas, nas quaes o viajante trilha o seu caminho solitario atravez de leguas e leguas de mattas, sem vêr uma só habitação, seria natural suppôr que entre os raros habitantes existentes prevalecêsse grande amor fraternal e harmonia, especialmente em vista de estarem ligados pelas mesmas crenças religiosas a uma igreja junto a cujos altares todos são baptisados e todos se confessam. Entretanto, infelizmente a intriga, a discordia e o assassinato parece serem alli a ordem do dia. A vigança arroga a si a administração da justiça e os mais negros crimes affrontam a lei e desafiam a sua pratica. A mais leve offensa é seguida de assassinato, e a vida de qualquer pessoa pôde ser comprada, por infima quantia, a assassinos mercenarios.

Em apoio destes factos o meu informante citou uma lista de occurrencias recentes e vulgares. Um individuo, importunado por outro a quem tomára por emprestimo uma "carga de polvora", encolerizou-se e ameaçou matar o credor, o que fez no momento em que este procurava fugir. Um outro fez uma morte para evitar o pagamento duma divida de dezeseis mil réis. Um terceiro, em pleno dia, no meio dum povoado, em frente á igreja, apunhalou no coração a um inimigo real ou supposto. A victima era um pae de familia e na occasião levava pela mão a um filhinho a quem o malvado tambem matou, dizendo: "Si has de viver para



vingar teu pae, morre logo". A unica punição que este monstro teve foram alguns ferimentos retaliatorios recebidos de alguém a quem quiz matar, que a principio pareceram fataes, mas, dos quaes sarou.

Havendo recebido diversos pedidos de folhêtos e de Testamentos, tomei medidas para a destribuição de todos os que trazia, principalmente por intermedio de pessôas desejasas de presentea-los a amigos seus domiciliados no remoto interior. Um cavalheiro, um doutor, de Camaratuba, lugarejo central em frente á *Bahia da Trahição*, vendo um Testamento por mim offerecido a Mr. R....., insistio em querer compra-lo. Dizia ter visto, de tempos em tempos, a Biblia; mas; que nunca a pudéra lêr conforme desejava. Tinha tambem em elevado conceito os folhêtos, e acreditava fôsem de muito prestimo num paiz como aquelle, em que a religião era menosprezada.

Um dia, após o jantar, fiz, com um joven estudante brasileiro, um passeio ao convento de S. Francisco, o mais imponente e interessante edificio do lugar. Era precedido dum pateo calçado, com altas muralhas de todos os lados, as quaes estavam, como em muitos edificios similares, interior e exteriormente revestidos de azulejos, representando figuras diversas. No extremo deste pateo erguia-se um immenso *cruzeiro* de pedra sobre um bém proporcionado pedestal do mesmo material. Interiormente, o edificio era espaçoso e bém construido. Consistia, como é costume, duma capella e de renques de cellas dispostas aos lados dum claustro quadrado, com largos alpendres em ambos os pavimentos, e demais dependencias necessarias aos fins de semelhantes estabelecimentos. Das paredes pendiam varias pinturas, assás grosseiras e muito estragadas. Algumas dellas tinham o accrescimo, bastante necessario si bém que não vulgar, duma explicação do desenho.

Em regra geral, as pinturas que enchem estes conventos as capellas de alto a baixo, são mais inintelligiveis do que hieroglyphos. Póde-se decifrar monjes encapuzados, bispos mitrados, aparições de anjos e couzas semelhantes. Mas, si se péde explicações mais amplas, tem-se como resposta que representam os milagres



e acções maravilhosas do santo padroeiro e dos seus companheiros. Observei que mesmo alli, onde os Franciscanos jamais foram seguidos pelos seus "amados irmãos" os Dominicanos, nem porisso os esqueceram. Um vasto rectabulo representava um Dominicano confundido diante dum Franciscano que, para corroborar os seus argumentos em favôr da virgindade da Virgem Maria, bateu com o cajado no chão do qual subito surgiram tres flôres, em miraculoso testemunhõ de suas doutrinas.

O meu alludido amigo apresentou-me a um seu conhecido, um frade com algumas pretensões literarias, que estava estudando o inglez, afim de se habilitar á conquista da cadeira de professor desta lingua no Lyceu Provincial. O dito frade introduzio-nos no seu *cubiculo*, ou cella. Era um quartinho confortavel, contendo uma cama, meza, estante e algumas cadeiras. Alli travamos amena conversa. O frade jamais ouvira fallar da existencia da Sociedade Biblica. Felicitei-o por poder vir a conhecer, por meio da lingua ingleza, os esforços não só da mesma como de outras associações de fins igualmente meritorios. Elle, porem, manifestou receios de que a Biblia e os folhêtos por mim recommendados não fôsem dos mesmos que o bispo de Pernambuco havia condemnado e que tinham induzido o Padre..... a se converter ao protestantismo. Contaram-me que, por motivos ignorados, este frade não fazia as refeições com os companheiros, nem pernoitava no convento, e sim morava com seu pae numa casa proxima. Havia apenas seis frades naquelle convento, assás vasto para accomodar duzentos.

Vagando pelas suas arcarias desertas, invadio-me um pensamento de magoa, ao cogitar da fallacia que determinára o desperdicio de sommas incontaveis na construcção de conventos em todas as cidades deste paiz inexplorado e atrazado. Jamais corresponderam a um intuito religioso e são apenas monumentos permanentes dum zelo extravagante e transviado. O governo revelou o seu criterio appropriando-se delles, sempre que tem occasião, para fins utilitarios e si, d'aqui ha um seculo, muitos delles não fôrem montões de ruinas será devido

a acção do poder civil. Esta provincia, imitando o exemplo de algumas outras, concedeu a cada convento o privilegio de admittir nove noviços; mas, conforme me informaram, sem resultado, porque alli—*Ninguem quer ser frade!* Comquanto o professar assegure uma existencia facil e de virtual opulencia, tal é a repugnancia publica e particular pelo monasticismo que, até agora, ninguem se propôz a participar das suas inglorias vantagens.

O Mosteiro de S. Bento é menor e mais antigo, tendo por unico occupante o abbade. Alli, como em quasi todos os lugares em que está estabelecida esta ordem, ella possui engenhos com escravos e vastas propriedades territoriaes na vizinhança. O convento do Carmo estava desoccupado, excepto alguma tropa nelle alojada. O prior havia fallecido recentemente. Disséram-me ter sido um *bom vivant* notorio, correspondendo exactamente ao conceito da glotoneria fradesca. Déra um jantar que transcorrêra tão alegremente que fez desejar a sua repetição. Consequentemente o prior saio, no dia seguinte, para comprar as victualhas necessarias, mas, em caminho, succumbio victima dum insulto apoplectico.

Passando um dia pela prisão pareceu-me estar cheia de cima a baixo e, a julgar pela vozeria e risadas que iam lá por dentro, poderia passar por um centro de diversões.

Dizem que as ultimas guerras foram de beneficio para o paiz, pelo menos num sentido. Grande numero de individuos indolentes e viciados foram reputados, ficando assim a sociedade livre de tal praga. Por occasião dos ultimos fogos de vista não foram poucos os recrutados. Entretanto, sobram testemunhas de que ainda ha demasiado biltres em liberdade. Poucas semanas antes um homem desapareceu subitamente do meio duma via publica, onde fôra visto ás duas horas da tarde, a caminho para casa, e de quem não se teve mais noticia até que, quatro dias depois, o seu cadaver foi accidentalmente encontrado no rio. Provavelmente fôra attrahido para dentro de alguma casa, onde o esperavam os assassinos, pois, verificou-se que tinha

sido esfaqueado e, depois de morto, conduzido para o rio, distante do lugar tres quartos de milha. Este facto não podia deixar de horrorizar todas as pessoas que delle tivéram conhecimento e lançou consternação geral na cidade; entretanto, nada de efficaz se fez para prender e punir os criminosos. A principio alguns officiaes de policia fizéram bastante barulho, mas, cêdo abandonaram as suas pesquisas, movidas por ameaças, ao que constou. Dest'arte o caso terminou com a prisão de alguns individuos suspeitos, que não tardaram em ser postos em liberdade.

O sólo da Parahyba é, a muitos respeito, semelhante ao de S. Paulo, e bem assim a posição da cidade á margem d'um rio. Na Parahyba, porém, occorrem varias qualidades de pedras que eu ainda não havia encontrado nas outras partes do Brasil. Alem do já mencionado schisto argilloso, uzado para o calçamento das ruas, existe calcareo de cor esverdeada. E' duro e uzado em construcções, como o granito no Rio. Partido em pequenos fragmentos, ligam-nos com argamassa formando paredes muito duradouras. O algodão e o assucar são os principaes productos de exportação desta provincia. As plantações de canna não se estendem muito pelo interior, devido ás despezas com o transporte dos productos ao mercado. Todo o assucar produzido dentro dum circulo de quinze a vinte leguas é consumido sob fórmula de *rapadura*, conforme é chamado o artigo não refinado. Estes tijolos assemelham-se aos de assucar de bordo, occasionalmente vendidos como raridade nas cidades dos Estados Unidos. São muito apreciados no sertão, onde antes de beber, poem na bocca pedaços delles afim de desfarçar o gôsto salôbro d'agua. Penalizou-me saber que tanto a produção como o consumo da *caxaca* está em augmento. Era vendida em grande quantidade nas casas dos suburbios das cidades, e tambem nas estradas pelas quaes viajei. Observei varios casos de sertanejos, ou mulatos completamente embriagados. Nestas occasiões a sua companhia nada tem de attrahente, pois, todos trazem sempre agudas facas.

A principal peculiaridade que observei á meza



nestas regiões foi a predilecção por pimentas, que pôde ser taxada de excessiva mesmo no Brasil. Alem de serem abundantemente servidas em cada prato, uma decoção concentrada deste tempero, sob a forma de molho, contendo bastante *fôgo* para abrasar um paladar deshabituaado, é considerado tempero indispensavel.

A farinha de mandioca é muito usada, preparada com azeite, vinagre e pimenta e chamada, sob esta forma, de *farofa*.

Na Parahyba nota-se grande numero de pessoas de origens indigena comquanto frequentemente seja difficil distingui-las dos Portuguezes ou dos negros, pois com ambas estas raças têm se mesclado em todas as combinações possiveis.

Nas proximidades da Parahyba ha cobras de immensas dimensões, chamadas *cobras de veado*, do facto de engulirem gamos e, ás vezes, até gado. As cobras venenosas são tambem frequentes; ha uma especie que dizem ter duas cabeças e ser cega; a pessoa mordida por ella cega e morre.

## VI

*Viagem de regresso a Pernambuco.—O guia Pacifico.—Partida á noite.—Amigos no caminho.—O campo.—Goyanna.—Hospedagem nocturna.—Continuação da viagem.—Sertanejos.—Cargueiros de algodão.—Feira de gado.—Pasmado.—Relogio solar.—Iguarassú.—Rio Grandenses do Norte.—Os estafêtas.—Maus caminhos.—Noite em Olinda.—Partida matutina.—Meia hora de atrazo.*

Passado alguns dias, cuidei em regressar a Pernambuco. Como pretendia voltar por terra, fez-se preciso procurar um guia e animaes

Recommendaram-me um certo mulato, de nome Pacifico, como sendo o melhor *portador*, ou guia que se podia obter. Em consequencia, alguns amigos acompanharam-me ao lugar em que elle morava e que chamava o seu *sitio*. Distava algumas milhas da cidade num re-

canto de aspecto desolado. A casa era uma verdadeira ruina da menor e da mais pobre das cabanas. Allí encontramos a mulher e cinco filhos de Pacifico, que estava ausente. A espôsa, porém, prometteu que elle, com dois bons cavallos, estaria á minha disposição para a viagem cêdo na manhã designada. Chegou a tal manhã, mas, não Pacifico; por isso parti a cavallo, com Mr. R. . . . ., á sua procura. Desta vez estava no *sítio*. Deu muitas desculpas do equívoco e prometteu levar-me, na manhã seguinte, um bom cavallo, devendo elle tambem ir convenientemente montado. Devo observar aqui que muitos dos cavallos desta região são realmente superiores, tanto em tamanho como em força. Os cavallos de sella têm quasi, universalmente, uma andadura peculiar, a que chamam *carrega*.

Pelas tres horas da madrugada seguinte fui despertado, havendo o Senhor Pacifico apparecido, conforme promettêra. Antes de partir, despedi-me do meu hospitaleiro amigo, que até ao ultimo momento cuidou gentilmente de tudo o que podia contribuir para o meu conforto e bem estar. Deu-me tambem cartas para familias residentes no caminho, e todas as informações necessarias do mesmo.

Estava disposto a examinar o cavallo trazido para o meu uzo; mas, não havendo luar, a luz das estrellas não era sufficiente. Entretanto, apezar de numerosos sentimentos de que as qualidades reaes do animal não correspondiam aos incontaveis elogios que dellas faziam, saltei na sella e logo ganhamos a estrada. A cidade jazia em silencio, excepto na prisão, cuja frente as sentinellas patrulhavam, e de cujo interior partia um vozear confuso, feito de gargalhadas e de blasphemias.

Ao penetrar no primeiro trecho da matta, passamos por dois homens armados de espingardas, dos quaes não tive impressão favoravel, comquanto conversassem amavelmente e não nos molestassem. Pacifico contou-me depois que eram caçadores á procura de *bichos do matto*. Pouco a pouco o ceu foi se avermelhando e surgiu o dia. Tive então ensejo de observar a nossa condição e apparencia. Vi-me cavalgando um verdadeiro Roci-

nante, cujas bellezas e virtudes não teriam perdido com serem comparadas ás do primitivo corcel do cavalheiro de La Mancha. O cavallo do meu guia Pacifico era um seu digno emulo. Apezar de só ter um olho, trilhava admiravelmente o labyrintho da tortuosa verêda. Ao vê-lo ninguém diria fôsse capaz de se pôr em pé sem auxilio extranho, entretanto, trotava ligeiro sob o pezo do seu dono, trepado numa alta *cangalha*, da qual pendiam a minha bolça e o meu capote. Occorrep então uma circumstancia que me revelou as forças do meu animal e que me felicitei não tivésse succedido antes. Sem cauza apparente, elle começou a escoucear furiosamente. Não sabendo como interpretar taes demonstrações, impellio-o a avançar, prevendo que necessitava de todo o seu vigor para chegar ao termo da jornada. Mas, continuou repetindo os mesmos movimentos e acabou deitando-se na estrada. Verifiquei então que a sella pizava-lhe parte do dorso onde tinha uma grande chaga antiga. Para remediar este mal, Pacifico pôz debaixo da sella uma esteira, e assim proseguimos sem ter mais interrupções desta natureza.

Durante a manhã caíram alguns aguaceiros, e devido á travessia de riachos e ao matto molhado, que atravessavamos sem cessar, fiquei com os pés humidados, apezar das minhas compridas botas. Após quatro leguas de marcha passamos uma aldeia de indios, chamada *Junco*. Tinha uma capella, uma escola e noventa e cem casas, construidas á moda uzual, de taipa. A's nove horas chegamos a *Terra Cavada*, nome dum sitio para cujo proprietario eu levava uma carta. O senhor não estava em casa; mas, como chovêsse, não tive escrúpulo em acceitar a gentileza de sua bôa senhora, que mandou armar uma rêde para mim enquanto os animaes comiam e descançavam. A posição da casa era pittoresca, e todo o terreno circumvizinho parecia uma só plantação de *bananciras*. A habitação, em si, era a couza menos digna de nota; o chão de barro não podia ser mais desigual; as paredes não eram caiadas; e as suas dimensões pareciam ainda mais mesquinhas devido



á desordem com que no seu recinto se amontoavam pessoas e objectos.

Ao chegarmos, a senhora regateava com um vendedor ambulante, que transportava as suas mercadorias á cavallo, mettidas em duas malas de couro, dispostas de modo a se equilibrarem nos dois flancos do animal, onde pendiam tambem as pernas do cavalleiro. Não perdi tempo com ociosa conversa e tendo calçado meias seccas, procurei recuperar na rêde parte do somno perdido de noite. A's onze horas estava prompto a continuar a viagem; mas, neste mesmo instante informaram-a. Pacifico que nos preparavam almoço, pelo qual deviamos esperar. A refeição foi logo servida e devidamente apreciada.

Ao partir fiz presente de folhêtos á Senhora, que se mostrou muito contente por possui-los. Ao meio-dia estavamos de novo a caminho. Cessára a chuva, o matto tinha seccado e toda a natureza assumira um aspecto mais animador. A superficie do sólo era ondulado, apresentando ás vezes fraldas de outeiros cobertos de dendêzeiros, ou elareiras semeiadas de mangabeiras, ou ainda trechos de matta densa e de variada folhagem. Foi neste ponto da estrada que Pacifico, cujos sentimentos a vista do scenario parecia avivar, me revelou a sua historia e as suas aspirações. Disse-me ter casado ainda muito moço e ter já cinco filhos; que possuia consideraveis haveres, não só em cavallos como numa casa que tinha alugado na cidade, e que o seu modo de vida modesto era um mero artificio para evitar a suspeita de ter fortuna e ser, consequentemente, roubado. Affirmou ainda ser um guia muito activo e digno de confiança, sempre pontualissimo nos seus tratos. Eu estava preparado para ouvir parte destas revelações, devido ás informações de amigos seus de que nunca ia á cidade senão á noite, para evitar ser preso por dividas, ou recrutado para soldado. Quanto ao mais, eu teria de julgar, posteriormente, por experiencia propria.

Vi, frequentemente, grandes formigueiros, tanto nos troncos, como nas copas das arvores. Tinham a fórma de ninhos de vespas, comquanto fôsem muito

maiores e feitos de terra. Aproveitei a occasião para examinar um delles que parecia datar de alguns annos. Estava desabitado, mas, cheio de cavidades sinuosas, com delgadas divisões de permeio; havia pertencido ao *cupim*, ou formiga branca. Em parte alguma daquella região notei os formigueiros altos e em fórma de tenda, que abundam na *Serra Acima*, em S. Paulo. No correr da tarde observei um grande bando de papagaios e de outras aves de vistosa plumagem, e bem assim um macaco que, diante de mim atravessou a estrada passando pelos ramos das arvores que a bordavam; era da especie pequena, chamado, *sáuy*, e de perto parecia um esquillo preto, ou cinzento. Quanto a este ultimo animal, tão commum na America do Norte, nunca o vi, nem delle ouvi fallar no Brasil.

Pelas duas horas da tarde passamos outra aldeia de indios, chamada Alhandra. Podia ter uns mil habitantes, mas, nem todos eram indios. O lugar tinha, a todos os respeito, o aspecto commum ás povoações e villas do paiz. Pouco adiante chegamos a Curupusurú, engenho para cujo proprietario eu levava uma carta. Fallei ao seu filho, bebi um trago d'agua fresca junto a porta, fiz presente de alguns folhêtos e proseguí viagem, em vez de alli pernoitar, conforme primitivamente projectára. Cerca das cinco horas da tarde avistamos Goyanna, cidade de antiga e celebrada historia. Vista de longe é de apparencia muito aprazivel, mas, das que dão falsa idéa da realidade. Todas as cidades brasileiras têm duas peculiaridades caracteristicas no seu aspecto exterior: primeiro, os edificios têm cor uniforme, branca; segundo, todas as eminencias ou pontos preeminentes são adornados de templos de construcção antiga.

Goyanna, que é *cabeça de comarca*, dista quatro leguas da costa e quinze do Recife, e está situada entre dois pequenos rios. E' residencia dum juiz civil e outro eriminal, e tambem dum prefeito de policia. Possui uma aula de latim, duas escolas publicas primarias, um recolhimento, hospital de misericordia, convento de Carmelitas e cinco igrejas.

Proximo ao rio o lamaçal era profundo, e fui feliz



em não molhar os pés ao atravessa-lo. Ao penetrar na cidade verifiquei que era sordida e mesquinha. Quasi que o unico edificio que não ameaçava desabar era a nova cadeia, em via de construcção. Pacifico conduzio-me ao melhor e talvez unico estabelecimento em que nos podiamos *arranchar*. Creio que, no que respeita a immundice e desordem, excedia a todos os lugares em que até então eu me havia aboletado.

Ao apaar-me, o meu primeiro cuidado foi percorrer a cidade em todo o seu comprimento e largura, afim de satisfazer a curiosidade e na esperança de, na volta, encontrar a estalagem mais em ordem. As mudanças, pareceu-me entretanto, foram para peor. O meu quarto reputado o melhor da casa, passára a guardar quatro ou cinco sellas e cangalhas; num canto uma gallinha velha reunira a sua ninhada; a unica janella, sem vidraça, estava repleta de cabeças olhando a rua, e não sei descrever o bando de crianças, nuas e esfarrapadas, brancas e negras, que tripudiava no estreito aposento. Tomei uma cadeira e sentei-me no meio da rua, por boas e obvias razões, enquanto Pacifico cuidava em me arranjar o que jantar. Voltei então para assegurar-me dos meus direitos. Basta dizer que, conseguindo expurgar de intrusos o quarto, eu dispunha os meus comestiveis sobre o batente da janella, em falta de meza, quando me appareceu o dono do rancho, aquem ainda não tinha visto. Não sei si prevaleceram motivos de interesse ou outros, mas, o certo é que o seu apparecimento produziu uma subita revolução na ordem das couzas, graças aos brados com que censurava o modo descortêz e barbaro de tratar a um cavalheiro. A minha refeição foi logo transferida para um outro aposento, onde havia uma meza permanentemente presa ao sólo, em que tinha fincados os pés. Trouxeram-me uma bacia com agua e uma toalha de larga borda arrendada. Achei-me então sentado ante o meu frugal repasto e cercado de nada menos das seguintes pessoas: o Senhor, a Senhora, tres meninos e uns vizinhos, todos curiosos de me observarem os movimentos. O Senhor chegou até a me ajudar a descascar os camarões, decla-



rando ao mesmo tempo que não prestavam e que podia arranjar outros muito melhores caso eu quizesse esperar o tempo de apanha-los e torra-los. Não pude deixar de sorrir da cortezia com que era encenada tamanha obsequiosidade, de certo preferivel a indifferença taciturna e frigida, não raro encontrada. Deu-me tambem ensejo de fallar e levar a conversa para o terreno que me convinha. Vim a saber que o menino mais velho frequentava a escola e que os outros o imitariam brevemente. Por isso presenteei-os com alguns folhêtos, que ouvi o pae lêr em voz alta até tarde da noite, pois, conforme me disse depois, tinham-no interessado muito.

Antes de proseguir com a narrativa dos successos daquella noite, devo mencionar que no decorrer do dia, haviamos encontrados tres cavallos pertencentes a Pacifico e por elle mandados, na vespera, ao Recife, em busca de carga. Acompanhavam-nos um matuto, chamado Joãozinho, e o filho mais velho de Pacifico, que me disséra saber elle lêr e escrever correntemente; o rapaz, porem, confessou-me ignorar ambas as couzas e nunca ter andado na escola. Procurei debalde entre os animaes encontrados um que podêsse substituir o de minha montada; e quando chegou o momento de ganhar a rêde, percebi que os tres almocreves pretendiam partilhar do meu aposento deitados sobre uns bancos. O meu primeiro impulso foi de protestar; mas, logo prevaleceu um sentimento mais humano e, provavelmente, mais sensato, em obediencia ao qual nem siquer lhes fiz a minima observação.

Haviam-me prevenido dos inconvenientes que teria a soffrer dos *carrapatos*, pequenos insectos que, em contacto com a pelle, adherem a ella, e penetram-na cauzando cruciante dor. São muito mais abundantes no tempo secco do que na estação invernosa, e então ainda não eram communs. Não encontrei um só delles, apezar de Joãozinho declarar que se divertiam em grande escala sobre a sua pelle amarella. Eu ancitava por partir bem cedo na manhã seguinte, de modo a atravessar o rio aos primeiros clarões do dia. Che-

gamos á sua margem ás seis horas, quando Pacifico me communicou estar doente e não poder seguir adiante; mas, que em seu lugar iria o matuto, pessoa quasi tão activa e digna de confiança como elle. Não consenti logo no arranjo e disse-lhe que fallariamos a respeito quando houvésemos chegado á margem opposta do rio, que transpuzemos em canoa, passando os animaes a nado. Vendo que Pacifico persistia em ficar, não perdi tempo procurando convencê-lo a me acompanhar, e acceitei por guia ao matuto. A estrada cortava uma matta de varias leguas e era muito mais larga do que dantes. O ar era fresco e balsamico, e innumerous passaros de canto e plumagem varias animavam o scenario. O sólo era arenoso, de superficie plana e ao longo da estrada estava espalhada grande quantidade de madeira cortada. Depois de duas ou tres leguas de marcha começaram a se amiudar as casas, quasi todas ostentando á janella uma garrafa ou botija, em signal de que alli se vendia aguardente. Vi frequentes bandos de papagaios e de periquitos. O grito natural dos primeiros assemelha-se ao do faleão commum. O dia era magnifico. Alcancei e acompanhei por algum tempo uma tropa de *sertanejos*, eujos animaes estavam carregados de saccas de farinha de mandioca e de fardos de algodão. Divertio-me assás o seu modo de montar. Quando, devido á altura da carga, não a podem galgar dum salto, agarram da cauda do animal, collocam o pé sobre a curva do jarrête e içam-se assim por cima da garupa. Os seus cavalloes estão habituada se manterem perfeitamente immoveis durante este processo. Pela tarde chegamos ao engenho chamado *Caga Fôgo*, que me pareceu o mais typico de quantos destes estabelecimentos ruraes eu vi no paiz. A casa, apezar de baixa, era vasta, muito bem caiada, com portas e janellas verdes. Estava situada no meio dum extenso e fertil valle, cercada das necessarias dependencias, flanqueada dum lado por um magnifico cannavial, e do outro por pastagens verdejantes, que se dilatavam até ao sopé das collinas vizinhas e estavam semeiadas de rebanhos. Perto havia um bello



açude, que fornecia agua para mover a engenho d'asucar e outros mistéres, ao passo que a sua repreza servia de ponte para atravessar o rio, tendo um sangradouro para descarga do excesso d'agua.

O povoado de Pasmado, outr'ora freguezia, mas agora simples povoação, ficava pouco adiante.—Pareceu-me estar em festa.—A igreja e o pateo fronteiro estavam enfeitados de bandeiras e ornamentos semelhantes, alguns dos quaes percebi serem chales de senhoras e grandes lenços, amarrados a postes fincados ao sólo. Aquelle lugar era afamado pela manufactura e commercio de grande numero de *facas de ponta*, que o povo gosta apaixonadamente de trazer, á cinta, em bainha de prata, e tem o vicio de empregar, com demasiada frequencia, para fins criminosos. Vi grande numero dellas expostas á venda nas janellas e não raro, em ominosa parceria com garrafas de aguardente.

Passamos, enfim, por Itabatinga, perto de Igua-rassú, onde o meu guia deixou o seu cavallo, preferindo carregar ás costas a minha bolsa e capote a procurar fazer andar ao animal estropeado. Tentei debalde trocar alli a minha montada. Em frente á casa em que paramos, havia uma feira de gado, que tinha attraído muitos espectadores. Parecia ser uma succursal da feira semanal, realizada em *Pedras de Fôgo*, lugar situado umas sete leguas além de Goyanna. Naquelle lugar, todas as quartas e quintas-feiras, reune-se grande multidão para a compra, venda e troca dos objectos produzidos no sertão e de uzo alli. Para me dar idéa da quantidade de gente que se junta na feira, disséram-me não ser raro fôsem abatidos sessenta e setenta bois para o seu sustento. Dispunha-me a deixar Itabatinga, sem perceber um meio de fazer bem, quando notei um relógio do sol, de grosseira construcção, diante da porta duma casa, e um ancião de longos cabellos prateados que observa a marcha da sombra. Approximando-me, para comparar o andamento do meu relógio com o do sol, que naturalmente devia ser correcto, verifiquei que o primeiro se adiantava consideravelmen-



te., Entrementes, o ancião e eu fizemo-nos immediatamente amigos. Havia, pouco antes, se retirado do Recife, afim de terminar os seus dias em socêgo. Muito amigo de lêr, mostrou-se feliz ao receber os folhêtos que lhe offereci. Algumas outras pessoas, que se tinham approximado durante a nossa conversa, manifestaram o desejo de tambem os possuir.

Iguarassú está situado sobre uma elevação, ao sopé da qual corre o pequeno rio do mesmo nome, atravessado por uma antiga, mas muito bôa ponte de pedra. Dista uma legua e meia da costa e seis leguas de Pernambuco. Actualmente é uma villa, tem uma escola primaria, um convento de Santo Antonio, recolhimento, misericordia, prisão, camara municipal, igreja matriz e quatro ermidas ou capellas. O seu aspecto é archaico e está em evidente declinio, devido ao seu diminuto commercio. Notei um templo cuja cobertura abatêra. O unico contacto que eu tive com os habitantes deste lugar occorreu quando galguei a eminencia e penetrei na praça principal. Diante duma das igrejas estava um homem de capa vermelha sentado junto de duas imagens e cercado de algumas pessoas que as contemplavam. Ao passar por elle, saudou-me em tom grosseiro e aspero: "*Oh! patricio, dá ca esmolos para os santos.*", Agradei a cortezia do indolente sujeito e segui avante.

Pouco depois de passar Iguarassú, alcancei um grupo duns doze cavalheiros; varios negros cavalgavam na frente e os seus senhores atraz. Adiante de todos trotava uma boiada, que presumi pertencêsse ao grupo, mas, no que pareceu me enganei pois não tardou que a deixassemos atraz. A principio ninguem se manifestou sociavel e metti esporas ao meu cavallo, consciente de que tinha a vingar longo caminho, pretendo pernoitar no Recife. De passagem vim a saber que a tropa procedia de Assú, na provincia do Rio Grande do Norte, distante oitenta leguas, e se destinava a Pernambuco, a comprar generos. Não tardou que, por sua vez elles me alcançassem, e a conversa travou-se de verdade. O homem com quem eu primeiro fallára tinha communicado aos demais ser eu um Norte-Ameri-

cano, informação que eu lhe dêra em troca da de sua procedencia. Esta noticia provocou logo grande curiosidade, revelada por numerosas perguntas a meu respeito e com relação ao meu paiz. Achei o sr. João Gomes, o capataz da tropa, homem muito intelligente e, aparentemente, digno, acompanhado dum filho e de dois *compadres*, pessoas estas que, si não tão bem instruidas como elle, certamente mostravam igual desejo de consegui-lo. As suas perguntas eram variadas e não raro divertidas, sobre todos os assumptos relacionados com as artes, os costumes, a politica, a religião do paiz de minha naturalidade, e não duvido que as minhas respostas lhes houvéssem parecido bastante estranhas. Ao tratar de assumptos religiosos, applaudiam os meus conceitos que consideravam justos ou importantes; mas, como lhes haviam ensinado que todos os individuos baptizados eram Christãos, pareciam considerar couza de pouca monta o ser um bom ou mau Christão. O primeiro estado assegurava a posse dum lugar no céu, ao passo que o segundo, sendo accidental, implicava apenas uma estadia no purgatorio. O capataz disse-me que occasionalmente se encontravam Biblias no lugar de sua residencia, e que a sua propria familia possuia uma.

Durante as muitas horas em que cavalgamos juntos, discutimos amplamente as condições moraes, as relações civis e o futuro provavel, tanto do Brasil como dos Estados Unidos. Entrementes haviamos transposto taboleiros, onde era frequentes os engenhos e habitações de varias naturezas, em meio duma successão de outeiros de argilla. Finalmente, os Rio Grandenses pararam para pernoitar, enquanto que ainda me separavam do Recife tres leguas. Apezar dum percurso de quasi cincoenta milhas, desde pela manhã, o meu rocicante ainda se conservava em pé. Assim era evidente que, mau grado a sua mesquinha apparencia, possuia qualidades de resistencia para uma longa viagem, que rivalizavam com as dos melhores cavallos do paiz.

Pouco antes de escurecer, passei o "*correio do governo*," constando duma especie de mallêta de couro,



que um indio, a pé, conduzia ás costas. Este é o modo uzual das communicações postaes nestas regiões; além da malla official, ha, semanalmente, outra particular, entre a Parahyba e Pernambuco, mantida pelos negociantes. Não tardou em fazer-se noite e a nossa ultima legua antes chegar a Olinda, foi por pessimo trecho de estrada. De um certo ponto apercebi-me gostosamente do termo de minha jornada, devisando ao longe o panorama delicioso do Recife, onde acabam de accender os lampeões.

No caminho cruzamos numerosos comboyos que, pesadamente carregados, seguiam para o interior. Chegando, por fim, a um estreito desfiladeiro, onde quasi nada podia distinguir na minha frente, esperei pelo guia que tinha ficado atraz. Apareceu afinal junto com o estafêta. Cêdo alcançamos Olinda e nos dirigimos a um estabelecimento onde o meu Joãozinho costumava pouzar, e no qual eu pretendia deixar o cavallo e viajar á pé o resto da distancia até o Recife. O meu portador protestou, porém, allegando estar demasiado fatigado para seguir adiante, e pediu, *pelo amor de Deus*, para pernoitar alli. Movido de campaixão por elle, cedi sob a promessa de partirmos ás quatro e meia da madrugada. Qual não foi, pois a minha surpresa quando, chegada aquella hora, o vi dispôsto a demorar-me ainda mais tempo. Perecebi então que projectava extorquir de mim uma gratificação extraordinaria. Dissuadi-o promptamente de semelhante proposito, de modo que ás cinco e meia, estavamos a caminho. Era para mim motivo de grande anciedade alcançar o Recife antes da chegada do vapôr do sul, o que esperava conseguir. E', pois de imaginar a minha dolorosa decepção quando, do alto da eminencia da praia que separa as duas cidades, avistei um vapor que salvava ao levantar o ferro. Apressei quanto possivel o meu cavallo; mas, devido á areia sôlta, só pude avançar devagar e antes de chegar ao fim da estrada tive ensejo para toda sorte de conjecturas. Havia probabilidades em favor da idéa de que a embarcação se destinasse ao sul e não ao norte. Na primeira hypothese eu desejava remetter cartas e na segunda tomar passagem. Em



ambos os casos teria logrado o meu intento si houvesse persistido na deliberação da noite anterior. Mas, ainda assim, poderia consegui-lo si o vapor não partisse antes da hora habitual, isto é, ás oito. Corri até ao embarcadouro, apeei-me em meio duma multidão de espectadores curiosos, justamente quando a embarcação dobrava o pharol situado sobre o recife. Informaram-me que era o *Pernambucana*, destinado ao Pará. Fôra expedido quasi uma semana antes da data fixada, para conduzir despachos do governo e armamento para o Maranhão em auxilio a repressão da revolta, que alli lavrava. Devido á pressa partira do Recife ás seis e meia, em vez de aguardar a hora do costume. Forçado a não seguir viagem e não sendo esperado outro vapor antes dum mez, é de imaginar o meu desapontamento. Afinal de contas fôra apenas o atrazo de meia hora a cauza de trinta dias de demora involuntaria!

No tempo devido aportou finalmente, do Rio, o *Maranhense* e nelle embarquei para os portos ao norte de Pernambuco.



# A commemoração dos heroes de 1817

Em 6 de Março de 1915

Relembrando o anniversario da revolução republicana em que se empenharam os nossos antepassados de 1817, promoveu o Instituto Archeologico uma sessão civica ás 14 horas, em sua séde provisoria no edificio do Gymnasio Pernambucano.

Entre outras pessoas, estiveram presentes os srs. tenente Julio Souza Couceiro representante do general inspector, Henrique Borges da Silva, representante do delegado fiscal, Alfredo Fragoso, Aladio Amaral, José Epaminondas de Azevedo, José Borba Filho, Augusto Figueira, Sodonio Lustosa Paranagná, Francisco Eurico Botelho, José Cavalcanti Aguiar, Antonio Joaquim Veloso Laurentino Ramos, Olympio de Menezes, Francisco Soares Quintas, Francisco Marques da Trindade, E. Netto Mendonça, dr. Manoel Gondim Santelmo Carumba, Sotero Barros Rogerio Alves, Sizenando Silveira, representante do inspector geral da Instrucção Publica, Carlos Dé Servi, dr. Antonio Bruneli, coronel Carneiro Pereira, padre Manoel Ferreira e familia Cunha Porto.

A sessão foi presidida pelo arcebispo d. Luiz de Britto, presidente effectivo e secretariada pelos dr. Mario Melo e commendador Cunha Porto.

S. exc. revm.<sup>a</sup>, num dos seus felizes momentos de oratoria, disse, abrindo os trabalhos, que o Instituto Archeologico, sentinella avançada—não para devassar o futuro, mas para a lembrança do passado—revivendo os feitos de nossa nacionalidade—reunia os patriotas para festejar os arrancos do leão que urrava pela sua liberdade.

Celebrando a festa civica, tinha certeza de que o joven orador, com o seu talento, despertaria no coração da mocidade as virtudes de nossos antepassados, que, na se lucta tombaram, cahiram—como na Biblia—sob o peso do elephante que os esmagou.

Estava aberta a sessão. Dava a palavra ao orador official.

Subindo á tribuna, o dr. Carneiro Leão disse que antes de commemorar a data, tinha o Instituto uma divida de honra a cumprir. Era nm pleito de saudade pelo dr. Coelho Leite, que durante muitos annos fôra orador da sociedade e que em dias como o que se festejava, sabia incutir no coração da mocidade scintellas de patriotismo para fusão futura de nossa nacionalidade.

Como preito de gratidão, o Instituto, que se habituara a ouvir-o, não mais lhe sentindo o contacto, queria tel-o na galeria de seus homens illustres para continuo culto.

Em homenagem á sua memoria, declarava inaugurado o retrato do dr. Coelho Leite.

Em seguida passou a ler o seguinte substancioso discurso, que foi acolhido com prolongada salva de palmas ao concluir:

Exm. revm. arcebispo de Olinda, presidente deste Instituto:

Exmas. sras., illustres consocios, meus senhores:

Foi ha noventa e oito annos, em 6 de março de 1817. Um mez precisamente antes do dia fixado que seria um domingo de Paschoa, 6 de abril, rebentara a revolução. Movera-a o ideal republicano que empolgava a alma dos homens cultos desta terra e mais a velha e rusguenta animosidade entre brazileiros e portuguezes.

Mas nos por nosso mal fomos sempre impiuden-



temente loquazes e dali o saber muito anteriormente o governo de todos os planos de conspirações, 1817 não escaparia á regra geral e a 1 de março José da Cruz Ferreira denunciava ao governo a existencia de uma conspiração para libertar o Brazil do jugo de Portugal e fazel-o uma republica. A idéa era ousada e ameaçadora. Para jugulal-a appareceu, então, uma ordem do dia do governador Montenegro que, por favoravel aos officiaes portuguezes contra os brazileiros, tudo precipitou desastradamente. A 5 de março foi ordenada a prisão da paisanos e militares envolvidos na revolta, e a 6 o brigadeiro Barbosa, admoestando e predendo violentamente os officiaes subordinados seus, de tal modo se houve que Leão Coroado, José de Barros Lima, não se contendo ás injurias recebidas, tirou da espada, matando-o alli mesmo. Seguiu-se o azafama, a morte do ajudante de ordens do governador, o refugio de Montenegro, a capitulação, a fuga para o Rio e a victoria dos revoltosos.

A 7 foi eleito o governo provisório, composto de 5 membros—padre João Ribeiro, Theotônio Jorge, José Luiz de Mendonça, Manoel Correia de Araujo, Domingos José Martins e um secretario, frei Miguelinho—o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro.

Logo adoptaram a bandeira e todas as credenciaes dos bons governos republicanos. A' Parahyba, ao Rio Grande do Norte, ao Ceará e á Bahia foram enviados, sem perda de tempo, emissarios capazes de ampliar a zona de liberdade, conquistando taes Estados para a organização da republica nascente. Era um «tour de force» fantastico para aquellas épocas coloniaes. Espiritos, alguns delles, imbuidos da philosophia dos enciclopedistas e todos mais ou menos das ardencias liberrimas da revolução franceza e da independencia americana, sonhavam com a libertação definitiva da terra de Santa Cruz. Almas sensibilizadamente ingenuas e confiantes, como a desse bom padre João Ribeiro, idolatra de Condorcet e seu emulo nas esperanças de perfectibilidade humana como nos soffrimentos e na morte, sonhavam com uma republica talvez livre demais para ter uma vida demorada.

Liberdade de culto, libertação dos escravos e igual-

dade dos cidadãos era, por certo, uma conquista excessivamente arrojada para aquelles tempos. Mas denotavam a magnitude desses espiritos intrepidos que se avançavam assim um seculo adiante da sua epoca e de seu meio. Eram os precusores magnificos das nossas conquistas liberaes que traçavam em sangue o caminho que havíamos de seguir para a obtenção de liberdades definitivas.

E não fosse o plano claramente esboçado, embora tumultuaria e precipitadamente executado, de uma republica federativa, de um governo lucido, teríamos tudo aquillo por uma allucinação taes e tantos foram os lances crueis e singulares que empolgaram aquelles tres angustiosos mezes da nossa vida politica.

Nem o Ceará, nem a Bahia, adheriram ao movimento, parando logo com a prisão e a morte os imprudentes emissarios a audacia dos seus gestos heroicos.

Martiniano Alencar, preso no Crato, e o padre Roma, Ignacio de Abreu e Lima, executado na Bahia, com aquella coragem que ficara lendaria na historia das loucuras patrioticas, foi a resposta que deram esses Estados ao appello intrepido do governo provisorio. Nunca tambem uma ingenuidade, uma confiança, uma bôa fê mais commovedora se aliara assim a um desprendimento, a uma coragem, a uma abnegação mais desconcertante. Pareciam umas crianças grandes que, felizes de um triumpho facil, pulando e rindo, distribuíssem alegremente, premios aqui, abraços alli, saudações além. Augmentarem o soldo das forças, diminuiram os impostos, proclamaram liberdades aggressivas, como igualdade de direitos e liberdade de cultos, e marcharam venturosos na vertigem daquelles mingua-dos dias de farturas liberaes para a hora do Sacrificio e da morte. O spectaculo era bello. Uma affectividade tão communicativa empolgava os homens do governo que no palacio revolucionario se temia muito mais as explosões dos abraços que os disparos das carabinas. Até aos Estados Unidos e à Inglaterra foram mandados embaixadores alacres da democracia pernambucana. Para Londres, Henry Koster, que deveria conseguir por intermedio de Hypolito da Costa o apoio do governo



britannico, e para a America, Cabugá, para obter munições e alliciar officiaes francezes banidos pela restauração.

O sonho era grandioso e nada se queria descurar agora para tornal-o em realidade. Em tres Estados tremulavam já o pavilhão da Republica com as suas côres —brança e azul—uma, symbolizando a paz, e outra, o limpido céu dos tropicos, com as suas tres estrellas no alto, a cruz symbolica, e o sol que illuminaria o rosso futuro livre. Ah! mas ai! delles, este sol sò nasceu para ter uma aurora de tres mezes e se esconder finalmente, num rastro de sangue sem nunca lhes ter dado as claridades magnificas de um meio dia equatorial.

«In hoc signo, vinces»! Do alto gritou a voz do imperador Constantino e lhe foi mostrada a cruz resplandecente nos céos, como um documento de victoria. «In hoc signo vinces»! exclamo eu tambem, apresentando-vos este sacrosanto estandarte e confiando-o ás vossas mãos! Seguio-o. Elle vos conduzirá ao caminho da honra, da independencia e da liberdade! Não vos excitarei a ser valorosos, vós já o sois, o mundo vos conhece. Duas coisas somente vos recomendo; disciplina e união. A disciplina é a origem dos grandes feitos; a união é a fonte de todos os bens e o vehiculo exclusivo da força dos Estados. Patriotas, escudados por esta bandeira, não tenhaes medo nem dos escravos do norte, nem dos sertanejos do sul! Eu mesmo, se vos faltar chefe, sahirei á vossa frente. tendo-me por mais feliz morrer com homens livres do que viver com vis escravos».

Assim com estes assomós gongoricos e convencidos, fallou ao povo e á patria na manhã de 28 de março o Deão da Sé, Bernardo Luiz Ferreira Portugal. E... dois mezes mais tarde a Republica expirava e a bandeira que mal servira para acalentar um sonho era o sudario consoladar de tantos bravos!

Os dias de libertação passaram celeres como um sonho bom. A reacção foi prompta e terrivel e o desbarato doloroso e completo. Começou então o exodo para a morte. O padre João Ribeiro, desesperado de fazer victoriar por mais tempo a causa da liberdade



após dois dias de marchas forçadas:—do Recife a Paulista para onde fugiram os revoltosos—a pé, de sacco e carabina ás costas, faminto, exangue e inconsalavel, suicidava-se, enforcando-se.

Miguelinho, que ficara em Olinda destruindo papeis para salvar a vida de muitos companheiros, preso, seguia logo depois para a Bahia aonde hia juntamente com Domingos Martins e José Luiz de Mendonça resgatar com a morte a loucura de muito sonhar com liberdades.

No Recife era José de Barros Lima, o vigario Tenorio, Rabello e Theotonio Jorge as victimas dolorosas dessa insurreição.

Particularizar os martyres, as torturas, as infamias praticadas nas victimas illustres; mãos espostejadas e exhibidas, como pendurucalhos pelas pontes, cabeças exhumadas e desfeitas pela putrefacção espetadas em varões pelas praças e hidiondezes peculiares a estas reacções violentas, é impossivel porque tudo foi, profusamente, praticado a bem da ordem publica e da justiça de El Rei.

Não sei se naquelle momento, como affirmava o arroubo patriotico do orador sacro intregando a bandeira da Republica nas mãos do povo, o mundo os conhecia, a estes revoltosos abnegados, mas, se não os conhecia ainda, ficou desde então sabendo até que ponto chegaria a obsessão de um heroismo beirando na loucura.

Porque se outras cousas não vissem bastaria para empolgal-o a Odysséa de sangue com que as almas magnificas daquelles heroes, ao morrer, faziam, serenamente, phrases que bem poderiam servir de legendas viris para estandartes de raças fortes.

Ouvi o padre Roma; "Camaradas, eu vos perdôo a minha morte. Lembrae-vos na pontaria que aqui (pondo a mão no coração) é a fonte da vida. Atirae." E Rabello: "Viva a patria", e Barros Lima, "Patricios, a morte não me aterra; aterra-me a incerteza do juizo dos posteros. Deixo um filho em tenra idade; elle é vosso. Não o abandoneis; ensinae-lhe o caminho da virtude e da honra: e Miguelinho e Domingos Martins e em todos estes bravos e em cada delles a morte

foi um legado de heroismos e um incentivo de liberdade para todos nós. A revolução fracassou e era talvez mesmo de desejar que fracassasse para que não se fraccionasse a Nação, não se compromettesse a homogeneidade de um Brazil uno e futuramente prospero, mas a lição de civismo, esta heroicidade magnifica de intrepidez e loucura pelos ideaes de liberdade e bastaram para abençoal-a. Elles traçaram no seu sangue quente o esboço politico do Brazil futuro e foi este o seu grande merito.

Foram os precusores loucos da independencia, da abolição e da Republica. e isto só valeria para glorificar-os no coração da patria.

Elles são ainda hoje com os seus companheiros de outras éras os deuses lares de nossas liberdades e das nossas aspirações de triumpho.

Bem sei que o velho e cauto bom senso e o arguto espirito pratico condemnam e não raras vezes com razões estes movimentos aborticios. Se não sabiam conspirar e concluir um movimento victorioso então mil vezes não o tentassem nunca, deixassem as cousas como as cousas eram e não fossem sommar ainda a um mal um outro mal maior, desperto pela sêde de vingança.

Como parece dolorosamente verdadeira a moral desta philosophia, ás vezes! Como o mal futuro produzido por uma intervenção desastrada é dilacerante e terrivel!

Cervantes, que foi uma das creaturas que mais soffreram sobre a terra, dá-nos um exemplo de uma verdade triste, absoluta. No seu cavalheirismo apparentemente humoristico e banal mas cruciantemente profundo de symbolo da dor humana ridiculisada e nobre que busca vencer o irremediavel e sanar a incuravel maldadé dos homens. D. Quixote encontre um pobre diabo arquejante de trabalhar gemendo sob o azorrague do senhor e, com a generosidade ingenua de protector dos fracos, grita, esbraveja, combate desbarata e liberta o infeliz. Mas, oh! desolação! Mal voltou as costas, convicto do seu triumpho, o desgraçado, novamente seviciado e, agora então, com toda a maldade de um senhor offendido e vingativo, reentra



dolorosamente a trabalhar, a apanhar e a gemer. Mas ainda que assim seja, ainda que essa allucinação tivesse despertado uma violencia maior, uma crueldade mais requintada contra as aspirações liberaes, foram elles proprios as victimas sublimes do seu sonho de justiça. Depois não fossemos nós tão ciosos dos nossos direitos tão bulhentos, e não teriamos uma historia tão cheia de lances magnificos, tantas reliquias, e talvez nem mesmo este Instituto, o grande, amor das tradições liberaes e, por certo que esta não terieis vós, a massada deste discurso.

O 6 de março não nos deu resultados immediatos, mas era sufficiente aquelle programma de governo o heroismo dos seus dirigentes e se quizessem mais bastaria mostrar-vos a arca do thesouro encontrada intacta pelo governo real. Fugiram sem levar um ceutil porque os seus designios eram unicamente a felicidade da patria. Eram uns ingenuos, mas ingenuos sublimes aos quaes para felicidade nossa, que possam sempre imitar os avizados e praticos.

Precisamos glorificar os nomes destes heroes sem lhes procurar diminuir o merito nas deducções da razão pratica. Elles valem pelas maiores lições de civismo que daremos ao nosso povo. Se vencessem talvez o Brazil se desmembrasse e perdessemos a possibilidade de uma futura patria grandiosa e una. Mas glorifiquemol-os, como os senhores das nossas liberdades, os aspiradores benemeritos da nossa felicidade nacional.

Eduquemos a nossa gente apontando-lhe na nossa historia as paginas cruentas escriptas pelo sangue dos nossos martyres. Demos-lhe a venerar as memorias insignes de padre Roma, Leão Coroado, Miguelinho e todos esses evocadores magnanimos da autonomia e da felicidade da patria, porque elles serão os revigoradores da vitalidade nacional. Quando soubermos a nossa historia e cultivarmos a memoria dos nossos maiores seremos capazes de constituir uma nacionalidade triumphante, porque nos sentiremos ligados pela mesma tradição gloriosa, solidarios pelos mesmos ideaes de liberdade, cooperando para o mesmo futuro e para os mesmos grandiosos destinos. E, sobretudo não nos



esqueçamos nunca que nada se faz nem se fará sobre a terra sem luta e sem persistencia no esforço. A Independencia, a Abolição e a Republica, estas tres conquistas conseguidas sem sangue e sem batalhas, como um exemplo unico na historia dos povos, serto uma cousa illogica e absurda, ao menos nesse mundo dos mortaes, se não tiveramos a justificar-as as lutas, as angustias, heroicidades e o sangue de martyres como esses. Foram elles os marcos sangrentos desta glorificação das aspirações do Povo.

Ninguem é livre se o não merece ser. A liberdade é uma recompensa e não uma dadiva do céu. Sem 17 talvez não houvesse 24 e sem 24 e 17 nem abolicionistas nem republicanos conheceriam a alegria dos triumphos serenos.

Salvemos 6 de Março.

— — —  
 Não havendo quem mais se utilisasse da palavra, o presidente agradeceu a presença dos que honraram a festa patriotica em homenagens aos heroes republicanos e incitou a mocidade, especialmente, a venerar os patriotas que engrandeceram a nossa historia.

— Do Instituto estiveram presentes :

D. Luiz de Brito, presidente; dr. Mario Melo, 1.º secretario; commendador Cunha Porto; 2.º secretario; drs. Carneiro Leão e Pedro Ceiso, oradores; Antonio da Cruz Ribeiro, thesoureiro; commendadores José Ferreira Baltar e A. J. Barbosa Vianna, deputado Netto Campello, d. Isabel Gondim, dr. Enéas de Lucena, majores Manoel Carvalheira e Sant'Anna Araujo e coronel Manoel Soares Brandão.

— Durante a solemnidade tocaram duas bandas de musica—uma do exercito e outra do corpo policial.



## Confederação do Equador

A 24 de Julho de 1915 realisou o Instituto Archeologico uma sessão solemne em commemoração ao movimento republicano de 24 de Julho de 1824—revolução que tentou implantar em Pernambuco e nas provincias do norte que lhe eram tributarias, o regimen proclamado no Brazil a 15 de Novembro de 1889.

O Instituto estava com ornamentação especial, enfeitado de bandeiras,—trabalho da casa Agra & Comp.

Na entrada e no recinto tocavam duas bandas de musica—uma da policia cedida pelo general governador do Estado e outra do exercito, por gentileza do commandante interino do districto.

A sessão foi presidida por s. excia. d. Luiz de Brito, arcebispo de Olinda, tendo por secretarios o dr. Mario Mello e o major Sant'Anna Aranja.

A's 13 horas e meia o presidente abriu a sessão com um breve discurso, naquella palavra facil e brilhante que convence e enthusiasma.

Disse s. excia. que o velho Instituto Archeologico era uma sentinella da historia de nosso Estado, sempre a posto para clarear os horisontes ás gerações que se levantam, mostrando-lhes o brilhante passado de Pernambuco.

O dia 24 de Julho é para todo o brasileiro uma data festiva. Dá o testemunho do espirito liberal de Pernambuco, com aquelles impetos que lhe valeram o cognome de Leão do Norte.

Tem satisfação em ver que a mocidade comparece ás solemnidades patrioticas de nossa terra.

Ella ahi está ouvindo-o, procurando ensinamentos. E' para ella que o Instituto trabalha. Ensina-lhe a historia de nossos maiores, para que seja transmittida ás gerações porvindouras.

Convida o orador official a occupar a tribuna.

Depois de uma salva de palmas ao brilhante discurso de mosenhor Brito, do qual damos apenas pallido resumo, o conego Pereira Alves proferiu a seguinte oração:

«Exm.<sup>o</sup> Revm.<sup>o</sup> Sr. Presidente.—O grande Osorio, o grande, o sobre-natural como o chamavam, dizia que antes do combate mais d'uma vez ouvira o tinir das esporas. Era o pavor secreto e mysterioso das perspectivas da guerra. Na lucta todos eram leões. E' essa extranha emoção, invisivel mas muito real que eu experimento agora ao subir esta tribuna onde tantos talentos hão relampejado. Soldado noviço n'esta



forma de prelios oratorios, eu me sinto apoucado n este recinto, ornado das figuras mais distinctas do nosso meio social, distinctas pela autoridade, pelo merito, e por essa invejavel nobreza de espirito que é a illustração. Senhores, escolhido pelo Instituto para ser o orador official desta festa commemorativa da memoravel Confederação do Equador, educado n'uma escola que faz do dever a substancia da vida, eu meus senhores eu que para dizer com o poeta, fallo baixo, humilde e rudo, vim ser a sombra que realçasse o colorido desta solemnidade. Eu me entrego a essa bondade irradiante que é a moldura de nossas bellas almas.

Senhores, a Confederação do Equador, aspiração fulgurante d'um punhado de bravos!

Senhores, eu não sei, talvez mesmo eu não queira dizer como explodiu esse vulcão, como se derramou essa lava, como rebentou esse incendio.

«Habitantes das Provincias do Norte! gritou Manoel de Carvalho Paes de Andrade, agitando a flammula revolucionaria. A Providencia que vela constantemente sobre a nossa felicidade continua a encamiuhar tudo, para que mais facilmente possamos conseguil-a.

Não satisfeito S. M., Imperial de ter despotica e atrevidamente dissolvido a Soberana Assembléa Constituinte e Legislativa do Brazil; de ter atacado d'esta sorte a soberania nacional em as augustas pessoas dos seus representantes procurando assim decidir-uos e animando o rei de Portugal para vir atacar os nossos lares; depois de nos haver exposto a uma guerra injusta e iniqua, bem que estejamos certos da victoria: agora Brasileiros! Quem tal pensará! Agora

que nos vê expostos as bayonetas e canhões portuguezes, S. M. I. manda reunir todas as suas forças á capital, afim de defender somente a sua pessoa, e desampara aquelles mesmos que o elevaram ao throno e lhe puzeram na cabeça a crôa imperial.»

E' assim o grito patriotico da nova Republica do Equador.

Dissolvendo a Constituinte teria pretendido o Imperador restaurar o obsolutismo? Seria o mesmo trahidor e perjuro que desejava reconduzir o paiz ao dominio colonial? Talvez que não: tudo parece autorisar-nos a dizer que não.

Como quer que seja, Senhores na febre revolucinaria que em 1824 se apoderou da alma pernambucana, eu vejo esse amor sublime e sempre invencivel da patria, da liberdade, da justiça que creou os marechaes, os semi-deuses de nossa grande historia.

Ah! é sempre com uma especie de respeito sacro que eu olho para esses archanjos guerreiros da minha terra! Quanto mais decorrem os annos, mais avulta a sua grandeza homerica, com os heróes das antigas legendas. Os seus nomes ficaram para sempre gravâdos nos dispticos da patria agradecida, immortalizados n'uma tradição augusta, vivos, perennemente vivos no coração immenso d'um povo, nutrido, como um leão, do sangue dos seus martyres. Mas quem os faz assim grandes, heroicos, quasi sobrenaturaes? Quem os faz senhores?

O Patriotismo, essa sede ardente de justiça, de liberdade, de independencia, de progresso para o torrão natal. O Instituto Archeologico e Historico de Pernambuco, instituindo no programma



de sua já tão fecunda actividade sócia a selemne commemoração das maiores datas pernambucanas, não quer afinal resuscitar os clarins de nossas victorias ou gemer, como velho e attribulado bando oriental, lacrimose e prolongado thema sobre victimas gloriosas de sua terra.

Não! Senhores. Penso, todos nós pensamos, que o Instituto abre o santuario das glorias do nosso querido Estado, não simplesmente por ser o claviculario fidelissimo do nosso thesouro historico, mas para lembrar ao povo que elle deve se nutrir como Achilles da medula do Leão, dos exemplos inestimaveis de civismo, que são o brilhante legado dos seus avoengos.

Senhores. Eu não tenho sympathia alguma por essa extranha theoria humanitaria e cosmopolita.

Em Roma e na Grecia só havia o cidadão. O Estado, eis a divindade. Platão na sua Republica absorve inteiramente no amor da Patria os grandes sentimentos da familia e da humanidade.

Contra esse «chauvinismo» reagiu a concepção estoica, forma ideal e vaga que aniquilla as civitas para exultar exclusivamente a humanidade. E' n'este sentido que Senéca dizia: «Patria mea totus mundus est». As doutrinas humanitaristas espalhadas no seculo desenove proclamaram o dogma da fraternidade universal, e fundando o internacionalismo, chamavam de egoista o amor sagrado da Patria. Não ha mais fronteiras entre os povos, não ha muitas patrias ha uma só patria: a humanidade. Traduzindo taes idéas, canta Lamartine na «Marseilaise de la paix» o hymno da humanidade: Chacun est



du pays de une intelligence; Je suis concitoyen de tout homme que pense.

La verité c'est mon pays.»

Por mais bellas e reductorias que pareçam essas theorias cosmopolitas, jamais poderão ellas apagar no coração do homem a flamma do amor da patria, extinguir esse instincto sublime que identifica o homem com o solo que o viu nascer, com o sol que o beijou pela primeira vez com essa alma mysteriosa das montanhas e dos valles, das selvas, povoados de rumores, e dos campos, coroados de flores, alma das cousas de sua terra.

E quand' penso que a Patria não é somente essa gleba, vestida de galas como uma noiva enamorada pelas estrellas do mais bello céu do mundo mas é sobretudo a raça, a lingua, a communhão dos interesses e dos costumes, a religião, a historia constituindo aquillo que os juristas chamaram de «alma commum» de uma nacionalidade, então, Senhores, comprehendo melhor quão digno e alevantado é o sentimento patriótico que ama a sua terra até o sangue semodiar a patria dos outros.

O patriotismo não é, pois, exclusivista; não é tambem uma pura abstracção do espirito. A idéa de patria e o amor apaixonado que ella desperta, constituem uma das mais bellas formas do pensamento e do coração humano.

A paixão patriótica forma na paz os mais formosos presentes de fecundo labor tranquillo como na guerra, acordando as energias latentes do povo, improvisa os heroismos, as dedicações supremas, e revela milagres de força e de incomparaveis sacrificios.

E' que a patria é realmente a mãe fecunda  
de que nos falla Gautier em seus bellos versos:

Patrie aux flances feconds, sainte mère des hommes ;  
Ce que furent jadis nos pères nous le sommes ;  
Et tout sang généreux qui fit tant de vainqueurs.  
N'a pas perdu sa pourpre carlant dans nos coeurs.

Senhores, tal foi a paixão nobilissima dos  
sonhadores da Confederação do Equador, Crear  
uma democracia onde houvesse liberdade, pro-  
gresso, justiça para uma terra de leões, era o  
ancejo republicano de 24.

O acto de força do Imperador dissolvendo  
a Constituição, a outorga d'uma constituição que  
lhes parecia a negação da soberania nacional, a  
ameaça de uma recolonização do Brazil deter-  
minaram a explosão do espirito revolucionario  
que, reprimido em 1817, continuava sempre a  
trabalhar a alma pernambucana.

O Presidente, nomeado a 24 de Abril pelo  
governo imperial, receou tomar posse da Pro-  
vincia e pediu a Manoel de Carvalho Paes de  
Andrade que continuasse a presidir aos destinos  
de Pernambuco.

Na presidencia com rara habilidade activou  
e desenvolveu Paes de Andrade o espirito repu-  
blicano.

Os acontecimentos pela logica ineluctavel  
das cousas d'então se precipitaram e estalou a  
revolução.

Foi como o furacão que enlouquece o oceano,  
violenta, tumultuosa e rapida como a tempestade,

Proclamações de fogo estimularam os brios populares e os aventureiros d'essa jornada atraídos, hypnotizados pela visão radiosa d'uma republica ideal, convidaram as provincias vizinhas para uma Confederação forte e pujante que realisasse as prophcias entusiasticas da inspiração republicana, que realisasse os destinos grandes do Brazil. Sobre a data precisa d'esse memoravel levante diversamente opinam os mestres da nossa historia. «Auctores utro que trahunt.»

Nas paginas fortes da Revista do Instituto ao leitor curioso se deparam estudos pacientes que fixam a data do grande movimento no dia 2 Julho de 1824, recusando-se a hypothese official de 24 do mesmo mez. As actas do Veneravel Cabido de Olinda deixam externar a verdade desse juizo historico.

Em Abril se reuñem os Capitulares olin-denses para decidirem si a Provincia está ou não rebellada, e, concluindo pela negativa, resolveram que se dirijam á Magestade Imperial supplicas pelo povo que tanto o amava. A seis de Julho de 1824, porém, se congregam na forma do estylo os reverendissimos conegos de Olinda para tomar conhecimento d'un officio do Vigário Capitular no qual esta autoridade pede ao illustrissimo e reverendissimo cabido um logar de segurança para as preciosidades da Mitra, devido ás circumstancias do tempo, o que parece significar uma anormalidade excepcional ou a revolução proclamado.

Como quer que seja a 2 ou a 24 se esquentta a onda revolucionaria. Que foram os dias republicanos de 24, vós não o ignoraes: dias de esperanças, dias de resistencias desesperadas, dias



de morte e de lucto. Os elementos resistentes cederam ás forças imperiaes e Lima Silva, coronel commandante da expedição contra os revolucionarios, occupa na madrugada de 17 de Setembro o bairro do Recife, com as fortalezas do Brum e do Buraco, apoderando-se, logo de Olinda. Pernambuco capitulava, que fariam mais os irmãos adhesistas do Norte.

E assim se desfez o sonho, como miragem seductora e vã, dos heroes de 24. O Sol de tão grandes e fagueiras esperanças, de promessas tão brilhantes, assim agonisou tão breve em um poente avermelhado pelo sangue dos paladinos da liberdade patria.

Oito revolucionarios são levados á força pela commissão militar. Outros, embora condemnados, foram perdoados ou escaparam, fugindo ao supplicio, indo cantar em terra extranha os hymnos da Patria, como Natividade Saldanha, o poeta da Confederação do Equador.

Entre os patriotas de 24, se destaca a figura legendaria do carmelita Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, intelligencia polymorpha e coração incindido de extraordinarios ardores patrioticos. Por não se encontrar quem lhe quizesse servir de carrasco, morre fuzilado, imperturbavel e com aquella serenidade com que affrontara a morte nos combates de 1817.

E tal foi o epilogo ensanguentado, o desfecho lugubre da sonhada Confederação do Equador.

O que resulta de tudo isto, de todos esses esforços epicos de Pernambuco é a grande missão da fé patriótica no progresso da terra natal, de esperança n'um porvir glorioso e fecundo.

Senhores, eu não devo continuar a abusar

de vossa indulgentissima benevolencia, habituada a fallar, investida d'uma autoridade suprema, do alto dos pulpitos catholicas, termino sempre exhortando as multidões crentes e fervorosas. Isto aqui não é um pulpito; mas é tambem a tribuna onde se deve dizer a verdade.

Eu tambem agora me sinto elevado por uma autoridade que não é a minha mas que me vem nessa veneranda Instituição Pernambucana o Instituto.—Eu posso, pois dizer-vos :

Pernambucanos ! Religião, independencia, união, liberdade, eis as palavras que os herões de 24 gravaram na sua bandeira, azul branca e encarnada, no seu labaro de guerra. E justiça, deveriam ter accrescentado. Tirai a justiça disse um grande Padre da Egreja, S. Agostinho, que são os Estados ? grandes quadrilhas de salteadores.

Pois bem ! Pernambucanos: eis a herança dos nossos maiores : crear um Estado onde a imagem querida da Patria assente sobre o pedestal d'uma democracia una, religiosa, livre e independente, —Tenho dito.

Não havendo outros oradores, o presidente encerrou a sessão. Como o poeta mantuano, podia assegurar que o discurso do orador official saciara. Fôra completo. Satisfizera a todos.

Incita novamente a mocidade ao amor da patria. Os pernambucanos de hoje devem ser os marcos indicadores dos pernambucanos de amanhã, para guarda de nossas conquistas.

— A sessão compareceram os seguintes socios : d. Luiz de Brito, presidente, desembargador Primitivo de Miranda, vice-presidente, dr.

Pedro Celso orador, dr. Mario Mello, secretario, coronel Antonio Ribeiro, thesoureiro, conego Pereira Alves, padre Henrique Xavier, majores Manoel Carvalheira, Sant'Anna Araujo, tenente Ambrosio Leite e professor Gaspar Regueira Costa.

Entre os assistentes estavam os srs. José Tenorio de Lima, Osorio Tenorio de Lima, Braz Florentino Paes de Andrade, Ubirajara Correia dr. Adalberto Mações, Aristheu Accioly Lins, dr. Geraldo de Souza Paes de Andrade, Samuel Vieira, João Soares de Carvalho, dr. Hermogenes Vianna, Alcides de Barros Falcão, Adherbal de Mello Duarte, Isaac Magalhães, Herculanio Pires, Joel Galvão, G. Nobrega, José Arruda, Arnaldo Correia, João Maranhão e dr Ladisláo Cavalcanti,





# *Actas das sessões*

SESSÃO ORDINARIA EM 31 DE MAIO DE 1906

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, substituindo o 1.º Secretario, Pereira da Costa, Guedes Alcoforado e os Srs. Rocha Pereira e Mendes Martins occupando a cadeira do 2.º Secretario abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou as seguintes ofertas:

Pelo Archivo Publico Mineiro um volume de sua Revista.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa dous numeros do seu Boletim.

Pelo Instituto Geographico e Historico do Rio Grande do Norte um volume de sua Revista.

Pelo Dr. Vicente Ferrer um folheto A execução de Silvino de Macedo. Estudo Critico e Historico.

Pelo consocio professor Rocha Pereira uma collecção completa do periodico «Gremio das Professores Primarios».

Pelo consocio Dr. Nelson de Senna um volume «Votos e pareceres» do Sr. Conde de Prados.

Pelas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido, discutido e approvedo o parecer da commissão de fundos e orçamentos cobrindo os balancetes da receita e despesa do Instituto nos quatro trimestres de janeiro a dezembro de 1905, apresentados pelo Sr. Thezoureiro, bem como foi tambem lido, discutido e approvedo o orçamento offerecido pela referida commissão da receita e despesa no corrente anno social de 1906 a 1907.

Foi egualmente apresentado um parecer da commissão de admissão de socios e correndo o escrutinio secreto foram approvedos para socios effectivos os Srs. Tenente Coroneis Eduardo Augusto da Silva e Alberto Gavião Pereira Pinto e para socios correspondentes os Srs. Augusto Porto Alegre e Domingos Joaquim da Fonseca.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa*

Presidente.

*Aprigio Garcia*

1.º Secretario..

*Sebastião Galvão*

Substituindo o 2.º Secretario.

SESSÃO ORDINARIA EM 28 DE JUNHO DE 1906

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia, 1.º Secretario Alfredo de Carvalho, Pereira da Costa, Rodolpho Garcia, professor Rocha Pereira e Dr. Sebastião Galvão, occupando a cadeira do 2.º Secretario abriu-se a sessão

Lida a acta da antecedente foi approveda.

O Sr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente.

Uma circular do Instituto Historico e Geographico de Curitiba remettendo a relação dos membros de sua directoria do corrente anno social. Mandou-se agradecer.

Uma dita da directoria do Instituto dos advogados do Amazonas communicando a fundação do mesmo Instituto na cidade de Manáos. Mandou-se agradecer a communicação.

Offertas :

Pelo Museu Nacional de Buenos Ayres um volume de seus Annaes.

Pela Secretaria de Fomento, Colomnizacion e Industria do Mexico um folheto—Paregones do Instituto Geologico.

Pelo club de Engenheiros de minas de Lima um exemplar do seu Boletim.

Pelo Instituto do Ceará o tomo XX de sua Revista Trimensal.

Pela associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco do Memorial que ao Exm. Sr. Dr. Afonso Penna apresentou sobre as necessidades do Commercio deste Estado.

Pela Academia Paraense um volume de sua Revista.

Pelo consocio Dr. Vicente Ferrer um folheto—Seitas Protestantes em Pernambuco.

Pelas redacções as Revistas Ad Lucem, Theatral de S. Paulo e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Lido e approvedo um parecer da commissão de admissão de socios correu o excrutínio secreto e foram approvedos para socios correspondentes os Srs. Dr. Gonzaga Duque Estrada e Francisco de Moraes Correia.

Findo o expediente o Sr. Presidente communica que o Instituto foi visitado pelo Exm. Sr. Conselheiro Afonso Penna, o qual percorrendo todo o edificio mostrara-se satisfeito do que observara.

Outrosim, submette a approvação da caza o seu acto offerecendo em nome do Instituto ao presidente



da Republica um exemplar em prata da medalha que esta associação mandara cunhar para commemorar a lei de 13 de Maio de 1888, que aboliu a escravidão no Brasil.

Foi approvedo o acto do Sr. Presidente.

O Sr. Dr. Alfredo de Carvalho communica que a commissão incumbida de felicitar ao Sr. Conselheiro Affonso Penna, por occasião de sua passagem por esta Capital e levar-lhe o diploma de socio honorario, cumprio o seu dever perante o Sr. Dr. Secretario geral do Estado, visto achar-se na occasião o mesmo Sr. Conselheiro fóra de palacio em visita a diversos estabelecimentos publicos.

Veio a meza uma proposta do Dr. Aprigio Garcia, 1.º Secretario, para que na proxima reimpressão de alguns numeros da Revista se tirassem avulsos os - Dialogos das grandezas do Brasil.

Por intermedio dos consocios Drs. Aprigio Garcia e Sebastião Galvão, justificaram a sua auzencia ás sessões do Instituto os socios Arthur Lewin e Antonio Vicente Pereira de Andrade.

Nada mais havendo a tratar se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa*  
Presidente.

*Alfredo de Carvalho*  
Servindo de 1.º Secretario.

*Rodolpho A. de A. Garcia*  
Servindo de 2.º Secretario.

SESSÃO ORDINARIA DE 2 DE AGOSTO DE 1906

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs, Drs. Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, substituindo o 1.º

Secretario, que não compareceu, Rodolpho Garcia, occupando a cadeira do 2.º Arthur Muniz, Pereira da Costa e o Sr. Domingos Fonseca abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente.

Um officio do Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia remettendo a relação dos membros da sua directoria no corrente anno social. Mandou-se agradecer.

Offertas :

Pelo Archivo Publico Nacional tres volumes de suas funcções.

Pelo Ministerio da Industria Viação e Obras Publicas um Boletim mensal.

Pela Intendencia Municipal do Rio de Janeiro um dito.

Pelas respectivas Redacções 13 numeros da Revista—Brazilian Engineering, um da Revista Militar um da Illustracion Militar e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Pelo consocio Dr. Arthur Muniz uma corôa imperial retirada do salão de hora da Faculdade de Direito do Recife.

Pelo Sr. Salgado, por intermedio do Dr. Pereira da Costa, um triangulo de ferro com as armas imperiaes.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Dr. Arthur Muniz communica que a commissão de que fez parte, incumbida de representar o Instituto no embarque do Dr. Clovis Bevilaqua, desempenhou-se de sua incumbencia.

Igual communicação do Dr. Alfredo de Carvalho, com relação á commissão que foi nomeada para receber o consocio Dr. Joaquim Nabuco Inteirado.

Em seguida e por lembrança do Dr. Arthur Muniz, foi proposta pela meza administrativa e approvada pelo Instituto, por escrutinio secreto a elevação do Dr. Clovis Bevilaqua a socio honorario.

O Sr. Presidente saudou ao socio recentemente eleito Domingos Joaquim da Fonseca pela sua admisión no gremio do Instituto.

O Sr. Fonseca agradecendo a distincção com que o honrara o Instituto, passou a ler uma memoria historica da Condessa do Barral e ao terminar a leitura foi felicitado pelos socios presentes, sendo o seu trabalho remettido á commissão de Redacção para os fins convenientes.

O Dr. Alfredo de Carvalho communica que já estão em circulação os ns. 61 a 64 da *Revista do Instituto*.

Por ultimo o Sr. Presidente declara que uma commissão da Sociedade Litteraria «Bernardo Vieira de Mello» viera canvidar o Instituto para se fazer representar na romaria que pretende fazer ao tumulo do Dr. Martins Junior no dia 22 do corrente; pelo que nomeava uma commissão composta dos Drs. Arthur Muniz, Bianor de Medeiros e Rodolpho Garcia, para responder ao convite.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa.*

Presidente

*Augusto Cesar da Cunha.*

Substituido o 1.º Secretario.

*Sebastião de V. Galvão.*

Servindo de 2.º Secretario.

-----  
SESSÃO ORDINARIA 16 DE AGOSTO DE 1909

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, Rodolpho Garcia Coelho Leite, Pereira da Costa, Alfredo Gama, Major Augusto Cesar substituindo o 1.º Secretario, Sebastião Galvão, occupando a cadeira do 2.º Secretario, abrio-se a sessão, sendo lida e approvada acta da antecedente.



O 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente :

Um convite da directoria do Gabinete Portuguez de Leitura para o Instituto se fazer representar na sessão solemne anniversaria da fundacção da bibliotheca do Gabinete no dia 15 do corrente.

O Sr. Presidente declara que para corresponder ao convite nomeara uma commissão composta dos Drs. Coelho Leite, Bianor de Medeiros e Commendador Barbosa Vianna.

O Dr. Coelho Leite communica que a mesma commissão desempenhara-se de sua incumbencia.

Offertas :

Pela secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas de S. Paulo um volume—Notas sobre as plantas exoticas introduzidas no Estado de S. Paulo, um boletim do horto botanico.

Pelo Sr. R. Filho de Mendonça um volume—Documentos del General Cypriano Castro.

Pela Sociedade Geographica Romana um exemplar do seu Boletim.

Pelos Srs. Antonio de Godoy e Alberto de Souza um pequeno volume—Excursão á Ilha dos Busios.

Pelo Capitão de Mar e Guerra Antonio Alves Camara um folheto—Manganez do Estado da Bahia.

Pela Redacção um numero do Cosmo.

Um folheto a um mappa El Ibero Afro Americano e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Sr. Presidente saudou ao Dr. Alfredo Gama pela sua admissão no gremio do Instituto o que o mesmo Dr. agradeceu promettendo prestar a Associação os serviços que estiverem ao seu alcance.

O Dr. Pereira da Costa, obtendo a palavra, um trecho da chronica de Pernambuco, que elle está escrevendo, referente á rua do Cabugá.

Mandou-se publicar.

O Dr. Sebastião Calvão disse que estando de viagem para a capital de Federal, vem trazer sua despedidas ao Instituto, a cada um dos consocios em particular a offerecer-lhes ali os seus prestimos

O Sr. Presidente agradecendo em nome do Insti-

tuto, nomeou uma commissão composta dos Drs. Arthur Muniz, Alfredo de Carvalho e Pereira da Costa, para acompanhar o digno consocio ao seu embarque.

Por ultimo o Sr. Presidente deu sciencia ao Instituto do seguinte telegramma recebido da Capital Federal.

•Regueira—Instituto Archeologico—Recife.

Quotas posteriores março dependentes recolhimento loterias—Celso.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa.*

Presidente.

*Joaquim P. da Rocha Pereira.*

Servindo de 1.º Secretario.

*Rodolpho Garcia.*

Servindo de 2.º Secretario

SESSÃO ORDINARIA DE 30 AGOSTO DE 1906

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, Pereira da Costa, Augusto Cesar, substituido o 1.º Secretario, Rodolpho Garcia, occupando a cadeira do 2.º e o Sr. J. W. de Medeiros, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1.º Secretario mencionou as seguintes ofertas :

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados. que se mandou archivar e agradecer.

Findo o expediente o Sr. Thesoureiro communica que a suspensão da subvenção federal, desde abril até a presente data, em consequencia do não recolhimento do producto das loterias, com que é o Instituto Subvencionado, o tem privado de occorrer ás suas despesas ordinarias; pelo que propõe que tome qualquer resolução no sentido de melhorar este estado de cousas e para isso lembra que se contraia um emprestimo de tres contos de réis caucionando-se para esse fim tres ou quatro das apolices do Instituto.

Discutido o assumpto foi unanimemente approved e por nada mais haver a tratar levanta-se a sessão.

*João B. Regueira da Coeta.*

Presidente.

*Augusto Cesar da Cunha.*

Substituindo e 1.º Secretario

*Alfredo de Carvalho.*

Servindo de 2.º Secretario.

SESSÃO OEDINARIA DR 20 DE SETEMBRO DE 1906

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Dr. Regueira Costa, Augusto Cesar substituindo o 1.º Secretario, Rodolpho Garcia occupando a cadeira do 2.º, Monsenhor Estanislau de Carvalho, Drs. Braz de Souza, Alfredo de Carvalho e Pereira da Costa, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approveda.

O Sr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Dous officios do Dr. Director da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro communicando existirem naquella Repartição oito pacotes de publicações procedentes do estrangeiro destinados ao Instituto.



Mandou-se pedir que fossem remettidos á esta Associação.

Offertas:

Pelo Ministerio de Fomento tres Boletins do Club de Engenheiros de Minas do Perú.

Pelas redacções dous numeros do Commentario e da Revista do Ministerio de Colonisação de Agricultura de la Paz.

Pelo autor o Dr. Paul Ehrench um volume—Die Mythen un segenden der Sudamerikanischen Urvolker.

Pelas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Findo o expediente o Dr. Pereira da Costa, obtendo a palavra, passou a ler o artigo da sua Chronica Pernambucana referente á origem do nome de Olinda.

Finda a leitura foi o mesmo Dr. felicitado pelos socios presentes.

Por ultimo o Sr. Presidente communica que, tendo o Instituto recebido convites para se fazer representar na inauguração do retrato do Dr. Gervasio Fioravante, na Faculdade de Direito, e na conferencia que a officina Litteraria Martins Junior vai realizar ás 7 horas da noite do dia 22 do corrente, nomeara para representar o mesmo Instituto, nas duas solemnidades uma comissão composta dos Drs. Arthur Muniz, Alfredo de Carvalho e Rodolho Garcia.

Nada mais havendo a tratar foi levantada a sessão.

*João B. Regueira da Costa.*

Presidente.

*Augusto Cesar Cunha.*

Substituindo o 1.º Secretario.

*Alfredo de Carvalho.*

Servindo de 2.º Secretario.

SESSÃO ORDINARIA DE 25 DE OUTUBRO DE 1906

*Presidencia do Sr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Dr. Regueira Costa, Monsenhor Estanislau de Carvalho, Pedro Celso, Allredo Gama, Arthur Maniz e os Srs. Augusto Cezar substituindo o 1.º, Secretario Alfredo de Carvalho occupando a cadeira do 2.º e J. W. de Medeiros, abriu-se a sessão.

Lida acta antecedente foi approvada.

O Sr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente :

Um officio do 1.º Secretario do Gremio Litterario Scientifico de Floresta dos Leões communicando haver procedido a eleição dos membros de sua directoria do corrente anno social e remettendo a respectiva relação acrescentando que tivera lugar a fundação da mesma Sociedade em 16 de Agosto do corrente anno.

Mandou-se agradecer a communicação.

Offertas :

Pelo Instituto do Ceará um volume de sua Revista.

Pelo Sr. Rals Hiersemann um catalogo de livros.

Pela directoria da Agricultura viação e obras Publica da Bahia dous exemplares do seu Boletim.

Pelo Sr. Landato Rosalves um folheto. «Recepções notaveis.»

Pelas respectivas redacções as seguintes Revistas : *Palium, Aurora Espirita, Vera Cruz* diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi tambem mencionada a offerta da quantia de dez mil réis feito ao Instituto pelo Monsenhor Estanislau de Carvalho, que o Sr. Presidente declarou ter agradecido pessoalmente.

O Sr. Presidente communica ter nomeado uma commissão composta do Dr. Antonio Pedro, Monsenhor Estanislau de Carvalho e Pedro Celso, para se entender com o prefeito do municipio e o Conselho municipal do Recife, afim de conseguir não só o pagamento das subvenções votadas em favor do Instituto e

que cahiram em exercicios findos, como a consignaçoão, no orçamento que se esta elaborando, de uma nova subvenção que o habilite a fazer ás suas despezas.

Communicou ainda o Sr. Presidente haver o Sr. Governador do Estado mandado restituir ao Instituto a apolice federal de sua propriedade, que o ex-thesoureiro Dr. G. Eudoxio de Brito tinha illegalmente depositado do thesouro Estadual como garantia de uma fiança em favor do collecter do Rio Formoso.

Sob a proposta do mesmo Sr. Presidente approvou o Instituto que se lançasse na acta um voto de agradecimento ao Sr. Governador do Estado,

Em seguida ainda o Sr. Presidente deu sciencia ao Instituto de que por consideral-a prejudicial aos interesses da associação, deixara de cumprir a resolução de 30 de Agosto que autorisou o Thesoureiro a contrair um emprestimo caucionando para isso as apolices que fossem necessarias.

Discutido o assumpto ficou deliberado que se convocasse uma assembléa geral para resolver definitivamente o que fosse mais conveniente aos interesses do Instituto.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa.*  
Presidente.

*Aprigio Garcia.*  
1.º Secretario.

*Augusto Cesar da Cunha.*  
Substituindo o 2.º Secretario

SESSÃO DE ASSEMBLÉA GERAL EM 17 DE NOVEMBRO  
DE 1906

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Silva Marques, Phaelante da Camara, Arthur Muniz, Pereira



da Costa, Alfredo de Carvalho, Braz de Souza, Alfredo Freire, substituindo o 2.º Secretario, e os Srs. Soares Brandão, Walfredo de Medeiros e Rocha Pereira servindo de 1.º Secretario abriu-se a sessão.

Deixou de ser lida a acta da antecedente por não se achar sobre a mesa.

O Sr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente :

Um convite da Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes para o Instituto se fazer representar na sua festa anniversaria, que se realisará no dia 25 do corrente. Para corresponder ao convite foi nomeada uma commissão.

Uma circular do Dr. Juiz Municipal da Comarca de Abre-Campos, do Estado de Minas Geraes, communicando a fundação naquella cidade da bibliotheca Abrecampense e pedindo para ella as publicações do Instituto. Mandou-se satisfazer.

Offertas :

Pela Academia Cearense um volume de sua Revista.

Pelo Ministerio de Colonsacion e Agricultura da Bolivia. A Memoria que apresentou ao Congresso Ordinario de 1906.

Pelo Archivo Municipal de Curitiba um numero de seu Boletim.

Pela Redacção um exemplar da Revista Militar.

Pela Sociedade de Geographia de Lima um volume do seu Boletim.

Pelas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Findo o expediente o Sr. Desembargador Silva Marques communica ao Instituto que a commissão de que fizera parte incumbida de se entender com o prefeito do Municipio e o respectivo Conselho Municipal, sobre a concessão de uma subvenção ao mesmo Instituto e o pagamento das subvenções votadas em seus orçamentos anteriores, desempenhara-se da missão de que fora encarregada, obtendo em resposta que nenhuma duvida haveria em satisfazer a pretensão do

Instituto logo que melhorassem as condições financeiras do Municipio.

O Sr. Presidente explicando os motivos porque havia convocado a Assembléa Geral lê uma extensa exposição, declarando que deixava de dar comprimento á resolução do Instituto de 30 de Agosto, que authorisava o Sr. Thesoureiro a contrahir um empréstimo de trez contos de réis para pagamento de seus empregados e despesas no expediente, por considerá-la prejudicial aos interesses da sociedade, uma vez que para garantir esse empréstimo era mister caucionar as ultimas apolices que possuía.

Historiando as condições financeiras do Instituto desde o desfalque dado pelo ex-thesoureiro Dr. Eudoxio de Brito, mostra o Sr. Presidente que uma crise igual á que está pêsando actualmente sobre o Instituto, se manifestara ha alguns annos, vendo-se então a Sociedade obrigada a desfazer-se das apolices que caucionára para garantia do empréstimo que contrahira por que findo o prazo o credor exigira prompto pagamento do que lhe era devido, não sendo difficil de prever que o mesmo aconteça com o empréstimo que se pretende realisar, caso este em que alienando o resto do seu patrimonio ficará o Instituto na contingencia de fechar as suas portas após uma existencia de quasi meio seculo.

Passando-se a outra ordem de considerações, faz sentir o Sr. Presidente que visando principalmente a resolução de 30 de Agosto o pagamento dos empregados estes, e sobretudo o escripturario, com ordenados que estão em desproporção com os que percebem os de outras associações, nomeadamente o Instituto Historico Geographico Brasileiro, o qual dispondo de um patrimonio superior a cem contos e tendo uma renda de trinta contos, só despense com o seu escripturario um conto e oitocentos mil réis, quasi metade do que percebe o do Instituto Archeologico, cujo ordenado se eleva a trez contos e sessenta mil réis, sendo preferivel aguardarem os empregados o pagamento da subvenção federal, que se acha suspensa, a verem reduzidos os seus vencimentos ou a serem despedidos dos lugares



que occupam por não poder a Associação continuar a retribuir-lhes os serviços.

Resta em discussão a materia fallaram os Drs. Phaelante da Camara, que se pronunciou no sentido da realização do emprestimo, autorizado pela resolução de 30 de Agosto attento o motivo de ordem superior que o determinou.

Em seguida o Dr. Pereira da Costa propoz e o Instituto approvou que em vez do emprestimo o Sr. Thesoureiro ficasse autorizado a vender apenas tres apolices para pagamento do que se está a dever até hoje aos empregados.

Depois de algumas ponderações propoz o Dr. Alfredo de Carvalho que fosse suprimido o lugar de porteiro e reduzido o ordenado de escripturario de trez contos e sessenta mil réis para um conto e duzentos annuaes.

Esta proposta é approvada ficando prejudicada uma outra do Dr. Phaelante da Camara no sentido de serem conservados os dous empregados do Instituto com um abate razoavel em seus vencimentos.

Requerendo o Dr. Arthur Muniz votação nominal para a proposta do Dr. Alfredo de Carvalho esta lhe é concedida dando o seguinte resultado.

Respondem sim os Srs. Desembargador Silva Marques, Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho, Arthur Muniz, Soares Brandão e Alfredo Freire (6).

Respondem não os Srs. Rocha Pereira, Walfredo de Medeiros e Drs. Phaelante da Camara e Braz de Souza (4).

Ainda sob proposta do Dr. Arthur Muniz approvou o Instituto que se lançasse na acta um voto de louvor ao Sr. Odilon Tucuman pelo modo correcto porque desempenhou o lugar de porteiro ora extincto pela assembléa geral.

Fica por ultimo resolvido por indicação do Dr. Pereira da Costa, que depois de pagos os empregados dos seus vencimentos atrazados concorra cada socio com quantia de dez mil réis mensaes para pagamento do Escripturnario até que melhoradas as condições financeiras do Instituto possa este retribuir-lhe os serviços



de accordo com a reducção que acaba de ser decretada pela Assembléa geral.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa.*

Presidente.

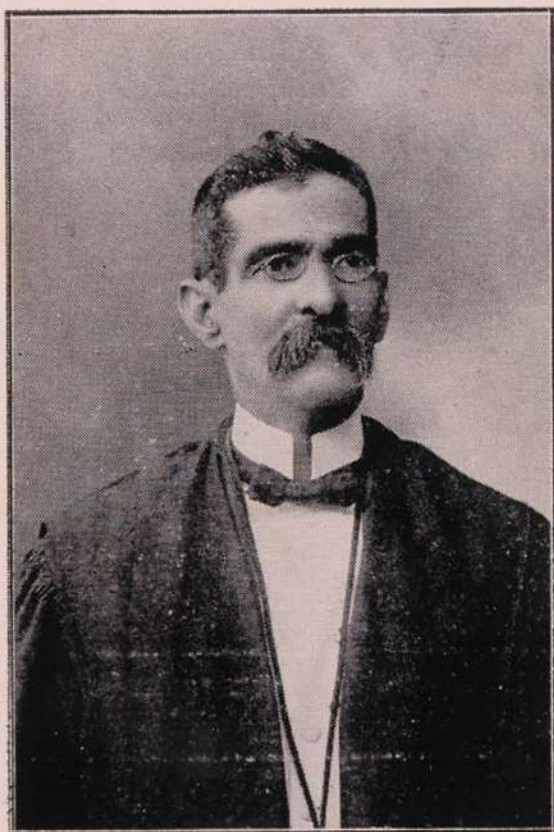
*Aprigio Garcia.*

1.º Secretaria.

*Augusto Cesar da Cunha.*

Substituindo o 2.º Secretario.





*Dr. Augusto Coelho Leite*





# REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XIX

Outubro a Dezembro de 1915

N.º 90



## Dr. Augusto Coelho Leite

Falleceu a 13 de Fevereiro de 1915 o Dr. Coelho Leite, poucos dias depois de haver sido renovado o mandato de orador do Instituto Archeologico, cargo que exerceu ininterruptamente durante muitos annos.

Socio desde 30 de Julho de 1891 era um dos mais assiduos e a serviço de nossa instituição pois sempre a sua intelligencia e actividade.

Nos grandes dias de nosso querido Pernambuco, estava elle sempre á tribuna do Instituto Archeologico, ora revesando com o Dr. Porto Carreiro, ora com o Dr. Arthur Muniz, ora ultimamente com o Dr. Pedro Celso.

A's vezes as occupações lhe não davam tempo para escrever a peça oratoria com que tinha de solemnisar uma data. Melhor assim. Se priva-

dos estavamos de um trabalho burrilado, tinhamos em compensação o prazer de o ouvir eloquentemente durante muito tempo, sempre com a palavra delectavel.

Sua acção no Instituto foi das mais proveitosas e a prova consiste na apposição de seu retrato na galeria de nossos grandes homens.

O que elle era na Sociedade e no seio da classe medica o diz o estudo abaixo de seu collega Dr. Edgard Altino :

Augusto Coelho Leite nasceu nesta cidade do Recife em 5 de Dezembro de 1861. Teve a meninice do brasileiro, creado em familia sob o carinho maternal.

Sua intelligencia brilhante se poz logo em evidencia quando fez o curso de humanidades em o nosso Gimnazio Pernambucano.

Ahi granjeou a estima e admiração de seus mestres e o respeito amical dos colegas pelo trato ameno e conselhos valiozos.

Terminado seu curso preparatorio, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde recebeu o gráo de Doutor em 22 de Dezembro de 1884.

Tinha então 23 annos.

Como estudante, lutando com grandes difficuldades pecuniarias, conseguiu ser nomeado interno da Santa Casa de Misericordia, em cujo Hospital Geral morou durante cinco annos.

No periodo de seu internato foi servir, em uma epidemia de variolas, no Hospital de variolosos da ilha de Santa Barbara. Ahi, ao lado do seus dignos companheiros de trabalho, prestou os mais relevantes serviços até a extinção do mal.

Sua lealdade e nobreza de caracter, fizeram-no deixar um amigo em cada colega, em cada professor que o conhecia. Sua téze, defendida para obter o gráo de Doutor, versou «*Medicação Lactea.*»

Nesse trabalho que é um dos mais completos sobre o assunto e que está dividido em duas partes—: «*Considerações geraes*» e «*Indicações e Contra indicações*»—o autor trata na primeira parte das propriedades físicas e quimico-biológicas do leite, referindo na segunda parte o que diz respeito propriamente á terapeutica lactea nas diversas perturbações funcionais e sonaticas dos apparelhos digestivo, circulatorio e em *molestias diversas*».

O autor aborda as questões com inexcedível talento e erudição, descrevendo com clareza os diversos cazos de sua longa experiencia hospitalar em que o leite se mostrou bom ou máo ajente terapeutico.

Assim, com tais elementos de garantia veio Coelho Leite exercer a clinica entre nós onde seus meritos mais se evidenciaram junto ao leito do doente, na imprensa e pela palavra.

Seu nome, vastamente conhecido como clinico proficiente e abalizado, era adorado pelos que uma vez ao menos reclamaram seus serviços. Pronto a socorrer o doente, solícito e meticulozo no exame, do qual rezultava sempre seguro diagnostico o nosso querido amigo era, sobretudo, em extremo caritativo, prestando seu trabalho, inumeras vezes, sem remuneração e chegando mesmo a fornecer os medicamentos áqueles que não contavam o necessario para os adquirir.



Ninguém mais do que ele cultivou os preceitos da donotolojia medica, ninguém mais leal!

Na imprensa foi o polemista destemido, discorrendo com calor e logica admiraveis os assuntos que sua pena adestrada tracejaram.

O Dr. Octavio de Freitas em seu livro. «*Os nossos medicos e a nossa medicina*» assim se refere a Coelho Leite:

« Coelho Leite é um moço de talento e es-  
« todos. Foi ele, sem contestação, um dos mais  
« infantigaveis e assiduos trabalhadores da As-  
« sociação» (Octavio se refere á Associação me-  
« dico-farmaceutico), « não havendo dia quasi em  
« que ele não apresentasse uma memoria ou dis-  
« cutisse um assunto qualquer de Medicina.

Mais adiante:

« Em 1888, Coelho Leite em colaboração  
« com os Drs. Matheus Vaz e Thaumaturgo de  
« Azevedo—este, engenheiro militar, publicou em  
« relatorio acerca da RECIFE DRAINAGE onde  
« esta companhia pelo seu máo serviço era apon-  
« tada como uma das principaes cauzas de in-  
« salubridade do Recife.

Ha dous factos que sobretudo assinalam o valor de Coelho Leite na imprensa

Quero referir-me as conhecidas questões Rõtumba e das colicas de chumbo.

A analise do auto de corpo de delicto na primeira questão, é um bellissimo trabalho de critica medico-legal, de grande alcance, onde ha um estudo minuciozo, com contestações muito bem elaboradas e muito sinceras a todos os itens do referido auto.

Com a maestria que lhe era propria ele mostra ali de como a função pericial do medico.

lejista é subordinada apenas ao emprego do recurso da sciencia applicado ao cazo concreto, sem sujeições e opiniões preconcebidas.

Na questão das aguas Coelho Leite se collocou em opposição á quasi totalidade da classe medica do Recife e em relatorio publicado pela imprensa, ao Director do Serviço Sanitaria da Santa Casa, expõe uma serie de considerações, descrevendo os cazos clinicos de colicas intestinaes, acompanhadas algumas de paralizias dos membros, que não permittiam aceitar o diagnostico de colicas e paralizias saturninas. As razões encontradas são de tal argucia e escritas com tanta sinceridade que penso, não tinham razão aqueles que viram em Coelho Leite um intuito menos digno em sustentar sua opinião.

Esse relatorio foi impresso depois, pelo autor em opusculos e não me furto ao dezejo de transcrever alguns periodos do que a guiza de prefacio se acha inserto nas primeiras paginas do citado opusculos.

« Durante o ano proximo findo, fui um  
« dos clinicos que não mudaram de opiniões a  
« respeito: como pensava em 1898 ainda penso  
« hoje por não haver encontrado na clinica ci-  
« vil um cazo, ao menos, de intoxicção satur-  
« nina que podesse ser explicado pelo uzo das  
« aguas potaveis fornecidas nesta capital a con-  
« sumo publico.

E mais além:

« Sabem todos os que acompanhavam as  
« memoraveis discussões havidas naquela ocu-  
« zião que alguns de meus colegas impediram-  
« me de discutir como convinha o assumto por-  
« que colloquei-me de preferencia em terreno

« alheio a tudo que não tivesse relação direta  
« e immediata com a clinica medica

« A minha conduta como profissional exa-  
« cerbou os que entendiam facil ou possivel im-  
« por-me suas opiniões como dogmas de fé e  
« deu logar a que um documento publico que  
« por sua natureza e valor deveria servir de base  
« a importantes rezoluções governamentais, fizes-  
« sem referencias até offensivas a minha pessoa.

« Aos que lerem este opusculo e dezejarem  
« conhecer a celebre *questão das aguas* em todos  
« os seus detalhes sobre o ponto de visto cli-  
« nico e hygienico, rogo que aguardem o meu  
« trabalho que em breve entregarei a publici-  
« dade.»

Esse trabalho sobre a *questão das aguas* não me consta que tivesse saído a lume.

No uzo da palavra era uma delicia ouvil-o! O verbo eloquente tinha o dom de atrair as atenções e com frases comuns, palavras da proza diaria, ele arranjava um bellissimo discurso que todos aplaudiam com simpatia, senão com entusiasmo, por vezes.

Eloquencia, discurso facil, dição perfeitissima, não havia segredo de dialetica de que ele não fosse conhecedor; era certamente o maior orador da classe medica do Recife.

Os annais da Associação Medico-farmaceutica e, posteriormente, da Sociedade de Medicina estão todos iluminados pelas fulgurações de seu talento; seria longo enumerar seus feitos nesse ponto.

De alguns anos, preocupou seriamente o espirito de Coelho Leite o estado de miseria moral e fisica desses entes infelizes, de corpo



em chagas, mãos e pés mutilados e rosto leonino que são os leprozos.

Seus estudos terapeuticos teriam-no permitido concluir pelo cura do mal hausenico.

Em 1896 foi nomeado, por concurso, lente da cadeira de Mineralogia do Ginasio Pernambucano, cargo que, com a maior competencia, com um extraordinario engenho de transmitir aos alunos os fartos conhecimentos de que era dotado, exerceu até a morte. Ainda no magisterio exhibiu as provas mais evidentes de talento e erudição; eu e muitos dos presentes que fomos seus discipulos bem o podemos atestar.

Coelho Leite tambem foi politico.

Eleito conselheiro municipal do Recife foi depois presidente do conselho e morreu com a mesma intransigencia, sempre firme aos ideias politicos que abraçara.

Occupou ainda por nomeação do Prefeito Municipal de então o cargo de medico dos matadouros municipaes, que exerceu de 1905 a 1912 quando foi dispensado.

Eis a historia brilhante do homem publico!

Quereis saber o que foi Coelho Leite, no seio da familia, no seio de seus amigos?

Vede o reflexo de sua vida publica!

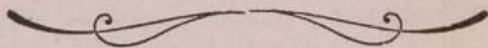
Vede o espozto modelo, o amigo de seu amigo e tereis o homem na intimidade.

Efetivamente, cumpre frizar que Coelho Leite, apesar de trabalhar incessantemente, de ter tido aqui uma das melhores e vastas clinicas, morreu pauperrimo.

Mas estão vivos ainda innumerados dos entes socorridos pecuniariamente por ele e que hoje choram sua morte como se sente dolorozo o des-

aparecimento de um Pae! E' que a bondade, a grandeza d'alma, o altruismo moravam em seu coração, e quem tais predicados possue só faz o bem.

ED. ALTINO





Dr. J. B. Regueira Costa





## Homenagem funebre a dois socios benemeritos

O Instituto Archeologico prestou no dia 8 de Agosto de 1915 merecida homenagem a seus socios benemeritos drs. J. B. Regueira Costa e Vicente Ferrer de Barros Wanderley Araujo.

A sessão começou as 13 horas, e foi presidida pelo desembargador Francisco Luiz, 1º vicepresidente, na ausencia justificada do monsenhor Britto, arcebispo de Olinda, tendo por secretarios o dr. Mario Mello e o commendador Cunha Porto.

Antes de dar a palavra ao orador official, disse o desembargador Francisco Luiz que foi colhido de surpresa para presidir a sessão, motivo por que não preparara um discurso digno da homenagem. Apesar de sua idade, fez o sacrificio de comparecer porque queria dar uma prova de sua estima aos dois grandes companheiros que o Instituto perdera—um velho litterato a quem a sociedade devia os mais relevau-

tes serviços durante quasi meio seculo e outro jurista emerito, ambos dignos de toda a homenagem. Estava, porém, crente de que o orador, a quem ia conceder a palavra, suppriria o descolorido das suas, traçando os meritos dos dois distinctos companheiros.

O sr. Pedro Çelso foi á tribuna e leu o seguinte discurso :

Exm. sr. presidente!  
Caros consocios!  
Meus senhores!

Penosissimo dever cumpre hoje o Instituto Archeologico Geographico Pernambucano, vestindo-se de pesado luto, concentrando-se na contemplação de sua propria dôr, compondo carinhoso, dupla corôa de immarcescivel saudade, para homenagear a memoria de dous pernambucanos illustres, justo orgulho e honra deste gremio, onde pela conquista de meritos incontestes se haviam elevado á culminancia dos mais altos postos.

Celebrando a presente sessão quiz o mesmo Instituto, em desafogo ao fundo pezar que o punge, dar o mais publico e solemne testemunho do apreço excepcional votado a esses obreiros benemeritos, que, em seu seio, tão conspicuamente se esforçaram pelo ideal commum do engrandecimento das lettras patrias e da evangelisação ás novas gerações, dos fecundos exemplos d'ouro que os nossos maiores nos legaram.

No desempenho da missão que nos foi commettida não trataremos de redizer-vos, singularmente, todos os titulos de benemerencia que



tanto encarecem os dous illustres socios extinctos á nossa grande veneração e estima, nem reputamos tão pouco compativel com os preceitos deste discurso a biographia, ainda que em escorço, de cada um delles, a menos que se reduzisse a uma inexpressiva enumeração de titulos e de datas, desacompanhados de commentarios elucidativos.

Como, entretanto, para os mistéres da critica historica constitua elemento valioso a perquirição de dados biographicos, aventuramo-nos a suggerir o alvitre de serem publicados na revista do Instituto em continuação a este nosso trabalho, os necrologias mais abundantes de informações sobre os mortos queridos que hoje carpimos. (\*)

---

(\*) O Sr. Dr. João Baptista Regueira Costa nasceu a 24 de Junho de 1845.

Poeta lirico, companheiro de moços de uma geração que está quasi extinta, conviveu com Joaquim Nabuco, Castro Alves Tobias Barreto, Guimarães Junior, Araripe Junior, seus collegas e o primeiro seu contemporaneo.

Formado em direito a 4 de Novembro de 1869 exerceu varios cargos de confiança taes como o de Inspector Geral da Instrução Publica, Membro effectivo do Conselho Superior de Instrução, Vice-reitor do Curso Commercial do Instituto Benjamin Constant, Reitor deste Estabelecimento, Regedor do Gymnasio Pernambucano onde fundou a Bibliotheca, e promoveu a aquisição do Gabinete de Phisica e do Laboratorio de Chimica.

Dedicou-se por algum tempo á magistratura de 1875 a 1879 e findo o quatriennio empregou sua actividade no magisterio, posto altamente de sacrificios em que se conservou dedicado e corajoso.

Em varios collegios particulares e estabelecimentos publicos leccionou Portuguez, Inglez, Latin, Francez, Geografia, Historia do Brasil, com rara e meticulosa proficiencia.

Senador estadual, de 1895 a 1897, serviu o lugar de segundo secretario, empenhando-se pela approvação de tudo quanto interessava ao bem estar de Pernambuco, e principalmente da instrução publica.

Grande foi o numero de associações a que pertenceu, ora como socio honorario, ora benemerito, ora effectivo, ora correspondente.

Podemos citar algumas: *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* de que foi presidente de honra;

O nosso escopo limitar-se-á, (e praza aos céus que nos seja dado attingil-o se bem que de leve) a apresentar-vos os traços característicos das duas notaveis individualidades que tão nítido destaque lograram em nosso meio social.

Premunido contra o descabido «furor biographicus» de que falla um celebre ensaista inglez, tão commum em nossos panegyristas, procuraremos evitar os exageros de louvores retumbantes para tentar a copia fiel da physionomia littero-social dos nossos dous insignes socios ultimamente fallecidos.

Menor sem duvida seria o merecimento destes, se para justificar o nosso preito houvessemos mister amplificar-lhes os dotes de espirito e as virtudes civicas.

Do famoso Lor Protector se conta que posan-

*Academia Pernambucana de Letras; Sociedade Propagadora de Instrução Publica; Instituto Archeologico e Geographico Alagoano; Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro; Academia social e politica de Philadelphia; Sociedade Colombiana de Jurisprudencia; Sociedade Astronomica de Liverpool; Sociedade de Geographia de Lisboa.*

Collaborador de quasi todos os jornaes de seu tempo, desde 1865, na *A Arena*, seus artigos litterarios e scientificos em prosa e verso encheriam volumes.

Varios são seus trabalhos publicados: *Flores transplantadas*, volume de traducções poeticas, em 1874; *Nova Selecta Classica*; *Contos Moraes*, traducção do francez; *Eglogas de Virgilio*, em verso alexandrino; *Inscripções em rochedos do Brasil*, traducção do inglez; *Geologia de Fernando de Noronha*, traducção do inglêz etc., além de outras ainda ineditos; *Transmarinas e Americanas*, traducções poeticas; *Analetos Pernambucanos*, livro de leitura; *Versos e Versões sem arte*; *Pequeno curso de Literatura Brasileira*; *De vôo por Sciencias, Artes e Letras*; *Rasgos Historicos Brasileiros*; *Iliada Pernambucana*, historia de Pernambuco em sonetos, desde o seu descobrimento até a proclamação da Republica; *Hegemonia de Pernambuco Epigrammas originaes historicos e traduzidos*; *Enchiridon Chefte d'œuvre de la Poësie brésilienne*.

do um dia para o joven pintor Lely, lhe dissera ; se omittires uma ruga ou um gilvar siquer de minha face, não te darei um xelim.

E a razão era que o Cromwel de um retrato favorecido não valeria o verdadeiro Cromwel com os defeitos de seu natural.

Assim pois não esperéis de nós a linguagem alcandorada e os epithetos pomposos dos panegyristas de profissão; procuraremos ser sobretudo verdadeiro para melhor realçar a justiça da homenagem.

Meus senhores. Fallaremos em primeiro logar e «pour cause» do nosso dignissimo presidente de honra, dr. João Baptista Regueira Costa, cuja identificação com o Instituto foi tal que na quadra mais calamitosa que este atravessou se podia dizer com verdade: o Instituto é elle!

Foi devido á sua admiravel tenacidade de proposito á resistencia contumaz de seu character inamolgavel que o Instituto Archeologico deixou de se converter numa «coteie» para a defesa de interesses subalternos de engrandecimento individual, e continuou a manter-se neste vasto e aberto terrapleno em que se acha, accessivel a quantos sejam dignos de collaborar na empresa patriotica em torno da qual se congregam os fundadores desta associação, e que é nosso dever levar por deante sem tergiversações nem desfallecimentos.

Quando outros serviços de valia não houvesse prestado o nosso consagrado presidente de honra, certo seria esse sufficiente para constituir-nos uma divida e insolvavel de gratidão.

Mas, senhores, a historia do Instituto nestes ultimos decenios é em grande parte a historia



do seu extraordinario devotamento e efficaz collaboração.

Perlustrae os annaes e encontrareis anno a anno a documentação incontrastav l dessa coope-  
ração cordial e fecunda.

O grande amor de João Baptista Regueira Costa a Pernambuco, que com justiça se ufava de tel-o como filho, encontrou no seio desta aggremação vasto campo para expandir-se.

Os seus discursos incendidos dessa chama sagrada nos mais eloquentes surtos; os seus bens elaborados relatorios, em que o altruismo da linguagem pede meças á cuidadosa escolha das citações e dos similes, revelam no patriota sem jaça o litterato de escól.

Affeiçãoado ao cultivo das lettras desde os tempos aureos de sua mocidade academica em que ao lado de Castro Alves, Tobias Barreto, Guimarães Junior e Araripe Junior ensaiava os seus vãos poeticos, conservou até ás fronteiras dos 70 annos, quando de nós se partiu, o mesmo pendor litterario de seus mais verdes annos.

Ja ferido de morte pela impiedosa enfermidade que o prostara no leito, repetia-nos elle a sua ultima camposição poetica, e fazia-nos ler, com visivel emoção, uma fidalga epistola em que Afranio Peixoto lhe pedia subsidios para um trabalho litterario sobre o maior dos poetas bahianos, e rematava com o caridoso e expre sivo dizer: «seu irmão em Castro Alves».

Era de ver o interesse com que elle castigava e burlava quanto sahia de sua penna; os seus trabalhos como inspector geral da Instrução Publica revelam essa preocupação do «bien dire», o culto sagrado da forma a manifestar-se

omnimodamente. Os seus despachos, como juiz que o foi, dos mais integros no começo de sua carreira publica; os seus projectos como senador do Estado; a sua correspondencia official como chefe de repartição publica, as suas cartas particulares e simples notas até, tudo trahe o litterato consummado.

Grande é o acervo de suas produções em prova, esparsas em sua mór parte nas columnas da imprensa indigena, em pareceres, prefacios e relatorios.

A sua obra por excellencia, porém, é constituida ppr trabalhos poeticos, de que deixa incalculavel copia.

Prestaria o Instituto inolvidavel serviço ás letras pernambucanas, ao mesmo tempo que justissimo preito á memoria de um de seus mais venerandos bemfeitores, se colligisse e publicasse, as poesias que elle deixou deseminadas em albuns revistas e jornaes, bem como os trabalhos ineditos de seu espolio litterario.

Não são os versos de Regueira Costa, talvez por effeito das numerosas traducções que f z de poetas genuinamente lyricos e parnasianos, essa obra de delicada ouriversaria de finissimo trasflôr, que sobrepõe o engaste á gemma e tem seu maximo expoente em Bilac. Filiados a outra escola para elles a idéa é soberana a forma a segue como ancilla.

Assim é natural que a muitos se afigurem taes versos como representativos de uma phase poetica em declinio franco, mas não diminue isso o valor litterario de seu autor, que deve ser estudado como um pro'ucto do meio em que se formou.

Demorando-nos no exame do caracter poetico do nosso saudoso consocio, foi nosso proposito salientar a sua feição mais accentuada, e consoante ao nosso intuito inicial, volver á nossa contemplação a faceta mais luminosa de seu espirito.

Fique ella irradiando o seu brilho, sobre o talento polymorpho do prosador, do jornalista, do mestre, do juiz, do politico, do patriota, do cidadão exemplarissimo que foi o bacharel João Baptista Regueira Costa, - emquanto proseguimos no cumprimento do nosso dever.

— — —

O Instituto Archeologico Pernambucano curva-se reverente ante o esquife que passa, de um seus membros mais dilectos, o illustrado advogado, jurista e historographo Vicente Ferrer de Barros Wanderley e Araujo, o operoso vice-cousl do Brasil, que em terras de Portugal tanto lustre dava á embaixada de nossa intellectualidade naquelle paiz de irmãos.

Haveis de vos lembrar, senhores, daquelle espirito esclarecido, arguto e scintillante que no fôro, na imprensa, no circulo amoravel das relações sociaes sempre sobressahia pela distincção intellectual de sua cultura e educação litteraria.

Apaixonado pelas cousas de sua terra, elle sollicito acompanhava de longe o nosso evoluir, e para lenitivo de saudades empregava a sua operosidade na pesquisa de nossas questões historicas, especialmente pernambucanas.

A revista deste Instituto contem importantes trabalhos seus,—e as suas monographias «Silvino de Macedo» e «Guerra dos Mascates» ficaram



como documentos de sua actividade no campo dos estudos historicos.

E' possivel que o seu temperamento por natureza irrequieto e ardente o tenha arrastado por vezes a conclusões arriscadas no julgamento de algumas de nossas personalidades historicas, mas nisso não faz elle mais do que ceder á tendencia que se nota nos «pioneiros» arrojados de anteverem possibilidades que a razão calma e segura vem posteriormente reduzir ás proporções devidas.

Não faz dilatado tempo, que o ouvimos em nosso recinto, discretear sobre os assumptos do dia com aquella graça de chronista e critico que constituia o encanto de seus ouvintes e interlocutores.

A sua acção no ambiente social em que gyrava, foi empre benemerente, e por isso o vemos reclamado por quantas sociedades scientificas, litterarias e philantropicas lhe sentiam o contacto.

A pujança de sua obra juridica se afirma nas suas «Notas ao Codigo Penal Brasileiro», «Religião e Litteratura dos Criminosos» (produção gabada por Lombroso), obras de direito civil e publico, e sobretudo nesses «trezentos e mais folhetos sobre assumptos forenses» que rastêm o seu percurso de causidico abalizado.

Durante de uma operosidade tão fecunda nada mais explicavel do que essa sensação de vacuo despertada pela noticia do desaparecimento inopinado do pernambucano que tanto havia dado e tanto ainda promettia.

Ainda bem que os seus restos não ficaram em terra estranha, — e vieram integrar-se ao sólo

patrio, onde o orvalho de nossas benções, nesta hora se desata em flores.

Meus senhores! As gerações se succedem, a face do mundo se renova dia a dia! Outros virão trabalhar na vindima do progresso, mas uma das conquistas mais nobres desse progresso é esse culto ao mortos que continuam a viver em suas obras e a projectar a sua luminosidade sideral sobre as sombras luminosas do futuro.

Tomaram assento na galeria dos nossos mortos illustres, preciosos compendios de exemplos que se tornaram phanaes, mais dous vultos notaveis pela sua pujante intellectualidade e pelo muito que fizeram em bem dos ideaes sob cujo influxo esta associação caminha.

Honremo-lhes as memorias venerandas!

Quizeramos que restasse desta consagração dos dous grandes intellectuaes pernambucanos alguma coisa que tivesse uma duração mais longa que essa tenue nuvem de incenso que de nossas palavras a custo se evolam.

Foi para darmos a essa nuvem um corpo, inda que mal deliueado—e uma voz, inda que desfallecida, que compuzemos os seguintes versos que encerram um esforço e esperamos valha por uma offerenda commemorativo:

Nuens ! Flocos de fumo, em què se espelha a vida ;  
Gloria ! Sonho ! Illusões ! Phantasticos pensares !  
Que abrolhaes dentro em nós, quaes brancos nenuphars !  
Do mundo vejo em vós, a imagem repetida !

Nobres emanações purissimas dos mares  
Viestes tambem do charco e da agua corrompida !  
Gaze de luz e sombra em fina trama urdida  
Sois o ser e o não ser vogando pelos ares !

Pintaes da mente humana a duvida sombria.  
 Caravanas, ao luar, de trevas condensadas !  
 Sois a gloria ! do sol na luminosa orgia !

Mas eu vos quero e amo em symbolos ideiaes !  
 Alvas, crespas, no azul celeste sublimadas,  
 Vêlos santos que sois, de cordeiros paschoaes.

Ao terminar foi o Dr. Pedro Celso muito applaudido e felicitado, recebendo abraços de pessoas das familias dos homenageados.

Não havendo mais oradores, o presidente agradeceu o comparecimento dos que se dignaram, de assistir a sessão e encerrou-a, depois que o commendador Cunha Porto declarou haver (representado o Instituto nas homenagens funebres prestadas em Lisboa ao Dr. Vicente Ferrer.

Do Instituto compareceram os seguintes socios, desembargador Francisco Luiz, Primitivo de Miranda, 1.º e 2.º vice-presidentes, Dr. Mario Mello e commendador Cunha Porto, 1.º e 2.º secretarios, Dr. Pedro Celso orador, deputado Netto Campello, monsenhor Oliveira Lopes, bispo de Floresta; padre Henrique Xavier, dr. Zeferino Agra, professor Gaspar Regueira Costa, majores Manoel Cavalheira e Sant'Anna Araujo, capitão Buarque B. Lima e tenente Ambrosio Leite.

—Da familia do Dr. J. B. Regueira Costa estiveram presentes o seu filho Dr. José Agripino Regueira Costa, seus irmãos, professores Gaspar Regueira e Arthur Marcellino e sobrinho, Dr. Joaquim } Regueira } Costa. Da familia do o Dr. Vicente Ferrer compareceram suas filhas



Maria Villares Ferrer de Araujo, Ephigenia Villares Ferrer de Araujo seu irmão M. J. de Sant'Anna Araujo e sobrinhos Luiz de Aquino Fonseca e João C. Aquino Fonseca Araujo.

Fizeram-se representar por commissões o Superior Tribunal de Justiça e o Circulo Catholico.

Os drs. Lauro Sodré e Pereira Rego telegrapharam ao Dr. Zeferino Agra pedindo-lhe que os representasse na homenagem.

—A séde do Instituto estava ornamentada funebremente. Pezados crepes cobriam as molduras dos retratos dos Drs. Regueira Costa e Vicente Ferrer.



## Terremotos no Brasil

Segundo uma estatística do dr. Alfredo de Carvalho, recentíssima, bazeada em estudos do Visconde de Porto Seguro e dos especialistas professores John C. Branner e dr. Arrojado Lisboa e informações de varias procedencias, eis a lista completa dos tremores de terra notados no Brazil até 10 de Setembro de 1915 :

Em Vigia, no Pará, a 12 de Julho de 1860. Em S. Luiz do Maranhão, a 23 de Novembro de 1864. No Ceará, no valle do Jaguaribe, a 8 de Agosto de 1807 ; Em Granja, a 31 de Maio de 1810, e em 1846, 1852 e 1856 ; em Jardim no anno de 1824, e, em Aracaty, a 2 de Dezembro de 1852. No Rio Grande do Norte, em Assú, a 8 de Agosto de 1808, e, em Natal, a 10 de Janeiro de 1854 e 24 de Julho de 1879. Em Pernambuco, no Recife, a 28 de Outubro de 1811. Na capital da Bahia, a 23 de Novembro de 1720 e a 1 de Agosto de 1769, e, de Bomfim a Joa-

zeiro, a 18 de Julho de 1905. Em Victoria, no Espirito Santo, a 1 de Agosto de 1777. Nas costas do Rio de Janeiro e de São Paulo, e no interior de Minas Geraes, a 31 de Julho de 1861. Em Petropolis, na capital do paiz, em São Paulo e em Minas Geraes, a 9 de Maio de 1866, no centro de S. Paulo em Janeiro de 1917. Em Minas Geraes, em Caxambú, no anno de 1824; no Morro Grande, a 25 de Julho de 1855; em Jaguára, em 1876, e, em Bom Sucesso, a 4 e 5 de Abril, 1 de Julho e 4 de Setembro de 1901. Em Touros, no Rio Grande do Sul, a 10 de Janeiro de 1854. Em Matto Grosso, em Cuyabá, a 24 da Setembro de 1744, 28 de Outubro de 1746, a 3 de Setembro de 1865 e 1 de Março de 1879; no forte do Principe da Beira, a 16 de Setembro de 1832; ao norte de Corumbá, a 1 de Outubro de 1860 e 26 Julho de 1876, e, em Miranda, Coimbra e Corumbá, em Novembro de 1906. Finalmente, em Natividade e Conceição, na então provincia de Goyaz, no anno do 1834.





## Um patriota de 1817

Oliveira Lima, já classificou o movimento de 6 de Março de 1817 «a mais gloriosa de todas as revoluções que no Brasil ocorreram, porque foi a mais levantada de ideias e a mais liberal aos processos.» Ha sempre n'essas rebeldias, precedidas de doutrinação, pensadas, reflectidas, que explodem quando as ideias amadurecem, uma pessoa que se destaca, um cerebro que tudo movimenta e attrae os que commungava as mesmas ideias.

Para nós, a grande cabeça de revolução de 1817, que soube doutrinar, que se mostrou forte nos momentos de perigo e grande até na morte, foi o padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro.

Pobre, tão intelligente era em pequeno que o dr. Arruda Camara, apaixonado, patriota, o tomara aos seus cuidados ao tempo em que na cidade de Itambé funcionava o Areopago, como

escola republicana, para os filhos de Pernambuco e Parahyba e d'onde se irradiaram as *academias secretas* que semearam a democratisação no Recife e cidades adjacentes.

Abraçando a carreira ecclesiastica, João Ribeiro foi professor do Seminario de Olinda e logo depois transferido para a *Academia do Paraizo*, pondo a sua intelligencia a serviço dos novos idéaes.

Denunciado como conspirador, teve ordem de prisão e por ser dos mais notaveis, no dia immediato ao do levante, em seu nome recahio a escolha para um dos membros do governo provisório.

Tollenare a esse tempo em Recife, estrangeiro desapaixonado, escreveu sobre o heroe, após sua eleição:

«O padre João Ribeiro, nutrido com a leitura dos philosophos antigos e modernos, só respirava pela liberdade, mais por amor d'ella do que por ambição. Indignava-se de obedecer a vontades arbitrarías, sem manifestar o desejo do mando. Arrastado pela leitura das obras de Condorcel, testemunhava a mais alta confiança no progresso do espirito humano; «sua imaginação ia mais depressa do que o meu seculo e sobretudo adeantava-se muito á indole de seus compatriotas. Hoje, orgulha-se menos da honra de ser o primeiro magistrado do seu paiz do que da gloria de ser o seu regenerador. Quizera morrer, diz elle, agora que o meu paiz está livre. E' um exaltado desvairado.»

Onde, porém, João Ribeiro se mostrou grande foi no declínio da revolução.

Mandou offerecer a Rodrigo Lobo a capi-

tulação, que foi recusada. Só havia o remedio da fuga, salvando os companheiros. Reunidos os que restavam, formaram em linha, tarde de 10 de Maio e, rumo do norte, marcharam a esmo, sem logar fixo para a residencia. Enquanto Domingos Theotonio seguia a cavallo na frente da tropa, João Ribeiro caminhava a pé com um sacco ás costas e a espingarda ao hombro, dando o exemplo de humildade. Era elle a unica esperanza dos revolucionarios.

Fez parada em Paulista. No dia seguinte o Recife seria occupado pelas forças leaes. Ficaria desfeito todo o seu sonho de democracia.

João Ribeiro bebeu veneno e não sentio os effeitos. Penetrou na capella, rasgou a coxa, introduzio o toxico e ajoelhou-se ao pé do altar. Morreu em posição de quem ora. O coronel Ildefonso encontrou-o, de mãos postas, perante Deus, a 20 de Maio, quando as Fortalezas salvavam á bandeira portugueza.

Não quiz sobreviver á morte da liberdade.

Desenterrado tres dias depois, deceparam-lhe as mãos, mandando-as para Goyanna, e cortaram-lhe a cabeça, que enfiaram n'um poste durante dois annos, junto ao pelourinho. Furtada por um francez que o admirava, occulta por muito tempo, essa reliquia faz parte dos thezouros historicos do Instituto archeologico.

MARIO MELO.





## Antiguidade do homem no Brazil

Logo após o descobrimento da America, o problema da origem dos seus habitantes provocou a atenção de leigos e de eruditos.

Para muitos era incomprehensivel a existencia de um vastissimo continente povoado de gentes não mencionadas no quadro ethnographo do «Genesis,» e, em falta de melhor explicação admittiram fossem os habitantes do Novo Mundo descendentes das perdidas tribus de Israel. Hypothese tão ingenua não foi sem fructo para a sciencia, pois, determinou alguns observadores intelligentes a se occupar dos uzos e dos costumes dos indígenas americanos, na esperança de nelles descobrirem analogias que lhes servissem para prova daquella these.

Aspecto muito mais scientifico teve uma outra conjectura.

A crença nas ilhas fabulosas do Oceano Occidental, de que é testemunha mais remoto a mythica «Atlantide» de Platão, não foi sem influencia directa no descobrimento da America, pois, o proprio Colombo lhe deu fé.

Ainda não foi possivel verificar si esta noção asentava em algum factu historico, os prehistorico ; mas,

não faltam cientistas que a defendam e que queiram ver em um isthmo transatlantico o caminho pelo qual os primeiros homens chegaram á America e, mais particularmente, ao Brazil. Entretanto, é evidente que o desaparecimento de um continente situado entre o Velho e o Novo Mundo, em epocha em que aquelle já era habitado por povos cujos vestigios ainda são manifestos, teria forçosamente deixado, nas costas dos dois massiços fronteiros, indicios de certo notados na progressiva exploração da Terra.

E' igualmente esteril devaneio assegura Konrad Haebler, a tentativa de determinar os contornos do continente desaparecido com o auxilio dos recifes e baixios do Oceano Atlantico.

Comtudo geologos notaveis presumem poder provar que a parte septentrional do mesmo Oceano nem sempre esteve submersa, suppondo que em tempos quando o quadro das condições climatericas da Europa ainda era bem diverso do periodo historico, o homem houvesse por alli passado do Velho ao Novo Mundo.

Finalmente, ha ainda uma terceira presumpção do povoamento da America, e, consequentemente do Brazil.

Seria de todas as mais plausivel si a mesma sciencia que acceita a possibilidade dum isthmo nortatlantico não lhe negasse identico recurso.

Em parte alguma os continentes do Velho e do Novo Mundo se approximam mais do que ao noroeste da America, onde as aguas do estreito de Behring separam apenas as terras firmes e as ilhas Aleuticas permitem, mesmo ao mais primitivo navegante, a passagem de um ao outro continente.

Em todas as edades historicas ventos e tormentas têm atirado ás praias do Aiaska embarcações de moradores do littoral asiatico, e uma migração neste sentido, realisada já em periodo de tradições escriptas, é hoje quasi que uma realidade.

A semelhança dos primitivos aborigenes americanos com os povos mongolicos, as analogias de certas peculiaridades ethnologicas entre as tribus americanas da costa do Pacifico e as nações civilisadas do Ori-

ente da Asia, de ha muito têm avolumado o número dos adeptos daquella hypothese.

Alguns houve que chegaram a descobrir a prova directa do intercurso dos chizezes com a America nas allusões archaicas ao paiz de Fuschanh, e, baseados nisto, affirmaram que a civilisação azteca era um rebento do tronco sina. Semelhantes conclusões não resistiram, porem, ao exame duma rigorosa critica.

Em epocha, que se pode relacionar á dos mais antigos chinezes, é fora de duvida que a America não foi por elles povoada; e si tem razão os geologos, assegurando que o longinquo Nordeste da America só depois do periodo glacial foi que emergio do Oceano Pacifico, cujas aguas, anteriormente, se dilatavam em latitude intermina até ao polo boreal, certamente, não foi por este caminho que vieram ao nosso continente os seus primeiros habitantes, porquanto ja então alvejavam no solo do «Novo» Mundo as ossadas de muitas gerações. Aliás, o problema da origem dos seus primitivos povoadores perdeo muito em importancia desde que se logrou demonstrar a existencia contemporanea da especie humana, em ambos os hemispherios, em phases remotissimas da historia da Terra.

Certo não foi o continente occidental o berço da humanidade, conforme não ha muito, aventurou Karl von den Steinen, firmado na antiguidade do planalto central do Brazil, porquanto os simios anthropoides, dos quaes a theoria darvinista fez o élo final entre o homem e o resto do reino animal, não são nem jamais foram, aqui indigenas, segundo attestam os achados fosseis. Porventura, só a geologia poderá, de futuro responder si os primeiros homens para aqui vieram em epocha na qual distribuição das aguas e das terras era ainda inteiramente diversa da que está historicamente demonstrada. Entretanto tambem este resultado mais negativo é de inquestionavel importancia scientifica, pois servirá para confundir áquelles que se obstinam em descobrir nos costumes dos habitantes selvagens e civilizados da America pre-colombiana, a influencia de unidades ethnographicas familiares á antiga concepção da humanidade.

No estado actual dos nossos conhecimentos rela-



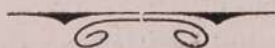
tivos á prehistoria americana, e consequentemente, á antiguidade do homem no Brazil, ha tres factos assentados de modo definitivo e que, segundo o saudoso anthropologo Paul Ehrenreich, são :

1.º—O homem, tanto quanto o provam os seus restos, é tão antigo na America como na Europa;

2.º— Os craneos mais antigos encontrados no hemispherio occidental apresentam o mesmo typo dos actuaes aborigenes americanos;

3.º—A distancia insuperavel entre as linguas da America e da Asia. demonstra que o homem é indigena do solo americano desde a formação da lingua-gem, isto é a sua humanisação.

ALFREDO DE CARVALHO.



# Dominio Hollandez no Brasil

## Impressões de leitura

Nomeado representante do Governo e do Instituto Historico do Rio Grande do Norte no Congresso de Historia Nacional realizado a 7 de Setembro de 1914, nesta Capital, o Dr. A. Tavares de Lyra, membro da commissão organizadora do mesmo Congresso, escreveu um excellente trabalho sobre o *Dominio Hollandez no Brazil, especialmente no Rio Grande do Norte* — trabalho minucioso e documentado, com interessante revelações a respeito da luta tremenda e prolongada entre os descobridores do Brasil e as forças invasoras que a Companhia das Indias Occidentaes enviou ao nosso paiz para exploral-o.

O autor, baseado nos factos e no procedimento que tiveram os Hollandezes, sustenta que exerceram a pirataria pura e simples, não se devendo confundir a acção dos invasores com os actos isolados de um principe illustre—o Principe de Nassau, a cuja alta capacidade e superior descortino se devem, por excepção, durante o dominio hollandez, serviços inestimaveis.

Ninguem vai sustentar, está claro, que foi louvavel o gesto dos Hollandezes enviando expedições ao Brasil com o intuito de apossar-se de terras por outro povo descobertas. Mas, quando a gente vê, no seculo das

luzes, que os interesses commerciaes e coloniaes ainda provocam guerras como a anglo-boer, como a russo-japoneza como a hispano-americana, como a turco-italiana e como a tremenda hecatombe européa que agora envergonha a civilização, por culpa da Allemanha, não pôde condemnar, em absoluto, o procedimento que tiveram os Hollandezes ha tres seculos atras. Era a pirataria organizada; mas era a pirataria exercida numa época em que quasi todas as nações poderosas no mar a exerciam confessadamente e sem mascaral-a, como hoje, com a figura de *uma missão civilisadora*. A Hollanda estivera em guerra com a Hespanha, á qual Portugal, com suas colonias, fôra encorporado. Além disto, a Hollanda, no seculo XVII, sendo já uma potencia marítima e possuindo marinheiros notaveis, queria servir-se do mar para o seu commercio e era contrariada por Portugal. Deram-se lutas sangrentas por causa do commercio com as Indias, entre os Hollandezes e os Portuguezes e Hespanhoes. Em 1605, segundo narra o diplomata brasileiro Dr. Sylvino Gurgel do Amaral no seu magnifico livro sobre Hugo de Groot, o Rei de Hespanha e Portugal «mandará fortificar Colombo e os reductos circumvisinhos da ilha de Ceylão *para nella se impedir o commercio dos Hollandezes.*»

Impedindo o commercio dos Hollandezes em Ceylão, queriam os Portuguezes, entretanto, commerciar livremente em Java, Taprobana e a maior parte das Moluccas.

Eram terras da Hollanda e os Portuguezes não só alli negociavam livremente, como até quizeram tornar-se senhores dessas possessões que os Hollandezes colonizaram e que conservaram, allegando que os Portuguezes não se poderiam considerar *donos de terras só por tel-as visto*, — não podendo ninguem se apoderar de terras com os olhos. Contestavam mesmo os Hollandezes que as Indias houvessem sido descobertas pelos *olhos* dos Portuguezes, pois que dellas já fallava Horacio e a respeito dellas Plínio escreveu com exactidão na sua *Historia Natural*, conforme argumentou *Grotius* no *Mare Liberum*, estudado pelo Dr. Sylvino Gurgel do Amaral. O grande sabio hollandez, que se chamou Hugo de Groot e cuja vida a gente lê com



verdadeiro encanto no trabalho do distincto diplomata brasileiro, argumentou admiravelmente, no *Mare Liberum*, para demonstrar que os Portuguezes não tinham o direito de impedir o commercio marítimo e que o mar é cousa sem dono, cousa publica ou commum. Sustentou que os Portuguezes, a titulo de guerra, não tinham direito de propriedade sobre a India. Não o tinham a titulo de occupação. Não tinham o direito exclusivo de navegar por doação do Summo Pontifice, por costume ou a titulo de prescripção. Não tinham o monopolio do commercio por motivo de occupação ou a titulo de doação pontificia. Portanto, os Hollandezes deviam manter o seu commercio com a India, na paz, nas treguas ou na guerra, contra aquelles que a isso se opuzessem: «Devemos manter em toda a sua plenitude esta liberdade que nos deu a natureza desde que o direito e a equidade querem que o commercio nos seja livre como a qualquer outro povo; e devemos mantel-a quer estejamos em paz, de hostilidades suspensas com os povos da Hespanha ou quando nos vejamos a continuar a guerra contra elles.»

Assim, pois, a organização da Companhia das Indias Occidentaes, visando a America do Sul, era uma consequencia daquillo que os Hollandezes julgavam um direito, na sua concurrencia ao commercio dos Portuguezes e Hespanhoes. Portugal, partidario do *Mare Clausum* oppunha-se á expansão commercial da Hollanda, partidaria ao *Mare Liberum*. Portugal, incorporado á Hespanha, era inimigo natural de Hollanda, no momento. Os Hollandezes, creando a Companhia das Indias Occidentaes, e vindo exercer a pirataria nas costas do Brasil, praticavam um acto de guerra, continuavam a guerra á Hespanha e sustentavam um principio que mais tarde foi adoptado como incontestavel — eram os credores da doutrina da *liberdade dos mares*.

Erão piratas em nome de uma grande e generosa idéa, germinada o cerebro possante de *Grotius* e exposta com clareza e precisão no livro notabilissimo do grande genio hollandez, no *Mare liberum*.

Era o espirito mercantil que os animava, diz o eminente historiador, a cuja gentileza devo o offercimento de um exemplar do bom trabalho a respeito do

qual escrevo estas impressões, Não ha duvida! Mas, o espirito mercantil guiava todos os navegadoras da época, levando os Portuguezes a dobrar o Cabo da Bôa Esperança, que *Grotius* affirma ter sido antes *dobrado* por um Carthaginez que viajou de Cadiz á Arabia; levando-os depois a descobrir o Brasil, etc.

O procedimento dos Hollandezes vindo do Brasil possessão portugueza, era, pois, a consequencia da luta que os dous povos sustentavam—um, defendendo o principio da liberdade dos mares e do commercio maritimo; outro, sustentando o principio opposto e querendo fechar os mares á navegação de potencias maritimas e trancando os portos ao commercio internacional. Os portos brasileiros, por exemplo, estiveram fechados ao commercio estrangeiro até 1808, isto é, até á chegada de D. João VI á Bahia...

Era a pirataria, não ha duvida. Mas era a pirataria como a exerciam a França, a Inglaterra e o proprio Portugal no momento. Para alargamento dos seus dominios e do seu commercio, os Hollandezes agiam exactamente como as demais potencias maritimas da época, justificando a sua acção com a defesa de um principio liberal e justo. Os historiadores entre os quaes se inscreveu o Dr. Tavares de Lyra, criticando o procedimento do povo hollandez e attribuindo-lhe o intuito de aproveitar-se das descobertas alheias, esquecem que todas as terras encontradas pelos navegadores portuguezes eram habitadas. Se os Hollandezes tentavam apossar-se de terras que os Portuguezes foram os primeiros estrangeiros a *avistar*, os Portuguezes, por sua vez, não faziam senão apossarem-se de terras que os indigenas estavam habituados a *vêr* e a explorar, nellas residindo desde que nasciam. Era a luta pela vida, entre as nações. O tempo, as doutrinas humanitarias, o progresso, os tratados e a civilização não impedem que ainda hoje, no seculo vinte ou tres seculos depois daquelle em que os Hollandezes agiam, as potencias maritimas empreguem os processos de pirataria na guerra, mettendo a pique navios mercantes inimigos e até mesmo os de nações neutras.

Com uma differença, toda favoral aos Hollandezes do seculo XVII. Naquelle tempo, elles batiam-se contra



o monopolio dos mares e a favor da liberdade de navegação. Hoje, que essa liberdade existe, os belligerantes procuram trancar os mares a navegação. Os Hollandezes exerciam então a pirataria em nome de um principio liberal e contra povos que tambem a exerciam. As potencias modernas destróem as conquistas liberaes do direito internacional para exercerem a pirataria contra navios de nações neutras. Assim sendo, não vejo como os historiadores de hoje possam criticar a acção de um povo que se movia, ha tres seculos, impulsionado pelo genio de Grotius e pela belleza dos principios sustentados no *Mare Liberum* ..

Attenuando por essa forma o *crime* dos Hollandezes, quero apenas demonstrar que não devemos olhar com antipathia ou rancor o procedimento que elles tiveram. Agiram como era costume e mesmo lei numa epoca em que as nações se disputavam o dominio dos mares. A sua causa era até certo ponto sympathica pelo principio liberal que elles defendiam no mar.

Quanto ao facto de haverem os Hollandezes tentado a posse permanente de terras brasileiras, já occupadas pelos Portuguezes, chegando a dominar em uma extensa região de Pernambuco ao Rio Grande do Norte, é justo todo o orgulho dos Brasileiros, descendentes dos Portuguezes, pela resistencia valente contra a invasão e pela victoria final com a expulsão dos invasores. O livro do Dr. Tavares de Lyra é precioso, é completo na narrativa dessa resistencia heroica, que acabou por despertar o sentimento da nacionalidade no Brasil. Documentando as suas affirmações, o illustre historiador é extremamente minucioso na narrativa das marchas e contra-marchas, na descripção dos combates, na precisão dos algarismos representativos das forças empenhadas em luta. O seu trabalho ha de ficar, nos volumes do nosso primeiro Congresso de Historia, como um estudo consciencioso e justo do que foi o dominio hollandez no Brasil, especialmente no Rio Grande do Norte. O seu amor ao seu torrão natal onde a luta foi tremenda e onde os sacrificios foram grandes, fez germinar a antipathia pelos Hollandezes, que o seu notavel trabalho revela em cada pagina.

E' natural. O Dr. Tavares de Lyra leva, porem, essa



antipathia ao ponto de julgar «*irritante e injusto que escriptores nossos emprestem intuitos elevados aos Hollandezes*», afirmando que estes dissimularam hypocritamente os seus fins «com o problematico amor á liberdade de commercio», quando visavam apenas «proventos materiaes immediatos».

E' preciso distinguir. O que houve de nobre e elevado no procedimento dos Hollandezes não foi certamente a sua tentativa de se apossarem de terras occupadas pelos Portuguezes, no Brasil. Nisso não houve nobreza ou elevação, mas o simples desejo de expansão territorial e commercial que ainda hoje domina as potencias europeas.

A parte verdadeiramente sympathica da attitude dos Hollandezes no seculo XVII foi a da defesa do principio da liberdade dos mares, que não podiam e deviam ser propriedade de nação alguma. Quanto ao resto, a acção hollandeza nem foi sympathica nem antipathica, obedecendo á politica internacional dominante no momento. Assim como os Portuguezes tentaram apossar-se de terras occupadas pelos Hollandezes (Ilha de Java e outras), assim tambem os Hollandezes invadiram terras portuguezas, como acto de guerra, pois que andavam em luta com a Hespanha estando Portugal incorporado á Hespanha. Esse procedimento da Hollanda no seculo XVII foi muito menos antipatico do que os das grandes potencias no seculo XX, no correr do qual a Inglaterra tomou o Transwaal; os Estados Unidos apossaram-se das Filipinas, do Panamá e de Cuba; e Italia invadio a Tripolitania, tomando-a á Turquia, etc.

Mas, o livro do Dr. Tavares de Lyra não é o estudo das causas determinantes do dominio hollandez no Brasil. Os meus commentarios, resultantes de uma impressão de leitura, referem-se apenas á manifestação de antipathia pela causa dos Hollandezes, revelada em quasi todas as paginas da excellente e minuciosa *Memoria* apresentada ao Congresso de Historia. O valor o grande valôr do trabalho do Dr. Tavares de Lyra, está na descripção minuciosa da luta que terminou pela expulsão dos Hollandezes do norte do paiz; está na sinceridade e na verdade com que são apreciados os

episodios desta luta, na qual os Portuguezes do Brasil se mostraram de uma resistencia verdadeiramente heroica e de uma bravura digna da commemoração feita perante o nosso primeiro Congresso de Historia e perpetuada nos paginas desse livro notavel.

Outra impressão que fica da leitura desse livro é que Portugal tem muita culpa no succedido, pela demora na remessa de forças durante a luta; pelo quasi abandono em que deixou as terras brasileiras depois do descobrimento, povoando-as devagarinho e fazendo da nova colonia lugar de desterro para criminosos de toda especie; pelo tratamento dado aos naturaes do paiz, aos donos destas paragens, aos indios, levando-os á alliança com os invasores - Francezes e Hollandezes.

O proprio Dr. Tavares de Lyra não contesta «que os processos usados pelos governos da metropole deixavam muito a desejar». Os invasores commetteram violencias e depredações, mas antes delles já os Portuguezes as haviam praticados tambem. Os historiadores em 1915, olhando para a Belgica, talvez devessem referir-se com pouco rigor aos Portuguezes e aos Hollandezes de 1630 a 1654. Ao lado das brutalidades dessa guerra de duas dezenas de annos, o leitor encontra, nas paginas do livro do Dr. Tavares de Lyra o consolo de muitos actos de bravura e heroismo, de muitos rasgos de abnegação e patriotismo, de muitas manifestações de altruismo, de muitos gestos de clemencia e de brandura que os invasores da Belgica, no seculo XX, deveriam ter imitado. O heroismo portuguez na defesa de suas terras, dos seus bens e dos seus direitos tem, naquellas paginas, uma commovente consagração. O Dr. Tavares de Lyra não tratou de indagar se o Brasil teria sido mais feliz no caso de descoberta e occupação por outro povo que não o portuguez. Deixou clara porém, a sua opinião de que as illusorias excellencias da colonização hollandeza não teriam dado ao nosso paiz rumo diverso daquelle que tiveram Java e outras possessões da Hollanda. E, como o caso não era esse, pois que aos Portuguezes já nos prendiam, em meio do seculo XVII, laços de raça, religião, familia, costumes e interesses, o illustre historiador, filho de uma porção do territorio brasileiro que

muito soffreu com a invasão, só podia ter encontrado vantagens para o Brasil na expulsão dos Hollandezes: «Na terra gloriosa onde nasceu Camarão—e que os invasores reduziram ao extremo de não ter um escabino ou um colono que a representasse na assemblea que Nassau reuiu no Recife, de 27 de agosto a 4 de Setembro de 1640—samente ficou, como lembrança inapagavel do jugo flamengo, a tradição, que não morre, de provações tremendas».

Assim termina a *Memoria* que o Congresso de Historia approvou e que ha de guiar, no futuro, todos aquelles que quizerem conhecer os episodios da longa luta sustentada por um punhado de Portuguezes de Brasil, com pequenos auxilios dos de Portugal, contra a invazão hollandeza e contra a revolta dos indios que se alliam aos invasores e que continuaram a guerra mesmo depois da segunda batalha de Guararapes. Se Portugal tivesse, porém, perdido a sua melhor colonia naquella occasião, só se poderia queixar da sua propria imprevidencia e do seu desamor por esta terra bemdita, cujos destinos o Acaso lhe confiara.

AGENOR DE ROURE.

Rio de Janeiro.





# Diccionario Chorographico do Estado da Parahyba

Cotiolano de Medeiros.  
—Imprensa Official.—  
Parahyba, 1914.

Felizmente a litteratice piégas não absorve todos os escriptores e ha sempre em cada Estado quem se dedique ao estudo da historia rêtirando da poeira muitos alfarrabios preciosos, se não edificando, ao menos alicerçando verdadeiros monumentos.

Na propria Parahyba—se bem que de pouco tempo para cá, porque só depois da revolução republicana de 1817 e em consequencia desta a comarca se desmembrou de Pernambuco para constituir provincia independente—os estudos historicos não teem sido descurados. As «Notas sobre a Parahyba», de Irineu Joffily,—simples, leves, verdadeiras impressões de viajante observador—são ainda hoje o manancial a que se abeiram todos os que pretendem escrever—sobretudo acerca das curiosidades descriptas pelo notavel historiographo.

Mavimiano Lopes Machado embora mais cheio de preocupações pela historia de Pernambuco de que é prova a collecção da «Revista do Instituto Archeologico», deixou tambem estudos valiosos sobre seu estado natal.

João de Lyra Tavares, Irineu Pinto, Manoel Tavares Cevalcanti, Carneiro Monteiro, Ascendino Carneiro da Cunha, Celso Mariz:—uns mais do que outros—são agora os que se estão interessando verdadeiramente pela construcção historica da patria que conta o ardoroso José Peregrino como o maior de seus bravos.

Coriolano Medeiros, a quem conheciamos :travez da imprensa ignorando os seus estudos historicos, acaba de entrar para esse gremio, garantindo por credencial que lhe dá direitos á primazia entre seus pares.

A organização de um dictionario chorographico não é trabalho apenas para um lustro ou uma decada. Sebastião Galvão iniciou suas pesquisas para o «Dictionario Geographico Pernambucano», no tempo da monarchia, já está caminhando para o outomno e ainda falta publicar o terceiro volume. Occorrem sempre alterações, notas constantes a augmentar, informações de ultima hora, de sorte que o trabalho não pode ser completo, definitivo.

Coriolano reduziu o seu dictionario a 142 paginas. Nelle estão incluidas todas as localidades da Parahyba com a derivação do nome, se é indigena, limites, area, população, aspecto physico, salubridade e clima, fauna e flora, commercio e iudustria, hydrographia, religião, mineralogia, orographia, divisão, rendas publicas, vias de communicacão, curiosidades e historia.

Somente por isso vê-se o que de paciencia e trabalho não custou o precioso livro, que fica sendo a fonte mais facil de qualquer informação a quem desejar noticias sobre a Parahyba.

E' certo que ao iniciar seu trabalho, Coriolano ha de ter previsto difficuldades de futuro para a publicação, motivo por que lhe não deu a elasticidade que era de esperar e surgirá depois: a parte historica, especialmente do Estado, está muito resumida, e a geographica não pode ser comprehendida sem um atlas,—falhas que serão suppridas, com a inclusão tambem de photographias.

Atravez do pesquisador, quem lê o «Diccionario Chorographico», descobre o estelista fino:

«Sabido do dominio portuguez, ainda hoje o parahybano conserva reminiscencias da sociedade dos tempos coloniaes.

«A familia está ainda sob a vigilancia severa do pae, especialmente no interior onde elle é, dentro de sua casa, senhor absoluto da mulher e dos filhos.

«Obsequiar é um dever de todo o parahybano; chega na casa proxima, quer na capital quer no centro, uma familia, é de bom uso fazer uma visita, offerecer-lhe os prestimos embora previamente se tenha inquirido, em segredo, da conducta moral, das condições economicas da novo visinho. Feita a visita deve ser logo retribuida, sob pena de ser tratado de grosseiro quem recebeu a gentileza. Estabelecidas as relações de amisade, segue-se a troca de presentes: bolos, fructos, doces, etc.; estreitando-se mais a intimidade, um dia em casa de uma e outra familia.



Havendo uma reunião, não se tolera que se esqueçam de convidar todas as pessoas amigas.

« O namoro é cousa que já vae sendo tolerado, especialmente pelas mães, mas o pedido de casamento tem certas formalidades. Raras vezes o pretendente vae; manda uma pessoa amiga ou envia uma carta. Sendo acceito, marca-se ao noivo a primeira visita para a noite que se segue e, serve-se um chá no qual tomam parte os parentes e amigos dos nubentes.

« O pae da noiva fornece o enxoval e o leito de nupcias: o noivo todos os outros objectos domesticos.

« Grávida a mulher, é dever do marido convidar logo os padrinhos do futuro filho, recaindo a primeira escolha sobre os avós».

—

Nesse capitulo intitulado « Usos, costumes, festas e musicas populares ». Coriolano trata dos côcos e sambas, bumba-meu-boi, caboclinho, modas, etc.

Estão avultando os dictionarios chorographicos dos Estados—subsídios para um futuro dictionario chorographico brasileiro completo, sem as lacunas das tentativas de até hoje. Agora mesmo o illustrado dr. José Boiteau acaba de blicar um referente a Santa Catharina, dando-lhes por signal, a posse de todo o territorio contestado.

Prefaciando o importante « Dictionario Chorographico de Pernambuco » de Sebastião Galvão, —o melhor repertorio que possuimos apezar dos infalliveis defeitos—escreveu o dr Cezar Augusto

Marques, autor de trabalhos iguaes, referentes ao Maranhão e Espírito Santo:

« Que cada um dos Estados brasileiros tenha quem, com bastante coragem, patriotismo e clara intuição, que revelou, escreva em suas minucias a historia e a geographia local, e o monumento da historia nacional será erguido com maior segurança mais valor, menores difficuldades, mais criterio, mais grandioso, mais interessante; o mesmo succedendo com a geographia de todo o territorio, porque os enganos do estudo fragmentado resultarão evidentes, a correccão facil se fara e somente assim a verdade será encontrada».

Coriolano resgatou essa divida de seu torrão natal, conforme os augurios de Cezar Marques, com patriotismo, coragem e clara intuição.

Para nós, fez mais pela Parahyba com a publicação de seu importantissimo trabalho, que essa caterva de medalhões politicos, sempre com promessas nos labios em epocas de pleito popular e cada vez mais afastados da realidade e dos interesses palpitantes do Estado que administram ou representam.

MARIO MELO.



# Francisco Adolpho Varnhagen

(Visconde de Porto Seguro)

## O primeiro centenario natalicio do grande historiador brasileiro

No proximo anno completa-se o primeiro centenario de nascimento do sorocabano Francisco Adolpho de Varnhagen, barão e depois visconde de Porto Seguro.

Foi um dos maiores brasileiros do seu tempo e quiz o destino que se realisassem os seus ardentés desejos, manifestados no prologo de sua obra classica «Historia Geral do Brasil»: «sirvam estas ligeiras considerações para indicar o espirito de tolerancia que reinará nesta obra, que como acariciada por nós em toda a vida, aspira, pela sua propria imparcialidade, a passar á posteridade, tanto no Brasil, como fóra d'elle.» (1).

E a posteridade attendeu-o. A sua obra venceu os tempos, e o nome de Varnhagen passou com ella á immortalidade. «Poucos escriptores

---

(1) *H. G. do Brasil*, Porto Seguro, 2.<sup>a</sup> edição, prologo; pag. 10.



brasileiros no seculo XIX fizeram-se mais respeitosamente conhecidos na Europa do que Varnhagen. O seu nome honraria ao mais adeantado paiz.» (2).

Baptisado na fabrica de ferro de Ipanema, cujo director era seu pae, cresceu e passou os seus primeiros annos num ambiente de trabalho aspero, recebendo no lar domestico lições de modestia e tenacidade.

Seu pae, Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, commendador da Ordem de Christo, cavalleiro da de S. Bento de Aviz e da do Leão de Ouro de Hesse, foi director da fabrica de ferro do Ipanema, municipio de Sorocaba, provincia de S. Paulo, e depois administrador geral das mattas e pinhaes do reino de Portugal. Frederico Luiz nasceu em Arolsen, principado de Waldek, na Allemanha, em 1783, e falleceu em Portugal, 1842. (3).

De sua progenitora, cujo nome é accentuadamente portuguez ou brasileiro, nada me foi possivel saber, o que sinceramente deploro, porquanto, no temperamento do historiador, ao lado das paixões imperialistas e autoritarias, que herdou do germanismo paterno, encontram-se as virtudes e a doçura tão peculiares á raça portugueza. Ha no illustre sorocabano aquella vivacidade de esforços, aquelle receio de não viver quanto bastasse para completar a sua obra, que são positivamente indicios apreciaveis do typo luso-brasileiro.

Ha ainda as manifestações de affecto, que

(2) José Carlos Rodrigues, *Bibliotheca Braziliense*, pag. 619, n. 2446.

(3) Innocencio, *Dicc. Bibliog.* 3.º v. pags. 1001.

irrompem espontaneas de um coração meigo como os que mais o sejam. E isso é evidentemente a herança do sangue materno, actuando na alma do historiador. Varnhagen apresenta no seu conjuncto de homem, fortes qualidades da raça alleman e da raça portugueza. Isto me leva a pensar que os seus progenitores não pertenciam a familias vulgares. Quanto a Frederico Luiz, o proprio Varnhagen nos fornece elementos que provam a boa fibra do seu progenitor. (4).

E o que se poderia saber daquella que foi a progenitora do visconde de Porto Seguro? (5)

Francisco Adolpho de Varnhagen estudou em Lisboa, no Collegio Militar, foi nomeado tenente de artilharia, mas não achava em si disposições para a carreira militar. (6).

Com 23 annos de idade era já considerado, e por quem? por Antonio de Vasconcellos Menezes de Drumond, como «uma capacidade litteraria mórmente em archeologia, geographia e historia, genero de estudo a que se tem dado com muita distincção, como consta das suas obras», (7).

Não, acceitou o joven Varnhagen emprego ou commissão do reino de Portugal, nem mesmo o honroso convite, feito por El rei D. Fernando, que se propoz a mandal-o aperfeiçoar os seus es-

(4) *H. G. do Brasil*, vol. 2.<sup>o</sup>, pag. 1159 e seguintes.

(5) Informam-me que essa senhora era portugueza; mas asseguram-me tambem que ella era paulista de Sorocaba. Não será possivel, pelos livros parochiaes de Sorocaba, esclarecer o assumpto.

(6) *H. G. do Brasil*, 3.<sup>a</sup> ed. revista por J. Capistrano de Abreu, pag. 11.

(7) *Ibidem*, cartã de Drumond a Caetano Maria Lopes Gama, pag. 12.

tudos na Allemãnia, para o fim especial de ser o perceptor dos principes portuguezes. (8).

Varnhagem almejava tão sómente servir a sua terra natal, propondo-se escrever-lhe a historia. E o seu protector, Menezes Drumond entendia que se o devia empregar como addido á legação brasileira em Lisboa, «com o encargo especial de colligir documentos e diplomas para a historia do Brasil e diplomatica, coordemnal-os e analysal-os de modo que verifique datas e acontecimentos, e apure o verdadeiro do fabuloso, que abunda nas relações daquelle tempo de propensão maravilhosa.» (9).

E, accrescentava o missivista, «um ordenado de 800\$000 annuaes seria quanto a mim sufficiente recompensa para adquirir já um moço de tanto talento e trabalho, posto que em tenra idade e que nos tem prestado bons serviços com a publicação de suas obras a respeito do Brasil.» (10)

Passou isto em 1839, Em 19 de Maio de 1842, foi Varnhagen nomeado addido de primeira classe á legação de Portugal. Em 1846 foi removido para a Hespanha; e em 1848 promovido a secretario. Em 1858, foi nomeada ministro do Paraguay; serviu egualmente nas legações do Venezuela, Nova Gránada, Equador, Perú e Chile. Em 1868 foi removido para a Austria, servindo em Vienna como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario. Foi na côrte austriaca que falleceu o visconde de Porto

---

(8) Ibidem, ibidem.

(9) *H. C. do Brasil*, edição Capistrano de Abreu, pag. 12.

(10) Ibidem, ibidem.



Seguro no dia 29 de Junho de 1878, contando portanto, 62 annos de idade. (11).

Por occasião do seu fallecimento, e na sessão propria, o orador do Instituto Historico Brasileiro, Joaquim Manoel de Macedo, fez o estudo da elevada personalidade de Varnhagen, que aos 24 annos de idade entrára para a notavel associação de cultores da historia patria.

«Varnhagen, disse Macedo, não desthronou Rocha Pitta, nem annullou Southey, que ficaram inabalaveis na grandeza de suas obras medidas pelas proporções possiveis dos conhecimentos historicos do Brasil nos tempos em que um e outro escreveram; mas, não lhes disputando a palma da gloria chronologica, excedeu-os muito em verificação de factos e de datas, e em esclarecimentos documentados, a espancar duvidas e escuras nuvens de historia, além de avançar não pouco em informações e juizos sobre coisas de época mais recente. Varnhagen, assumiu por isso o elevado grau de primeiro historiador do Brasil até os nossos tempos, e basta isso para a glorificação do seu nome e para a perpetuidade honorifica de sua memoria.» (12).

«Varnhagen foi homem-monumento por seus trabalhos historicos, e morrendo em Vienna d'Austria, deixou memoria monumental, que obriga á mais merecida gratidão da patria.

Rocha Pitta, foi o precursor de Varnhagen na historia do Brasil; foi o patriarcha iniciador; mas Varnhagen foi o escrupuloso illuminador da historia do Brazil.» (13)

(11) *H. G. do Brasil*, edição Captistrano de Abreu pag. 13.

(12) *R. do I. H. B.* vol. 41 pag. 487.

(13) Macedo, disc., *R. do I. H. B.* vol. 41, pag. 489.

Além da palavra do orador do Instituto Histórico Brasileiro, ouviram-se outras e também competentes acerca da individualidade do notavel historiador.

O *Jornal do Commercio*, a *Gazeta de Noticias* e outros jornaes de 3 de Julho de 1878 occuparam-se largamente de Varnhagen. João Capistano de Abreu publicou em 16 e 20 de Dezembro do mesmo anno valioso trabalho critico sobre Varnhagen. O «Archiyo Pittoresco» de Lisboa 2.º v. e o «Novo Mundo» de 23 de Abril de 1873 estudaram longa e proficientemente o historiador, e publicaram o seu retrato. (14).

O seu mais impetuoso adversario, João Francisco Lisboa, chamou-lhe «pae da nossa historia» denominação que, a posteridade perfilhará. (15).

Não lhe faltaram honras, titulos, prestigio e posições sociaes em sua vida.

Elle bem as mereceu; e conquistou-as pelo seu trabalho, estudos e saber.

Francisco Adolpho de Varnhagen deixou trinta e tres obras. (16). Foi casado com a sra. d. Carmen Ovalle, chilena com quem teve dois filhos. (17). A viscondessa viuva de Porto Seguro falleceu, ha pouco tempo, no Chile, para onde se recolhera após o fallecimento do seu esposo.

Não encontrei referencias aos filhos do historiador, nem tão pouco á sua viuva, que lhe

(14) *Ephemerides Nacionaes*, por Teixeira de Mello, pags 429 e segs.

(15) *Ibidem*, *ibidem*.

(16) Innocencio, *Dicc. Bibliog.* vol. 2.º pag. 319 e segs. José Carlos Rodrigues, *Bib. Brasiliense*, ns. 2413—2445.

(17) *Eph. nac.*, T. de Mello, pag. 480.

sobreviveu por largos trinta e seis annos. Apenas disseram-me que o precioso archivo de Varnhagen está no Rio, sem que, ao que conste, alguém se haja interessado para que tivesse ou tenha destino de utilidade publica nacional.

\*  
\* \*

Das obras legadas á posteridade pelo glorioso patricio, duas são principalmente conhecidas:—a «Historia Geral do Brasil» e— «Os holandezes no Brasil». A primeira abrange o periodo que começa com o descobrimento e vae até o anno de 1820. A segunda comprehende a invasão hollandeza e a luta contra os hollandezes:—1624 a 1654.

Varnhagen escreveu os seus trabalhos sempre á vista de documentos, dos quaes muitos eram novos para os estudiosos, porque foram por elle tirados pela primeira vez do descanço dos archivos.

Varnhagen conhecia a fundo os archivos de Portugal, da Hespanha, da Hollanda, da Italia e da Austria. Conhecia egualmente as collecções das republicas sul-americanas, em cujas capitães serviu ao Brasil. Além disso, conhecia muitissimos dos lugares em que se deram acontecimentos importantes da nossa historia. Elle não se contentava em conhecer e estudar documentos:— ia ao local referido e, por assim dizer, applicava ao terreno as conclusões a que chegava pela leitura das peças officiaes.

Illustrava a leitura, illuminava o estudo. E foi por esse methodo que Varnhagen conseguiu explicar factos, que pareciam contraditorios, e



compreender narrativas, que se acreditavam absurdas ou fabulosas.

Vejamos como elle proprio nos conta e explica os seus processos de historiador. Não achando sufficientes as velhas chronicas, Varnhagen rebuscou documentos não só no Brasil, mas nas nações já referidas; percorreu todo o litoral brasileiro, visitou os Estados Unidos, as Antilhas e todas as republicas limitrophes do Brasil. Nessas investigações e estudos, e nessas viagens de confronto do terreno com os documentos, Varnhagen gastou mais de trinta annos. (18).

«Convencido egualmente que a verdade é a alma da historia, que ella pode offerecer harmonia eterna entre os factos narrados, que o verdadeiro criterio da verdade historica não se pode aquilatar senão pela concordancia nos incidentes, não se poupou o visconde de Porto Seguro a nenhuns esforços, afim de remontar ás fontes mais puras. (19).

A segunda edição da «Historia Geral do Brasil» foi enriquecida com annotações e documentos novos, ainda em vida do seu autor; mas, a terceira edição, organizada por Capistrano de Abreu, ainda foi bastante melhorada pelas valiosissimas notas e commentarios devidos aos estudos e á penna do digno professor, cuja competencia é tão notoria.

Para escrever — «Os hollandezes no Brasil» — Varnhagen percorreu pacientemente Recife e arredores; Itamaracá e Iguarassú; Guararapes e o monte das Tabocas; visitou as capitães do

---

(18) *H. G. do Brasil*, Prologo.

(19) *H. G. do Brazil*, Prologo.

Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Alagoas e Bahia. E ainda não se sentia satisfeito, quando por motivos imprevistos, mas de alta relevancia, teve, de abreviar a publicação. (20).

Achava-se o historiador no Rio de Janeiro, quando alguns espiritos começavam a desfallecer, porque a guerra do Paraguay, que o Brasil não pôde evitar, já durava dois annos e as armas alliadas nem a Humaytá tinham chegado. Entendeu então o historiador, e com elle amigos dedicados, que era opportuna a publicação de um livro que, relembrando feitos passados, viesse acordar sentimentos patrioticos, e trazer animação aos que, succumbidos deante de dois annos de guerra, esqueciam-se de que, em outros tempos, o Brasil colonia lutava por longos vinte e cinco annos contra os invasores hollandezes.

Quando, porém, se faziam as ultimas revisões do original, chegou a noticia da passagem de Humaytá, e ninguem mais duvidou da victoria final. (21).

Varnhagen guardou os seus papeis e só em 1872 publicou, em Lisboa, esse famoso e brilhantissimo livro, que é a historia da invasão hollandeza e luta contra os hollandezes.

S. Paulo.

EUGENIO EGAS.



---

(20) *Hollandezes no Brasil*, prefacio.

(21) *Hollandezes no Brasil*, prefacio.

# Viagens no Brazil

Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba, Maranhão, etc.

Uso e costumes dos habitantes desse paiz

por Henry Koster

Publicado em Pariz em 1849—1.º volume

*Traduzidas para o francez por M. A. Jay e do francez para o portuguez por Antonio C. de A. Pimentel, amanuense do Instituto Archeológico e Geographico Pernambucauo.*

## CAPITULO XIII

Residencia do autor em Itamaracá.—A ilha.—A Conceição e o Pilar.—A festa de Nossa Senhora do Rosario.—Viagem a Goyanna.—O Toque. — A vaccina.

Pouco depois de ter mandado o resto da minha gente para Itamaracá, entreguei Jaguaribe ao proprietario, montei á cavallo e segui para o Recife onde me demorei alguns dias.

Mezes antes tinham-me apresentado ao vigario de Itamaracá e quando fui á ilha entender-me com o senhor do engenho Amparo, visitei aquelle bom sacerdote, sendo por elle cordealmente recebido; e como em Amparo não houvesse ainda casa em condições de ser habitada, roguei-lhe que me obtivesse uma na villa de Nossa Senhora da Conceição, onde se acha a igreja matris da ilha. Respondeu-me que, á excepção da sua propria, da qual estava disposto á ceder-me uma parte, e da que servia de prisão não era possível encontrar casa algu-



ma habitavel. Entretanto manifestou desejos de entender-se com alguém por meio de algum dos meus empregados; na volta deste e depois de novas informações acceitei o offerecimento da casa que servia de prisão.

Como eu tinha avisado em que dia tencionava chegar na ilha, achei na praia um dos meus creados e o bote em que passam os viajantes prompto para conduzir-me, tiradas as sellas dos cavallos embarcamos nelle e largamos da praia, indo os cavallos á nado. A passagem naquelle local, o mais estreito de todos, é de quasi meia milha; desembarcando sellamos de novo os cavallos e percorremos quasi um quarto de milha de caminho arenoso guarnecido, á esquerda pelo canal, que separa a ilha da terra firme, e á direita por coqueiros; pouco depois chegamos á uma enseada que não dá vão em maré cheia como então estava. Deixei Manoel com os cavallos, esperando oportunidade para passar, e segui o homem que me guiava. Atravessamos uma ponte de traves separadas por sobre a qual só podiam transitar peões e chegamos ao pé de varias choupanas, em cuja frente crescem mangueiras; d'ali galgamos uma ingreme ladeira no alto da qual está á villa da Conceição. Entramos nella pelo lado da minha nova residencia, que era um grande sobrado de um andar construido de pedra e cal, mas já muito estragado. Nos prosperos tempos da villa, quando ella occupava na provincia lugar distincto, fora levantado aquelle edificio para servir de cadeia em baixo e em cima de casa de camara; mas depois que a villa perdeu a importancia, foi entregue ao abandono e agora cahia em ruinas.

A ilha de Itamaracá, que de extensão tem quasi tres leguas e de largura duas, mais ou menos, acha-se a oito leguas ao norte do Recife e separada do continente por um canal, cuja largura varia de uma e meia á tres milhas. A ilha não tem agua corrente, mas nas proximidades da villa acha-se

em qualquer parte da montanha que se cavar. O que se tira das cacimbas da visinhança do Pillar é de má qualidade. Itamaracá, exceptuando os arredores do Recife, é talvez o lugar mais povoado da provincia de Pernambuco. A ilha contém tres engenhos de fabricar assucar, bem fornecidos de escravos e muita gente livre habita os campos, que delles dependem. (1) Além destes engenhos ha terrenos consideraveis, que estão subdivididos e repartidos por grande numero de pequenos proprietarios. As praias da ilha são plantadas de coqueiros no meio dos quaes avista-se immensa quantidade de palhoças habitadas por pescadores, distinguindo-se tambem, aqui e ali, lindas casinhas exteriormente caiadas e cujos inquilinos passam vida frugal, mas abundante; a ilha encerra egualmente salinas, que são fontes de sua riqueza e que se acham estabelecidas em plagas arenosas que o mar cobre em maré cheia.

A extensa villa do Pillar, na margem oriental da ilha, é hoje a principal fundação della, si bem que a de N. Senhora da Conceição, onde eu então morava e que fica do lado sudéste da ilha tenha o privilegio da antiguidade; os bons tempos desta, porem, ja passaram; sua posição foi reconhecida encommoda; outros lugares lhe são presentemente preferidos e se a matriz lá não estivesse tornando assim indispensavel a presença do parochó, aquella villa bem depressa se tornaria um ermo.

O seu aspecto é agora triste e desanimado; reina ali uma calma que produz sensações inteiramente diversas das que produsiria o socego de lugar que nunca tivesse sido theatro de scenas mais entretidas. Acha-se a villa no cimo da ponta sudéste de elevada collina que sobe rapida da beira mar. O local em que estão a matriz, a minha residencia, o presbyterio e umas quinze cabanas, é

---

(1) Em 1630, a ilha continha 23 engenhos... *History of Brasil*, vol. 1, pag. 476.



bem espaçoso; mas com muito terreno descoberto; as casas que outr'ora o adornavam, foram demolidas para plantações de fumo e de bananeiras. O centro da villa é coberto de capoeiras com estreito caminho aberto em redor das habitações para facilitar a communicação entre os moradores. Ha uma rua que, partindo da praça, vae ter á enseada que eu atravessára quando cheguei; compõe-se de pequenas cabanas baixas e finda no extremo, além da praça, com uma igreja sob a invocação de N. Senhora do Rosario.

O porto é bom e a entrada defendida por uma antiga fortaleza em pessimo estado, cuja guarnição é pequena e sem disciplina. Um dia, tomando um bote, fui visitar a passagem e quiz sondal-a, mas o patrão pedio-me que nada fizesse, pois que isso poderia accarretar-lhe dissabores; com effeito, estavamos á vista da fortaleza e o commandante era um velho cabeçudo do antigo systema de exclusão. A passagem é formada por uma abertura nos arrecifes, que se estendem ao longo d'aquella parte da costa. A abertura é consideravelmente larga e o fundo permite o transitio de grandes navios; não me foi possivel porem conseguir mais exactas informações á respeito. Dous enormes bancos de areia avançam de cada lado do canal, que separa a ilha do continente. Aquelles bancos ficam em secco na baixa-maré e, nas aguas mortas (2) não ficam inteiramente descobertos no alto mar; prolongam-se quasi até os arrecifes. A passagem é facil de descobrir do mar por ficar defronte do canal ao qual conduz e porque os cachopos mostram-se ao norte e ao sul, mas não no lugar por onde se deve entrar. Logo que se chega á passagem descobrem-se alguns ainda adeante ou melhor, ao sul do canal, á menos que a corrente não tenha cessado como

---

(2) Mares de conjuncções de lua em que o mar sobe e desce menos.



acontece antecedentemente á retirada da maré, porque então o oceano fica de todo calmo. Os cachopos estão dentro da ponta do banco meridional e são formados de rochedos que jazem debaixo d'agua em grande profundidade. Tentei alcançá-lo com uma vara de duas braças de comprimento, mas não o consegui, e o patrão do bote disse-me que muito duvidara que o conseguisse ainda mesma que a vara fosse braça e meia mais comprida. A passagem para os grandes navios é entre rochedos e o banco do norte; porquanto, entre estes e o banco do sul só é praticavel para pequenas embarcações. Não pude saber se ha outros rochedos e outros bancos além desses de que acabo de fallar. O ancoradouro fica defronte e fora da fortaleza, mas em frente da villa da Conceição, que é muito menos avançada do que a mesma fortaleza. O fundo é grande e em algumas partes cheio de rochas, mas n'outras é bom.

A magnifica vista que se disfructa da carcomida varanda de madeira da casa da Camara, compensa de certo modo o melancholico aspecto da villa. Olhando-se para a frente descobre-se uma parte do oceano sempre coberta de jangadas e de botes, que vão e vem em todas as direcções, e, de tempos á tempos, grandes embarcações, que fazem o commercio do Maranhão com o Recife e os navios que chegam da Europa ou que para lá se dirigem. A' direita o canal e a bahia por elle formada, na margem opposta, com a pitoresca villa da cambôa e o pico do Engenho Novo, coberto de mattas, que se levantam por detrás d'aquella villa; como porem a montanha não se prolonga muito e se ergue com forma conica, vê-se o rio de Iguarassú que serpeia na planicie, ora mostrando-se, ora occultando-se por entre pequenos bosques; todavia o olhar segue o curso d'aquellas aguas e vai deter-se nos edificios mais altos de Iguarassú, que parecem surgir dos espessos matagaes que se estendem no horisonte. A esquerda avista-se estreito e fundo valle, que ter-

mina por uma collina igual a áquella sobre que se acha a villa edificada e depois, finalmente, o planalto que se alarga á uma legua de distancia.

A villa da Conceição era antigamente fortificada. De trez lados o accesso é impedido pela rapida inclinação da collina, cuja subida ainda mais difficultaram cortando-a á pique até doze pés abaixo do solo da villa, de maneira a apresentar aos assaltantes immensa muralha de terra. Sendo o chão de barro duro e pouco frequentado os caminhos abertos n'aquella especie de trincheira ainda são escarpadissimos. Do quarto lado abriram cortes que iam da planicie ao cume da montanha; mostraram-nos e só assim os viria porque se acham completamente occultos pelos mattos e mesmo por grandes arvoredos; em certo lugar do lado do mar e onde existe hoje uma choupana, distinguem-se com facilidade os vestigios de uma antiga fortificação. Não ha muito que fazendo-se uma escavação acharam um canhão de calibre seis.

Tudo o que pode elevar uma praça á cathedra de cidade, fôra, ha tempos, removido para Goyanna e o unico signal da antiga importancia conservado a Conceição, é a obrigação que têm os magistrados de Goyanna de irem assistir annualmente a festa da Virgem que se celebra na igreja matriz.

Itamaracá é uma das fundações Portuguezas mais antigas da costa do Brasil. Foi doada á Pedro Lopes de Souza, que tomou posse della em 1531. Os Hollandezes atacaram-na em 1630, e, embora não conseguissem tomar a villa, construíram um forte que denominaram de—Orange e que ainda hoje existe na ilha. Entretanto em 1633 os Hollandezes mandaram tanta força que impossibilitou a resistencia e a villa da Conceição e toda ilha lhes foram cedidas. Em 1637 deliberaram afim de resolver se transportavam a séde do governo para a ilha, mas não prevaleceu a oppinião dos que propuseram esse plano. Seja lá como for, penso que

ella possui muitas vantagens de que o Recife está privado.

O porto de Itamaracá não pode admittir tão grandes navios como o do Recife, é porem muito mais seguro do que o proprio mosqueiro. Em guerra com uma potencia estrangeira o Recife pode ser facilmente arrasado, em quanto que uma cidade que fosse edificada no lado da terra firme, defronte da ilha, ou na praia interna da mesma, nunca poderia ser molestada por navios, pois precisavam elles forçar a entrada do canal para se poderem servir da sua artilheria. Alem desta vantagem Itamaracá e as praias approximadas da terra firme são providas de madeira e de agua, cousas que faltam ao Recife, principalmente a ultima.

Em 1645 João Fernandes Vieira, o primeiro heroe da guerra de Pernambuco, atacou a ilha, mas não conseguiu desalojar os Hollandezes. Os Portuguezes ainda tentaram retomal-a em 1646. Passaram agua n'um lugar chamado—Marcos, onde hoje existe um sitio de coqueiros com grande casa que pertence a um Portuguez negociante de gados e que vivia mais em Iguarassú. Defronte dos Marcos é a parte menos funda do canal. Os Portuguezes não conseguiram absolutamente o fim de seu intento porem os Hollandezes abandonaram os demais postos que occupavam para se consentrem na fortaleza, que só foi restituída aos Portuguezes depois da expulsão delles Hollandezes em 1654.

Cheguei á Conceição exactamente no dia da festa da padroeira, 8 de Dezembro, mas por muitos affazeres não pude assistir na igreja a cerimonia religiosa; fui porem convidado pelo Vigario para jantar e as duas horas cheguei encontrando já numerosa sociedade á qual fui apresentado. Compunha-se de varios sacerdotes, (os homens mais instruidos do paiz), e das primeiras notabilidades da ilha. O jantar foi elegante e os modos dos convivas me pareceram distinctos. Fui collocado á cabeceira da mesa pela minha qualidade de es-



trangeiro. Um amigo do vigario sentou-se em frente de mim e este á meu lado. Nunca assisti a um jantar tão delectoso. A conversação foi judiciousa, des nvolvendo-se nella o maior contentamento e não havendo nem barulho, nem confusão. A companhia conservou-se na casa até hora adeantada da noite e mesmo varios sacerdotes lá se hospedaram.

A freguesia de Itamaracá gosa desde alguns annos da fortuna de possuir como parocho o padre Pedro de Souza Tenorio. O seu merecimento foi reconhecido pelo governador, de quem era capellão o qual pediu e obteve do Principe regente o emprego que aquelle digno sacerdote ora exerce. O zelo que desenvolve pelo bem estar dos seus parochianos é infatigavel. Dásse ao trabalho de explicar aos agricultores a utilidade dos novos methodos adoptados para a cultura, dos modernos machinismos para os engenhos e de todos os melhoramentos da mesma natureza introduzidas com vantagens nas colonias de outras nações (todavia nem tudo o que é novo obtem a approvação delle) mas não tem difficuldade em arrancar os velhos prejuisos dos habitantes. E' affavel com os pequeninos e eu o vi, em differentes occasiões, empregar os meios de persuasão e rogos a varios parochianos, cujos costumes sabia serem desregrados, para se corrigirem e mudar de conducta. Os sermões, baseados na moral, pregados do pulpito por aquelle homem de figura imponente trajando a vestimenta preta, habitual aos da sua classe, produziam extraordinaria impressão. Emprega os maiores esforços no sentido de aperfeiçoar a civilisação na sua parochia, em prevenir as desordens entre os parochianos e em convence-los a abandonar ás más ideias, ainda muito generalizadas nas relações dos senhores com os escravos, persuadindo-os a educar os filhos e conservar o aceio nas casas, na propria roupa e na das familias. E' um excellente sacerdote que conhecendo os seus deveres, estuda os meios de cum-

pril-os do melhor modo possível. Foi também preciso desenvolver certa força de character, mostrar firmeza como padre e coragem como homem, fazendo entender que nada disso lhe faltava. E' natural de Pernambuco e mui digno da bôa reputação de que goza entre os seus compatriotas; fez os estudos na Universidade de Coimbra em Portugal.

Seguindo o estado da sociedade e do governo do Brasil, o character pessoal de quem desempenha um lugar importante tem admiravel influencia; mesmo em alguns districtos, um homem de espirito activo que possua riqueza, embora não occupando cargo nenhum, exerce maior autoridade do que outro de indole negligente, qualquer que seja o poder que lhe confira a posição.

Eu passava regularmente parte do dia com o vigario e seus amigos. A conversação não afrouxava nunca e muitas vezes pensei quanto a sociedade que frequentava era superior ao conceito que os meus compatriotas, naturalmente, della podiam formar. Eu proprio me sentia agradavelmente surprehendido de ver quanto lucrára deixando Jaguaribe. Entre os conhecidos do vigario, notava-se João Ribeiro Pessôa de Mello Montenegro, professor de desenho no seminario de Olinda, amigo e discipulo do Dr. Manoel de Arruda Camara. Esse bom sacerdote, durante a sua estada em Itamaracá, nos domingos e dias santificados passava da ilha á terra firme para ir celebrar a missa na povoação de Cambôa. Uma occasião accompanhei-o fazendo ambos a travessia n'um bote. Entramos na cheupana de um homem de côr, principal habitante da povoação. No aposento havia uma rêde armada e nella tomou lugar o meu companheiro; tres ou quatro creanças da casa para ali correram logo e elle collocando-as dos lados entrou a brincar com ellas. As mulheres appareceram para cumprimental-o, e pareceu-me que era na casa o favorito de todos, grandes e pequenos. Confesso que nunca encontrei pessoa de maneiras mais afaveis. Geral-



mente estimado de todas, a gente do povo principalmente, votava-lhe profunda veneração. Por longo tempo liguei-me com aquelle digno sacerdote, antes e depois da epoca á que me refiro e nunca lhe ouvi uma palavra grosseira, fosse á quem fosse. Os seus modos e o son da sua vóz annunciavam sempre a indulgencia que nelle predominava. Um mulato fôrro, chamado Bartholomêo, fallando uma vez d'aquelle padre disse-me: "Vendo cahir uma creança, elle corre a levantal-a, limpa-lhe o rosto, e não o faz para ser visto, mas porque o "seu coração lh'o manda". E' de lastimar que não haja conseguido um lugar em que as suas excellentes qualidades encontrassem mais vasto campo para se exercitarem; está porem satisfeito com o que lhe deram.

Fiquei bastante admirado da maneira de trajar da população mesmo dos homens de côr quando vão á missa nos povoados. Se a familia está satisfeita, as senhoras e as raparigas vestem nesses dias vestido de lã de algodão, chapeo de palha inglez, meias de manufactura estrangeira e lindos sapatos fabricados na terra.

Os rapazes mostram-se com calças de ganga, jalecos de algodão tecido, camisas de batista ou de musselina, chapéos de fabrica inglesa, meias e sapatos. N'estes ultimos annos os artigos de vestuarios baratearam e por conseguinte generalisou-se o uso, e depois que nasceo uma especie de estímulo e tiveram meios de conserval-a, não ha mais aldeia que não mande os seus elegantes dos dous sexos rivalisar com os das povoações visinhas.

"Desapontei" vendo Cambôa de perto; mas a região ácima desse povoado é pitoresca; os sitios variados em grande parte coberta de mattas, agradavelmente divididas por cabanas e roçados de mandiocas. A povoação tem apenas uma rua composta de mesquinhas casas. Os habitantes estão quasi todos ligados por laços de parentesco reciproco e os homens livres são de sangue misturado;



a tribu é extensa, mas não possui um homem rico. Seus membros compoem-se de gente mansa e pacifica. O velho em casa do qual chegamos, pareceu-me gosar do geral respeito, á proporção que os visinhos iam chegando para a missão. Tinha a administração de todos os negocios importantes da povoação, por ser o mais rico, embora fosse pequena a sua fortuna, e porque era apresentado por nascimento ou aliança com a maioria dos moradores. Quando chegámos, o padre e eu, já encontrámos na casa numerosa sociedade entretida no jogo de cartas em que continuou até o toque do sino e o padre sahir para paramentar-se. O povo de quasi todas as classes, com excepção dos Indios, gosta muito do jogo.

Lembravam-se ainda na povoação de um pobre homem que morrera phtysico depois de haver arrastado por tempos miseravel existencia. Em Pernambuco e nos outros lugares, que visitei, prevalece a opinião de que a phtysica é mal contagioso; todo o individuo atacado dessa terrivel enfermidade, fica separado do resto da familia. Edificam appressadamente uma choupana, longe de qualquer habitação e o infeliz doente vae para ella deserrado e vê-se inteiramente só, abandonado de todos, recebendo o proprio alimento sem que o que o leva se approxime da cabana! Não creio que haja situação mais desgraçada! Ser desamparado quando fraco e doente, ver-se condemnado a definhbar na solidão, a não ter, talvez durante annos, senão o pensamento da morte, sem que o menor sentimento de sympathia lhe adoce as amarguras, oh! que destino!... Entretanto ignoro se a opinião do contagio dessa molestia, funda-se n'um prejuizo ou na experiencia, porque ouvi da bocca de pessoas que não podiam ser accusadas de excesso de crudelidade, varias narrações que parecem indicar que não é de todo sem fundamento que se tomam taes precauções. Não ha duvida que as levam por extremo longe, e esse excesso de barbari-

dade, lembra o costume de certas tribus indigenas que abandonam os parentes velhos, enfermos e moribundos.

Constantemente ia eu a Amparo, que é dirigido do modo que eu tentara estabelecer em Jaguaribe, porem seguido com mais methodo. O proprietario d'aquelle engenho empregava sempre grande numero de homens livres de todas as condições, Indios porem em maior quantidade, julgara elle, provavelmente, não poder exercer sufficiente autoridade sobre aquella gente, porquanto permittiam-se excessos que nada podia desculpar. (3) Entretanto grande serviço prestaria aos seus concidadãos se tivesse tomado providencias no sentido de manter a bôa ordem entre os seus trabalhadores; porque assim teria provado a possibilidade de empregar como jornaleiros homens livres, ainda que a opinião do seu máo comportamento se haja espalhado por toda a região. O engenho Amparo é citado muitas vezes como argumento contrario ao methodo de admittir-se trabalhadores a jornal; mas porque não reflectem que, em tal caso, o mal não se origina do plano em si mesmo, porem do modo porque é executado. E' bem verdade que as gentes das baixas classes, em geral, são bastante corrompidas e que por ligeiras offensas vão até o assassinato. Mas de que provem isso senão da inclinação que mostram os ricos de proteger os que trabalham em suas terras? Procedendo assim provam que exercem influencia sobre os que empregam e sentem satisfação e orgulho em pensar que são sufficientemente poderosos para subtrahirem á punição individuos que mereciam ser entregues á justiça e serenamente castigados. Por toda a parte

---

(3) Um daquelles Indios vendia carangueijos em Pas-mado, um comprador começou a escolhê-los; o Indio porém o impedio disendo: não pense em escolher carangueijos meus porque sou de Amparo. De maneira que era preciso respeitar até os proprios carangueijos que a gente d'aquelle proprietario expunha á venda.



onde o governo se acha no mesmo pé que no Brasil, o oppulento poucos obstaculos deve encontrar para a satisfação de seus desejos, sejam de que natureza forem. (4)

Em Janeiro de 1814 o vigario convidou-me a acompanhal-o ao Pillar, ao que accedi com prazer. O professor de grammatica, Ignacio d'Almeida Fortuna, outro ecclesiastico, fazia parte da comitiva. E' homem que parece dispôr de vastos conhecimentos e si bem que poucas occasiões tenha tido de instruir-se, por viver sempre na ilha, com tudo a sua instrucção é quasi sem limites, como o seu amor pela sciencia. Passando a enseadasinha de que ja fallei, avançamos por um caminho sombreado de coqueiros, até certa distancia e ganhámos depois a praia, que é bem impiedosa naquella parte da ilha n'uma extensão de quasi duas milhas. Passamos pela embocadura de duas pequenas enseadas onde a maré entra com grande presteza e sae com maior ainda. Depois de andar á cavallo uma hora e quinze minutos, chegamos ao Pillar, que fica a duas leguas de Conceição. A povoação compõe-se de varias ruas irregulares nas quaes se vêem muitas casinhas de differentes formas, construidas de tijollos, barro e palhas de coqueiros; é lugar onde se faz algum commercio e é frequentado pelas embarcaçõesinhas que fazem a navegação do Recife a Goyanna. Os moradores vivem do producto da pesca, do aluguel de suas "jangadas" e botes e trabalham tambem no preparo da cortiça que envolve o côco para a cordoaria recentemente estabelecida nas proximidades do Recife. As pescarias do Pillar são de alta importancia. A maior parte do

---

(4) Os servidores nem sempre se mostram respeitosos para com os patrões como parece deviam sel-o. Um dos Indios de Amparo (não o dos carangueijos) encontrando-se com o patrão no campo, perto de casa, descobriu-se para fallar-lhe, mas não fazendo o patrão o mesmo, o Indio arrancou-lhe o chapéo da cabeça dizendo: *Quando se falla a gente tira-se o chapéo.* O homem não se deu por achado e finda a conversa foi-lhe o chapéo resttuido.



peixe que se apanha n'aquella costa é tirada dos curraes construidos no terreno que a maré deixa em secco quando se retira. Marcam dous lugares quadrangulares, um dentro outro fora, enterram estacas na areia e em roda, e fecham cada recinto com caniçadas presas ás mesmas estacas, deixando no circuito externo uma abertura semelhante a armadilha de uma ratocira, que conduz ao recinto interior o qual tem tambem uma abertura do lado da praia; desta ultima até a linha do alto mar estende-se outra caniçada e o peixe que depara com ella segue-a naturalmente na esperança de achar passagem pela qual possa escapolar-se e desta maneira sem querer penetrar no curral. Os moradores vão tambem ao mar em "jangadas" e lá pescam ou por meio de linhas ou de rêdes de differentes especies. Acontece as vezes tornar-se o peixe rarissimo, o que é desagradavel, visto como é sabido que o preceito da igreja romana considera-o alimento necessario em certos dias do anno. No Pillar fui apresentado a um respeitabilissimo gentilhomem Portuguez de quem recebi muitas amabilidades; o vigario deu-me igualmente conhecimento com um padre brasileiro, moço e bem educado. O primeiro tinha sido juiz ordinario do Pillar no anno de 1812. Notando a negligencia com que nos annos anteriores haviam sido desempenhados os deveres do cargo, resolvêo proceder com a energia que o caso reclamava. Pensa elle que, quando se começa a edificar uma cidade o primeiro edificio publico a construir devo ser a prisão e conseguintemente augmentando o Pillar cada dia mais, julgou a proposito a construcção d'aquelle necessario edificio. Cortadas as madeiras foram enterrados em lugar designado varios esteios, que um rustico tecto cobria, servindo outros esteios para formar a parêde á maneira de estacada e mandando collocar um par de troncos no edificio, cuja porta era por extremo solida disse: agora o Pillar ha de prosperar.

Predeu elle proprio diversos desordeiros.

Homem alto e robusto desempenhava a indispensavel embora perigosa, tarefa de prender os que provocaram tumultos sem se alterar e como se fizesse a cousa mais natural do mundo. Apesar porem, das bem conhecidas vantagens de sua administração, é tal o estado politico do Brasil, que o intrigavam com o fim de impedir-lhe, no anno seguinte, a reeleição no cargo e conseguiram-no. A inflexivel integridade d'aquelle magistrado encommodava aos que tinham gosto em admittir desordeiros em suas propriedades.

Os moradores da ilha tinham promovido subscrição para a construcção de um porto na enseada proxima da villa; essa empreza, devida ao zêlo dos padres que moravam na ilha, estava prestes a ser executada sob a direcção do professor de grammatica.

Um dia do principio de Fevereiro fiquei admiradissimo vendo chegar um mulato escravo que me fugira em Novembro. Vinha só e sem trazer, conforme o costume, carta de recommendação de qualquer pessoa de minha amizade. Subio as escadas com o maior socego e de faca no quarto e na mão grosso cacete, entrou no meu gabinete e pedio-me perdão. Ordenei que lhe dessem de comer e elle conservou-se na cosinha toda noite. Todavia não pude deixar de attribuir-lhe algum máo intento pois sabia que habitava na fazenda de um individuo que eu considerava meu inimigo. De manhã, por ordem minha, sahio para ir ajudar trez trabalhadores no decote de algumas madeiras que mandava derrubar. Por volta de dez horas fui ali ver o trabalho, segundo o costume. Chamei-o a pretexto de mandar afrouxar o anel da brida do cavallo e elle obedeceu. Puz-lhe então uma mão na cabeça e com a outra apontei-lhe uma pistola intimando-o a largar o machado e a faca, o que fez. Chamando em seguida dous trabalhadores mandei agarral-o. Ataram-lhe as mãos atrás das costas e fil-o conduzir a Amparo até onde eu

proprio o escoltei. D'ahi escrevi ao meu novo amigo do Pilar, remettendo-lhe o escravo e lá foi posto á ferros até que eu pudesse dar-lhe destino, o que não me demorei em fazel-o, e nunca mais o vi. Era homem de maus instinctos porque duas vezes tentara contra a vida de outros senhores áquem servia e antes de fugir em Novembro, puchara a faca contra o administrador com ameaças de matal-o.

Pode-se ir ao Pillar por outra estrada além d'aquella por onde o Vigario me levára e que passa pela propriedade denominada "Engenho Velho", no qual outr'ora se fabricava assucar, mas o terreno é tão esteril e tão cheio de formigas grandes e vermelhas, que é quasi impossivel destruil-as, de sorte que não ha quem queira ir morar naquellas terras; diversas pessoas do povo, com permissão do proprietario, tentaram plantar ali mandioca e milho, mas os esforços que empregaram só mui raramente poderam impedir a total destruição, de suas plantações. Existem lá choupanas abandonadas porque os habitantes foram tangidos pelos terriveis insectos; para as formigas o abrigo que os tectos offerecem é bastante commodo, e por baixo desse abrigo é que ellas fazem os principaes caminhos que conduzem aos seus armazens. Não vi terreno algum do qual "aquella peste de Pernambuco" se tivesse apossado de modo tão completo. (5) Os formigueiros são innumeravéis; alguns ha até de quatro pés de altura e dez ou doze de circumferencia. Veem-se ainda os destroços do engenho e encostado um tanque no fundo do qual, dizem, existem thesouros occultos. Fallaram-me de um preto velho

---

(5) Poderia quasi dizer—*aquella peste do Brasil*—Em Itamaracá existe este velho adagio: O que te persegue ilha? *Ilha, formiga e Guedes*. A condição de ilha e o encommodo de se estar separado da terra firme, isso se comprehende. Quanto aos Guedes, porem, era uma familia composta de homens dssordeiros que, por suas constantes brigas perturbavam a paz da ilha. Existem ainda alguns membros da familia, mas são pacificos e moderados.



africano, que fôra afforriado e exercia o officio de "mandigueiro" nos arredores. Ouvi muitas vezes a gente da população gabar-lhe o poder. Dizem que pode fazer morrer qualquer homem que lhe indiquem; o desgraçado definha durante algum tempo e depois morre infallivelmente. O preto velho lê igualmente a "buena-dicha," e os amantes infelizes quasi nunca dixam de o procurar.

Em Março realisou-se a festa de Nossa Senhora do Rosario promovida pelos negros. Nessa epoca é que elles elegem um rei de Congo, se o que exercia as funcções morreo no correr do anno, renunciou por qualquer motivo ou foi deposto pelos vassallos. E' permittido aos negros de Congo elegerem um rei e uma rainha entre os de sua nação. Os escolhidos podem ser fôrros ou escravos. Os soberanos exercem sobre os subditos um simulacro de autoridade de que muito se riem os brancos mas nos dias da festa é que mostram o seu poder e superioridade sobre os compatriotas. Seja porem como fôr os outros votam-lhes o maior respeito. O que servia a annos como rei em Itamaracá, (cada districto tem o seu) achava-se em vespuras de abdicar pela já muito avançada idade e o novo chefe ia ser eleito. A escôlha recahiu n'um velho escravo do engenho Amparo; não cuidando a antiga rainha em abdicção, conservou-se no seu posto. O preto que ia ser coroado n'aquelle dia, foi muito cedo apresentar as suas homenagens ao vigario, que lhe disse em ar pilherico: "Muito bem, senhor, neste caso devo hoje servir-vos de capellão." As onze horas dirigi-me á igreja com o vigario. Collocamo-nos na entrada e com pouco vimos approximar-se grande numero de negros trajados de varias côres precedidos de tambores tocando e de bandeiras desfraldadas. Quando estiveram perto distinguimos no meio delles o rei, a rainha e o secretario d'Estado. Os dous primeiros tinham corôas de papelão cobertas de papel pintado e dourado. Do uniforme do rei a casaca, o collete e os calções,

eram de tres côres diversas, verde, encarnada, amarella, e cortadas á moda antiga: segurava na mão um sceptro de madeira, perfeitamente dourado; a rainha trajava vestido de seda azul, tambem a antiga. O pobre do secretario este podia lisonjear-se de trazer em si tantas côres diversas como o seu soberano, mas era evidente que tanto de um lado como do outro, eram roupas emprestadas, porque os calções eram estreitissimos e o collete desmedidamente amplo.

As despezas do acto religioso deviam ser pagas pelos negros e para esse fim havia no meio da igreja uma mesinha em redor da qual estavam sentados o thesoureiro e outros membros da negra confraria e em cima uma caixa destinada a recolher os donativos. A operação caminhava vagarosa, mesmo muito vagarosa para o appetite do vigario, que ainda estava em jejum, embora fosse quasi meio dia, porque devia cantar a missa. Em consequencia chegando-se á mesa, começou a ralhar com os directores prevenindo-os de que não iria para o altar sem que todas as despezas estivessem pagas. Muito me ri ao vê-lo cercado dos negros á quem reprehendia pela repugnancia que manifestaram em contribuir. Houve logo rumor entre elles e o vigario censurou alguns, mas apenas affastou-se reproduzio-se a algazarra, sem respeito pelo santo lugar, com grotescas explicações. Foi uma scena engraçada, pois tudo cifrou-se em discursos, caratõhas e gestos. Por fim "Suas Magestades" ajoelharam-se ao pé da grade da capella mor e o serviço começou. Terminada a cerimonia o novo rei devia ser empossado de suas angustas funcções, mas como o vigario estava com fome abreviou as formalidades sem escrupulos; pedindo a corõa foi até a porta da igreja, onde se apresentou o novo monarcha, que foi convidado a ajoelhar-se, e pondo-lhe as insignias o vigario disse-lhe: "Agora senhor, rei vae-te embora".

Como o rei pertencia a Amparo para lá devia

seguir afim de comer, beber e dançar, consequentemente a nossa povoaçãozinha n'um instante ficou de todo socegada e eu bem longe de pensar no acontecimento que se preparava. As quatro horas da tarde um dos meus escravos de nome Francisco veio de Amparo ás carreiras avisar-me de que queriam matar Manoel o qual se defendia do melhor modo possível contra muitos que o atacavam. Montando á cavallo parti para o engenho á toda pressa. Achei Manoel amarrado pelo meio do corpo com uma corda á cujas extremidades seguravam dous homens, que afastavam delle os outros escravos. O rosto estava coberto de sangue e a roupa em farrapos. Corri para elle que se voltou furioso, mas reconhecendo-me gritou: E' o meu senhor; agora não tenho medo de ninguem; e logo começou a injuriar os que o haviam maltratado. Pouco depois chegando Francisco mandei Manoel com elle para casa. O administrador do engenho (o proprietario estava ausente) mostrou-se inquieto sabendo que muitos dos da minha gente que chegaram immediatamente, estavam armados. Disse-lhe eu que elles tinham tido razão preparando-se para o que dêsse e viesse, mas que me persuadia que ninguem pretendia insultar-me, á mim ou a qualquer outro branco, consequentemente despedi a minha gente. Respondeu-me o administrador que eu fazia justiça aos seus sentimentos, e outros que se adeantaram confirmaram-lhe as palavras. O meu escravo portara-se mal provocando homens livres que ali se achavam; nada porem, teria entretanto succedido se o administrador houvesse cumprido o seu dever.

A' esse tempo fiz aquisição de uma cabana e de um pedaço de terras na vizinhança de Conceição. Era a cabana situada no declive da ladeira, immediatamente á baixa da villa e defronte da povoação de Cambôa. A brecha feita na montanha, tinha apenas a largura da cabana, de sorte que de ambos os lados só se podia chegar á ella subindo ou descendo. A vista pouco differia da da casa da vil-



la, a qual, bem como a igreja, somente á esquerda se divisavam meio occultas por bananeiras. Todos os terrenos dos arredores se achavam subdivididos entre pessoas de diferentes classes, os que tocavam, o meu, pertenciam ao vigario, o terceiro lado era limitado pelo canal e o quarto por um sitiosinho de coqueiros de uma familia de pretos libertos, que tinha emprobecido pela teimosia do seu chefe, que depois fallecera, em sustentar durante annos um processo por motivo de limites de sua pequena propriedade. Logo que tomei posse da minha um dos filhos d'aquelle homem, entrou a proceder contra mim apesar de varias sentenças que tinham sido decretadas contra seu pai. Comecei por construir uma cerca rodeando o terreno que comprara. Pondo em pratica tudo o que pude para impedir-me de levar a effeito o meu intento e vendo a inutilidade dos seus esforços foi a Goyanna com o fim de recorrer á justiça. Sabendo eu disso por acaso na mesma tarde, as quatro horas da manhã seguinte, montei á cavallo segui-o á Goyanna, acompanhado de Fiel, preto creoulo, que substituiu Manoel o qual, depois do acontecimento que narrei, esteve por algum tempo sem poder sahir.

Atravessando Amparo, cheguei ao canal no lugar da passagem da ilha para o continente; a maré estava vasia; penetramos por meio de mangueiras através das quaes, haviam aberto no lôdo um estreito caminho de onde é perigoso deixar sahir os cavallos por que de ambos os lados o lamaçal é profundissimo. Paramos á beira d'agua junto as mangueiras, esperando a volta do bateleiro á quem chamaramos. Atacados desapiadadamente pelos mosquitos, grande trabalho nos deu o conservar os cavallos no caminho. O canal naquelle ponto é muito mais largo do que junto á Conceição, mas no meio ha um banco, onde, com a maré secca os cavallos tomam pé; apesar disso, porem, a passagem é sempre fatigante e perigosa

para os pobres animaes. Chegamos em paz á margem opposta na qual está a povoaçãozinha de Itapissuma (6), que consiste n'uma unica e comprida rua parallela ao canal, em cuja margem está edificada; as casas são pequeninas e baixas. Um estreito caminho levou-me á Pasmado, povoado que fica á duas leguas de distancia; então entrei na larga estrada do gado. Passando o rio Araripe atravessei a povoação do Bú e por volta de meio dia chegamos a aldeia de Fontainhas. Hospedei-me n'uma choupana e sabendo que ali perto vendiam carne fumarada mandei comprar um bocado, que a bôa mulher dona da choupana me preparou.

Os moradores de Pasmado são celebres pela sua habilidade na execução de obras de ferro; as facas que fabricam são procuradas no paiz, e, embora prohibidas, como ja tive occasião de dizer vendem-nas publicamente não só lá como nos demais povoados.

Estava eu ainda em Fontainhas quando chegaram á porta trez sujeitos armados conduzindo outro, que fôra preso como suspeito de furto de cavallos. Provou-se que fôra visto, em companhia de um individuo, que fazia parte de uma quadrilha de ladrões; mas por sua vez elle provou tambem que aquelle homem só o acompanhara para ajudal-o a conduzir cavallos e á seu respeito nada mais sabia, pelo que foi posto em liberdade. Durante a minha permanencia em Pernambuco, apenas ouvi fallar de dous ou trez roubos á mão armada em casas particulares e de quasi nenhum assassinato que não fosse provocado por briga ou por vingança; quanto ao furto de animaes, porem, é commum, e eu gostava de ouvir contar estas especies de furto. (7) A

---

(6) Em 1646, depois que os Portuguezes se apoderaram do navio que aguardava. Os Marcos, adeantaram-se para elle, que então estacionava em Itapissuma ou Tapissuma; os hollondezes porem tocaram-lhe fogo. (*History of Brasil*, vol. 11, pag. 177).

(7) Um homem de côr, que eu conhecia, possuia diversos



tarde cheguei á Goyanna e no dia immediato apresentei ao juiz os meus titulos de propriedade. Tendo dado estes passos voltei a Itamaracá. Durante a minha estada em Goyanna um navio inglez chamado "Elisabeth" encalhara n'um banco de areia ao sul do porto da ilha, sendo tirado por outro de guerra igualmente inglez, que o tomára por americano, cahindo aquelle no mesmo erro com relação a este. O commandante do navio mercante, esforçando-se por ganhar o porto de Itamaracá, battera

bois que lhe serviam para puchar uma carroça, que alugava aos agricultores e era guiada por um de seus filhos. Dous dos bois foram furtados e a suspeita recahiu n'um homem que gosava de certa reputação no districto e que arrendara um engenho não longe d'ali; um dos filhos do dono dos bois resolveu certificar-se do facto. Vestindo roupa de côro, para disfarçar-se, dirigiu-se á cavallo á casa do homem suspeito. Chegando ao oscurecer não o achou em casa: mas fallando á cazeira disse-lhe que vinha do seítão trazendo gado para vender, o qual só no dia seguinte chegaria. Indagando se ella acreditava que o patrão lh'o compraria, obteve resposta affirmativa e foi convidado a passar a noite ali afim de esperal-o, pois que tambem só chegaria no outro dia de manhã: o falso sertanejo pediu-lhe que se não encommodasse que elle iria dormir no engenho e com effeito para lá se encaminhou, conservando-se quieto parte da noite. Quando lhe pareceo que todos dormiam, poz-se a procurar os chifres e os couros dos bois. Os couros podia reconhecer pela marca particular que, conforme o uso, fizera com um ferro em braza no quarto direito de cada boi, quanto aos chifres reconheceria pelos furos que nelles abrira para com mais facilidade ajaezar e attrelar os bois; elle mesmo havia feito aquelles furos e por tanto difficilmente se enganaria. Já tinha desistido das pesquisas e renunciado quasi toda a esperanza de bom resultado quando da rede em que estava deitado, levantando os os olhos, descobriu dous couros frescos dependurados no travejamento. Ali subio levando na mão um tição aceso, e passeando a luz ao longo dos couros, verificou a existencia da marca que elle mesmo havia feito. Sem perda de tempo, cortando as partes dos couros onde se achavam as marcas, guardou-as com o maior cuidado e montando a cavallo voltou para a casa as duas horas da madrugada. Conservou os pedaços de couros, como trophieos e os mostrava como prova contra o homem que lhe furtara os bois, mas não obteve nem esperou nunca a menor reparação. Isto passou-se e 1811 á cinco leguas do Recife.



no banco de areia e só deu pelo engano quando o de guerra enviou á bordo o seu escaler. O encahlado safou-se na enchente da maré e partio para o Recife sem haver soffrido grandes avarias. Muitos moradores de Itamaracá, indo em jangadas levar os soccorros que estavam ao seu alcance, ficaram furiosissimos por não consentir a equipagem que elles subissem á bordo. Isto devido, penso eu, ao receio que tiveram os Inglezes de pilhagem ou de reclamação de direitos de salvados como em taes casos acontece com frequencia na costa da Irlanda. Longe porem da intenção de lhes fazer mal, persuado-me de que uma bagatella (um pouco de aguardente, por exemplo) teria contentado aos que foram offerecer os seus serviços.

Depois que me estabelecera em Abril no Toque, era o nome de minha nova residencia, levava uma vida tranquillã, e para quem não tivesse conhecido outro paiz, ou sentido que viver no Brasil era uma especie de banimento, aquelle genero de vida parecia felicissimo. Eu partira moço e por consequente bem poucas lembranças saudosas tivera que combater; confessarei mesmo que deixar o Brasil custou-me esforços. O clima sobretudo é encantador o calor é lá pouco encommodativo e a força do sol modificada pela frescura da brisa maritima. A da noite dissipa a fadiga e predispõe ao mais placido somno. Muito gostava eu de sentar-me á porta quando a lua, projectando os seus raios deixava ler ao clarão de seus raios não sem esforço, mas sem difficuldade. Quantas vezes, nas noites escuras divertia-me em contemplar as luzes que brilhavam nos bancos que entram no mar de cada lado do porto e que eram frequentados, em maré secca, por numerosos individuos que a elles iam em busca de mariscos. O aspecto daquellas luzes era singular, parecendo fluctuar sobre as aguas.

A casa em que eu então morava era um edificio comprido e baixo, situado, como ja disse, na brecha aberta no flanco de uma montanha bastan-

te escarpada e construida de madeira e barro; a aba do telhado subia de uma banda á cinco pés do chão e da outra somente á trez. A porta e as janelas ficavam na parede de um dos lados e deitavam para o mar. Os moveis da sala principal consistiam em algumas cadeiras, uma meza, um cofre contendo os meus livros e um grande armario onde se guardavam farinha e feijão para o consumo do pessoal no correr da semana; a um canto uma grande jarra d'agua e n'um torno pregado na parede, por cima da jarra, um côco com que communmente se tira a agua e que é feito da metade do casco da fructa que tem o mesmo nome, tendo um comprido cabo de páo. Alguns ricos usam côcos de prata. A sala que acabo de descrever, os gabinetes ou pequenos quartos de dormir e uma casinha occupam a casa. Ao lado havia uma estribaria e dous quartos, que ainda não se achavam acabados quando deixei a ilha. Nos fundos eram a casa de farinha e, na mesma direcção, um pouco mais adeante, as choupanas dos negros por elles construidas de barro e palha de coqueiros. Eu me achava ainda mais perto do canal do que d'antes, e por tal modo collocado que podia, ver todos os botes que iam e vinham. O terreno em redor da casa tinha muito matto e muitos coqueiros, bem como alguns acajús, fil-o logo desembaraçar do matto pequeno ficando a vista desempedida de todos os lados.

O meu primeiro cuidado pela manhã era de verificar se toda a gente tinha ido para o serviço á hora determinada e mais tarde visitava a estribaria e as demais dependencias da propriedade. O olhar do dono é principalmente necessario havendo escravos, porque os cuidados destes só raras vezes são resultados da amizade. Depois disso almoçava, em seguida lia, escrevia ou montando a cavallo, ia examinar o trabalho. Jantava sempre as duas horas, as trez ou quatro ouvia os subordinados que precisavam fallar-me ácerca do serviço, com-



municar-me alguma noticia ou receber ordens. Geralmente um pouco depois das quatro voltava a cavallo para inspecionar o serviço e recolhia-me as cinco e meia, passando constantemente o resto do dia a ler; as vezes o vigario ou outro qualquer amigo visitava-me e só sabia as sete horas. A situação em que me achava podia ser considerada como absoluto isolamento. Via os pretos, uns após outros, voltarem do trabalho, fatigados, cobertos de poeira; por intervallos e tristemente soava o toque do sino convidando os catholicos á rezarem o terço; o mar parecia negro e a folhagem das arvores offerecia rapidamente uma côr mais sombria quando o sol descendo, occultava-se á traz das montanhas. Quasi que não ha crepusculo n'aquellas regiões; em poucos minutos as trevas succedem á claridade, á menos que a lua não se levante logo; mas essa com todo o seu esplendor, só brilha poucos instantes depois que o sol se esconde. A tarde sentava-me em pleno ar e fumava; na epocha das grandes marés fazia accender fogo no lado d'onde o vento soprava, afim de garantir-me contra os mosquitos e outra especie de môscas preta miudinha conhecida por "maroim", e cuja picada é tão dolorosa como a do mosquito, que no Brasil se chama "morissoca". Acha-se de ordinario o "maroim" junto dos mangues. Se estes insectos se tornavam por demais importunos, ou se me dava na cabeça, fechava a porta e as janellas e punha-me a ler ou a escrever até as dez ou onze horas, indo afinal deitar-me, mas quasi sempre na rede onde passava a môr parte da noite.

O meu tempo passou-se menos agradavelmente nos mezes de Junho e Julho, não só por causa das chuvas, como pela ausencia do vigario que então retirara-se para o Recife.

Graças aos esforços d'aquelle bom sacerdote a vacina começava a fazer progressos na localidade. Dous meninos, cujos pais moravam em Conceição, foram enviados ao Recife para serem vacinados,



Quando voltaram, o cirurgião de Iguarassú, moço de bastante merecimento foi á ilha para vacinar aos que se quizessem sujeitar á operação. Nas creanças a innoculação foi quasi geral. Disseram aos pais que a doença não era contagiosa e por isso nenhuma precaução foi tomada no sentido de separar-se os meninos vacinados dos que o não tinham sido, na mesma casa. Pouco depois uma mulher de certa idade que tratava um menino que se vacinara, adoeceu e morreu, e muitas outras pessoas foram accomettidas do mesmo mal. O contagio propagou-se e dez ou doze pessoas da ilha morreram delle, só se podendo deter o flagelo em seus progressos, com a innoculação no maior numero de pessoas possível. Observava-se que nenhum dos que precedentemente haviam sido vacinados, corria perigo e d'ahi concluíram que o melhor partido era submeterem-se a operação. Alguns porem assustaram de tal maneira, com a sorte dos accomettidos, que refugiaram-se nos mattos não se atrevendo, durante muitos dias, a se approximarem de lugares habitados, com medo do contagio. Ficou demonstrado que n'aquella epocha a variola não existia na ilha, porque sobre isso fez-se rigorosa indagação. A grande trabalho se deram as pessoas zelosas e activas para se certificarem a respeito. Quando essa terrivel enfermidade se manifesta em qualquer parte, toda a região fica alarmada e as maiores precauções são tomadas no sentido de impedir-se a communicação com o local onde ella reina. Diria-se geralmente, que os dous meninos mandados ao Recife para serem vacinados, o tinham sido com virus variolico em vez de virus vacinico; ou antes que este ultimo estava corrompido e tomara qualidades contagiosas. Para vacinar os dous meninos empregaram o púz extrahido de um preto que, é certo, fôra vacinado, mas que na occasião ja podia estar com a variola ainda encoberta. E' pelos negros africanos, que n'aquellas plagas esse flagelo ordinariamente se espalha e é o mais terrivel

de que ellas podem ser atormentadas. Um sujeito que morava nos arredores de Conceição foi atacado de variolas e falleceu. Conservara-se elle por mui pouco tempo sentado defronte de uma casa, onde haviam algumas creanças que tinham sido vacinadas.

O desgraçado resultado que deu essa prova da vacina, reforçou os prejuizos de muita gente contra essa feliz descoberta; outros que lhe haviam recomendado a applicação começaram a ter medo de se haverem equivocado; entretanto como nenhum dos vacinados correra perigo, a população em geral não lhe votou aversão. Inquietei-me bastante com a manifestação d'aquelles acontecimentos. O meu pessoal, compunha-se de vinte e cinco pessoas, forros e escravos, das quaes quasi nenhuma tinha tido bexigas. Eu não podia fazê-las vacinar todas ao mesmo tempo, e por consequencia intercetei as communicações com a vizinhança, e consegui-o sem grande difficuldade. Armando o Manoel, determinei-lhe que prohibisse, fosse a quem fosse, de se approximar da casa; procedendo assim eu não fazia injustiça á ninguem, porque o caminho findava em minha casa e por ali não havia outro para parte alguma. Possuindo grandes cães, mandei-os soltar n'aquellas occurrencias avisando a vizinhança das medidas que adoptara.

O governo brasileiro desenvolveo a maior actividade para a introdução da vacina no paiz. No Recife foi fundado um estabelecimento com um medico e dous cirurgiões para vacinarem gratuitamente, sobretudo aos que voluntariamente quizessem utilizar-se do preservativo. Todavia o estabelecimento não se organisou de modo a ter-se vacina constantemente; e por isso acontece que os encarregados desse serviço muitas vezes ficam inativos durante semanas consecutivas.





# Fastos Pernambucano

## CAPITULO III

### Insurreição Pernambucana

*(Continuação do numero 85)*

A restauração de Portugal, em 1640, exerceu decisiva influencia na sorte do dominio hollandez no Brazil.

Na opinião dos Portuguezes a Hespanha não zelava a defeza nem os interesses das colonias de Portugal e era geral o seu descontentamento contra o dominio hespanhol.

Os Brasileiros naturalmente preferiam o governo tolerante e liberal de Mauricio ao despotico e fanatico dominio dos hespanhoes.

Agora se transforma completamente a situação.

Todo o Brazil Portuguez acclamara a D. João IV; e da Bahia foram enviados a Pernambuco emissarios a iniciar os moradores de origem portugueza a se revoltarem contra a Hollanda.

Ja não era Mauricio quem governava, com seu espirito de justiça e tolerancia; mas administradores ineptos, intolerantes quanto á religião, commettendo injustiças de todo o genero contra os Portuguezes e em favor dos Hollandezes.



Querem alguns que o principal motivo da revolta fosse a cobrança de dividas atrasadas, provenientes da venda de escravos a que a Companhia procedeu de modo vexatorio.

O Padre Antonio Vieira, no parecer que escreveu ao rei de Portugal, denominado por seus companheiros "Papel Forte", diz que os principaes promotores da guerra foram os que tomaram muito dinheiro aos Hollandezes e não quizeram ou não poderam pagal-o.

Para fazermos um estudo consciencioso na apuração da verdade, para formarmos um juiso sobre os procedimentos e as cauzas de fermentação latente explosão da revolta dos Pernambucanos contra o governo hollandez precisamos abrir um rigoroso inquerito historico, ouvindo opiniões outras, alem do testemunho dos escriptores coevos.

Prestemos, pois, attenção ao que diz Mauricio de Nassau no relatorio que entregou ao governo em Haya. Assevera elle—que os moradores, desde a conquista hollandeza e mesmo antes desta, achavam-se atrasados em finanças, devido ao grande luxo que reinava na Colonia e contra o qual lembrava a applicação das leis sumptuarias de Roma, graças ao abuso de credito dado pela Companhia a negociantes, que tudo compravam sem intenção de pagar, esperando ver-se livres das dividas, pela expulsão dos Hollandezes, para cujo fim contavam ser auxiliados pelas esquadras hespanholas, á baixa do assucar na Hollanda e aos altos preços dos generos europeus no Brazil; á morte de grande numero de negros, em consequencia da variola, o que occasionou a suspensão dos trabalhos agricolas; á má colheita de varias safras por causa dos bandos rapinantes da Bahia pela secca ou inundações e pelos ratos que destruíram á muitos canaviaes; á quebra do padrão da moeda, que considerou medida prejudicial á colonia; aos exorbitantes juros que cobravam sobre as dividas os negociantes particulares (contra sua lei expressa e publicada em edi-

taes), adicionando-lhes ainda, todos os fins de mezes, os juros capitalizados, de sorte que em dous ou trez annos montavam a 200 % e mais.

Contra este ultimo mal era de parecer que "assim como os Romanos por conviniencias politicas, não hesitaram em fazer as **novas tabulas** e em izentar, inteira ou parcialmente, o povo amotinado de suas dividas legitimas—, porque não se desobrigaria do mesmo modo a esses homens, quasi desesperados, do que n'uma extrema necessidade lhes foi, por assim dizer, extorquido contra toda a equidade e em contravenção das leis?

Aconselhou tambem que a Companhia não opprimisse aos lavradores, exigindo-lhes immediatamente o que lhe deviam, mas lhes desse um prazo razoavel para que fossem amortizando com uma certa porcentagem das suas safras.

Bem se pode ver pelo testemunho de Mauricio que aos Pernambucanos sobravam n'aquella epoca sobejos motivos de descontentamento contra o dominio hollandez.

Frei Manoel Calado, por exemplo, apresenta varias queixas contra abuzos e oppressões das autoridades hollandezas em relação aos moradores de origem portugueza, os quaes deram cousa á insurreição. Vejamos algumas dellas:

Affirma o autor do **Valeroso Lucideno** que os escollectos, fiscaes e alguazis faziam extorsões de dinheiro, prendiam sem motivo justo e exerciam toda especie de tyrannia contra os Pernambucanos, maltratavam os seus padres accusando-os de incitarem seus patricios á revolta. Diz que os lavradores eram obrigados a plantar mil covas de mandioca tendo, para attender á imposição, de abandonar um tanto o producto que lhes dava maiores interesses, a canna de assucar.

Os devedores da Companhia se viram forçados a lhe entregar todo o assucar de seus engenhos, mas os que nada lhe deviam eram de tal forma agravados com impostos, ao mandarem o seu pro-



ducto, para Hollanda, que quasi não valia a pena fazel-o.

Eis como refere o dito frade tudo o que era forçoso pagar uma caixa de assucar.

Primeiramente os que mandavam caixa ao Arrecife, em carros, logo á porta lhes sahia uma tropa de mariolas, aquem elles tinham dado o tal officio, chamados trabalhadores, os quaes puchavam com cordas e tirando as caixas dos carros dos moradores, as punham nos seus e as levavam á praça do mar, levando dous reales por cada caixa; logo levavam um tanto da balança, aonde se pesavam; logo outro tanto ao esmador da tara e ao alvidrador do peso que podia ter a madeira de que a caixa era feita; logo um tanto da entrada, e outro tanto da sahida; logo um tanto de avarias e outro tanto de licença para poder embarcar; logo um tanto de tributo, a que chamam *recognitie*; logo um tanto de uns pannos breados, com que estas caixas se cobriam, em quanto as não embarcavam, por estarem resguardadas das inclemencias do tempo; logo outro tanto aos trablhadores que as chegavam á bordo; logo finalmente os fretes, que eram excessivos; e assim era necessario embarcar um morador seis caixas para lhe chegar uma livre á Hollanda, e ainda lhe davam suas ordens para que em Hollanda se vendesse a arroba de assucar dos particulares trez e quatro *grossos* menos que as da Companhia Nieuhof, celebre viajante hollandez, autor da importante obra sobre a America e Indias Orientaes, e residente alguns annos em Pernambuco á serviço da Companhia das Indias Occidentaes, assim expõe a situação do Brasil Hollandez, de 1641 a 1645:

Em junho de 1641 o governo do Recife, recebeu a noticia do tratado de treguas por dez annos entre a Hollanda e Portugal, que foi logo communicado a todas as Capitánias, cessando as hostilidades de ambas as partes.

O Supremo Conselho, aproveitando esse inter-



vallo de paz, procurou promover a agricultura, auxiliando aos habitantes, sem olhar a nacionalidade, e o resultado foi a prosperidade da lavoura.

O commercio, assistido egualmente por medidas criteriosas tornou-se florescente e as finanças da Companhia foram restauradas. Construíram-se predios de valor no Recife e em Mauricia, e houve grande abuzo de credito confiados todos que estavam nas boas condições do commercio e da lavoura.

Mas já no principio de 1643 tudo isso começou a ficar transtornado, pois achando-se os armazens da Companhia como exhaustos com as diversas expedições contra Angola, e outros pontos, e não tendo recebido proviões de Hollanda em lugar d'aquellas, como costumavam fazer d'antes, o resultado foi que o Supremo Concelho, se vio obrigado a cobrar dividas da Companhia para pagamento ás gurnições e funcionalismo e a exigir prompto pagamento dos devedores.

Acresce que da Hollanda vinham pedidos urgentes dos commerciantes aos seus agentes para que lhes mandassem a importancia da venda de suas mercadorias, o que valeu á praça do Recife grande falta de numerario.

Quando os trez novos conselheiros Henry Hamel, Rodde e Bultestraten, chegaram ao Recife, encontraram os moradores, especialmente os Portuguezes, muito endividados pelas compras dos engenhos, plantações e negros, tendo adquerido a credito escravos e todo o necessario por preços elevadissimos, e mesmo extravagantes, comprando todo o conteudo de um armazem sem pensar na forma do pagamento.

Mas si assim faziam é que esperavam viesse a Hespanha libertal-os com suas esquadras e julgavam ficar assim livres de todas as suas dividas.

Vindo fornecimento de Hollanda, fizeram novas compras amontoando dividas sobre dividas, até que faltando aos pagamentos, perderam o credito

para com os commerciantes, que os começaram a apertar pela satisfação dos debitos.

Esses credores que eram obrigados a pagar aos seus fornecedores do Recife, viam-se reduzidos á ruina, não tendo os Portuguezes de forma alguma por onde obrigar-os.

Os agentes dos commerciantes em Hollanda foram os verdadeiros culpados desse estado de cousas, pela facilidade com que commerciam a credito.

Recorreram então os credores aos Tribunaes do Recife; sendo avultado o numero de processos instaurados por esse motivo.

Muitos dos reos para fugirem ao mandado de penhora, sobre os seus bens andavam escondidos.

Alem disso, si os credores conseguiam executar ao lavrador, viam-se obrigados a arrematar-lhes os bens em praça a ir viver em seus engenhos, o que, aliás, não convinha aos commerciantes, pois teriam de abandonar seus interesses no Recife.

Os que eram levados á prisãoahi deveriam ser mantidos á custa do credor, dispendio esse que se elevava depois de algum tempo, a tal somma, que este era o primeiro a pedir a soltura e combinar qualquer concordatá com o devedor.

Alem desses males, sobreveio nos ultimos tempos um outro, que foi a grande mortalidade entre os negros e indios pelas bexigas.

A maior parte dos primeiros havia sido comprada a preços elevadissimos e a sua perda accarretou a ruina dos plantadores, cujas lavouras foram também flageladas pelos insectos e inundações.

A Companhia vio igualmente que as dividas a cobrar dos layradores, por vendas a credito, de engenhos, negros, artigos e generos de toda especie, montava ja a alguns milhões; pelo que mandou apprehender a seus devedores todo o assucar na época da safra.

Os outros credores particulares reclamaram



contra isso, pois muitos deviam não somente á Companhia mas tambem a particulares, d'ahi surgindo questões, queixas, ameaças.

O Supremo Conselho, para prevenir maiores males, propoz que a Companhia pagasse aos credores particulares, e que o senhor de engenho entregasse todos os annos as suas safras até pagamento total de suas dividas.

Esta ultima medida, no parecer de Nieuhof, foi intentada com o fim de desafogar os lavradores para livral-os do inconveniente da pluralidade de credores, unificando-se, por esta forma, a divida em mão da Companhia—valioso auxilio prestado pelo governo, especialmente á lavoura com intuitos politicos e financeiros.

O Supremo Conselho em Pernambuco fez immediatamente um regulamento para a concessão de taes empréstimos, não faltando requerentes a esse favor e sendo muitos satisfeitos em suas pretensões. Naquelle epoca e na Historia foram essas operações de credito conhecidas pelo nome de “contractos”.

Devemos recordar ao leitor que Nieuhof, assim como Moreau, outro auctor que residio longamente no Recife, tinham relações de dependencia com a Companhia, sendo por tanto interessados em defendel-a.

Na vasta serie de publicações e folhetos dados a lume na Hollanda, de 1644 a 1647, contra a Companhia, seus directores e especialmente contra o Governo do Recife, releva citar alguns mais importantes pelo valor das suas accusações e que fazem referencia á insurreição.

O **Breed Biyl**, de cuja traducção demos um contracto na edição do **Jornal do Commercio** de 7 de junho de 1907, accusa os membros do Governo em Pernambuco, de ladrocinas, despotismo e irregularidades de todo o genero; tornando-se entretanto mais acirrada o seu ataque contra os celebres “contractos”.



Diz o autor desse opusculo que taes emprestimos "eram garantido por todos os bens do particular que os recebia".

A lei reguladora dessas dividas estabelecia que a Companhia como soberana e dona do paiz teria preferencia sobre quaesquer outros credores, e antes que cobrasse integralmente a divida, ninguem poderia receber um ceutil dos respectivos contractantes, por maior força que tivesse em direito a sua obrigação.

Nisso parecia haver zelo da parte dos representantes da Companhia; procuravam garantir seus capitaes.

Vejamos agora o reverso da medalha:

O Supremo Conselho, ao fazer emprestimo a um particular, mandava examinar por um director ou por quem melhor lhe conviesse, quaes os seus bens devolutos em terras, negrôs e bois.

Para obter a benevolencia desse relator, os donos de engenhos faziam-lhe presentes de caixas de assucar, cadeias de ouro, aparelhos de prata, dinheiro e outros valores, com o fito de obterem a informações falsa de que podiam emprestar até 300.000 mil ou máis florins.

Para que na tomada de contas os membros do Supremo Conselho encerrassem-nas sem difficuldade, e lhes fossem favoraveis, era costume receberem alguma propina, assim como os outros funcionarios, por cujas mãos passavam contractos.

De sorte que as enormes quantias sahidas dos cofres da Companhia, sem mais probabilidade de para la voltarem, eram repartidas entre o contractante, seus credores phantasticos e a gente do governo.

Muitos moradores Portuguezes, que até então haviam vivido satisfeitos sob o dominio hollandez, abuzavam dessa medida que o governo decretara para salvar a colonia da crise financeira, consequencia da quebra do padrão da moeda, da perda

de muitos escravos pela variola, da continua depredação dos campos pelos invazores bahianos, etc.

Quem mais se aproveitou d'aquelle favor foi João Fernandes Vieira, que por intermedio de Stakhouwer e de Rodde, cunhado deste e membro do Conselho, ficou devendo a Companhia meio milhão de florins.

De onde podia aquelle individuo obter os meios para jamais poder pagar aquella quantia? Não era elle, portanto, forçado a fugir ou a fazer o que fez?

Passando a outras considerações, mostra o autor do folheto o descontentamento das tropas, cujo soldo era sempre pago com grande atrazo e que eram roubadas nos generos e em todos os artigos, fornecendo-se-lhes os de peor qualidade. Assim quando, certa feita, tiveram de dar-lhes camizas, Hamel, que se encarregara disso, mandou-as fazer pelos seus creados de uma partida de linho avariado e, como se romperam ao vestil-as, os soldados acabaram de as rasgar em praça publica, á vista dos conselheiros.

Vendo os Pernambucanos o descontentamento dos soldados e que ja lá não estava o seu amigo e protector o príncipe Mauricio, acharam occasião azada para a revolta.

Presumiam elles ter mais razão para se revoltarem contra os Hollandezes do que estes tiveram nas contra os Hespanhoes, e augmentaram com um caso de crueldade para com De Vries e Lintznich, dizendo que, se foram tão deshumanos com aquelles patricios, que não fariam com elles, a quem consideravam como conquistados? Queixavam-se outro tanto, dos maus tratos inflingidos por ordem dos governadores, a seus padres.

O que porem se lhes tornava insupportavel era o serem governados por "um carpinteiro" e por uns bebedos".

O **Gell Sack**, traduzida pelo Dr. José Hygino, foi publicado pouco tempo depois do Breede Biyl;

faz-lhe muitas referencias, repete seus argumentos e da lista dos que firmaram taes contractos.

E' muito provavel que o autor ou autores de um o fossem tambem do outro e parece fundada a suspeita de não terem sido alheios ás duas publicações os commissarios De Vries e Lintzenick que estiveram em luta no Recife com os Conselheiros, por quem foram processados e banidos por 24 annos do Brasil, e Johanes Crerino, ex-dispenseiro do principe Mauricio.

Por tanto as conclusões a tirar da critica e das accuzações que alli se encontram contra os governadores, são, em summa, identicas ás do folheto anterior.

Erra em absoluto quem quizer restringir a uma só das cauzas citadas a conspiração e insurreição pernambucana, que irrompeo contra os Hollandezes em 1645.

São multiplos os seus factores e de diversa natureza: para uns fundava-se na differença de raça e especialmente de religião; originava-se para outros de questões economicas, da crise financeira, que affligia a colonia; para outro grupo de moral facil e carecteres baixos, a expulsão dos Hollandezes foi o meio mais apto de enriquecer, isto é, não pagar o muito que lhes deviam.

Apezar de serem varios e heterogeneos os elementos constituintes da insurreição, pode-se no entanto fazel-a emanar de um facto unico, mas este de importancia capital e de onde derivaram todos os males—a retirada do principe e o mau governo que lhe succedeu.

Durante a sua administração ja reclamara contra erros commettidos no governo da Colonia, no relatorio apresentado aos Estados Geraes, em Haya, expoz todas as faltas praticadas pela directoria da Companhia, que haviam de trazer como consequencia do descontentamento pernambucano, e as conduziria provavelmente á revolta.

Nesse programma de governo indicava o corre-



ctivo para todos aquelles males e se o executassem haveriam prevenido a reacção do povo opprimido.

Mas em vez dessa politica de conciliação e de procurarem supprimir qualquer pretexto do resentimento para com a raça vencida, os seus successores só tratavam de locupletar-se por meio de extorsões ao povo e delapidação dos cofres da Companhia.

Parecia, e chegaram a desconfiar na Hollanda, que os do Supremo Conselho desejavam provocar a revolta.

Com que intuito? perguntarão alguns.

Naturalmente para por esse meio não serem descobertos os seus actos deshonestos e não terem de responder por elles.

Nos **contractos**, por exemplo, tiveram grande culpa convindo declarar que essa medida foi reprovada por Mauricio.

O principe havia deslumbrado, os Pernambucanos, não só pelo talento e virtudes, mas tambem pelo fausto de sua corte, pois o palacio de Vrijburg, com o seu luxo, as suas festas brilhantes, banquetes sumptuosos e recepções, com um corpo completo de funcionarios do paço, bem merecia aquelle titulo; por outro lado, o conde, pelo seu porte nobre e marcial, pela sua estirpe real e como chefe do Estado, era considerado pela nobresa de Pernambuco, como um soberano.

Para provar a estima e grande popularidade por parte dos moradores, basta recordar que, ao saberem da sua retirada do governo, fizeram-lhe todas as demonstrações de amizade, rogaram-lhe que ficasse e se declararam promptos a pagar um imposto sobre o assucar para augmento da renda, esforçando-se de toda forma para que elle continuasse no poder.

Os conselheiros que lhe succederam tinham contra si a desvantagem de não pertencerem ás classes superiores da Sociedade.

Ora, os Pernambucanos, descendentes dos Al-

buquerque Cavalcanti, e de outros fidalgos Portuguezes e de familias da cidade de Vianna, entrelaçados por parentesco com os donos da terra, não podiam esquecer-se d'aquella circumstancia e achavam insupportavel terem de ser governados por taes plebeus.

Foi por tanto o conjuncto de varias cauzas, isto é, a differença de raça, de costumes e de religião a restauração de Portugal e especialmente a incompetencia e deshonestidade dos ultimos governadores, que fez nascer no coração dos moradores a ideia de insurreição para expulsar os Hollandezes.

Aquelle grupo de verdadeiros patriotas teve de acolher, ainda que com repugnancia, sob suas bandeiras, a uns poucos que não movidos expressamente por aquelles motivos leaes e justificaveis, mas sim pela velhacaria propria de vis aventureiros.

Eram esses ultimos em pequeno numero, mas um chegou a figurar como chefe da insurreição, e delles disse o padre Antonio Vieira que "haviam feito a revolta porque deviam muito aos Hollandezes e não queriam pagar."

Estando assim dispostos os espiritos em Pernambuco, receberam os conspiradores animação e promessa de auxilio do governo da Bahia e de D. João IV.

Entretanto era voz geral em Portugal e na Bahia que Pernambuco estava perdido para os Portuguezes.

No já mencionado Papel forte, o padre Antonio Vieira, entre os muitos argumentos apresentados que provaram a necessidade de abandonar Pernambuco diz que, "Si não poderam resistir á Hollanda quando Portugal e Hespanha estavam unidos, como seria possivel agora quando Portugal se achava só? (Vide Revista do Instituto Historico parte I 1893).

Havia sido feito um armisticio por dez annos para o Brasil entre Portugal e Hollanda e não con-

vinha a D. João IV, que estava em guerra com a Hespanha abrir luta com a Hollanda por cauza de Pernambuco.

O governo da metropole renegava, mas apenas apparentemente aos Pernambucanos.

Aquelle grande rei não se conformava em perder uma das perolas mais preciosas de sua corôa, e assim, em quanto dava as maiores satisfações á Hollanda combinava com Antonio Telles da Silva, á quem nomeou governador geral no Brasil e André Vidal de Negreiros distincto Parahybano e mestre de campo no exercito portuguez os planos da insurreição pernambucana.

Este official era tido em tal estima pelo rei que ao despedir-se recebeu do soberano a promessa formal do governo do Maranhão, logo que se restaurasse esta Capitania.

Quando foi mandado por aquelle governador ao Recife, para queixar-se a Mauricio da Conquista de Angola pelos Hollandezes, foi preparando a revolta, fazendo ver autorizações secretas do punho do proprio rei, pelas quaes podia distribuir alguns habitos de Christo.

O que é certo é que Tournalon, capitão das guardas do principe e casado com D. Anna Paes, foi suspeito de ter entrado n'aquella conspiração e mandado preso para Hollanda.

Procurou os moradores mais influentes e lhes communicou o seu enthusiasmo e planos, e fez entrar nos segredos da empreza a João Fernandes Vieira, a quem apresentou para figurar de chefe na revolta.

Convinha de toda forma provar ao governo hollandez, que a revolução em Pernambuco era obra exclusiva dos seus moradores, sem a minima intervenção de Portugal; aquelle Funchalense, pelas relações intimas que entretinha com o Supremo Conselho, como Capitão de milicia da Burguesia e pelo conhecimento das condições militares da Companhia e da praça, em consequencia dos seus



privilegios, seria o ultimo a ser suspeitado pelos conselheiros, e podendo, no entanto, colher todas as informações necessarias á empreza.

Outra consideração importante para aquella escolha eram os seus cabedaes, engenhos, escravos e cruzados sendo sempre o nervo da guerra o dinheiro.

João Fernandes Vieira para fazer esquecer a sua humilde casta, conseguiu cazar com uma filha do illustre Berenguer, que, bom patriota, fez este sacrificio á bem da cauza nacional.

Para mais tornal-o tolerado pelo orgulho, dos aristocraticos Pernambucanos, formaram ainda aliança matrimonial entre filhos de Berenguer e de Antonio Cavalcanti, fidalgo arruinado nas finanças, mas de grande influencia na Colonia dotando Fernandes Vieira aos noivos.

Tendo observado bem as condições da praça e dos arredores, contando com a franca adhesão dos seus patricios á causa da liberdade e havendo conciliado interesses e rivalidades dos correligionarios, retirou-se André Vidal á Bahia para combinar com o habil politico, o governador Telles da Silva, o futuro programma nas relações com os Hollandezes.

Em agosto de 1644 D. João IV nomeou-o para governador e Capitão general do Maranhão, que ja se libertara dos Hollandezes.

Antes de receber essa noticia e de accordo com Telles da Silva, resolveu fazer um levantamento geral em Pernambuco e Parahyba.

Nesse momento entraram em scena os abnegados heroes da insurreição Pernambucana contra aquelles que queriam tornar-se seus oppressores; e sós, sem o auxilio da metropole, conseguiram a expulsão dos Hollandezes do torrão natal.

E' André Vidal de Negreiros quem ateia a revolução; vai com Nicolau Aranha, em uma caravela, em Setembro de 1644, da Bahia a Pernambuco; d'alli segue por terra para Parahyba; sob o pretexto de visitar o paiz, e nesse percurso combina com

João Fernandes Vieira e outros o levantamento geral, que devia irromper no dia 24 de junho de 1645; mas sendo denunciados, foram obrigados a dar principio no dia 13 do mesmo mez e anno.

Ja aqui não figuram as grandes Batalhas navaes, em que foram derrotados Hespanhoes e Portuguezes; trava-se agora uma luta titanica, em que os Pernambucanos foram conquistando o terreno aos invasores, não em guerrilhas, como no primeiro periodo de invasão, mas em assedios regulares, assaltos e batalhas campaes.

Essa campanha, que durou nove annos, é uma epopéa e constitue algumas das paginas mais brilhantes e mais gloriosas da nossa historia militar.

E mais assombro causam aquelles heroes ao considerar-se que eram os Hollandezes um povo aguerrido, bem armados e commandados por generaes valentes e afamados.

E' especialmente digna de nota a modestia e abnegação manifestadas, quer na conspiração, quer na execução da empreza, por André Vidal de Negreiros, o chefe real da campanha. Este patriota, a alma da reacção pernambucana, esforçava-se em distrahir da sua individualidade, toda a admiração ou mesmo a attenção publica; procurava como que fazer desaparecer a sua brilhante figura, e si assim procedia não era só por obvia conveniencia politica, mas, como bem disse Sothey:—Era elle um desses homens superiores á todas as considerações de egoismo e titulos; honras e riquezas nada eram a seus olhos, quando se tratava de servir á patria.

Da parte dos Hollandezes entraram em acção Van Schoppe, Van Brincke, João Baar, Henrique Hans e outros. Do lado pernambucano distinguiram-se André Vidal de Negreiros, Barreto de Menezes, Phelippe Camarão, Henrique Dias, João Fernandes Vieira e outros.

Afim de pôrem em execução o plano de libertação do norte do Brasil, combinado entre o rei,

Telles da Silva e André Vidal de Negreiros, foi este ultimo nomeado governador da fronteira do Norte, sendo enviado para o interior de Pernambuco o Capitão Antonio Dias Cardozo com setenta homens, e mais tarde, no mez de Março de 1645, seguiram com o mesmo destino Phelippe Camarão e Henrique Dias com a sua gente.

A 30 de Maio desse anno o Supremo Conselho recebeu uma carta tendo como assignatura os dizeres: "A verdade Rús Ultra" na qual vinha a denuncia da conspiração.

Por esse motivo sahiram do Recife no dia 12 de junho á noite algumas tropas para dar cerco ás cazas dos chefes denunciados Fernandes Vieira, Antonio Cavalcanti, Berenguer e outros, mas não os encontraram.

Procuraram captural-os por varios ardis, especialmente a Vieira, por ser este conhecedor dos recursos e situação militar das forças hollandezas no Recife e tambem pela sua grande divida aos cofres da Companhia.

Todos os conjurados trataram de occultar-se na matta, deixando as familias, que foram entretanto, respeitadas pelos Hollandezes.

Foram presos apenas de Carvalho, Fernando do Valle e Antonio de Bulhões; esses, sendo interrogados pelo assessor Walbek, declararam ter sido elles os autores da carta anonyma.

A revolta devia explodir em 24 de junho, dia do festejado São João, mas como se sabiam descobertos, anteciparam-na dando-lhe inicio a 13.

Effectivamente nesse dia reuniram-se no engenho de Luiz Braz Bezerra, na freguesia de S. Lourenço da Matta, os quinze conjurados seguintes: João Fernandes Vieira, Antonio Cavalcanti, Francisco Berenguer de Andrade, Christovão Berenguer, Antonio Bezerra, Antonio Borges Uchôa, Francisco de Faria, Antonio da Silva, Antonio Carneiro Falcão, Bernardino de Carvalho, Cosme de Castro Passos, João Nunes Victoria, João Cordeiro Menda-



nha, Alvaro Teixeira e Amaro Lopes Moreira; Proclamaram como seus chefes a João Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanti (os de cada freguesia haviam sido nomeados anteriormente, e foram acampar no outeiro do Bezerra, dentro da matta, onde ficaram durante trez dias, esperando alguma gente para organizar o seu exercito.

No dia 16, tendo apenas 130 homens e mal armados, seguiram para Camaragibe a trez leguas do Recife, e alli acamparam.

Deram aviso aos patriotas das varias freguezias para organizarem companhias e reunirem-se ás suas forças, adherindo logo os moradores da Varzea á revolta.

Ja por aquelle tempo chegara ao acampamento dos insurrectos a noticia de que Camarão e Henrique Dias atravessaram o rio São Francisco, trazendo-lhes auxilio.

O Supremo Conselho mandou em commissão á Bahia o major Hoogstrateu e Van de Woorde pedir explicações a Telles da Silva, respondendo este com muita habilidade e conseguindo comprar o primeiro emissario para entregar-lhe mais tarde o forte de Nazareth.

Domingos Fagundes, Capitão de uma companhia de Ipojuca, foi o primeiro a entrar em acção, incendiando e saqueando as propriedades dos Holandezes naquelle povoado; a guarnição hollandeza fugio e os habitantes de todo o districto pegaram em armas, collocando-se sob o commando de Amador Araujo, chefe de freguesia.

Ficaram, assim, interceptadas ao inimigo communicações com o sul de Pernambuco.

Goyanna e Parahyba tambem se declararam em revolta; nesta ultima Capitania o director Dr. Linge esforçou-se em suffocal-a, ora com actos de bandeira, offerecendo a annistia, ora pela violencia, como uzou com Bulhões, mandando enforcal-o. Tudo debalde.

O Coronel Hans sahio do Recife no dia 24 de

junho para ir bater os rebeldes de Ipojuca, e effectivamente os destroçou, mas quasi todos internaram-se na matta e reuniram-se ao exercito de Vieira.

Por esse tempo ja o Sargento-mór Antonio Dias Cardoso, juntara-se á aquelle exercito, tomando o Commando do mesmo.

No dia 3 de agosto da-se a batalha do Monte das Tabocas, perto do rio Tapacorá, em que o coronel Hans, com 800 homens foi derrotado por Dias Cardoso com 1.000 patriotas.

A peleja durou cinco horas, perdendo os Holandezes, segundo a versão dos nossos, uns 300 homens e grande numero de feridos e retirando-se á noite. A perda dos independentes foi apenas de 37 feridos e 28 mortos.

A noticia de tal feito produziu grande satisfação em Portugal, sendo talvez por esse facto que promulgou o decreto, pelo qual d'ahi em diante os herdeiros da corôa tiveram o titulo de Príncipes do Brasil.

A' cerca desse decreto conta Ericeira a seguinte chistosa anedocta:

El-rei, sabendo regular as disposições pelos tempos declarou este anno Principe do Estado do Brasil a seu filho o Principe D. Theodosio, e foi separando o rendimento da casa de Bragança para alimentos da casa do Principe. Quando tomou esta resolução foi o primeiro que deu noticia d'ella ao Principe D. Manoel da Cunha, Arcebispo de Lisbôa e Capellão mor; disse-lhe, uzando da phrase commum de ser o Brasil outro mundo descoberto, que lhe dava o parabem de o ver Principe do outro Mundo.

"E como o Arcebispo era velho, amarello e magro, respondeu-lhe o Principe com agudeza e descripção, de que era dotado que só embalsamado lhe podia trazer semelhante nova.

"Mas com tudo lhe agradeceu por estillo mais

serio com a veneração com que costumava tratar os Prelados da Igreja.”

Após a animadora victoria o exercito libertador recebeu mais os reforços de Felippe Camarão e Henrique Dias com as suas tropas.

Resolveram então ir ao encontro das forças desembarcadas em Tamandaré, devendo Antonio Cavalcanti partir antes com 150 homens em auxilio de Iguarassú e Goyanna. Este chefe Pernambucano morreu inesperadamente em Iguarassú.

Pretextando attender ás reclamações do Supremo Conselho, Telles da Silva mandou os Mestres de Campo André Vidal de Negreiros e Martins Soares Moreno em auxilio dos Pernambucanos com a esquadra do almirante Jeronimo Serrão de Paiva, desembarcando às tropas em Tamandaré.

Os chefes dessas forças declararam que vinham punir os rebeldes e obrigar-os á sujeição da Companhia; mas diziam isso para illudir o governo do Recife.

Os mestres de Campo mandaram á sua frente o Sargento mor Paulo da Cunha contra a villa de Serinhaem, que era defendida apenas por 80 soldados hollandezes e 60 indios, commandados por Samuel Lambert e Cosme de Moucheron.

O Sargento mor, depois de dar cerco á villa, mandou Samuel Lambert a seguinte carta, datada do engenho de James Peres:

“Vim a este engenho por ordem especial dos nossos chefes Martins Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, que se acham actualmente muito occupados em desembarcar as tropas; mandaram-me antes para prevenir qualquer desgraça que, de outro modo a não ser assim, poderia sobrevir entre vóz e os nossos.

“Si quizerdes juntar as vossas forças ás nossas, ou retirar-vos com ellas para outro lugar, podeis fazel-o livremente.

“Estou prompto a vos fornecer passes para esse



fim, tendo os referidos chefes vindo com a intenção de por termo á presente insurreição.

“Deus vos proteja—Engenho Santo Antonio, 2 de Agosto de 1645—**Paulo da Cunha Souto Mayor**”.

Os mestres de campo chegaram dous dias depois e repetiam a intimação.

Southey refere o seguinte sobre o episodio da rendição:

“Vendo-se cercada por forças superiores, e com a agua cortada, rendeu-se a guarnição apressada e cobarde, deixando 60 indios á desapiadada vingança dos Portuguezes.

O auditor geral Francisco Bravo, que acompanhava o exercito, condemnou-os como traidores a el-rei de Portugal, e trinta foram immediatamente estrangulados, divididos o resto entre os officiaes para lhes conduzirem ás costas as bagagens e distribuindo-se as mulheres e filhos pelos habitantes do distrito, não em verdade sob o nome de escravos, mas por systema pouco menos nefario de administração, como a chamavam.”

Eis uma inutil crueldade perpetada por um povo christão.

Soares Moreno, separando-se então do companheiro, seguiu pelo caminho junto á praia do mar até o rio da Gambôa e Pontal de Nazareth, onde encontrou o Capitão mor Amador de Araujo e Coronel Pedro Marinho Falcão, que de ordem de Vieira pozeram cerco á fortaleza de Nazareth, uma das melhores que os Hollandezes possuíam.

Foram taes as queixas articuladas pelos insurrectos e os pedidos de auxilios contra os seus oppressores, que Soares Moreno, que só procurava um meio de se desculpar com o governo do Recife, tornou-lhes o partido, pondo-se logo á frente de todas essas forças e apertando o assedio do forte.

André Vidal, por outro lado, marchou em direcção ao acampamento do exercito de Vieira para aparentemente obrigar-o a obedecer á Companhia

das Indias Occidentaes, dando-se o encontro dos dous em Santo Antonio do Cabo.

Representaram ahi uma verdadeira Comedia, previamente combinada, afim de não comprometterem as boas relações existentes entre Portugal e Hollanda.

Manifestaram João Fernandes Vieira e um soldado do seu exercito, em defeza e justificativa da revolta, declarando não poderem supportar por mais tempo o jugo dos Hollandezes. Depois dessas arengas os soldados de André Vidal de Negreiros confraternisaram com o do exercito libertador, seguindo então os dous chefes com as suas tropas para o norte.

Chegaram por esse tempo ao campo dos Independentes em Penedo, á margem do rio de S. Francisco os Capitães Nicolau Aranha e Francisco de Mattos, que, por ordem do governador da Bahia vinham ajudal-os a tomar o forte Mauricio, ja sitiado pelos pontos do Sul e Oeste.

Foram logo incendiando algumas lanchas hollandezas ali ancoradas e completaram o assedio pelo lado do Norte, que ainda estava aberto.

Voltemos, porem, ao coronel Hans, depois da derrota em Tabocas.

Seguira elles para São Lourenço de onde mandou noticias dos successos ao governo do Recife, a pedir reforços, que recebeu no mesmo dia, dirigindo-se então para Apipucos, indo acampar nas cazas de D. Anna Paes, no lugar hoje conhecido por Casa Forte.

Deste ponto mandou o Tenente coronel Blaer com algumas companhias revistar todas as cazas da Varzea e prender as mulheres dos moradores notaveis do lugar e que se achavam no exercito pernambucano.

Foram effectivamente conduzidas para caza de D. Anna Paes trez dessas damas: D. Isabel de Goes, mulher de Antonio; D. Luiza de Oliveira, mulher de Alvaro Lopes; D. Anna Bezerra, mulher de Fran-

cisco Bêrénguer de Andrade; sogra de João Fernandes Vieira.

Dous habitantes da Varzea, João Alvares da Guarda e o licenciado Matheus de Souza Uchôa, correram a levar noticia a Tigipió, onde estavam acampados os nossos, chegando alli á noite.

O exercito Libertador marchou immediatamente contra o inimigo, chegando ao amanhecer ao Cordeiro na margem do rio Capibaribe, que atravessou, e, dirigindo-se ás cazas do engenho de D. Anna Paes surprehendeu e aprisionou duas sentinellas.

Estas informaram que a tropa estava destribuida em dous Esquadrões em frente do engenho e que iam marchar brevemente sobre o Recife, um por Olinda e o outro pela Varzea, esperando apenas que os officiaes acabassem de almoçar.

Depois de encarregar a Camarão com os seus indios de guardar todos os caminhos, afim de não deixarem escapar nenhum dos inimigos, para o Recife, o grosso do exercito marchou contra elles.

Os Hollandezes logo o descobriram e tocaram rebate, mas os seus officiaes não tiveram tempo de se collocar á frente dos soldados, que foram repellidos para dentro da caza do engenho, donde começaram a tirotear com os nossos.

Muitos patriotas tomaram posição na igreja, outros se abrigaram por detrás de um grande monte de lenha e d'alli romperam nutrido fogo sobre as cazas occupadas pelos hollandezes e indios, seus alliados.

Os edificios eram de taipa e tão finas ás suas paredes, que não livravam das balas os que estavam dentro, pelo que ficaram alguns feridos.

Foi tal o aperto em que se acharam que mandaram expor nas janellas as trez mulheres aprisionadas.

Os chefes pernambucanos julgaram que quizessem capitular; fizeram por tanto parar o tiroteio e mandaram um parlamentar intimar-lhes a rendição,



Não foi aceita a intimação e dispararam tiros das cazas.

Os nossos, irritados pela resistencia, lembraram-se de atear fogo aos edificios, que eram construidos sobre pilares, e puzeram em pratica a ideia.

Appareceu então a janella o Coronel Hans, com uma bandeira branca e apresentou o cabo da pistola em signal de rendição.

Southey, Nieuhof, o **Castrioto Luzitano** e **Vale-roso Lucideno**, assim descrevem as lamentaveis scenas que se seguiram.

João Fernandes Vieira e os Pernambucanos eram por não dar quartel.

Tinham presentes na mente todos os males soffridos, a recente matança de Cunhaú, o edicto contra as mulheres, e ainda mais lhes inflamava o zelo e a furia o aspecto de uma imagem da Virgem, que um velho morador da Varzea lhes mostrava no calor da acção e a qual haviam os Hollandezes, no seu desprezo pela idolatria catholica, cortado os braços.

Cabiam della gottas de agua e o povo a clamar: "Milagre! Milagre! A imagem de Nossa Senhora Sua!"

Vendo isto, e como o fogo ardia, e os Hollandezes prestes a ser prezo do elemento encontraram os Pernambucanos no espirito cruel da sua Igreja uma singular propriedade em destruir o inimigo com este genero de morte e clamaram que os queimassem vivos, como hereges obstinados e incorregiveis que eram. Oppoz-se-lhes, porem, Vidal, cuja natural humanidade nem o character da epoca, nem as circumstancias do Brasil, nem a mortal superstição do seu paiz, tinham podido suffocar, e por sua ordem foi extincta a chamma.

Acabava de passar o dia de S. Lourenço e o mestre de campo soube apaziguar o povo, observando que, tendo sido este santo martyrisado pelo fogo, não queria que os Hollandezes morressem da mesma maneira.

Permittiu-se pois a Hans e Blaar que salissem a apresentar as suas condições. O mais que pediram foi a salvação das proprias vidas, querendo tambem estipular egual graça para os indios ao seu serviço. Contra isto manifestaram-se os Portuguezes, que olhavam esta gente como rebelde e estavam exasperados pelos recentes excessos por elles commettidos.

Os miseros selvagens puzeram termo á discussão, e sabendo quão pouca misericordia deviam esperar, arremetteram contra os seus inexoraveis tyrannos.

Depressa foram subjugados e passados todos á espada. Camarão era aparentado com a cacique delles, mas o Christianismo, que lhe haviam ensinado, pouco lhe abrandara a ferocidade do caracter selvagem.

Em sua opinião merecia o parente dobradamente a morte, como rebelde ao seu rei e ao seu Deus, mas para que morresse com a maior honra possivel, elle proprio lhe deu a morte, fazendo-o depois enterrar com decadencia, enquanto os cadaveres dos outros ficavam expostos ás feras e ás aves de rapina. O numero dos assim trucidados foi de cerca de 200. Um dos indios, tendo recebido uma ferida mortal, cahiu e ficou como um cadaver entre os mortos; mas ao primeiro Portuguez que vio approximar-se ergueu-se com moribundo esforço, apunhalou-o trez vezes, tornou a cair e espirou. As mulheres destes desgraçados Indios, vendo a matança, tomaram os filhos e de encontro as pedras esmigalhavam os erancos.

Van der Broeck, Hollandez, e que fazia parte das forças de Hans, diz que Blaar ao aprisionar ás trez damas Portuguezas o fizera com a intenção de as trocar pela sua e pela do Capitão Hick, as quaes se achavam detentas pelos adversarios.

Refere mais, que foi uma infamia o que fizeram com os indios, pois o documento da capitulação declarava o seguinte:

“Por quanto somos forçados em consequencia do combate havido a nos entregarmos ás mãos dos nossos inimigos presentes, o general André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, rendemo-nos sob a condição e promessa de ser concedido quartel, assim á nós Neerlandezes como aos indigenas, e passagem para onde nos aprouver, o que, em fé de verdade, é confirmado com juramento aos Santos Evangelhos. 17 de Agosto de 1645. Estava assignado André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira.”

Frei Manoel do Salvador procura justificar as atrocidades que os Portuguezes perpetravam contra os Indios dizendo na pagina 323 do **Valeroso Lucideno** que—“sendo vassallos de el-rei e nascidos na Capitania de Pernambuco, e criados nos peitos da Santa Madre Igreja Romana, e doutrinados na Sé de Jesus Christo nosso Salvador, elles se haviam mettido com o inimigo, e o haviam encaminhado, e ajudado a nos ganhar a terra, e haviam sido os maiores traidores, e mais carniceiros tyrannos que nesta guerra haviam tido, roubando aos moradores, profanando as igrejas, desflorando por força as donzellas, e violando as casadas, e finalmente matando aos innocentes por comprazer aos Flamengos e por a grande sede que tem do sangue Portuguez.”

Hans, o coronel Blaar, um sargento mor e varios officiaes foram todos mandados para a Bahia.

Infelizmente esta importante victoria dos Pernambucanos pela qual se renderam 322 homens, ainda foi manchada pelo assassinato de Blaar, em viagem para a Bahia.

André Vidal, separando-se de Vieira na Varzea, foi levar auxilio a Soares Moreno, occupado em espediar a fortaleza do Pontal, ficando aquelle para ir apertando o inimigo no Recife. Soares Moreno, depois de estabelecido o sitio d'aquelle forte, mandou Paulo da Cunha Souto Mayor intimar o Commandante da praça a render-se o que é referido por Frei Manoel Calado do modo seguinte:



“Isto feito, mandou ao Capitão Paulo da Cunha com uma embaixada ao Sargento mor Theodosio d’Estrate (que era o governador da fortaleza) a que se entregasse, porque não o fazendo lhe faria guerra a fogo e a sangue, á qual embaixada Theodosio d’Estrate não quiz aceitar, antes despedio a Paulo da Cunha com palavras mui arrogantes, dizendo-lhe que se os Portuguezes queriam polvora e balas que alli tinha boa quantidade para os receber.

“Isto disse em publico, porque lhe importava assim para seu negocio, porem em secreto lhe disse que mandassem chamar ao mestre de Campo André Vidal de Negreiros, e que tanto que elle chegasse lhe tornasse com a segunda embaixada, e então responderia a proposito.

Tomou o Capitão Paulo da Cunha com a resposta publica e secreta, e logo mandou aviso ao mestre de campo, o qual logo se poz a caminho, e veio do quartel de S. João, sito na Varzea, aonde a nossa gente estava alojada, e o governador João Fernandes Vieira ficou deitando uma tinta pelos moradores para a sustentação da guerra, a qual elles aceitavam de tão boa vontade acudindo este com dous mil cruzados, aquelle com mil, aquelle outro com quinhentos, este com os cem, aquelle com cincoenta, um offerecendo as cadeias de ouro, outro a prata lavrada, outro trazendo as joias ricas da mulher e das filhas, com tanta liberalidade que supposto que todos estavam roubados e saqueados pelos Hollandezes, todayia qual mais, qual menos, todos os que podiam acudiram com seus offerecimentos e emprestimos de sorte que em breve se ajuntou somma de dinheiro, com o qual se fez fundamento para se sustentar e seguir a guerra.”

Theodosio Hoogstraten e Van der Ley foram traidores á sua patria, pois haviam combinado entregar aos nossos aquella fortaleza mediante dinheiro e o reconhecimento das suas patentes pelo governador da Bahia.

O producto da tinta mencionada por Manoel Caldao serviu para ajudar a pagar o soldo atrazado da guarnição que se rendeu; passando muitos soldados, assim como aquelles dous chefes, a se alistarem no nosso exercito.

A derrota de Hans em Tabocas e a sua rendição e de toda a tropa aos Pernambucanos na Casa Forte, cauzaram indescriptivel e alarmante impressão ao governo do Recife.

Custava-lhe erer que os Pernambucanos podessem apresentar resistencia ás tropas disciplinadas dos Hollandezes. Entretanto alli estava o officio do Coronel Commandante do Conselho.

Era a notula (1) diaria de 5 de Agosto de 1645.

O Sr. Hans escreveu hontem do engenho de Balthazar Moreno que marchando com a sua tropa em busca da farinha, encontrou no dia 3 do corrente, perto do curral de João Fernandes Vieira uma numerosa guarda avançada do inimigo que lhe repellio e perseguiu até um monte ingreme, onde só havia uma estreita passagem para a nossa gente, o inimigo postara-se alli com toda a sua força e defendeu valentemente a posição.

“Como não contasse numero importante de combatentes e os rebeldes, collocados em posição vantajoz, matassem e ferissem muitos dos nossos officiaes e soldados, fel-os retirar em boa ordem ao escurecer, após trez horas de combate e achando-se quasi esgotadas as munições de guerra.

“Soffreu neste combate a perda de uns cem homens entre mortos e feridos, contando-se entre os primeiros os tenentes Hoychersloot e Hamet, e entre os ultimos os capitães Fallo e Siikoma e tenente Schot e o alferes Tervil.

“Ia-se dirigir para S. Lourenço aonde pedira lhe enviasse munições de guerra e recursos aos doentes.

(1) Acta da sessão do Conselho.



“Os rebeldes tambem perderam muita gente e soffreram outros prejuizos”.

Foi, porem, a rendição de Hans na Casa Forte com toda a sua tropa, a unica que produziram para pôr em campo contra os rebeldes, o que maior consternação e favôr produzio nos seus arraiaes.

Percebe-se pela leitura das noticias, do dia 17 de Agosto de 1645 em diante, a afflicção e terror do Governo como pelo barometro se sabe da aproximação da tempestade.

Vejamos a serie de providencias tomadas no dia 17:

São expeditas ordens para derrubar as arvores do parque de Mauricio e arrazar as casas vizinhas do forte do Brum.

O Capitão Pistor é encarregado de ir buscar o canhão da guarda do reducto dos judeus, afim de que não caia nas mãos do inimigo.

Resolve-se abandonar os fortes de Sergipe, Rio São Francisco e Porto Calvo chamar as guarnições para o Recife.

Manda-se demolir a casa de Gaspar Ferreira Dias, por conveniencia da defeza da cidade.

Chama-se a serviço a milicia dos burguezes para montar guarda na cidade e para mais que for preciso.

No dia 18, é franqueada ao publico a passagem pela ponte do Recife á Mauricia.

A 19, o Sr. De With e o Secretario Hamel são autorizados a ir, de casa em casa, na cidade Mauricia ver os negros aptos para o serviço militar afim de armal-os com mosquetes e empregal-os em seu serviço; no Recife são autorizados com o mesmo intuito o Sr. de Lichthardt e o Capitão Bartholomeu van Ceulen, Mandam recommendações á povoação de Itamaracá para que esteja alerta, e aos doentes com alta no forte de terra (S. Jorge) para que compareceram afim de receberem armas offensivas.

Moreau, Secretario de um dos directores e que



residio no Recife, assim descreve aquelles dias sombrios de infortunio.

“Les habitants du Recife pensèrent à leur conservation, retrancherent la ville Maurice de bons bastions et remparts, la racourcirent des deux parts de ce qu'elle etait, demolirent des maisons qui compozaient des belles rues, se trouvant hors les limites o wils avaient tracé, coupérent les beames e curieux arbres de bois de brezil, palmiers, d'ebenne, de cedre, bois blanc comme neige, bois de violettes e marbué et autres de senteurs que embellissaient les espacieuzes et longues alleés à perte de vue que entouraient la superbe et magnifique maison de plaisance que le Conte Jean Maurice y avait fait fatir, dont les Juifs lui donnaient et de ses appartemens 600.000 livres pour y faire leur Synagogue; ce qui le peuple empecha, jaloux de leur voir prosseder le plus bel edifice du Brezil pour y celebrel leurs Sabats: le large et incomparable verger qu'il avait fait planter et peupler de ces arbres fructiers, rechercher en sept ou huit cents lieues du pays, fait venir d'Afrique et des Indes d'Orient, fut entièrement ruinés avec les grandes escuries et agreables pavillons construits au milieu et aux extremités des allées et coings du verger; et du jardin que la grande varieté de ses fleurs en toute saison rendait admirable, furent aussi mis par terre.

“Le corps de logis près d'être razé, demeura entier, et fut jugé plus a propot d'y etabir un corps de garde, que de le perdre. Son travail fait aussi d'un labour assidu à reparer les breches et demolitions survenues par negligence aux ramparts et forts do Recife, quand par surcroit de frayeur ils virent encren à leur rade une flote Portugaise de 34 voiles, de laquelle l'Adimiral se nomait Don Salvador Correia de Benevides; son vaisseau etait un puissant gallion Royal venu de Rio genero et muni de 60 pièces de fonte avec 21 autres navires, le reste etait de la Baye de tous les saints”:

Moreau prosegue na sua narrativa e refere que

o almirante Lichthart saiu do porto apenas com cinco navios disponiveis e içou nõ capitanea a bandeira vermelha, no meio da qual se via um braço nú com um cutello no punho, signal de desafio, que não foi aceito.

Façamos aqui um retrospecto para lançarmos sobre este incidente.

Nem Portugal nem Hollanda se incommodaram muito em respeitar o tratado de treguas por elles assignado.

Ja Mauricio a violara conquistando o Maranhão, Loanda e São Thomé.

Por outro lado, André Vidal, de accordo com o governador da Bahia, Antonio Telles da Silva, e D. João IV, procurava fazer estalar a revolta contra os Hollandezes em Pernambuco evitando ao mesmo tempo comprometter o governo de Portugal.

Vieira, na opinião de Varnhagem, o testa de ferro da revolução, receioso de se pronunciar sem certeza de forte auxilio da Bahia, pedia que de la lhe mandassem tropas.

André Vidal, então acampado no Real, attendendo ao appello, mandou partir para a Varzea os dous patriotas Camarão e Henrique Dias, com as suas forças; mas para illudir os Hollandezes no Recife, procurou fazer crer que Henrique Dias se revoltara e fugira do acampamento, por cujo motivo elle mandara Camarão para o perseguir e prender.

Existem no "Rijkes Archief" em Haya, dous documentos dessa farça para lançar poeira aos olhos dos Hollandezes; um é a carta de André Vidal a Telles da Silva, avizando-o da pretensa fuga de Henrique Dias, o outro é o traslado de um assento tomado sobre o caso na Bahia e que consta do seguinte:

"Em os trinta e um dias do mez de março de mil e seiscentos e quarenta e cinco nessa cidade de S. Salvador Bahia de todos os Santos nos Paços: Mandou o Sr. Governador e capitão geral de este Estado Antonio Telles da Silva chamar á sua pre-



sença os mestres de campo João de Ararigo, Francisco Rebello e os tenentes de mestre de campo general P. Souza da Gama, e Antonio de Freitas da Silva, e os Sargentos mores João Roiz de Souza Domingos Delgado e Gaspar de Souza Neiva e Auxiliar mor da Fazenda de S. M. Sebastião Leme de Brito e o doutor Antonio da Silva e Souza ouvidor geral, Provedor mor dos Defuntos e auzentes, e procurador da Fazenda e cousa de este Estado.

“E sendo todos assy juntos lhe mandou ler uma carta que havia recebido do tenente de mestre de Campô general André Vidal de Negreiros que está na fronteira do Rio Real em que dice que em 25 deste mez de março pellas duas horas depois da mea noite fugio Anrique dias d'aquella Estancia com toda a sua gente e que se vae a pista delle na volta de Pernambuco.

“E que como tinha a estrada provida com os seus soldados não foi sentido nem o soube se não depois de dous dias. E que antes de fugir se queixava do Sr. Governador pudesse não dar licença para ir ver suas filhas, e mulher, que estava morrendo, e que nunca lhe deram nada da Fazenda real, mas que serviram-se delle como se fora cativo, e que a semana antecedente o quizera mandar preso por estas e outras liberdades, que dizia: mas nunca lhe pareceu que fizesse uma couza tão mal feita, mas que como negro que era mericia um grande castigo para exemplo dos mais; que logo mandara a Camarão traz elle com os seus Indios para que o tragam preso. E a bom recado ainda que eustase algumas mortes de sua e outra parte, que considerassem os ditos Ministros o que lhes parecia se devia fazer no caso e lhe dessem seus pareceres.

“E vista a dita carta. E considerando o caso votaram cada um o que lhe pareceu e concordaram que o tenente de mestre de campo general André Vidal tinha feito o que naquelle fragante se podia fazer. E que posto que o caso era feio e merecedor de gran castigo se prendessem por esta, senão po-



dia mandar mais gente em seu seguimento porque se tinha animo damnado em se passar aos olandezes ja tinha tempo de estar do Rio de S. Francisco para Pernambuco de 25 deste agora que chegou o aviso e em tornar la estava mais longe. E que se o prendessem. Então se tratava do castigo que merece. E quando o não prendam desertor se sayba que fuy para os olandezes ou se passou a Pernambuco a Roubar e fazer outros maleficios, será bom avizar aos mesmos olandezes que vai levantado, e fugido para que se o puderem prender o castiguem como tal.

E o Sr. Governador se conformou com o mesmo parecer e Resolveu que assy se fizesse (Seguem-se as assignaturas.)

Este documento se encontra na collecção **Briefven en Papieren vit Brazilien** vol. Dezembro de 1645 e anno de 1646.

Mandado esse primeiro auxilio e tendo ido á Bahia uma commissão do governo do Recife queixar-se das depredações commettidas pela gente de Henrique Dias e Camarão, servio isso de pretexto a Telles da Silva para enviar reforço muito mais importante, André Vidal e Soares Moreno com os seus regimentos.

O ultimo ja estava em idade avançada, e quasi nada fez nessa campanha tendo de se retirar pouco depois.

A esquadilha que os devia levar já estava prompta; era commandada pelo Capitão mor de mar Jeronimo Serrão de Paiva e compunha-se de oito barcos maiores, quatro caravelas e quatro sumacas.

Esperava-se apenas pela esquadra de Salvador Correia de Sá e Benevides, composta do grande galeão São Pantaleão, por capitanea, de outros dous construidos no Rio de Janeiro e 30 transportes, pela maior parte fretados.

Telles da Silva concebera um plano para tomar o Recife, e consistia em atacal-o por meio dessas

duas esquadras reunidas, simulando no principio terem ido com a intenção de reprimir os revoltosos. Consultara a côrte, mas ainda não era tempo de vir a resposta, e só mais tarde, depois da partida da esquadra, chegou uma carta do rei para Salvador, ordenando-he satisfazer a vontade do governador.

Salvador, depois de ouvir a Telles da Silva pareceu approvar o projecto e dar a sua assistencia, recebendo as cartas para o Supremo Conselho do Recife.

Assim partio Serrão de Paiva com a sua esquadilha, desembarcando, como ja foi referido, as forças commandadas por André Vidal e Soares Moreno na Barra Grande.

Salvador Correia não tendo, porem, a intenção de cumprir a sua promessa; tratou apenas de enviar as cartas aos do Supremo Conselho e logo que vio Lichthardt avançar ameaçador com os seus cinco navios, fez-se de vela para a expedição de Angola.

Serrão de Paiva, apezar de abandonado, esperava em Tamandaré, onde ancorou, novas ordens do governador da Bahia, mas procurou precaver-se contra qualquer ataque do inimigo, montando em terra duas baterias guarnecidas por marinheiros.

Lichthardt, recebendo noticias do sitio em que se achava a esquadilha de Serrão de Paiva, para la se dirigio e entrou com os seus navios na seguinte ordem: **Ultrecat**, capitanea, **Ter Vecre**, **Zelandia**, **Overyssel** **Soutlandia**, **Doe**, **Leyden** e **Unicorn**.

Elle determinára que avançassem sem disparar um só tiro e abordassem as naus inimigas logo que desse o exemplo atacando a capitanea; e assim foi cumprido. Deixemos, com tudo a Nieuhof, testemunha ocular, descrever esta acção.

“O almirante hollandez tendo mandado içar a bandeira vermelha, abordou a capitanea portugueza, guarnecida com 300 homens e 60 canhões.

“O almirante portuguez portou-se com muito

valor; collocou-se adeante da porta de sua camara e brandindo a espada matou trez ou quatro homens e só se rendeu depois de receber graves ferimentos.

“Os restantes navios seguiram o exemplo da **Utrecht** e abordaram os vasos portuguezes, mas estes vendo arriada a banderia da sua capitanea (triste signal de infortunio), desanimaram e procurando escapar á furia de ferro e fogo, atiraram-se ao mar, onde, sendo perseguidos pelos botes dos Hollandezes, muitos pereceram antes de alcançar a praia.

“Morreram neste combate mais de 700 Portuguezes, ficando tambem um grande numero delles prisioneiros, entre os quaes o proprio almirante.

“Foram capturados trez navios e mandados para o Recife.

Os outros foram incendiados, não estando em condição de serem retirados d'alli, pois lhe haviam cortado as amarras e deram á costa no sitio em que es portuguezes montaram as baterias.

Os nossos receiando approximar-se do alcance dos canhões do inimigo, deitaram fogo ás naus e safaram-se ainda com bastante custo dos seus destroços.

“Depois deste combate regressei ao Recife para tomar conta de meus negocios.”

Muitos documentos importantes, que se achavam na camara do Commandante Serrão, cahiram em poder dos Hollandezes; entre estes estava a carta do governador queixando-se da deslealdade de Salvador Correia e a carta a este dirigida pelo rei.

Eis a carta de D. João IV:

“Salvador Correia de Sá e Benevides. Eu el-rei vos envio muito saudar. Se acaso achando-vos esta ainda nesse Estado, fordes informado que os inimigos desta corôa tem intenção de emprender algum ataque, requisitando-volo o governador Antonio Telles da Silva, ordeno-vos que ahi voz conserveis em quanto dure o conflicto. Confio que



sem ainda a presente ordem haveis procedido na conformidade d'ella, se algum motivo o houver exigido.

Escrita em Alcantara a 9 de Maio de 1645 — Rei."

O desastre de Tamandaré foi seguido dentro em pouco da matança de Cunhau pelos Indios de Pedro Poti, cujas amizades disse Varnhagen, Paulo de Linge, adquerira por influencia de um Jacob Rabbi, Israelita.

Não é exacta a affirmativa desse historiador, como provaremos mais adeante.

Os moradores da Parahyba, incluzive os da cidade de Frederica, que se não haviam ainda manifestado pela revolução, agora o fizeram, irritados contra aquella surpresa, tanto mais quanto foram informados de que marchavam em seu auxilio Henrique Dias e Camarão.

Os revoltosos acamparam no engenho de Inebim, onde foram atacados por De Linge, sahindo este, aliás, derrotado.

O forte de Porto Calvo rendeu-se aos revoltosos chefiados por Christovão Lins e seu tio Marinho Falcão.

Os Pernambucanos, julgando a guarnição da ilha de Itamaracá muito desfalcada, fizeram uma tentativa de assalto, sendo, porem, repellidos.

Por esse tempo Fernão Rodrigues de Bulhões, amigo de Paulo de Linge, procurou induzil-o a entregar o forte de Cabedelo por uma avultada somma, mas a resposta deste foi mandal-o enforcar.

No Rio Grande do Norte os moradores armaram-se e intrincheiraram-se com as suas familias, seis leguas da capital rio acima, onde foram atacados por Jacob Rabbi com os seus indios, que após alguns dias de sitio, os obrigou a rendição.

No dia 2 de Outubro chegou do Recife ao Rio Grande, e conselheiro Bullestraten e mandou cinco dos principaes d'aquelles prisioneiros para Uruassú, onde estava Antonio Paraupaba com 200 in-

dios. Os prisioneiros foram massacrados. Mais tarde, os restantes, conduzidos ao mesmo sitio, tiveram igual sorte.

Vidal e Camarão marcharam em auxilio dos Riograndenses e bateram o inimigo.

Em suas "Datas Celebres", José de Vasconcellos refere um feito heroico commetido por dous patriotas no dia 2 de Dezenbro de 1645. Eil-o:

"Durante a noite deste dia dous denodados Pernambucanos João Tavares, morador na Muribeca, e um outro cujo nome infelizmente não nos conservou a historia, tentaram queimar os navios holandezes, surtos no porto do Recife.

"Para a execução deste arriscado plano, muniram-se elles de mechas e materias inflamaveis, tomaram uma pequena jangada na ilha do Cheira Dinheiro (Nogueira) e frente á barreta, e vogaram silenciosamente para as duas maiores embarcações ancoradas, que alcançaram sem serem vistos e ás quaes atearam fogo.

"Foi grande o susto do inimigo quando despertou com os effeitos do incendio; e, sem a presença de espirito do almirante Lichlhard e suas energicas e acertadas providencias o exito da ousada tentativa dos dous destemidos Pernambucanos teria sido completo.

"Ainda assim ardeu totalmente um dos navios a que atearam fogo, e outro ficou muito damnificado e muitas embarcações para fugirem ás chamas, tiveram de largar por mão as amarras e na confusão geral deram algumas á praia, arrastadas pela correnteza.

A podre calma que reinava nessa memoravel nórté, devem em grande parte os Hollandezes a salvação dos seus navios e mesmo de algumas cazas, pois com o vento fresco não teriam, com os poucos recursos de que então dispunham, atalhado o curso do incendio e impedido se propagasse á outros navios e destes aos trapiches á que se achavam

atracados, edificios todos de madeira, que por sua vez transmettiriam o fogo á cidade.

“Emfim, foram geraes os sustos e confuzão, e os nossos dous heroes, aproveitando estas circumstancias, deixaram a sua jangada correr á mercê da maré, que vasava, e foram aportar ao isthmo, pouco mais ou menos aonde está hoje a cruz do Patrão-Mor.

“Tomaram ás côstas sua fragil e leve embarcação e atravessando para o outro lado, deitaram-na no rio Beberibe e remaram em direcção á estancia das salinas.

Desgraçadamente ignoraram elles a senha d'aquelle dia e summamente fatigados da ardua missão que acabavam de desempenhar, apenas poderia responder ao brado de **Quem vem lá?** da primeira sentinella dizendo serem **patricios** e amigos. Não estava por esta senha o soldado, que sem demora fez fogo sobre elles, ferindo com gravidade n'uma côxa a João Tavares.

Felizmente essa ferida não foi mortal, e, reconhecido pelos seus compatriotas foi conduzido para o hospital da Varzea, aonde os nossos chefes o receberam e a seu companheiro com abraços e nada pouparam para o seu curativo.”

Os chefes Pernambucanos trataram de apertar o cerco do Recife. Para esse fim occuparam Olin-da e constituíram um forte na Varzea, uma legua distante do Recife, ao qual deram o nome de Ar-raial Novo do Bom Jesus.

Cada um dos chefes estabeleceu-se com as suas tropas em determinado ponto; e o de Henrique Dias era na Estancia (ainda hoje conhecida por esse nome), o de Camarão era defronte de Afogados.

O Capitão Claes que desertou dos Hollandezes e conservava entre os nossos a mesma patente e o commando de uma companhia de patricios seus, passara-se com essa companhia para o Recife.

João Fernandes Vieira, soffreu uma tentativa



de assassinato, ficando ferido no hombro, sem que se descobrisse o criminoso.

Emquanto os nossos estavam recebendo regularmente provisões de bocca e (especialmente rezes, os sitiados soffriam fome atroz.

Nieuhof, que se achava no Recife na occasião, assim descreve aquelles calamitozos dias:

“As cousas iam assim se passando com varia fortuna, ainda que geralmente adversa a nós, mas como não chegasse o almejado soccorro, da Hollanda, ia-se sentindo cada vez mais no Recife a falta de generos de primeira necessidade, a tal ponto, que tudo quanto podesse servir de alimento, quer nos armazens publicos, quer em caza de particulares, era applicado ao consumo do povo.

“Com tudo, como assim mesmo a destribuição não excedesse de uma libra de pão por semana para cada pessoa, muitos morreram á fome, começando por se lhes incharem ás pernas, o que era signal precursor da morte.

“Os gatos e cães, de que tinhamos grande quantidade, eram considerados manjares deliciosos naquelle tempo.

Podiam-se ver negros desencavarem ossadas meio podres de cavallos mortos e roêlas com grande appetite.

“A falta d’agua doce não era menos insupportavel, por causa do calor do clima e do uso constante de carnes salgadas; todos os poços que se cavavam só forneciam agua salobra.

“Os pobres escravos que recebiam a minima porção do que restava pareciam cadavericos e bravios; seu aspecto, com as bochechas cavadas, o olhar desvairado, horrorisaria á creatura mais insensivel.

“Afimal (apezar do maior cuidado do Conselho) se chegou a tal extremo, que foi preciso retirar a concessão de uma libra de pão aos habitantes afim de se augmentar, em quanto houvesse a dos soldados, que passaram a receber duas libras por

semana, pois elles começaram a desertar seduzidos pelos Portuguezes.

“Quando já nada havia para se comer e não se descobria remedio contra a calamidade, foi proposto pelo Conselho e unanimemente resolvido que era preferivel morrer com valor com as armas na mão do que á fome. Portanto deviam sahir abrindo caminhos pelas fileiras inimigas. Os soldados iriam na vanguarda; as mulheres, creanças, enfermos e outros inermes ficariam no meio; e os membros do Supremo Conselho, com os habitantes defenderiam a retaguarda.”

Os judeus estavam mais desesperados do que qualquer, e resolveram, por tanto, morrer de espada em punho a serem queimados vivos, que é sorte que os aguarda em Portugal.

“Quando chegamos á maior penuria, havendo consumido todos os cavallos, gatos, cães e ratos, e só restavam algumas quartas de farinha (que se vendia de 80 a 90 florins cada uma), o que não chegaria para mais de dous dias, vimos, no dia 22 de junho, data inolvidavel para nós, dous navios com as cores hollandezas, dirigir-se para o porto á toda força de velas, entrar e ancorar e depois nos dar o signal da procedencia da Hollanda; dous tiros de canhão.

“Lia-se em todos os nossos rostos a subita alegria pelo soccorro naquelle extremo.

“Mesmo os que não eram capazes de se manter em pé por falta de pão, se arrastaram para o porto, onde se podiam ouvir á grande distancia os gritos do povo chorando de alegria.

“Os dous navios se chamavam **Falcão** e **Izabel**, tinham sido fretados pela Camara de Amsterdam e haviam partido de Texel no dia 26 de Abril. Trouxeram-nos a agradavel noticia de que podiamos ficar certos de ver a cada momento o resto da esquadra.

O proprio Capitão da **Izabel** me contou que, soprando um dia vento muito favoravel, disse a sua

tripolação: Tenho a certeza que chegaram ao ultimo extremo no Recife Deus nos manda bom vento e bom tempo para os soccorros no momento opportuno. E assim foi.

"Cada um dos capitães recebeu de presente uma medalha de ouro com a seguinte inscripção: **Door de Valk en Elisabeth ris ne Recif ontzel** ("O Recife foi salvo pelo Falcão e Izabel.")

Os Hollandezes, mal sahiram desses apuros, tiveram logo de enfrentar as consequencias de um vil assassinato commettido ou mandado commetter por um dos seus officiaes, tendo por movel o roubo. Queremos nos referir ao crime perpetrado por ordem do coronel Garsman contra Jacob Rabbi.

Varnhagen não teve razão ao affirmar que os proprios chefes hollandezes condemnaram Rabbi á morte.

Existe no **Rijks Archet** de Haya um documento sobre este crime, e que vem a ser o extenso inquerito aberto sobre o mesmo, adquirido por aquelle estabelecimento no anno de 1906 e do qual trouxemos copia.

O que dizem Nieuhof e Moreau sobre o caso está de accordo com o resultado da investigação judicial.

Eis o que diz Nieuhof:

"Na noite de 5 de abril de 1646, foi Jacob Rabbi infamemente assassinado, a mandado do Tenente Coronel Gorsman, perto de Potosi, cerca de trez leguas do forte de Hellen, tendo recebido dous tiros, ao deixar a caza de Johan Miller, onde estivera em companhia do Coronel Garsman e de outos e em caminho para sua residencia.

"Rabbi suspeitava (segundo asseverara, havia tempos aos amigos) da traição de Garsman e por esse motivo ia se retirar naquelle momento do Rio Grande, afim de se abrigar entre os Tapuias.

O Supremo Conselho ficou extremamente indignado contra essa infamia, e afflictio ao considerar que Jacob Rabbi era muito estimado pelos Tapuias



e sendo casado com uma india, era provavel que o crime provocasse as iras d'aquelles selvagens.

“Por tanto Garsman, em regresso ao Recife e depois de prestar contas ao Conselho sobre a expedição de que fora incumbido foi por ordem desse, preso e conduzido para bordo do navio **Hollandia** sendo o major Bayert nomeado para substituil-o.

“Jacob Rabbi era allemão e fora empregado por ordem dos Estados Geraes, de Sua Alteza o Principe de Orange e da Companhia para, attrahir e manter os Tapuias á favor do nosso governo, desempenhando elle tão bem essa commissão que os trouxe por varias vezes, das montanhas em que habitavam, em nosso auxilio.

“A sua residencia era no forte Reulen do Rio Grande onde se casara com uma india.”

Moreau desenvolve ainda mais a noticia sobre esse facto:

“Os Tapuias e os Indios que sempre haviam sido amigos dos Hollandezes, e combatido em seu serviço, os abandonaram e tomaram o partido dos seus inimigos, resentidos pelo assassinato perpetrado por Jorge Garsman, general da milicia, na pessoa de Jacob Rabbi, allemão, homem resolute, que tanto se habituara com os selvagens, com os seus costumes, que se tornara como um delles e sendo dos mesmos tão estimado que o fizeram um dos seus principaes Capitães.

“Os amigos de Garsman attribuiram o crime a uma represalia deste pelo homicidio do sogro, do seu offensor commettido por Jacob Rabbi. Dizia-se que este empregava em seu serviço os Tapuias mais peversos e exercia o banditismo no paiz: que a sua morte só podera, por tanto, ser vantajosa á população; que o Coronel fizera bem vingando a morte do sogro e, assim procedendo, livrara ao mesmo tempo o mundo de um bandido.

“Os que conheciam Garsman mais intimamente e podiam melhor julgar suas acções, sustentavam que não foram esses os motivos; mas que ha-

vendo elle sabido que Jacob Rabbi juntara um rico espolio dos roubos e occutara-o em lugar conhecido delle.

“Garsman mandara-o matar para se apoderar do thezouro, tendo sido realmente vistas pelas victimas dos roubos commettidos pelo mesmo Rabbi algumas de suas jóias em mão do Coronel.

“Logo que Jandovi e todos os seus principaes amigos souberam do crime, mandaram pedir-lhes entregassem Jorge Garsman afim de que fizessem justiça de suas proprias mãos, por haver elle morto um dos seus chefes.

“Ainda mesmo fosse aquelle chefe um culpado, allegavam elles, competia-lhes tomar conhecimento do facto, conforme o privilegio concedido pelos Estados Geraes e Companhia das Indias de só elles conhecerem dos crimes perpetrados por individuos da sua raça.

“Entretanto Jacob Rabbi não podia ser accusado de cousa alguma e jamais trahira os seus.

“Quanto á morte do sogro de Garsman Rabbi tivera motivo para isso, como elles bem sabiam.

“Quanto aos roubos:

“Si tomaram gado, era para a subsistencia, não sendo justo que elle e a sua gente morressem de fome, quando lhes recuzavam o alimento;

“Si se apoderavam de instrumento de ferro, era para se utilizarem delles nos campos, em serviço mesmo dos Hollandezes, aquem jamais pediram soldo e por quem frequentemente arriscaram a vida;

“Quanto a ouro e prata elles não sabiam o que fazer com esses metaes, e os teriam devolvido si lhes offerecessem.

“Em todo caso si elle merecesse ser punido, devera ser conforme as leis Hollandezas, sem que o assassinassem, quando facilmente o poderiam prender.

“A vida d'aquelle homem valia para elle mais do que a de cem outros.

“Queriam continuar a ser amigos dos Hollandezes, mas era preciso que esses lhes entregassem Garsman para ser executado.

“O do Supremo Conselho lhes responderam que Garsman era official superior e elles não tinham direito de o entregar; nem mesmo de lhes dar a morte, a não ser por crime de Estado; elle tinha direito de appellar da sentença para os XIX, e não podia ser condemnado antes de apresentar defeza. Podiam, entretanto, ficar certos de que seria feita justiça aos autores da morte de Jacob Rabbi, que, aliás, lhes causara profundo desgosto.

“Para mostrar que cumpriam a palavra, mandaram buscar Garsman e prenderam-no na presença dos Delegados dos Tapuias, declarando nessa occasião os do Supremo Conselho aos do Politico que desejavam acompanhar o processo.

“Os deputados dos Tapuias regressaram descontentes á presença dos seus chefes, e dizendo antes de partir que os Hollandezes haveriam de se arrepender.

“Garsman foi após interrogado. Negou haver morto ou mandado matar Jacob Rabbi e accusou a dous soldados de sua companhia como executores do crime.

“Esses, sendo apertados no interrogatorio, confessaram terem sido elles os autores, mas por ordem do seu alferes, Jacques Boulan.

“Este, sendo preso, disse que o que fizera fora por ordem do seu Commandante e chefe Garsman, o qual, ao ser acareado negou tudo em absoluto e disse que Boulan era um impostor.

“Os dous soldados em vista da confissão de Boulan, foram soltos, ficando presos elle e o Coronel.

“Entretanto os juizes estudavam essa difficil questão, esperando descobrir uma prova evidente e não sabiam a qual dos dous dar razão.

“Garsman allegara que, a ser assim, podera



elle fazer o seu general passar por autor dos seus crimes.

“Boulan, pelo contrario, allegava que um general, abusando de sua autoridade, podia fazer depender de si a vida ou a morte de seu official, empregando-o para se vingar de alguem sob algum especioso pretexto de guerra, do que se innocentaria depois negando; si o official se recusasse elle o esmagaria apresentando-o como poltrão.

“Seria preciso, portanto, introduzir notarios e testemunhas para redigir actas das ordens, das deliberações secretas e outras commissões que se dão n'um exercito.

“Descobriu-se finalmente que Garsman e Boulan agiram de *commun accordo* para mandar matar Jacob Rabbi, e que dividiram o espolio.

“Todos os bens e vencimentos dos criminosos foram confiscados, sendo elles demettidos dos cargos respectivos, banidos do Brasil e deportados para a Hollanda, como selerados.”

No dia 1 de Agosto de 1646 chegaram ao Recife os novos membros do Supremo Conselho: Walter van Schomenborch, presidente, Michel van Goch, Simon van Beaumont, Abraham Trouwels e Hendrik Haecka, para substituirem a Hamel, Bullestraten e Bas.

Trouxeram reforço de tropas, sob o commando do general Sigismundo van Schoppe, que viera antes, em 1630, e fizera a campanha até 1637, quando regressou á Europa.

Tambem veio o Coronel Henderson, o conquistador do Maranhão.

Já no dia 5 de Agosto o general Shcoppe marchou á frente das novas tropas sobre a cidade de Olinda, mas encontrando grande resistencia e recebendo um ferimento n'uma perna, após longa e renhida luta bateu em retirada.

Desde que chegara mostrara o general grande desprezo pela nossa gente, confiado nos triumphos obtidos n'outros tempos,

Na tentativa contra Olinda ficou sabendo que o inimigo estava muito mudado e observou que jamais pensara que o queijo e a manteiga da Hollanda, com que creara os rapazes de Pernambuco, os tornasse assás robustos e valentes para arrostarem seus antigos dominadores, achando tambem que os homens, aquem agora combatia, eram tão sagazes como valerosos.

Schoppe mandou uma expedição para se aposar de Penedo, no rio de São Francisco, Lichthardt com seus navios guardaria o mar, enquanto Henderson atacaria a povoação. O programma foi cumprido á risca.

O commandante Henderson fez um novo forte na margem do rio. Os revolucionarios em grande numero surprehenderam um pequeno destacamento.

Henderson, que se achava doente mandou o Capitão La Montagne com uma força muito maior, para tomar a desforra, mas esta foi igualmente derrotada, sendo morto o Capitão e ficando prisioneiro o pastor Artette e muitos outros.

Teria muitas vantagens a occupação de Penedo.

Abastecer-se-hiam alli de gado bovino e de outros generos, cortariam aos Pernambucanos suas communicações com os da Bahia, e marchando de lá uma força para o Norte, viria romper o sitio, collocando os revolucionarios entre dous fogos.

Tendo se sahido mal deste plano, formaram um outro, o de sitiarem a Bahia por mar, principiando bem na empreza, pois desembarcaram sem resistencia na ilha de Itaparica 2000 homens sob o commando do general Schoppe.

Fez elle construir uma fortificação junto á ponta da Balêa.

Por esse tempo o Recife soffreu muito com o aperto do assedio e do bombardeio.

Sobre isso diz Nieuhof:

“Vi um horrivel espectaculo, Uma joven, so-

brinha do fallecido almirante Lichthardt, viera visitar uma amiga recém-cazada, quando nessa occasião uma bala cortou-lhe as pernas e matou a amiga.

“Ao ouvir os gritos da infeliz, corri para acudir-lhe, pois residia na casa contigua, donde testemunhara a desgraça.

A desditosa moça agarrou-se-me ás pernas, tornando-se depois difficil desprender-me.

“Era um espectáculo horrendo; viam-se espalhados pelo chão os braços e pernas das victimas. A pobre moça morreu igualmente trez dias depois.

“Alguns dias mais tarde escapei de identica desgraça. Estava fazendo a ronda e parei para fallar a uns conhecidos; nessa occasião uma bala matou dous dos circumstantes e decepou as mãos de um outro, que acendia o cachimbo.

“Fomos obrigados a remover todos os navios para fora do porto, com receio de que fossem a pique.”

O Supremo Conselho mandou que a guarnição do rio S. Francisco abandonasse aquelle posto e se incorporasse ás tropas em Itaparica. Enviaram tambem para la o Coronel Hans e 500 homens que haviam chegado ultimamente da Hollanda.

O governador da Bahia expedio contra elles uma força de mais de 800 homens, que foram repellidos por Schoppe, á frente de 500 soldados, tendo soffrido grande perda.

O mestre de campo Francisco Rebello, commandando numerosa força, renovou a tentativa de expulsar da ilha os Hollandezes.

Foi maior o desastre desta vez, pois, segundo Schoppe, elles tiveram umas 300 baixas entre mortos e feridos, havendo perecido na luta o proprio Rebello.

Os Hollandezes no Recife, comprehendendo que deviam ser augmentadas as guarnições das praças que ainda possuíam e, cansados de pedir por cartas,



auxilio á metropole, enviaram o Conselheiro Haecx afim de obter dos XIX reforços.

O governo Portuguez ainda conseguiu enviar á Bahia um pequeno soccorro, formado com tropa do Alemtejo e das ilhas, sob o commando de Francisco Figueirôa, e fez seguir o novo governador, o Conde Villa Pouca d'Aguiar.

A Companhia das Indias Occidentaes reconheceu então o erro que commettera, fazendo com que Mauricio de Nassau abandonasse a administração da colonia e penitenciou-se, esforçando-se afim de que assumisse elle novamente o cargo, sem conseguir, todavia a sua acquiescencia.

Foram então nomeados De With, chefe das forças de mar e Sigismundo van Schöppe das de terra.

O embaixador Portuguez em Haya mostrou-se habilissimo diplomata, promettendo que seu governo reprimiria a revolução dos Pernambucanos e faria reconhecer a soberania da Companhia das Indias Occidentaes em todas as praças tomadas pelos seus subditos rebeldes, evitando assim que os Estados Geraes mandassem esquadra com reforços á Pernambuco.

Esteve com a vida arriscada pela cholera do povo, quando este chegou a perceber que o embaixador illudira os Estados Geraes e promovia a substituição do Brasil hollandez a Portugal.

Pelos innumerados folhetos publicados nessa epoca que, na maior parte, eram de agentes do referido ministro Portuguez Coutinho, vê-se o esforço que empregou para que Portugal conservasse na integra a grande colonia americana.

Por um desses opusculos intitulado **Vertoogh aen de Hoogh en Mogende Heeren Maten General etc.**, por nós traduzido e publicado na Revista do Instituto Historico do anno de 1908, fica-se sabendo que Portugal estava prompto a dar, como garantia de sua promessa de abrigar os rebeldes á sujeição, uma das seguintes cidades do reino: Setubal, Vian-

na, Porto do Aveiro e Villa do Conde, fallando-se tambem em dar como refém o infante irmão do rei.

Schoppe, vendo que a Bahia recebera reforços e sendo chamado pelos do Supremo Conselho do Recife, abandonou a ilha de Itaparica e partio para Pernambuco.

Para afastar o perigo de uma invazão de revolucionarios em Itamaracá e rechassal-os no continente, o general hollandez á frente de 900 homens, atacou Itapissúma repellindo d'ali os nossos.

Tratemos agora da nomeação do mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes para commandante em chefe das tropas pernambucanas.

José de Vasconcellos, referindo-se a sua viagem e ao modo porque fugio elle de sua prisão no Recife, erra ao dizer que o monarcha, não querendo romper ainda com o governo dos Estados Geraes da Hollanda, ordenou que a vinda de Barreto se effectuasse clandestinamente, e para esse fim se fez de vela, com o seu ajudante Phelippe Bandeira de Mello e alguns soldados, n'uma pequena embarcação mercante (e aqui é que está o erro) que partio de Lisboa nos fins do anno anterior fazendo prospera viagem até a altura da Parahyba, onde foi apriisionado por um cruzeiro hollandez.

José de Vasconcellos extrahio essa noticia de Southey e este por seu turno do **Castrioto Lusitano**.

Varnhagem diz á nota I da pag. 229:

“Quanto á esta prisão, cremos ter ella sido a propria que descreve Moreau na pag. 155, visto que não consta de outro governador (“le nouveau pourveu Viceroy du Brézil,) diz elle que houvesse sido preso e levado ao Recife. Em tal caso a prisão deve ter sido feita pelo almirante Baucher, atacando sete navios de comboyo, que vinham com Barreto, e dos quaes mettem a pique, o outro se escapou para a Bahia e cinco cahiram em seu poder, com muitas munições de boca e de guerra, e vinhos etc., levando comsigo ao Recife 250 prisioneiros, entre



os quaes trez frades Frnaciscanos e varios officiaes de justiça e de fazenda e o dito governador.”

Lê-se o seguinte na “notuia” de 12 de Maio de 1647. Archivo de Haya:

“Chegou o Capitão Slickman, trazendo uma preza capturada, sendo a Capitanea da esquadra vinda de Portugal chamada de **São Francisco**. Foram aprisionados nella o mestre de campo Francisco Barreto de Menezes e alguns outros individuos de posição.

“Refere o Capitão ter empenhado com ella violento combate, tendo o inimigo soffrido a perda de 25 mortos e muitos feridos. Slickman teve 5 mortos e 15 feridos. Deu-se ordem para desembarcar os prisioneiros e guardal-os em lugar seguro”.

Este Slickman devia estar sob o commando do almirante Joost van Trappen (appellidado Banchert), que nessa occasião se achava cruzando na Bahia, mas, como fora elle quem atacara e capturara **São Francisco**, levou-a ao Recife.

Moreau provavelmente equivocou-se quanto á orthographia da palavra Banchert; e Varnhagem que não consultava os autores holandezes, acompanhou-o no lapso repetindo á pag. 224, primeira linha.

Devemos porem advertir que, segundo a narrativa do proprio Moreau, quando Schoppe deixou o Recife para passar á Bahia, já levava comsigo de almirante a Baucher, que foi o successor do mesmo Lichthardt.”

Quando D. João IV soube do soccorro que partira da Hollanda com destino a Pernambuco diz José de Vasconcellos, resolveu enviar para commandar a nossa gente um official superior e experimentado, capaz de dirigir as operações militares com unidade, tactica precisa, e nomeou para esse fim a Francisco Barreto de Menezes, que acabava de se distinguir muito na guerra do Aléntejo, e tambem era muito conhecedor das guerras do Brasil, onde já tinha estado, pois viera em 1638 com o



Conde da Torre, e seguiu a Luiz Barbalho Bezerra na sua quasi milagrosa retirada pelos sertões, e achando-se no Rio Real, para se oppôr ao primeiro intento dos Hollandezes, de construir ali uma fortaleza.”

Depois de ser interrogado, Barreto de Menezes ficou preso no forte do Brum.

Durante sua prisão no Recife fez algumas reclamações. A primeira, em 18 de Maio de 1647, foi pedindo que lhe concedessem para o seu serviço, trez prisioneiros, portuguezes, que eram seus creados. Solicitava ao mesmo tempo que o removessem d'aquelle forte, queixando-se estar privado da vista dos elementos. Tambem mostrou desejos de escrever para a Bahia, sendo-lhe concedido um joven portuguez para o seu serviço e permittiram que escrevesse para a Bahia, sendo as cartas inspeccionadas pelo Conselho.

Em 14 de Agosto de 1647, foi removido para o forte Ernestus. O Conselho deu ordens severas ao major Beier sobre a guarda do preso.

No dia 8 de Novembro, achava-se elle preso com o seu tenente Phelippe Bandeira de Mello, Rodrigo de Barros e outros no antigo Convento dos Capuchos. Como nessa noute os Pernambucanos dessem um assalto ao Convento, transformando então em fortaleza, o Conselho entregou Menezes e seu tenente provisoriamente, á guarda do Secretario Hermit, até que se encontrasse lugar seguro.

No dia 18 de Novembro de 1647, o mestre de campo e o tenente foram removidos da custodia de Hermit para a casa de Jacques de Brae, a qual fora preparada de forma a não haver recio de fuga.

Em 24 de Janeiro de 1648, pela manhã, o Conselho recebeu aviso de que o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes e o seu tenente Phelippe Bandeira de Mello, haviam fugido da casa de Jacques de Brae, com um filho deste.

O Conselho ordenou ao procurador fiscal que se informasse de todas as circumstancias do "Crime" e apresentasse queixa ao Conselho da justiça contra de Brae, e fosse o mesmo delido preso em sua casa.

Já em 26 de Janeiro de 1648, o general Barreto escrevia do acampamento dos Pernambucanos uma carta ao Conselho do Recife propondo troca de prisioneiros, que foi aceita.

Nas **Datas Celebres**, de José de Vasconcellos, lê-se o seguinte sobre essa fuga:

"Posto sob a guarda de um official poude fugir neste dia com o filho do seu carcereiro, um moço chamado Francisco de Brae, a quem elle conseguiu seduzir para este fim.

"Atravessaram o rio n'uma canôa, sem ser vistos, e uma vez na margem opposta, facil lhes foi caminhar para o acampamento da nossa gente, onde Barreto foi recebido com demonstrações de respeito e boa vontade pelos chefes Vidal e Vieira, que lhe entregaram o commando do exercito jurando-lhe obediencia e dedicação, dando ambos com este procedimento exemplo raro d'abnegação e grandeza d'alma, sem antecedentes na historia, em vista de tudo o que até então se tinha passado entre o procedimento delles e do monarcha Portuguez.

"Brae foi remettido para a Bahia acompanhado de uma recommendação para o Conde de Villa Pouca, então governador do Estado, e alli abraçou a religião catholica romana e contrahio matrimonio.

El-rei pelo serviço que lhe prestara auxiliando a fuga do general Barreto, ou antes, trahindo seu pai e seu paiz, e renegando a religião em que nascera e fora educado, lhe conferio o habito da Ordem de Christo e a patente de Sargento mor de um dos regimentos de linha da Bahia."

O Supremo Conselho via-se então em apuros, tendo de enfrentar uma serie de difficuldades; as

suas finanças estavam arruinadas; á muito custo conseguiram generos para fornecer as tropas; o inimigo engrossava a pouco e pouco as fileiras e cada vez mais apertava o cerco. Os soldados desertavam por falta de pagamento de soldo.

Nessa emergencia e para mais lhes apertar a afflicção recebiam ordens insistentes da metropole para que tomassem a offensiva.

Em obediencia aos seus superiores Schoppe, a muito custo e deixando os fortes quasi desguarnecidos poudo formar um exercito de 4500 homens, á que se deu provisão para oito dias, e não havendo dinheiro para pagar a todos o soldo vencido, foram delle apenas embolsados os officiaes.

Sobre o effectivo das forças hollandezas discordam os autores: "notulas" dizem que eram 4.500 homens. Haec calculou em 5000 e De Wit em 5500.

As dos nossos consistiam em 2200.

O plano dos Hollandezes era, alem de romper o cerco, se abasteceram no sul de Pernambuco e depois de atacar os patriotas, collocando-os entre dous fogos.

Era inevitavel agora o choque entre os dous partidos em franca batalha campal, defendendo do seu resultado a integridade do Brasil portuguez, uma nacionalidade uniforme em raça, lingua e religião—ou a sua partilha entre os dous povos de origem ethnica tão diferenciada.

O Brasil portuguez já era um facto; provinha do producto da pouca, mas constante immigração de individuos d'aquella raça e da sua fuzão com a Americana atravez de algumas gerações.

Os invasores não tinham raizes no paiz e, para dominar a nova raça americana, precisavam lançar mãos de mercenarios. Francezes, Inglezes e Allemães.

Os Pernambucanos, ao envez disso, batiam-se pela familia, pela raça, pelo paiz que consideravam seu, e por seu Deus. Não careciam de soldo—um pouco de farinha lhes bastava,



Os estranhos assalariados pelos Holandezes não tinham um ideal a realizar nessa campanha e não se sentiam dispostos a fazer grandes sacrificios nem arriscar a vida para que a Companhia se locupletasse com os lucros da empreza.

Sob o governo de Mauricio, os povos achavam-se congrassados.

Os successores do Principe tentaram, porem, opprimir a nobre raça pernambucana, que se vio forçada á appellar para as armas e o Deus das batalhas tomou seu partido. Southey assim descreve o sitio em que se empenhou a acção:

“Até agora lugar o mais memoravel na historia militar do Brasil, ficam os Guararapes entre trez e quatro leguas ao sul do Recife, acerca de trez ao Oeste do acampamento e duas ao Noroeste do forte que os Holandezes acabavam de tomar. Estendem-se as abas desta terra até trez milhas de distancia do mar; sendo plano e pantanoso o espaço intermediario; d'aqui vão os montes ergundo-se gradualmente a grande altura, derivando o nome do bramir das suas torrentes. Onde a serrania mais se approxima do mar, passa o unico caminho por uma tira de terra firme, d'uns cem passos de largura, entre o sopé dos outeiros e um tremedal extenso situação notavelmente semelhante ao passo dos Thermopylas; e a entrada para este desfiladeiro é entre um lago, que forma o pantanal, e um bosque, que vem descendo das montanhas.

“Uma legua alem fica Muribeca, para onde marchavam os Holandezes, lugar pequeno, mas de consideravel importancia pela sua populosa vizinhança.”

Em mais de um sentido, na nossa opinião, Guararapes tem grande analogia com Heylingerlee; na Hollanda, onde os Holandezes ganharam uma batalha campal, a unica por elles obtida na primeira phrase da luta pela sua independencia, parecendo a especial topographia, commum a ambas, favoravel á liberdade,

Recordemos um pouco esse ponto da historia hollandeza.

Guilherme de Orange, não desesperando de libertar os Paizes Baixos das garras do "Demônio do Meio Dia", conseguiu que o irmão, Luiz de Nassau, formasse uma tropa na Allemanha.

A' frente desta penetrou Luiz na fronteira de Nordeste ostentava inscripções patrioticas nas suas bandeiras—**Nunc aut nunquam—Recuperare aut mori.**

A senha era—"Liberdade para a patria e para a consciencia".

Surprehendeu o Castello de Vedde no meio das florestas da Frisia Occidental, uma das residencias de Stathouder da provincia d'Arenberg, então auzente.

D'alli se dirigio para Appinga Dan (ou simplesmente Dam) á margem de um dos pequenos affluentes do Dollart.

Seu joven irmão, o valente Adolpho, veio juntar-se-lhe com uma força pouco numerosa de cavallaria.

Foi hasteada a bandeira nacional em Vedde, Dam e Slochteren D'Arenberg, apesar da gotta de que estava attacado, marchou incontinentemente contra elle. Passou por Groninga, onde se munio dos soldados, que a municipalidade poude despensar, e de seis canhões baptizados pelo *diletantti* da cidade com os nomes das notas muzicaes—**dó, ré, mi, fá, sol, lá.**

De Dam, onde estava aquartellado, e após uma curta escaramuça com os Hespanhoes, se dirigio Luiz pelo "Waldweg" (caminho do bosque) para Heyligerlee, onde esperou, de pé firme o inimigo.

Confiemos á penna magistral de Motley (1) a descripção do campo de batalha.

(1) A rainha Emma da Hollanda, interpetrando a gratidão dos Hollandezes, pela monumental obra deste celebre escriptor americano sobre a fundação da Republica dos Paizes Baixos, mandou collocar o seu retrato no Palacio do Bosque, em Haya.



“A posição escolhida era muito favoravel e de bom agouro. Heygerlee era uma eminencia coberta de arvoredos, producto do trabalho dos frades Premonstratenses. Era o unico ponto elevado dessa vasta extensão de campinas cortadas por canaes que occupam o espaço entre o Ems e o Lippe, “os campos perfidos, descriptos por Tacito.”

“Foi la que Hermann, o prisioneiro dos heroes germanicos, anniquilou trez legiões veteranas da tyrannia romana.

“Foi la que a imagem de Varo, pallida e vertendo sangue se levantou de seu leito de lodo para avizar Germanico vindo para o vingar, que a liberdade teutonica era um perigoso inimigo.

“E agora, por uma dessas repetições encontradas a cada momento na Historia um outro Germano occupava novamente, cheio de confiança, um posto de honra nessas regiões ferteis em perigos.

“A tyrannia, a que dava combate, pretendia tornar-se universal e como a de Roma, extendendo as azas de suas conquistas em regiões jamais sonhadas pelos Cezares. Tomaram armas para esmagar, não somente os direitos do homem, mas tambem os de Deus, a liberdade da patria, e, alem disso, a da consciencia.

“A cauza era, pois, mais santa ainda, que a que dirigia o braço de Hermann.

“Ainda que os pantanos d'aquelles tempos remotos se houvessem tornado ferteis pastos, o solo entretanto se conservava humido, enganador e perigoso.

“O paiz estava dividido por fossos insuperaveis em innumerados quadrados.

“Havia já muito tempo que essas barreiras agricolas convertiam a região numa fortaleza quasi inexpugnavel, ao mesmo tempo que defezas construidas contra o Oceano serviam egualmente a protegelo contra o homem, inimigo talvez mais implacavel.



“D’Arenberg com a sua tropa alcançou Winschoten, onde soube da posição do inimigo.

“Luiz e Adolpho de Nassau estavam á meza no Convento Heyligelee quando foram avisados por um camponião do seu partido da presença dos Hespanhoes.

“A villa não era situada longe da abbadia, junto á qual Luiz de Nassau tomara posição. Atraz delle estava o bosque, á sua direita uma pequena collina, á sua frente vastos campos pantanosos; ao longo destes campos seguia o caminho, que levava á abbadia.”

Foi por este caminho que d’Arenberg atacou os patriotas, sendo os seus soldados repellidos e cahindo no tremedal foram massacrados.

Depois de mostrar a grande semelhança nas circumstancias do terreno, tremedal caminho estreito junto a esse, e no resultado das batalhas dadas nessa topographia caracteristica, sempre favoravel á liberdade, passemos a tratar do glorioso feito de 19 de Abril de 1648, dando para esse fim a parte official de Francisco Barreto:

“Depois de estar no Recife por espaço de nove mezes, fugi dos grandes apertos em que o inimigo me tinha posto, e entrei nesta campanha de Pernambuco em 23 de Janeiro do anno presente. E posto que eu nella não governava, acodi, com as advertencias necessarias, a que os governadores dispozessem com prevenção em todas as cauzas que necessitavam dellas.

Começando, por este respeito, a effectuarem-se melhor todos os particulares, assim da guerra, como do mais governo dessa campanha; prevenindo-se em tudo e que mais preciso parecia, não só para a conservação da guerra defensiva, mas tambem para se mover toda a offensiva que fosse possível.

“Chegou a armada do inimigo a 14 de março, e desembarcou no Recife, e prevenio toda a sua Infantaria até 18 de Abril, dia em que sahio á campanha com seu exercito, o qual constava de 4500 infantas, 500 homens de mar, e 300 indios Tapuias; traziam em todos os seus batalhões as bandeiras, de mais de um estandarte grande, com as armas das Provincias Unidas e Estados Geraes, cinco peças de artilharia de bronze, muitos viveres, munições e dinheiro. Governava este exercito o general Sigismundo Schkoppe, com seis coroneis, a saber: Hans, van Elts, Hantyn, Pedro Reerweez, Van den Brande e Brinck. Marchou para a parte da Barreta; e, no mesmo dia 18 de Abril, me degolaram 40 homens, de cem que estavam para defenza do mesmo posto da Barreta, e trouxeram-me aviso de como se aquartelavam no dito posto. Havendo somente dous dias que da Bahia me tinha chegado ordem do Conde General para que governasse estas Capitánias, a qual, por serviço de S. M., não quiz deixar de aceitar, não obstante o miseravel estado da terra, o grande poder do inimigo e o limitado com que me achava para lhe fazer opposição, chamei logo a conselho aos mestre de campo André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, ao Tenente general e Capitães de Infantaria, e propondo-lhes o estado das couzas, se resolveu em conselho que sahissemos a encontrar o inimigo; sem embargo de que o nosso poder não constava de mais que de 2200 homens, em que entrava o terço dos pretos do Governador Henrique Dias e dos Indios do Capitão mor Camarão; porquanto ficaram as estancias providas com 300 homens.

“Com este limitado poder, marcheí para os outeiros dos Guararapes, e depois de os passar, fiz alto na baixa delles, formando a infantaria, pela melhor forma e modo a que o terreno me deu lugar.

“Naquelle sitio passei a noite. Ao outro dia, que era domingo de Paschoa, 19 de Abril, levantou o inimigo seu exercito. Vindo marchando para os

nossos, começaram os batedores a peleja e tanto que o inimigo se descobrio peio alto dos montes dos Guararapes, mandei tocar a investir, tendo posto na vanguarda ao mestre de Campo Fernandes Vieira e para dar nos lados do inimigo o Capitão mor Camarão de uma parte e da outra o Governador Henrique Dias.

“Dada a primeira carga de ambas as partes, investimos á espada rompendo ao inimigo todos seus batalhões. E porque dous, da sua reserva, que ainda tinha em ser, se desviavam dos que hiam rotos, e carregavam para a parte de Henrique Dias, o ajudassem a romper com os dous batalhões que o hiam acommeter; mas os nossos Capitães, que, em dous terços, governavam os ditos 500 homens não considerando os damnos que lhes podiam vir de não observarem a ordem que levavam, investiram por outra parte, onde, por caminho mais abreviado, lhes pareceu que havia occasião de maior destroço no inimigo; mas resultou deste engano não destroço no inimigo; mas resultou deste engano não destruímos totalmente os contrarios; que, por não poder Henrique Dias sustentar o peso delles, se veio retirando sobre ós nossos, os quaes, por serem poucos e cansados, fizeram tambem o mesmo.

“Acodi logo a ter mão em todos, para que o inimigo não tornasse a cobrar a sua artilharia, munições e dinheiro; mas não o pude porque, com a rota que havíamos feito o inimigo, estavam os nossos mais desordenados que os mesmos inimigos, a quem romperam; porem, a poucos passos, me puz em um regato que havia na campanha; onde, animando a uns e ferindo a outros da nossa infantaria, a obriguei a fazer alto: e comecei a formar mandando fazer o mesmo ao terço do mestre de campo Fernandes Vieira: e pondo na vanguarda ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, tornou, com pouca gente da sua, mas com grande esforço, a investir com as mângas



que o inimigo trazia de ante dos seus batalhões; e, escaramuçando com elles, os tornou de novo a romper, matando alguns de seus capitães e muitos dos soldados. E começando-se novamente a pendencia, formando-se de uma e outra parte os campos, durou a batalha por espaço de quatro horas; no fim das quaes, depois de se obrarem da nossa parte maravilhosos actos de valentia, assignalando-se nelles, geralmente, com o mestre de campo, todos os mais officiaes, o inimigo se retirou a occupar suas eminencias á nossa vista; retirando para detrás dellas os feridos que mais perto lhe ficavam. Considerando eu, este tempo, o quanto estavam cansados os nossos soldados, havendo mais de vinte e quatro horas que não comiamos e muitos delles occupados em retirar os mortos e feridos que tivemos, me deixei ficar formado na mesma frente do inimigo, mandando recolher as bandeiras que haviamos ganhado, que chegaram a trinta e trez a saber: o Estandarte grande com as armas das Provincias Unidas, como já referi, e o qual tenho nesta praça, dezenove bandeiras que remetti logo a Bahia, ao Conde General, e treze que os nossos soldados, pretos e indios, não fazendo estimação dellas, dizem que as tinham desfeitas para bandas e outras galas.

“Estando um campo á vista de outro, por todo o dia, tanto que anoiteceu, mandei algumas tropas inquietar o inimigo, afim de que tambem na volta me trouxessem aviso de seus intentos; e posto que não seguissem todas as ordens quanto convinha, não deixaram com tudo de picar o inimigo, o qual, no decurso da noite se retirou, sem que disso alcançasse noticia.

“Amanhecendo segunda feira, dia de N. Senhora dos Prazeres, mandei descobrir o campo, achando, nas demonstrações delle ter-se retirado o inimigo com grande pressa e destroco: pois deixou na campanha novecentos homens mortos: entre elles alguns feridos, uma peça de artilheria de brôn-

ze, muitas munições e armas, as trinta e trez bandeiras que tenho referidos, varias insignias, alem de outros despojos de roupa e dinheiro de que os nossos soldados se aproveitaram. Dos mortos dos inimigos foram muitas pessoas de contas e as principaes dellas foram o Coronel Hans e o Coronel Van Elts; e o Coronel Hautyn morreu depois de chegar ao Recife; e, de alguns que aprisionamos, foi um Coronel Pedro Reerweer; de sorte que, de seis coroneis que trazia o exercito, só dous escaparam de nossas mãos Van den Brande e Brinck.

“Tambem tenho noticia certa dos prisioneiros que tomamos, que os feridos que o inimigo retirou desta batalha foram mais de quinhentos; e entre elles o seu general Sigismundo, com uma perna passada; e que os mortos que a nós, como acima digo, nos pareceram novecentos, passaram de mil; da nossa parte morreram nesta occasião oitenta homens, contando tambem nestes os quarenta que já disse nos degolaram na Estancia da Barreta; os feridos perto de quatrocentos; mas por mercê do ceo todos sem perigo.

“Na mesma segunda feira marchei a occupar as nossas estancias fronteiras ao Recife; por ver que o inimigo se tinha recolhido as suas praças; e achei que um capitão que deixei de guarda no forte de uma bateria que tinha nos postos do Recife, o havia largado, por não haver já nelle artilheria alguma, o qual, vendo o inimigo desmantelado de tudo, o mandou occupar; e o mesmo fez a villa de Olinda, a qual tinhamos largado, com cinco peças de ferro pequenas; que a pressa, com que foi preciso sahir ao encontro do inimigo, apenas deu lugar a mais que ajuntar a nossa pouca infantaria com que o investimos. Logo tornei a occupar os postos deste arraial do Bom Jesus e mandei marchar para a dita villa de Olinda ao governador Henrique Dias, com o seu terço dos pretos, algumas companhias de mulatos e uma de soldados brancos, com ordens que



entrassem e investissem a dita villa, por muitas partes; o que os nossos fizeram, com tanto valor que pozeram em fugida seiscentos Flamengos que nella estavam; recolhendo-se as suas forças ao Recife, que ficava em distancia de uma legua, matando-lhe neste conflicto cento e cincoenta e tantos que ficaram no campo; em que encontraram alguns officiaes, alem de outros que deviam de morrer nas aguas a que se lançaram.

“Aprisionamos-lhe um francez, e recuperamos as nossas cinco peças de ferro, que la tinhamos deixado, as quaes mandei comboiar a este arraial, por ser bom accordo largarmos outra vez a villa; assim por não ser defensivel, e requerer para sua guarnição muita infantaria, que a nós nos falta, como tambem por termos a assaltar outras vezes ao inimigo naquella paragem, aonde elle até o presente não tornou mais.

“Nesta pendencia não houve da nossa parte que seis feridos em que entrou um capitão, mas todos sem risco de vida.

“Destes bons successos com que Deus favorece as armas de S. M., em tempo que a superioridade hem conhecida no inimigo nos promettia total ruina, sem esperança alguma de victoria, que alcançamos, posso eu animar-me para outras maiores, com que o mesmo Senhor ha de livrar a christandade deste com que os tyrannos Flamengos o ameaçam.”

Vejamos o que dizem os Hollandezes sobre essa batalha:

Schoppe e Van den Brande affirmam que essa derrota foi devida, não a falta dos officiaes, mas dos soldados, que não souberam cumprir os seus deveres.

O almirante De With, calculando o exercito hollandez em uns 5000 homens, e o nosso em 2350, refere que os soldados tinham visto os officiaes receber dinheiro antes de partir para o combate e



exigindo que se lhes pagasse egualmente o soldo, não foram satisfeitos nesse justo pedido, vociferando então: "Os que receberam soldo que vão combater agora; nós não pelejamos sem dinheiro".

O autor de um folheto *Journael vande Reyse van de Viote* (Jornal da Viagem da Esquadra), publicado no anno de 1648 declara ter assistido á batalha como official combatente e affirma, entre outras cousas, que os nossos muito se pareciam com os guerreiros romanos.

"Traziam cothurnos altos, calções até os joelhos e as mangas do gibão arregaçadas" ("sic). Refere mais que o general Barreto se portou com muita bravura, montando durante a acção um cavallo branco.

"Haecx calculou as forças hollandezas em 5000 homens e as nossas em 3000, e confessa a derrota dos seus, attribuindo-a outro tanto aos soldados.

"Os governos de Portugal e da Hollanda estavam, havia tempo, negociando um tractado definitivo de paz, quando chegou a noticia da victoria dos Pernambucanos em Guararapes, trazendo novo alento aos Portuguezes e desanimo aos Hollandezes, já não querendo os primeiros ouvir mais fallar na cessão ou venda de Pernambuco.

"D. João IV tinha grande sympathia por Pernambuco e nelle muito confiava, facto este comprovado pela seguinte narrativa de Ericceira:

"No gabinete secreto d'el-rei se achou um papel assignado de seu proprio punho com trez cruces, e no qual elle manifestava o desejo de que se Portugal não podesse continuar a sustentar a porfiada luta com Castella, se retirasse sua viuva com seus filhos para o Brasil.

"Tão provavel parecia chegar a familia real a ver-se reduzida á esta medida, que por conselho dos Condes de Catanhede e Soure, foi Brito Freire despachado para Pernambuco, ostensivamente como

governador, mas na realidade, para dispor as cousas neste sentido, e de conformidade com as ultimas disposições d'El-Rei se ordenou a Vieira, que então se achava no Maranhão, que fosse ter com o governador para ajudal-o com os seus conselhos. A razão de preferir-se Pernambuco á Bahia parece ter sido a maior fortaleza do Recife, capaz de resistir a quaesquer forças que a Hespanha podesse mandar em perseguição dos reaes fugitivos."

Em fins de Agosto de 1648 chegou ao Araial o mestre de campo Francisco de Figueirôa, com o regimento de ilheos.

Por esse mesmo tempo fallecia naquelle acampamento o bravo Capitão mor dos Indios Antonio Phelippe Camarão.

O vice almirante Witte Cornelis de With, ou Dubbel With (duplo With, como ainda hoje é chamado na Hollanda) desgostoso se achava com o governo do Recife e da metropole, a ponto de mais tarde abandonar, com a esquadra, o posto que occupava no Brazil, voltando á patria, onde foi preso por ordem do Stalhouder.

Isso, porem, não o impedio, em quanto esteve no Brasil, de hostilizar os navios portuguezes fazendo-lhes prezas.

Perseguiu algumas naus pertencentes á esquadra do conde de Castel Melhor, tomando por essa occasião trez dellas, entre as quaes a **S. Bartholomeo**.

Um extraordinario acto de heroismo foi pelos nossos commettido nessa peleja:

A fragata **Rosario**, sendo atacada pela **Utrecht** e **Gisseling**, defendeu-se gallhardamente, e, quando a abordaram, a tripolação preferio, a render-se, fazel-a voar em pedaços, o que levaram a cabo ateando fogo ao paiol da polvora e destruindo na explosão suas naus inimigas.

Netscher, lendo ás pressas o officio de Schoppe sobre esse feito, enganou-se do suppôr que De With

tomara os fortes bahianos de **S. Bartholomeo e Rosario**.

De nossa parte todas as noticias sobre De With foram extractadas do Jornal deste, existente no archivo de Haya.

Depois de tal cruzeiro, o governo do Recife mandou tripolar de alguma tropa esses navios sob o commando do Coronel Van den Brande, acompanhado do Conselheiro Van Goch, que desembarcaram varias vezes no Reconcavo, incendiando 23 engenhos e muitos edificios.

Voltaram elles ao Recife em principios de 1649 carregando em trophéo alguns desses despojos.

Instigados pela Assembleia dos XIX e attendendo ás queixas dos moradores do Recife, contra os males cauzados pelo rigoroso sitio, os do Conselho resolveram enfim fazer nova "sortida", levantar o assedio e seguir para o sul.

Foram primeiramente ouvidos o general Scoppe e os coroneis, que unanimemente se declararam em opposição e oppinaram por que fosse enviada ao Rio de Janeiro uma expedição. Em vista, porém, das razões já mencionadas, ficou resolvido se tornasse ao primeiro alvitre.

Southey, acompanhando os historiadores Portuguezes, não dá uma descripção satisfactoria das duas batalhas de Guararapes.

Nieuhof faz uma grande confusão sobre o assumpto, só fallando de uma batalha, ao passo que ellas foram em numero de duas.

Varnhagem, bazeando-se no officio de Miguel van Goch, é quem mais proximo se acha da verdade nessa descripção e por isso citamol-a aqui:

"Na noite de 17 de Fevereiro (1649) uma força de 3510 praças, incluindo algumas não combatentes, se punham em meza alem dos Afogados, com os embornaes providos para oito dias, como na sahida effectuada dez mezes antes. Commandava esta força o Coronel Brinck em virtude de achar-se



ainda em cura da ferida que recebera no artelho, o tenente general Sigismundo van Schoppe. Passado na vazante o rio dos Afogados, foram todos amanhecer na Barreta, e d'ahi seguiram, em ordem de marcha até a abegoria de Antonio Cavalcanti; e depois de um pequeno descanso, para se proverem de agua, que é a melhor do caminho, foram tomar posição nos Guararapes, occupando as alturas, e o passo ou desfiladeiro que os nossos haviam primeiro occupado na acção precedente.

“Informado Barreto desta marcha, levantou campo, e, com uns dous mil e seiscentos homens se dirigio logo, provavelmente pelo caminho da Ibura e Zumbi, para os mesmos Guararapes, onde, pela volta das quatro da tarde, avistou os contrarios, ao chegar a uma altura que chamavam do Oityseiro, talvez em virtude de alguma arvore mais corpulenta das que produzem os oytis, e que ahi abundam.

“Nessa tarde nada occorreu de notavel; mostrando-se apenas de longe pequenas escoltas de a pé e a cavallo, contra as quaes desparou o inimigo alguns tiros, com as suas peças de campanha.

“Uma tal appareição dos nossos por esse lado e um rebate falso que de noite d'ahi deram, levou o mesmo inimigo a estabelecer dessa banda guardas e vedetas, e a levantar trincheiras, passando quasi toda a noite alerta; sendo que logo Barreto se aproveitava da escuridão da mesma noite para seguir ao engenho chamado dos Guararapes, fazendo as suas tropas bivacar na varzea de cannaviaes e mato, ao sul dos montes do mesmo nome e contornando já quasi o inimigo pela banda do sul.

“Somente ao amanhecer poudo Brinck reconhecer o que lhe passara; e tratou logo de mudar a sua primitiva linha de batalha collocando-se com a frente para a varzea, sobre o alto do vale ou boqueirão, em cima do qual se vê hoje alvejar a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres.

“Em todo caso, as suas tropas tinham levado toda a noite em vela, ao passo que as nossas haviam

dormido mui tranquilas, do lado opposto a aquelle onde os contrarios as faziam.

“Meros espectadores um do outro, se conservaram os dous pequenos exercitos até o meio dia. Os Hollandezes confiados em suas posições, se limitaram a intentar uma provocação, mandando avançar um pelotão, que se retirou com um ferido, porem sem ser perseguido; levando, porem, a certeza de que parte das armas contrarias eram arcabuzes e de maior alcance que as suas. Contra alguns dos nossos, que se mostravam, disparavam ao mesmo tempo alguns tiros que pouco mal causavam.

Afinal Brinck, cansado de esperar ao sol, e n'uma paragem falta d'agua, ao passo que os nossos permaneciam abrigados á sombra e protegidos pelos pantanos e o mato, e sem dar signaes de impaciencia, resolveo convocar a conselho os officiaes superiores, para decidirem o partido que se deveria tomar. Todos foram de voto de que não se ficasse alli por mais tempo do modo que estavam; preferindo antes marchar nessa noite, quer para o Cabo de Santo Agostinho, quer para a Varzea, cortando aos nossos a retirada. Nenhum destes dous arbitrios foi, porem, adoptado por Brinck nem pelo conselheiro adjunto Van Goch, que resolveram ordenar a retirada outra vez para a Barreta, a esperar ahi novas ordens; em não effectuar essa retirada de noite, o que poderia mostrar medo, mas immediatamente e em presença do exercito contrario. O Commissario Van Goch se incumbio de ir ao Recife dar, a respeito desta resolução, as explicações convenientes aos seus companheiros, e pedir novas ordens.

“Por volta das trez da tarde começaram os que occuparam as alturas a deseparal-as em retirada, descendo ao boqueirão, para irem, fraldijando os serros, buscar a estrada no passo ou desfiladeiro entre elles e a costa. Marchou primeiro um regimento e depois a artilharia flanqueada por duas companhias. Seguiram-se dous outros regimentos,



mandados um pelo coronel Hautyn, e o outro pelo transfuga Claes (já com a patente de tenente-coronel) quando Barreto, vendo que o inimigo havia abandonado as fortes posições que occupava, e por ventura imaginando que elle projectava, sem combater, invadir para as bandas do sul, se resolveu a atacal-o, mandando avançar.

“Apresentaram-lhe primeiro resistencia cinco companhias do inimigo, que formavam a sua recta-guarda, ao mando do capitão Tanbergen, enquanto se organisavam para entrar em combate duas columnas, ao mando dos dous mencionados chefes Hautyn e Claes; logo avançou aquelle, carregando pela direita, mas foi repellido pela cavallaria da nossa parte, que ferio ao mesmo Hautyn, obrigando-o a retirar-se. Apezar de ferido reunio o mesmo Hautyn os seus e juntando-se á força que commandava Claes, atacaram ambos os nossos, já senhores da estrada mas viram-se obrigados a retirar-se para a banda dos serros “por cauza da grande força dos contrarios, que atacaram então com tanto impeto que as tropas hollandezas começaram a fugir, sendo em breve tal confuzão que, nem por palavras nem por força, poderam ser contidos, os que fugiam... e esta confuzão foi consideravelmente augmentada pelos corpos dos Coroneis Van den Brande e Van Elts, que baixando dos montes, para acudir, lançaram-se de envolta com os regimentos mencionados... e introduziram a mais completa desordem palavras do officio dirigido ao presidente do Conselho do Recife, por Miguel van Goeh, em 22 de Fevereiro de 1649).

“O inimigo ficou de todo destroçado; e a victoria foi para os nossos, ainda mais completa que a do anno antecedente. Alem do chefe Brinck, perderam os contrarios cento e setenta e trez officiaes inferiores, a saber: quatro tenentes coroneis, quatro majores, 35 capitães, 32 tenentes, 26 alferes e 49 sargentos; e mais 855 mortos e 90 prisioneiros; o que tudo prefaz um total de 1045 homens. Fi-



caram alem disso cinco peças de campanha e cinco bandeiras.

“O inimigo reconheceu a sua derrota e confessou officialmente attribuindo-a á cobardia dos proprios soldados.

“A perda dos nossos foi avaliada em quarenta e cinco mortos e duzentos feridos, entrando neste numero o bravo Henrique Dias, que, pela ultima vez, derramava, nesta campanha, o seu sangue pela patria”.


Ao terminar a guerra, Barreto mandou construir uma igreja no alto do monte para commemorar as duas victorias junto a aquelle monte e a expulsão dos Hollandezes.

Southey diz que foi de 740 numero dos mortos, entre os quaes o Sargento mor Paulo da Cunha Sotto Mayor, Manoel de Araujo e Cosme do Rego, que muito se haviam distinguido nessa campanha.

Ainda refere o mesmo autor que Pedro Poti, general dos Indios, amigo dos Hollandezes, caiu prisioneiro dos Portuguezes.

De With diz no seu “Jornal” que o exercito hollandez se compunha de 3000 brancos e 200 negros ou indios e seis canhões e que os nossos tinham cerca de 2400 homens, entre os quaes 150 de cavallaria, armados de lança.

Dr. Souto Maior.



# *Actas das sessões*

SESSÃO ORDINARIA EM 17 DE JANEIRO DE 1907

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia, 1.º Secretario, Arthur Muniz, Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho, Monseñor Estanislau de Carvalho, Rodolpho Garcia e major Augusto Cezar, substituindo o 2.º Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente :

Uma circular do 1.º Secretario da Bibliotheca da Academica do Rio Grande do Sul communicando a eleição de sua directoria do anno social de 1906 a 1907 e remettendo a relação dos socios eleitos. Mandou-se agradecer.

Uma dita do 1.º Secretario da Bibliotheca Rio Grandense, pedindo as publicações do Instituto. Mandou-se remetter.

Um convite da Sociedade Monte Pio Popular Pernambucano para o Instituto se fazer representar na solemnidade a realizar-se ali em 11 do corrente.

O Sr. Presidente declara que para corresponder ao convite nomeára uma comissão composta dos Drs. Arthur Muniz, Pedro Celso e Rodolpho Garcia.

## Offertas :

Pela Officina Litteraria «Martins Junior», um retrato com a respectiva moldura do finado socio Dr. José Izidoro Martins Junior, o qual já está collocado na galeria.

Pelos autores da Exposição de pintura, realizada no salão de honra deste Instituto, em 15 de Novembro ultimo, um exemplar da respectiva acta

Pelo Sr. Adolpho Lisbôa um exemplar do hymno municipal de Manãos.

Pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro dous volumes de seus Annaes e um Catalogo.

Pela Bibliotheca Publica Pelotense dous volumes de seus Annaes.

Pela Bibliotheca da Faculdade de Direito do Recife um volume de sua Revista.

Pelo Sr. Pedro Joaquim V. Botelho diversos machados e pedaços de pedras christalizadas.

Pelo Sr. Paulo Santos, uma bandeira imperial brasileira

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Vem a meza um parecer da Commissão de admissão de socios, e depois de convenientemente discutido correu o escrutinio secreto e foram eleitos socios effectivos os Srs. Senador Antonio José de Almeida Pernambuco, Dr. Eduardo de Moraes Gomes Ferreira e correspondente o Sr. Claudio Campello.

Sob proposta do Sr. Presidente, resolveu o Instituto que se autorisasse o Sr. Thesoureiro a comprar duas apolices da divida publica federal, de um conto de réis cada uma, afim de constituir o patrimonio do Instituto e de accordo com o que foi deliberado em sessão de assemblêa geral de 23 de Março de 1915, uma vez que só agora com o recebimento da subvenção federal pode ter cumprimento aquella deliberação.

Finalmente o Sr. Presidente communica o fallecimento na Capital Federal do socio benemerito Dr. Antonio da Cunha Barboza e o Instituto resolveu que se



lançasse na acta um voto de pezar por esse infausto acontecimento.

Resolveu tambem o Instituto não celebrar este anno a festa anniversaria de 27 de Janeiro.

Nada mais havendo a tratar foï levantada a sessão.

*João B. Regueira Costa*

Presidente.

*Aprigio Garcia*

1.º Secretario.

*Alfredo de Carvalho.*

Substituindo o 2.º Secretario.

SESSÃO DE ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÃO EM 21 DE  
FEVEREIRO DE 1907.

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia, 1.º Secretario, Desembargador Silva Marques, Alfredo de Carvalho, substituindo o 2.º Secretario, Pereira da Costa, Monsenhor Estanislau de Carvalho, Eduardo de Moraes, Julio Pires, Guedes Alcoforado, Braz de Souza e os Srs. Rodolpho Garcia, Rocha Pereira e Soares Brandão, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente :

Um officio da directoria do Museu Municipal de Iguapé, communicando a inauguração do mesmo museu, realizada a 5 de Janeiro do corrente anno.

Um dito do director do Archivo Publico de S. Paulo, pedindo para o mesmo Archivo os numeros 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 23, 26, 28, 30, 31, 51, 52, 53, 54 e 55 da Revista do Instituto. Mandou-se os numeros que ainda existiam.

Um convite do Sr. coronel Pinto da Fonseca para o Instituto se fazer representar na solemnidade da inauguração do novo edificio da Alfandega deste Estado, no dia 2 do corrente.

Para corresponder ao convite o Sr. Presidente declara ter nomeado uma commissão composta dos consocios Drs. Guedes Alcoforado, João Vicente e Ribeiro da Silva.

Um officio do Congresso Nacional das Sociedades francezas de Geographia de Bordeaux communicando que os seus trabalhos começarão em 28 de Julho do corrente anno e convidando o Instituto a se fazer representar naquella manifestação nacional da sciencia geographica que coincidirá com a Exposição maritima internacional de Bordeaux.

Offertas :

Pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, as seguintes obras :

Christovão Colombo e o Descobrimento da America, por J. M. Pereira da Silva; Documentos para a historia da Conquista e Colonisação da Corte de Leste e Oeste do Brazil; Homenagem do Instituto Historico e Geographico Brasileiro a Memoria de S. M. o Imperador D. Pedro II.

Desagravos do Brazil, Glorias de Pernambuco, por D. Domingos de Loreto Couto.

Relatorio—O Brazil na Exposição da C. da Luisiana Chile e Brazil. Sessão solemne do Instituto Historico e G. Brasileiro. Catalogos de livros encadernados.

Pelo coronel Gregorio Thaumaturgo.—O Relatorio do 1.º semestre de 1906 do Alto Juruá.

Pelo Instituto Historico e G. de S. Paulo o X volume de sua Revista.

Pelo consocio Dr. Eduardo de Moraes um titulo de Cavalheiro da Ordem de Christo.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mondou-se archivar e agradecer as offertas.

Passando-se a proceder a eleição da directoria do Instituto, do anno social de 1907 a 1908, deu o seguinte resultado :

Presidente.—Dr. João Baptista Regueira Costa.

Declarando o Sr. Dr. Regueira Costa que por encommodos de saúde não podia continuar na presidencia do Instituto e por isso renunciava o cargo, foi o Instituto consultado se si devia acceitar a renuncia, sendo esta rejeitada por unanimidade de votos ; pelo que voltou a occupar a cadeira da presidencia, que durante a consulta fora occupada pelo 1.º Vice-presidente, Dezebargador Silva Marques.

1.º Vice-presidente.—Dezebargador Antonio Pedro da Silva Marques.

2.º Dito.—Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

3.º Dito.—Dezebargador Francisco Luiz C. de Andrade.

1.º—Secretario.—Dr. Alfredo de Carvalho.

2.º Dito.—Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.

Supplentes dos Secretarios.—Augusto Cesar da Cunha e Vitalino Cordeiro Lins.

Oradores.—Drs. Augusto Coelho Leite e Manoel Arthur Muniz.

Thezoureiro.—Coronel Luiz Pereira de Oliveira Faria.

Commissão de Fundos e Orçamentos.—Drs. José de Moraes Guedes Alcoforado, Bianor de Medeiros e Eduardo de Moraes Gomes Ferreira.

Commissão de Redacção.—Drs. Alfredo de Carvalho, Arthur Muniz e Pereira da Costa.

Finda a eleição o Sr. Presidente nomeou as diversas comissões determinadas pelos Estatutos.

O Sr. Presidente saudando o socio recentemente eleito, Dr. Eduardo de Moraes Gomes Ferreira, que agradeceu promettendo prestar os seus serviços ao Instituto, levantou a sessão por nada mais haver a tratar-se.

*João B. Regueira Costa.*  
Presidente

*Alfredo de Carvalho.*  
2.º Secretario.

*Augusto Cesar da Cunha.*  
Substituido o 2.º Secretario.



SESSÃO ORDINARIA EM 18 DE ABRIL DE 1907

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, 1.º Secretario, Dezebargador Teixeira de Sá. Guedes Alcoforado, Pedro Celso, Eduardo de Moraes, Braz de Souza, e os Srs. Domingos Fonseca e Augusto Cezar, substituindo o 2.º Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente

Um aviso circular do Dr. Emilio Goeltz, communicando que por encommodos de saude e outros justos motivos resignára o cargo de director effectivo do Museu de Historia Natural e Ethnographica do Estado do Pará, designando para substitull-o o Dr. Huler. Inteirado.

*Offertas :*

Pelo Museu Nacional de Buenos Ayres, dous volumes de seus Annaes.

Pelo Instituto Historico e Geographico da Bahia, um volume de sua Revista.

Pelo Ministerio de Colonisação e Agricultura de la Paz, um volume. Annexos a Memoria que apresentou o Ministro ao Congresso de 1906.

Pelo Club de Engenheiros de Minas do Perú, um numero do seu Boletim.

Pela Redacção um exemplar da Revista Militar.

Pela Directoria da Agricultura, Vição e Industria da Bahia um volume do seu Boletim.

Pelo Archivo Municipal de Curitiba, um dito.

Pelo Instituto Smithsoniano de Wasington, dous volumes encaderuados do seu Relatorio de 1906.

Pelo pharmaceutico, Sr. Arthur Vianna, um volume de sua obra—As Epidemias no Pará.

Pelo Dr. G. de T. Piza de Almeida o discurso que proferiu em 28 de Janeiro de 1903, sobre a crise do Café.

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, um volume da seu Boletim.

Pelo Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas um volume do Annuario do Observatorio do Rio de Janeiro,

Pelas respectivas Redacções, diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram lidas, discutidas e approvadas duas propostas, a primeira assignada pelo Dr. Alfredo de Carvalho, mandando que os vencimentos que percebião o escriptuario do Instituto, até antes da sessão de 17 de Novembro ultimo lhe fossem restituídos visto terem melhorado as condições financeira do mesmo Instituto. A segunda proposta, assignada pelos Drs. Pedro Celso, Dezembargador Teixeira de Sá, Guedes Alcoforado, Augusto Cezar, mandando pela mesma razão, reintegrar no lugar de porteiro o Sr. Odilon Tucuman, com o ordenado que percebia.

Lido um parecer da Commissão de admissão de socios e correndo o escrutinio secreto, foi eleito socio correspondente o Sr. Ambrosio Francisco de Barros Leite.

Em seguida o Sr. Presidente communicou que em data de 14 do corrente autorisára o pagamento da quantia de duzentos setenta e tres mil setentos e trinta réis, importancia de mil e quinhentos mappas para a Revista.

O Instituto approvou a autorisação e por nada mais haver a tratar foi levantada a sessão.

*João B. Regueira da Costa.*

Presidente.

*Aprigio Garcia.*

1.º Secretario.

*Arthur Muniz.*

Servindo de 2.º Secretario.

SESSÃO ORDINARIA EM 23 DE MAIO DE 1907

*Presidencia do Snr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, 1.º Secretario, D'zembargador Teixeira de Sá, Guedes Alcoforado, Pedro Celso, Eduardo de Moraes, Braz de Souza, e os Srs. Domingos Fonseca, Rocha Pereira e Augusto Cezar substituindo o 2.º Secretario abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente :

Uma circular da Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco, remettendo a relação dos membros de sua directoria do anno social de 1907.

Mandou-se agradecer.

Offertas :

Pelo consocio Dr. Carlos Porto Carreiro, um volume de sua traducção da comedia heroica intitulada — *Cyrano de Bergerac*.

Pelo Archivo Publico Nacional, um volume de suas publicações.

Pelo Instituto Geologico do Mexico um volume do seu Boletim.

Pelos Srs. F. Muller & C. e Karls Hierseman dous catalogos de livros.

Pelo consocio Landaeta Rosalves um folheto uma Rable historica de Caracas e outro — *La Escuela de Medicina de El Salvador*.

Pelo Sr. João Coelho Gomes Ribeiro um folheto *A Capital Federal e a Constituição da Republica e Apello ao Congresso Nacional*.

Pelo consocio bispo D. Francisco do Rego Maia dous volumes da obra *Esriptas Pastoraes*.

Pelas respectivas Redacções diversas jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Lido um parecer da commissão de admissão de socios e correndo o escrutinio secreto foram eleitos socios correspondentes do Instituto os Srs. Dr. Ernesto



de Senna, Marianno Xavier Cordeiro e coronel honorario do exercito Miguel de Feive e Argôlo.

Foi ainda lida e approvada a seguinte proposta.

«Propomos para sócio benemerito do Instituto Archeologico ao Dezembargador Francisco Luiz Correia de Andrade, socio effectivo desta Associação, não só como membro da meza administrativa por mais de sete annos, de accordo com os Estatutos em vigor, senão tambem pelos serviços prestados ao Instituto.

Sala das Sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 16 de Maio de 1907.

Regueira Costa, Presidente. Alfredo de Carvalho 1.º Secretario, Aprigio Garcia 2.º Secretario.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão

*João Baptista Regueira Costa*

Presidente.

*Aprigio Garcia*

1.º Secretario.

*Arthur Muniz*

Substituindo o 2.º Secretario.



SESSÃO ORDINARIA EM 4 DE JULHO DE 1907

*Presidencia do Snr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia, 2.º Secretario substituindo o 1.º. Arthur Muniz, Dezembargador Francisco Luiz, Phaelante da Camara, Rodolpho Garcia e os Srs. Rocha Pereira, Ambrosio Leite e Augusto Cezar occupando a cadeira do 2.º Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Uma circular do bibliothecario do Ministerio da Industria, pedindo em nome do respectivo Ministro as publicações de que o Instituto poder dispor para a bi-

bliotheca do Ministerio da Viação, que o mesmo ministro resolveu organizar.

Mandou-se remetter o que houvesse.

Um aviso do Dr. Director da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro communicando existir ali nove pacotes de procedencia estrangeira endereçados ao Instituto.

Um officio do Coronel Miguel de Feive e Argôlo communicando a recepção e agradecendo o seu diploma de socio correspondente.

Pela commissão reivindicadora dos direitos territoriaes do Piauhy um volume—Limites entre os Estados do Piauhy e do Maranhão e o relatorio das investigações a que procedeu o Exmo. Sr. Guilherme Lins dos Santos Ferreira nos archivos portuguezes.

Pelo Instituto Historio e Geographico do Rio Grande do Norte um volume de sua Revista.

Pela Sociedade de Geographia de Lima um numero do seu Boletim.

Pela directoria da Agricultura, Viação e Industria da Bahia, um volume do seu Boletim.

Pela respectiva redacção nove exemplares da Revista Brazilian Enginnering.

Pelo Sr. Karls Herseman um catalogo de livros.

Pelo Instituto Geologico do Mexico um volume de seu Boletim.

Pelo Observatorio do Rio de Janeiro um dito.

Pelas redacções um numero da Revista Maritima e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas, inclusive vinte e cinco moedas de cobre, offertadas pelo Sr. Nilo Vieira e uma medalha commemorativa do casamento do Sr. D. Pedro II, offertada pelo consocio Ambrosio Leite.

Em seguida lido um parecer da respectiva commissão e correndo o escrutinio secreto, foi eleito socio effectivo o Dr. Annibal Freire da Fonseca.

O Sr. Presidente declara que concedeu á Conferencia de S. Luiz de Gonzaga, da Sociedade de São Vicente de Paulo, o Salão do Instituto para realizar nelle,



uma serie de conferencias mensaes, isto de accordo com o pedido de uma commissão d'aquella Sociedade.

Foi approvada a deliberação do Sr. Presidente.

Depois de nomear uma commissão para assistir ao desembarque do consocio Dr. Sebastião Galvão e por nada mais haver a tratar-se o mesmo Sr. Presidente encerrou a sessão.

*João Baptista Regueira Costa*

Presidente.

*Augusto Cezar da Cunha*

Substituindo o 1.º Secretario.

*Rodolpho Garcia*

Servindo de 2.º Secretario.

—

SESSÃO ORDINARIA EM 18 DE JULHO DE 1907

*Presidencia do Snr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Rodolpho Garcia, substituindo o 2.º Secretario, coronel Manoel Heraclito, Pereira da Costa, Barros Leite e Augusto Cezar occupando a cadeira do 1.º Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Dr. Director do Archivo Publico de S. Paulo, de 4 do corrente, pedindo diversos numeros da Revista do Instituto para completar a collecção das que ja possui a bibliotheca d'aquelle archivo.

Mandou-se remetter os numeros que houvessem.

Uma carta do Sr. Athayde Marcondes offertando um exemplar de seu trabalho intitulado—Pindamonhangaba.

Apontamentos historicos, geographicos, genealogicos, biographicos e chronologicos,



## Offertas:

Pelo consocio coronel Miguel Argôlo as seguintes obras :

Relatorio da Estrada de Ferro de São Francisco do anno de 1897, um volume ; mappa do Estado da Bahia, um dito ; Regulamento Interno e Instrucções para os empregados da Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco, um dito ; Memoria apresentada ao 3.º Congresso Scientifico Latino Americano, um dito ; Memoria descriptiva sobre a Estrada de Ferro da Bahia e Minas, um dito ; Parecer apresentado á Commissão Executiva do Congresso de Engenharia e Industria, organizado pelo Club de Engenharia, um dito ; Informação sobre o arrendamento das Estradas de Ferro pertencentes á União, um dito ; Refutação feita em artigos publicados no Jornal do Commercio de 15 a 27 de Dezembro de 1885 e de 5 e 6 de Janeiro de 1886 ao parecer do Engenheiro Chefe do Prolongamento da Estrada de Ferro de Pedro II, sobre a reduçãõ da bitolla desse prolongamento.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados, inclusive alguns numeros da *Republica* do Rio Grande do Norte.

O consocio Dr. Pereira da Costa communica que por intermedio do Exmo. Snr. Governador do Estado, conseguiu que fosse recolhido ao muzeu do Instituto o brazão de armas, em bronze, do Conde da Boa-Vista, o qual figurava no frontespicio do seu palacete sito á rua da Aurora, hoje de propriedade do Estado.

Communica ainda o mesmo Dr. Pereira da Costa que a commissão de que fez parte, incumbida de assistir ao desembarque do consocio Dr. Sebastião Galvão por occasião de sua chegada a esta Capital, desempenhou-se de sua incumbencia.

O Sr. Presidente depois de designar o referido Dr. Pereira da Costa para em nome do Instituto, agradecer ao Exmo. Sr. Governador do Estado a valiosa offerta, levantou a sessão por nada mais haver a tratar-se.

*João Baptista Regueira Costa*

Presidente.

*Aprigio Garcia*

1.º Secretario.

*Bianor de Medeiros*

Substituindo o 2.º Secretario.

SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE AGOSTO DE 1907

*Presidencia do Snr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia 2.º Secretario substituindo o 1.º Rodolpho Garcia, Guedes Alcoforado, João Claudio e Bianor de Medeiros, occupando a cadeira do 2.º Secretario abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Dr. Adriano Xavier Cordeiro, de 17 de Julho, accusando a recepção e agradecendo o seu diploma de socio correspondente.

Inteirado.

Um dito do Coronel Miguel de Teive e Argolo, de 10 de Julho, offertando as obras recebidas na sessão anterior.

Offertas :

Pela Bibliotheca e Archivo Publico do Pará um volume de seus Annaes.

Pelo Ministerio de Colonisação e Agricultura de La Paz um exemplar de sua Revista.

Pelo Instituto Archeologico e Geographico Alagoano um dito.

Pelo autor, Dr. Alvaro Gurgel de Alencar um folheto—Memoria historica do anno de 1906, lida perante a Congregação da Faculdade Livre de Direito do Ceará.

Pelo Dr. Ernesto Mattoso um volume—Pará-Brasil. O Dr. Augusto Montenegro, sua vida e seu governo.

Pelas Redacções um numero da Revista Zig-Zag, e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Findo o expediente o Sr. Presidente propõe e o Instituto approva, que se consigne na acta um voto de felicitação ao consocio Dr. Alfredo de Carvalho pela sua admissão no Instituto Historico e Geographico Brasileiro e de agradecimento ao respectivo orador Conde de Affonso Celso pelas referencias honrosas feitas a Pernambuco e sobretudo ao Instituto Archeologico, cujos serviços relevantes, encareceu prestados durante os quarenta e cinco annos de sua gloriosa existencia.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

*João Baptista Regueira Costa*

Presidente.

*Aprigio Garcia*

1.º Secretario.

*Joaquim Pedro da Rocha Azevedo*

Servindo de 2.º Secretario

— —

SESSÃO ORDINARIA EM 22 DE AGOSTO DE 1907

*Presidencia do Snr. Dr. Regueira Costa.*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia, 2.º Secretario substituindo o 1.º, professor Rocha Pereira, occupando a cadeira de 2.º Drs. Pereira da Costa, Arthur Muniz e Tenente Ambrosio Leite, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente :

Um convite do Dr. Director do Instituto Pernambucano, para este se fazer representar na solemnidade que promove para commemorar, no dia 7 de Setembro p. vindouro, a data da Independencia do Brazil.

Para corresponder ao convite o Sr. Presidente nomeou uma commissão composta dos Srs. Drs. Arthur Muniz, Rodolpho Garcia e professor Rocha Pereira.



Offertas :

Pelo autor, Sr. Theotonio Freire, um volume—*De Relance*.

Pelo Congresso Scientifico Latino Americano, um volume—Organisação Penitenciaria dos Paizes Latino Americanos.

Pela directoria da Viação Industria e Obras Publicas do Estado da Bahia um volume do seu Boletim.

Pelas redacções um volume da Revista Vera Cruz, outro da Revista Maritima e diversos jornaes deste e de outras Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Findo o expediente o Sr. Presidente communicando o fallecimento do socio fundador e benemerito, Dr. Joaquim Pires Machado Portella, propoz e o Instituto approvou, que se consignasse na acta um voto de pesar por esse infausto acontecimento, se levantasse a sessão e se celebrasse em dia previamente annunciado uma sessão funebre em homenagem á memoria do illustre fundador.

Para servir de orador official nessa solemnidade foi designado o consocio Dr. Coelho Leite.

Depois de haver declarado ter nomeado aqui e por telegramma na Capital Federal, para assistirem as missas do 7.º dia e dar pesames á Exm.º familia, duas commissões, o Sr. Presidente levantou a sessão de accordo com o que fora resolvido.

*João B. Regueira Costa.*  
Presidente.

*Rodolpho Garcia.*  
1.º Secretario interino.

*João Claudio.*  
Servindo de 2.º Secretario.

— — —  
SESSÃO ORDINARIA EM 26 DE SETEMBRO DE 1907.

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Arthur Muniz, Rvdm. Ulrico Fontag, Pe-

reira da Costa, Rodolpho Garcia, substituindo 1.º Secretario, Soares Brandão, Ambrosio Leite e João Claudio, occupando a cadeira de 2.º Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada e o Dr. 1.º Secretario mencionou as seguintes offeras :

Pelo consocio Dr. José Carlos Rodrigues, por intermedio do consocio coronel Domingos de Sampaio Ferraz, um volume do grande catalogo de obras e manuscritos, referentes a historia da America e do Brazil, no periodo de 1492 a 1822.

Pelo Club de Engenharia do Perú, um volume do seu Boletim.

Pelo Rvdm. D. Ulrico um manuscripto intitulado —Doação que fez Jorge de Albuquerque Coelho 3.º capitão e governador da Capitania de Pernambuco, aos padres de São Bento, para poderem fundar mosteiro em toda a dita Capitania, de 6 de Abril de 1592.

Mandou-se á commissão da Redacção para publicar na Revista do Instituto.

Pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, um volume de sua Revista.

Pelo Sr. Euclides da Cunha um volume da obra —Perú Versus Bolivia.

Pelo Sr. General Raphael Uribe um exemplar da Conferencia, cujo resumo foi lido na sessão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, de 20 de Julho de 1907.

Pelo Observatorio do Rio de Janeiro um volume do seu Boletim.

Pelo consocio Dr. Silvio Bocanera Junior, um exemplar da Oração civica pronunciada no salão nobre do Paço Municipal da Bahia, no dia 2 de Julho de 1907.

Pelas Redacções um numero da Revista Maritima Brasileira e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou se archivar e agradecer as offeras.

Foi lida e remettida á commissão de redacção uma proposta assignada pelo consocio Ambrosio Leite, para ser publicada na Revista a relação dos beus deixados pelos padres Jesuitas, nas Capitancias de Per-



nambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará existente na bibliotheca do Instituto.

Pela Meza Administrativa foi proposto e approvedo pelo Instituto, por escrutinio secreto o Exm. Sr. Conde de Affonso Celso para socio honorario em consideração aos relevantes serviços por elle prestados ás letras patrias e á historia do Brazil.

Tambem foram propostos e approvedos para socios correspondentes, depois de preenchidas as formalidades dos Estatutos, os Srs. Alberto Frederico de Morato Lamego, advogado em Campos, no Rio de Janeiro, e D. Matheus de Oliveira Xavier, bispo de Cachoeira, na India.

O Sr. Presidente pediu que o Instituto resolvesse em que dia e hora devia ser realizada a sessão funebre em homenagem á memoria do finado socio fundador e benemerito Dr. Joaquim Pires Machado Portella, sendo resolvido que se effectuasse no dia 13 de Outubro p. vindouro, ás 7 horas da noite.

Tambem foi proposto e approvedo para socio effectivo o Dr. Octavio de Freitas.

Nada mais havendo a tratar foi levantada a sessão.

*João B. Regueira da Costa.*  
Presidente.

*Augusto Cezar da Cunha.*  
Servindo de 1.º Secretario.

*Sebastião de V. Galvão*  
Substituindo o 2.º Secretario.

SESSÃO SOLEMNE EM HOMENAGEM Á MEMORIA DO  
SOCIO FUNDADOR E BENEMERITO DO INSTITUTO  
DR. JOAQUIM PIRES MACHADO PORTELLA EM 17  
DE OUTUBRO DE 1907.

*Presidencia do Sr. Dr. Regueira Costa*

As sete horas da noite presentes os Srs. socios  
Drs. Regueira Costa, Aprigio Garcia, Arthur Muniz,



Coelho Leite, Alfredo Gama, Rodolpho Garcia e major Augusto Cezar, e os Srs. João Izidoro, representante do Exm. Sr. Governador do Estado, Dr. Agripino Simões, representando o Chefe de Policia, academico Raul de Moraes, representando o Coronel Prefeito do Municipio, os Drs. João Coimbra, procurador do Estado e Dr. Juiz de Orphãos Primitivo de Miranda Souza Gomes, bem como o Dr. Antonio Francisco Pereira de Carvalho, representando a familia do finado, e diversos cidadãos de todas as classes, o Sr. Presidente depois de proferir uma allocução analoga ao acto, declarou aberta a sessão.

Em seguida dada a palavra ao orador official Dr. Coelho Leite, este subindo á tribuna proferio extenso discurso no qual fez a biographia do illustre extincto.

Depois de agradecer ás pessoas presentes o seu comparecimento, o Sr. Presidente encerrou a sessão durante a qual tocou a banda de musica do 1.º corpo de policia.

*João B. Regueira Costa*  
Presidente.

*Augusto Cezar da Cunha.*  
Substituindo o 1.º Secretario.

*Sebastião de V. Galvão.*  
Servindo de 2.º Secretario.

SESSÃO ORDINARIA EM 21 DE NOVEMBRO DE 1907

*Presidencia do Snr. Dr. Regueira Costa*

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, Dezembargadores Silva Marques e Francisco Luiz Pereira da Costa, Rocha Carvalho, Braz de Souza e Sebastião Galvão, occupando a cadeira do 2.º Secretario, e os Srs. Soares Brandão e Augusto Cezar substituindo o 1.º Secretario abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada,

O Sr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente :

Um officio do Delegado da Liga Maritima Brasileira, agradecendo o convite que recebeu para assistir a sessão funebre promovida pelo Instituto em homenagem á memoria do seu socio fundador e benemerito Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

Inteirado.

Um dito da directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, no mesmo sentido.

Inteirado.

Uma circular da Intendencia Municipal de Cachoeira, Estado da Bahia, pedindo o auxilio do Instituto para a bibliotheca que pretende fundar.

Mandou-se remetter o que houvesse.

Um dito do Instituto Historico da Parahyba, remettendo a relação dos socios eleitos para comporem a sua meza administrativa do corrente anno social.

Mandou-se agradecer.

Uma carta da familia do consocio Julio Mielle communicando o fallecimento do seu digno chefe, occorrido em 26 de Setembro p. passado.

Offertas :

Pelo Museu Goeldi, do Pará, um volume com gravuras de suas publicações.

Pelo Archivó Publico Nacional um volume de suas publicações.

Pelo Museu de São Paulo um catalogo da Fauna Brasileira.

Pelas Redacções um volume da Revista Maritima Brasileira, quatro ditos da Revista de Colonisação de La Paz e um da Revista Militar.

Pelo Sr. Eugenio Hussac um folheto—O Paladio e a Platina no Brazil.

Pela directoria da Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas da Bahia, um volume de seu Boletim.

Pelo Dr. Toledo Piza seis folhetos.

Discurso que proferio em um banquete, que em 11 de Junho de 1907 offereceu na casa de sua residencia ao Conselheiro Ruy Barbosa.

Pelo consocio Dezembargador Silva Marques uma medalha de bronze commemorativa da inauguração das obras dos portos do Rio de Janeiro, Bahia e Victoria

—Avenida Central—Canal do Mangue—Estradas de Ferro de Matto Grosso, Goyaz, Natal e Ceará—Prolongamento das Estradas Diamantina e São Paulo—Iluminação Electrica da Capital Federal.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outras Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Sr. Presidente declara que o salão da biblioteca do Instituto acha-se um tanto estragado precisando de alguns reparos com urgencia, pelo que pede authorisação para mandar fazel-os.

Foi-lhe concedida a pedida authorisação.

Em seguida nomeia uma commissão composta dos Srs. Dr. Pereira da Costa, Augusto Cezar e Rodolpho Garcia, para assistir ao desembarque do consocio Dr. Alfredo de Carvalho, por occasião de sua proxima chegada a esta Capital.

Por ultimo communicou o fallecimento do consocio consul Manoel Heraclito de Albuquerque e o Instituto resolveu que por este e pelo professor Julio Meilli se lançasse na acta um voto de pezar e se mandasse pezames a familia do segundo.

Finalmente foi proposto e approvedo para socio honorario do Instituto o Conselheiro Ruy Barboza e levantada a sessão por nada mais haver a tratar-se.

*João B. Regueira Costa.*

Presidente

*Augusto Cezar da Cunha.*

Substituido o 1.º Secretario.

*J. P. da Rocha Pereira*

Servindo de 2.º Secretario.





# Lista dos socios do Instituto Archeologico em 1915. (\*)

## Socios Bemfeitores

Caetano da Costa Moreira.  
Dr. Mario Carneiro do Rego Mello.

## Benemeritos

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.  
Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.  
Dezembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.  
Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.  
Dr. Manoel de Oliveira Lima.

## Honorarios

Capitão Pedro Wenceslau de Brito Aranha.  
Dr. Pedro de Araujo Beltrão.  
Engenheiro Svans Richvorsel.

---

(\*) Tendo o Instituto soffrido uma solução de continuidade, talvez alguns nomes haja escapado na reconstituição da lista de socios. Qualquer reclamação documentada dirigida á directoria será attendida.

R. Th. vanden Bergh.  
J. H. Hingmarc.  
Roberto Calheiro de Mello.  
Rodrigo Affonso Pequito.  
João Chrisostomo Milicio.  
Barão de Tefé.  
Principe Rolland Bonaparte.  
Dr. Alexandre José Barboza Lima  
Conselheiro Antonio Gonçalves Ferreira  
Cardeal arcebispo D. Joaquim Arcoverde.  
Barão Homem de Mello.  
Bispo D. Francisco do Rego Maia.  
Jayme Constantino de Freitas Muniz.  
Dr. Lauro Muller.  
Dr. J. C. Branner.  
Arcebispo D. Luiz Raymundo da Silva Brito.  
Dr. José Marcelino de Rosa e Silva.  
Conselheiro Dr. Francisco de Assis Rosa e Silva.  
Dr. Antonio Olintho dos Santos Pires.  
Dr. Celso Florentino H. de Souza.  
Dr. Xavier da Cunha.  
Dr. Antonio Carneiro da Rocha.  
Conselheiro Dr. João Alfredo Correia de Oliveira.  
Dr. Clovis Bevilaqua.  
Conde de Affonso Celso.  
Conselheiro Ruy Barboza.  
Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.  
Dr. Joaquim Pereira Dregues Junior.  
Dr. Herculano Bandeira de Mello.  
Dr. Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira.  
Conselheiro Ernesto de Vasconcellos.  
General Antonio Vicente Ribeiro Guimarães.  
General Emygdio Dantas Barreto.

## Effectivos

- Dr. Francisco Jacintho de Sampaio.  
General Apolinario Florentino de Albuquerque Maranhão.
- Dr. Manoel Gomes de Mattos.  
Dr. José Lopes Pessoa da Costa.  
Monsenhor Estanislau Ferreira de Carvalho.  
Dr. Adolpho Tacio da Costa Cirne.  
Dr. Antonio de Souza Pinto.  
Dr. José Vicente Meira de Vasconcellos.  
Dr. Joaquim Antonio de Castro Loureiro.  
Dr. Manoel Barreto de Sampaio  
Dr. Arthur Orlando da Silva.  
Monsenhor Antonio Fabricio de Araujo Pereira.  
Commendador João José de Amorim.  
Dr. Pedro Francisco Correia de Oliveira.  
Dr. José Joaquim Alves de Albuquerque.  
Dr. Carlos Ferreira da Costa Porto Carreiro.  
Dr. Vitalino Cordeiro Lins.  
Dezembargador Francisco Teixeira de Sá.  
Dr. Pedro Celso Uchoa Cavalcanti.  
Dr. José Cavalcanti Ribeiro da Silva.  
Dr. Julio de Mello.  
Dr. Pedro José de Oliveira Pernambuco.  
Dr. Manoel Netto Carneiro Campello.  
Dr. Bianor de Medeiros.  
Dr. Alfredo Alves da Silva Freire Junior.  
Dr. Eusebio Martins Costa.  
Dr. Zeferino Gonçalves Agra.  
Dr. Joaquim Cavalcante Leal de Barros.  
Dr. Julio Pires Ferreira.  
Dr. Elpidio de Abreu e Lima Figueiredo.  
Monsenhor Cassimiro Tavares Dias.  
Dr. Alfredo Arnobio Marques.



- Dr. João Vicente da Silva Costa Filho.  
Commendador Antonio Joaquim Barboza Vianna.  
Rodolpho Lima.  
Dr. Mancel Arthur Muniz,  
Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia,  
Dr. Fernando Barroca,  
Dezembargador Manoel do N. da Fonseca Galvão.  
Dezembargador João Carlos de M. Vasconcellos.  
Dr. Olympio Costa.  
João Walfredo de Medeiros.  
Dr. Manoel dos Santos Moreira,  
Dr. José Antonio Gonçalves de Mello,  
Dr. Braz Florentino H. de Souza,  
Dezembargador Joaquim Candido Ferreira Lisboa.  
Monsenhor José de Oliveira Lopes.  
Padre Severino Vieira de Mello.  
Coronel Domingos de Sampaio Ferraz.  
Dr. Francisco Alcedo da Silva Marrocos.  
Dr. Eduardo Correia da Silva.  
Monsenhor Francisco Joaquim da Silva.  
Coronel Eduardo Martins de Barros.  
Coronel Manoel Pinto da Fonseca.  
Arthur Lewing.  
Dr. Rodolpho Augusto de Amorim Garcia.  
Dr. Antonio Vicente Pereira de Andrade.  
Dr. Alfredo de Albuquerque Gama.  
Coronel Luiz Pereira de Oliveira Faria.  
Dr. Eduardo de Moraes Gomes Ferreira.  
Dr. Antonio José de Almeida Pernambuco.  
Dr. José Octavio de Freitas.  
Dr. José Eustachio Pereira (Fanéca).  
Dr. Sergio Teixeira de Barros Loreto.  
Dr. Olympio Leite Chermont.  
Professor Gaspar do Nascimento Regueira Costa.

- Professor José Martiniano de Souza,  
 Dr. Aristides de Carvalho Schobach,  
 Dr. Olintho Victor,  
 Frei Mathias Teves,  
 Dr. Mario Carneiro do Rego Mello,  
 Dr. João Severiano Carneiro da Cunha,  
 Dr. Virgilio Bacellar Caneca,  
 Coronel José Theophilo Carneiro d'Albuquerque,  
 Manoel Arão,  
 Dr. Thomé Gybson,  
 Dr. Turiano Campello,  
 Dr. Virgínio Marques Carneiro Leão,  
 Major Manoel Pinto Bandeira da Carvalheira,  
 Dr. Fernando de Sá e Albuquerque,  
 José Augusto da Silva Braga,  
 Dr. Joaquim Tavares de Mello Barreto,  
 Dr. Eugenio Meira de Vasconcellos,  
 Dr. José Bandeira de Mello,  
 Dr. Thomaz Lins Caldas,  
 Dr. Samuel Martins,  
 Dr. Francisco de Athayde Martins Ribeiro,  
 Dr. Malaquias de Queiroz Barros,  
 Dr. José Bach,  
 Dr. Lourenço Augusto de Sá e Albuquerque,  
 Dr. Domicio Rangel,  
 Dr. Oscar Brandão da Rocha,  
 Dr. Paulo Cruz,  
 Manoel Eugenio da Rocha Samico,  
 Dr. Nilo Dornellas Camara,  
 Coronel Antonio da Cruz Ribeiro,  
 Dezebargador Primitivo de Miranda Souza  
 Gomes,  
 Dr. Candido Duarte,  
 Dr. João Feliciano da Motta e Albuquerque  
 Filho,  
 Dr. Antonio Carneiro Leão,

Major Manoel José de Sant'Anna Araujo.  
Dr. José de Barros de Lima.  
Dr. Esmaragdo de Freitas e Souza.  
Dr. Enéas Pereira de Lucena.  
Dr. Gervasio Fioravante Pires Ferreira.  
Tenente Ambrosio Francisco de Barros Leite.  
Dr. Augusto Leite Rodrigues.  
Padre Heliodoro Pires.  
Tenente Dr. Gastão Pinto da Silveira.  
Capitão Eudoro Correia.  
Dr. Henrique Capitulino Pereira de Mello.  
Commendador José Ferreira Baltar.  
Capitão João Buarque Barboza Lima.  
Dr. Annibal Fernandes.  
Abbade D. Pedro Roeser.  
Conego José Pereira Alves.  
João Luiz dos Santos.  
Padre Henrique Xavier de Farias.  
Conego Jeronymo da Assumpção.  
Pedro Rodrigues Soares.  
Dr. José Estevão de Oliveira.  
Dr. Aprigio de Miranda Castro.

### Correspondentes

Dr. Serapião Eusebio da Assumpção.  
Frei João José de Paiva.  
Dr. Carlos Alfredo Cravon.  
Williams Hughes.  
Dr. João de Oliveira.  
Dr. Alfredo Carlos Alcoforado.  
D. Juan Busson.  
D. Izabel Gondim.  
Dr. Manoel Armindo Cordeiro Guaraná.  
Barão Studart.



T. Felbrief.  
 Frederico Callend.  
 Cornelis Wasch.  
 Padre Julio Maria do Rego Barros.  
 Padre Francisco Raymundo da Cunha Pedrosa.  
 Theophilo Braga.  
 Francisco Teixeira Bastos.  
 Dr. Feliciano Firmo de Oliveira Freire.  
 Dr. João Mendes de Almeida.  
 Horacio Storer.  
 José do Amaral B. Taso.  
 General Gregorio Thaumaturgo de Azevedo.  
 Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.  
 William Ayres.  
 Professor Pedro Pereira de Lemos.  
 Dr. Bertino de Miranda.  
 Dr. João Baptista Perdigão de Oliveira.  
 Dr. Samuel da Gama Costa Max Dowel.  
 Dr. Luiz Auselmo da Fonseca.  
 Dr. Arthur Guedes Collares Moreira.  
 Dr. Methodio Romano de Albuquerque Maranhão.  
 Dr. Pedro M Riviere.  
 Pedro Carlos Thachawer.  
 Dr. Luiz Lombard.  
 Dr. José Antonio Samuel Garcia.  
 Dr. José Gomes Villar.  
 Dr. José Antonio Ferreira Gualberto.  
 Dr. Joaquim Ferreira Chaves Junior.  
 Dr. Manoel Landaeta Rosalves.  
 Dr. Julio Cezar de Oliveira.  
 Dr. Francisco Lourenço da Fonseca Junior.  
 Padre Raphael M. Galanti.  
 Dr. Teophilo Rodrigues.  
 Dr. Francisco Pinto de Abreu.  
 Dr. Alfredo Rodrigues Ferreira,

Izidoro Maria.  
Dr. Optato Nehemias Eustachio Carajuru.  
Dr. João Capistrano de Abreu.  
Samuel Bliscen.  
Dr. Luiz Cruis.  
Herman van Hering.  
Augusto Duprat.  
Dr. Luiz Leopoldo Flores.  
Augusto de Castilho.  
Lorjô Tavares.  
Jayme Victor.  
José Feliciano Marques Pereira.  
Bernardino Lopes de Oliveira.  
Dr. Orville Derby.  
Dr. A. Soffgren.  
Theodoro Sampaio.  
Dr. Julio da Silveira Lobo.  
Alvaro Pinheiro Chagas.  
Monsenhor Ulysses Pennafort.  
Theotonio Freire.  
Dr. José Antonio de Pinho Borges.  
Dr. José Joaquim Seabra.  
Dr. Romario Martins.  
Dr. Egas Muniz Barreto de Aragão.  
Alberto Palanque.  
Francisco Agenor de Noronha Santos.  
Dr. José Pereira Rego.  
Professor Dr. Carlos Dove.  
Jorge S. Lavary.  
Professor Adolpho Bastien.  
Theodoro Rodrigues.  
Richard Amerew.  
Dr. D. Alberto Membreno.  
Antonio Batr Jauregay.  
Dr. José Marroquin.  
Leonardo Elis.


Clemente Barrona Viga.  
 Dr. Schwenk.  
 Dr. Paulo Echreoureich.  
 Oscar Constad.  
 Herman Hach.  
 Dr. Eduardo Soners.  
 Dr. Carlos van der Stein.  
 Dr. Manoel B. Boliviau.  
 Dr. Uleyke Trancoso.  
 Antonio Arate.  
 Capitão Militon Carrajal.  
 Dr. Carlos R. Tobar.  
 Dr. Dario Gonzales.  
 General Dr. Manoel Gonzales Zeladon.  
 Dr. A. A. R. Fonteredeck.  
 Alberto Souza.  
 Dr. Augusto de Oliveira.  
 Dr. Victor Maria da Silva.  
 Manoel Cardoso de Mello Barata.  
 Dr. Angelo W. Singer.  
 S. van Gingin.  
 Dr. Francisco de Moraes Correia.  
 Dr. Joaquim Manoel Cardozo de Oliveira.  
 Dr. Virgilio Cardozo de Oliveira.  
 Charles Heart Church.  
 Revdm. Jorge Edmundson.  
 Dr. Nelson de Senna.  
 Dr. Alberto de Faria.  
 Barão W. F. Riensdich.  
 Jorge Frederico.  
 Augusto Porto Alegre.  
 Dr. João Claudio Campello.  
 Coronel Miguel ds Teve Argolo.  
 Dr. Alberto Frederico de Moraes Lamego.  
 Bispo D. Mathias de Oliveira Xavier.  
 Dr. Ozorio Duque Estrada.



Dr. José Vieira Fayenda.  
Dr. Antonio Carlos de Arruda Beltrão.  
Dr. Eduardo Marques Peixoto.  
Max Fleniss.  
Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello.  
Dr. Augusto Tavares de Lyra.  
Capitão Tenente Luiz Gomes Pereira.  
Dr. Alexandre José de Mello Moraes Filho.  
Eduardo Freire de Oliveira.  
Dr. Quintino de Mello e Silva.  
Dr. Antonio Rodriguar Pereira da Fonseca.  
Dr. Manoel Emílio Gomes de Carvalho.  
Dr. José Leite de Vasconcellos.  
Tenente Coronel José Joaquim do Rego Barros.  
Dr. Victor Ribeiro.  
Coronel João Pereira do Nascimento.  
Consul Manoel Joaquim Ferreira da Cunha.  
Marquez d'Avila e Bolana.  
Dr. Dinamerico Rangel.  
Dr. Sebastião Paraná.  
Dr. J. M. Carneiro Monteiro.  
Dr. J. Huber.  
Padre Leonardo Mascello.  
Dr. Manoel Paulino Cavalcante.  
Dr. José Carneiro de Campos.  
Dr. Alcebiades Furtado.  
Dr. José Mariano Carneiro da Cunha Filho.  
Dr. José Arthur Boiteux.  
Augusto de Lacerda.  
Major Dr. Liberato Bittencourt.  
Dr. Pedro da Cunha Souto Maior.  
Dr. Slnvens da Silva.  
Dr. Antonio Carlos Moreira Telles.  
Fran. Pacheco.  
Dr. Alberto Rangel.  
Dr. Affonso Escragnole Tauuay.

- Dr. Luiz Gastão de Escraguole Doria.  
Dr. Miguel de Leonissa.  
Dr. Alfredo Augusto da Matta.  
Dr. Taciano Accioly Monteiro.  
Dr. Joaquim do Prado Sampaio Leite.  
Dr. Guilherme da Conceição Foepfel.  
Dr. Bernardino José de Souza.  
Capitão Alfredo de Barros Loureiro Brandão.  
Dr. José de Lyra Tavares.  
Dr. Manoel Tavares Cavalcante.  
Dr. Goran Bjorkman.  
Dr. Victor Orlan.  
J. R. Coriolano Medeiros.  
Dr. Almicar de Souza.  
D. Juan Pedro Criado y Dominguez.  
Dr. Augusto Paredes Nebot.  
D. J. Bonito Marco y Gordogui.  
D. Nerio A. Valerino de Lorena.  
D. Tito V. Lisoni.  
Dr. Matheus de Oliveira.





A 13 e a 15 de Setembro de 1915 passou o Instituto Archeologico por dois golpes rudes, com as perdas de dois de seus illustres vultos— o dr. José de Moraes Guedes Alcoforado, 3.º vice-presidente e o commendador Augusto Viriato da Cunha Porto, 2.º secretario.

O primeiro, que era socio desde 29 de Abril de 1897 e a cujos esforços devemos a reinstalação do Instituto Archeologico depois do parenthesis que sofreu em sua vida normal por uma dissenção da directoria elevada a questão politica, nascera em Olinda a 11 de Julho de 1855. Aqui fez o curso preparatorio, estudou em nossa faculdade de Direito e recebeu o gráo de bacharel em 1888.

Foi promotor publico de Olinda e exerceu depois a advogacia no Recife. Foi gerente da C.<sup>a</sup> Pernambucana de Navegação logar que deixou para occupar, a convite do dr. Pedro Velho, então governador, o cargo de chefe de policia do Rio Grande do Norte. Em seguida foi nomeado inspector da Alfandega de Natal, tendo



vindo addido á Alfandega desta capital da qual, após alguns annos, foi nomeado conferente.

Chefe de familia modelar, amigo sincero e bom, o dr. Guedes Alcoforado impunha-se ao conceito e á estima de todos que privavam de sua agradável convivencia.

Contribuiu bastante para a realisação de varios melhoramentos em Olinda. A erecção da estatua da Liberdade, na praça da Abolição, deve muito ao extincto. Foi elle quem teve a lembrança da collocação da pedra commemorativa do primeiro grito de liberdade dado por Bernardo Vieira de Mello, no antigo Senado Olindense. Ao dr. Guedes, um dos seus instituidores, deve-se ainda o brilho das tradicionaes festas do Bomfim, ás quaes emprestava elle, todo o anno, os mais ingentes e desinteressados esforços. O seu nome deixa ainda ligado a varios empreendimentos e iniciativas que visaram o engrandecimento de Olinda, terra a que elle, por muito idolatrar, jamais negou o seu concurso.

Abolicionista fervoroso, muito tratallhou pela libertação dos escravos, Fazia parte de varias associações patrioticas e libertadoras, inclusive o «Club do Cupim». Era presidente do «Instituto Litterario Olindense» socio benemerito da «Sociedade dos Artistas e Operarios de Olinda» e mordomo da Santa Casa de Misericordia.

Em recompensa aos seus relevantes serviços, o Instituto Archeologico elevou-o á categoria de benemerito em 28 de Março de 1912 inaugurando em seu salão de honra o retrato do pres-timoso consocio.

O segundo, apesar de sua idade já um tanto

avançada, era socio dos mais novos. A sua filiação ao Instituto Archeologico data apenas de 27 de Novembro de 1913.

Tinha, porem, especial amor á nossa sociedade; dedicava-lhe extremoso carinho; procurando de todo o modo prestar serviços.

Dias antes de sua morte emprehendeo uma viagem a Portugal e de lá nos trouxe rico presente para ser usado nas sessões solemnes.

Foi justamente por essa dedicação sincera que o Instituto lhe confiou importante cargo de sua mesa.

Nascido em Portugal, Augusto Viriato da Cunha Porto estava no Brasil a 23 annos.

Intelligente, laborioso, emprehendedor, espirito cultivado, o seu nome se achava sempre na lista dos que trabalhavam pelas causas nobres especialmente nas obras de beneficencia

A festa de arte promovida em homenagem a memoria de Telles Junior foi devida em grande parte ao seu esforço

Vice-consul da Republica Argentina em Pernambuco, varias vezes regeu interinamente o consulado da Italia.

Possuia condecorações da Italia e de Portugal.

Era tambem socio da «Sociedade de Geographia de Lisboa» e do «Gabinete Portuguez de Leitura».

Apaixonado colleccionador de cousas de arte — archeologo, numismata e bibliophilo — a sua residencia era um pequeno museu.

Bem poucos homens reuniriam os predicados



de cavalheiro educadissimo, tratavel, meigo, prestimoso como o illustre finado.

Traçou-lhe fielmente o retrato no dia seguinte ao de sua morte, o vigoroso jornalista Assis Chateaubriand, nas linhas abaixo :

« Poucos homens tenho conhecido que reunissem num tão justo equilibrio de qualidades que destacavam a personalidade de Cunha Porto. Ha em todas as coisas, mesmo as mais simples um mysterio subtil que se não explica. E a mim pergunto sem saber responder, porque Cunha Porto, vindo para o Brasil fazer dinheiro como todo o emigrado, passou a vida inteira, sem cuidar de dinheiro sem nada fazer além de castellos, preocupando-se mais dos outros do que de si, relegando para um canto, o sonho dourado que o trouxe até nós, na eclosão de uma generosidade admiravel.

Um nem dois retratos não bastariam para talhar aquella face delicada e fina, aureolada de uma barba branca e suave, aquella ternura de avô meigo a vivacidade, a razão arguta, a indulgencia, a actividade incessante, o prestigio da intelligencia persuasiva, a clara harmonia das nuances do character, que o tornavam apto a todas as iniciativas a que se dêsse e victorioso em todas as attitudes que tomasse deante da vida. Porque mesmo quando a vida lhe mostrasse a physionomia rispida e carraucuda, elle teria seducção para amenisar o seu rigor, para fallar-lhe á sensibilidade e ao sentimento e acabaria afinal convencendo-a. O seu tacto era fadado a annullar arestas.

Polido, affavel, um pouco cerimonioso na cortezia, que não possuia a abundancia dos que



barateiam e nivelam o proprio trato, elle tinha a velhice mais ditosa que se poderia imaginar e que é o seu maior elogio. a velhice que não querendo ser esteril, não tem por isso a pretensão de parecer inutil e valetudinaria. Reflectia, no fim da existencia, á vertiginosa auçia do trabalho, que lhe consumiu a juventude verde e tenra. O rythmo mecanico com que regulou esta, guardava, no sangue, nos actos, na vitalidade prodigiosa do sexagenario, a mesma cadencia e a mesma precisão.

A sua casa era um museu organizado com a graça, o gosto, a flor do espirito sensível de um toucador. Dir-se-ia um pequeno retalho de Portugal e do Brazil, em que a contemplação se embevecia, na suggestão das velhas eras desfeitas e ali gravadas nos frizos dourados de um jarro, no copo de uma espada, de cavalleiro ou bandeirante, na aba de uma casaca azul do seculo 18; na visão das cousas passadas, nas migalhas da historia, que as panoplias, o cunho das medalhas, as galerias de retratos, os brazões, as chaves dos castellos, das capitancias, os escudos, os fragmentos insignificantes recordam com vaidade e que naquella solidão sonora, evocadas por aquella sabedoria amavel, resplandeciam com a illustração mais pura da paciencia e do talento do colleccionador. È ainda o que tornava emocionante uma visita áquella atmospherá cheia de reminiscencias, onde nós sacudia a sensação de que nos transplantavamos a outras civilisações, eram o acolhimento, a hospitalidade em que o lar de Cunha Porto se transformava para o visitante como a sua propria casa.

Elle era leal; elle era bom. Ninguem que

aqui tivesse uma idéa de beneficencia, de philanthropia, um idéal do qual houvesse uma parcella de generosidade ou de interesse pessoal mesmo, que o procurasse, pois não batia em vão á sua porta. O seu concurso, o seu incentivo estavam certos; e eram de tal modo promptos, que elle chegou ao termino da vida tendo mais trabalhado para os outros do que para si.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)